



Universidade Federal de Ouro Preto
Instituto de Ciências Humanas e Sociais
Programa de Pós-Graduação em História
Linha de pesquisa “Poder, Linguagens e Instituições”



FERNANDA BASTOS BARBOSA

O VALOR DA PAZ

Política e dissenso durante o governo de Porfirio Díaz (1876-1911)

**Tese de Doutorado
Junho de 2018**

FERNANDA BASTOS BARBOSA

O VALOR DA PAZ

Política e dissenso durante o governo de Porfirio Díaz (1876-1911)

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito total para obtenção do título de doutora em História.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Estevam de Oliveira Fernandes

Orientador no estrangeiro: Prof. Dr. Rogelio Jiménez Marce

Mariana - MG
Junho de 2018

B238v Barbosa, Fernanda Bastos.
O valor da paz [manuscrito]: política e dissenso durante o governo de Porfirio Díaz (1876-1911) / Fernanda Bastos Barbosa. - 2018.
301f.: il.: color; mapas.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Estevam de Oliveira Fernandes.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em História.
Área de Concentração: História.

1. Porfiriato. 2. Díaz, Porfirio, 1830-1915. 3. México. 4. México - História - Revolução, 1910-1920. I. Fernandes, Luiz Estevam de Oliveira. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU: 94(72)(043.2)

Catálogo: www.sisbin.ufop.br



Fernanda Bastos Barbosa

“O valor da Paz: política e dissenso durante o governo de Porfírio Díaz (1876-1911)”

Tese apresentada ao programa de Pós-graduação em História da UFOP como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em História. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Mariana, 19 de junho de 2018.

Prof. Dr. Luiz Estevam de Oliveira Fernandes

Departamento de História/UFOP

Prof. Dr. Rogelio Jiménez Marce

Departamento de História/ BUAP

Prof. Dr. Mateus Fávaro Reis

Departamento de História/ UFOP

Prof. Dr. Sérgio Ricardo da Mata

Departamento de História/ UFOP

Prof. Dr. José Alves de Freitas Neto

Departamento de História/ UNICAMP

Prof. Dr. Caio Pedrosa da Silva

Departamento de História / UFVJM

Agradecimentos

Eis um longo ciclo que se encerra. Comecei minhas pesquisas sobre a história do México em 2010, meados da graduação. Foram 8 anos de intenso estudo. Da graduação passei ao mestrado e, logo em seguida, ao doutorado; sem descanso. Estudar a história de um país que está localizado na outra ponta do continente, tão distante do Brasil, não é um trabalho fácil. Muitas das vezes não temos acesso a novas publicações, a fontes documentais e a informações pontuais – mesmo que as tecnologias e os processos de digitalização estejam a nosso favor nos dias de hoje. Para que eu pudesse concluir a tese com êxito, a bolsa *sandwich* que recebi da Capes foi fundamental¹, bem como o apoio de pessoas admiráveis e incríveis, que estiveram comigo ao longo de toda uma trajetória.

Através do financiamento governamental, estive no México por 5 meses, onde visitei lugares e conheci pessoas que eu só tinha contato por meio dos livros e da tela do computador. Agradeço a orientação do Prof. Rogelio Jiménez Marce, pesquisador que possui um profundo conhecimento e que me ajudou a encontrar fontes, livros e artigos. Atencioso, leu meus capítulos da tese com muito rigor e dedicação. Também agradeço a recepção e a hospitalidade do Prof. José Luis Aranda Romero, coordenador do Programa de Pós-graduação em História da *Benemérita Universidad Autónoma de Puebla*, faculdade em que estive vinculada nos meses em que lá vivi. Deixo meu agradecimento à Prof. Alicia Tecuanhuey, que prontamente me convidou para proferir uma palestra sobre a história do Brasil aos alunos do Ensino Básico de Cuetzalán, à Lizbeth Martínez, com quem tive ricas conversas sobre história e música mexicana; e à Claudia Parraguirre, pelo *tour* aos museus de Puebla.

Também agradeço imensamente a todos os funcionários do Instituto Mora, onde estudei diariamente e encontrei uma vasta e rica bibliografia; e do Instituto Nacional de Estudios Históricos de las Revoluciones de México (INEHRM), instituição que tive o privilégio de conhecer e frequentar aos finais de semana. Muitos dos cursos ministrados pelos professores auxiliaram minha pesquisa de modo significativo. Agradeço em especial ao Dr. José de Jesús David Guerrero Flores e à Emma Paula Ruiz Ham pela ajuda com os certificados.

¹ Participação no Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior financiada pela CAPES. Número do processo: 88881.135164/2016-01

Não posso deixar de agradecer aos amigos do *Cielito querido café* de Narvarte. Todos fizeram com que eu me sentisse em casa e zelaram para que eu tivesse uma boa experiência no país. Até hoje sinto falta das conversas rotineiras, do café com pimenta, gelado, e da bebida de *mazapán*. Um abraço especial à Paulina, Diego, Alfredo e Fernando, que tiveram a generosidade de me ensinar tudo que sabiam sobre os cafés e as comidas típicas.

No Brasil, agradeço profundamente a todos os funcionários da Universidade Federal de Ouro Preto. Eu considero a UFOP minha segunda casa, instituição responsável por toda minha formação acadêmica. Deixo também meu agradecimento a todos os professores do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História, que me proporcionaram uma educação de qualidade com seus profundos e sofisticados conhecimentos. Agradeço às secretárias do PPGHIS e aos funcionários da biblioteca do Instituto de Ciências Humanas e Sociais pela ajuda com documentação e procura recorrente de livros.

Na UFOP, não posso deixar de agradecer aos membros do GEHA – Grupo de Estudo de História das Américas – pelas ricas contribuições à minha pesquisa. Foram muitos eventos, ciclo de debates, rodas de discussão, leituras dirigidas, que, cada vez mais, fizeram com que o grupo se unisse e crescesse.

Deixo aos professores Valdeí Lopes de Araujo, Natally Vieira Dias, Mateus Fávoro Reis, Marcelo Abreu, José Alves de Freitas Neto, Sérgio Ricardo da Mata e Luisa Rauter Pereira o agradecimento pela leitura de minha monografia e dissertação de mestrado. As ricas ponderações foram importantes para que cada vez mais eu amadurecesse como pesquisadora e pudesse chegar ao doutorado com novas perspectivas sobre o tema estudado.

E agradeço imensamente aos professores Mauricio Tenorio Trillo, José Alves de Freitas Neto, Mateus Fávoro Reis, Sérgio Ricardo da Mata e Caio Pedrosa da Silva por terem gentilmente aceitado fazer parte de minha banca de defesa da tese. Tenho certeza que este trabalho receberá contribuições valiosas, que acrescentarão muito a minha formação.

Também não posso deixar de agradecer a Marcelle Braga e o Roberth Fagundes pela amizade e companheirismo de anos. São irmãos que ganhei em Mariana e que selaram essa união espiritual com o convite de amadrinhamento do querido Murillo. Agradeço ao Bruno Omar pelas instigantes conversas e cafés na cantina (sempre pronto para indicar um livro e um filme cult); à Tais Avancini pelo apoio e ajuda com toda a

adaptação no México e à Monique, que sempre esteve presente com palavras de carinho e afeto.

Agradeço em especial ao meu orientador, Prof. Luiz Estevam de Oliveira Fernandes, que é um pesquisador brilhante. Professor sábio e criativo, sempre tem as salas de aula lotadas, tamanho conhecimento e dedicação. Ético e cuidadoso, é um modelo de profissional a ser seguido. Prof. Luiz me orientou desde a graduação, foram 8 anos de convivência e ele sempre esteve presente em todas as etapas da pesquisa. Leu todos os textos com muita atenção e me apoiou nos momentos em que eu não encontrava caminho para a investigação. Devo grande parte de minha formação como historiadora a ele. Ensinou-me a elaborar projetos, ler com densidade uma fonte histórica e sempre ter respeito para com os meus leitores. Obrigada pelos ensinamentos e pela amizade.

E, por fim, gostaria de agradecer a toda minha família. Agradeço aos meus amados pais, Ilze e Marcos, e a minha tia Inilce, por toda paciência, incentivo, amor e carinho. E, acima de tudo, pela compreensão diante dos incontáveis momentos em que não pude estar em casa por causa da pesquisa. São meus alicerces e pessoas que sempre fizeram com que eu seguisse em frente, forte e determinada.

Sou muito grata a todos que me ajudaram a encerrar esse ciclo, que ultrapassa os 4 anos do doutorado. Muito obrigada!

Resumo

Essa tese explica como o porfirismo, ou seja, a esfera oficial, criou uma complexa estratégia discursiva para legitimar, validar e fundamentar a política de Porfirio Díaz e sua permanência por 31 anos na presidência do México. Mostramos que o governo buscou produzir a sensação de que, sob a administração do general, foi arquitetado um novo país, diferente e melhor do que o do passado. Em diálogo com a esfera oficial, também discorremos sobre como essa estratégia foi desmontada, afrontada e recorrentemente criticada por autores que censuraram o porfirismo, principalmente a partir de 1900. Para atingirmos os objetivos estabelecidos, a tese foi dividida em três capítulos. No primeiro, a partir do estudo dos discursos do presidente ao Congresso, demonstramos que foram formulados quatro artifícios narrativos fundamentais para defender o governo de Díaz. São eles: o uso, de forma específica, de eventos do passado nacional e a organização do tempo histórico para validar ações políticas no presente; a construção da imagem de Porfirio Díaz como o grande herói e guia mexicano; a afirmação e a celebração do triunfo porfirista através da exaltação dos progressos materiais e o silenciamento do que era considerado atrasado frente às outras potências, ou seja, elementos que foram marginalizados, silenciados e suprimidos da narrativa oficial. Sobre este último ponto, falamos acerca da questão indígena. No capítulo seguinte, explicamos o esforço de polígrafos, ligados ao governo, em publicizar como o México progredia, modernizava-se e era civilizado. O México se pretendia moderno: o que mostrar? O que excluir? O que esquecer? Analisamos, principalmente, a obra *México: su evolución social*, organizada por Justo Sierra. Procuramos afirmar que essa estrutura de legitimação do governo de Díaz, a partir da elaboração de artifícios, foi mobilizada de forma semelhante nesta e em outras produções da época. No último capítulo, focamos na emergência das críticas ao Porfiriato. Saindo de um plano oficial, tratado nos dois primeiros capítulos, no último, estudamos, dentre outras fontes, o periódico *Regeneración*, mostrando a circularidade das discussões nas duas esferas: oficial e não oficial. As indagações no horizonte da pesquisa foram: de que forma os discursos de modernização conviviam com discursos revolucionários? Como foi planejado esse combate a partir de armas de papel? Quem, e a partir de qual lugar de fala, tecia as críticas? Na conclusão, sintetizamos as principais ideias da tese e apontamos como o vocabulário e a linguagem política da época, fosse para apoiar ou criticar o porfirismo, nasceu no interior do liberalismo.

Abstract

This thesis explains how porfirism, that is, the official sphere, has created a complex discursive strategy to legitimize, validate and ground Porfirio Díaz's policy and his permanence for 31 years in the Mexican presidency. We have shown that the government sought to produce the feeling that, under the general's administration, a new country was designed, different and better than the one of the past. In dialogue with the official sphere, we also discuss how this strategy was dismantled, confronted and recurrently criticized by authors who censured porfirism mainly from 1900. In order to reach the established objectives, the thesis was divided into three chapters. In the first, from the study of the president's speeches to Congress, we demonstrate that four fundamental narrative devices were formulated to defend the Diaz government. They are: the specific use of events from the national past and the organization of historical time to validate political actions in the present; the construction of the image of Porfirio Díaz as the great hero and Mexican

guide; the affirmation and celebration of the porfirist triumph through the exaltation of material progress and the silencing of what was considered backward compared to the other powers, that is, elements that were marginalized, silenced and suppressed from the official narrative. On this last point, we talk about the indigenous question. In the next chapter, we explained the efforts of government-related polygraphers to publicize how Mexico was progressing, modernizing, and civilizing. Mexico wanted to be modern: what to show? What to exclude? What to forget? We analyze, mainly, the work *México: su evolución social*, organized by Justo Sierra. We tried to affirm that this structure of legitimation of the government of Díaz, from the elaboration of artifices, was mobilized in a similar way in this and other productions of the time. In the last chapter, we focused on the emergence of criticism of the Porfiriato. Coming out of an official plan, discussed in the first two chapters, in the last, we study, among other sources, the periodical *Regeneración*, showing the circularity of the discussions in the two spheres: official and unofficial. The questions on the horizon of the research were: in what ways did the discourses of modernization coexist with revolutionary discourses? How was this combat from paper weapons planned? Who, and from what place of speech, weave the criticism? In conclusion, we synthesize the main ideas of the thesis and point out how the vocabulary and the political language of the time, whether to support or criticize porfirism, was born within the liberalism.

Resumen

Esta tesis explica cómo el porfirismo, o sea, la esfera oficial, creó una compleja estrategia discursiva para legitimar, validar y fundamentar la política de Porfirio Díaz y su permanencia por 31 años en la presidencia de México. Mostramos que el gobierno buscó producir la sensación de que, bajo la administración del general, fue arquitecto un nuevo país, diferente y mejor que el del pasado. En diálogo con la esfera oficial, también discutimos sobre cómo esta estrategia fue desmontada, afrontada y recurrentemente criticada por autores que censuraron el porfirismo, principalmente a partir de 1900. Para alcanzar los objetivos establecidos, la tesis está dividida en tres capítulos. En el primero, a partir del estudio de los discursos del presidente al Congreso, demostramos que fueron formulados cuatro artificios narrativos fundamentales para defender al gobierno de Díaz. Son ellos: el uso, de forma específica, de eventos del pasado nacional y la organización del tiempo histórico para validar acciones políticas en el presente; la construcción de la imagen de Porfirio Díaz como el gran héroe y guía mexicano; la afirmación y la celebración del triunfo porfirista a través de la exaltación de los progresos materiales y el silenciamiento de lo que era considerado atrasado frente a las otras potencias, es decir, elementos que fueron marginados, silenciados y suprimidos de la narrativa oficial. Sobre este último punto, hablamos acerca de la cuestión indígena. En el capítulo siguiente, explicamos el esfuerzo de polígrafos, vinculados al gobierno, en anunciar cómo México progresaba, se modernizaba y era civilizado. México se pretendía moderno: ¿qué mostrar? ¿Qué excluir? ¿Qué olvidar? Analizamos, principalmente, la obra *México: su evolución social*, organizada por Justo Sierra. Se trata de afirmar que esa estructura de legitimación del gobierno de Díaz, a partir de la elaboración de artificios, fue movilizadora de forma semejante en esta y en otras producciones de la época. En el último capítulo, enfocamos en la emergencia de las críticas al Porfiriato. Saliendo de un plan oficial, tratado en los dos primeros capítulos, en el último, estudiamos, entre otras fuentes, el periódico *Regeneración*, mostrando la circularidad de las discusiones en las dos esferas:

oficial y no oficial. Las indagaciones en el horizonte de la investigación fueron: ¿de qué forma los discursos de modernización convivían con discursos revolucionarios? ¿Cómo fue planeado ese combate a partir de armas de papel? ¿Quién, ya partir de qué lugar de habla, tejía las críticas? En la conclusión, sintetizamos las principales ideas de la tesis y apuntamos como el vocabulario y el lenguaje político de la época, fuese para apoyar o criticar el porfirismo, nació en el interior del liberalismo.

Lista de Mapas e Imagens

Mapa 1: Estados do México no Século XIX.....	p. 45
Mapa 2: Fronteira Entre México e Estados Unidos (1845-1848)	p. 120
Mapa 3: Aquisições territoriais dos Estados Unidos.....	p. 122
Mapa 4: Variações territoriais do México entre 1824 e 1853.....	p. 123
Imagem 1: Lago de Texcoco.....	p. 165
Imagem 2: Desagüe del Valle.....	p. 166
Imagem 3: Estrada de ferro mexicana.....	p. 169
Imagem 4: Estrada de Ferro vista da Barraca de Metlac.....	p. 170
Imagem 5: Fotografia da Estrada de ferro.....	p. 171
Imagem 6: Sala de Motores dos Telégrafos federais.....	p. 175
Imagem 7: Sala de Pilhas dos Telégrafos federais.....	p. 176
Imagem 8: Time-Space Compression.....	p. 177
Imagem 9: El hijo del Ahuizote.....	p. 199

Índice

Agradecimentos.....	p. 05
Resumo.....	p. 08
Introdução.....	p. 14
1. Porfirio Díaz.....	p. 14
2. O fascínio pelo discurso da “Paz”.....	p. 16
3. Objetivo da pesquisa.....	p. 19
4. Das Fontes.....	p. 21
5. Aparato teórico-metodológico.....	p. 26
Capítulo 1: Estratégias narrativas de legitimação do porfirismo: um olhar através dos Discursos do presidente ao Congresso Nacional.....	p. 33
Introdução.....	p. 33
1. O tempo histórico nacional como estratégia política.....	p. 40
1.1 O peso do passado nacional nos discursos de Porfirio Díaz.....	p. 42
1.2 Os usos do passado nacional como estratégia política no presente.....	p. 46
2. A construção da imagem de Porfirio Díaz como o herói nacional.....	p. 59
2.1. O conceito de “povo” no oitocentos.....	p. 64
3. O triunfo do Porfiriato: os progressos materiais.....	p. 69
4. O México silenciado: os indígenas vistos como a face do atraso.....	p. 76
4.1. O discurso (seletivo) da cidadania e da homogeneidade nacional.....	p. 77
4.2. Os indígenas nos discursos de Díaz: um problema do Ministério da Guerra.....	p. 89
Capítulo 2: Paz, progresso e modernidade em México: su evolución social. O discurso triunfalista do Porfiriato.....	p. 106
Introdução.....	p. 106
1. O tempo histórico nacional como estratégia política em <i>México: su evolución social</i>	p. 114
2. Porfirio Díaz, o arquiteto do México moderno. A construção da imagem do presidente por escritores oitocentistas.....	p. 135

2.1. Bernardo Reyes, um general porfirista.....	p. 140
2.2. Ethel Brilliana Tweedie: uma viajante inglesa no México.....	p. 150
3. O discurso do triunfo mexicano e os indígenas vistos como a face do atraso.....	p. 157

Capítulo 3: A literatura de protesto: conceitos e organização do tempo em escritores oitocentistasp.182

Introdução.....	p. 182
1. <i>Regeneración</i> , um periódico antiporfirista.....	p. 192
1.1. Os primeiros números de <i>Regeneración</i>	p. 196
1.2. <i>Regeneración</i> desde os Estados Unidos: a crítica entre fronteiras nacionais.....	p. 210
1.3. Da “Regeneração” à “Revolução”: a emergência de um novo modelo de combate.....	p. 222
1.4. O acirramento das críticas: <i>Regeneración</i> em 1910.....	p. 231
2. Madero em 1908/1909: o rompimento com o magonismo e a crítica moderada ao porfirismo.....	p. 236
3. Turner, um escritor entre fronteiras nacionais.....	p. 250
3.1. Uma análise de <i>Barbarous Mexico</i> : a questão social como forte elemento de crítica.....	p. 254

Conclusão.....p. 267

Fontes e Documentos.....p. 280

Referências bibliográficas.....p. 282

Introdução

Existem narrativas de legitimação, que reivindicam o passado a fim de afirmar pretensões políticas do presente, e discursos apologéticos que visam enaltecer as qualidades de um grupo ou personagem. Além destas formas, há os silêncios das narrativas que elidem ou fazem esquecer momentos difíceis do passado.

Marcelo Abreu, Os mártires da causa paulista, 2010, p. 17.

1. Porfirio Díaz

Porfirio Díaz nasceu em 15 de setembro de 1830 no estado de Oaxaca, localizado no sul do México². Foi um importante militar e presidente do país. Ainda jovem, em 1855, combateu o governo do presidente conservador Antonio Lopez de Santa Anna na Revolução de Ayutla, construindo, assim, o início de uma carreira militar. Ao longo de sua vida, participou de importantes batalhas nacionais pelo Exército, como, por exemplo, a Guerra da Reforma, conflito civil entre liberais e conservadores que se estendeu de dezembro de 1857 a janeiro de 1861; a Batalha de Puebla, conflito entre México e França, na qual a potência europeia foi derrotada em 5 de maio de 1862; e a guerra contra o governo imperial de Maximiliano de Habsburgo (1864-1867), que resultou na vitória definitiva dos liberais na chamada República Restaurada³. A participação no Exército proporcionou grande prestígio e reconhecimento social à Díaz, bem como a patente de general após a Guerra da Reforma.

Em 1867, com o fim do Segundo Império Mexicano e o retorno à capital do país do presidente da República, o liberal Benito Juárez⁴, Díaz retirou-se do Exército e, em dezembro do mesmo ano, passou a figurar como adversário de Juárez ao cargo de

² Porfirio Díaz nasceu um dia antes da data em que se comemora a declaração da independência do México: 16 de setembro de 1810. Essa coincidência foi utilizada por muitos escritores e políticos que buscaram dar um caráter divino e predestinado ao nascimento do presidente, relacionando sua vida pessoal e a vida da nação para legitimar seu governo. Veremos esse assunto no Capítulo 2 da tese.

³ Entre 1864 e 1867, o México passou novamente por tempos imperiais. Foi governado por um arquiduque austríaco, amparado pelo setor conservador do próprio país, e respaldado pelos franceses, que o apoiavam militarmente. Este período é conhecido como o “Segundo Império Mexicano”. Falaremos detalhadamente sobre esses eventos históricos no Capítulo 1.

⁴ Em 1858, Benito Juárez assumiu a presidência do México, mas seu governo sofreu várias intervenções estrangeiras e foi fortemente marcado por guerras civis que eclodiram no país. Durante seus mandatos, Díaz participou como general do Exército nacional, mas, em 1867, rompeu com o presidente e passou a criticar suas reeleições.

presidente⁵. Díaz foi candidato duas vezes – em 1867 e 1871 – perdendo ambas as eleições. Neste ano, o general se revoltou contra Don Benito na chamada “Revolução de La Noria”, mas, em 1872, Juárez faleceu e Sebastián Lerdo de Tejada, então presidente da Suprema Corte de Justiça, assumiu a primeira magistratura do país. O presidente Lerdo governou até 1876 e, ao ver sua pretensão em se reeleger, Díaz sublevou-se contra o governante na “Revolução de Tuxtepec”. Vitorioso contra as forças lerdistas na batalha em Tecuac, estado de Tlaxcala, em fevereiro de 1877, Díaz assumiu provisoriamente a presidência da República e, em 5 de maio do mesmo ano, tornou-se presidente constitucional dos Estados Unidos Mexicanos. Seu respaldo advinha dos setores militares do país. Ademais, como já mencionado, Díaz havia conquistado grande popularidade devido às batalhas que participou, principalmente a de Puebla⁶.

Porfirio Díaz manteve-se no governo, por meio de reeleições – contestáveis e fraudulentas, – até o ano de 1911; época em que renunciou devido à eclosão do processo revolucionário de 1910, encabeçado por Francisco Madero. Após a abdicação, exilou-se na França, onde residiu até falecer, em 1915. Seu corpo ainda se encontra enterrado em solo francês, no cemitério de Montparnasse⁷. O período de 31 anos – quase ininterruptos – de seu governo é conhecido como Porfiriato. Destes, excetuam-se apenas os 4 anos em que o General Manuel González assumiu a presidência da República, em 1880, sendo sucedido por Díaz em nova eleição.

O Porfiriato é, ainda nos dias de hoje, um tema complexo e controverso: existem muitas análises e representações sobre Porfirio Díaz, principalmente a partir de uma visão teleológica, amparada na Revolução Mexicana. Segundo Paul Garner (2003), poucos governantes latino-americanos foram tão mitificados como o presidente Díaz. Um rápido olhar desde a própria produção histórica e historiográfica oitocentista até as gerações

⁵ A historiografia sobre o Porfiriato diverge a respeito do rompimento entre Juárez e Díaz. Alguns historiadores afirmam que o primeiro, após a República Restaurada, não atendeu às demandas dos militares que lutaram nas grandes batalhas do país, fazendo com que Díaz decidisse se alijar do governo. Outros, voltados para uma vertente mais antiporfirista, explicam que a ambição do general, desde o retorno dos liberais ao poder, era tornar-se presidente da República e adquirir poder. Sobre o debate ver: COSÍO Villegas, Daniel. *et al. Historia general de México*. Cidade do México: El Colegio de México, 2000, capítulo “El liberalismo triunfante”; KRAUZE, Enrique. *Díaz: Místico de la autoridad*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica S. A., 1987, capítulo “Juárez y Díaz”.

⁶ A Batalha de Puebla foi uma vitória considerada tão importante para os mexicanos que o 5 de maio é feriado nacional no país, segundo o calendário pátrio.

⁷ “A pesar dos esfuerzos de la familia, los restos de Don Porfirio siguen enterrados en París, en el cementerio de Montparnasse. Esto simboliza, sobre todo, que el estado posrevolucionario no ha aceptado el legado del régimen de Díaz.” (KRAUZE *apud* GARNER, 2003, p. 25).

profissionais atuantes, mostra-nos como existem matizes e matrizes interpretativas sobre o porfirismo e, principalmente, sobre o presidente: sua imagem transita entre uma querela moral, representado tanto como um governo “modernizador” quanto “arcaizante”: o herói, protetor e guia que conquistou a paz nacional e elevou o México ao palco das grandes nações, modernas e civilizadas; e o tirano, que traiu Juárez e se instalou na presidência, instaurando uma ditadura que acossou grande parte da população nacional, suprimindo os direitos dos cidadãos e não cumprindo com as propostas da Constituição liberal de 1857⁸.

2. O fascínio pelo discurso da “Paz”

Paz. Durante muitos anos de minha pesquisa, o discurso da paz, presente em documentos oficiais e produções de escritores que apoiaram o porfirismo, fascinou-me. Percorri o tema desde a monografia e sempre tive a sensação – inerente ao historiador – de que os apontamentos não esgotavam o assunto. Era preciso mais: mais tempo, mais leitura, mais fontes. A cada nova etapa de minha formação, um novo horizonte de interpretação se abria aos meus olhos. Na monografia e na dissertação de mestrado, defendi a hipótese central de que uma geração de autores polígrafos, ligada ao porfirismo, interpretou, escreveu e construiu uma memória sobre a presidência de Díaz fundamentada na experiência de conflitos civis e intervenções estrangeiras que, por décadas, acossaram o país. Em minha leitura, todos desejavam a paz e tinham a crença na política do general, justamente por terem experimentado momentos de guerra que os havia marcado, traumatizado. Dessa forma, o desajuste do passado estava enraizado na memória coletiva. Contudo, continuando a pesquisa e cotejando outros tipos documentais – que não apenas os ligados ao Estado –, percebo, ao revisitar meus textos, que algumas das vezes reiterei um discurso oficial que foi construído no século XIX e início do XX. Discurso este que buscava legitimar a permanência do presidente na primeira magistratura do país: reforçava-se a ideia de que Díaz era necessário para manter a paz conquistada em seu governo frente aos anos de guerras intestinas e intervenções estrangeiras que geraram desordem e caos à nação. Permaneci cada vez mais inquieta com o tema.

⁸ Consideramos “Matrizes avaliativas” as interpretações que foram formadas sobre o governo de Díaz ao longo dos anos e gerações de escritores. Trabalhamos esse tema na dissertação de mestrado, defendida em 2014.

No doutorado, após expandir minha análise de fontes e investigar uma literatura (heterogênea) antiporfirista que se iniciou, principalmente, a partir de 1887, o eixo “geração”/“experiência”/“memória coletiva”, mencionado acima, não me pareceu mais suficiente para pensar e escrever sobre a história política e intelectual do período em destaque⁹. Ao estudar a trajetória do periódico *Regeneración*, encabeçado pelos irmãos Flores Magón e outros autores, e revisitar os livros *La sucesión presidencial en 1910*, de Francisco Madero, e *Barbarous Mexico*, do periodista norte-americano John Kenneth Turner; todos contrários ao governo do general do ponto de vista político e social; percebi que, recorrentemente, o discurso da paz porfiriana foi contestado¹⁰. Novamente, o conceito “paz” estava presente. Ao voltar mais uma vez os olhos para as fontes oficiais, levanto, agora, a hipótese de que elas são mais um uso político do passado do que a narrativa de uma experiência pretérita traumática que estava marcada na memória social de uma geração. Em todas as fontes lidas, estudadas e analisadas, o discurso da paz esteve presente, fosse para legitimar, validar e fundamentar o governo do general; fosse para afrontar, combater e invalidar as ações de Díaz. Ou seja, ele era um elemento de valor central e alto tanto para porfiristas (que relacionaram o conceito de paz aos de modernidade e progresso) quanto para grupos dissidentes, que criticaram e eram contrários à permanência do presidente na primeira magistratura do país¹¹.

A tese, portanto, em linhas gerais, visa explicar como o porfirismo – aqui entendido como a presidência de Porfirio Díaz, suas ações públicas e atitudes políticas, bem como os personagens vinculados ao e que apoiaram o governo – valeu-se do passado e organizou de forma específica o tempo – passado, presente, futuro – como estratégia política para fundamentar, legitimar e validar as ações no presente. Como veremos no Capítulo 1 e no 2, eventos pretéritos ganharam relevo, foram resgatados para corroborar projetos políticos no presente e, ao mesmo tempo, sintetizados nos conceitos “anarquia”

⁹ Utilizei como referência teórico-metodológica os trabalhos MOTTA, Alda Britto da; WELLER, Wivian. “A atualidade do conceito de geração na pesquisa sociológica”. In: *Revista Sociedade e Estado*, Vol.25, n. 02, Mai-Ago 2010, pp. 175-184; SIRINELLI, Jean-François. “A geração”. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006; DAHER, Andréa; MARQUES, Arnaldo. “Entrevista com Jacques Revel”. In: *Topoi*, v. 10, n. 18, jan.-jun. 2009, pp. 67-76; KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006; MANNHEIM, Karl. “El problema de las generaciones”, In: *REIS – Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, n. 62, abr-jun1993, pp. 193-242.

¹⁰ Falaremos sobre as fontes em um item abaixo.

¹¹ O título e a perspectiva da ideia da paz no interior do discurso político porfirista nasceu de uma provocação feita por Tenorio Trillo e Aurora Gómez Galvarriato no livro *El Porfiriato: herramientas para la historia*. Para eles, o tema ainda não foi enfrentado de forma profunda e detalhada pelos historiadores, que mais criticam o discurso da paz do que buscam o entender.

e “caos”. Mas não quaisquer eventos, e sim os referentes à história nacional, principalmente a partir da proclamação da República, em 1824. O passado remoto, a história dos gloriosos astecas, por exemplo, não foi mencionada: narrava-se as guerras nacionais e, em comparação, objetivava-se atestar que o presente, sob o porfirismo, estava pacificado, ordenado e organizado. Os discursos de Díaz ao Congresso Nacional, a biografia escrita por Bernardo Reyes, os capítulos de *México: su evolución social*, de Justo Sierra, procuraram demonstrar que, sob o porfirismo, o México estava em paz e o futuro, não tão distante, seria moderno e recheado de progressos materiais. Passado, presente e futuro foram mobilizados para fundamentar a política porfiriana. “Anarquia” e “paz” funcionaram como ativas molduras narrativas, que deveriam orientar a forma de compreender o presente (presente e porfirismo eram usados como sinônimos)¹².

Em contrapartida, demonstraremos como personagens antiporfiristas também se valeram de estratégias e de eventos históricos para orientar a compreensão da vida política no presente. Veremos que em *Regeneración*, no livro de Madero e no de Turner, a extensão do passado nacional – mencionada por Díaz, Sierra e Reyes (este, de forma exaustiva) – não foi destacada. Iluminou-se o passado mais recente, a República Restaurada centrada na imagem de Benito Juárez, para deslegitimar, afrontar e invalidar os vários anos do general na presidência. A representação de Juárez como o Benemérito da nação, como é reconhecido hoje pela história nacional, foi construída durante o Porfiriato, já que ele foi resgatado como o grande modelo de presidente liberal e republicano por indivíduos que criticavam as várias eleições de Díaz. Para muitos, Juárez foi o grande presidente, traído por seu anti-modelo Díaz. Em *Regeneración*, por exemplo, Don Benito foi qualificado de o “Redentor do México”. Os conceitos de paz, anarquia, modernidade e civilização – dentre outros – também foram utilizados nestas fontes, mas de forma ressignificada. Para esses escritores que censuraram o porfirismo, Díaz havia abalado a paz nacional conquistada por Juárez; ele era um ditador, um tirano – e não mais o guia, o protetor, o pai da nação. Seu governo e, principalmente, suas várias reeleições, iriam levar o México ao abismo e caos nacional, afirmavam. Com Díaz, o futuro da nação seria triste. Veremos todos esses elementos ao longo dos três capítulos.

¹² Valemo-nos dos trabalhos de Francisco Sousa que utilizou a categoria “moldura narrativa” para pensar a história do Brasil. Sobre isso falaremos detidamente no Capítulo 2. Ver: SOUSA, F. “Revolta e proclamação como molduras da história: escrita da história e olhares para a República entre os sócios do IHGB.”. In: *História da Historiografia*, Ouro Preto, n. 18, ago 2015, pp. 213-230.

3. Objetivo da pesquisa

A partir da análise das fontes – que serão mencionadas de forma detalhada no tópico abaixo –, nosso objetivo geral é explicar e demonstrar como o porfirismo, ou seja, a esfera oficial, criou uma estratégia discursiva para legitimar, validar e fundamentar a política de Porfirio Díaz e sua permanência por 31 anos na presidência do país. Mostraremos que o governo buscou criar a sensação de que, sob a administração do oaxaqueño, foi arquitetado um novo México, diferente e melhor do que o do passado. Para tanto, foram utilizados quatro artifícios narrativos, que estavam relacionados entre si e estruturaram os documentos históricos aqui analisados. Em primeiro lugar, o uso, de forma específica, de eventos do passado nacional e a organização do tempo histórico para validar ações políticas no presente. Como veremos, na (heterogênea) literatura porfirista, analisada nos Capítulos 1 e 2 da tese, o passado foi alargado em relação ao presente, criando a sensação no leitor de que as recorrentes guerras e conflitos intestinos pesaram sobre o povo, que desejava, clamava, por mudança. Nesse sentido, foi elaborada uma dissimetria entre passado, presente e futuro: o primeiro era extenso, detalhavam-se os eventos nacionais e os comparava com o governo de Díaz, qualificado de pacífico. Qual efeito esse discurso deveria causar no leitor?

Se Díaz foi considerado o presidente que conquistou a tão sonhada e desejada paz nacional, que retirou o povo daquela situação pretérita desajustada e conturbada, verificaremos, em segundo lugar, que ele foi representado por essa literatura laudatória e encomiástica como o herói e o guia da nação. O general se tornou em muitas das produções o personagem predestinado, que nasceu – quase no mesmo dia e mês do nascimento do México – para mudar o sendeiro do país. O terceiro ponto: se a paz era o fundamento para o novo México, o México moderno e civilizado, digno de ocupar o mesmo lugar das grandes nações europeias e americana, essas mudanças deveriam ser exaltadas e mostradas ao mundo: era preciso mostrar e confirmar as transformações através da construção de obras públicas. A modernidade deveria ser plasmada visualmente. Era necessário exaltar, destacar, os progressos materiais. O tom dessas fontes era otimista e pretendia marcar o triunfo nacional. Contudo, no discurso da paz, progresso e modernização do México, havia assuntos que foram exaltados, como vimos acima, e outros que foram silenciados, que não deveriam ser mostrados aos olhos do mundo. Explicaremos, por fim, que os indígenas foram vistos como excesso de passado

no presente, como grupos fora de sintonia com os novos tempos. Como verificável no Capítulo 1, o elemento indígena foi um assunto tratado pelo Ministério da Guerra¹³. Embora o discurso da paz porfirista fosse central ao governo, há todo momento ele era abalado pela perene e latente questão indígena.

Para dialogar com as fontes oficiais, mostraremos como essa estratégia política foi desmontada por autores que censuraram o governo. O discurso da paz porfiriana foi há todo momento criticado e questionado. Se, na esfera oficial, o passado foi alargado, mostraremos que antiporfiristas não se valeram desses mesmos eventos pretéritos. Buscou-se interpretar o porfirismo pelo porfirismo (essa afirmação será explicada no Capítulo 3). Ademais, eventos históricos universais, principalmente romanos, foram mobilizados para mostrar qual seria o futuro do México caso Díaz não autorizasse a criação de partidos políticos para disputarem a presidência do país. Portanto, mostraremos as recorrências discursivas e conceituais e como a esfera oficial e a não-oficial dialogaram.

O escopo é mostrar como a mobilização e a apropriação do passado e de conceitos semelhantes para se posicionar no presente – mas de forma resignificada, reelaborada e através de novos contornos –, ganhou dimensão e lugar de destaque também nos escritos de indivíduos contrários à presidência do oaxaqueño. Como afirmou Marcelo Santos de Abreu, trecho destacado na epígrafe do capítulo, “existem narrativas de legitimação, que reivindicam o passado a fim de afirmar pretensões políticas do presente, e discursos apologéticos que visam enaltecer as qualidades de um grupo ou personagem. Além destas formas, há os silêncios das narrativas que elidem ou fazem esquecer momentos difíceis do passado.” (ABREU, 2010, p. 17). “Anarquia”, “paz”, “modernidade” e “progresso” orientaram formas de ver a vida política no presente, fosse por porfiristas ou antiporfiristas. No palco da história, algumas luzes brilhavam mais ou menos, de acordo com as posições políticas de cada personagem ou grupo social e político. Para os antiporfiristas, o tempo não era progressivo e o tom da narrativa não era otimista, havia decadência nacional causada pela ditadura do general; assim, cada vez mais o discurso da Revolução foi ganhando forma.

¹³ Esse fenômeno não é específico do México. Outros países também passaram por experiências similares durante o século XIX.

4. Das Fontes

Para atingirmos o objetivo geral da pesquisa, no Capítulo 1 da tese, intitulado *Estratégias narrativas de legitimação do porfirismo: um olhar através dos Discursos do presidente ao Congresso Nacional*, analisaremos os discursos de Porfirio Díaz ao Congresso Nacional, proferidos por ele a cada seis meses¹⁴. Tratando-se de análises políticas do período em destaque, é importante consultar os discursos presidenciais, já que neles o primeiro magistrado fez balanços das esferas públicas do país que achava importante mencionar – um lugar clássico de enunciação quando se trata do discurso político. Como veremos, nestes documentos, o general criou mecanismos e estratégias para promover ao seu público a sensação de que existia um novo México sob seu governo, pacífico, estável e moderno. Ao mesmo tempo em que os discursos da ordem e da paz estavam fortemente presentes nesses textos, discorreremos como a questão indígena, por exemplo, vista como um problema nacional, era latente e enfraquecia/contradizia o próprio discurso da paz porfírica.

Compreender e explicar como o porfirismo projetava e legitimava o governo, criava e validava seus projetos de modernização, bem como exaltava e silenciava determinados assuntos da esfera pública, foi importante para percorrermos nosso objetivo. Ao falar sobre a situação dos diversos ramos – Fazenda, Fomento, Instrução Pública, Guerra, Relações exteriores, etc. –, Díaz fez avaliações dos vários setores governamentais e indicou caminhos e propostas que deveriam ser seguidos. Embora cada vez mais o presidente tenha sublimado o poder Executivo, transformado sua forma de governo em uma ditadura e mudado elementos da Constituição para aumentar os anos dos mandatos, sempre manteve uma forte retórica constitucional, liberal e republicana; discursar para o Congresso fazia parte desse jogo político.

Além dos discursos de Díaz ao Congresso Nacional, também analisaremos as respostas dadas a eles pelos próprios presidentes dessa instância legislativa. Como mostraremos, os discursos desses personagens políticos ligados ao governo possuíram um tom laudatório e apoiavam as informações dadas pelo general. Esta fonte foi fundamental para discorrermos sobre a criação da imagem do presidente como o construtor e herói do México moderno. Todas essas fontes estão digitalizadas no site mexicano *Biblioteca*

¹⁴ Como estabelecido na Constituição liberal de 1857.

Garay, mas os discursos encontram-se compilados em um dos cinco tomos editados pela XLVI Legislatura da Câmara dos Deputados do México, produzidos no ano de 1966¹⁵. A digitalização foi feita pela Universidade do Texas e esta instituição preservou apenas o texto, ou seja, não é uma cópia fac-símile.

Além dessas duas documentações centrais e fundamentais – os discursos de Díaz e dos presidentes do Congresso –, analisaremos, mesmo que rapidamente, o *Decreto Constitucional para la Libertad de la América Mexicana* – conhecido historicamente como *Constitución de Apatzingan* –, articulado por José María Morelos em 22 de outubro de 1814, e a *Constitución Política de la República Mexicana*, promulgada em 1857 pelo Congresso Constituinte, durante o governo de Ignacio Comonfort. Estes dois documentos serão importantes para tratarmos da questão indígena durante o porfirismo e como ela enfraquecia, contradizia e abalava o discurso da paz porfiriana.

No Capítulo 2, chamado *Paz, progresso e modernidade em “México: su evolución social”*. *O discurso triunfalista do Porfiriato*, analisaremos principalmente a obra coletiva *México: su evolución social*, escrita por treze autores que, cada um a sua maneira, estavam vinculados ao governo de Porfirio Díaz, a partir da ocupação de cargos no Estado. Essa obra foi organizada por Justo Sierra, importante intelectual do círculo porfiriano, e escrita entre os anos de 1900 e 1902. A publicação ficou a cargo da reconhecida editora J. Ballestré y Compañía, mesma instituição que publicou, em 1884, *México a través de los siglos*¹⁶ e, em 1903, a biografia *El General Porfirio Díaz*, de Bernardo Reyes¹⁷. *México: su evolución social* foi publicada em três volumes e dividida em dois tomos. A *Universidad Autónoma de Nuevo León* (UANL) possui uma edição digital da produção original, disponível para consulta pública¹⁸. Como veremos ao longo do trabalho, os autores dessa produção buscaram interpretar e descrever a história do México a partir de um viés cronológico, etapista e progressivo, abarcando desde a história pré-hispânica até o momento em que o livro estava sendo escrito, início do século XX.

¹⁵ A Biblioteca Garay contém um acervo amplo de documentos históricos sobre o México, abarcando desde o século XV até o XXI. Site para consulta: www.biblioteca.tv

¹⁶ *México a través de los siglos* foi uma coleção organizada por Vicente Riva Palacio, publicada em 1884 pela editora mexicana Ballestré y Compañía e pela editora espanhola Espasa y Compañía. A obra, composta por vários autores, é considerada a primeira grande síntese da história do México. Mencionaremos algumas informações sobre ela no Capítulo 1.

¹⁷ Analisaremos essa biografia no Capítulo 2.

¹⁸ Consultar o acervo digital da UANL: http://cdigital.dgb.uanl.mx/la/1080119363_C/1080119363_C.html.

Sierra contribuiu com dois ensaios na obra: “Historia Política” e “La era actual”. Neste segundo ensaio ele descreveu e interpretou a presidência do general.

Em consonância com o Capítulo 1, neste Capítulo 2, mostraremos que a estrutura de legitimação do governo de Díaz foi mobilizada de forma semelhante nessa e em outras produções da época. O apontamento sobre as semelhanças e recorrências discursivas entre elas tem como objetivo fundamentar nossas hipóteses de que esses argumentos fizeram parte de um discurso oficial, posteriormente rompido pelos críticos do governo – como veremos no Capítulo 3. *México: su evolución social* será nossa obra principal analisada nesse Capítulo 2, mas também explicitaremos sobre outras duas produções importantes que corroboram com nossos principais argumentos e objetivos: a biografia *El General Porfirio Díaz*, escrita em 1902 pelo general Bernardo Reyes e publicada em 1903, e *México as I saw it* da viajante inglesa Ethel Brilliana Tweedie, escrita em 1901. Ambas foram produzidas ao mesmo tempo que *México: su evolución social*.

Reyes, autor de *El General Porfirio Díaz*, é considerado pela historiografia contemporânea como um importante general porfirista, quem eventualmente poderia suceder a Díaz na presidência (Falcón, ed. 1989; Guerra, ed. 1991; Benavides, ed. 1998). Foi durante muitos anos governador do estado nortenho *Nuevo León*, bem como chefe da zona militar do noroeste mexicano e ministro de Guerra do presidente. Seu livro é constituído de duas partes dissimétricas, em que o autor escreveu tanto sobre os feitos militares de Díaz quanto sobre seus anos como presidente constitucional. A primeira e maior parte da obra narrou extensamente, ano a ano, a participação do oaxaqueño em campanhas militares, ligando sua vida pessoal à vida da nação mexicana. Um ano antes, em 1901, uma viajante inglesa chamada Ethel Brilliana Tweedie escreveu o livro *Mexico as I saw it*. Em passeio ao México entre 1900 e 1901, a autora descreveu sua apreciação sobre o país e sobre o presidente Díaz, que, para ela, foi o maior homem do século XIX. Mostraremos, de forma pontual e em consonância com as discussões realizadas sobre *México: su evolución social*, como Tweedie e Reyes também interpretaram Díaz como o grande presidente que construiu o México moderno frente a tantas guerras do passado, edificando um país moderno e pacífico. O objetivo é apontar as recorrências e semelhanças discursivas encontradas nessas produções e apontar como elas se harmonizavam com o discurso promovido pelo governo (mostrado no Capítulo 1).

No Capítulo 3, *A literatura de protesto: conceitos e organização do tempo em escritores oitocentistas*, analisaremos os números do periódico antiporfirista *Regeneración*, publicado, com interregnos, entre 1900 e 1918. Criado em agosto de 1900, *Regeneración*, encabeçado inicialmente pelos irmãos Ricardo e Jesus Flores Magón, e Antonio Horcasitas, começou como uma crítica jurídica, denunciando a ilegalidade de muitos agentes públicos que burlavam as leis, para logo, em 15 de dezembro do mesmo ano, transformar-se em uma produção de combate direto e aberto ao presidente Díaz e à elite política porfirista. Em seu auge, *Regeneración* conseguiu atingir uma tiragem de 30 mil exemplares, tornando-se elemento importante e ruidoso de censura ao governo. O jornal era um instrumento dinâmico, enérgico e rápido de informação. Além de *Regeneración*, em 1907, quando este estava fechado devido às perseguições de Díaz ao semanário, foi fundado o *Revolución*, publicado entre 1907 e 1908. Quem o editava era Modesto Díaz, mas recebia colaboração dos membros da Junta Organizadora do Partido Liberal Mexicano: os irmãos Flores Magón, Librado Rivera, Antonio Vilarreal, Manuel Sarabia, Lázaro Gutierrez de Lara e Práxedes Guerrero, entre outros. Estes documentos foram detalhadamente analisados e estudados e estão disponíveis no *Archivo Ricardo Flores Magón*¹⁹, mantido pelo *Instituto Nacional de Antropología e Historia* (INAH) e pela *Dirección de Estudios Históricos* (DEH). Ao analisarmos essas fontes, mostraremos como os autores relacionados a esses dois periódicos também criaram estratégias para enfrentar o porfirismo, tentando desconstruir a trama discursiva elaborada pela administração do general. Os pilares centrais da narrativa porfirista, como, por exemplo, o discurso da paz e da modernização nacional, foram recorrentemente criticados e rejeitados no interior do *Regeneración* e do *Revolución*.

Além disso, embora não sejam as principais fontes de análise, ainda no Capítulo 3 revisitaremos dois livros que tiveram grande circulação após sua publicação. O primeiro é *La sucesión presidencial en 1910: el Partido Nacional Democrático*, escrito por Francisco Ignacio Madero em 1908 e publicado em 1909. O livro consistiu em um texto político, contendo um programa de oposição ao governo e, ainda em 1909, contou com uma segunda edição. O que percebemos no texto de Madero foi uma transformação interpretativa sobre o Porfiriato, uma vez que o autor criticou a permanência de Díaz no poder, qualificando-o, de forma pejorativa, de ditador. O segundo é o livro *Barbarous Mexico*, do periodista norte-americano John Kenneth Turner. Esta obra, como a de

¹⁹ Consultar <http://archivomagon.net/>.

Madero, demonstra uma mudança acerca das interpretações sobre o Porfiriato, refutando os argumentos da paz porfírica, do progresso e da modernização do país. De construtor de uma nação moderna, como veremos, Díaz passou a ser o elemento aglutinador e central de um sistema de escravidão existente no México, além de sua imagem estar atrelada a um poder ditatorial e autocrático – e não mais liberal, constitucional e republicano. A análise pontual de ambos os livros corrobora com nossos argumentos defendidos no capítulo.

A escolha das fontes busca inovar no recorte do objeto de pesquisa, pois procuramos escapar do recorte histórico tradicional, que analisa o Porfiriato a partir da Revolução Mexicana. Para fugir desta abordagem considerada teleológica, uma vez que pensa o Porfiriato à sombra do levantamento revolucionário de 1910, buscamos verificar como o governo construiu seus discursos em relação ao passado nacional e como se colocou pertencente à uma tradição liberal oitocentista. Também veremos as censuras ao Porfiriato antes mesmo do conceito “revolução” ganhar destaque. É importante sempre nos lembrarmos da “teoría de los focos” indicada por Mauricio Tenorio Trillo em *Historia y celebración: México y sus centenários*. Nesta metáfora, o autor afirmou que, principalmente sustentada por uma historiografia pós-revolucionária, a Revolução Mexicana e o processo de independência do país brilham mais no campo histórico e historiográfico do que outros temas, ofuscando e muitas das vezes direcionando leituras e interpretações sobre as demais conjunturas históricas, como, por exemplo, o Porfiriato. Como afirmaram Aurora Gómez Galvarriato e Tenorio Trillo acerca dos estudos sobre o porfirismo no século XXI: “Irónicamente, hoy la historiografía del Porfiriato parece un árbol cuya rama principal (historia económica) es más gruesa y frondosa que lo magro del tronco de la historiografía general y lo prejuicioso de la conciencia histórica que todavía reina en la concepción del periodo.” (GÓMEZ GALVARRIATO; TENORIO TRILLO, 2006, pp. 16-17).

Por conseguinte, achamos importante analisar os discursos de Díaz ao Congresso Nacional e a resposta a esses documentos dada pelos próprios presidentes do Congresso, por existirem poucos trabalhos acadêmicos que discutem essas fontes de forma detalhada. Perceber as recorrências discursivas, conceituais, analisar a esfera oficial e a não-oficial é fundamental para percebermos e traçarmos hipóteses mais elaboradas. Sobre o periódico *Regeneración* e o *Revolución*, bem como os livros dos escritores explicitados na tese, a escolha dessas produções se justifica por se tratarem de textos que procuravam

construir análises contemporâneas sobre a situação política e social do México e terem se tornado canônicas, ganhado destaque, circulação, vendendo muitos exemplares, formando opiniões, criando debates políticos e, principalmente, instituindo interpretações sobre o governo que se tornaram modelos, como veremos ao longo dos capítulos – embora, claro, que durante o referido período histórico tenham existido várias outras produções, de vários tipos e suportes materiais, que versaram sobre o governo do aoxaqueño.

5. Aparato teórico-metodológico

Na tese, propusemo-nos a discutir e a explicar, dentre outras questões, como o porfirismo buscou legitimar seus vários anos de governo ao enfatizar um discurso de mudança nacional e, principalmente, da paz no presente em relação ao passado caótico. Em contrapartida a essa esfera oficial, também tangemos a crítica percebida durante a presidência de Díaz, que censurou as várias reeleições e ações públicas do general. Um primeiro ponto a ser destacado nesse tópico é que, ao falarmos em construções discursivas ou narrativas, não queremos afirmar que os eventos históricos não existiram ou que um discurso precede e/ou é deslocado da realidade histórica e social, mas sim que o governo e os grupos sociais pesquisados organizaram estratégias no campo do político para validar e para respaldar seus projetos e posicionamentos no presente. Defendemos que foi levado em consideração, dentre vários aspectos, uma organização específica do tempo e do passado para, assim, atuar, operar, intervir, no cenário público (PALTÍ, 2004). Para Enzo Traverso, “pensar el pasado está vinculado al presente porque pensar el pasado significa forjar en el presente identidades, significa también buscar en el pasado respuestas a las cuestiones del presente, y se trata muchas veces de interrogar al pasado para legitimar decisiones, elecciones, planteamientos políticos en el presente.” (TRAVERSO, 2010, p. 47 - grifo nosso).

Nesse sentido, acreditamos que certas conjunturas oitocentistas foram resgatadas e estruturadas de forma específica nos documentos para dar um sentido particular ao real a fim de legitimar ações e posicionamentos durante o Porfiriato – e não apenas procuravam traduzir uma realidade ou um evento histórico. Esse processo envolveu a seleção de conceitos e até mesmo de usos políticos do passado para avaliar

posicionamentos e opiniões políticas no presente²⁰. Ou seja, levamos em consideração a forma como o passado foi acessado para criar sensações e sentimentos no público ouvinte/leitor durante a presidência de Díaz: destaques e silenciamentos fizeram parte de um complexo jogo político. Como indagou Céli Regina Jardim Pinto: “o que é um discurso político, se não uma repetida tentativa de fixar sentidos em um cenário de disputa?” (PINTO, 2006, p. 80). Segundo Marcelo Santos de Abreu, existem narrativas que funcionam como mecanismos de fundação ou de ruptura em relação a outros períodos temporais, criando, assim, um novo tempo. Além disso, outras narrativas também podem recuperar o passado para se afirmar e validar posicionamentos políticos no presente, bem como criar discursos laudatórios e encomiásticos que visam enaltecer e fortalecer a imagem de um indivíduo ou grupo. Já outras interpretações, podem suprimir, apagar, esquecer eventos pretéritos. Essas nuances são perceptíveis em discursos políticos, escrita da história, produções da imprensa, etc. (ABREU, 2010, p. 17).

Desta forma, pensando essas construções narrativas, para nós, os documentos estudados não refletiam, como um espelho, a realidade sócio-política em destaque. As fontes históricas não foram analisadas como um epifenômeno do contexto, tradução e reflexo de uma realidade essencial. No Capítulo 1, por exemplo, se atentarmos para o aspecto formal dos discursos de Díaz ao Congresso Nacional – um lugar específico de fala –, podemos perceber que a manutenção de uma estrutura semelhante em todos eles, desde 1877 até 1911, não é uma atitude acidental. Nestes discursos Díaz discorreu sobre diversos setores governamentais, mapeando a situação mexicana que, como afirmava e reiterava, estava em paz e em ordem: a própria estrutura das fontes e organização textual criavam a sensação de que o oaxaqueño tinha um conhecimento detalhado de cada ramo do país, tornando-se o guia da nação a um futuro tangível já vislumbrado por ele²¹. Eram discursos que mobilizavam elementos da razão e da emoção a fim de tocar o público ouvinte, estimular ou desestimular comportamentos. Lynn Hunt argumentou que “os documentos que descrevem ações simbólicas do passado não são textos inocentes e

²⁰ Para Luisa Rauter Pereira e Hebert Faria de Sena: “Temporalidade e política são dimensões intrinsecamente conectadas. O “político” é um âmbito fundamental da vida humana que se dá no trabalho constante de construção de sentido do coletivo em meio à pluralidade, à diferença e ao conflito e participa de nossa condição humana temporal e finita.” (PEREIRA; SENA, 2016, p 260).

²¹ Ao falar sobre imprensa, Tania de Luca e Ana Martins afirmaram: “Jornais, revistas, rádios e televisões são empresas e, portanto, também buscam lucros. *De outra parte, negociam um produto muito especial, capaz de formar opiniões, (des)estimular comportamentos, atitudes e ações políticas. Elas não se limitam a apresentar o que aconteceu, mas selecionam, ordenam, estruturam e narram, de uma determinada forma, aquilo que elegem como fato digno de chegar até o público.*” (DE LUCA; MARTINS, 2006, p.11 - grifo nosso).

transparentes; foram escritos por autores com diferentes intenções e estratégias.” (HUNT, 2001, p. 18).

Ademais, mostraremos que os conceitos foram movimentados para resumir e sintetizar, de forma homogênea, momentos do passado, do presente e do futuro. “Anarquia” e “caos”, utilizados pelo porfirismo, procuravam dar conta de uma realidade pretérita entendida como marcada por conflitos políticos, bancarrota econômica e problemas sociais. Autores que se alinharam ao governo narraram que, desde a independência, havia vários problemas que não deixavam o México crescer e atingir um grau de civilização. Ao contrário desse período, o presente emergia “pacífico” – sem conflitos, divergências políticas e desajustes gerais –, a tão conquistada paz foi implantada como o divisor de águas e a base central que faria com o que o México atingisse a modernidade e a civilização, confirmados a partir, principalmente, dos progressos materiais e das obras públicas construídas no país e que deveriam ser vistas pelo mundo. Entretanto, ao analisarmos essa estrutura narrativa e conceitual, mostraremos como a questão indígena recorrentemente a abalou. O discurso da paz e da ordem social foram constantemente enfraquecidos pelo elemento indígena (por isso o tema aparece no Capítulo 1 da tese, no último tópico). Esses conceitos – trabalhados detidamente em cada capítulo – tentavam dar sentido à realidade nacional e foram empregados de várias maneiras a partir de posições políticas de cada grupo.

Deste modo, tentamos perceber alguns lugares de construção da política. Seja nos espaços do Congresso Nacional, seja no ambiente mais amplo, da imprensa ou da sociedade, como escreveu Céli Jardim, “todo o discurso é um discurso de poder, na medida em que todos os discursos pretendem impor verdades a respeito de um tema específico ou de uma área da ciência, da moral, da ética, do comportamento, etc. (PINTO, 2006, p. 92). Para Luisa Rauter Pereira e Hebert de Sena, é necessário compreender os amplos debates que foram traçados no campo político durante o século XIX, pois é um espaço de tensões, possibilidades e invenções que ultrapassam as relações governamentais e atingem outros lugares como, por exemplo, a imprensa. Conceitos e linguagens políticas são a todo momento mobilizados, construídos e afrontados (PEREIRA; SENA, 2016, p. 261). Sabemos que o discurso possui uma realidade material a partir da enunciação, ou seja, a linguagem não é uma prática neutra ou cristalina, usada

apenas para transmitir uma informação; pelo contrário: ela intervém e produz alterações na própria vida social²².

No processo de leitura das fontes, portanto, não dissociamos a forma de cada documento de seu conteúdo. É importante perceber a função ativa “dos textos e das estruturas narrativas na criação e descrição da realidade histórica.” (KRAMER, 2001, pp. 131-132 - grifo no original). Perceber como os documentos foram construídos, como foi disposta sua estrutura narrativa, suas estratégias discursivas e persuasivas; as condições internas e externas de sua emergência, e não apenas analisar e descrever o conteúdo que traziam, foi significativo para chegarmos a conclusões mais sofisticadas. Não buscamos interpretações distorcidas de uma verdade essencial, mas nos atentamos a como essas narrativas no campo político foram formadas, quais eventos foram enfatizados, quais exemplos foram resgatados no presente, o que se buscava mostrar, exaltar, celebrar, bem como silenciar, marginalizar, omitir e esquecer. A partir da leitura das fontes, portanto, nosso objetivo não foi procurar uma verdade pura, essencial, sobre Porfirio Díaz e os críticos do governo, como se existisse metafisicamente um personagem ou uma interpretação mais verdadeira, cuja imagem foi distorcida ao longo das décadas, nem afirmar que as produções revelavam uma realidade apreendida²³.

Não entendemos que o caráter de um documento é especular; existiram mecanismos discursivos que tornavam as fontes convincentes, válidas e legítimas frente

²² A chamada “Análise dos discursos” (AD) considera, dentre vários outros elementos, o lugar de fala do orador e do interlocutor e sua capacidade (do discurso) em promover uma ação extralinguística, ou seja, atravessar a experiência social, afetando e a ordenando. Dentre as várias correntes sobre o tema, a de tradição francesa, da qual Michel Foucault fez parte, é uma das mais visitadas, ganhando destaque, principalmente, a partir da década de 1970. Sobre o assunto ver: ADAM, Jean-Michel. “Imagens de si e esquematização do orador”. In: AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo, Contexto, 2011; BRANDÃO, Helena H. N. *Introdução à Análise do discurso*. Campinas: Ed. Unicamp, 2004; CERTEAU, Michel de. “A operação histórica”. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996; GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. “Análise do Discurso: conceitos e aplicações”. In: *Alfa*, São Paulo, 39, pp. 13-21, 1995; MINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: ed. Cortez, 2001. Além disso, embora tenhamos uma ilusão de que a linguagem é fechada e estável, sua estrutura é dinâmica e está permeada por indecíveis, aporias e relações de força. Como afirmou Jacques Derrida, a linguagem deve ser analisada como ação, movimento, pensamento, reflexão, inconsciente, experiência, afetividade, etc. (DERRIDA, 1971, p. 10). Refletir sobre seu funcionamento foi importante nas discussões aqui propostas.

²³ Partindo de propostas de Foucault: “Desde que foram excluídos os jogos e o comércio dos sofistas, desde que seus paradoxos foram amordaçados, com maior ou menor segurança, parece que o pensamento ocidental tomou cuidado para que o discurso ocupasse o menor lugar possível entre o pensamento e a palavra; parece que tomou cuidado para que o discurso aparecesse apenas como um certo aporte entre pensar e falar; seria um pensamento revestido de seus signos e tornado visível pelas palavras, ou, inversamente, seriam as estruturas mesmas da língua postas em jogo e produzindo um efeito de sentido.” (FOUCAULT, 2010, p. 46).

ao público ouvinte. Segundo Miguel Espar-Argerich, o pesquisador que se envereda a pensar a construção dos discursos políticos diversos precisa formular perguntas que o ajude a problematizar seu objeto de pesquisa, buscando se afastar de análises ingênuas e sempre procurando compreender os mecanismos que os fizeram se tornar eficazes. Colocar algumas indagações no horizonte do doutorado foi importante: o que estes documentos pretendiam destacar e silenciar? Com quem o orador estava dialogando direta e indiretamente (pensamos o público a que cada documento foi destinado)? Quais efeitos e sentimentos esses escritores buscavam produzir no interlocutor? Quais jogos de poder atravessaram os documentos? Sobre os discursos presidenciais, por exemplo, a cada semestre os temas descritos eram minudenciados e a todo momento retomava-se a imagem de um país sem conflitos, pacífico, tranquilo e ordenado. A partir de 1879 e 1880, Díaz passou a mencionar algumas sublevações que ocorriam no México, mas sempre afirmava que todas elas já haviam sido censuradas pelas autoridades federais e que a paz voltara a reinar no país.

Embora Díaz também discorresse sobre estes problemas internos, podemos levantar a hipótese de que ele queria mostrar, politicamente, um México estável, em que as sublevações estavam sendo contidas – percebido na própria estabilidade e constância de seus discursos. Por outro lado, os escritores de *Regeneración*, Madero e Turner criticaram o discurso da paz porfiriana. Todos eles censuraram as afirmações de que havia paz e modernidade nacionais. Era o discurso da desconstrução do “Outro” para se afirmar no debate. Como afirmou Durval Albuquerque Junior, é importante, ao analisar discursos políticos, “anotar as regularidades discursivas: as imagens, os enunciados, os conceitos, os temas que se repetem e que deslocamento ou deslizamento de sentido pode vir a sofrer ao longo do período que está se estudando. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2009, p. 242)²⁴. Uma produção sempre perpassa as esferas da permissão e da interdição (CERTEAU, 1988).

As construções discursivas não apenas querem traduzir uma realidade, como explicado acima, mas operar, intervir, nessa realidade, buscando criar efeitos materiais, concretos, no cotidiano. O destaque de eventos específicos e o silenciamento de outros

²⁴ Para Durval Muniz Albuquerque Junior, “ao tomarmos um discurso ou um pronunciamento como fonte para nosso trabalho não devemos perguntar apenas o que ele diz sobre o passado, que informações ele nos traz, mas devemos nos perguntar como esse discurso foi produzido, em que época, por quem, em que circunstâncias políticas, econômicas, sociais.” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2009, pp. 234-235).

criavam representações e interpretações que geravam efeitos extralinguísticos no ambiente público²⁵. Para Luiz Estevam de O. Fernandes, “a construção dos discursos nacionais, como qualquer conjunção de forças políticas e científicas, ressalta certos aspectos ao calar outros. Constitui um conjunto de tradições capaz de gerar efeitos de verdade de consequências duradouras e férteis.” (FERNANDES, 2012, p. 23). Ademais, um discurso procura sempre deslegitimar as ideias de outro grupo, apontado muitas das vezes como o inimigo e o causador de problemas e mazelas sociais. Como afirmou Pierre Rosanvallon, o campo político “designa un lugar donde se entrelazan los múltiples hilos de la vida de los hombres y las mujeres, aquello que brinda un marco tanto a sus discursos como a sus acciones.” (ROSANVALLON, 2003, p. 16).

Para enfraquecer o posicionamento do “Outro”, o discurso tinha que ser considerado verdadeiro. Em muitos dos números de *Regeneración* e em algumas passagens do livro de Turner, os escritores utilizaram a terminologia “de fato”, para criar a sensação no leitor de que havia uma verdade escondida sob um México profundo, real, diferente da realidade superficial que Díaz queria mostrar ao mundo civilizado. “O discurso político precisa ser analisado nessas duas linhas: o êxito em desconstruir o outro e a forma como constrói a si próprio, como oposição ao outro.” (PINTO, 2006, p. 93). Outra característica recorrente em muitas das fontes, que buscava as validar como verdadeiras, foi a utilização da experiência pessoal como verdade. Narrativas na primeira pessoa, relatos de experiência, funcionavam como um elemento de autoridade tanto em documentos de Díaz como em produções antiporfiristas. A opinião do próprio autor, sua condição de observador-participante, ou seja, sua experiência por estar vivenciando aquela época, autorizava-o e legitimava-o a dizer sobre o período porfirista. Turner, por exemplo, há todo momento afirmou que havia viajado ao México e, lá, viu – com seus próprios olhos – o que se passava no país. Ao analisarmos todos os números de *Regeneración* e entender sua trajetória, percebemos que em alguns momentos se buscou alinhar a vida dos irmãos Flores Magón e outros colaboradores do semanário, perseguidos e tendo que cruzar a fronteira, com a própria vida do periódico, fechado várias vezes por forças porfiristas. Além disso, para que tivesse essa validade e o caráter de verdade, as

²⁵ Como escreveu Céli Jardim Pinto, “O segundo ponto que deve ficar bem entendido neste primeiro momento é que os discursos, na medida em que contém significados incorporados por sujeitos, que os constroem ou são por eles subjetificados, provocam efeitos concretos, na forma das pessoas se relacionarem entre si, nas formas como a história toma os seus rumos.” (PINTO, 2006, p. 82).

propostas contidas nos documentos precisavam ser aceitas e criar um laço de identidade com seu público leitor ou ouvinte.

Porfirio Díaz, por exemplo, mobilizou até 1911, em seus discursos presidenciais, uma retórica liberal e republicana. Ir discursar ao Congresso e recorrentemente afirmar que suas ações públicas eram apoiadas pelo povo enfatizava o caráter constitucional que o porfirismo queria sempre reiterar e manter. Não estamos afirmando que a administração do general nasceu como uma ditadura – isso seria uma prefiguração do que se passaria no futuro –, mas mostrar que, mesmo quando a forma de governo se tornou cada vez mais centralista, o presidente enfatizou um discurso constitucional, liberal e republicano, valores basilares no século XIX e início do XX. Para se sustentar 31 anos no poder, o porfirismo mobilizou esse discurso constitucional de forma perene. Para finalizar, os aspectos exteriores ao discurso: lugar do orador e do público, questões institucionais, poder do orador, etc., foram amplamente relevantes durante a leitura das fontes. Como sintetizou Ruth Amossy, “a maneira de dizer induz a uma imagem que facilita, ou mesmo condiciona a boa realização do projeto.” (AMOSSY, 2011, p. 09).

Capítulo 1

Estratégias narrativas de legitimação do porfirismo: um olhar através dos Discursos do presidente ao Congresso Nacional

Señor Presidente: Diez años han transcurrido desde que, acatando la voluntad nacional, entrasteis por primera vez a regir los destinos de la Nación, y en este lapso de tiempo, cortísimo para la vida de los pueblos, la República se ha transformado por completo, como aparece del cuadro que habéis trazado al dar cuenta del estado actual de nuestro país. Reinan la paz, la seguridad y la confianza en el interior; las fuentes de riqueza pública, estancadas y paralizadas por la desconfianza y el temor, toman un vuelo extraordinario, removidas por el comercio, la agricultura, la industria y la minería, que han merecido de vos amparo y protección; despierta nuestra patria á nueva vida social, mercantil e intelectual, y no es ya México el punto obscuro, desconocido o despreciado en el mapa de la civilización. Continúa, pues, vuestra obra de patriotismo, y sabed que la Representación Nacional no perdonará esfuerzo alguno para coadyuvar en vuestros nobles propósitos, concurriendo con todos sus elementos al engrandecimiento y la felicidad de la República, bajo la influencia protectora de la paz, la libertad y del progreso.

Ramón Rodríguez Rivera, Presidente do Congresso Nacional, 1887

Introdução

Um dos grandes projetos políticos do porfirismo era transformar o México em uma nação moderna e civilizada. A jovem nação deveria ser reconhecida nestas condições tanto pelos próprios mexicanos, quanto pelos outros países que já compunham solidamente o cobiçado palco das potências modernas e civilizadas. Nesse primeiro capítulo da tese, veremos como o governo de Porfirio Díaz elaborou estratégias políticas em seus discursos ao Congresso Nacional que deveriam demonstrar a criação de um novo México sob seu governo e cristalizar a ideia de que, após tantas décadas de frustrada tentativa, o sonho do progresso nacional fora realizado.

Para discutir e explicar de que maneira o discurso oficial da modernização, progresso e civilização do país se efetivou, mostraremos como o presidente da República criou estratégias que conferiam autoridade a sua administração e funcionavam como um mecanismo que causava, no interlocutor, a sensação de mudança nacional. Para escrever sobre esse assunto, analisaremos os discursos de abertura das sessões ordinárias do Congresso Nacional, proferidos pelo próprio presidente Díaz entre os anos de 1877 e 1910²⁶. Respeitando a Constituição liberal de 1857, a cada seis meses o presidente direcionava-se ao Congresso e informava sobre o estado da nação; além de explicitar e dar destaque aos seus projetos governamentais futuros. O artigo 63 informava: “A la apertura de sesiones del congreso asistirá el presidente de la Unión, y pronunciará un discurso en que manifieste el estado que guarda el país. El presidente del congreso contestará en términos generales.”²⁷. Também utilizaremos as respostas a esses discursos pronunciadas pelos presidentes ou vice-presidentes do Congresso.

Ao pensarmos a esfera oficial, é importante nos atentarmos aos discursos presidenciais, já que neles o primeiro magistrado fazia o balanço de todas as áreas do país que achava importante destacar. Ao falar sobre a situação dos diversos ramos – Fazenda, Fomento, Instrução Pública, Guerra, Relações exteriores, etc. –, o general fazia avaliações dos setores governamentais – Relações internacionais, Economia, Educação, Saúde, Reformas legislativas, etc. – e indicava os caminhos que deveriam ser seguidos para o bem da nação. Nos documentos, Díaz apostou em quatro estratégias que se tornaram estruturantes de seus discursos e deveriam atestar o progresso do México, bem como legitimar sua administração.

Em primeiro lugar, o porfirismo utilizou o tempo histórico nacional como estratégia política. Nesse item, veremos como a administração de Díaz arquitetou, em suas narrativas, o tempo histórico nacional a partir de uma lógica específica, que sustentava a ideia de um novo México criado a partir de 1876. O passado, o presente e o futuro mexicanos foram organizados de forma estratégica para criar a sensação, no presente, de uma estabilidade e paz geral no país que os governantes anteriores não alcançaram. Como essa estrutura temporal foi organizada? O passado pós-independência,

²⁶ Salvo os anos de 1881 a 1884, em que a primeira magistratura foi ocupada por Manuel González (como já mencionado na Introdução da tese).

²⁷ O artigo 63 estava disposto no Parágrafo I da Seção I do Título III da Constituição de 1857, que se referia à divisão dos poderes do Estado em Legislativo, Executivo e Judiciário.

proclamada em 1821, ganhou destaque por ser nos discursos presidenciais, alargando-se cada vez mais nos documentos em relação ao presente e ao futuro do país²⁸. É importante destacar que o passado resgatado foi o nacional, camadas mais profundas do tempo, como, por exemplo, o pré-hispânico ou o colonial não foram mencionadas²⁹. Qualificado de caótico ou anárquico, e marcado por incessantes guerras civis entre liberais e conservadores – além das várias intervenções estrangeiras –, o passado tinha peso nacional na fala de Díaz e buscava criar a sensação de que o país necessitava de uma transformação. Esta, conquistada pelo porfirismo.

A segunda estratégia política se refere à construção da imagem de Porfirio Díaz, interpretado como o herói nacional. Se, como vimos no parágrafo acima, o porfirismo apareceu nos discursos como o governo que transformou o presente mexicano, mantendo o país cada vez mais distante do passado nacional; o sujeito que conduzia essa transformação era Díaz. A partir das fontes históricas, perceberemos que Díaz foi representado como o personagem solar que direcionava a nação ao futuro próspero e feliz, dada a nova condição do presente. O presente estava prenhe de futuro e abria o campo de expectativa da nação. Destacaremos que essa representação do general foi alimentada, principalmente, a partir dos pronunciamentos dos presidentes ou vice-presidentes do Congresso Nacional. Esta documentação de resposta à fala de Díaz foi importante de ser analisada, pois, a partir dela, pudemos visualizar como a imagem do presidente foi conformada: o México necessitava de um homem forte, um herói, que salvasse a nação. Reafirmava-se, de seis em seis meses, a necessidade de Díaz se manter na primeira magistratura, uma vez que ele era interpretado como o agente legítimo da mudança nacional e da modernização do país. Nessas fontes, a sensação foi a de que o presidente movimentava a história, conduzindo o México ao patamar em que estavam os grandes países, como a França, Inglaterra, Alemanha, Estados Unidos, entre outros.

A terceira estratégia tange os progressos materiais, destacados como forte elemento que deveria comprovar o triunfo porfiriano. Se, nos discursos, o presente se tornava distante do caótico passado nacional e o país atingia uma condição moderna e de

²⁸ Lembrando que a independência do México ocorreu em 1821 e teve o reconhecimento da Espanha apenas em 1836.

²⁹ Este aspecto é fundamental de ser analisado e mencionado, pois o contrário sucedeu quando foram publicados *México: a través de los siglos* e *México: su evolución social*. Como veremos nos discursos de Porfirio Díaz ao Congresso Nacional, enfatizar o passado mais remoto não fundamentava a permanência de Díaz no poder. O foco foi destacar o intitulado passado caótico nacional, pós proclamação da independência. Desenvolveremos essa hipótese ao longo da tese.

civilização nunca vistos antes; Díaz era exaltado como o presidente que colocou a nação no mesmo sendeiro das grandes potências europeias e norte-americana; esse projeto deveria ser comprovado através das obras materiais construídas no país. Sobre essa terceira estratégia, mostraremos que o primeiro magistrado buscava confirmar o progresso do México descrevendo, a cada discurso, as grandes construções e obras materiais construídas, principalmente, na capital do país. Apontaremos como a Cidade do México se tornou, por excelência, o lugar do triunfo porfirista. Por bens/obras materiais entendemos as construções no país que deveriam atestar e plasmar, visualmente, o progresso mexicano. Alguns exemplos são: estradas de ferro, os correios, telégrafos, as obras portuárias, o Desagüe del Valle, entre outros mencionados no tópico 3 desse capítulo.

Por fim, a quarta estratégia se refere ao México silenciado, ou seja, os elementos que foram marginalizados, silenciados e suprimidos da narrativa oficial. Nosso foco será na questão indígena e explicaremos como muitas das vezes os indígenas foram vistos como a face do atraso. Ao escolhermos uma esfera do projeto oficial de modernização nacional, que foi a política de homogeneização da população sob a categoria “cidadania”, veremos como os indígenas foram marginalizados desse projeto político porfirista. Interpretados como um atraso ao progresso e à civilização do país, os índios eram vistos como excesso de passado no presente; um presente que, para o governo, já tocava o futuro devido a tantos progressos materiais. As sublevações de tribos e etnias que ocorriam frequentemente no território se tornavam um entrave à modernização e podiam desacelerar a projeção do país ao palco das grandes nações. Um dos problemas que ganharam relevo nos documentos foi o lugar dos indígenas no interior dessa jovem nação idealizada pela administração de Díaz. Se o Estado exaltava e mostrava os avanços nacionais, em contrapartida, existia uma ampla discussão sobre o que fazer com os indígenas. A questão se tornou um desafio ao Porfiriato. Os dissensos indígenas eram tratados como um problema a ser resolvido pelo Ministério da Guerra.

O Congresso era o lugar específico de fala e posicionamento: Díaz silenciava, excluía, interditava alguns assuntos e exaltava, reiterava, reatualizava outros. Composto pela Câmara dos senadores e a dos deputados, o Congresso era o órgão político que concentrava o poder legislativo. Seus representantes eram eleitos pelos cidadãos

mexicanos a cada dois anos³⁰, mas cada vez mais se sentia o peso das escolhas de Díaz para se ocupar o Congresso³¹. Como afirmou Diego Valadés, o Porfiriato propôs muitas mudanças legislativas, transformando o Executivo em um poder com potencial legislativo³². O artigo 127 da Constituição de 1857 autorizava as mudanças propostas por Díaz, pois afirmava que a própria constituição podia ser modificada se tivesse a aprovação de dois terços do Congresso³³. Devido a isso, o porfirismo conseguiu modificar várias vezes o artigo 78, que, originalmente, afirmava ser de quatro anos o mandato presidencial. Como está disposto no atual site da Câmara dos Deputados, a administração de Díaz promulgou ou reformou vários códigos nacionais, como, por exemplo, o Civil, o Penal, o sanitário, entre outros³⁴. Mesmo mobilizando uma retórica da importância da divisão e respeito aos três poderes, cada vez mais Díaz centralizou sua administração, potencializando o poder Executivo em detrimento dos outros dois poderes³⁵. Contudo,

³⁰ Estava informado na Constituição: “PARRAFO I. De la elección é instalación del congreso: 52. El Congreso de la unión se compondrá de representantes, elegidos en su totalidad cada dos años por los ciudadanos mexicanos.”. Sobre o tema também consultar: Enciclopedia Parlamentaria de México. *Apéndices: cuadros cronológicos y comparativos, índices y bibliografía*. Serie III, Vol. II, Tomo 4.

³¹ François Xavier Guerra traçou um perfil dos deputados e senadores porfiristas, bem como o tempo de mandato e de estabilidades dos mesmos nos cargos ocupados. Além disso, o autor discutiu a relação entre Díaz e os governadores no que tange a escolha dos deputados e senadores. Ver: *México: del Antiguo Régimen a la Revolución* (1991).

³² Temos em conta que a nomenclatura “Porfiriato” foi designada pelos historiadores posteriormente à administração de Díaz, para se referir a todo o governo do presidente. À época, o governo se autodenominava liberal e republicano.

³³ Citamos o artigo da Constituição de 1857: “TITULO VII. De la reforma de la Constitución 127. La presente Constitución puede ser adicionada ó reformada. Para que las adiciones ó reformas lleguen á ser parte de la Constitución, se requiere que el congreso de la Unión, por el voto de las dos terceras partes de sus individuos presentes, acuerde las reformas ó adiciones, y que éstas sean aprobadas por la mayoría de las legislaturas de los Estados. El congreso de la Unión hará el cómputo de los votos de las legislaturas y la declaración de haber sido aprobadas las adiciones ó reformas.”

³⁴ Sobre o assunto ver as informações descritas no site oficial da Câmara dos Deputados. Disponível em: <http://www.diputados.gob.mx/museo/surg9.htm>

³⁵ A presidência de Díaz foi marcada por eleições fraudulentas do ponto de vista republicano. Para permanecer no poder, o primeiro magistrado criou uma rede de governança que atingiu desde instâncias federais até municipais. Romana Falcón discorreu sobre a construção dessa dinâmica eleitoral em “El dominio de las minorías: República Restaurada y Porfiriato” (1989), no capítulo intitulado “Logros y límites de la centralización porfirista: Coahuila vista desde arriba”. Como também afirmou Luis González: “Porfirio Díaz acumula[va] el poder y lo conserva[va]. El 27 de diciembre de 1890 se anuncia, por bando, que el artículo 78 constitucional ha sido enmendado para permitir la reelección indefinida del presidente. A los pocos meses se convoca a inútiles elecciones que conducen a lo que dice la parodia aparecida en *El Hijo del Ahuizote*: ‘El Caudillo Indispensable...a sus habitantes sabed: Artículo 1º. Que es Presidente Constitucional el General Necesario por haber obtenido la mayoría absoluta de votos...Artículo 2º. Este período durará hasta que Dios quiera. Artículo 3º. Publíquese por bando oficial. Firma, El Indispensable Caudillo’.” (GONZÁLEZ Y GONZÁLEZ, 2000, p. 675). Em 1892, foi criada a União Liberal Nacional, grupo porfirista que apoiava e propagandeava as reeleições do presidente. Valendo-nos principalmente das leituras dos trabalhos de Hannah Arendt, sabemos que existem formas de ditaduras cujo o argumento do Executivo para se manter no poder é a necessidade de um homem com pulsos fortes que, frente a graves problemas nacionais, assuma a direção do país e promova as mudanças necessárias. Este argumento foi recorrentemente utilizado pelos porfiristas e falaremos sobre o conceito de ditadura no Porfiriato no Capítulo 2. Sobre o assunto ver: ARENDT, Hannah. *As origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. Embora o livro da filósofa traga uma discussão sobre a dinâmica de funcionamento de

não podemos deixar de mencionar o trabalho de María Luna Argudín que, ao estudar o Congresso e a política mexicana entre 1867 e 1911, mostrou que o Congresso, para além de reproduzir ou representar um poder estabelecido, também foi um local de exercício e criação de poder político³⁶.

Após a leitura e a análise de todos os documentos, observamos que os discursos de Díaz podem ser divididos em três momentos³⁷. No primeiro momento, entre 1877 e 1888, o presidente buscou, através de sua fala ao Congresso, legitimar seu governo e validar todas as ações políticas. Reiterou a importância da revolução de Tuxtepec – sobre a qual falaremos abaixo – e como sua administração havia mudado os rumos do país e levado a paz nacional. Expandia-se os problemas históricos para se afirmar as melhoras no presente. Já em um segundo momento, entre 1889 e 1904, Díaz destacou constantemente todas as conquistas realizadas sob sua presidência. Para ele, era o triunfo do porfirismo após tantos anos de dedicado trabalho. O foco foi exaltar as obras materiais construídas no país e continuar reafirmando que a paz nacional se mantinha consolidada: para ele, o México havia se tornado moderno e progressista. Descrevia-se, por exemplo, a quantidade de quilômetros que a cada ano aumentava no país. O discurso do triunfo e da paz constante foi tão forte que a menção à Revolução de Tuxtepec não mais ganhou destaque nas fontes. Era o momento do auge do governo civil, sem revoluções, facções, conflitos políticos, etc. Por fim, nos últimos discursos do presidente, a necessidade de se afirmar, cada vez mais, o império da paz em um momento em que as críticas ao porfirismo cresciam em todo o país se tornou latente. Nestes discursos, Díaz mencionou o aumento da polícia no México e dissensos que eclodiam em alguns estados. Ouviam-se vozes dissonantes no México de Porfirio Díaz e era impossível ignorar esses fatos. O ruído desafiava a tão atestada paz nacional. Essas últimas partes dos discursos serão discutidas no Capítulo 3 da tese, quando falaremos sobre a crítica cada vez mais perene ao Porfiriato a partir de 1887.

um governo totalitário, é importante atentarmos para as passagens em que ela analisa os governos ditatoriais, principalmente unipartidários.

³⁶ É importante conferir a pesquisa de María Luna Argudín exposta em *El Congreso y la política mexicana (1867-1911)*, livro de 2006. A autora analisou os documentos da Câmara dos deputados, mostrando a variedade de temas contemplados por essa instância política.

³⁷ A divisão não é categórica, os momentos também se sobrepunham. Entretanto, a título pedagógico e metodológico, é importante sugerir uma estrutura de transformações e permanências nos documentos analisados. Já os quatro eixos mencionados acima foram constantes em todos os discursos proferidos pelo presidente.

A estrutura formal dos discursos parece ter permanecido, à primeira vista, semelhante em todos eles: o presidente iniciava seus pronunciamentos se remetendo aos deputados e senadores, posteriormente mencionava algum aspecto da Constituição de 1857 e afirmava que tudo caminhava dentro da legalidade e dos preceitos republicanos – remetendo-se a conceitos importantes do XIX: República, liberalismo, constitucionalismo, entre outros. Em seguida, ele começava a falar sobre a situação do México em todas as suas esferas: Díaz iniciava discursando acerca das relações exteriores – sobre o objetivo e a realização do estreitamento de laços com as “Potências e nações amigas, cultas e civilizadas”, bem como mostrava aos membros do Congresso como a República subia progressivamente ao palco das nações civilizadas, atingindo um grau de cultura reconhecido nacional e internacionalmente. Nessa época, uma das grandes preocupações, não só do México, mas de vários países latino-americanos, foi pensar o que se deveria fazer para alcançar o patamar de desenvolvimento e civilização. O modelo assumido era, principalmente, a Europa.

Ademais, Díaz procurou não se contradizer em seus vários discursos. Sua escrita era coerente, transmitindo a ideia de que ele conhecia bem o assunto do qual falava. A construção das frases tornava cada parte dos documentos pontual: com sentenças curtas, elas não abriam margem para ambiguidades e dissensos no Congresso. Causar discursos inflamados não era bom para um país que se queria pacífico. Entretanto, a partir de uma análise mais cuidadosa, percebemos que as fontes têm várias contradições sutis: havia tensões entre governo e grupos étnicos; entre México e os EUA, por causa de fronteiras (bem como com a Guatemala). As contradições eram encaixadas com sutileza, havia artifícios narrativos que os minimizavam dentro do texto. Os discursos do presidente possuíam tensões que eram recorrentemente mencionadas, mas todos os conflitos foram inseridos de forma estratégica para corroborar com essa estrutura temporal que mencionamos no tópico 1. Segundo a fórmula construída pelo porfirismo: se o passado era desajustado, sendo necessária a instauração da Revolução de Tuxtepec³⁸, o presente

³⁸ Em 1876, ao Díaz ter visto a pretensão de Sebastián Lerdo de Tejada em se reeleger para a primeira magistratura do país – uma vez que Benito Juárez havia falecido em 1872 e Lerdo de Tejada, então presidente da Suprema Corte de Justiça, assumira a presidência –, sublevou-se contra o governo na chamada “Revolução de Tuxtepec”. Vitorioso contra as forças lerdistas na batalha em Tecuac, estado de Puebla, assumiu provisoriamente a presidência da República em fevereiro de 1877 e, em cinco de maio do mesmo ano, tornou-se presidente constitucional. Inicialmente, seu respaldo advinha dos setores militares do país. Díaz havia conquistado grande popularidade devido às batalhas que participou, principalmente a de Puebla. A Batalha de Puebla foi uma vitória considerada tão importante para os mexicanos que o 5 de maio é feriado nacional no país, segundo o calendário pátrio.

caracterizava-se pela pacificação nacional, percebida na própria relação entre Executivo e Legislativo. O Congresso e o povo deveriam acreditar e apoiar Díaz, pois o presente estável traria, muito em breve, um futuro feliz. A fim de evitarmos repetições em um mesmo parágrafo, também nos remeteremos a Porfirio Díaz como “general”, já que ele teve uma vida militar destacada antes da presidência, participando do Exército Nacional e, mesmo ocupando o cargo de presidente, seguiu reconhecendo o grau; e “oaxaqueño”, porque Oaxaca era seu estado natal.

A resposta do presidente ou do vice-presidente do Congresso ao discurso de Díaz tratava dos mesmos assuntos apresentados pelo primeiro magistrado, sempre com um forte tom laudatório e triunfalista. Apoiava-se as propostas, projetos e informações dadas pelo presidente sobre a nação. Um tipo de discurso que, como veremos, assemelhava-se a um ritual, pois muitos dos presidentes do Congresso iniciavam suas falas mencionando a honra que tinham de poder se dirigir à Díaz, retomando seus dizeres e reiterando o apoio às ações do Executivo. Em nenhum dos documentos houve desacordo quanto ao que fora apresentado pelo presidente³⁹. A estrutura e o conteúdo de um discurso não são transparentes. Os sentidos e a própria realidade também são construídos através da linguagem e da narrativa. Existiam mecanismos discursivos nos documentos que os tornavam convincentes, persuasivos e legítimos frente ao público ouvinte. Muito além do que transmitir uma informação, o porfirismo buscava criar uma realidade nacional fundamentada em estratégias, que deveriam validar seu governo; como as pontuadas acima e desenvolvidas nesse capítulo.

1. O tempo histórico nacional como estratégia política

Desde seu discurso de posse, em abril de 1877, Porfirio Díaz elaborou uma lógica específica do tempo histórico nacional, que legitimava as medidas governamentais e fundamentava sua autoridade. Nos documentos, o passado, o presente e o futuro nacionais

³⁹ Relembrando Foucault: “O ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação, devem ocupar determinada posição e formular determinados tipos de enunciados); define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles os quais se dirigem, os limites de seu valor de coerção. Os discursos religiosos, judiciários, terapêuticos e, em parte também, políticos não podem ser dissociados dessa prática de um ritual que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos.” (FOUCAULT, 1996, p. 39).

foram mobilizados de forma dissimétrica, ou seja: expandia-se o passado, enfatizando os conflitos nacionais e internacionais para, ao fazer uma comparação entre os tempos, comprovar que o presente se tornara pacífico sob a presidência de Díaz. Por conseguinte, diante deste presente pacífico, o futuro já era dado como certo: feliz e próspero. Nessa lógica temporal oficial, o presente não era interpretado como um instante, um momento passageiro que logo se tornava passado; e sim como o período de governo de Díaz. O presente era o tempo político do porfirismo.

Nessa estrutura temporal, o passado era dilatado e distante do presente. Já o futuro, tornava-se um tempo mais curto e próximo, um período já quase tangível. Uma esfera específica do passado, o pretérito nacional, qualificada de caótica/anárquica nos documentos, foi recuperada como clima histórico para se agir no presente e dar autoridade/validade aos atos porfiristas. O objetivo era deflagrar no interlocutor a sensação de que o México havia mudado a partir de 1876. Vemos que em seu primeiro discurso como presidente, o general logo atestou a paz nacional, citamos:

Ciudadanos Diputados: la breve reseña que acabáis de oír [sobre a situação nacional em cada ramo do país], no manifestaría por completo, aunque ella se extendiera más, cuál es el estado que guarda el país, si no os anunciara, como lo hago con grande satisfacción, que toda la República se encuentra en paz. Este hecho de grande importancia siempre, tiene hoy una significación cuyo valor no se puede desconocer.⁴⁰

Para Díaz, já em seu primeiro ano de mandato, *toda* a República estava em paz. Ou seja, em abril de 1877, o presidente afirmou a pacificação completa do México. Essa afirmação pode passar despercebida pelo leitor, mas se torna valiosa se voltarmos os olhos para os eventos políticos no oitocentos. O conceito “paz” teve grande peso discursivo. Se o México sofreu muitos problemas sociais, políticos e econômicos desde sua independência, a estratégia porfirista foi mostrar que, em 1877, esta conjuntura turbulenta não mais fazia parte do país; fato que, para Díaz, tinha um significado de “valor desconhecido”, tamanho o ineditismo do episódio. Para ele, os conflitos foram tão recorrentes ao longo do século XIX, que a paz era um fato de grande importância *sempre*, mas nunca alcançada pelos governos anteriores.

⁴⁰ Discurso Porfirio Díaz, pronunciado con motivo de la apertura de sesiones del Congreso, informando el estado en que se encuentran los diferentes ramos de la administración pública. Abril, 1877, s/p.

A afirmação da paz foi destaque em seu pronunciamento, sendo enfatizada no parágrafo de conclusão do discurso. Em todos os documentos, o primeiro magistrado mencionou a paz, a estabilidade e a ordem que o país, pela primeira vez, havia alcançado. A paz, para o porfirismo, era a base e o pressuposto para a modernidade e o progresso nacional. Ela significava uma situação de boa governabilidade, base para o desenvolvimento da modernidade e civilização do país. Para ele, o presente, pacífico, era diametralmente oposto ao passado (caótico, desajustado e ingovernável). Os discursos políticos de Díaz possuíam uma estratégia narrativa basilar: a República está em paz e ordenada, todas as medidas governamentais são tomadas para manter esta atmosfera normal e o apoio do povo e do Congresso corroboram com essa situação. Mas, antes de continuarmos a desenvolver o assunto, se o presente era diferente do passado, sobre qual passado especificamente o governo estava falando? Veremos no subtópico 1.1 que se tratava, como mencionamos na introdução, do passado nacional, pós-independência. Outras camadas do passado não foram mobilizadas pela administração de Díaz. Nosso objetivo não é fazer uma narrativa hiper detalhada da história do México entre 1821 e 1876, mas achamos importante trazer elementos e informações que iluminem sobre quais episódios e conjunturas históricas o porfirismo estava se referindo e resgatando para legitimar suas medidas políticas.

1.1 O peso do passado nacional nos discursos de Porfirio Díaz

Em 27 de setembro de 1821, o México tornou-se, oficialmente, um país independente. Com a desintegração do Vice-reino da Nova Espanha, depois de onze anos de conflito, a antiga colônia castelhana foi organizada na forma de um Império, centrada na figura de Agustín Itúrbide. A monarquia constitucional de Agustín I, como ele ficou conhecido, durou poucos meses e, em 17 de março de 1823, diante de várias sublevações no país e de projetos republicanos, o monarca abdicou da coroa e se exilou na Europa.

Provisoriamente, o jovem país passou a ser governado por um triunvirato. Foram nomeados para o Supremo Poder Executivo Nicolás Bravo, Guadalupe Victoria e Pedro Celestino Negrete⁴¹. Em 1824, a primeira República Federalista teve como presidente

⁴¹ Os suplentes eram: Mariano Michelena, Miguel Domínguez e, posteriormente, Vicente Guerrero

Guadalupe Victoria, simpatizante do heterogêneo setor liberal⁴². Entre 1824 e 1856, quarenta e um presidentes ocuparam a presidência do México. Neste período, o país experimentou várias formas políticas: de 1829 a 1830, por exemplo, foi formado um triunvirato, composto por Pedro Vélez, Lucas Alamán e Luis de Quintanar, que havia desconhecido a presidência de Vicente Guerrero (este governou por oito meses, entre abril e dezembro de 1829). A partir de 1854, os conservadores perderam, por alguns anos, a hegemonia da governatura no país, devido à Revolução de Ayutla contra o então ditador Antonio Lopez de Santa Anna⁴³. Com a renúncia e o exílio de Santa Anna, a nação passou a ser conduzida por um presidente interino, adepto do setor liberal: Martín Carrera. Carrera renunciou um mês depois e passou o cargo à Rómulo Díaz de la Vega, que, permanecendo na primeira magistratura por apenas três semanas, foi substituído por Juan Álvarez⁴⁴. A partir de 1850, por muitos anos os principais cargos da política mexicana foram disputados por dois grandes e heterogêneos setores: o liberal e o conservador. Uma das grandes querelas da heterogênea elite política foi: que Estado-nação construir?⁴⁵

Em meados de 1857, o liberal moderado Ignacio Comonfort foi eleito presidente do país, mesmo ano em que a Constituição Política da República Mexicana foi expedida. Entretanto, o próprio Don Ignacio não seguiu a Carta Magna e, em dezembro, aceitou o desconhecimento do documento nacional pelo “Plano de Tacubaya”. Este foi proclamado em 17 de dezembro pelos conservadores, representados na figura de Félix Zuloaga. Os conflitos entre os dois setores rivais ficaram ainda mais candentes, desembocando na chamada “Guerra da Reforma” (também nomeada como a “Guerra dos Três Anos”)⁴⁶.

⁴² É importante destacar que os liberais não representavam um grupo unido. Havia facções e dissensos em seu interior.

⁴³ Antonio López de Santa Anna (1794-1876) foi um militar do México e presidente do país em onze mandatos. É conhecido na historiografia mexicana por participar tanto de facções liberais, quanto conservadoras e investir em incursões militares que desencadearam muitos prejuízos ao México, como, por exemplo, o conflito texano de 1836.

⁴⁴ Como explicou González, “el nuevo presidente [Álvarez] se propuso emprender con prudencia las reformas reclamadas por la opinión liberal, pero no hubo día de su gobierno sin revueltas de signo conservador, motivadas por la ‘ley Juárez’, quien restringía fueros eclesiásticos, la ‘ley Lerdo’, que desamortizaba los bienes inmuebles en poder de corporaciones civiles y eclesiásticas, y la ‘ley Iglesias’, que prohibía a la Iglesia el control de los cementerios y el cobro de derechos parroquiales a los pobres. Entretanto se había expedido la convocatoria para el Congreso Constituyente, y hechas las elecciones, la asamblea constitutiva había empezado a trabajar en 1856.” (GONZÁLEZ, 1994, p. 113).

⁴⁵ É importante matizar que uma pureza ideológica dos setores não foi sempre observada, tendo os ideais moderados um maior número de seguidores. Contudo, embora os moderados fossem em maior número no país, analisar a dicotomia – liberais *versus* conservadores – existente e mobilizada na literatura política da época foi importante na análise das fontes.

⁴⁶ Para maiores detalhes sobre a conjuntura em destaque ver: DÍAZ, Lilia. “El liberalismo militante”. In: COSÍO VILLEGAS et al. *Historia general de México*. Cidade do México: El Colegio de México, ed. 2000.

À época, o ministro da Suprema Corte de Justiça, Benito Juárez, assumiu a primeira magistratura no lugar de Comonfort. A conjuntura era de quase ingovernabilidade, afirmava. O país estava cindido por guerras civis e a atmosfera era de insegurança nacional. Comonfort abdicara da presidência, acreditando ser impossível governar com a constituição. Com tantos problemas internos, em 19 de janeiro de 1858 Juárez mudou-se da capital e estabeleceu seu governo presidencial em Guanajuato, estado central do país. Três dias depois Félix Zuloaga foi designado, na própria capital, por respaldo conservador, também presidente do México. O país estava dividido e possuía dois presidentes em ação. Os estados de Jalisco, Guanajuato, Querétaro, Michoacán, Nuevo León, Coahuila, Tamaulipas, Colima e Veracruz ficaram ao lado do governo liberal, centrado na figura de Juárez. Já a capital, Puebla, San Luis Potosí, Chihuahua, Durango, Tabasco, Tlaxcala, Chiapas, Sonora, Sinaloa, Oaxaca e Yucatán defenderam os conservadores e o Plano de Tacubaya. Segundo L. Díaz, a guerra afligia todo o território nacional.

Por conseguinte, no primeiro governo de Juárez, entre meados de 1859 e finais de 1860, foram promulgadas cinco leis – chamadas de “Leis da Reforma” –, que propunham a separação definitiva entre Igreja e Estado. Tais leis fizeram com que a Igreja Católica perdesse muita força no México: as leis afirmavam a nacionalização dos bens eclesiásticos; o fechamento dos conventos existentes no país; o estabelecimento do matrimônio e registros civis; a secularização dos cemitérios e a supressão de determinadas festas religiosas. Houve tanta repercussão no México que várias charges foram publicadas em jornais da época mostrando a figura do presidente Juárez com a referida legislação em mãos. Em 22 de dezembro do mesmo ano, os liberais ganharam a Batalha de Calpulalpan contra os conservadores. Em 1861, ocorreu uma nova eleição para presidente da República e novamente Juárez saíra vitorioso. A Guerra da Reforma havia chegado ao fim, mas não o fim da guerra civil.



Mapa 1 - Estados do México - século XIX

Título: Mexico, 1824-1867

Fonte: EdMaps Canadian Cartographic Resources

Disponível em: <http://www.edmaps.com/html/mexico.html>⁴⁷

Durante a presidência de Juárez, o setor conservador respaldou, a partir de 1864, o “Segundo Império” mexicano, governado pelo imperador austríaco Maximiliano de Habsburgo e apoiado por tropas francesas. Embora os moderados fossem em maior número no país, analisar a dicotomia – liberais *versus* conservadores – existente na literatura política da época é importante, uma vez que foi uso corrente no vocabulário do

⁴⁷ Devido à resolução de baixa qualidade, não inserimos os mapas históricos do México produzido por Antonio Garcia Cubas em 1858 e 1899. Os documentos e outros mapas do período estão disponíveis em: <http://www.oldmapsonline.org/map/rumsey/2850.001>

período. Além desta conjuntura interna pela disputa por poder, o México, em conflito com os Estados Unidos, perdeu mais da metade de seu território entre 1836 e 1848, sob a presidência do já mencionado Antonio López de Santa Anna.

Além dos problemas com os Estados Unidos, a França, como vimos acima, respaldou a ida de Maximiliano para governar o México. O setor conservador mexicano apoiou o “Segundo Império”. Com esta invasão no país e o restabelecimento da monarquia como forma legítima de governo, a administração de Juárez, então presidente, precisou se estabelecer novamente fora da capital. O presidente migrou para Paso del Norte e o México teve, novamente, dois governantes paralelos em atividade. A monarquia durou até 1867, ano em que as tropas liberais conseguiram derrotar o arquiduque e instaurar novamente a república liberal – evento conhecido como “República Restaurada”. Maximiliano foi julgado segundo a lei de atentado contra a independência nacional e, em 15 de junho de 1867, foi sentenciado à pena de morte. Um mês depois Juárez retornou à capital, glorificado pelos liberais: o Triunfo da República se consumara.

1.2. Os usos do passado nacional como estratégia política no presente

Todos esses acontecimentos explicitados acima foram interpretados pelo governo de Porfirio Díaz como caóticos. Entendemos por “caos” a situação de quase ingovernabilidade pela qual passou, por décadas, o país: o México, para o porfirismo, esteve sob ruínas econômicas, políticas, legais, etc. Estrategicamente, recuperava-se e dava destaque a esse passado nacional para atestar a mudança no presente. É importante salientar que, como vimos no subtópico anterior, não foi qualquer passado instrumentalizado pela administração de Díaz e sim o pós-independência. Por exemplo, o passado pré-colonial, a gloriosa história dos astecas, a presença espanhola no território, não foram mencionados. O discurso oficial afirmava que o porfirismo deixara o país em ordem e, sob o governo de Díaz, a nação estava finalmente pacífica. Quando uma conjuntura histórica é exaltada, não se quer apagá-la da memória nacional. Os anos de 1848 e 1861 também foram paradigmáticos: no primeiro, o país perdeu mais da metade de seu território para o vizinho do Norte. Já no segundo, foi invadido por tropas francesas que apoiaram o arquiduque austríaco. Sem contar as guerras intestinas que marcaram o território durante várias décadas. Ao analisar os discursos presidenciais ao Congresso,

visualizamos como a ênfase na unidade nacional e na paz foi perene, tornando-se instrumento de legitimidade política. A unidade pretendida daria coesão à uma sociedade que foi, por anos, desajustada.

Como mencionamos no início do primeiro item deste capítulo, o discurso da paz foi muito importante no México oitocentista. A afirmação, em 1877, da paz em toda a República trouxe um elemento de mudança muito significativo no século XIX. Se lembrarmos, por exemplo, o manifesto de Benito Juárez de 15 de julho de 1867, ao retornar seu governo para a Cidade do México – devido ao Triunfo da República –, ele afirmou (o que se tornaria, anos depois, sua célebre frase até hoje repetida pelos mexicanos, vinculada à memória social): “entre los individuos, como entre las naciones, el respecto al derecho ajeno es la paz.” (Manifesto 1867, s/p.)⁴⁸. No trecho, vemos mais uma vez que o conceito tinha sentido destacado no XIX: todos desejavam a pacificação em todos os níveis de vida, a paz era um direito de todos⁴⁹.

Em seguida, Juárez afirmou no mesmo documento: “Mexicanos: Encaminemos ahora todos nuestros esfuerzos a obtener y a consolidar los beneficios de la paz. Bajo sus auspicios, será eficaz la protección de las leyes y de las autoridades para los derechos de todos los habitantes de la República.” (Manifesto 1867, s/p.) Ele acreditava que a paz era a base para o desenvolvimento de um México moderno, liberal e republicano. Entretanto, se voltarmos os olhos ao trecho, percebemos que Juárez não afirmou a consolidação da paz com a República Restaurada. Para ele, esta tarefa estava reservada ao futuro, ao porvir nacional. Ela não era uma consumação, mas o objetivo *a ser* alcançado. As guerras civis foram tão marcantes que Don Benito, após o Triunfo da República, mencionou uma segunda independência do México: “Mexicanos: hemos alcanzado el mayor bien que podíamos desear, viendo consumada por segunda vez la independencia de nuestra patria. Cooperemos todos para poder legarla a nuestros hijos en camino de prosperidad, amando y sosteniendo siempre nuestra independencia y nuestra libertad.” (Manifesto 1867, s/p.) Após a leitura de todo o Manifesto, vimos que a forma de governo monárquica não era

⁴⁸ No caso de Juárez, a afirmação foi feita, principalmente, após a intervenção francesa no país.

⁴⁹ Jorge Fernandez Ruiz escreveu um livro sobre o juarismo. Afirmou sobre o Manifesto do presidente ao retornar para a capital após o Triunfo da República: En uno de los pasajes más trascendentales de su manifiesto hijo un llamado a la conciliación y unidad de la nación que concluye con su célebre apotegma que hace consistir la paz en el respecto al derecho ajeno. Hizo, asimismo, un llamado a la conciencia nacional para respetar la ley y obedecer a la autoridad popularmente elegida y anunció la inminente convocatoria para elegir nuevo presidente de la República. (FERNANDEZ RUIZ, 1985, p. 369). Consulte: FERNANDEZ RUIZ, Jorge. *Juarez y sus contemporáneos*. Cidade do México: UNAM, 1986.

mais possível: ser nação significava ser republicano e liberal. A segunda independência não se referia apenas à soberania nacional, mas à independência e a vitória do liberalismo republicano sobre o tradicionalismo monárquico. Como escreveu Edmund O’Gorman,

La segunda independencia a que se refirió el presidente Juárez contiene una verdad iluminante: con la victoria republicana se logra, sin duda, independizar a la nación; pero – y he aquí lo notable y decisivo – independizarla del poder de un régimen y gobierno mexicanos; es decir, de algo interno a su historia y por eso más incisivo y más poderoso de lo que pueda ser una dominación extranjera más o menos permanente. Se trata, pues, de una independencia que podemos asemejar a la de quien logra vencer en sí mismo, después de una larga y angustiosa lucha y a fuerza de voluntad e intransigencia, un enquistado hábito que lo ha venido induciendo a adoptar una manera de ser distinta a la otra que puede y quiere ser. (O’GORMAN, 1969, p. 542).

Diante dessa conjuntura política explicada até o momento, nós criamos duas chaves de interpretação dos discursos de Díaz e adiantamos que a segunda sustenta com mais força nossas hipóteses do capítulo. A primeira se refere à experiência traumática do passado que pautou uma escrita sobre o Porfiriato. Inferimos que uma das possibilidades de análise das fontes é pensar que o passado mexicano foi mobilizado por Díaz e polígrafos da época por causa da experiência violenta que essa geração de indivíduos vivenciou – muitos até pelo combate físico nas tropas do Exército nacional⁵⁰. Partindo de Reinhart Koselleck, “todas as histórias foram construídas pelas experiências vividas e pelas expectativas das pessoas que atua[ra]m ou que sofre[ra]m.”. Além disso, “a experiência é o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento que não estão mais, ou que não precisam mais estar presentes no conhecimento” (KOSELLECK, 2006, pp. 306 e 309). Sendo assim, os conceitos “geração” e “experiência” tornam-se chaves para fundamentar as explicações: A geração que viveu durante o Porfiriato ainda possuía a memória de um passado turbulento recente e essa memória marcou a interpretação e a escrita sobre o governo de

⁵⁰ Como questionou François Sirinelli: o que faz surgir uma geração? Seria apenas a idade próxima entre os indivíduos, fator puramente biológico? Uma geração surge, explicou, “quando um estrato demográfico adquire uma existência autônoma e uma identidade determinadas por um acontecimento inaugurador.” (SIRINELLI, 2006, p.133). Para se entender a ideia de geração, não podemos apenas levar em consideração o aspecto biológico dos indivíduos, ou seja, o fato de terem idades semelhantes. Um evento inaugurador possibilita a emergência de uma geração que compartilha ideias próximas, adquirindo uma “existência autônoma”. A faixa etária não é primordial ou o único aspecto que possibilita essa existência. Como afirmou R. Koselleck, “o que distingue a experiência é o haver elaborado acontecimentos passados, é o poder torná-los presentes, o estar saturada de realidade, o incluir em seu próprio comportamento as possibilidades realizadas ou falhas.” (KOSELLECK, 2006, p. 312).

Díaz. Como sintetizou François-Xavier Guerra, premissa da qual Mauricio Tenorio Trillo e Aurora Gómez Galvarriato também compartilharam,

El porfiriato, antes de ser para los historiadores un período de crecimiento económico y de cambios sociales fue, primero que nada, para aquellos que lo vivieron, la paz recobrada. La “perspectiva histórica” tan necesaria, falsea a veces la realidad; para nosotros y para los actores de la Revolución, la paz porfirista es a menudo un dato de base que sirve para explicar otros fenómenos de los que, efectivamente, fue el origen. Pero, ¿quién podría decir lo que la paz representó verdaderamente para los habitantes del México de fines del siglo XIX? ¿Y por qué y cómo se alcanzó esta paz? Para los mexicanos de la época, la paz fue el término de un período de disturbios en la historia del país, mientras que para nosotros no es frecuentemente, más que una premisa. (GUERRA, 1991, p. 212).

É possível dizer que a escrita e a avaliação do Porfiriato estavam marcadas pela memória e pela experiência de uma geração que possuía a imagem de um México caótico pós-independência⁵¹. Contudo, o que nos faz chegar à segunda chave de interpretação dos documentos, se utilizássemos apenas esse *corpus* documental oficial na tese de doutorado – os discursos do presidente Díaz e dos presidentes, ou vice-presidentes, do Congresso – perderíamos de vista a emergência de uma censura ao porfirismo que crescia ao longo dos anos de governo do presidente, consolidando-se a partir, principalmente, de 1887. Embora essa dimensão da experiência violenta do passado pautasse ações políticas no presente, o passado descrito como caótico também foi utilizado para legitimar o porfirismo e, nesse sentido, atuou mais como um uso do passado do que como a atualização de uma experiência marcante. Assim, chegamos à segunda chave de interpretação dos documentos: os usos do passado pelo governo de Porfirio Díaz para legitimar e validar sua presidência.

O uso de conceitos que funcionavam como organizadores do passado nacional, mostrando um tempo desajustado, perturbado, pretendiam desencadear ações concretas no presente e fortalecer um governo cada vez mais imerso em críticas contra sua administração e as várias reeleições⁵². Díaz era representado como o presidente justo e

⁵¹ Para Paul Garner: “La primera administración de Díaz parecía estar destinada a compartir la experiencia, incluso el destino, de todos los gobiernos previos del siglo XIX, afectada por la persistencia de los conflictos internos y por las hostilidades internacionales que habían sido características de la mayor parte de la historia del México independiente. Para 1876, después de casi una década de gobierno liberal durante la república restaurada desde 1867, el país carecía aún de las necesidades básicas para lograr la estabilidad política (...).” (GARNER, 2003, p. 75).

⁵² Veremos essas críticas no Capítulo 3 da tese.

legítimo, que deixara para trás o ruído das guerras e das sublevações intestinas, que ele mesmo combateu enquanto general em exercício do Exército nacional.

A utilização de um vocabulário histórico-político e a escolha de conjunturas específicas do passado pretendiam criar uma atmosfera desordenada, que fizesse com que o Congresso apoiasse as medidas governamentais do presidente. Ainda no primeiro discurso ao Congresso, Díaz afirmou: “cansado el país de los abusos del gobierno anterior, buscó en la insurrección, suprema razón de los pueblos ultrajados, el remedio de sus males; y espera tranquilo gozar de los bienes que la revolución le ha prometido, bajo el amparo del Código Fundamental.”⁵³. A partir deste trecho, percebemos, novamente, a forma que Díaz buscou para validar suas ações: ao qualificar o passado, agora mais recente (a presidência de Sebastián Lerdo de Tejada [1872-1876]), como abusivo, a revolução de Tuxtepec tornava-se um evento legítimo, a “suprema razão dos povos ultrajados”. Nessa narrativa nacional progressiva, uma revolução, encabeçada por ele, irrompeu para levar tranquilidade ao povo. Observamos que essa representação temporal também ornava com as concepções positivistas e evolucionistas da época. O presente deveria ser melhor que o passado. No mesmo discurso afirmou:

Restablecer la observancia genuina de la Constitución, fue o principal fin del movimiento revolucionario que ha traído el actual orden de cosas [Revolução de Tuxtepec]: conservarla intacta, ha sido el blanco de mis esfuerzos durante mi presidencia provisional: asegurar su triunfo y su imperio y satisfacer las exigencias moralizadoras de la revolución que acaba de consumarse, será el móvil de todos mis actos en lo futuro.⁵⁴

Como vemos no trecho destacado, para Díaz, a Revolução de Tuxtepec foi legítima, pois buscou reestabelecer o respeito à Constituição de 1857, perdido com os governos anteriores. A Constituição sempre foi defendida, mas nunca acatada. O objetivo era conservá-la intacta; não se tomaria nenhuma atitude que não estivesse respaldada pelo documento, afirmou. Logo, para o primeiro magistrado, a revolução encabeçada por ele mesmo e outros militares não foi um golpe de Estado, ela reestabeleceria algo perdido: o Porfiriato asseguraria o triunfo e o império da Constituição. Retoricamente, o porfirismo

⁵³ Discurso de Porfirio Díaz, pronunciado con motivo de la apertura de sesiones del Congreso, informando el estado en que se encuentran los diferentes ramos de la administración pública. Abril, 1877, s/p. É importante destacar que o vocabulário “pacificação” e “revolução” foi recorrentemente usado nos documentos. Veremos no Capítulo 3 como os mesmos também foram usados para criticar o porfirismo. Ou seja, o vocabulário é semelhante, mas mobilizado de forma diferente por esferas oficiais e não oficiais.

⁵⁴ Discurso Porfirio Díaz, pronunciado con motivo de la apertura de sesiones del Congreso, informando el estado en que se encuentran los diferentes ramos de la administración pública. Abril 1, 1877, p. 18.

foi marcado pelo princípio do liberalismo constitucional e por ideais republicanos, destacando recorrentemente a importância do estabelecimento de instituições representativas e da secularização da sociedade. Contudo, como veremos, o resgate de tais tradições políticas funcionava como instrumento de suavização de uma postura cada vez mais autoritária e paternalista por parte do Executivo. No mesmo discurso de abril de 1877, Díaz afirmou:

Vuestra reunión, ciudadanos Diputados, es un hecho fausto: ella pone el cimiento de la obra nueva que la revolución [de Tuxtepec] quiso levantar; cimiento sin el cual nada sólido y duradero puede hacerse; ella aligera la carga de múltiples deberes que pesen sobre el Ejecutivo; ella acalla los rumores maliciosos que, escudados por nuestra liberales leyes se propalan por la prensa, queriendo infundir al país los temores de una dictadura; y ella, en fin, fortifica la confianza en los ánimos, demostrando con el incontestable argumento de los hechos, que comienza ya el imperio de la Constitución y de las leyes.⁵⁵

Nesta passagem, novamente percebemos o discurso da necessidade de uma revolução que proporcionasse a mudança necessária ao país. A realização das reuniões do Congresso, respeitando os princípios constitucionais, terminaria por estabelecer a base para realizações futuras. Nas três passagens acima, frisamos a defesa, feita por Díaz, do direito à revolução. Diante de um governo despótico, a instauração do movimento se tornou o remédio, a cura, para o corpo doente. A paz, tão almejada, só seria conquistada por meio de uma revolução, afirmada como necessária. O tempo histórico foi organizado, principalmente, a partir dos conceitos “revolução”, “pacificação” e “modernização”: passando por essas etapas, sob a condução do presidente, a nação se tornaria moderna e civilizada. Essa organização dava sentido à História e levava o México à uma etapa mais evoluída. A modernidade e a civilização eram os últimos passos desse longo caminho, somente possível através da revolução tuxtepecana e da pacificação nacional. Percebemos como estes eixos foram estruturantes da ação política no Porfiriato: criando uma relação de causalidade temporal, o passado parecia amplamente pior que o presente. O passado era um fardo, pesava sobre a nação que buscava progredir e se modernizar. A revolução de Tuxtepec, como vimos no trecho citado, institucionalizou-se em prol da

⁵⁵ Discurso de Porfirio Díaz, pronunciado con motivo de la apertura de sesiones del Congreso, informando el estado en que se encuentran los diferentes ramos de la administración pública. Abril, 1877, s/p.

pacificação do México. Tudo deveria ser feito para garantir a paz, base para qualquer desenvolvimento futuro⁵⁶. Citamos três trechos de um discurso de 1886:

[De início, Díaz afirmou]: Ninguna dificultad ha surgido en las relaciones del Ejecutivo de la Unión con los gobiernos de los estados, y la tranquilidad pública se conserva sin alteración en todo país.

[E mencionou logo abaixo]: Con motivo de alarma que han producido los últimos atentados contra las vías férreas, el Ejecutivo ha dictado, en la órbita de sus facultades, las medidas necesarias para la represión de esos crímenes, y promoverá ante el Congreso las que considere indispensable.

[Em seguida, Apolinar Castillo, presidente do Congresso, atestou]: La marcha regular de los gobiernos constitucionales de los Estados, sus relaciones cordiales con la Unión y la paz que reina en todos ellos, son un grande motivo de satisfacción que no puede apreciarse bastantemente, sino al recuerdo de aquellas constantes colisiones entre ellos y el Centro, que duraron desde el [18]57 hasta el [18]62, que pusieron muchas veces en peligro la paz pública y que no cesaron iniciarse la guerra de intervención francesa.⁵⁷

Notamos que a estrutura argumentativa se repetia: mesmo diante de dissensos, afirmava-se a paz. Os trechos demonstram que o governo não estava isento de conflitos: o Executivo ditou medidas para reprimir crimes ocorridos, mas afirmava que o Congresso não deveria se preocupar, já que, afirmou Díaz, a nação não experimentava nenhuma dificuldade e a tranquilidade pública permanecia inalterada. Após afirmar que o México caminhava a passos largos pelo caminho da paz e da ordem, o general citava um problema interno. Para se apontar um dissenso, primeiramente Díaz afirmava que o país estava bem, firme; enfraquecendo, assim, a ideia de conturbação mencionada posteriormente. Para elucidarmos melhor essa estrutura, destacamos como ponto frágil nas fontes a conflituosa relação com os indígenas, que falaremos detidamente no último item. Após o pronunciamento do presidente, Apolinar Castillo reafirmou a ideia exposta pelo oaxaqueño, embasando-se novamente na querela entre passado e presente mexicanos: o

⁵⁶ Para Luisa Rauter Pereira: A história é uma dimensão essencial da vida prática dos homens no mundo. O agir humano supõe uma relação com o tempo e uma construção da história. Ao agirem no mundo, os homens constroem visões da história e do tempo, referem-se a fatos, criam concepções de causalidade e continuidade, interpretações sobre o passado, o presente e o futuro. A existência do homem supõe uma experiência do tempo e uma determinada forma de orientação temporal que constitui a base de sua ação no mundo. Uma forma de se aproximar desse objeto é o estudo do debate político. (PEREIRA, 2013a, s/p).

⁵⁷ El General Díaz, al abrir el 12º Congreso el último período de sus sesiones, el primer de abril de 1886, pp. 194 e 196 e Respuesta del Presidente del Congreso, C. Apolinar Castillo, abril de 1886, p. 203. Apolinar Castillo foi um liberal mexicano proveniente de Oaxaca. Em sua trajetória profissional, atuou por anos como militar e, durante o governo de Manuel Gonzáles, foi governador de Veracruz. No Porfiriato foi deputado federal e dirigiu o periódico “El Partido Liberal”.

tempo histórico nacional mostrava o motivo de satisfação da nação: a paz nacional. Um ano depois, em abril de 1887, o presidente discursou:

Por la segunda vez, desde el año de 1877, la trasmisión del Poder Ejecutivo de la Unión, se ha efectuado, al concluir el período constitucional, sin que ningún incidente haya venido a turbar la solemnidad del acto. Con la propia regularidad se han verificado en los últimos meses las elecciones para la renovación de los Poderes públicos, en los estados en donde correspondía hacerla conforme a sus leyes constitucionales. Estos hechos demuestran que la paz está definitivamente consolidada entre nosotros, y que las instituciones democráticas van arraigándose en las costumbres del pueblo.⁵⁸

Para Díaz, a paz era um fato no México, firmada, como vimos, desde o primeiro discurso, de posse. Não se consumava como uma condição passageira, contingente, mas *definitivamente* estava consolidada entre os indivíduos. A regularidade da eleição para presidente – em que ele mesmo foi reeleito – desejava demonstrar como o povo se acostumava, cada vez mais, com a democracia. Como afirmou, o povo progredia ao mesmo passo que a nação; quando os mexicanos se tornassem democráticos, o governo não mais precisaria ser duro, nem o presidente ser a baliza do poder, acreditava. Falaremos sobre a concepção de povo no tópico 2. Embora o general discorresse rapidamente sobre algum problema interno, podemos inferir que ele almejava mostrar um México estável politicamente – percebido na própria estabilidade e constância de seus discursos: todos eles tinham em média de 10 a 12 páginas, e isto não era uma obrigação constitucional. Qualquer sublevação era, segundo ele, imediatamente contida e tudo voltava à normalidade e controle. Em setembro do mesmo ano afirmou:

Señores Diputados: Señores Senadores: Los hechos que os acabo de presentar demuestran que el Ejecutivo, en cumplimiento de un deber sagrado, no desmaya en sus esfuerzos por corresponder á la confianza del país, procurando el desarrollo de sus grandes elementos por medio de la paz y el orden, sobre la base inquebrantable de sus progresistas instituciones, y atendiendo á todos los ramos de la Administración pública, no menos que al establecimiento de su crédito hacendario y á las exigencias de su honra en el extranjero. Nada hay, por fortuna, que pueda preocuparnos, nada que sea capaz de interrumpir la marcha que hay emprendido la Nación en la vía del progreso, con tal que en el futuro prevalezcan, como hoy se verifica, el buen sentido del pueblo mexicano y el ilustrado patriotismo de sus representantes.⁵⁹

⁵⁸ El general Díaz al abrirse el segundo período del primer año de sesiones del Congreso de la Unión, el 1º de abril de 1887, p. 171.

⁵⁹ El General Díaz en la apertura del primer período del segundo año de sesiones del 13º Congreso de la Unión, el 16 de septiembre de 1887, p. 244.

Este trecho do informe, anterior a sua próxima reeleição, traz elementos que apareceram em todos os discursos presidenciais: primeiramente foi destacado o cumprimento, segundo determinava a Carta Magna, do discurso semestral de Díaz ao Congresso – valor sagrado e indispensável da República. Como já afirmamos, há todo o momento o general mobilizou uma retórica da legalidade, reiterando como suas ações respeitavam a constituição e todo o *corpus* legislativo do território. Além disto, o desenvolvimento do México apenas seria possível pelo caminho da ordem e da paz. A ordem conquistada pelo porfirismo deveria ser mantida pelo consenso, pela unidade e pela integração nacional, já que qualquer ruído ou dissenso ameaçaria o progresso mexicano, honrado e reconhecido no exterior.

Para que o país permanecesse em paz, o governo precisava contar com o patriotismo dos representantes políticos e o bom sentido do povo: as medidas governamentais deveriam ser acatadas por ambos para que o futuro não se tornasse incerto e um horizonte de expectativa longínquo. Sobre esta expressão “bom sentido”, falaremos um pouco mais abaixo. No estudo das fontes percebemos que as práticas constitucionais deveriam ser estritamente cumpridas. Segundo o historiador Paul Garner, os liberais do século XIX propuseram uma república democrática federal baseada em instituições representativas. Fortificava-se a retórica da república liberal e o discurso era o de proteção da cidadania, da igualdade legal e da secularização da sociedade civil (GARNER, 2003, p. 30).

Houve um investimento na ideia de que o ano de 1876 atuou como um divisor de águas para o país. Em comparação com longos anos após a proclamação da República, o balanço, finalmente, era positivo. Em 52 anos, o México não conseguiu atingir a paz e ordem que conquistara em 13 anos de governo porfirista. O tempo histórico foi utilizado como fator estruturante das ações políticas da administração do general. A lógica do tempo, ou seja, a preocupação em apontar quando os problemas nacionais surgiram, a razão pelas quais surgiram e quais as soluções Díaz tomou para os solucionar, foi um instrumento de operação política. Valendo-nos dos trabalhos de Luisa Rauter Pereira, que pesquisou tema semelhante pensando a conjuntura brasileira, “entendemos que o discurso histórico, longe de ser apenas uma construção de historiadores em seus variados graus de profissionalização, participa da forma como as sociedades e seus grupos de interesse político constroem suas identidades e orientam seus projetos e ações com base em visões sobre o passado, o futuro e a continuidade histórica.” (PEREIRA, 2013b, p. 32).

Por conseguinte, para a manutenção deste progresso nacional, Díaz pedia o apoio do Congresso, “poderoso o suficiente”, para remover os obstáculos e solidificar a organização da economia nacional. Através, principalmente, dos estudos de Michel Foucault, sabemos que o discurso possui uma realidade material a partir da enunciação, ou seja, a linguagem não é uma prática neutra ou transparente, usada apenas para transmitir uma informação; pelo contrário: ela intervém e produz alterações na própria vida social. Construir conjunturas temporais assimetricamente opostas, como Díaz fez regularmente em seus discursos, e empoderar os membros do Congresso, afirmando serem capazes de mudar o quadro nacional, foi um artifício usado pelo governo para conseguir a adesão do Legislativo e manter o discurso de harmonia e funcionamento das duas esferas: princípio importante da República, da qual o general se dizia defensor.

Ao mostrar o diálogo pacífico e harmônico entre o Executivo e o Legislativo, criava-se a sensação de que a tradição republicana e liberal funcionava, a partir de 1877, de fato no México. A partir desses artifícios políticos, conseguimos também perceber a construção da ideia de ordem nacional: a jovem nação deixara o passado caótico para trás e o funcionamento orgânico dos poderes mostrava o clima de ordem e paz. Como veremos, os dissensos durante a administração do general foram, a todo o momento, minimizados nas fontes primárias estudadas. Díaz recorrentemente destacou que o país estava pacífico e em ordem, sem conturbações que preocupassem o progressivo caminho da nação. Estes dois conceitos – “paz” e “ordem” – se tornaram pilares de fundamentação do governo. Eles, mais do que se remeterem a questões de conteúdo, ou seja, para qualificar uma situação, atuaram como dispositivos centrais que organizavam o tempo histórico nacional.

Há todo o momento, retomava-se essa imagem de um país sem conflitos, pacífico, tranquilo e ordenado. A partir de 1879 e 1880, Díaz passou, por exemplo, a mencionar brevemente algumas sublevações que ocorriam no México, mas sempre afirmava que todas elas já haviam sido censuradas pelas autoridades federais e que a paz voltara a reinar no país. Mesmo inserindo-se em uma tradição liberal que começou com o presidente Benito Juárez, o objetivo de Díaz, em seus discursos, foi afastar-se do passado e voltar os olhos ao futuro.

Segundo Rogelio Jiménez Marce, a vitória juarista sob os franceses e conservadores concedeu prestígio à Don Benito, mas de 1874 a 1886 sua figura foi pouco

resgatada por políticos e pela imprensa⁶⁰. O que pouco se sabe é que o mito de Juárez foi construído, principalmente, a partir de 1887. Neste ano, o governo aprovou mudanças constitucionais que facilitaram às reeleições de Díaz. Diante dessa medida, grupos liberais mais radicais, que não aceitaram a alteração constitucional, evocaram a figura de Juárez e o colocaram como o presidente que, de fato, seguiu a Carta Magna. Em março e julho de 1887 foram realizados eventos que celebraram a figura do ex-presidente liberal. Diante desse fenômeno, o porfirismo, no mesmo ano, também passou a resgatar a imagem de Juárez, atestando seu valor nacional e colocando Díaz como o sucessor que manteve os preceitos liberais e republicanos conquistados pelo primeiro. Como afirmou Jiménez Marce: “el gobierno de Díaz le encargó a José Vicente Villada, a la sazón director del periódico semioficial *El Partido Liberal*, la realización de un evento en honor a Juárez.” (JIMÉNEZ MARCE, 2002, p. 40).

A partir do ano supracitado, a figura de Juárez como o “Apóstolo da Reforma” e o “Restaurador da República” foi entrelaçada à de Díaz. O 18 de julho, dia de seu aniversário, foi inserido no calendário cívico anual pelo governo. Segundo Lara Campos Pérez, a partir desse ano também foi criada a tradição de se refazer o trajeto do funeral de Juárez. Em 1890, o periódico oficial *El siglo XIX* qualificou Díaz de o “autor do juarismo de hoy” (*apud* JIMÉNEZ MARCE, 2002, p. 41). Essas relações foram criadas para mostrar que Díaz era o continuador dos trabalhos de Juárez e quem conseguiu efetivar todo o progresso sonhado por este. Além da relação política, o discurso oficial se valeu de um argumento geográfico: Juárez e Díaz nasceram no estado de Oaxaca, como se este fator predestinasse o entrelaçamento futuro de ambos. Como afirmou Marce,

El culto a Juárez alcanzó preeminencia en el imaginario patriótico de tendencia liberal a través de varios conductos, como lo fueron las narraciones periodísticas, los discursos cívicos, los libros de textos y las biografías. En estas manifestaciones se delinearon varias imágenes de Juárez, los cuales iban de ser los defensores a ultranza de la Constitución y de las libertades ciudadanas hasta la de ser el salvador de la patria y el ‘Moisés’ mexicano. También es importante recalcar que Juárez se convirtió en el heredero y consumidor de las acciones de Hidalgo, una vinculación interesante que mostraba la continuidad histórica liberal. (JIMÉNEZ MARCE, 2002, p. 42).

⁶⁰ Em 1875, o “Gran Círculo de Obreros de México” fez um ato em comemoração à figura de Juárez visto como o bom governante que governou com respeito às leis e à Constituição, mas sem grandes comoções nacionais.

Abrindo um breve parêntesis no tópico, é importante nos atentarmos para essas celebrações incorporadas no calendário cívico do porfirismo. O 02 de abril, por exemplo, foi inserido como festa nacional oficialmente em 1892, quando Díaz disputava mais uma eleição presidencial. A comemoração da data trazia a importância de lembrar o peso que Díaz tinha para a história nacional, já que ele atuou por muitos anos no Exército. Para Campos Pérez, um dos objetivos de celebrar esses eventos era enfatizar os interesses nacionais de Díaz e enfraquecer a ideia de que ele governava por princípios egoístas ou personalistas. “A partir de esta fecha — y sobre todo durante los periodos electorales—, el mito de Díaz como «el héroe de la paz, de la libertad y del progreso» a causa de su actuación el 2 de abril de 1867 fue cargándose paulatinamente de peso simbólico, y la celebración de la efeméride, que durante un tiempo se usó con fines partidistas, acabó convirtiéndose en un evento de carácter oficial de gran relevancia.” (CAMPOS PÉREZ, 2016, p. 58).

Mesmo conformando-se uma ditadura ao longo dos anos, havia, no Executivo, a necessidade de manter o discurso liberal e republicano de tradição oitocentista, firmado principalmente com o Triunfo da República. A partir de 1867, o liberalismo passou a compor, no México, a definição de governo nacional. Como afirmou Charles Hale, o liberalismo se tornou o mito político unificador: “después de 1867, el liberalismo dejó de ser una ideología en lucha contra unas instituciones, una orden social y unos valores heredados, y se convirtió em un mito político unificador.” (HALE, 1991, p. 15). A menção à Constituição liberal de 1857 e a afirmação do respeito e separação dos três poderes do Estado estiveram presentes em todas as fontes analisadas⁶¹. Criava-se uma genealogia nacionalista: Hidalgo, Juárez e Díaz foram colocados em uma mesma estrutura linear⁶². Se o primeiro conquistara a independência do México e a soberania nacional, o segundo garantiu a face liberal da nação e Díaz, por sua vez, edificara o

⁶¹ Todas as respostas foram proferidas no mesmo dia em que o presidente discursava, segundo também estabelecido no artigo 63 da Constituição supracitada. Ainda que o Porfiriato tenha, ao longo dos anos, configurado-se como uma ditadura, marcado por eleições frágeis e fraudulentas, o destaque ao respeito à autonomia do Congresso e a atualização a cada semestre do pedido de apoio a esta instância é um elemento que não pode ser ignorado ou dado como indiscutível, uma vez que o Porfiriato se projetava, como afirmamos, como um governo liberal e republicano.

⁶² Arnaldo Moya também falou sobre isso: “De allí la vinculación conciente en los discursos cívicos y en las odas patrias entre Hidalgo, Juárez y Díaz. Tras la revolución de Independencia, los dos Imperios, la invasión norteamericana, la intervención francesa y el difícil parto de la República liberal el Porfiriato emergió como un parteaguas que dividía las evoluciones violentas de la evolución pacífica. Es este el tenor que guarda en su esencia la versión apologética del Porfiriato, cuyo principal expositor fue Justo Sierra, pues, en la ‘edad de oro’ del régimen, que situamos entre 1888 y 1902, se encargó de legitimarlo mediante una vasta obra.” (MOYA, 2007b, p. 87).

México moderno: pacífico e nas vias do progresso. Sobre o assunto, vejamos um discurso de José Maria Romero, presidente do Congresso em abril de 1894:

Señor presidente: En las pasadas épocas de lucha heroica habéis cooperado con vuestro valor y pericia al afianzamiento de nuestra autonomía, y la patria coronó vuestra frente con el laurel de la gloria. Cuando la paz quedó asegurada, el pueblo clamó con ansia por los beneficios que en las naciones cultas ha producido la grandiosa aplicación del vapor y la electricidad á la rápida comunicación, y por el bienestar y abundancia que constituyen la justa recompensa á la actividad humana; entonces, con fe en el porvenir, habéis contratado el establecimiento de ferrocarriles internacionales, abriendo así inmenso campo de inversión al capital extranjero y amplio horizonte al trabajo nacional. Esta resolución administrativa fue el principio de la evolución económica que colocó á nuestra patria en puesto honroso entre los pueblos civilizados, y de ella emanaron el desarrollo del comercio, de la agricultura e industria, y la cimentación de nuestro crédito: un himno al progreso resonó por todos los ámbitos de la República, y el pueblo aplaudió vuestra previsión de hombre de Estado.⁶³

Nesta citação, percebemos como a figura de Díaz e de seu regime foram destacadas como centrais, sendo o general o propulsor das mudanças no país. Romero destacou o protagonismo de Díaz tanto quando ele atuou no Exército nacional, durante o juarismo, quanto quando foi eleito presidente da República. Ou seja, o patriotismo do oaxaqueño já tinha profundas raízes no México, uma vez que sempre batalhou pela nação. Como primeiro magistrado, inicialmente se esforçou por assegurar a paz e, a partir dessa conquista, passou a incentivar os desenvolvimentos materiais em todo o território: o México se abria para o futuro. Sua genialidade era tanta que logo alçou o país ao posto honroso da civilização: o presidente tinha a previsão de um homem de Estado, conseguindo prognosticar o que seria necessário para o progresso da nação. Díaz foi representado como o estadista capaz de conduzir o país, construindo uma imagem coerente e homogênea deste. Como percebemos, qualquer desajuste nessa estrutura organizada deveria ser eliminado.

A imagem que Díaz criara de si, que garantia o sucesso do empreendimento oratório ao seu auditório, era a de um grande homem – um Homem-Capaz, para lembrar as definições de Thomas Carlyle –, regenerador da nação mexicana, construtor de um novo país, que conseguiu atingir a estabilidade interna, a modernização e o progresso⁶⁴.

⁶³ Contestación del Presidente del Congreso, C. José María Romero, abril de 1894, p. 423. María Romero foi engenheiro e senador pelo estado de Morelos. Por anos esteve envolvido com a questão da imigração asiática no México, principalmente a chinesa.

⁶⁴ Utilizaremos os trabalhos e ideias de T. Carlyle no Capítulo 2.

O arquétipo de herói nacional não foi uma exceção no século XIX, bem como não o foram os usos do passado para se legitimar (ou deslegitimar) questões políticas no presente. Muitos líderes foram representados a partir dessa moldura narrativa. Alguns exemplos franceses foram Napoleão e o diplomata Charles-Maurice de Talleyrand-Périgord. Também podemos citar Helmuth von Moltke, que participou do Exército da Prússia à época da Unificação Alemã e Benjamin Disraeli (conde de Beaconsfield a partir de 1879), reconhecido político britânico. É importante perceber que Napoleão e Talleyrand, bem como Von Moltke e Disraeli, foram homens do império, da força bélica. Sobre esse tipo de herói nacional, em cujo grupo Díaz estava inserido, falaremos no Capítulo 2 da tese.

A retórica da mudança e da renovação foi perene na fala presidencial. O general construiu sua imagem como a de um herói épico, predestinado a mudar a situação interna do país. Para Paolo Riguzzi, “Porfirio Díaz consolidó así, en los años ochenta, la imagen de “master builder” del commonwealth mexicano, destinada a perdurar hasta la revolución.”. (RIGUZZI, 1988, p. 138). Como a deusa Nêmesis, Díaz se tornava o homem justo que tinha a responsabilidade de restituir o equilíbrio diante de um excesso e, desta forma, possuía a legitimidade para punir os crimes cometidos contra o país; a figura central do presidente se tornava um diapasão da força coercitiva do Estado; frente a um inimigo (interno ou externo) a ordem sempre deveria ser reestabelecida por ele. Nessa estrutura nacional pacífica, afirmada pelo oaxaqueño, o primeiro magistrado deveria compensar qualquer descompasso que viesse a ocorrer⁶⁵.

2. A construção da imagem de Porfirio Díaz como o herói nacional

A construção da imagem do presidente também passou pelos usos do passado mencionados no tópico anterior. Para pensarmos o caso mexicano, valemo-nos das propostas de Raoul Girardet, que escreveu sobre a configuração histórica dos grandes homens. O autor explicou a mobilização do arquétipo de herói salvador para validar um governo da seguinte maneira: “é na manifestação do presente imediato – presente de decadência, de confusão ou de trevas – que ele [o personagem salvador] se afirma e se

⁶⁵ “NÊMESIS, em grego Νέμεσις (Nêmesis), do verbo νέμειν (némein), “distribuir”, donde Nêmesis é a “justiça distributiva”, daí a “indignação pela injustiça praticada, a punição divina”. A função essencial desta divindade é, pois, restabelecer o equilíbrio, quando a justiça deixa de ser equânime, em consequência da ύβρις (hýbris), de um “excesso”, de uma “insolência” praticada.” (BRANDÃO, 1997, p. 207).

define; com ele, graças a ele, o depois não será mais como o ‘antes’. (GIRARDET, 1987, p. 81). Para o autor, na “passagem de um estado de certeza a um estado de perturbação ou de angústia, de um estado de adesão a um estado de alienação, toda crise de legitimidade aparece, de fato, como inseparável de um traumatismo psíquico perceptível tanto a nível individual como a nível coletivo.” (GIRARDET, 1987, p. 89). Diante dessas duas explicações, inferimos que o oaxaqueño foi representado nos documentos, e principalmente nas respostas a seus discursos realizadas pelo presidente do Congresso, como a figura do herói salvador: visualizando o passado mexicano, o general era o personagem predestinado a mudar o presente e guiar o México a um futuro feliz. Acreditava-se que Díaz era o redentor do México. Vejamos o discurso de Priscilliano M. Díaz González, presidente da Câmara dos Deputados logo quando Díaz assumiu o poder, em 1877:

Acabáis de hacer una protesta solemne, la cual importa un compromiso con el Pueblo, una palabra de honor empeñada á la Patria, de que la haréis feliz, por la observancia de las instituciones, por la moralidad en vuestra administración y por el respeto á la conciencia pública.

El mismo compromiso han contraído otros hombres, la misma palabra han interpuesto, las mismas protestas han prestado, y por desgracia nada han cumplido. Han proclamado la Constitución y la Constitución se ha convertido en una medida elástica, que se acomoda á los designios de los que con ella encubren y excusan su arbitrariedad.

El pueblo os ha elegido, porque con el recuerdo amargo de tantos desengaños y en la natural y justa impaciencia por el bien, debía buscar al hombre que fuera el tipo de la caballerosidad, de la honradez y del patriotismo. Hace tiempo que ha comprendido que sois un sincero constitucionalista, un soldado pundonoroso y un patriota decidido; y que al protestar en un día como este, desempeñar leal y patrióticamente el cargo de Presidente de los Estados Unidos Mexicanos, conforme á la Ley Fundamental y mirando en todo por el bien y prosperidad de la Unión, no mentiríais ante la Patria y ante el mundo, porque esa protesta iba a ser la expresión fiel de vuestros sentimientos y el juicio recto de vuestra conciencia; y que así no encontraríais insuperables dificultades en vuestra administración, porque tendríais fe y energía para vencerlas.⁶⁶

Para Díaz González, Díaz tinha um compromisso com o “Povo” (escrito em maiúscula no documento para dar destaque): o de fazer a pátria “feliz”. Ele deveria respeitar as instituições e administrar com “moralidade” e “respeito” aos governados. De forma geral, se esperava que ele fosse um “bom governante”. Ademais, afirmou que os

⁶⁶ Contestación del Lic. D. Priscilliano M. Díaz González, presidente de la Cámara de Diputados, 5 de Mayo de 1877, pp. 19-20. Díaz González (1826-1894) foi jurista e teve ampla trajetória política no México, a favor dos liberais. Foi deputado no Congresso constituinte de 1856 e, após o Triunfo da República, atuou por anos como deputado federal.

presidentes anteriores se apoiaram em promessas não cumpridas e, cansado de problemas, o povo trazia na memória as dificuldades que o acoosara. Esse mesmo povo elegeu Díaz por não mais aguentar aquele distúrbio pretérito. O primeiro magistrado, que para Díaz González administrava o país com “honra” e “patriotismo”, tinha o dever de cultivar o bem e a prosperidade da nação, a partir do apoio que o povo o concedeu⁶⁷. Notemos que, no documento, a memória do passado era amarga, mas a projeção do futuro enchia o horizonte de esperança.

Acreditava-se que país necessitava dos pulsos firmes de Díaz. Para Tenorio Trillo, “cuando Díaz cometió el error de confundir su persona con el destino de la nación, la historiografía se transformó en una apología del hombre providencial y en una exaltación de la paz, la prosperidad y el progreso material.” (TENORIO TRILLO, 1998, p. 574.). O general tornou-se o símbolo da salvação e da regeneração nacional. Sua imagem sintetizava a mudança, ele representava o personagem símbolo que faria o México se transformar. Lembrando as reflexões de Girardet, “o velho mito do Salvador ressurgiu em nossa história, mito destinado, nesse caso, a um futuro bastante curto, mas, por um momento, suficientemente poderoso, suficientemente coerente, suficientemente atrativo também para fixar a atenção, reter a reflexão.” (GIRARDET, 1987, p. 63). Citamos um discurso de 1885 que corrobora com nossa hipótese:

Señor Presidente: Si atendemos a nuestros antecedentes históricos, y si especialmente consideramos las circunstancias difícilísimas en que el actual Ejecutivo ocupó el poder, veremos que hay razón para alentar buenas esperanzas. Hoy que las naciones más poderosas están trabajadas, las unas por plagas terribles, y las otras por amenazas de guerras espantosas o de tremendas conmociones sociales, no es desconsolador ver en nuestra República á un pueblo laborioso y que, con juicio, ha abandonado el camino de las inquietudes por el de la paz; y seguros de que el Ejecutivo no descuidará ninguno de los ramos de la administración, y contará con el apoyo leal y patriótico del Poder Legislativo, esperamos que con la marcha pausada de las naciones, para las cuales los años son días, sin impacencias ni precipitaciones, México llegue á la grandeza y prosperidad que para ella sonó, hoy hace apenas tres cuartos de siglo, el inmortal Hidalgo, al levantar el santo grito de la santa Independencia.⁶⁸

⁶⁷ A definição de honra é entendida como uma virtude. Sobre o assunto do ponto de vista teórico ver: BRAVO OLMEDO, Valentina. *La re-significación del honor durante la primera mitad del siglo XIX en Latinoamérica*. Cuadernos de Historia Cultural, Crítica y Reflexión, vol. 2, Viña del Mar, 2012, pp.7-11

⁶⁸ El General Díaz, al inaugurar el 12º Congreso el primer período del 2º año de sesiones, el 16 de septiembre de 1885, p. 192.

Segundo o presidente do Congresso, os antecedentes históricos não eram bons, mas sob o governo de Díaz o povo trocou os conflitos pela paz, abandonando o longo caminho de inquietudes sociais e políticas. Para o porfirismo, a democracia começava a se cristalizar nos costumes da população. Se fosse comparado o progresso da jovem nação, que tinha apenas 75 anos, e a condição de outras nações, ver-se-ia como o México progredia e conquistava a grandeza e a prosperidade tão sonhadas. Recorrentemente, o general era interpretado como o homem providencial que, assemelhando-se a um lutador, um combatente, escolheu, como missão de vida, “salvar sua nação”⁶⁹. Na narrativa, Díaz se situava na ruptura dos tempos: era o indivíduo que afastou o presente do passado mexicano e levou o país próximo ao futuro. O horizonte de expectativa se abria para aquela nação imersa em guerras civis. Díaz sintetizava os desejos de paz e apontava o destino coletivo para um futuro feliz⁷⁰.

Como afirmou Luis Pérez Verdía em 1897, “Señor Presidente: El fecundo y generoso suelo de México, regado en otros tiempos con tanta sangre, responde con exuberantes mieses la semilla que en él se deposita. La Representación Nacional acaba de ver confirmado por vuestro informe el estado próspero del país, y os ofrece todo su apoyo en la obra meritoria, que habéis emprendido, de regeneración.”⁷¹. Analisando o discurso, vemos que a metáfora de um campo de batalha foi resgatada: antes, o solo mexicano foi regado com sangue, terreno de disputas entre os liberais e os conservadores. Depois de 1876, Díaz plantara uma nova semente, que floresceu e enraizou a prosperidade nacional. Mas por que esta conotação da transformação foi tão forte e possuiu a adesão de segmentos sociais? Por se tratar de um conceito amplo – mudança –, ele conseguia abranger grandes setores populares e ter significado específico para todos eles. Se

⁶⁹ No caso de Díaz, em 1867 ele se retirou do Exército nacional (após combater em várias batalhas) e foi trabalhar em um sítio próximo à cidade de Oaxaca. Contudo, a partir de dezembro do mesmo ano, figurou como adversário de Benito Juárez ao cargo pela presidência da República. Neste ano, Juárez ganhou as eleições e governou o México até 1871, reelegendo-se. No segundo pleito, Díaz mais uma vez saíra candidato e novamente perdeu para Juárez. A partir deste momento, o general passou a criticar a perpetuação do zapoteca no poder. Esse episódio da vida de Díaz foi amplamente explorado nas produções porfiristas.

⁷⁰ “Personagens símbolos, através de um e de outro exprime-se uma visão coerente e completa do destino coletivo. Em torno deles cristalizam-se poderosos impulsos de emoção, de espera, de esperança e de adesão.” (GIRARDET, 1987, p. 70).

⁷¹ Contestación del C. Presidente del Congreso, Lic. Luis Pérez Verdía, abril de 1897, p. 506. Pérez Verdía (1857-1914) nasceu em Guadalajara e foi historiador por formação. Atuou como deputado federal por vários anos durante o Porfiriato e também foi Diretor de Instrução no estado de Jalisco.

observarmos as biografias de Díaz, alguns ensaios políticos e os discursos ao Congresso, o presidente enquadrava-se no arquétipo girardetiano de *Cincinnatus*:

A imagem legendária é, de qualquer modo, a de um velho homem, que se tornou ilustre em outros tempos nos trabalhos da paz ou da guerra. Exerceu com honra altos cargos, grandes comandos, depois escolheu um retiro modesto, longe dos tumultos da vida pública. Interrompendo uma velhice tranquila e respeitada (...), a angústia de todo um povo bruscamente confrontado com a desgraça o chama ou o traz de volta à frente do Estado. Tendo “feito doação de sua pessoa” à pátria, provisoriamente investido de um poder supremo de essência monárquica, sua tarefa é apaziguar, proteger, restaurar. (GIRARDET, 1987, p. 74).

Nosso objetivo não é afirmar que se trata aqui do verdadeiro ou do falso presidente, mas como essas construções e interpretações arquitetaram uma representação de Díaz que legitimava, validava, autorizava seu governo. Além de *Cincinnatus*, Díaz também harmonizava na figura do salvador Moisés – utilizada para caracterizar muitos heróis mexicanos –, o arquétipo do profeta/libertador: via o que os indivíduos ainda não conseguiam enxergar e os guiava para o futuro. Além disto, um dos pilares de sustentação das medidas governamentais foi o povo. Este deveria apoiar o governo. Nos documentos, Díaz era visto como um representante ou aliado do povo. O presidente deveria realizar as esperanças dos mexicanos, mas nunca governar com ele. Para Garner, “este enlace umbilical entre Porfirio Díaz y el destino de México sería explotado por el régimen para crear, en la conciencia popular, una relación entre Díaz, la consumación de independencia y la soberanía nacionales.” (GARNER, 2003, p. 32). O governo arquitetava, dessa maneira, uma genealogia liberal. Começava por Hidalgo, passava por Juárez e chegava a Díaz. O que vimos, portanto, foi a cristalização de uma ideia de Díaz, por parte do discurso oficial, como o salvador: ele se tornou a baliza do presente e do futuro⁷². Observemos, por exemplo, o tom laudatório de Manuel Flores, em 1902: “Nadie podrá, señor Presidente, disputaros la gloria de haber sido el personificador de la más sana, de la más adecuada á nuestras circunstancias, de la más firme de las políticas, como nadie podrá arrebatár al pueblo ni á la Representación Nacional la honra que les resulta de haber sabido comprenderla y de haber querido identificarse con ella.”⁷³.

⁷² Sobre o assunto, é importante consultar VÁZQUEZ, María del Carmen. “Las reliquias y sus héroes”. In: *Mantecón*. Estudios de historia moderna y contemporánea de México/ISSN 0185-2620, n. 30, jul.-dez. 2005. No artigo, a autora explicou sobre as políticas relacionadas aos restos mortais dos heróis da independência.

⁷³ Contestación del C. Presidente del Congreso, Dr. D. Manuel Flores, leída por el Vicepresidente del mismo Cuerpo, C. Aurelio Valdivieso, abril de 1902, p. 637. Manuel Flores (1853-1926) nasceu em Guanajuato

Se Díaz foi descrito como o modelo de herói nacional e o presente mexicano visto como um momento de paz, progresso e ordem; o contra modelo também estava em personagens históricos específicos: Santa Anna e Maximiliano; estes foram representados como traidores da nação, os anti-heróis. Sob esta atmosfera, fortalecia-se a ideia de que a nação necessitava de um grande homem, que conduzisse e salvasse o país. A necessidade do fortalecimento da soberania nacional, os acontecimentos na América Central (o projeto intervencionista americano a partir de 1890) e o passado mexicano foram instrumentos para legitimar o Porfiriato e seus projetos frente ao Congresso Nacional. Tais elementos funcionaram como estratégias narrativas em favor da conquista de apoio por parte do governo. Criava-se uma lógica de causalidade entre os períodos temporais, seguindo uma orientação declinante; e esta orientação era quebrada com o porfirismo.

2.1. O conceito de “povo” no oitocentos

É importante dissertarmos, mesmo que rapidamente, sobre a concepção de “povo” no oitocentos e, especificamente, no porfirismo. Como afirmou Luísa Rauter Pereira: “esteio do mundo moderno, o conceito de povo esteve no centro de suas grandes invenções políticas, a cidadania, a democracia e a nacionalidade, sendo, portanto, de uso abundante e plural, tanto na linguagem cotidiana, quanto nos meios científicos e intelectuais.” (PEREIRA, 2011, p. 01). Ao analisar o conceito na França e na Espanha do século XIX, Juan Francisco Fuentes explicou que, a partir das revoluções liberais, principalmente pós-Revolução Francesa, o povo ganhou protagonismo e se tornou um elemento importante do discurso político da época. Ele, sempre mencionado no singular, foi convertido em fonte de legitimidade das revoluções. Esta discussão também pode iluminar nosso enfoque, pois, nos discursos de Díaz, o povo ganhou destaque importante, adquirindo um status de agente político que deveria apoiar as ações presidenciais. Ao mesmo tempo em que ele obteve essa condição destacada, precisava ser guiado, conduzido e sempre reprimir seus sentimentos de impaciência. Para Eugenia Roldán Vera, a imprensa mexicana, à época, desenvolveu uma política de, por meio de uma ação pedagógica, tentar retirar o espírito turbulento e desobediente do povo, fazendo-o

e foi médico e pedagogo na Cidade do México durante parte de sua vida, trabalhando no Hospital Militar. A partir de 1892, atuou como deputado federal por muitos anos.

respeitar o governo e as leis (ROLDÁN VERA, 2007, pp. 286-287). Citamos outro trecho de Priscilliano M. Díaz González, presidente da Câmara dos Deputados em 1877, que elucida essa ideia:

(...) [Díaz] deseáis también la cooperación del pueblo: porque en un sistema democrático se debe gobernar con el pueblo y para el pueblo. Este os estima, ciudadano Presidente; tiene fe en vuestra conciencia honrada; yo espero que os secundará dándoos prestigio, obedeciendo las leyes y respetando á las autoridades. Nuestro pueblo es moralizado y sensato; sólo se pone en peligro de desmoralizar-se y se desmoraliza de hecho, cuando los gobiernos son los primeros en desobedecer las leyes y en llevar la prostitución á los elementos del orden político y social. La impaciencia por el bien, consecuencia natural de tantas desgracias y de tantos desengaños como ha sufrido el pueblo mexicano, se reprimirá, así lo espero, con los primeros actos de vuestra nueva administración y con el completo restablecimiento del orden constitucional.⁷⁴

No trecho destacado, Díaz deveria desejar a cooperação do povo, governando com ele e para ele⁷⁵. Para Díaz González, a população não era desmoralizada em sua essência, mas a conduta variava de acordo com os governos – novamente percebemos a ideia de passado caótico, que degenerou até mesmo a sociedade. Toda a população tinha fé na prudência do presidente e Díaz González esperava que o sentimento de impaciência fosse reprimido. O conceito “povo” foi importante para os polígrafos do século XIX, aparecendo em muitas das produções. A ideia de massa, multidão, a ser guiada e educada por grupos ou intelectuais, tinha destaque também em outras nações, tornando-se um fenômeno da época, proveniente do evolucionismo.

Ao analisar, por exemplo, o caso do Uruguai em 1900, principalmente a partir da obra *Ariel*, Antonio Mitre afirmou que José Rodó se aproximou de uma vertente aristocrática que refletia sobre a ampla participação do povo no governo e as consequências desse fenômeno⁷⁶. A referida vertente na Europa tinha expoentes como Ernest Renan, Soren Kierkegaard, Friedrich Nietzsche, Gustave Le Bon e Ortega y Gasset. Havia o receio de uma barbarização da sociedade feita por uma massa anômica e, portanto, insistia-se na necessidade do povo ser educado. Rodó, mesmo defendendo o sistema democrático, tinha medo de que se desenvolvesse no país uma tirania das

⁷⁴ Contestación del Lic. D. Priscilliano M. Díaz González, presidente de la Cámara de Diputados, 5 de Mayo de 1877, p. 21.

⁷⁵ Lembrando que González Díaz foi o único presidente a afirmar que Díaz deveria governar com o povo e para o povo. Em todos os outros documentos essa capacidade de ação do povo na política não apareceu.

⁷⁶ Lembrando que o Uruguai sofreu um movimento migratório entre 1860 e 1900.

multidões. Como saída a este dilema, propôs o desenvolvimento de uma aristocracia consentida. Para Mitre, “não há, pois, dúvida de que o que deveria interessar aos povos latino-americanos, preocupados com a preservação de sua soberania, é, precisamente, a expansão e fortalecimento do sistema democrático, evitando, isso sim, os ‘excessos’ que poderiam advir do rápido crescimento das massas urbanas e da frágil constituição das elites locais.” (MITRE, 2003, p. 114). Para pensarmos o caso mexicano, destacamos um trecho do discurso do presidente do congresso, D. Justino Fernández (1889), sobre a educação – um legado, como sabemos, do liberalismo e do positivismo:

Grande es el interés que en el adelanto y perfeccionamiento de la enseñanza habéis manifestado tener. Nada más natural en un Gobierno ilustrado y sinceramente demócrata, que procurar difundir á toda costa y con el más solícito empeño, la instrucción primaria en las masas de la población, sin perjuicio de atender á la secundaria y profesional. Entre las funciones del Estado moderno, cualquiera que sea la forma de su gobierno, es considerada como principal la de dar instrucción á todos sus habitantes especialmente á los que por estar en la primera época de la vida tienen más facilidad y mejores medios de adquirirla. La instrucción ha sido considerada siempre como un medio eficaz y poderoso de civilización y de moralidad, y también como el más valioso y fecundo legado que se puede dejar á las generaciones futuras.⁷⁷

Afirmava-se que o povo mexicano deveria ser educado desde, e principalmente, as idades iniciais. Buscava-se difundir o ensino público, atitude de um governo que se pretendia ilustrado e democrático. A instrução era vista como um dos únicos meios para que os indivíduos adquirissem moralidade e civilização. Além disto, como será discutido no tópico 4, a educação indígena também foi uma medida importante para moralizar os grupos, civilizá-los e os submeter aos preceitos do Estado nacional. Acreditava-se que seu espírito turbulento desacelerava a marcha para o futuro e que era preciso inserí-los no projeto de nação. Qualquer dissenso que ameaçasse o presente e o futuro do México deveria ser rapidamente contido.

Por conseguinte, também podemos citar o caso argentino de meados do século XIX: Esteban Echeverría e sua preocupação com a formação da nação. O autor defendeu uma independência com tendências democráticas, entretanto, não nutriu grandes simpatias pelos setores populares. As massas eram vistas como insensatas e deveriam ser

⁷⁷ Respuesta del Presidente del Congreso, Lic. D. Justino Fernández, abril de 1889, p. 288. Justino Fernández (1828-1911) também integrou o Congresso constituinte de 1856 e foi governador de Hidalgo durante a presidência de Lerdo. Liberal moderado, durante o porfirisismo atuou como deputado federal, foi diretor da Escola Nacional de Jurisprudência e secretário de Justiça e Instrução Pública.

educadas por “grupos esclarecidos”. Como escreveu Bernardo Ricupero, ao analisar as obras do escritor como, por exemplo, *El Matadero* e *Dogma socialista*: “um dos principais erros dos *unitarios* teria sido precisamente o de estabelecer o sufrágio universal. Até porque ‘as massas só possuem instintos; são mais sensíveis que racionais; querem o bem, mas não sabem onde se encontra; desejam ser livres, mas não conhecem o caminho da liberdade.’” [trecho retirado de *Dogma socialista y otras páginas políticas*]. Incapaz de identificar seus verdadeiros interesses, acreditava que a multidão seria facilmente conquistada pela demagogia de “inescrupulosos caudilhos”. Ou, mais precisamente, os semibárbaros setores populares teriam se convertido na principal base social do rosismo. (RICUPERO, 2007, p. 226). Echeverría também possuía influências europeias para suas ideias, principalmente de franceses como Victor Hugo, Felicité Lamennais, François Guizot, Adolphe Thiers e de italianos como Jean-Lois Lerminier, Pierre Leroux e Saint-Beuve⁷⁸.

Voltando ao México, aos olhos do porfirismo, o México estava salvo. Muitos dos que apoiavam o governo, acreditavam que o povo estava passando por uma evolução social. A paz nacional fincara firmes raízes em solo pátrio e, para estar livre da violência e da incerteza que caracterizaram os governos anteriores, o povo deveria colaborar com as medidas políticas de Díaz. Como afirmou o presidente em 1887, “continúa libre y desembarazada la marcha de nuestras instituciones, a las que el pueblo mexicano demuestra cada día mayor apego, prestando al Gobierno su concurso eficaz para el sostenimiento de la Libertad y de la Reforma, que son ya la firme base de nuestro modo de ser político.”⁷⁹.

O conceito de “povo” adquiriu um sentido liberal e significava um conjunto de mexicanos, principalmente pertencentes à elite. O povo deveria aprovar as ações de Díaz para o bem da nação. É importante perceber que a capacidade de movimentar o presente não estava no povo, mas no presidente. O herói era Díaz. É importante destacar que povo não era sinônimo de cidadão: segmentos sociais e étnicos, como o dos indígenas, ficaram

⁷⁸ Para uma análise da obra *El Matadero* de E. Echeverría ver: FREITAS NETO, José Alves de. “A formação da nação e o vazio na narrativa argentina: ficção e civilização no século XIX”. In: *Esboços*, v. 15, n. 20, 2008, pp. 189-204. Sobre o assunto ver: MITRE, Antonio. *O dilema do centauro: ensaios de teoria da história e pensamento latino-americano*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003 e RICUPERO, Bernardo. *As nações do romantismo argentino*. In: MÁDER, Maria Elisa; PAMPLONA, Marco A.. “Revoluções de independências e nacionalismos nas Américas: região do Prata e do Chile”. Vol. 1. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

⁷⁹ El General Díaz en la apertura del primer período del segundo año de sesiones del 13º Congreso de la Unión, el 16 de septiembre de 1887, p. 237.

marginalizados de grande parte dessas políticas nacionais. Os índios da segunda metade do século XIX e início do XX sintetizavam o passado nesse presente que deveria ser isento de problemas. O que fazer com os vários grupos étnicos que se tornavam um entrave à aceleração do país rumo ao futuro? Sobre este item falaremos no último tópico. Também percebemos nos discursos dos presidentes do Congresso em 1888 e 1889, Alfredo Chavero e Pedro Rincón Gallardo, a afirmação de que o México não tinha conturbações: tudo caminhava bem rumo ao futuro idealizado. E o povo deveria aceitar as decisões políticas para manter a boa condição nacional. Citamos o trecho das duas fontes:

[Alfredo Chavero, 1888]: Sin duda han sido también elementos importantísimos para tan alto crédito, la paz de que han doce años gozamos, y la forma constitucional en que vivimos. Lo primero nos manifiesta que la paz es el más inapreciable de los bienes, y que por ella debemos hacer toda clase de sacrificios. Lo segundo nos presenta como un país organizado, como una entidad moral responsable y respetable; y debe aumentar en nosotros cada vez más el amor á nuestra Constitución, código sagrado que encierra todas las ideas de libertad y de reforma que constituyen la civilización moderna, bandera gloriosa bajo cuyos pliegues caben todos los mexicanos amantes de su patria.⁸⁰

[Pedro Rincón Gallardo, 1889]: Y es que de día en día la paz pública, el orden y la tranquilidad aumentan la confianza, prestigian al Gobierno y afianzan más las instituciones que nos rigen, y el progreso se traduce en hechos tangibles, y la libertad en manifestaciones pacíficas de la actividad y el trabajo.⁸¹

A partir das citações acima, podemos reiterar a centralidade que a paz adquiriu nos discursos. Para sua manutenção, o povo deveria “fazer toda classe de sacrificios”, colaborar e acreditar nas políticas governamentais. Além disto, o respeito aos elementos constitucionais também foi novamente destacado. Sob o manto da Constituição, o México se apresentava organizado, moralizado e respeitado. O governo promovia a importância de se estender os valores morais entre os indivíduos. A sociedade não poderia ser degenerada, isto travaria o desenvolvimento nacional e o processo de civilização⁸². O

⁸⁰Respuesta del Presidente del Congreso, Lic. D. Alfredo Chavero, abril de 1888, p. 260. Chavero (1841-1906) é conhecido por ter escrito o volume I, “Historia Antigua y de la Conquista”, de *México a través de los siglos*, organizado por Vicente Riva Palacio. Liberal, após a República Restaurada dirigiu o periódico *El Siglo XIX* e, durante o Porfiriato, ocupou vários cargos como, por exemplo, oficial do Ministério de Relações, governador do Distrito Federal e deputado pelo estado de Guerrero.

⁸¹ Respuesta del Presidente del Congreso, D. Pedro Rincón Gallardo, septiembre de 1889, p. 302. Rincón Gallardo Rosso (1825-1909) atuou na carreira militar como general e, durante o porfiriato, foi deputado federal por Aguascalientes, Distrito Federal e Jalisco. Também foi senador por San Luís Potosí e terminou sua carreira como ministro plenipotenciário na Rússia e, posteriormente, na Alemanha.

⁸² Sobre o assunto ver: BRISEÑO SENOSAIN, Lillian. “La moral en acción. Teoría y práctica durante el porfiriato”. In: *Historia Mexicana*, vol. LV, núm. 2, out.-dez. 2005, pp. 419 - 460.

oaxaqueño foi legitimado nos discursos e nas respostas dos presidentes do Congresso como o único governante capaz de promover tais mudanças. Joaquín D. Casasús afirmou em 1895: “Esa obra es vuestra; y si sobre vuestros hombros ha pesado y pesará la responsabilidad que impone la dirección de los destinos de un Pueblo, vuestra es la gloria que sin contradicción os ofrece el presente, y vuestra también la que, tras maduro examen, conceda el porvenir.”⁸³. Para o presidente do Congresso, o general era o responsável por toda a obra por que passava o país. Ele guiava os destinos de um povo: todos os benefícios no presente foram conquistados por Díaz, assim como o porvir, sob sua presidência, seria glorioso. O general era a baliza do tempo. Para Riguzzi, “la cultura dominante y la hagiografía oficial relacionaba indisolublemente el progreso nacional con el presidente, padre y tutor, que adquiriría así las connotaciones demiúrgicas de insustituible.” (RIGUZZI, 1988, p. 138).

3. O triunfo do Porfiriato: os progressos materiais

Vimos, no início, como a legitimidade do governo de Díaz foi construída. Uma lógica temporal específica que dimensionava os eventos caóticos do passado foi resgatada e, em comparação, mostrava um presente em ordem e pacífico. Através da Revolução de Tuxtepec se chegou à paz, fundamento para a modernização e o progresso do país. Depois, discutimos quem foi representado como o personagem histórico que realizou toda a transformação mexicana: Díaz, e não o povo, era interpretado como o herói nacional. Foi interpretado como o indivíduo que se empenhava em colocar o México nas vias do progresso. O povo deveria fundamentar e aceitar suas ações políticas, o que acarretaria na diminuição do nacional espírito turbulento. O terceiro eixo de análise desse capítulo discute o discurso de triunfo do Porfiriato: se toda a mudança nacional foi tão mencionada nos discursos presidenciais, ela precisava aparecer, ser mostrada e atestada ao Congresso. Era preciso mostrar os resultados conquistados, atestá-los ao mundo. Os bens materiais serviriam para validar as propostas e afirmações de Díaz. No sentido metafórico, elas deveriam gritar, bradar, o progresso adquirido. Como afirmamos na introdução,

⁸³ Contestación del C. Presidente del Congreso, Lic. Joaquín D. Casasús, septiembre de 1895, p. 459. Casasús (1858-1916) foi economista, advogado e, durante o Porfiriato, atuou em muitas comissões científicas promovidas pelo governo. Também foi um personagem importante que se atentou para as instituições de Crédito no país. Esteve envolvido na questão do Chamizal como presidente da “Comisión de Arbitraje de El Chamizal”, problema fronteiriço entre México e Estados Unidos. Foi deputado e presidente do Congresso em 1902.

entendemos como “bens materiais” as construções porfiristas realizadas no México e que deveriam atestar o progresso nacional. A composição visual do país deveria transmitir como a nação se tornara culta, civilizada e digna de ser conhecida nestas condições. Como afirmou Arnaldo Moya (2007a), a modernidade política também passava pela arquitetura e pela composição visual.

Analisando os discursos de Porfirio Díaz, percebemos que um dos grandes objetivos do governo foi desenvolver os bens materiais no país: as penitenciárias, o Desagüe del Valle, o Palácio de Lecumberri, os milhares de quilômetros de estrada de ferro e do telégrafo deveriam atestar a modernização nacional. É perceptível a ênfase do presidente na necessidade de mostrar tais modernizações aos outros países, tanto do continente americano, quanto do europeu – *las potencias civilizadas* ou “amigas”, como Díaz recorrentemente as intitulou. A imagem de um país moderno e progressista deveria assemelhar-se a de outros países. O cenário visual deveria conectar o México com o mundo. Para o presidente, em seu último ano do primeiro mandato: “han continuado desarrollándose, en diferentes puntos de la República, las mejoras materiales, *haciéndose sentir su influencia civilizadora en las diversas regiones en que se han establecido.*”⁸⁴.

Um dos pilares do governo foi o desenvolvimento dos bens materiais, uma vez que este se relacionava com o discurso da civilização, do progresso e da cultura. Quanto mais se desenvolvesse estas melhoras, o processo civilizatório chegaria às diversas regiões e o México, mais que depressa, seria impulsionado para o futuro. Os progressos nacionais eram tão importantes que faziam sentir, ou seja, produziam a sensação no plano material, do que era ser civilizado. O Desagüe del Valle e a construção de penitenciárias nas capitais e, principalmente, na Cidade do México, tornaram-se símbolos dessa sofisticação que o porfirismo almejou consolidar, já que se destacavam como obras de higiene social e segurança pública, importantes temas no oitocentos⁸⁵. Falaremos mais

⁸⁴ El General D. Porfirio Díaz, al abrir el Congreso el segundo período del primer año de sus sesiones, el primer de abril de 1880, p. 66 - grifo nosso.

⁸⁵ Citamos um trecho do discurso de abril de 1887, que explica a importância do Desagüe e menciona a construção da penitenciária da capital: “La Junta Directiva del Desagüe, con la correspondiente autorización, ha sacado á remate esa obra, á fin de que con el capital necesario se logre terminarla en el menor tiempo posible. Entretanto los recursos con que por hoy se cuenta, se emplean de una manera provechosa, y los trabajos avanzan constantemente. Así lo acreditan los informes periódicos que rinde la Junta, por los cuales se ve que hay ya concluido un número considerable de lumbreras, que el túnel está ya muy adelantado, y se ha construido un ferrocarril que, uniéndose á las principales vías férreas, facilita mucho la conducción de materiales, e imprime actividad á los labores.

sobre higiene e segurança pública no Capítulo 2, quando explicarmos a ideia do triunfo porfirista. Embora tais assuntos fossem justificados com o objetivo de uma melhora comercial no interior do território (o que também é aspecto relevante), através deles podemos perceber a ideia oficial de nação moderna que se pretendia criar⁸⁶. Como afirmou Carlos Saavedra, presidente do Congresso em 1909, o desenvolvimento nacional, seguido do reconhecimento internacional, era satisfatório e importante: a nação buscava firmar a ideia de ter se tornado um país culto e digno: “Es á no dudar satisfactorio que las relaciones de México con los gobiernos extranjeros aumenten y arraiguen; ello revela el reconocimiento universal de que México es un país culto y digno de la más elevada consideración.”⁸⁷. É importante ressaltar que, por mais que o governo reiterasse sua soberania nacional, a preocupação com a aceitação internacional sempre foi latente. Esse fenômeno não foi exclusivo do México. Ao lembrarmos os trabalhos de David Armitage, principalmente em seu livro sobre a Declaração de Independência dos Estados Unidos, ele afirmou que havia uma interdependência entre os países no século XIX⁸⁸. A todo momento as novas nações buscavam se destacar para fazer parte do cenário exterior, universal. A questão se referia a forma de se vincular com as potências: não deveria mais ser por subordinação, mas como países autônomos que, em conjunto, iriam compor o cenário mundial. Eles deveriam se situar lado a lado e não mais em uma estrutura de exploração. Por essa razão, configurou-se um quadro de interdependência. Mesmo com a independência dos países, eles não se pretendiam isolacionistas.

Ao analisarmos comparativamente os discursos, percebemos que o espaço ocupado nos documentos e a descrição sobre o desenvolvimento dos bens materiais cresceu consideravelmente. Porfirio Díaz passou a falar desde o aumento, em número de quilômetros, das estradas de ferro, rodovias, obras portuárias, até mesmo às questões de salubridade pública. Em pronunciamento do ano de 1896, afirmou: “El desagüe del Valle

La construcción de la Penitenciaría en esta capital progresa incesantemente, impulsándola el Gobierno por todos los medios de que pueda disponer.”. Em: El General Díaz al abrirse el segundo período del primer año de sesiones del Congreso de la Unión, el 1º de abril de 1887, p. 223.

⁸⁶ Para Arnaldo Moya, “Al surgimiento de una historia nacional y de un discurso integrador y abarcador de la nación de fines del siglo XIX le corresponde, en los dos últimos lustros del Porfiriato, un discurso arquitectónico —apegado a una pedagogía cívica— de carácter nacional e interesado en transformar a la ciudad de México en una urbe moderna que se mostrara al mundo.” (MOYA, 2007a, p. 171). O autor tem grande produção sobre a Arquitetura durante o Porfiriato.

⁸⁷Contestación del Dip. Lic. Carlos M. Saavedra, Presidente del Congreso, abril de 1909, p. 826. Saavedra foi deputado porfirista pelo estado de Tabasco.

⁸⁸ David Armitage fez uma análise da Declaração de Independência dos Estados Unidos a partir de uma visão menos nacionalista e mais global. Sobre o assunto ver: ARMITAGE, David. *Declaração de Independência: uma história global*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

de México, una vez realizado, resolverá el problema de saneamiento de esta capital, proporcionando un desnivel de cinco metros setenta y cinco centímetros en la garita de San Lázaro, para la salida de las aguas”⁸⁹. Além de mencionar o Desagüe, remeteu-se também ao Manicômio central: “elegido en el lugar del Distrito Federal que se juzgó más adecuado el terreno para el Manicomio general, están a punto de emprenderse los trabajos de obra tan importante.”⁹⁰. Para o presidente, o México alcançara uma cultura tão desenvolvida que a capital não poderia deixar de ter uma penitenciária:

Después de un detenido estudio, se ha fijado ya el lugar que pareció más á propósito por sus condiciones, en los alrededores de esta capital, para que desde luego se principie en él la construcción de la Penitenciaría del Distrito; obra en la cual él Ejecutivo tiene el mayor interés, para satisfacer una apremiante exigencia de la cultura que ha alcanzado México. (DÍAZ, abril 1885, p. 172)⁹¹.

Estas obras foram recorrentemente mencionadas e todas elas deveriam mostrar, ao Congresso e ao mundo, o grau de cultura alcançado pelo México. Para o governo, o desenvolvimento nacional era tão grande que o reconhecimento da jovem nação no mapa dos países civilizados seria significativo e justo⁹². María Eugenia Ponce afirmou que o porfirismo desejava mostrar ao mundo a nova condição da nação, moderna e culta⁹³. Novamente lembramos da questão colocada por Armitage sobre a ideia de interdependência. Diante desse fenômeno de época, Díaz investia em erigir monumentos civis, construções arquitetônicas, obras materiais etc., a fim de comprovar a tão afirmada e reiterada modernidade nacional. Com tais progressos, o México se enchia de futuro e esse campo de expectativa se alargava. Se, no âmbito discursivo, a nação deveria ser integrada, homogênea e mestiça e a sociedade pacífica e em ordem; o progresso e a

⁸⁹ El General Díaz, el 1º de Abril de 1896, al abrir el 17º Congreso de la Unión, el segundo período del segundo año de sus sesiones, p. 470.

⁹⁰ El General Díaz, el 1º de Abril de 1897, al abrir el 18º Congreso el segundo período del primer año de sus sesiones, p. 493.

⁹¹ Em 1886 continuou o assunto: “El Ejecutivo, persuadido de la necesidad de dotar al Distrito con una buena Penitenciaría, consagra á la obra especiales esfuerzos, y procura que continúen los trabajos de su construcción con la mayor actividad, proponiéndose no abandonarlos ni un momento, hasta que se vea realizada esa trascendental mejora.” El General Díaz, al abrir el 12º Congreso el último período de sus sesiones, el primer de abril de 1886, p. 196.

⁹² Citamos outro exemplo: “Están ya concluidos los planos del Hospital General, y muy pronto comenzará su construcción, dándose forma á una mejora que tanto ha ocupado la atención del Gobierno, y que reclaman urgentemente los progresos de la ciencia y el estado de cultura en que se encuentra la Capital de la República.” Em: El General Díaz, al inaugurar el 15º Congreso el primer período del primer año de sus sesiones, el 16 de Septiembre de 1890, p. 324.

⁹³ A autora tem um livro sobre as festas cívicas durante o centenário da Independência mexicana: PONCE ALCOCER, María Eugénia. *Las fiestas del Centenario de la Independencia a través de la correspondencia de Porfirio Díaz*. Cidade do México, Iberoamericana, 2009.

modernidade fechariam o sucesso conquistado pelo Porfiriato: a lógica do tempo nacional triunfaria. Diante desses acontecimentos, poder-se-ia afirmar realmente que o presente se configurava como um novo momento: não havia mais conflitos, o México estava regenerado. Ser moderno significava romper com os grilhões do passado e do atraso nacional. Díaz pretendia impulsar o país ao lugar em que estavam as consideradas grandes nações, cultas e destacadas na marcha civilizacional. A modernidade mexicana deveria aparecer em todos os lugares: na política – que deveria ter um governo republicano, democrático e liberal –, no povo – condensado na figura racial do mestiço –, na composição visual – cidades belas, higiênicas e com construções inovadoras, entre outros aspectos.

Se pensarmos a Cidade do México durante o Porfiriato, havia o desejo de transformar a capital em uma das cidades mais saudáveis da América (AGOSTINI, 2000, p. 13)⁹⁴. Em 1892, por exemplo, o general discursou sobre a preocupação com o saneamento da capital. Disse, “publicado oportunamente el decreto prorrogando el plazo señalado en el artículo cuarto transitorio del Código Sanitario, sobre desagüe de las casas, se ha expedido ya el reglamento respectivo, cuya observancia contribuirá sin duda al saneamiento de la ciudad.”⁹⁵. As modernizações passavam pela saúde pública e era um aspecto importante que o governo e a administração de Díaz queriam promover⁹⁶. Como escreveu Agostini, “fomentar la producción, el comercio nacional e internacional, garantizar la salud y la prosperidad de la nación, y plasmar en los espacios públicos y

⁹⁴ A higiene urbana era entendida como higiene social e o assunto foi amplamente discutido. Sobre os temas mencionados ver: AGOSTINI, Claudia. “Las mensajeras de la salud. Enfermeras visitadoras en la ciudad de México durante la década de los 1920. *Estudios de Historia Moderna y Contemporánea de México*, México, no 33, jan.-jun. 2007, 32 p.; NÚÑEZ, Fernanda. *La prostitución y su represión en la ciudad de México (siglo XIX), prácticas y representaciones*. México: Gedisa, 2002, 219p.; AGOSTONI, Claudia, *Curar, sanar y educar: Enfermedad y sociedad en México, siglos xix y xx*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Históricas/Benemérita universidad autónoma de puebla, 2008; ESTRADA URROZ, Rosalinda. “¿Público o privado? El control de las enfermedades venéreas del Porfiriato a la Revolución”. In: *Estudios de historia moderna y contemporánea de México*, n. 33, jan.-jun. 2007.

⁹⁵ El General Díaz, al abrir el 15º Congreso el último período de sus sesiones, el 1º de Abril de 1892, p. 357.

⁹⁶ Sobre a importância da higiene pública, o governo se preocupava em montar comissões para visitar o exterior e pesquisar novidades sobre o assunto: “En comisión de las Secretarías de Gobernación y Fomento, marchó a Europa uno de los vocales del Consejo de Salubridad, para representar a nuestro país en el Congreso Químico, y estudiar, á la vez, diversos asuntos relativos al establecimiento de laboratorios y á la higiene pública.” Em: El General Díaz, al abrir el 14º Congreso el primer periodo del segundo año de sus sesiones, el 16 de septiembre de 1889, p. 293. Para Paolo Riguzzi, “la producción editorial de la Secretaría de Fomento incluía tratados técnicos, agrícolas y comerciales, también vehículos para el elogio y la celebración de las riquezas mexicanas y de la obra de Díaz que permitía su más amplio aprovechamiento.” (RIGUZZI, 1998, p. 143).

privados una imagen de orden, limpieza y modernidad fueron una constante durante el gobierno de Porfirio Díaz.” (AGOSTINI, 2000, p. 14). É interessante que a autora utilizou o termo “plasmarse”: todas as transformações deveriam ser visíveis. Quem visitasse a capital deveria experimentar a ordem do local, bem como a limpeza e modernidade. Em discurso de 1885, o presidente chamou a atenção para o serviço urbano:

Proximamente quedará establecido en esta Capital el servicio urbano, en una forma análoga á la que tiene en las ciudades más importantes de los Estados Unidos y Europa. En general, puedo asegurar al Congreso que ramo tan interesante como el de Correos, es y será objeto de la preferente solicitud del Ejecutivo, quien procurará ponerlo á la altura que guarda en todos los pueblos cultos.⁹⁷

O modelo de serviço urbano deveria seguir o modelo norte americano e o europeu, reconhecidos à época como dois grandes centros difusores de civilização e cultura. O desenvolvimento dos Correios na capital deveria ser inspirado nestes dois grandes exemplos, colocando a nação “à altura dos povos cultos”. Logo, os projetos liberais de Díaz passavam pela imagem da nação que se pretendia criar: moderna, civilizada e industrializada, ou seja, prenhe de futuro⁹⁸. Como afirmou Tenorio Trillo: “la periodización siempre es un arma de nuestra imaginación, pero se hemos de señalar los orígenes del México moderno, el Porfiriato (1877-1911) constituye el primer periodo de relativa paz social, estabilidad política y dinámico desarrollo económico desde el fin de la guerra de independencia en 1821. En estos años se arraiga la noción de nación moderna.” (TENORIO TRILLO, 1998, p. 10).

Outro foco a ser destacado, que foi uma preocupação do Porfiriato, é: se o país se pretendia moderno e civilizado, a capital foi o lugar, por excelência, deste projeto governamental. Desenvolvido no Capítulo 2, o tema se relaciona também com o que chamamos no último tópico de “o lugar dos indígenas”. Como sabemos, estes eram vistos como incivilizados, violentos e insubmissos, ou seja, excesso de passado (caótico) no presente e um entrave ao sendeiro para se chegar ao futuro. Os indígenas eram a antítese do que se esperava do México e do povo. Segundo Elisa Speckman Guerra (2006), as

⁹⁷ El General D. Porfirio Díaz, al abrir el Congreso el segundo período del primer año de sus sesiones, el primer de abril de 1885, p. 172.

⁹⁸ “Esta Nación, que ha mostrado sus inmensos recursos y su gran vitalidad en las circunstancias más adversas, entra en relación cada vez más íntima con los pueblos civilizados; los poderes públicos favorecen este contacto con el cual la honra y respetabilidad de la República se enaltecen; á este fin tiende la concurrencia de los frutos de nuestro suelo y de las obras de nuestros artífices y sabios, á los grandes certámenes de América y Europa.” Em: Respuesta del presidente del Congreso, C. José María Romero, abril de 1893, p. 393.

ruas comerciais ou as ocupadas por setores sociais de boa posição econômica, foram configuradas a partir de modelos urbanos europeus, contando com pavimentação, obras hidráulicas, luz elétrica, serviço de limpeza, entre outros elementos. Ao mesmo tempo, os bairros mais populares e afastados do centro, compostos, em sua maioria, por seguimentos sociais de trabalhadores e artesãos, possuíam uma infraestrutura precária. Tomando o todo pela parte, a cidade deveria crescer e mostrar ao mundo o progresso mexicano⁹⁹. Os documentos apontam uma grande preocupação com a higiene e a segurança nacional. Como veremos no Capítulo 3 da tese, cada vez mais se procurava, a partir de decretos, aumentar o número de *rurales*, principalmente na capital. Em muitos discursos o primeiro magistrado reafirmou o objetivo de desenvolver construções ligadas ao assunto, como a de uma penitenciária no distrito federal. Citamos:

Después de un detenido estudio, se ha fijado ya el lugar que pareció más á propósito por sus condiciones, en los alrededores de esta capital, para que desde luego se principie en el la construcción de la Penitenciaría del Distrito; obra en la cual él Ejecutivo tiene el mayor interés, *para satisfacer una apremiante exigencia de la cultura que ha alcanzado México.*¹⁰⁰

O México, para Díaz e a heterogênea elite porfirista, conseguiu alcançar um progresso tão alto que as grandes nações deveriam reconhecê-lo nesse patamar de civilização. Como um processo de sinédoque, a capital revelaria tais avanços nacionais. No trecho supracitado, vemos a preocupação em se fazer uma penitenciária, símbolo de modernização e de higiene social. Com a cultura obtida, toda a cidade, local de diversas visitas internacionais, deveria mostrar o país que começava a despontar ao mundo: pacificado, progressista, moderno e exemplo de salubridade e segurança pública¹⁰¹. Como

⁹⁹ Como afirmou Manuel Doria, deputado por Nuevo León, em abril de 1899: “Incansable el Gobierno por dar á conocer en el extranjero el grado de cultura que ha alcanzado el país, nombrará representantes que concurran á varios congresos científicos europeos, lo que contribuirá á cambiar la errónea opinión que de él se ha tenido.” Contestación del C. Presidente del Congreso, Dr. Manuel Z. Doria, abril de 1899, p. 555. Este trecho da documentação nos ajuda a responder qual o lugar do México frente as “nações civilizadas”. Para ele, cada vez mais o país alcançava um grau de cultura tão grande que o estrangeiro deveria ter conhecimento desse fenômeno. Neste sentido, a capital funcionava como o microcosmo dessa civilização de alta cultura que todo o território adquiriu. A Cidade do México deveria ser, por excelência, o lugar de sucesso desse projeto.

¹⁰⁰ El General D. Porfirio Díaz, al abrir el Congreso el segundo período del primer año de sus sesiones, el primer de abril de 1885, p. 172 - grifo nosso.

¹⁰¹ Citamos: “La salubridad de la capital ha mejorado de una manera muy notable; el tifo, que en todos los años presenta casos más frecuentes durante el invierno, en este último declinó marcadamente. La mortalidad general disminuyó á tal grado, que las cifras registradas en los cuatro últimos meses del año de 1894 sólo se habían observado hace catorce años, cuando la población era mucho menor que la actual. Se ha expedido el Reglamento del servicio de desinfección de la ciudad, siendo este servicio enteramente gratuito para las familias que por su insolvencia no puedan cubrir los gastos; los que, por otra parte, según

afirmou o primeiro magistrado em 1894, “la salubridad pública continúa siendo objeto de la mayor atención por parte del Ejecutivo.”¹⁰². Para Tenorio Trillo, “en realidad, a pesar de la madurez científica alcanzada, desde mediados del siglo XIX se daba por sentado que civilización, buenas condiciones sanitarias e higiene eran tres pilares de los espíritus educados. Una nación moderna tenía que ser una nación inmaculada y blanca.” (TENORIO TRILLO, 1998, p. 203)¹⁰³. Se o México deveria mostrar o progresso e os bens materiais às outras nações¹⁰⁴, existia a contrapartida dessa ideia: outros elementos deveriam ser apagados e silenciados. Veremos no último tópico como os indígenas se tornaram a face do atraso e o excesso de passado no México.

4. O México silenciado: os indígenas vistos como a face do atraso

Como vimos na discussão até o momento, existiam elementos que foram mostrados e exaltados pelo governo de Porfirio Díaz. O objetivo era cristalizar a ideia e comprovar o fato de que o México estava em uma nova etapa nacional e caminhava no mesmo sendeiro dos países cultos e civilizados. No caminho contrário a esse movimento, existiam esferas nacionais que deveriam ser silenciadas e se tornaram, para o porfirismo, um problema a ser resolvido. Sobre este assunto, daremos ênfase a dois aspectos sobre a questão indígena que se conjugam, já que o tema é bastante amplo. Por um lado, a tentativa de homogeneização nacional a partir, dentre outros fatores, da aglomeração dos indivíduos sob a categoria “cidadãos” mexicanos, bem como a definição de um sujeito

la tarifa, están al alcance aun de las personas que cuenten con pocos recursos.”. El General Díaz, el 1º de Abril de 1895, al abrir el 17º Congreso el segundo período del primer año de sus sesiones, p. 437.

¹⁰² Él General Díaz, en 1º de Abril de 1894, al abrir el 16º Congreso el segundo período del año segundo de sus sesiones, p. 413.

¹⁰³ Sobre o assunto, o discurso de José López Portillo y Rojas é significativo. Apontou para a importância de se melhorar as condições sanitárias que, concretizada, seria benéfico para o futuro do México. Além disto, esta mudança também implicaria em critérios estéticos, tornando a capital mais bela. “Todo cuanto habéis dicho sobre salubridad pública, ha sido escuchado con particular satisfacción por el Congreso, porque el mejoramiento general de las condiciones sanitarias de los pueblos, es una de las más grandes conquistas de la época: la que ha triplicado la población de Europa en el curso de un siglo, la que ha aumentado en más de un ciento por ciento el término medio de la vida humana y la que impide que se despueblen las naciones de débil natalidad.

Las magnas obras de saneamiento realizadas en esta ciudad, hacen concebir las más lisonjeras esperanzas respecto del porvenir de México; y muestran cercano el día en que nuestra metrópoli, libre de los miasmas morbosos de su húmedo y contaminado subsuelo, se convierta en una de las más bellas, higiénicas y populosas ciudades del Nuevo Mundo. (1901, p. 610). Portillo y Rojas (1850-1923) foi escritor e político nascido em uma família que já tinha trajetória política no país. Durante o governo de Lerdo, foi deputado por Jalisco e, já no Porfiriato, deputado por Nuevo León.

¹⁰⁴ Traremos mais informações sobre o tema no Capítulo 2.

nacional – que, à época, foi o mestiço. De outro, a configuração de uma cidadania excludente, pautada por elementos étnicos e raciais, que marginalizou em grande parte o indígena. Acreditava-se que este deveria ser eliminado pela via da mestiçagem e educado segundo os preceitos do Estado.

Se o México se pretendia moderno, os indígenas foram vistos como a face do atraso, excesso de passado no presente, entendidos como grupos que não estavam em sintonia com os novos tempos trazidos pelo progresso e pela modernidade. Como veremos, a questão indígena nos discursos de Díaz foi alocada na parte do Ministério da Guerra. Houve muitas tensões entre Estado e etnias durante todo o Porfiriato, o que abala e enfraquece o próprio discurso da paz e da ordem recorrentemente mantidos e celebrados pelo porfirismo. Portanto, achamos importante e válido acrescentar esse item 4 ao primeiro capítulo justamente para mostrar a fragilidade da estratégia discursiva formulada pelo governo, em que se afirmava que o país estava pacífico. Assim, problematizaremos esse discurso da paz e da ordem nacional a partir da questão indígena. Como afirmamos, durante o Porfiriato houve vários conflitos entre Estado e grupos indígenas.

4.1.O discurso (seletivo) da cidadania e da homogeneidade nacional

O governo de Porfirio Díaz foi marcado por um projeto nacional fundado, dentre outras características, na imagem de união do povo. O objetivo era consolidar a ideia de que o país, a partir de 1876, estava integrado, nos trilhos do progresso e a caminho da felicidade, como vimos nos itens anteriores. Para criar e legitimar essa representação, também foi importante conceber uma memória histórica comum. A pluralidade de memórias étnicas da população perdeu, oficialmente, espaço diante dos objetivos do Estado¹⁰⁵. No século XIX mexicano vários setores sociais possuíam ideias divergentes de nação. Segundo Enrique Florescano, o discurso de unidade nacional construído alijou uma multiplicidade de memórias históricas dos discursos oficiais.

¹⁰⁵ “El Estado-nación, en lugar de aceptar la diversidad de la sociedad real, tiende a uniformarla mediante una legislación general, una administración central y un poder único. La primera exigencia del Estado-nación es entonces desaparecer la sociedad heterogénea y destruir los ‘cuerpos’, ‘culturas diferenciadas’, ‘etnias’ y ‘nacionalidades.’” (FLORESCANO, 2001, p. 561).

Para Díaz e a intelectualidade política que gravitava ao seu redor, dever-se-ia incentivar a “unidade” e a “homogeneidade nacional”, elementos que davam sustentação e validade ao Estado liberal. Estes dois conceitos também nortearam as políticas públicas do período. A celebração de uma memória histórica nacional e singular, uma educação universal e a eleição de uma língua comum, no caso, o espanhol, corroboravam com a cristalização desse discurso de homogeneidade¹⁰⁶. Em discurso de 1887, durante a inauguração da Escola Normal para Professores do Ensino Primário, Joaquin Baranda afirmou que a educação iria garantir a unidade nacional. Para ele, era preciso “hacer de la instrucción el factor originario de la unidad nacional que los constituyentes de 57 estimaban como base de toda prosperidad y todo engrandecimiento.” (BARANDA, ed. 1985, p. 18). A nação tornou-se um dos principais sujeitos da história oitocentista e foi convertida em valor político central. Como reiterou Florescano,

Los gobiernos de fines del siglo XIX imprimieron en la población la imagen de un México integrado, la idea de un país sustentado en un pasado antiguo y glorioso, próspero en el presente y proyectado hacia el futuro. El nuevo canon de esta interpretación de la historia tenía como centro el Estado-nación, y como postulados el patriotismo, la defensa de la integridad de la nación y el culto a los principios de la república y a sus héroes fundadores. Era una concepción de historia cívica y laica cuyo objetivo principal era fortalecer la unidad política de la nación. (FLORESCANO, 2001, p. 563).

Vemos, a partir da citação supracitada, conceitos caros para o final do século XIX: o México deveria ser *integrado* e fortalecer essa imagem tanto para a população em geral, quanto para os outros países do continente e da Europa. *Patriotismo* também foi destacado e era considerado peça importante na garantia dessa integridade. Fortalecer esta *unidade* política foi um dos pontos nevrálgicos do discurso porfirista. O que problematizaremos um pouco mais abaixo será como essa proposta de unidade política e integração social foi excludente, seletiva. Daremos ênfase especificamente à questão indígena, tema regular em todos os discursos proferidos pelo primeiro magistrado ao Congresso. Se o México estava prenhe de futuro, o que deveria ser feito com o indígena, entendido à época como excesso de passado no presente?

Também é importante explicitar que a ideia de nação para os liberais significava, dentre outras características, a integração de indivíduos iguais perante as leis (e,

¹⁰⁶ Sobre esse assunto ver QUIJADA, Mónica; BERNAND, Carmen; SCHNEIDER, Arnol. *Homogeneidad y Nación con un estudio de caso: Argentina siglos XIX y XX*, Capítulo I, CSIC, Madrid, 2000, pp. 15-55, p. 19.

principalmente, diante da Carta Magna). Como afirmamos, era um postulado básico do liberalismo clássico. No interior dessa concepção oficial, a sociedade não era entendida como conformada por grupos heterogêneos, marcados por diferenças estamentais, culturas plurais e divergentes, bem como tradições particulares – como, por exemplo, foi perceptível durante o período colonial –, mas por um conjunto de indivíduos que foram assumidos pelo Estado, a partir, principalmente, das esferas constitucional, narrativa e discursiva, como sujeitos iguais. A ênfase na modernidade pretendia consolidar o princípio de uma sociedade igualitária, homogênea, formada por indivíduos voluntariamente associados e respaldados pela soberania popular¹⁰⁷. Como afirmou Fernando Escalante, prezava-se a “lealtad individual hacia las instituciones políticas, bajo la forma del Estado: sin mediaciones de linajes, vasallajes, gremios, comunidades o corporaciones. Fundamentación basada en alguna idea del Bien Común o del Interés público y la conciencia de un vínculo de solidaridad con el resto de los ciudadanos mediado por la Ley.” (ESCALANTE, 1992, p. 51). A heterogeneidade desafiava os projetos do Estado.

Existiu à época um esforço de se construir nações homogêneas simbolicamente unificadas, seja pela delimitação territorial, língua oficial, história nacional linear/progressiva, eleição de um arquétipo de sujeito nacional (o mestiço), cultura, cidadanização dos indivíduos, dentre vários outros elementos. Este fenômeno foi percebido e perseguido pelas elites de vários países nos séculos XIX e início do XX, tornando-se um imperativo irrenunciável¹⁰⁸. Não podemos deixar de mencionar que uma das grandes preocupações neste momento não foi com Deus ou alguma figura metafísica,

¹⁰⁷ Sobre o assunto ver: GUERRA, François-Xavier. *Modernidad e independencias: ensayos sobre las revoluciones hispánicas*. Madrid: Ediciones Encuentro, 2009.

Quijada também expressou o que entendia por modernidade em seus trabalhos, partindo, principalmente, das reflexões de Koselleck em *Futuro Passado*. A definição também nos ajuda a pensar o caso mexicano e as políticas de governo: “la visión actual de la modernidad, y la que más interesa a los fines de este trabajo, tiende a identificarla no tanto con el proceso secular así descrito, como con la precipitación de sus resultados en la última fase abarcada por dicha periodización. Desde esta perspectiva suele describirse a la modernidad como el producto de tres movimientos: la revolución del hombre ilustrado contra la tradición, la sujeción de la razón a la ley natural —es decir, la idea de que los seres humanos pertenecen a un mundo gobernado por leyes naturales que la razón descubre y a las que ella también está sometida—, y la secularización, que implica la sustitución de Dios por la sociedad como principio de juicio moral. Y abre el camino al pueblo, la nación, en tanto cuerpo social que funciona también según leyes naturales y que debe desprenderse de formas de organización y de dominio *irracionales*, como las defensas corporativas o la legitimación del poder por revelación divina. (QUIJADA, 2008, p. 22)

¹⁰⁸ Os trabalhos de Quijada focam, principalmente, o caso argentino, mas suas ideias e propostas textuais nos ajudam a pensar a conjuntura mexicana, especialmente suas discussões teóricas sobre o tema cidadania e o paradigma da homogeneidade nacional. Respeitamos as especificidades do México. Consultar: QUIJADA, Mónica; BERNAND, Carmen; SCHNEIDER, Arnol. *Homogeneidad y Nación con un estudio de caso: Argentina siglos XIX y XX*, Capítulo I, CSIC, Madrid, 2000, pp. 15-55, p. 20.

mas com a nação, com o povo, que deveria ser civilizado, ilustrado, dotado de razão e juízo moral – princípios do evolucionismo spenceriano, amplamente lido à época. Como sintetizou Luiz Estevam de Oliveira Fernandes,

Ao tentar construir uma nação homogênea, em moldes europeus, nos quais um povo, uma raça única, habitava um território delimitado, compartilhando tradições, História e costumes, o liberalismo mexicano precisou forjar um consenso coletivo do qual a sobrevivência do país dependeria. (FERNANDES, 2012, p. 286).

Construir essa memória histórica comum da nação tornou-se um programa complexo e não foi uma tarefa específica do Porfiriato. Os vários grupos existentes no território estabeleceram diferentes relações com o passado, ressignificando-o e elaborando diversas maneiras de contar sua história. Foram criadas díspares representações narrativas e muitas vezes antagônicas. A partir, principalmente, da obra *México a través de los siglos*, publicada em 1884 sob a direção de Vicente Riva Palacio – também presidente do Congresso –, que se consolidou uma história oficial do país. Este projeto conseguiu abarcar pontos de vista e interpretações dos setores liberais e conservadores¹⁰⁹. Os polígrafos e o governo se valiam da história e de mitos fundadores para construir a identidade nacional mexicana. Os eventos históricos e os discursos díspares foram integrados em uma narrativa nacional linear, progressiva e etapista, que atestava a evolução do México¹¹⁰.

Embora tenha realçado o respeito à soberania popular e à república democrática, o Porfiriato projetou essa imagem de um centro forte e solar, que irradiava poder para as outras localidades. Ao ler os discursos presidenciais, e nos fundamentando nas reflexões de Carlos Monsiváis, foi imaginada a ideia de que, no território, só havia duas regiões: a capital e as províncias. Díaz pretendia (assunto que desenvolveremos no Capítulo 2) que a Cidade do México fosse o lugar, por excelência, que concentrasse a vitalidade intelectual, política e administrativa de todo o México. Ela se tornaria o micromodelo do que se pretendia exhibir da nação – moderna, progressista, pacífica. Além disto, existia

¹⁰⁹ Sobre este assunto ver: FERNANDES, L. E. O. *Patria mestiza: a invenção do passado nacional mexicano* (séculos XVIII e XIX). Jundiá: Editorial Paco, 2012.

¹¹⁰ Também lembramos aqui que, em 1983, Ernest Gellner estabeleceu em seu livro “Nação e nacionalismo” uma correlação entre os conceitos “homogeneidade” e “nacionalismo”. O primeiro foi uma das preocupações centrais dos Estados-nação, chave importante para se efetivar políticas de Estado que buscavam o desenvolvimento da identidade nacional. O regime de Díaz, cada vez mais personalista e com o poder centralizado na figura solar de Díaz, colocava-se como o regime legitimado e autorizado a construir essa representação homogênea, integrada e coerente do México.

outra figura solar, como vimos no tópico 2, a do presidente. Representado por escritores porfiristas como um herói nacional e *hombre fuerte*, para eles a nação necessitava de um grande líder que a guiasse pelo sendeiro do progresso, felicidade e civilização¹¹¹. Citamos um trecho do discurso de Ramón Rodríguez Rivera, presidente do Congresso em 1887, que comprova nossas afirmações:

Señor Presidente: Diez años han transcurrido desde que, acatando la voluntad nacional, entrasteis por primera vez a regir los destinos de la Nación, y en este lapso de tiempo, cortísimo para la vida de los pueblos, la República se ha transformado por completo, como aparece del cuadro que habéis trazado al dar cuenta del estado actual de nuestro país. Reinan la paz, la seguridad y la confianza en el interior; las fuentes de riqueza pública, estancadas y paralizadas por la desconfianza y el temor, toman un vuelo extraordinario, removidas por el comercio, la agricultura, la industria y la minería, que han merecido de vos amparo y protección; despierta nuestra patria á nueva vida social, mercantil e intelectual, y no es ya México el punto obscuro, desconocido o despreciado en el mapa de la civilización. Continudad, pues, vuestra obra de patriotismo, y sabed que la Representación Nacional no perdonará esfuerzo alguno para coadyuvar en vuestros nobles propósitos, concurriendo con todos sus elementos al engrandecimiento y la felicidad de la República, bajo la influencia protectora de la paz, la libertad y del progreso.¹¹²

A citação de Rodríguez Rivera reitera a ideia de que o México se transformou por completo sob o governo de Díaz, discutido nos tópicos anteriores. Novamente vemos a criação de uma interpretação sobre o passado, o presente e o futuro de base linear, progressiva e processual, relacionando a revolução de Tuxtepec, a elevação de Díaz à primeira magistratura, a pacificação do país e a completa modernização/civilização deste. A harmonia entre os tempos, partindo da correlação entre “revolução”, “pacificação” e

¹¹¹ Sobre polígrafos considerados porfiristas ver: REYES, Bernardo. *El General Porfirio Díaz*. Cidade do México: Editora Nacional, ed. 1960; SIERRA, Justo. *México: su evolución social*. Cidade do México: La Casa de España en México, ed. 1940; TWEEDIE, Alec. *Mexico as I saw it*. Michigan: Michigan University Library, ed. 2011; CREELMAN, James. *Díaz, master of Mexico*. Lexington: Cornell University Library, 2011, entre muitos outros. Falaremos sobre o assunto no Capítulo 2 da tese.

Não podemos esquecer dos periódicos porfiristas que circularam no período, não citados nesse capítulo. É importante deixar claro que não pretendemos afirmar que os autores supracitados possuíam obras e projetos políticos semelhantes; o escopo é informar como a mobilização e a apropriação do passado, para se posicionar no presente, ganhou dimensão e lugar de destaque também em seus escritos. Essa matriz interpretativa ficou conhecida como “porfirista”. Como sintetizou Garner: “El porfirismo pone de relieve, sobre todo, la longevidad del régimen, particularmente en contraste con sus predecesores en el México del siglo XIX, y su éxito al lograr una estabilidad y una paz políticas por un periodo de casi 35 años. El Porfirismo también enfatiza las cualidades personales que justifican que Díaz haya monopolizado el oficio de gobernar durante más de 30 años: *inter alia*, su patriotismo, su heroísmo, su dedicación, su sacrificio personal, su tenacidad y su valentía.” (GARNER, 2003, p. 14).

¹¹² Respuesta del Presidente del Congreso, C. Ramón Rodríguez Rivera, abril de 1887, pp. 235-236. Rodríguez Rivera (1850-1889) foi médico e político mexicano. Foi várias vezes deputado local e federal pelo estado de Veracruz.

“modernização”, fortalecia o Porfiriato. Ao compararmos os documentos, percebemos que o conceito “pacificação” e “modernidade” ganharam destaque e maior proeminência ao longo dos anos. De fato, “revolução” desapareceu da linguagem política a partir, principalmente, de 1888, já que o porfirismo se considerava consolidado no poder (a revolução não mais condizia com a ordem e a paz que há todo o momento se buscava afirmar). Resgatando a querela entre passado e presente nacional, se antes as fontes de riqueza estavam paralisadas por causa do temor de tantos conflitos políticos, o presente era marcado pela paz, segurança, fiabilidade, liberdade e felicidade¹¹³. Juntamente com este progresso, a vida social também despertava e seu desenvolvimento intelectual engrandecera. Os câmbios foram tão significativos que a República já não estava mais desconhecida no mapa da civilização. A vontade nacional era a de que Díaz permanecesse no poder e, com tom imperativo, o Congresso reafirmou seu apoio, confiança e o mandou continuar sua obra de grande patriotismo.

Segundo Quijada, os processos de construção da identidade nacional na América hispânica foram caracterizados por dois fenômenos relacionados: a tentativa de sua homogeneização – o que a autora intitulou de “paradigma da homogeneidade”¹¹⁴ – e o entendimento da nação como sendo a união de cidadãos, identificados a partir de referências comuns. Ou seja, um aglomerado de indivíduos em um corpo coletivo coeso. O Estado-nação buscou uniformizar a sociedade sob uma história comum e integrada, bem como um corpo legislativo nacional. Entretanto, este processo de cidadanização não foi assimilacionista, operando como um fator de discriminação ao selecionar quem fazia ou não parte de sua esfera. Embora a implementação da cidadania tentasse eliminar a

¹¹³ Para Tenorio Trillo, a liberdade mencionada nos discursos funcionou como sinônimo de paz: “los intelectuales mexicanos seguían los debates legales y filosóficos de la Tercera República francesa y proponían limitaciones constitucionales a un gobierno fuerte. La paz, sin embargo, era el mayor logro de México, como también la suprema libertad alcanzada: estar libre de la violencia e incertidumbre.” (TENORIO TRILLO, 1998, p. 18). Para estar livre dessa violência e incerteza que caracterizaram os governos anteriores ao Porfiriato, era preciso colaborar com o porfirismo, sendo um bom cidadão e não desacatando as medidas constitucionais. Como afirmou Díaz em 1887, “continúa libre y desembarazada la marcha de nuestras instituciones, a las que el pueblo mexicano demuestra cada día mayor apego, prestando al Gobierno su concurso eficaz para el sostenimiento de la Libertad y de la Reforma, que son ya la firme base de nuestro modo de ser político.”. Também percebemos nos discursos dos presidentes do Congresso em 1888 e 1889, Alfredo Chavero e Pedro Rincón Gallardo, já mencionados acima, a correlação de ideias entre pacificação e liberdade. Estes conceitos se tornavam cada vez mais recorrentes na documentação analisada e criavam a ideia de que o país não tinha conturbações: tudo caminhava bem rumo ao futuro idealizado.

¹¹⁴ Mónica Quijada utilizou a expressão “paradigma da homogeneidade” em QUIJADA, Mónica, BERNAND; Carmen; SCHNEIDER, Arnol. *Homogeneidad y Nación con un estudio de caso: Argentina siglos XIX y XX*, Capítulo I, CSIC, Madrid, 2000. pp. 15-55. Falaremos ao longo do capítulo sobre suas principais ideias.

heterogeneidade cultural, nem todos os indivíduos foram reconhecidos como cidadãos. Nesse sentido, a homogeneidade também operou a partir da chave inclusão/exclusão, alijando seguimentos sociais que foram considerados inferiores do ponto de vista civilizacional. Como afirmou Moya, “liberales y conservadores, imperialistas y republicanos, monárquicos y detractores de todos los anteriores se convertirán, durante el Porfiriato, en ciudadanos. Estos ciudadanos, letrados o no, van a compartir una historia que al fin se ha unificado bajo la versión liberal de un proyecto de nación y que – en lo esencial – se deslinda de la versión predilecta de los conservadores.” (MOYA, 2007a, p. 160).

Se unidade, ordem, pacificação, integração e homogeneidade foram conceitos caros ao governo de Díaz, importantes para o progresso do país, sua antítese, ou seja, a heterogeneidade, anarquia, diversidade, desordem e desintegração passaram a ser sinônimos de atraso e, desta forma, excesso de passado nacional que deveria ser combatido. Por conseguinte, como mencionado no parágrafo acima, muitos elementos foram relevantes na construção dessa política de homogeneização, como a cidadania e o pensamento racista (sobre o qual falaremos no subtópico 4.2). No interior dessa pretendida modernidade e construção da nacionalidade, a questão da cidadania foi uma preocupação central e os indígenas não se enquadravam nesse projeto moderno de México. O índio era a face do atraso. A cidadania era restringida e se limitava a certos setores sociais. Como afirmou Graciela Velázquez Delgado,

Este proceso de formación del Estado-nación dio pie al surgimiento o construcción de la ciudadanía, fundada esta última en la figura del ciudadano como único agente político habilitado para ejercer la soberanía al margen de las corporaciones de todo tipo, con lo cual se intentaba eliminar la diversidad cultural para homogeneizar a todos los individuos. (VELÁZQUEZ DELGADO, 2008, p. 44).

Falar em cidadania não é tarefa fácil. O conceito é polissêmico e pode, por exemplo, ser entendido como um conceito legal/constitucional, como um ideal político de igualdade, entre outros fatores. Além disso, ele é dinâmico e consegue assumir conotações diferentes de acordo com cada constituição. Se pensarmos, por exemplo, a *Constitución de Apatzingan* – que possuiu este nome, mas não teve a qualidade de Constituição propriamente, e sim de um decreto –, proferida por José María Morelos em 22 de outubro de 1814, percebemos que o objetivo explicitado no documento foi idealizar o princípio de ampla igualdade entre os cidadãos, sem distinções étnicas. A via de acesso

a este status foi o investimento do indivíduo para com a sua pátria, ou seja, ele deveria se esforçar e ser merecedor desta condição de cidadão mexicano. Como veremos abaixo, destacaram-se princípios de uma cidadania universal e igualitária, que foram perdendo sentido ao longo das décadas e nas constituições subsequentes. Citamos trechos da *Constitución de Apatzingán*,

Capítulo III - De los ciudadanos:

Art.13. Se reputan ciudadanos de esta América todos los nacidos en ella.

Art. 14. Los extranjeros radicados en este suelo que profesaren la religión católica, apostólica, romana, y no se opongan á la libertad de la nación, se reputarán también ciudadanos de ella, en virtud de carta de naturaleza que se les otorgará, y gozarán de los beneficios de la ley.

Capítulo V - De la igualdad, seguridad, propiedad y libertad de los ciudadanos:

Art. 24. La felicidad del pueblo y de cada uno de los ciudadanos, consiste en el goce de la igualdad, seguridad, propiedad y libertad. La íntegra conservación de estos derechos es el objeto de la institución de los gobiernos y el único fin de las asociaciones políticas.

Art. 25. Ningún ciudadano podrá obtener más ventajas que las que haya merecido por servicios hechos al Estado. Estos no son títulos comunicables ni hereditarios; y así es contraria a la razón la idea de un hombre nacido legislador ó magistrado. (*Constitución de Apatzingan*, 1814, p. 48).¹¹⁵

Partindo das categorias usadas por Marta Iruozqui, observamos, a partir do trecho supracitado, um modelo de “cidadania cívica” – diferente do modelo que se concretizou

¹¹⁵ Felipe Tena Ramírez e Velázquez fizeram análises sobre o acesso à cidadania em cada Constituição do país. O decreto de Apatzingan incluía como cidadãos todos os indivíduos nascidos na América. Os estrangeiros também poderiam ser inseridos nessa categoria se praticassem a religião católica. Como percebemos no trecho exposto acima, era preciso seguir uma boa conduta (ligada à moral), pois praticar heresia fazia com que o sujeito perdesse a qualidade de cidadão. A Constituição de 1824, por outro lado, não abordou a questão explicitamente, ficando a cargo de cada Estado promulgar um código sobre o assunto. Na Constituição de 1824, a ideia de *vecindad*, explorada nas páginas seguintes desse capítulo, ganhou formato (cada localidade determinava as qualidades para o acesso à cidadania). Doze anos depois, com a Constituição de 1836, o assunto voltou a ser explicitado na Carta Magna e, neste ano, a cidadania passou a ser marcada pela posição social de cada membro do país. Considerava-se cidadão quem tivesse renda anual igual ou superior a 100 pesos. No estudo deste modelo percebemos a separação entre nacionalidade e cidadania; esta passou a ser associada aos direitos de participação política. O fator econômico e a possibilidade de se tomar decisões políticas foram fatores importantes e que restringiam o acesso à cidadania. “En lo tocante al modelo de 1857, la cualidad de nacional era requisito necesario para ser ciudadano, porque para ser ciudadano activo se requería previamente ser ciudadano pasivo (nacional) y, además, reunir otros requisitos como la edad (haber cumplido los 18 años si era casado y 21 si era soltero) y tener una forma honesta de vivir.” (TENA *apud* VELÁZQUEZ DELGADO, 2008, p. 43). Além disto: “El derecho al voto era lo que definía el estatus político-social del individuo; por tanto, ese derecho político hacia una distinción clara en la pertenencia social y los excluidos del sufragio. Aquí se muestra que hay un doble trabajo de abstracción que hace de cada individuo una potencia soberana, al tiempo que superpone la esfera política a la de sociedad civil.” (VELÁZQUEZ DELGADO, 2008, p. 43).

na segunda metade do século XIX, a “cidadania civil” (sobre a qual falaremos abaixo)¹¹⁶. Nesse primeiro caso, as principais vias de acesso à cidadania se davam pela investidura do indivíduo em favor da nação, pelos serviços prestados à comunidade e ao bem coletivo. Para ser reconhecido como cidadão, as ações dependiam dos atos do próprio sujeito e de seu entorno imediato; assumia-se um compromisso patriótico com o país¹¹⁷. O artigo 25 da *Constitución de Apatzingan* mencionava: “Nenhum cidadão poderá obter mais vantagens que as que tenha merecido por serviços feitos ao Estado.” Tornava-se cidadão – por investidura – quem se esforçasse para o bem da pátria.

A segunda metade do século XIX e o início do XX trouxeram uma mudança significativa sobre a ideia de cidadania. Esta passou a atuar como forte princípio de discriminação e diferenciação social, marginalizando os sujeitos que não se enquadravam em sua definição. A cidadanização dos indivíduos colocou em destaque os limites da própria política de homogeneidade, que, como já afirmamos, configurou-se mais como excludente do que como incluínte. A cidadania sempre implicou em um processo de diferenciação social. O que percebemos não foi o estabelecimento de uma igualdade, de fato, vigente entre o povo; mas sua instauração enquanto discurso de Estado e valor social compartilhado. Um reconhecimento formal¹¹⁸. A Constituição de 1857, amplamente invocada pelos governos liberais do oitocentos e novecentos, trazia em seu texto:

SECCION IV - De los ciudadanos mexicanos

Son ciudadanos de la República todos los que, teniendo la calidad de mexicanos, reúnan además las siguientes:

I. Haber cumplido diez y ocho años siendo casados, o veintiuno si no lo son.

II. Tener un modo honesto de vivir.

Son prerrogativas del ciudadano:

I. Votar en las elecciones populares.

¹¹⁶ Irurozqui trabalhou o conceito de cidadania e a questão indígena na Bolívia. Entretanto, as propostas da escritora também são importantes para pensarmos a conjuntura mexicana. Algumas análises da autora nos fizeram chegar a resultados mais elaborados sobre o tema no Porfiriato.

¹¹⁷ Citamos: “La doble condición de estatus y de práctica política de la ciudadanía incidió en el modo en que históricamente fueron interactuando los dos componentes jurídico-formales de esta institución: los deberes y derechos legalmente reconocidos de la población de un Estado nacional. El dominio de los primeros dio lugar a la ciudadanía cívica, constituida por sujetos colectivamente comprometidos con su medio, cuyos derechos procedían del libre e individual ejercicio de las obligaciones comunitarias, mientras que el peso de los segundos constituyó a la ciudadanía civil, integrada por consumidores o detentadores exclusivos de derechos, quienes para su disfrute no estaban obligados al cumplimiento de “cargas” colectivas o a la demostración de méritos comunitarios. ¿Cómo afecto esa variación ciudadana a los indígenas?” (IRUROZQUI, 2007, p. 57).

¹¹⁸ Sobre isso também afirmou Escalante: “la moral no era compatible con el ideal republicano porque era demasiado difícil concebir un interés público más allá del juego de los intereses particulares, que no era liberal porque nadie creía en el imperio intransigente de la ley, que no era democrática porque la participación real no cabía en las formas institucionales. (ESCALANTE, 1992, p. 290).

II. Poder ser votado para todos los cargos de elección popular, y nombrado para cualquier otro empleo o comisión, teniendo las calidades que la ley establezca.

III. Asociarse para tratar los asuntos políticos del país.

IV. Tomar las armas en el ejército o en la guardia nacional, para la defensa de la República y de sus instituciones.

V. Ejercer en toda clase de negocios el derecho de petición.

Son obligaciones del ciudadano de la República:

I. Inscribirse en el padrón de su municipalidad, manifestando la propiedad que tiene, o la industria, profesión o trabajo de que subsiste.

II. Alistarse en la guardia nacional.

III. Votar en las elecciones populares, en el distrito que le corresponda.

IV. Desempeñar los cargos de elección popular de la federación, que en ningún caso serán gratuitos.

La calidad de ciudadano se pierde:

I. Por naturalización en país extranjero.

II. Por servir oficialmente al gobierno de otro país, o admitir de él condecoraciones, títulos o funciones, sin previa licencia del congreso federal. Exceptúense los títulos literarios, científicos y humanitarios, que pueden aceptarse libremente.

La ley fijará los casos y la forma en que se pierden o suspenden los derechos de ciudadano, y la manera de hacer la rehabilitación.

(*Constitución Política de la República Mexicana de 1857, s/p*).

No trecho citado, percebemos as mudanças ocorridas em relação ao primeiro documento analisado, a *Constitución de Apatzingan*. A Constituição de 1857 demonstrou o caráter político que o cidadão adquiriu. Em várias passagens a questão do voto foi mencionada: o indivíduo podia votar e ser votado nas eleições populares. Além disto, o elemento moral – que também esteve presente na fonte de 1814 – ganhou destaque: para ser cidadão era preciso ter um “modo honesto de viver”. Nesta ideia de cidadania, enxergamos uma separação entre os segmentos sociais composto por cidadãos passivos – os pertencentes à nação, ou seja, a maioria do povo – e os cidadãos ativos – que tinham acesso à cidadania, seus direitos e deveres¹¹⁹. A idade, a moralidade, a propriedade e a autonomia passaram a ser critérios que davam acesso ou não ao reconhecimento do indivíduo enquanto cidadão. Como afirmou Velázquez Delgado, “a pesar de que el concepto de ciudadano es universal y procura la igualdad entre los que pertenecen a la nación, a la vez se crean valoraciones o determinaciones culturales que lo hacen un individuo racional (ciudadano) o no racional (no ciudadano), propietario o pobre, inteligente o retrasado, pero de ninguna forma lo hace un hombre *igual*.” (VELÁZQUEZ DELGADO, 2008, p. 48 - grifo no original).

¹¹⁹Destacamos os conceitos “cidadão ativo” e “cidadão passivo” também do texto de Graciela Velázquez Delgado.

A construção da cidadania no México, durante o Porfiriato, deu-se de forma desigual entre os indivíduos. O conceito excluiu grande parte da população. A cidadania civil surgiu como uma categoria que levava em consideração questões políticas, mas também valores e elementos sociais e culturais. A ideia da cidadania gerava classificações, exclusões. Segundo Maria Regina Celestino de Almeida, “em vários países do continente, procurava-se homogeneizar as populações por meio de leis que afirmavam a condição de igualdade de todos os habitantes, ao mesmo tempo que sancionavam desigualdades econômico-sociais.” (ALMEIDA, 2011, p. 180). A própria estrutura social e cultural no Porfiriato foi excludente; como vimos, a elaboração da Carta Magna não foi passiva, o uso de determinados vocabulários classificava os heterogêneos setores da sociedade.

Diante do princípio exposto acima – uma idealizada homogeneidade fomentada pelo Estado, que teria como um dos aspectos unificadores a cidadania – ressaltamos que ela não se efetivou na prática social. Não podemos deixar, neste momento, de discutir os trabalhos de Marcello Carmagnani e Alicia Hernández Chávez sobre o conceito de *vecindad*. Embora existisse um discurso de homogeneização por parte das políticas porfiristas, o México possuía uma grande pluralidade social e cultural; cada região tinha seus próprios costumes. Logo, a forma como a cidadania se constituiu respondeu a esta heterogeneidade. A ideia de *vecindad* esteve presente no reconhecimento do indivíduo enquanto cidadão. Essa característica é um elemento da tradição, percebemos-na presente desde a Constituição de 1824, época em que cada estado promulgou um código informativo sobre o que era necessário para se adquirir a qualidade de cidadão¹²⁰. Citamos:

El vínculo entre vecino y ciudadano confirió a la ciudadanía su connotación orgánica al territorio de pertenencia, y en México, como en la casi totalidad de los países latinoamericanos, al introducirse el liberalismo se encontró esencialmente con una “sociedad de sociedades” que dificultó la afirmación de un criterio exclusivamente

¹²⁰ Como afirmaram Hernández Chávez e Carmagnani, “La ciudadanía orgánica basada en la vecindad propició un apego entre política y sociedad a escala local y regional que acabó por ser limitativa. La exigencia de muchos liberales de pasar a la formulación de una ciudadanía nacional se basaba en la necesidad de verter las distintas versiones locales en una general, nacional. La conformación de los liberales como clase política nacional exigía que se liquidaran las parcelas de poder y el control de las municipalidades sobre el padrón electoral. En este sentido, la persistencia de la ciudadanía orgánica acompañada del sufragio indirecto se convirtió en un obstáculo a la consolidación de un gobierno y su clase política, con presencia a lo largo del territorio nacional.” (CARMAGNANI; HERNÁNDEZ CHAVEZ, 1999, p. 403).

político y general para todos los eventuales titulares de derechos políticos. (CARMAGNANI; HERNÁNDEZ CHÁVEZ, 1999, p. 401).

A cidadania orgânica, estabelecida a partir da ideia de *vecindad*, possuiu um caráter menos excludente do que, por exemplo, a cidadania censitária (forte na Constituição de 1836), já que incluía em seu âmbito um número maior de sujeitos. Entretanto, frente à diversidade social, uma das saídas para este fenômeno foi delegar a cada localidade o reconhecimento de quem era ou não cidadão mexicano¹²¹. Mesmo que a Constituição de 1857 tivesse caráter universal, a escolha de quem estava incluído ou excluído desse direito ficava a cargo das regiões, de cada localidade, que elegia seus varões. Em 1901, debateu-se uma nova lei eleitoral no Congresso: foi discutido se a cidadania deveria continuar mantendo relação com a ideia de *vecindad*, já que esta dinâmica também trazia elementos do passado nacional que se pretendia enfraquecer, pois mostrava a heterogeneidade social que se buscava eliminar. Insistia-se que esta relação contradizia os aspectos constitucionais, mas, mesmo levado ao Congresso, o assunto não foi resolvido. “Sin embargo, no se tomó la decisión tajante de otorgar a la ciudadanía un carácter abstracto y general para todos, como lo venían exigiendo algunos liberales.” (CARMAGNANI; HERNÁNDEZ CHÁVEZ, 1999, pp. 393-394). Apenas a partir da efervescência política da primeira década do século XX que essa concepção de *vecindad* foi mais fortemente contestada. A cidadania durante o porfirisismo teve, portanto, um princípio diferenciador e não universalista.

Da mesma forma que a identidade nacional, a cidadania expôs quem pertencia ou não a determinado grupo – o “nós” *versus* os “outros”. Como sabemos, a identidade é relacional; para que um grupo exista e tenha legitimidade, no caso, os cidadãos, é importante que exista um outro grupo, diferente dele, simetricamente oposto: os não-cidadãos. Este fornecerá as condições para que o primeiro exista, e exista como algo melhor e mais correto que o segundo. Além disto, a construção da identidade perpassa a esfera do simbólico e do social: os elementos mobilizados (como a História nacional oficial, por exemplo) para se deslegitimar uma coletividade geram consequências materiais, extralinguísticas, como, por exemplo, políticas de exclusão, marginalização e perseguições a segmentos da sociedade (WOODWARD, 2003). A própria ideia de nação

¹²¹ “A diferencia de la ciudadanía censataria, la orgánica es incluyente porque los criterios particulares del concepto de vecino confieren derechos políticos a un número muy elevado de varones. Es incluyente también porque abre a todos los ciudadanos, sin consideración de censo, la posibilidad de ser, antes de la revolución liberal, elector de parroquia y de partido y, posteriormente, elector primario. Es decir, todos los vecinos son ciudadanos y electores.” (CARMAGNANI; HERNÁNDEZ CHÁVEZ, 1999, p. 402).

impulsionada pelo governo criava fronteiras internas e classificava os grupos que estavam em um mesmo espaço geográfico. O indígena se tornou no oitocentos o referencial do que o México não deveria ser ou mostrar ao mundo.

A delimitação territorial foi fator importante na construção do nacionalismo mexicano, bem como outros elementos que operaram como elos de unidade e identidade nacional – a memória histórica comum, o sujeito nacional, a natureza¹²², entre outros já mencionados. Contudo, dentro desse território se configuraram fronteiras internas entre os grupos, principalmente entre os que eram exaltados e os que eram marginalizados pelo Porfiriato. Como já destacamos, o Estado se pretendia moderno e concedia direitos aos cidadãos, bem como fomentava a ideia de povo unido pertencente a nação. Estavam associadas a esta proposta as ideias de patriotismo e cidadania, mas como inserir, neste projeto, a diferença, a pluralidade, a alteridade, o “Outro”? Nos discursos de Díaz ao Congresso a pluralidade social/nacional foi silenciada. Os indígenas, que, para ele, há todo o momento se sublevavam, não se enquadravam no plano político porfirista: como um grilhão que desacelerava a caminhada rumo ao futuro, eles se tornaram um assunto do Ministério da Guerra.

4.2. Os indígenas nos discursos de Díaz: um problema do Ministério da Guerra

Relacionando as discussões do subtópico anterior com a análise das fontes, e diante dessa ideia de união nacional, um dos elementos que podem iluminar nosso problema de pesquisa é o aspecto constitucional mencionado por Díaz: a população do país, sob a vigência de uma constituição liberal, adquiriu, nos discursos, a qualidade – homogênea e singular – de “cidadã”. Quijada (2003b), ao explicar a mudança de significado do conceito de “nação” no México oitocentista, afirmou que muitos polígrafos, a partir de seus projetos políticos ligados ao governo, procuraram fortalecer o discurso de que toda a pluralidade nacional não mais existia, utilizando amplamente a categoria “nação de cidadãos” em suas narrativas. Ao analisarmos esses documentos de Díaz, podemos observar este projeto de homogeneidade nacional quando o mesmo se referiu ao povo, logo no primeiro ano de governo, como *ciudadanos en general*.

¹²² Prado chama a atenção para como a natureza não é neutra, constituindo-se um elemento na construção da identidade nacional. Sobre o assunto ver: PRADO, Maria Ligia Coelho. *América Latina no século XIX: tramas, telas e textos*. São Paulo: editora da USP, 2004.

Explicando a necessidade dos governantes e dos governados apoiarem sua administração, afirmou:

No es menos necesaria la cooperación de los *ciudadanos en general*, cooperación que ellos pueden prestar al Gobierno, no sólo sin grande esfuerzo, sino aun por medios fáciles. Su obediencia á las leyes, el respeto á las autoridades constituidas, no por su personalidad, sino por su investidura, y la represión espontánea de un sentimiento de impaciencia que las más veces no da á los funcionarios públicos ni el tiempo necesario para desarrollar un plan ó perfeccionar un pensamiento, son grandes elementos de ayuda para el Gobierno, y sus *buenos efectos refluyen sobre los gobernados mismos*.¹²³

Como o presidente explicou, o porfirismo necessitava de apoio e cooperação. Os cidadãos deveriam obedecer ao governo da lei, as autoridades, entre outros elementos constitucionais. O sentimento de desobediência deveria ser reprimido para que, assim, o governo conseguisse desenvolver seus projetos e refletir melhorias para o próprio povo. Vemos que o primeiro magistrado utilizou o conceito de forma ampla, relacionando-o com a palavra “governados”, mas o significado ganhou restrição quando do destaque ao âmbito político: os cidadãos podem cooperar com o governo por meio de investidura, ou seja, sua instalação em cargo público¹²⁴. A partir do trecho acima compreendemos como a cidadania ativa foi restrita. Restrição que aparecia na fala de Díaz e na própria questão constitucional.

Se a ideia de “cidadania” foi incompatível com as pretensas políticas assimilacionistas de homogeneização, atuando como fator segregacionista; outro elemento, relacionado ao primeiro, também foi: o pensamento racalista da segunda metade do século XIX. Para Velázquez, “en las exclusiones [da cidadania] de tipo natural se encontraban las mujeres, los indígenas, los esclavos, los sirvientes domésticos y los locos, pues tenían una voluntad maniatada y limitada a la decisión e intereses de otra persona y por tanto no podían ser considerados como ciudadanos.” (VELÁZQUEZ DELGADO, 2008, p. 45). Se, como vimos na Constituição de 57, a autonomia e a

¹²³ Protesta como Presidente Electo de los Estados Unidos Mexicanos ante el Congreso, de Porfirio Díaz, 5 de Mayo de 1877, p. 19 - grifo nosso.

¹²⁴ Afirmou Emilio Pardo sobre o assunto, denotando também sentido político ao tema e relacionando-o com a democracia: “La completa armonía entre el Gobierno de la Unión y los Estados, así como la regularidad y el orden con que en algunos de ellos se ha operado la renovación de sus Poderes Constitucionales, prueba son, y concluyente, de que nuestra organización política funciona normalmente, con la participación cada día más activa y más correcta de los ciudadanos en la elección de sus mandatarios, signo indudable de un verdadero adelanto en nuestra educación democrática, revelado por la agitación durante la lucha electoral y por la sumisión respetuosa y sincera al voto de las mayorías.”. Em: Respuesta del Presidente del Congreso, Lic. Emilio Pardo (Jr.), abril 1898.

propriedade foram fatores importantes para se adquirir o status de cidadão, o qual era reflexo do pensamento liberal, os grupos mencionados por Velázquez não tinham esses critérios. Nosso foco nesta parte será pensar o lugar do indígena no Estado porfirista.

Como já ponderamos, dentro da lógica temporal arquitetada pelo Porfiriato, o indígena era interpretado como um passado presente e, como o “Outro”, o diferente, precisava ser equalizado no interior dessa estrutura – seja, como veremos, pela educação e pelo processo de mestiçagem. É muito importante destacar que, nas fontes analisadas, o ponto central foi a questão indígena, ela era um problema pulsante aos olhos do governo e deveria ser resolvido pelo Ministério da Guerra. Por conseguinte, esse subtópico 4.2 do capítulo precisa trazer uma discussão sobre a mestiçagem, que é necessária também para entendermos a esfera indígena; nossas afirmações sobre o mestiço e o processo de mestiçagem será amparada em uma literatura especializada, utilizada para dar suporte à análise do problema indígena.

Para Olivia Gall, o governo buscou soluções não indígenas para a questão indígena. Tentava-se apagar as várias etnias locais. Através de políticas públicas nacionais¹²⁵. Desta forma, o governo removeria os resquícios de passado para que o presente fosse livre em direção ao futuro. Os índios de meados do século XIX e início do XX eram vistos como uma bola de ferro que pesava sobre a nação, desacelerando o impulso para o porvir. Como escreveu Mílada Bazant, a educação indígena foi um desafio ao governo e os estados com maior quantidade de população indígena, como, por exemplo, Oaxaca, Chiapas e Guerrero, foram menos alfabetizados: “el desarrollo educativo no fue de ninguna manera uniforme. El norte de país, con poca población indígena, mayores recursos y gobernantes preocupados por la educación, obtuvo mayores índices de alfabetización. En cambio, el sur, tradicionalmente rural, atrasado y con un alto porcentaje de indígenas, mantuvo durante todo el régimen sólo 10% de la población alfabetizada.” (BAZANT, 1993, p. 16).

É relevante mencionar que a ideia de “civilização” e “progresso das civilizações” tornaram-se conceito e expressão, respectivamente, de ordem central no século XIX. O primeiro foi objeto de avaliação e mensuração para se estabelecer diferentes graus entre os povos e as nações do mundo. Era um fenômeno de época. Conde de Buffon, Cornelius

¹²⁵Sobre o assunto veja GALL, Olívia. *Identidad, exclusión y racismo*: reflexiones teóricas y sobre México. *Revista Mexicana de Sociología*. Cidade do México: UNAM, vol. 66, n. 02, abr.-jun. 2004.

de Pauw, Arthur de Gobineau, Francis Galton, Friedrich Ratzel, foram alguns dos autores que afirmaram ser o meio geográfico e a raça condições para se definir os povos¹²⁶. Cada um a sua maneira, interpretaram a mistura racial como um fator de degeneração da sociedade¹²⁷. Como afirmou Maria Ligia Coelho Prado, Buffon e De Pauw fundaram uma visão negativa sobre a América a partir de preceitos científicos modernos¹²⁸. Embora os autores europeus tenham marcado a cultura intelectual latino-americana, estas ideias foram relidas, repensadas e ressignificadas pelos países do Novo Mundo: para o México, a mestiçagem não fora um fator de degeneração racial, como veremos abaixo. Contudo, o conceito “raça” marcou o cenário político e intelectual da época, constituindo-se um termômetro do desenvolvimento social e nacional, bem como pautou as políticas públicas do Estado.

O conceito destacado acima cristalizou-se na segunda metade do século XIX como verdade científica. A ideia esteve relacionada à construção da identidade nacional: a definição de raça passava pelo entendimento do que era ser mexicano. O sujeito nacional deveria ter qual face? Além disto, o conceito esteve diretamente associado aos de “civilização” e “cultura”: quanto maior a pureza racial, maior o grau de civilização e cultura do indivíduo ou do grupo. O oposto também era verdadeiro. A “civilização” e a falta desta, ou seja, a “barbárie”, foram parâmetros-chave para se interpretar o país. Civilização era um conceito que se ligava ao futuro, denotava a modernidade, os padrões europeus, a alta cultura dos países que eram, em sua maioria, urbanos. Em contrapartida, o bárbaro era a antítese dessas premissas: um conceito ligado ao passado, ao antigo e ao ultrapassado, à falta de cultura, anomia, e à degeneração social. A medida que se classifica

¹²⁶ Para conhecer as principais obras ver: DE PAUW, Cornelius, *Recherches philosophiques sur les Américains*. Vol. 02; BUFFON, G. *A História Natural*, 1747; BUFFON, G. L. *Oeuvres complètes de Buffon* (Tome troisième ; De l’Homme). Paris: Bazouge-Pigoreau Éditeur, 1839; GALTON, F. *Hereditary talent and character*. Macmillan’s Magazine, 12, 1865; GOBINEAU, Arthur de. *Essai sur l’inégalité des races humaines*. Paris: Librairie de Firmin Didit Frères, 1853. RATZEL, Friedrich. “As raças humanas”. In: MORAES, A. C. R (Org.); FERNANDES, F. (Coord.). *Ratzel*. São Paulo: Ática, 1990.

¹²⁷ Não queremos afirmar que essa ideia foi unânime no continente; Ernest Renan em seu *Que é uma nação*, por exemplo, expôs propostas mais historicistas sobre raça. Além disto, também não defendemos que os autores mencionados acima propuseram discussões de semelhantes aspectos em todos os âmbitos em suas produções.

¹²⁸ Como afirmou Prado: “Em Berlim, no ano de 1768, Corneille De Pauw publica as *Recherches philosophiques sur les Américains*. Em sua perspectiva, ‘o americano nem se quer chega a ser um animal imaturo, não é uma criança, é um degenerado. A natureza do hemisfério ocidental não é imperfeita: é decaída e decadente.’” (PRADO, 2004, p. 183).

quem é considerado bárbaro ou selvagem, afirma-se, em contrapartida, quem não é¹²⁹.

Pensemos os discursos de 1891 e 1901, no que tange à questão indígena:

[1891, discurso de Díaz]: En el estado de Sonora quedan reprimidas, casi por completo, las incursiones de los indios bárbaros. Algunos han aparecido por los distritos de Arispe y Magdalena, asaltando a viajeros aislados; pero han sido bastantes, para arrojarlos al desierto, pequeñas partidas de nuestras fuerzas. Estas se internan hoy por Sierra Azul y Sierra Grande, donde antes nadie osaba penetrar por temor a las tribus salvajes. Últimamente se ha mandado retirar, como ya innecesaria, la columna que expedicionaba [*sic*] por el rumbo de Bocatete.¹³⁰

[1901, discurso de Portillo y Rojas]: Como señal inequívoca de adelanto debemos ver también la guerra de Yucatán, emprendida con fines civilizadores y conducida conforme á las reglas del arte bélico moderno. Así lo ponen en claro el gradual avance y reforzamiento de tropas, el bien preparado servicio marítimo, la construcción de via férrea y malecones en la costa y la minuciosa preparación de todas las provisiones y detalles necesarios para obtener éxito favorable en una corta y definitiva campaña. Encerradas las tribus rebeldes en un círculo de hierro que metódicamente se va estrechando, abandonan sus trincheras, huyen y se dispersan, haciendo fácil y poco cruenta la obra de la pacificación.¹³¹

Notamos que o presidente mencionou dois estados onde foram recorrentes os problemas entre tribos indígenas e o governo: Sonora (região noroeste do México) e Yucatán (região sudeste do México)¹³². No primeiro exemplo, percebemos que, para se referir aos indígenas, Díaz utilizou como sinônimos as qualificações “bárbaros” e “selvagens”. Classificados como insubmissos e rebeldes, causavam temor em várias regiões, tornando-se, assim, um problema de segurança pública – por causa disto, acreditava-se que eles deveriam ser reprimidos por tropas militares. Já para falar sobre Yucatán, o general mencionou a necessidade de uma guerra com fins civilizacionais, responsabilidade do Ministério da Guerra e de toda sua “arte bélica moderna”. Se fosse preciso, o porfirismo mobilizaria várias esferas governamentais para uma “curta” e

¹²⁹ Sobre o assunto escreveu Navarrete: “En primer lugar, aplicar la categoría étnica para definir a otro sirve siempre para definirse a uno mismo. Decir que alguien es “indio”, implica decir que es “indio como yo”, o que es “indio a diferencia de mí”. Definir a alguien como miembro de una categoría implica siempre definir la oposición que uno tiene frente a esa persona y la relación que debe entablar con ella. Igualmente, definirse a uno mismo como miembro de una categoría étnica implica definir la relación que mantiene uno con los demás.” (NAVARRETE, 2004, p. 22). Também é importante consultar o artigo de Rogelio Jiménez Marce, que possui uma classificação similar: “La construcción de las ideas sobre la raza en algunos pensadores mexicanos de la segunda mitad del siglo XIX” em *Secuencia* número 59, México, Instituto Mora, mayo-agosto 2004, pp. 73-100.

¹³⁰ El General Díaz al inaugurar el 15º Congreso Constitucional, el primer período del segundo año de sus sesiones, el 16 de Septiembre de 1891, p. 452.

¹³¹ Contestación del C. Presidente del Congreso, Lic. José López Portillo y Rojas, abril 1901, p. 612.

¹³² Em 1902, Yucatán foi dividido para se criar o território chamado, posteriormente, Quintana Roo. A questão indígena e os problemas com o governo nessa região também foram latentes.

“definitiva” incursão contra eles. Os índios deveriam, aos olhos do primeiro magistrado, ser pacificados. Insubmissões, turbulências, inconstâncias, etc., mostravam um passado que se tornava irrevogável. Se o objetivo era mostrar que o presente mexicano havia mudado em relação ao passado e estava fundando sólidas bases para o provir, quais medidas deveriam ser tomadas para acabar com os resquícios do que era considerado ultrapassado, retrógrado e antigo?

É interessante perceber como civilização e pacificação também foram usados como sinônimos. Na introdução e nos itens anteriores, vimos que o conceito foi mobilizado para indicar um presente sem guerras e estável (ainda mais em comparação com a primeira metade do século XIX). Além disto, também foi usado para se remeter à incursão contra os indígenas. Todos deveriam ser submetidos aos preceitos e projetos de nação do Estado; pacificar implicava, neste segundo caso, eliminar, seja por assimilação forçada ou extinção física, a todos os elementos que se constituíssem obstáculo à marcha civilizatória. Para Quijada, “en primer lugar, no es ocioso recordar que en la segunda mitad del siglo XIX (...) alcanzó estatus de ‘verdad científica’ una manera de concebir la diversidad humana a partir de su estructuración en una rígida escala medida en términos tanto físicos como culturales.” (QUIJADA, 2003a, p. 489).

Se heterogeneidade estava articulada a selvagerismo e/ou barbárie – e, em nosso caso, relacionado aos indígenas –; o inverso desse silogismo era a homogeneização ligada à civilização e ao progresso¹³³. Como sabemos, a homogeneidade estava conectada à vontade de uniformidade, a partir do modelo de desenvolvimento sociocultural europeu que, segundo o paradigma da época, tinha maior capacidade para progredir. Portanto, os indígenas foram considerados um entrave à modernização do país. Isto principalmente a partir da implementação da política liberal após a Reforma, em que o racismo mexicano passou da condição de fragmentado à de Estado e esteve presente em várias políticas públicas¹³⁴. Para Florescano,

El señalamiento de los indígenas como enemigos del progreso, o la acusación de que eran culpables del atraso o los fracasos del país, puso en movimiento una campaña insidiosa que terminó por configurar una

¹³³ É importante mencionar que “homogeneidade”/“heterogeneidade” foram conceitos utilizados por Herbert Spencer para tratar sobre a evolução social.

¹³⁴ Evelyne Sanchez desenvolveu um trabalho detalhado sobre o tema, cruzando as discussões sobre nacionalismo e racismo para pensar especificamente o México. Ver: SANCHEZ, Evelyne. “Nacionalismo y racismo en el México decimonónico”. In: *Nuevos enfoques, nuevos resultados*. Nuevo Mundo Mundos nuevos, 2007, <http://nuevomundo.revues.org/document3528.html>. <hal-00947405>.

imagen negativa del indígena. La prensa, los libros, los discursos, la pintura y los medios más diversos difundieron una imagen degradada y salvaje de los indígenas que se generalizó en el siglo y se adentró en las partes más profundas de la conciencia nacional. (FLORESCANO, 2001, p. 564).¹³⁵

Essa política de homogeneização nacional invisibilizou as identidades indígenas. Era necessário e latente transformá-los em sujeitos civilizados, fosse por via da educação ou fusão racial¹³⁶. Para Díaz, a instrução pública era o remédio para os problemas sociais. O presidente deixou clara, em um dos discursos, a necessidade de expansão do ensino primário aos indígenas, tornando-os mais moralizados, cultos e civilizados. Dentre as matérias, era importante que aprendessem o castelhano, língua oficial da nação e referência europeia. Citamos um trecho do documento de 1899:

Como dicha ley impone á la Dirección General del Ramo [da Instrução Pública], entre otras obligaciones, la de procurar que se difunda la enseñanza primaria entre la raza indígena, es satisfactorio consignar que en los pueblos de la región alta del Distrito de Xochimilco donde numéricamente prepondera aquella raza, trescientos sesenta y cuatro niños aprendieron el castellano, quedando con esto en condiciones de continuar su educación.¹³⁷

Na prática, foi conformado no México um tipo de cidadania étnica em que os indígenas, qualificados de insubordinados, selvagens/bárbaros e rebeldes, não possuíam

¹³⁵ Bernardo Reyes e James Creelman foram dois autores que defenderam abertamente o porfirismo e escreveram apreciações sobre os indígenas de Sonora e Yucatán. Falaremos sobre ambos no Capítulo 2 e no 3, respectivamente.

Bernardo Reyes Ogazón escreveu: “La campaña contra los indios yaquis y mayos, fue necesario proseguirla. El Estado del país, de cualquier modo, exigía que esas tribus no vivieran fuera de la obediencia del Gobierno; y aunque en inmediatas épocas anteriores pudieron haberse empleado otros medios para encauzarlas en la vida civilizada, en el momento a que nos referimos habían alcanzado algún triunfo sobre las fuerzas federales, que las había envalentonado, y no cabía ya más recurso que sojuzgarlas por medio de las armas.” (REYES, 1960 [1903], p. 283).

James Creelman, que em 1910 escreveu *Díaz: master of Mexico*, obra publicada em fevereiro de 1911, argumentou sobre os indígenas: “The Indians remained at peace only for brief spells. There was no force within their territory to inspire them with awe and no authority save that of their chiefs, and they soon returned to the warpath and raided the neighboring townlets and villages, burning, murdering, and robbing as they proceeded. Then the government was again compelled to take the field against them and keep up the fighting until they sued for peace. The withdrawal of the troops would be followed by a short period of relative quiet, again interrupted by uprisings, incendiarisms, assassinations, and thefts.” (CREELMAN, 2011 [1911], pp. 405-406). Ver: REYES, Bernardo. *El General Porfirio Díaz*. Cidade do México: Editora Nacional, ed.1960 [1903]. CREELMAN, James. *Díaz, master of Mexico*. Lexington: Cornell University Library, 2011 [1911].

¹³⁶ Díaz falou sobre a importância da instrução pública como remédio para os problemas políticos e sociais do México: “Los resultados satisfactorios que se han obtenido en el último año escolar, y las últimas inscripciones que para el presente se registran en todas las escuelas nacionales, han venido á demostrar que no son estériles los constantes esfuerzos del Gobierno por difundir y mejorar la enseñanza pública, de la que principalmente depende la solución de los problemas políticos y sociales.” Em: El General Díaz, en 1º de Abril de 1894, al abrir el 16º Congreso el segundo período del año segundo de sus sesiones, p. 414.

¹³⁷ El General Díaz, el 1º de Abril de 1899, al inaugurar el Congreso de la Unión el segundo período del primer año de sus sesiones, p. 546.

os critérios para serem enquadrados na condição de cidadãos. Como explicou Navarrete, “todos los grupos que no quisieran, o no pudieran, tomar parte de ese proceso de fusión racial y construcción nacional (ya fueron indios rebeldes o miembros de otras razas como los chinos) eran obstáculos a la conformación de la nación homogénea y por ende enemigos de la patria.” (NAVARRETE, 2004, p. 94). Eles deveriam, primeiramente, ser pacificados, contendo, assim, seu espírito turbulento e, posteriormente, educados dentro dos modos civilizados e morais. Acreditava-se que a aprendizagem do castelhano os daria a possibilidade de continuar sua educação¹³⁸. À época, menos da metade da população falava o espanhol, existia no país um mosaico de etnias e línguas locais. Esse fenômeno criava uma grande falácia entre, por exemplo, as leis governamentais, projetos de Estado e a população. Muitos governantes desconheciam o valor ou a dimensão de outras línguas, como, por exemplo, o *Náhuatl*. A língua oficial, considerada culta e civilizada, que deveria ser ensinada nas escolas, era o espanhol de origem europeia.

Pensando novamente nos sistemas classificatórios: eu/outro; nós/eles, para Jacques Derrida, a relação entre os termos dessa oposição envolve um desequilíbrio de poder. O “outro” é representado como o desviante, o que deveria se enquadrar nos padrões aceitos socialmente, a fim de corroborar com a efetivação do projeto de nação. Desta forma, quais eram as fronteiras simbólicas do México? O índio estava inserido ou apenas as tangenciava? Como eles eram vistos pelo governo? Qual o lugar do índio no discurso nacionalista de Díaz que desejava impulsionar o país para o futuro? Para pensarmos essas indagações, citaremos outro trecho dos discursos de Díaz, de setembro de 1889:

En 24 de Julio último, parte de los yaquis, en Sonora, se levantó en armas atacando en BÁCUM al que hasta entonces habían reconocido como jefe. No obtuvieron los yaquis para esta rebelión ni motivo ni pretexto; pues tanto el Gobierno Federal como el de Sonora, después de la última sumisión pactada con ellos, los han ayudado con víveres, con extensos terrenos apropiados á la agricultura, con bueyes y útiles de labranza, y aun dinero, con el cual, en vez de utilizarlo, han adquirido algunas armas y municiones.

La actividad del jefe de la primera Zona, que con los elementos propios de lo mismo y con el auxilio de la Guardia Nacional del Estado, destacó tropas en persecución de los yaquis, los ha escarmentado en varios encuentros, al extremo de que se puede ya con pequeñas partidas perseguir á los rebeldes. Esto hace esperar profundamente el pronto término de la rebelión.

Próximamente quedarán reducidos á la obediencia del Gobierno los mayas de Yucatán. Al efecto están dictando algunas disposiciones

¹³⁸ Federico Navarrete desenvolve esse tema em seu livro de 2004, na página 72.

preliminares, de que daré conocimiento á las Cámaras con la oportunidad debida.¹³⁹

Vemos acima que o governo se queixou da insubordinação, para ele sem fundamento, dos indígenas, já que o Porfiriato contribuía com as tribos locais e prestava assistência a elas. Diante disto, para o porfirismo não havia outra medida senão a perseguição a esses indivíduos que, ao acaso, sublevaram-se contra a autoridade local que por tempos reconheciam, e, conseqüentemente, contra a proteção do Estado. Além disto, medidas também estavam sendo tomadas para que os Mayas de Yucatán ficassem reduzidos à obediência. É importante salientar que, como temos apreendido, a categoria “índio” é ampla e engloba (englobou) várias etnias e culturas. No interior dessa categoria os indígenas foram separados em “civilizados” *versus* “selvagens”/“bárbaros”/“rebeldes”. Estes deveriam ser combatidos pelo Ministério da Guerra, já que, para o Estado, eram uma ameaça à paz e à ordem social/nacional. Como escreveu Díaz, “las tribus que han merodeado en las inmediaciones de los ríos Yaqui y Mayo, son perseguidas con tanta actividad, que ya no se encuentran ni en sus inexpugnables posiciones de la Sierra, viéndose obligadas á dispersarse y aun á salir de los límites de Sonora.”¹⁴⁰.

Em todas as citações discutidas, vimos que a perseguição a esses grupos foi uma medida central e recorrente. A categorização dos sujeitos gerava conseqüências materiais, ações políticas e incursões militares contra esses indivíduos. Estes conceitos, amplamente utilizados nos discursos, atuavam como uma forma de estratégia política: a partir da ideia de pacificação, ordem e homogeneidade nacional, os considerados “bárbaros”, dissonantes desta política, deveriam ser perseguidos/civilizados. Civilizar significava deixar o país prenhe de futuro, suprimir qualquer elemento de incoerência no interior da lógica do tempo organizada pelo Porfiriato. Em contrapartida, o índio sublevado era compreendido como uma âncora que prendia a nação a um passado irrevogável, que transbordava visivelmente neste presente que se afirmava pacífico e moderno. O vocabulário político utilizado possuía poder e gerava conseqüências materiais; para Navarrete, “estas clasificaciones no sólo sirven para comprender la realidad, sino que también cumple funciones sociales y políticas, pues permite organizar las relaciones

¹³⁹El General Díaz, al abrir el 19^a Congreso de la Unión el primer período del segundo año de sus sesiones ordinarias, el 16 de Septiembre de 1899, pp. 567-568.

¹⁴⁰ El General Díaz, el 1^o de Abril de 1896, al abrir el 17^o Congreso de la Unión, el segundo período del segundo año de sus sesiones, p. 472.

sociales. En efecto, según la categoría a que pertenezca, cada persona o grupo puede recibir tratamientos legales, políticos y económicos diferentes. (NAVARRETE, 2004, p. 22)¹⁴¹.

Como percebemos nas fontes, os indígenas, qualificados com os adjetivos destacados acima, deveriam ser educados a partir dos modelos modernos vigentes na época. Eles eram vistos como refratários à civilização e comprometiam o valor moral e material da nação. Como lemos nos trechos acima, podiam até se insubordinar, aos olhos do porfirismo, sem justificativa, comprometendo a paz e a ordem estabelecidas pelo regime. Como afirmou Florescano,

La configuración de esta imagen de la nación, con su cauda de símbolos y emblemas nacionales, produjo la lista correlativa de los enemigos que se oponían a la nación moderna. En esta lista figuraban de manera prominente los pueblos indígenas. Liberales, conservadores y moderados, los distintos partidos políticos que competían en la arena nacional, coincidieron en señalar a los pueblos indígenas como el mayor fardo que arrastraba la nación y en ellos concentraron sus críticas. El ataque a las tradiciones y valores indígenas produjo como resultado una arremetida general contra las tierras que sustentaban a los pueblos y el nacimiento de una conciencia social intolerante. (FLORESCANO, 2001, p. 564).

Como afirmou Evelyn Hu-Dehart, a existência de um Estado indígena no interior de um Estado nacional que se queria forte foi inaceitável durante o governo porfirista. A partir de 1879, por exemplo, várias incursões militares contra grupos de etnias começaram a ocorrer, como as contra os Yaquis de Sonora e os índios de Yucatán¹⁴². A história nacional se desenvolvia paralela aos indígenas, estes ganhavam protagonismo nos episódios de rebeldia e transgressão à ordem. Nas fontes analisadas, eles foram mencionados em eventos violentos, pois debandavam para as montanhas a cada incursão militar, ou como grupos pacificados, civilizados e subordinados pelos militares. Como discursou o presidente em 1895,

¹⁴¹ Como sintetizou Kathryn Woodward, autora que tem vasta produção sobre o conceito “Identidade” e pesquisou sobre identidades nacionais: “A ordem social é mantida por meio de oposições binárias, tais como a divisão entre “locais” (insiders) e “forasteiros” (outsiders). A produção de categorias pelas quais os indivíduos que transgridem são relegados ao status de “forasteiros”, de acordo com o sistema social vigente, garante um certo controle social. A classificação simbólica está, assim, intimamente relacionada à ordem social.” (WOODWARD, 2003, p. 46).

¹⁴² Sobre as incursões porfiristas aos Yaquis, afirmou Hu-Dehart: “Al enfrentarse a Cajeme [líder Yaqui], el gobierno federal asumió por primera vez la responsabilidad principal de la pacificación yaqui. Los yaquis dejaban de ser un problema local para convertirse en un problema nacional, un motivo de vergüenza para el programa de integración social nacional del presidente Díaz y un obstáculo para sus metas de desarrollo nacional.” (HU-DEHART, 1990, p. 152).

La constante persecución que se hace al resto de las tribus Yaquis y Mayo, que aún permanece substraído á la obediencia del Gobierno, ha tenido por resultado que, después de mi último Informe al Congreso, no haya ocurrido en la región comprendida entre los ríos que dan su nombre á aquellas tribus, ninguna irrupción de los sublevados que ocasionara un hecho de armas importante.¹⁴³

Mariano Escobedo reafirmou a fala de Díaz no mesmo día:

Con verdadera satisfacción há visto el Congreso que las tribus del Yaqui y Mayo substraídas á la obediencia del Gobierno no han hecho irrupción de importancia, lo que prueba la actitud de nuestras fuerzas en la eficaz persecución que ha hecho decrecer esas tribus rebeldes. La nueva organización del arma de artillería la pone en condiciones de hacer con eficaces resultados el servicio de su institución.¹⁴⁴

Vemos que, no mesmo discurso, Díaz destacou repetidamente que não havia perturbação social advinda das tribos Mayas e Yaquis, devido à *constante* perseguição a elas por parte das tropas militares. Para o oaxaqueño, os índios continuavam, até o momento, obedientes ao governo: resultado de uma eficaz perseguição e de uma nova organização da artilharia, afirmou. É importante destacar que existe uma ampla e densa literatura a respeito dos vários grupos indígenas. Outros motivos também levaram o governo a investir em incursões militares contra as etnias. Sobre os Mayas, por exemplo, também esteve ligada à guerra de castas. Contudo, nosso objetivo é analisar a questão indígena através das políticas de modernização nacional. E como, portanto, os grupos eram vistos, na marcha civilizatória, atrasados, rebeldes, sem regras sociais, etc.¹⁴⁵. Dentro das fronteiras nacionais, configuravam-se essas fronteiras internas que acabavam se tornando redutos de grupos autônomos. A natureza transformava-se em palco dessa história, pois, após as incursões, as tribos fugiam para as montanhas. Se a cidade era o lugar da civilização, a paisagem mais bruta, pitoresca, como as montanhas que serviam de refúgio aos insubmissos e de almas inconstantes, tornava-se o lugar da barbárie. Como sabemos, a natureza não é um ambiente neutro, ela também se configura como elemento

¹⁴³ El General Díaz, el 1º de Abril de 1895, al abrir el 17º Congreso el segundo período del primer año de sus sesiones, p. 444.

¹⁴⁴ Contestación del Presidente del Congreso, C. Gral. Mariano Escobedo, abril de 1895, p. 446. Escobedo (1826-1902), como Díaz, teve uma profícua carreira militar. Atuou contra a intervenção norte-americana no país, na já mencionada Revolução de Ayutla, na Guerra da Reforma, etc. (sempre a favor dos liberais). Durante sua trajetória política, foi governador do estado de San Luís Potosí e Nuevo León. Era amigo íntimo de Lerdo e se opôs à Revolução de Tuxtepec. Entretanto, foi deputado durante o Porfiriato.

¹⁴⁵ Sobre o tema ver: REINA, Leticia, “Raíces y fuerza de la autonomía indígena”. In: REINA, Leticia (coord.). *Los retos de la etnicidad en los estados – nación del siglo XXI*. Cidade do México: CIESAS – INI-Miguel Ángel Porrúa, 2000, pp. 245-277; REINA, Leticia, “Elecciones locales y crisis en los cambios de siglo XIX y XX. Cultura política de los pueblos indios”. In: REINA, Leticia; SERVÍN, Elisa (coords.). *Crisis, Reforma y Revolución. México: historias de fin de siglo*. Cidade do México: Taurus/ Conaculta/Inah, 2002, pp. 253-292. Série Historia de los pueblos indígenas de México, editado por CIESAS e INI, 1995.

de construção da identidade nacional e, neste caso, deu-se como o lugar que escondia os sujeitos excluídos do projeto de nação moderna¹⁴⁶. Interpretados como nômades, para o Porfiriato era preciso silenciar os sublevados.

Por fim, para começarmos a sintetizar a discussão deste item e a condensar as principais propostas, não podemos deixar de reiterar que a sociedade mexicana foi etnicamente hierarquizada desde o regime colonial espanhol. Nem todos os grupos usufruíram da igualdade de direitos proposta na Constituição de 57, sendo, principalmente, os indígenas e outros grupos populares – como os negros e chinos – os mais prejudicados¹⁴⁷. Partindo de uma literatura especializada, mencionamos rapidamente acima que o sujeito escolhido para representar a nação no século XIX foi o mestiço: a mistura do branco espanhol e do indígena mexicano¹⁴⁸. Se o Porfiriato organizou, narrativamente, o tempo histórico nacional a partir de uma lógica que atestava a paz e a modernidade no presente, o sujeito que daria visibilidade a todos esses desejos era o mestiço. Contudo, qual indígena foi glorificado neste processo de mestiçagem? O indígena contemporâneo ao Porfiriato não foi contemplado nesta proposta, mas sim o glorioso asteca do passado. Deste modo, nessa lógica temporal, o mestiço tornava-se a face do presente e futuro mexicano e o indígena a representação do passado que insistia em permanecer no presente. O multilinguismo, o multiculturalismo, as várias etnias e tipos mexicanos desafiavam a ideia do “ser mexicano”. Como explicou Claudio Lomnitz, entre 1833 e 1895 os censos locais indicava a composição muito heterogênea da

¹⁴⁶ Sobre o tema ver Maria Ligia Prado (2004).

¹⁴⁷ P. O. Topete Pozas desenvolveu seu mestrado no Instituto Mora sobre a questão racial vinculada à imigração, durante o Porfiriato. Afirmou: “En 1910, ante la Sociedad de Geografía y Estadística, el historiador Alberto Carreño presentó su discurso *El peligro negro*. En este ensayo el autor analiza la dudosa conveniencia, que para México representaba la inmigración de los hombres de color que pretendían venir a establecerse en el país. (...) Además, en el *peligro negro*, el autor plantea que México ya tiene un problema muy fuerte que resolver con su propia población indígena, para complicarlo más con la llegada de población de origen africano.” (TOPETE POZAS, 2010, p. 65).

¹⁴⁸ O cidadão mestiço era a imagem do sujeito mexicano. Partindo de vários trabalhos que se propuseram pensar o sujeito nacional do México durante o século XIX e o XX, afirmamos que o mestiço foi o personagem central da nação. Segundo Luiz Estevam de Oliveira Fernandes, “a memória histórica mexicana foi cristalizada no século XX como uma memória mestiça. Desde fins do século XIX, a exaltação da ‘mistura de raças’ que gerara o ‘povo mexicano’ acabou por se constituir em tema nacional e mito fundador.” (FERNANDES, 2010, s/p.). É importante salientar que o mestiço mexicano se configurou especificamente da mistura entre espanhóis e os índios. Já no Brasil, por exemplo, o conceito ganhou mais amplitude, abarcando a mistura de outras raças. Para um panorama sobre o assunto é importante ver: FERNANDES, L. E. O. *Patria mestiza: a invenção do passado nacional mexicano* (séculos XVIII e XIX). Jundiaí: Editorial Paco, 2012 e “Algumas considerações sobre o conceito de mestiçagem e sua constituição no México”. In: *História e-História*, v. 2010, p. 1, 2010; FLORESCANO, Enrique. *Memoria mexicana*. México: Taurus, 2001; NAVARRETE LIÑARES, Federico. *Las relaciones interétnicas en México*. Cidade do México: UNAM, 2004; ROZAT DUPEYRON, Guy. *Los orígenes de la nación: pasado indígena e historia nacional*. Cidade do México: Universidad Iberoamericana, 2001.

sociedade, marcada por várias raças pulverizadas pelo território. A partir deste ano, os censos nacionais começaram a indicar a “raça mexicana”, denotando a ideia de singularidade¹⁴⁹.

Como explicou Navarrete, “si bien las constituciones mexicanas establecieron la ciudadanía universal, en la práctica política se impuso un modelo de ‘ciudadanía étnica’.” (NAVARRETE, 2004, pp. 67-68). Os grupos étnicos que não corresponderam a esta forma de cidadania explicada anteriormente foram marginalizados da sociedade e se transformaram em uma preocupação para o governo. “La idea de igualdad ha sido inseparable de la idea de civilización moderna. Para estas élites [do século XIX] la igualdad significaba que todos los mexicanos debían ser iguales a ellos y sólo así tendrían derecho a ser ciudadanos.” (NAVARRETE, 2004, p. 67 e p. 68). Existia uma forma vitoriosa de “cidadania étnica”: os *ciudadanos en general* deveriam ser como os mestiços, estes, por excelência, a face da nação. Os indígenas coetâneos ao Porfiriato foram, como vimos, qualificados de bárbaros pelo presidente em seus discursos, viraram um problema para o Ministério da Guerra e um inimigo nacional.

O projeto de união, ordem, pacificação e homogeneidade nacional do Porfiriato também passou pelo discurso da mestiçagem que foi tecido no período. O mestiço foi considerado o representante da nação, seu mito fundador. Foi em sua figura – indivíduo que carregava um passado indígena *Nahuatl* glorioso e traços do europeu, especialmente do espanhol – que esteve centrada a unidade do país e a base para um progresso nacional. Parte da elite intelectual e política do Porfiriato debateu amplamente a mestiçagem, mas o assunto foi tocado antes. Em 1830, José María Luis Mora afirmou que eles eram resquícios da antiga população que habitava o território e, portanto, deveriam se misturar com os brancos. Para ele, no período de um século, a raça indígena estaria extinta através da mescla. Voltando ao Porfiriato, o que corroborou com essa ideia foi a ciência no final do século XIX e a divisão dos povos e nações em estágios raciais; os sistemas classificatórios levavam em consideração a aparência física e a capacidade racional/intelectual dos indivíduos. A superioridade cultural e social advinha da raça branca. Nessa concepção, os indígenas (bem como os negros, chinos, etc.) não possuíam

¹⁴⁹ Lomnitz escreveu um importante trabalho sobre essa política de homogeneidade social. LOMNITZ, Claudio. “Los orígenes de nuestra supuesta homogeneidad. Breve arqueología de la unidad nacional”. In: *México Prismas - Revista de Historia Intelectual*, vol. 14, núm. 1, jun. 2010, pp. 17-36.

a Razão advinda da Ilustração europeia, definida a partir de modelos europeus. Para Fernandes:

(...) os indígenas [contemporâneos ao governo] foram amalgamados em um bloco homônimo e tiveram sua historicidade subtraída: expulsos do discurso histórico-nacional tornaram-se objetos de estudos acadêmicos nas áreas da Antropologia, Etnologia e Arqueologia. Transformaram-se em figuras atemporais, uma vez que, em um esforço originado em um discurso *criollo*, reinventado ao longo do século XIX, os índios vivos deixaram de ser associados aos antigos. Tirando sua historicidade como grupo, viraram uma espécie de quadro de costumes, uma descrição a-histórica do pitoresco, do atrasado. (FERNANDES, 2012, p. 288)¹⁵⁰.

Federico Navarrete, ao estudar as relações interétnicas no México, realizou uma pesquisa dos censos demográficos de 1808 a 1921. Ao finalizar o cotejamento dos documentos, descobriu um aumento significativo do número de mestiços no país. Como explicou, em 1808, 60% da população pertencia à categoria “indígenas” e 23% eram considerados mestiços (os 18% restantes estavam inseridos na categoria de espanhóis ou europeus em geral). Já em 1921, indicou que 59% da nação estava inserida na categoria “mestiços” e apenas 29% enquadravam-se na de indígenas. Para os anos de 1930, apenas 14% da população pertencia a esta categoria e, em 2000, a porcentagem caiu para 9%. A conclusão para tal fenômeno foi que a população mexicana – principalmente a elite –, ao longo dos anos, deixou de se ver como indígena e passou a se considerar e a se reconhecer como mestiça. Para o historiador, a diferença entre as porcentagens foi tão acentuada que apenas os fatores demográficos não explicariam estes acontecimentos¹⁵¹.

Como afirmou Fernandes, “essa cristalização do discurso da mestiçagem passou pela consolidação do paternalismo sobre a representação do índio, bem como pela readequação da memória de formação do México, que começou a ser um pretérito nacional mestiço.” (FERNANDES, 2009, p. 190). É importante ressaltar, portanto, quem foi esse indígena a ser destacado no discurso acerca da mestiçagem. Como compreendemos e a partir de toda a discussão deste tópico, a exaltação foi a do indígena

¹⁵⁰ Como reiterou Almeida, “a retórica nacionalista dos crioulos iria, então, especialmente no México e no Peru, exaltar seus passados pré-hispânicos, buscando neles as origens das identidades nacionais dos Estados em construção. As elites revolucionárias exaltavam as virtudes e qualidades dos astecas e incas, ao mesmo tempo que depreciavam os índios coevos, considerando-os atrasados e empecilhos ao progresso.” (ALMEIDA, 2011, p. 114).

¹⁵¹ Como explicou, Os Estados-nação utilizam “la educación, los medios de comunicación, los monumentos entre muchas otras herramientas, para convencer a sus ciudadanos que tienen la misma identidad nacional y que ésta es más importante que otras formas de identidad, como puede ser la sexual, la de clase social, la regional y también la pertenencia a grupos étnicos diferentes. (NAVARRETE, 2004, p. 30).

da antiguidade, o asteca, e não a do índio do presente, de finais do século XIX e início do XX. Este passou a ser marginalizado e a ideia era que ele acabaria sendo extinto¹⁵². O passado deveria se tornar irreversível e todos os elementos que fossem ultrapassados deveriam desaparecer. Em 1909, Díaz afirmou: “la tranquilidad pública se ha conservado en todo el país. Los indios yaquis que en Sonora cometían depredaciones, han entrado en un período de calma, y desde septiembre último no cometen ninguno de sus actos de selvajerismo.”¹⁵³.

Frente ao que foi discutido, os indígenas podiam fazer parte da nação e ter acesso à cidadania sempre que aceitassem se submeter ao governo, bem como à definição de cidadania étnica vigente na época: ou seja, deixando de ser indígenas – pela via da mestiçagem e/ou da educação. As várias etnias foram qualificadas de atrasadas e deveriam ser assimiladas à obediência do Estado nacional ou desaparecer. Contudo, não podemos afirmar que os indígenas que compuseram o cenário étnico mexicano foram passivos aos projetos políticos do Porfiriato. Houve toda uma situação de releitura, ressignificação e contestação por parte destes grupos que, mesmo que o assunto não tenha sido trabalhado neste capítulo, não pode ser esquecida. Nenhuma proposta oficial foi aceita sem contestação¹⁵⁴. Mas esta afirmação também não minimiza toda a política porfiriana que tentou, a partir de várias ações, invisibilizar as tribos. Sintetizou Quijada:

En las áreas periféricas de distintos países, como México, Chile o Argentina, los ejércitos centrales redujeron militarmente a las consideradas “pervivencias bárbaras” y sometieron a los sobrevivientes a un proceso extremo y apresurado de modificación de sus costumbres e iniciación en las prácticas “civilizadas”. En las áreas de población indígena nuclear, donde las posibilidades de acción eran más complejas ya que implicaban operar sobre la gran masa de la población campesina, se produjo un proceso acelerado de contracción de la “nación de

¹⁵² Outra saída seria a política de colonização no México, amplamente fomentada no país, mas que foi um projeto sem grandes sucessos. Disse José Yves Limantour, presidente do Congresso em 1887: “Son de importancia trascendental los esfuerzos hechos para desarrollar en el país las industrias minera y agrícola, así como para fomentar la inmigración y el establecimiento de colonias. Los diversos sistemas que se han ensayado en los últimos años para lograr objetos tan útiles, habrán ilustrado suficientemente al Ejecutivo sobre el camino que convenga seguir en lo sucesivo, y se eliminarán, al menos en gran parte, los inconvenientes que hayan puesto de manifiesto las anteriores tentativas.” Em: *Contestación del Presidente de Congreso*, Lic. D. José Y. Limantour, septiembre de 1887, p. 247. Limantour (1854-1935) foi um político mexicano e compôs o grupo dos chamados *Científicos*. Foi deputado do Congresso entre os anos de 1880 e 1890, bem como ocupou várias comissões científicas e econômicas promovidas pelo governo. Durante o Porfiriato, foi eleito Secretário de Fazenda e Crédito Público pelo presidente (1893-1911).

¹⁵³ El Gral. Porfirio Díaz, al abrir las sesiones ordinarias del Congreso, el 1º de Abril de 1909, p. 816.

¹⁵⁴ “Pero los indios se negaron a esfumarse e irrumpieron, redivivos, en la escena. Sus rebeliones convencieron a la intelligentsia mexicana, empeñada hasta entonces en soslayarlos, de que el compartir una ciudadanía republicana no había creado lazos de identificación entre los grupos étnicos ni mucho menos una verdadera conciencia nacional.” (BASAVE BENÍTEZ, 1992, p. 23).

ciudadanos” mediante la aplicación de medidas crecientemente segregacionistas. (QUIJADA, 2000, p. 42).

O problema indígena perdurou até 1910 e foi tema perene nos discursos de Díaz e dos presidentes do Congresso¹⁵⁵. A questão nunca foi ponto pacífico e a autonomia que estes grupos possuíam não era bem vista pelo Porfiriato. Marcada por enfrentamentos, a política de homogeneização nacional teve efetividade no plano narrativo e do discurso. Os documentos demonstram que, em todos os semestres, grupos étnicos e governo entraram em conflito; assunto que tentava ser suavizado a partir da estrutura formal dos textos, chamado por nós de elogio e crítica.

O discurso recorrente foi o da pacificação indígena, uma vez que eram vistos como violentos e causadores de desordem. Assinalados como claros inimigos do progresso, tornaram-se a face do atraso – elemento que não tinha espaço no projeto porfirista de identidade da nação¹⁵⁶. Se o mestiço foi exaltado como o protótipo da nação, o indígena era a raça que logo desapareceria, englobado pela teoria da mestiçagem. Na busca pela unidade e homogeneidade nacional, afirmou o antropólogo Gonzalo Aguirre Beltrán (1908-1996) que a única unicidade possível era a unicidade na mescla¹⁵⁷. Diante de tantos países civilizados e cultos, o regime de Díaz quis arquitetar uma situação que fosse exuberante aos olhos do mundo e que trouxesse legitimidade ao seu país. O México deveria mostrar sua face indígena? Frente à diversidade étnica, forjava-se um projeto unificador e, a partir dele, algumas ações políticas ganharam concretude e materialidade.

Para sintetizar toda a discussão desenvolvida neste primeiro capítulo, reiteramos que nosso objetivo foi demonstrar como o governo de Porfirio Díaz procurou organizar o tempo a fim de legitimar a presidência do general, suas reeleições e ações políticas. Foram 31 anos quase ininterruptos ocupando o cargo de primeiro magistrado do país e, como vimos, o oaxaqueño e a elite porfirista mobilizaram o passado, o presente e o futuro nacional a partir de uma lógica dissimétrica, processual, progressiva e etapista entre os

¹⁵⁵ Exemplo da Argentina na mesma época: “Ahora bien, entre 1879 y 1885 se produjo la acción conocida como Conquista del Desierto, por la que todos los territorios desde el sur de la provincia de Buenos Aires hasta el Cabo de Hornos quedaron sujetos a la autoridad del gobierno central, lo cual implicó el fin de la autonomía de las tribus indígenas.” (QUIJADA, 2003a, p. 150).

¹⁵⁶ Afirmou Díaz em 1900: “No obstante la sublevación de los Yaquis en Sonora, las colonias fundadas por el Gobierno para ellos continúan existiendo pobladas por los aborígenes de la misma tribu que no se rebelaron y por otros colonos. A todos sigue ayudando el Gobierno con los recursos pecuniarios indispensables, de que disfrutaron ampliamente los indios sublevados. El General Díaz, el 1º de Abril de 1900, al inaugurar el 19º Congreso de la Unión el segundo período del segundo año de sus sesiones, p. 576.

¹⁵⁷ Afirmção encontrada nos trabalhos de Basave Benítez, 1992, p. 141.

períodos. Voltava-se ao passado, expandido, para negá-lo. Mesmo afirmando-se dentro da tradição liberal, Díaz retornava à primeira metade do século XIX para representá-la como caótica, marcada por sublevações, guerras civis, presidências inconstantes e intervenções estrangeiras. O presente deveria ser a antítese desta descrição: pacificado, o México ganhava força para lançar-se ao futuro. Nessa arquitetura oficial, a Revolução de Tuxtepec foi o evento que marcou a possibilidade de um novo começo. Posteriormente, a pacificação possibilitaria uma modernização/civilização permanente do México, ou seja, a oportunidade de reconstruir um país imerso, por anos, em anarquia. Ele se tornaria moderno, civilizado e isento de grandes conturbações. Como vimos, nesta estrutura, o indígena, visto como a diferença, o “selvagem”, o “bárbaro”, o ruído na estrutura da paz, deveria ser assimilado pela via da mestiçagem ou da educação. O índio era visto como a face do passado irrevogável que insistia em aparecer. O mestiço – com o fenótipo do branco europeu – o rosto do futuro. Nada deveria frear a marcha da nação, era preciso eliminar os resquícios de passado que insistiam em conservar-se no presente. Portanto, o tempo histórico foi artifício estruturante das ações políticas do Porfiriato. O presidente era interpretado como o pai bondoso que guiaria o povo ao horizonte de expectativa que se abria aos olhos de todos.

Capítulo 2

Paz, progresso e modernidade em México: su evolución social. O discurso triunfalista do Porfiriato

Sólo para los que hemos sido testigos del cambio, tiene todo su valor: las páginas del gran libro que hoy cerramos lo demuestran copiosamente: era un ensueño, –al que los más optimistas asignaban un siglo para pasar a la realidad–, una paz de diez a veinte años; la nuestra lleva largo un cuarto de siglo; era un ensueño cubrir al país con un sistema ferroviario que uniera los puertos y el centro con el interior y lo ligara con el mundo, que sirviera de surco infinito de fierro en donde arrojado como semiente el capital extraño, produjese mieses opimas de riqueza propia; era un ensueño la aparición de una industria nacional en condiciones de crecimiento rápido, y todo se ha realizado, y todo se mueve, y todo está en marcha y México: Su Evolución Social se ha escrito para demostrar así, y queda demostrado.

Justo Sierra em México: su evolución social, 1902

Introdução

No capítulo anterior, analisamos os discursos de Porfirio Díaz ao Congresso Nacional Mexicano. Dissertamos, a partir do estudo das fontes, que o porfirismo, para legitimar o governo e validar suas ações políticas – cada vez mais centralizadas nas mãos do presidente – valeu-se de algumas estratégias que estruturaram os documentos e os argumentos oficiais. Foram elas: uma interpretação/organização específica do tempo nacional, em que se expandiu o passado, enfatizando conflitos internos e internacionais, e, ao compará-lo com o presente, foi afirmado que o país havia alcançado a paz a partir de 1876. A representação de Porfirio Díaz como o herói nacional e o construtor do México moderno, elaborada principalmente pelos presidentes do Congresso. O triunfo do Porfiriato confirmado através dos progressos materiais e das obras públicas, que deviam atestar e comprovar a modernização e a civilização alcançadas pelo país e, por fim, o problema indígena, visto como excesso de passado no presente, elemento dissonante com os novos tempos, e que precisava ser apagado via processo de mestiçagem e investimento na educação.

De agora em diante, veremos que essa estrutura de legitimação do governo de Díaz foi mobilizada de forma semelhante em outros documentos da época. A análise de diferentes fontes e o apontamento das recorrências discursivas entre elas têm como objetivo fundamentar nossas hipóteses de que esses argumentos fizeram parte de um discurso oficial, posteriormente rompido pelos críticos do governo – como veremos no capítulo seguinte. Existia uma compreensão do passado, do presente, do Estado e do governo parecida com a que explicamos e demonstramos anteriormente. Para mostrar essas semelhanças, analisaremos e explicaremos a formação do discurso do triunfo mexicano durante o porfirismo a partir da obra *México: su evolución social*. Ela será nossa principal obra analisada neste capítulo, mas também mencionaremos outras duas produções importantes que corroboram com nossas hipóteses: a biografia de Díaz, escrita pelo general Bernardo Reyes em 1902, intitulada *El General Porfirio Díaz e México as I saw it* da viajante inglesa Ethel Alec-Tweedie, escrita em 1901. Ambas foram feitas ao mesmo tempo que *México: su evolución social*.

Como fizemos no Capítulo 1, mostraremos como produções também consideradas oficiais mobilizaram o passado nacional em comparação com o presente, demonstrando que havia uma forma recorrente de compreensão desse tempo; construíram a imagem do general Díaz como um personagem heroico, central e solar, que emanava poder e ordem às localidades; buscaram, principalmente *México: su evolución social*, confirmar, comprovar e demonstrar o triunfo e a evolução do país sob o porfirismo, em 1902. A obra, como veremos, procurava selar a chegada do futuro ao México, engrandecendo o governo do presidente. Se, no capítulo anterior, explicamos que o objetivo de Díaz era criar a sensação de que o México se afastava do passado decadente e caminhava a passos largos até o futuro; em 1902, ano da publicação do livro em destaque, o objetivo era mostrar que esse futuro havia chegado e o México estava apto a exhibir ao mundo seu crescimento e sua consolidação no campo das nações cultas e civilizadas.

Diante dos processos de independência, as nações oitocentistas não firmaram sua soberania de forma isolacionista. Uma das ideias em voga à época era a de concerto das nações, ou seja, o jovem país deveria compor um lugar de destaque junto às grandes potências. O conceito de independência estava atrelado ao de interdependência; era

preciso cimentar a soberania nacional em uma esfera global¹⁵⁸. *México: su evolución social*, dentre vários objetivos, tinha o escopo de marcar o lugar do México entre os vários outros países do mundo. A obra sintetizava e mostrava de forma organizada toda a evolução – chamada de “evolução total”, como veremos – do país e confirmava que a nação havia se tornado próspera e moderna. A produção, portanto, era apresentada ao mundo como a compilação de tudo o que o México possuía até 1876 e o que conquistou a partir do governo porfirista¹⁵⁹.

México: su evolución social é uma obra coletiva escrita por treze autores que, cada um a sua maneira, estavam vinculados ao governo de Porfirio Díaz através da ocupação de cargos no Estado. O livro foi organizado por Justo Sierra, importante intelectual do círculo porfiriano, e escrito entre 1900 e 1902; um espaço curto de tempo, levando-se em consideração que foi uma produção que envolveu muitos autores e temas diversos. A publicação se deu pela conceituada editora J. Ballezá Y Compañía, mesma instituição que publicou, em 1884, *México a través de los siglos*, obra organizada por Vicente Riva Palacio e considerada a primeira grande síntese da história nacional¹⁶⁰. *México: su evolución social* foi publicada em três volumes e dividido em dois tomos. Como veremos ao longo do texto, a produção buscou interpretar e descrever a história do México a partir de um viés cronológico, etapista e progressista, abarcando desde a história pré-hispânica até o momento em que o livro estava sendo escrito, início do século XX. Na produção, a

¹⁵⁸ Novamente podemos lembrar a ideia de interdependência proposta por David Armitage em seu livro “Declaración de independencia: una historia global”.

¹⁵⁹ Um livro que também mencionou essa querela entre “interior” e “exterior”, ou seja, sobre a busca do lugar do México entre as nações civilizadas, é o de María Eugenia Ponce Alcocer, com pesquisa gráfica de Teresa Matabuena Pelaéz, intitulado “Las fiestas del Centenario de la Independencia a través de la correspondencia del General Porfirio Díaz”. Marisa Perez Dominguez também trouxe uma resenha sobre o livro na *Tzintzun*, Revista de Estudios Históricos, núm. 54, jul.-dez. 2011, pp. 210-216.

¹⁶⁰ Sobre a importância dada à México a través de los siglos como a primeira grande síntese da história nacional ver: CACHO Vázquez, Xavier. *México a través de los siglos a cien años de su publicación, 1884-1889*. Monterrey: Archivo General del Estado de Nuevo León, 1988; FLORESCANO, Enrique. “México a través de los siglos: Un nuevo modelo para relatar el pasado”. In: *La Jornada Virtual*, 2002; MATUTE, Álvaro; TREJO, E. “La Historia Antigua en México: Su evolución social”. In: *Estudios de Historia Moderna y Contemporánea de México*, México, UNAM: Instituto de Investigaciones Históricas, v. 14, 1991, pp. 89-106; ORTÍZ Monasterio, J. “Vicente Riva Palacio”, In Clark de Lara, Belem *et alli*; *La República de las letras: asomos a la cultura escrita del México decimonónico*, Vol. III: Galería de escritores, México: UNAM, 2005. Autor que discute o tema e analisa detidamente a produção mencionada nas linhas anteriores é: FERNANDES, L. E. O. *Patria Mestiza: A invenção do passado nacional mexicano (séculos XVIII e XIX)*. 1. ed. Jundiaí: Editorial Paco, 2012. V.1. 320pp.

sociedade foi interpretada como um organismo vivo que estava em progresso. Era o auge do positivismo e do evolucionismo de Spencer.¹⁶¹

Essa obra é importante de ser analisada, pois foi publicada, como mencionamos acima, após *México a través de los siglos* e, diferente desta, foi a primeira síntese que interpretou o governo de Díaz em suas páginas¹⁶². O livro buscou atestar o progresso nacional mexicano e confirmar a evolução do país. Se, como vimos no capítulo anterior, o Porfiriato tomou medidas políticas para distanciar o México do passado caótico, anárquico, decadente, bem como afirmou a paz no presente, voltando suas ações governativas para modernizar o país; o futuro, tão sonhado, acabara de chegar: 1902, ano da publicação de *México: su evolución social*, confirmava o advento do futuro, mostrando o progresso e a modernização mexicana. A narrativa e o tom do livro são otimistas, descrições históricas que, ao fim, culminam em sucessos. Um dos objetivos foi comprovar a evolução do México em cada esfera nacional: educação, ciência, economia, agricultura, entre várias outras. “Era un catálogo del progresismo porfiriano, fenómeno que abarcaba de la modernización del transporte a la reforma educativa, sanitaria, policial y carcelaria” (LOMNITZ, 2008, p. 450). Os escritores eram indivíduos que se alinhavam com ideias positivistas, evolucionistas e liberais. Simpatizavam com Benito Juárez e a República Restaurada (1867-1876), enxergavam em Díaz o *hombre fuerte* que concretizou os sonhos idealizados pelo povo e pelos governantes anteriores, mas nunca alcançados. Para os autores, se existia uma importante ruptura conquistada com o Triunfo da República, interpretado como a vitória definitiva dos liberais contra os conservadores, quem concretizou a mudança nacional efetiva, elevando a país a um novo estágio, foi Porfirio Díaz.

Para Jesús Gómez Serrano, os liberais transformaram o progresso em uma ideia central a ser perseguida pelo governo¹⁶³. Mais do que um indivíduo viajar ao México e

¹⁶¹ Sobre o assunto, também é importante conferir: WUES, Jeanine. “La nación como organismo. México: su evolución social 1900-1902, de Laura Angélica Moya López”. In: *Sociológica*, ano 19, n. 55, Mai-ago de 2004, pp. 317-328.

¹⁶² Como afirmou Benjamín Flores Hernández, autor que analisou *México: su evolución social* na década de 1980: “(...) lo primero que cabe comentar respecto a la obra en sí es que ésta constituye, después de *México a través de los siglos*, la más importante fuente historiográfica y la más brillante interpretación de la realidad nacional, de acuerdo a la versión oficial de ella, compuesta colectivamente durante los años que median entre la restauración de la república de 1867 y la revolución de 1910.” (FLORES HERNÁNDEZ, 1983, p. 35).

¹⁶³ Ver: GÓMEZ SERRANO, Jesús. “Una ciudad pujante. Aguascalientes durante el porfiriato”. In: STAPLES, Anne (Coord.). *Historia de la vida cotidiana en México: bienes y vivencias. El siglo XIX*. Cidade do México: FCE, 2005. O capítulo abordou o desenvolvimento e o progresso de Aguascalientes

ver com seus próprios olhos todo aquele progresso material e obras públicas, ele poderia ler sobre a evolução do país na obra e ver, através de muitas figuras, fotos, imagens e longos trechos de documentos oficiais – principalmente das Memórias anuais de cada Secretaria do governo –, os avanços conquistados pelo Porfiriato. Como afirmou Arnaldo Moya, “la obra pública – edificios cívicos y monumentos – funciona como evidencia sustantiva de que el régimen, en su madurez, deseaba plasmar sus resultados concretos y mostrarlos a la nación y al orbe” (MOYA, 2007a, p. 171). E muitas dessas obras foram reproduzidas em *México: su evolución social*, organização amplamente ilustrada. Ela foi escrita para os mexicanos, mas também para o público leitor estrangeiro, culto, progressista e civilizado. A obra tornava-se uma janela para mostrar os avanços do país para o público estrangeiro em um momento chave da história política mexicana. As eleições presidenciais de 1904 estavam próximas e era importante mostrar uma nação triunfal. Para Alvaro Matute (1991), foi uma obra de grande envergadura. Livro que alcançou e teve difusão imediata: a obra foi publicada ao mesmo tempo nas versões em espanhol, inglês e francês. O discurso trazia um tom positivo, otimista e de confiança, pois demonstrava como o México havia mudado e chegado em um momento nunca antes visto na história pátria e nacional. Citamos:

De cualquier modo, el obvio objetivo central perseguido con su publicación fue el de presentar al público, así nacional como extranjero – debe decirse que salió a la venta, simultáneamente, en versiones española, inglesa y francesa – todos los logros de progreso alcanzados por México durante los últimos tiempos, específicamente bajo el gobierno de Díaz. (FLORES HERNÁNDEZ, 1983, p. 35).

Se *México a través de los siglos* foi gestada em 1882 e publicada em 1884, transformando-se na obra que condensou várias versões sobre o passado e formou a síntese harmônica da história nacional, *México: su evolución social* foi produzida em um momento delicado do governo: ao mesmo tempo em que se atestava o auge da paz porfirista e dos avanços nacionais, as críticas ao governo e, principalmente, às reeleições do presidente, começaram a se intensificar. 1900, ano em que a obra começou a ser

entre os séculos XIX e XX, explicando como a capital se tornou moderna, progressista e investiu em uma política higienista. Na mesma coletânea, em um capítulo intitulado “La búsqueda del confort y la higiene en Mérida, 1860-1911”, Raquel Barceló pesquisou sobre o desenvolvimento de Mérida durante o Porfiriato. Havia um projeto de transformar Mérida em uma cidade progressista, principalmente por causa do Henequén. Buscava-se desenvolver os avanços científicos, a industrialização, a construção de obras públicas e políticas higienistas. Também indicamos o artigo CANTO VALDES, Luis Roberto. “La muerte voluntaria en Yucatán durante el porfiriato”. In: *Secuencia* Revista de historia y ciencias sociales, núm. 82, jan.-abr. 2012, pp. 73-100; o autor pesquisa o efeito da modernização em Yucatán a partir de suicídios.

organizada, também foi o ano de publicação do primeiro número de *Regeneración*, periódico fechado pelo governo, pela primeira vez, em 1901.

Mas *México: su evolución social* comprovava os discursos de Díaz ao Congresso Nacional. Acreditava-se que, diante de tantos problemas intestinos até 1876, o general colocou o México nos trilhos do progresso e isso deveria ser mostrado e comprovado no livro, como vimos na epígrafe desse capítulo¹⁶⁴. Era a consolidação do triunfo nacional: os três volumes deveriam, além de interpretar a realidade e a história nacional, mostrar a mudança e a evolução do país. O governo de Díaz, na obra, foi marcado como o auge de toda a trajetória histórica nacional: da Independência, com Hidalgo, à Revolução de Tuxtepec, passando pela República Restaurada de Juárez. Os volumes, além de atestar o progresso mexicano, validavam as ações governamentais. E, como vimos no parágrafo anterior, no mesmo momento, escutavam-se vozes dissonantes à presidência do general.

O Tomo I de *México: su evolución social* contém dois volumes. O primeiro trata do “Del territorio de México y sus habitantes”, escrito por Agustín Aragón (1870-1954). Já o “Historia política”, parte que teve grande dimensão na obra, foi escrito pelo próprio Justo Sierra (1848-1912), organizador da obra. “Instituciones políticas. Los Estados de la Federación Mexicana. Relaciones Exteriores” foi escrito por Julio Zárate (1844-1917) e “El ejército nacional”, por Bernardo Reyes (1849-1913), destacado general e político porfirista, que, no mesmo ano de publicação da obra, publicou a biografia sobre Díaz. Esses capítulos fecham o primeiro volume. Sobre cada autor, falaremos detalhadamente ao longo do texto, no momento de análise das citações. Já no volume 2, “La ciencia” ficou a cargo de Porfirio Parra (1854-1912) e “La educación nacional”, de Ezequiel A. Chávez (1868-1946). “Las letras pátrias” foi escrita por Manuel Sánchez Mármol (1839-1912) e “El municipio. Los establecimientos penales. La asistencia pública” por Miguel S. Macedo (1856-1929). “La evolución jurídica” foi produzido por Jorge Vera Estañol (1873-1958).

¹⁶⁴ Para Paolo Riguzzi, “la cultura dominante y la hagiografía oficial relacionaba indisolublemente el progreso nacional con el presidente, padre y tutor, que adquiría así las connotaciones demiúrgicas de insustituible, garante como era de una equitativa representación de los grupos oligarcas en el interior, y al mismo tiempo (o mejor, en virtud de este papel), garante fiduciario y custodio de las inversiones extranjeras en el país, es decir titular del prestigio nacional en la escena internacional. 3 Porfirio Díaz consolidó así, en los años ochenta, la imagen de ‘master builder’ del commonwealth mexicano, destinada a perdurar hasta la revolución.” (RIGUZZI, 1988, p. 138).

O Tomo II compilou o volume III da obra. “La evolución agrícola” foi escrita por Gerardo Raigosa (1847-1906); “La evolución minera” por Gilberto Crespo y Martínez (1852-1916) e “La evolución industrial” por Carlos Díaz Dufoo (1861-1941). “Evolución mercantil” foi escrita por Pablo Macedo (1851-1918), que também escreveu mais duas partes: “Comunicaciones y obras públicas” e “La Hacienda Pública”. “Historia política. La era actual”, que explicou o governo de Díaz, foi escrito novamente por Justo Sierra¹⁶⁵. Além disso, a maioria dos autores, como podemos ver nas datas acima, nasceu entre 1840 e 1854, ou seja, foi uma geração que cresceu vivenciando e escutando sobre os conflitos internos e externos em que o México esteve envolvido. Existia um elemento geracional e biográfico que marcou as interpretações sobre a história nacional; podemos inferir que os escritores tinham fé nas mudanças nacionais; mas, o que chamamos a atenção no conjunto da tese, é que esse discurso do passado caótico, decadente, também foi utilizado para se defender um governo específico: o porfirismo.

Sobre o organizador da obra, Justo Sierra nasceu em Campeche, em 1848. Veio de uma geração de indivíduos que viveu vários problemas nacionais como, por exemplo, a Guerra do Texas, os conflitos políticos entre conservadores e liberais, a Guerra de Castas¹⁶⁶, a intervenção francesa no país e o Triunfo da República. Era um momento, como vimos, de várias experimentações políticas, formas de governo, facções e projetos antagônicos de Estado-nação. Conjunturas que, de alguma forma, pautaram a interpretação e a escrita sobre o passado por parte de muitos autores. Filho de Justo Sierra O’Reilly, advogado, romancista e jornalista mexicano que ocupou importantes cargos políticos em Yucatán, em 1857, com nove anos de idade, Sierra vivenciou a investida que o movimento independentista de Campeche fizera ao seu avô e pai. Os opositores de Pantaleón Barrera, governante à época apoiado por Sierra O’Reilly, destruíram parte de sua casa. A família teve que se mudar para Mérida, onde, então, Don Justo começou os

¹⁶⁵ Sobre ao assunto ver: FLORES HERNÁNDEZ, Benjamín. “Las letras y las armas en la obra México: su evolución social”. In: *Estudios de Historia Moderna y Contemporánea de México*, Cidade do México, vol. 09, 1983, pp. 35-95. Flores Hernández trouxe informações relevantes ao tema no artigo.

¹⁶⁶ A Guerra de Castas foi um conflito étnico que ocorreu no estado de Yucatán e perdurou por décadas na região. Em 1847, grupos mayas entraram em conflito com *criollos* e, posteriormente, mestiços, que tinham poder político no território. A Guerra durou até 1901, quando os mayas foram subjugados pelo Estado porfirista. Reiteramos, como mencionado no Capítulo 1 da tese, sobre o tema ver: Reina, Leticia, “Raíces y fuerza de la autonomía indígena”, en Leticia Reina (coord.), *Los retos de la etnicidad en los estados – nación del siglo XXI*, México, CIESAS – INI-Miguel Ángel Porrúa, 2000, pp. 245-277; Reina, Leticia, “Elecciones locales y crisis en los cambios de siglo XIX y XX. Cultura política de los pueblos indios”, en Leticia Reina y Elisa Servín (coords.), *Crisis, Reforma y Revolución. México: historias de fin de siglo*, México, Taurus/ Conaculta/Inah, 2002, pp. 253-292. Série *Historia de los pueblos indígenas de México*, editado por CIESAS e INI, 1995.

estudos. Em 1861, ano que seu pai faleceu, Sierra foi para Cidade do México e, em 1871, formou-se em Direito. Seu irmão, Santiago Sierra, morreu em um combate com o ex-militar Irineo Paz, avô de Octavio Paz; devido, também, a desavenças políticas¹⁶⁷. Esses conflitos foram muito presentes na vida de Sierra, cruzando sua vida em vários momentos. Abelardo Villegas escreveu que, em 1878, o advogado, juntamente com alguns conhecidos e seu irmão Santiago, fundou o periódico *La Libertad*, que propunha justamente o fim das disputas entre os setores conservador e liberal do país. Segundo o historiador, “el periódico mismo eleva[va] el epíteto de ‘diario liberal conservador’ y enfoca[va] la cuestión nacional con las armas del positivismo comtiano y del organicismo spenceriano (...)” (VILLEGAS, 1985, p. XIV)¹⁶⁸.

Em 1880, durante a presidência de Manuel González, Sierra tornou-se deputado do Congresso nacional, época em que iniciou sua carreira política. Em 1894, já durante o governo de Díaz, passou a Ministro da Suprema Corte de Justiça e, em 1905, estabilizou-se como Secretário de Educação Pública y Bellas Artes, cargo que ocupou até 1910, ano em que eclodiu a Revolução Mexicana, encabeçada, inicialmente, por Francisco Madero. Em 1901, ano da escrita da obra aqui analisada, foi nomeado Subsecretario de Justiça e Instrucción Pública pelo presidente. Como informado acima, ele próprio escreveu dois capítulos no livro, denominados “Historia política” e “La era actual” que, posteriormente, foram reeditados em 1940 sob o nome de *Evolución política del pueblo mexicano*, juntamente com o ensaio *México social y político*. Durante sua formação, foi afinando suas ideias com as propostas de Auguste Comte e Hebert Spencer, uma vez que analisou a história nacional e a conjuntura política pelo viés positivista e evolucionista¹⁶⁹. Entretanto, Sierra foi coerente com seus valores; valeu-se das propostas de Spencer, mas reprovou suas ideias de um individualismo extremo e a forma como criticava a formação de um Estado forte (HALE, 1991).

¹⁶⁷ Sobre dados biográficos de Justo Sierra ver: LARA ZAVALA, Hernán. “Justo Sierra Méndez. Identidad mexicana”. In: *Revista de la Universidad de México*, Cidade do México, no. 104, 2012, pp. 37-47.

¹⁶⁸ Para Charles Hale, “La política científica hizo su presentación como doctrina nueva y regeneradora en México por vía de un grupo excepcional de intelectuales – periodistas en su órgano, *La Libertad*, un diario que apareció el 5 de enero de 1878 y continuó publicándose hasta 1884. Los años en que *La Libertad* tuvo una fuerza política importante fueron los dos primeros, que entraron en la primera y tambaleante administración de Porfirio Díaz. Los hombres de *La Libertad*, que segundo los rumores estaban de acuerdo con el presidente, se veían a sí mismos como una “generación nueva” y propusieron con un esfuerzo consciente las bases intelectuales de una era cercana de orden y progreso.” (HALE, 1991, p. 51).

¹⁶⁹ Sobre esse assunto também é importante conferir OCAMPO LÓPEZ, Javier. “Justo Sierra ‘el maestro de América’. Fundador de la Universidad Nacional de México”. In: *Revista Historia de la Educación Latinoamericana*, Tunja, no. 15, 2010, Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia, pp. 13-38.

Para Sierra, diante de tantas conturbações político-sociais ocorridas pós-independência, somente a paz e a ordem levariam o progresso e à modernização ao México. Como explicou Valdir dos Santos Junior, “em suas obras, Justo Sierra formulou uma justificação histórica para o regime de Porfírio Diaz alicerçada em duas ideias centrais: a ordem política e a mestiçagem¹⁷⁰.” (SANTOS JUNIOR, 2012, p. 03). Sierra, como visto acima, foi membro da chamada elite científica porfirista, ocupando cargos políticos destacados. Participou ativamente da União Liberal Nacional, grupo criado no ano de 1892, cujo objetivo era apoiar e propagandear as reeleições do presidente. Para o campechano, o Estado precisava se fortalecer para conseguir mudar o sendeiro da nação.

1. O tempo histórico nacional como estratégia política em *México: su evolución social*

Na segunda parte do volume I, contido no primeiro tomo, Justo Sierra escreveu sobre a “História política” mexicana, desde o período pré-hispânico até o início do século XX. Se analisarmos a própria estrutura do capítulo, contida no índice geral de tomos, o vocabulário usado pelo autor nos indica sobre a compreensão do passado: é a partir da independência, principalmente após a proclamação da República (1824), que começa o período qualificado por ele de “Anarquia” nacional. Sierra escreveu sobre todos os principais conflitos em que o país esteve envolvido: a Guerra contra o Texas, a Guerra dos Três Anos, a Intervenção francesa, entre outros. Ele chegou a explorar várias camadas do passado; começou explicando o período pré-hispânico e as mudanças ocorridas no território a cada etapa. Entretanto, a ênfase foi dada à história independente, nacional, principalmente aos conflitos civis e internacionais.

Percebemos que, como também apareceu nos discursos de Díaz ao Congresso, as chaves de entendimento para se compreender e sintetizar a condição do México após a proclamação da República, foi a “anarquia” e o “caos”. Havia, na história nacional, um desajuste que começou com a independência e perdurou por décadas: no passado, o México não teve um período de paz em que pudesse se erguer como um país forte. Valendo-nos das propostas de Francisco Sousa, que utilizou a expressão “moldura

¹⁷⁰ Sobre a mestiçagem, falaremos no último tópico desse capítulo.

narrativa”, percebemos nos documentos analisados que “anarquia” e “paz” foram molduras narrativas ativas para se pensar e sintetizar o passado e o presente nacional¹⁷¹. “Assim como uma moldura destaca a pintura de tudo o que a cerca, concentrando o olhar apenas em seu interior, um evento é como uma cena, ele depende de algo que lhe é exterior e pelo qual se destaca do passado assumindo uma identidade (SOUSA, 2015, p. 215). Como veremos, os autores mencionados nesse capítulo, tinham uma compreensão similar sobre o passado, interpretado como ruidoso. E, nesse sentido, “anarquia” e “paz” foram molduras que orientaram a maneira de se entender a vida política. Vejamos, agora, como isso apareceu nas fontes.

Sobre a transição da Monarquia de Agustín de Itúrbide à República federal, Sierra afirmou:

El Congreso pulsó bien el estado anárquico del país y trató de apresurar la promulgación de las bases de la federación, aun antes de la Constitución definitiva, con el objetivo de apaciguar el ardor y la vehemencia de las reclamaciones del partido triunfante. El remedio resulto sólo un paliativo; el mal era profundo: síntoma de él fue la asonada militar en que tomó parte la guarnición de México, acaudillada por el coronel Lobato, que denunció luego como instigadores suyos á Michelena mismo, que intrigaba en el poder ejecutivo por desembarazar de obstáculos el camino de la ambición, y al brigadier Santa Anna, que se hallaba procesado por una tentativa de revolución federalista. (SIERRA, Justo, Tomo I, Parte 2, História Política, Federación y Militarismo, p. 172).

Logo no início da vida independente do México, no processo de transição entre as formas de governo – Monarquia e República –, o autor explicou que o país estava imerso em um “estado de anarquia”. Para ele, a conjuntura era tão crítica, que essa desordem estava enraizada no solo mexicano: com raízes grossas, longas e bem fixadas, “o mal era profundo” e não superficial/pontual, ou seja, não era algo que pudesse ser cortado através de alguma medida política. Para ele, o Congresso, na tentativa de reverter essa situação e apaziguar os ânimos das várias facções, tentou legitimar a República antes mesmo que a Constituição de 1824 fosse promulgada; mas tal medida apenas funcionou como uma ação paliativa e, novamente, a conturbação nacional se fez presente. Nessa passagem,

¹⁷¹ As ideias de Francisco Sousa, principalmente em relação ao que ele chama de “molduras narrativas” foram muito importantes para iluminar nosso problema de pesquisa. O autor pesquisou sobre a história do Brasil no século XIX, mas podemos pensar o México a partir das questões que ele mobiliza em sua produção. Ver, principalmente, SOUSA, F. “Revolta e proclamação como molduras da história: escrita da história e olhares para a República entre os sócios do IHGB.” In: *História da Historiografia*, Ouro Preto, n. 18, ago 2015, pp. 213-230.

novamente percebemos que os adjetivos utilizados para qualificar o passado nacional foram negativos: “anárquico”, “maléfico”, etc. A sensação causada era a de um passado desorientado, desajustado, ruidoso. Sierra descreveu em detalhes a ebulição política pela qual passou a jovem nação, citamos mais um trecho do capítulo:

La administración del general Guerrero nació muerta¹⁷²; para poder legitimar su usurpación por medio del asentamiento del país y de la adhesión del ejército, se necesitaba tener un programa muy sencillo y marchar a su realización con una energía y cordura superiores; ni así probablemente habría logrado gran cosa: la transición entre el gobierno colonial y el gobierno propio había sido tan brusca, tan poco preparada por los hábitos políticos y sociales, había removido tanto elemento de desorden y anarquía, había creado tantas energías facticias, sublevado a cada paso tal tumulto de descontentos y encendido tantos odios, que debían pasar años y años antes que el temblor de tierra cesase y la república adquiriese asiento por medio de la transformación radical de su modo de ser económico. El mal estaba en las cosas y era inevitable; para hacerse caso de la relativa bondad de los gobiernos que se sucedieron en México después del funesto pronunciamiento de la Acordada, es preciso aplicarles ese criterio: ¿hasta qué punto aumentaron o atenuaron y neutralizaron los males de una situación incurable? (SIERRA, Justo, Tomo 1, Parte 2. Historia política, Federación y Militarismo, p. 178).

Mais uma vez percebemos um tom pessimista na interpretação de Sierra. A tensão entre conservadores e liberais era tão latente que minava qualquer tentativa de ordem e de paz nacional. Para o autor, a presidência de Guerrero foi frágil e já nascera com a aparência de morta. Uma presidência que emergiu pelos modos errados, pois dia 01 de abril de 1829, Guerrero, António Lopez de Santa Anna e outros aliados, promoveram um golpe de Estado contra o presidente conservador eleito: Manuel Gómez Pedraza. Por mais que Guerrero dispensasse grandes somas de energia pelo país, organizar a nação era uma medida quase impossível aos olhos de Sierra, ação relegada ao futuro e não ao presente. Como no primeiro trecho selecionado, este segundo também postergava a ordem ao futuro: “deviam passar anos e anos” até que a República, de fato, se organizasse. A forma do futuro era desconhecida, anuviada pelo caos. “O mal estava nas coisas e era inevitável”: novamente vemos uma condição de imutabilidade, em que não se abria espaço a mudanças na narrativa de Sierra. Este, ao escrever entre 1900 e 1902 e ao voltar os olhos para o pretérito, mostrava que o destino do México durante o século XIX estava fadado aos conflitos, as crises e às guerras. O ponto central que analisamos é: como esse

¹⁷² Vicente Guerrero (1782-1831) foi o segundo presidente mexicano, assumindo a primeira magistratura no ano de 1829. Seu governo durou, como vimos no Capítulo 1, poucos meses.

passado, a utilização dessa moldura narrativa que era a “anarquia” e que sintetizou a história nacional da primeira metade do século XIX, fundamentou, legitimou e deu validade à vida política no presente. Para o escritor, a anarquia era tão axiomática que estava enraizada na sociedade: era o mal inevitável. É importante destacar que a metáfora arborescente de “raiz” foi recorrentemente utilizada e vinculada à ideia de “mal” e de “anarquia”.

Em seus escritos, Sierra não vislumbrava a cura para esse mal constante, que insistia cada vez mais em se manter no território. É importante apontar que o uso desse vocabulário político para qualificar a história do México não foi exclusiva de Don Justo. Na parte 8 do Tomo I, por exemplo, ao escrever sobre a evolução dos municípios ao longo da história no país, Miguel Macedo retomou essa mesma conjuntura e moldura descrita pelo campechano. Escreveu: “Así se cerró el primer período de nuestra historia. La era de calma y tranquilidad mecánica que él régimen colonial había mantenido como bien supremo, iba a concluir, e iba ya a abrirse el período de las agitaciones y revueltas (...)”. (MACEDO, Miguel S., Tomo I, Parte 8, El Municipio, p. 672).

Miguel Macedo foi um destacado advogado mexicano e um dos fundadores da *Escuela Libre de Derecho*, localizada na capital. Durante cinco anos, entre 1906 e 1911, ocupou o cargo de Subsecretário de Governação. No índice de tomos, ao qualificar o período pós-independência, Macedo também utilizou os termos “anarquia” e “efervescência política”. Para mencionar o governo de Díaz, utilizou a expressão “República constituída”. Para ele, 1821 e, principalmente, 1824, marcaram o início das “agitações” e das “revoltas”, cessadas apenas a partir de 1876, em que a República passou, de fato, a ser, formada, constituída. Os argumentos e adjetivos possuíam um lugar comum entre escritores que harmonizavam com o porfirismo. Na leitura dos documentos, percebemos estruturas semelhantes e recorrentes de interpretação do passado e do presente. Voltando às explicações de Sierra, após mencionar os conflitos iniciais do país, o autor ponderou sobre a Guerra entre México e Estados Unidos, principalmente no que tange à questão do Texas. O ano narrado foi 1848:

En ninguna parte se hacía sentir apenas la acción del gobierno [mexicano]; cada entidad federalista era dueña de sí misma, y al pacto federal sustituido de hecho una especie de confederación de repúblicas insolventes. Constituir un centro, reorganizar un poder capaz de volver la cohesión al país, en mejores condiciones para ello, después de la guerra (que disminuyendo en más de la tercera parte el territorio, había

facilitado al centro la tarea de fortificar su radio de acción), aprovechar el dinero de la indemnización americana, no sólo para vivir, sino para regenerar la hacienda pública, clave de la estabilidad política; tal era en sus rasgos más acentuados la misión que tocaba desempeñar al hombre de ideas progresistas, de probidad inmaculada y de energía demasiado desleída en benevolencia, que era el general Herrera.

En 12 de junio de 1848 abandonaran la capital de la República los invasores y la ocupó el gobierno nacional, rodeado de los prohombres del partido liberal de gobierno, de los que creían que las reformas deberían de ser muy lentas y por medio de transacciones sucesivas para evitar la lucha civil; las resistencias mostraron que este programa era irrealizable. (SIERRA, Justo, Tomo I, Parte 2, La Reforma, Reorganización y reacción, p. 226).

Após a independência, o México chegou a ser o país mais extenso da América hispânica. Amplo, mas sem organicidade entre as províncias, ainda no governo de Itúrbide, o Texas foi concedido ao banqueiro norte-americano Moses Austin para ser colonizado. Trezentas famílias da antiga Luisiana espanhola migraram para a localidade e, ao longo dos anos, o número de colonos norte-americanos teve um crescimento exponencial, ultrapassando o número de mexicanos residentes na região¹⁷³. Com a abdicação de Itúrbide e a proclamação da República, o Texas não sofreu grande impacto, mas, em 1824, resultado da anexação ao estado nortenho de Coahuila pela Constituição de Cádiz, a província começou a perder a autonomia política que até então havia adquirido¹⁷⁴. Por conseguinte, além da referida anexação – Texas-Coahuila, como ficou conhecida –, a maioria dos colonos texanos procedia da região sul dos Estados Unidos que, antes da Guerra de Secessão, era escravista¹⁷⁵. Em 16 de setembro de 1829, sob a presidência de Vicente Guerrero, a escravidão foi abolida em toda a República mexicana e tal medida causou grande mal-estar para os colonos da província, advindos das regiões escravocratas do vizinho do Norte.

Outro fator que corroborou com a insatisfação dos moradores do Texas, além das medidas mencionadas acima, foi a lei expedida em 1830 por Anastasio Bustamante, presidente do país neste ano. A nova lei federal de colonização enrijeceu a política sobre colônias, outorgando que elas fossem controladas pelo Estado – anteriormente, muitos empresários tinham autonomia na região, principalmente os provenientes dos EUA.

¹⁷³ Sobre a história detalhada da ocupação do Texas ver: GONZÁLEZ, Luis. “El período formativo”. In: COSÍO VILLEGAS *et al.* *Historia mínima de México*. Cidade do México: El Colegio de México, ed. 1994, p. 103.

¹⁷⁴ Para um aprofundamento sobre a historiografia da colonização e da independência do Texas ver: ZORAIDA VÁZQUEZ. *Los primeros tropiezos*. COSÍO Villegas, Daniel. *et al.* *Historia general de México*. Cidade do México: El Colegio de México, 2000.

¹⁷⁵ Guerra civil norte-americana que durou entre 1861 e 1865.

Também foram implantadas aduanas e fortes de segurança, medidas que resultaram na eclosão de um conflito local contra as medidas federais. Em 1833, o Texas conseguiu firmar um acordo de separação de Coahuila e, em 1836, após a derrota das tropas de Antonio Lopez de Santa Anna, a província tornou-se independente do México, sendo, em 1845, incorporada ao território dos Estados Unidos.

Com a anexação do Texas pelos norte-americanos, os mexicanos esperavam que a extensão territorial de seu país chegasse até as margens do rio Bravo (rio Grande) e não até as margens do rio Nueces, limite inicialmente reconhecido. Os problemas de fronteira fizeram com que um novo conflito fosse gerado. Os norte-americanos invadiram o país, medida que durou até 1848, ano em que se firmou o Tratado de Guadalupe¹⁷⁶. Com o resultado do Tratado, o governo mexicano perdeu, além do Texas, também as regiões de Nuevo México e a Nueva California, ou seja, mais de cinquenta por cento de seu território. Nas palavras de Luis González, os indivíduos caíram em um sentimento pessimista e temeroso, os conflitos internos e externos ganhavam espaço nas obras de intelectuais, causando grande preocupação¹⁷⁷. Para eles, após vinte e sete anos de independência, o México ainda sofria com os eventos turbulentos que abalavam sua vida política, social e econômica.

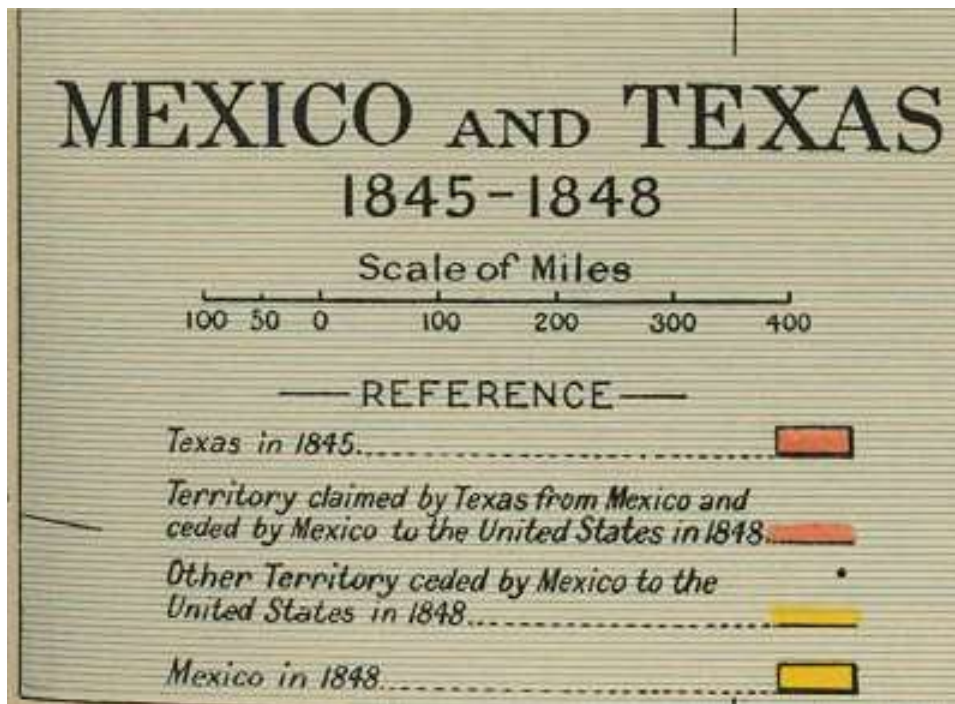
¹⁷⁶ Tratado de paz entre México e Estados Unidos, colocando fim à Guerra.

¹⁷⁷ Para um aprofundamento sobre os conflitos mexicanos ao longo do século XIX ver: GONZÁLEZ, Luis. “El período formativo”. In: COSÍO VILLEGAS et al. Historia mínima de México. Cidade do México: FCE, ed. 1994.



Cambridge University Press

Stanford's Map Estab. London



Mapa 2 - Fronteira entre México e Estados Unidos – 1845-1848

O mapa mostra as regiões do México anexadas aos Estados Unidos durante as guerras entre os dois países

Fonte: The Cambridge Modern History Atlas, 1912

Disponível em: University of Texas Libraries

Site para consulta:

https://legacy.lib.utexas.edu/maps/historical/ward_1912/mexico_texas_1845.jpg



Mapa 3 – Aquisições territoriais dos Estados Unidos

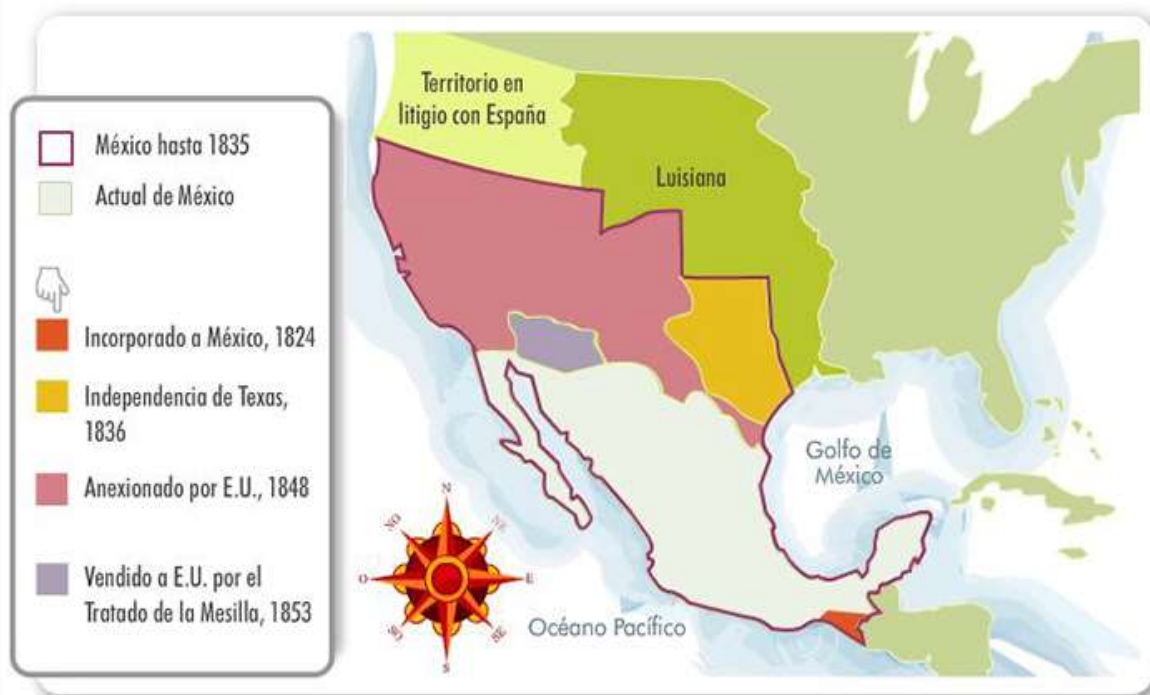
Fonte: National Atlas of the United States, 2006

Disponível em: The National Maps: Printable Maps

Site para consulta:

https://nationalmap.gov/small_scale/printable/printableViewer.htm?imgF=images/preview/territory/pagetacq3.gif&imgW=588&imgH=450

Variaciones territoriales de México (1824-1853)



Mapa 4 – Variações territoriais do México entre 1824 e 1853

Fonte: Portal Académico CCH – UNAM

Desenho do Atlas histórico do México: Karla Gabriela Moreno Vega

Disponível em:

<https://portalacademico.cch.unam.mx/alumno/historiademexico1/unidad4/intervencionesextranjerias/guerramexicoestadosunidos>¹⁷⁸

Para Justo Sierra, o conflito entre o México e os Estados Unidos, somado à perene guerra civil, criaram um mosaico de poderes internos: o país carecia de um poder central forte, que unisse as expectativas das várias facções locais. O governo não era sentido em todos os estados e o pacto federal era frágil. Como afirmou: “cada entidade era dona de si mesma”. O que se tinha no país era desordem, desunião, fragilidade política, ingovernabilidade e fragilidade econômica. Os desejos iam no sentido contrário do cenário detalhado: paz, estabilidade política, ordem e regeneração econômica, mas, como o autor pontuou, novamente as mudanças estavam relegadas ao futuro, ocorriam de forma lenta, tamanha cicatriz interna. “Eram projetos irrealizáveis”, afirmou. O clima

¹⁷⁸ Para conferir todo o Atlas histórico do México ver: <https://portalacademico.cch.unam.mx/atlas/menu>

histórico de incertezas restringia e anuviava novamente o campo de expectativas: o futuro desejado não era vislumbrado, era sempre adiado¹⁷⁹. Os tempos vindouros não foram diferentes, entre 1863 e 1867, desenvolveu-se uma outra forma de governo: o Segundo Império Mexicano. No volume 3, contido no Tomo II, Carlos Díaz Dufoo resumiu a história do México entre a Independência e o Triunfo da República, que fora detalhada por Sierra:

En el espacio de medio siglo que integra la etapa de formación, de la independencia de la antigua colonia al restablecimiento de la República, el país registra dos guerras invasoras, una gran lucha económica (la reforma) y una serie de contiendas civiles, de antagonismos de grupos, que prolongan la infancia de la nacionalidad.

Durante este período, el trabajo social permanece estacionario; las fuerzas que lo animan, mal conducidas; las energías, esterilizadas; los elementos de prosperidad, sin cohesión; los factores de la actividad colectiva, en combate constante; el estado de los espíritus, extraviado, sin brújula; la riqueza pública, – a y sus manifestaciones naturales, la industria y el comercio, – sometida a la subordinación depresiva; la nacionalidad, próxima a naufragar en un mar de corrientes contrarias, a pulverizarse en una fragmentación de partículas inasimilables, en un feudalismo de cacicazgos que convierte la revuelta en un poder anárquico.

Todos los elementos activos se muestran adversarios del Progreso, todos le son abiertamente hostiles, todos contribuyeron al estancamiento de las fuerzas productivas: la contienda civil, arrancando energías á la labor general; los capitales, esquivando la lucha de la competencia, tejiendo con los hilos de agio la red que envuelve en desastres financieros á las administraciones públicas; la industria, invocando absurdos privilegios, parapetándose tras de funestos monopolios; las ideas circulantes, los prejuicios, el aislamiento en que vivió el país durante los primeros tiempos. (DÍAZ DUFOO, Tomo II, Parte 3, Anarquía, p. 132).

Díaz Dufoo foi um economista veracruzano e jornalista mexicano. Colaborou em periódicos afeitos ao porfirismo como, por exemplo, *El Siglo XIX*, *El Universal* e *El Imparcial*. Durante o Porfiriato, ocupou o cargo de deputado no Congresso Nacional e, como Miguel Macedo, foi um dos fundadores da *Escuela Libre de Derecho*. Para ele, voltando os olhos ao passado, via que o país havia sofrido com a “anarquia nacional”. O próprio item de seu capítulo foi intitulado “A Anarquia”. Percebemos que mais uma vez foram citadas a invasão dos Estados Unidos ao México, a intervenção francesa no

¹⁷⁹ Para polígrafos da época, havia um sentimento de desorientação: “La gente lúcida del país cayó en agudo pesimismo. Se llegó a pensar que la nación vencida estaba en sus últimos momentos por incapaz de gobernarse a sí misma y de defenderse de los ataques exteriores. Lucas Alamán llegó al extremo de gritar: ‘perdidos somos sin remedio si la Europa no viene pronto en nuestro auxilio’. En treinta años de vida independiente, México no había tenido paz, ni desarrollo económico, ni concordia social, ni estabilidad política.” (GONZÁLEZ, 1994, p. 104 - grifo nosso).

território e os conflitos civis. Com todas as tensões, revoltas e guerras, a nação não conseguira amadurecer, estava ainda em seu estágio infantil: ou seja, o país não conseguia se autogovernar de forma satisfatória. Para ele, até 1867, as esferas governativas não tinham evoluído, a sensação geral era de estagnação política, social, econômica e cultural. Ao invés de progredir, o México regredia, caminhava rumo ao passado: a fragmentação nacional era tão latente que o país se assemelhava ao feudalismo, modo de organização da Idade Média. Facções e caudilhos governavam à sua maneira, já que o poder central se encontrava enfraquecido, fragilizado. Na Modernidade pulsante do século XIX, o México se via anacrônico pelos autores de *México: su evolución social*. A esfera social permanecia estacionária, o que se chamava de “degeneração moral”, a economia estava em bancarrota, não havia coesão social, a indústria, o comércio, que também eram símbolos de modernidade, estavam submetidos a uma subordinação depressiva. A partir dessa atmosfera, eles afirmavam que o México necessitava de um Estado e um governante forte. Na citação, percebemos que “guerras”, “lutas”, “estacionário”, “feudalismo”, pululavam aos olhos do leitor. O México era decadente, retrógrado, anacrônico. Vivia uma infância frustrada.

Pablo Macedo ficou responsável por escrever um capítulo sobre a situação da Fazenda e da economia ao longo da história do México. Como seu irmão Miguel Macedo, Pablo formou-se em advocacia e, durante o porfirismo, foi deputado, secretário de governo do Distrito Federal e destacado membro dos *Científicos*¹⁸⁰. Também foi um dos fundadores do Banco Nacional de México, em 1884, importante banco privado e instituição central nas negociações da dívida externa mexicana. Pablo Macedo afirmou que, após 1821, o país já somava altas dívidas externas e a situação não melhorou com o passar das décadas. Até 1867, o México não possuía grandes riquezas econômicas, vitalidade nacional e decoro social – ou seja, moral, honradez e decência. Foram tempos “ominosos”, ou seja, infelizes, de maus agouros (MACEDO, P., Tomo II, La Hacienda Pública, La Hacienda Pública durante nuestra Anarquía política, p. 354). Resumindo a crise econômica de décadas, descreveu:

Como consecuencia de este fracaso, las cosas siguieron tan mal o peor que antes: después del señor Arista vinieron las dictaduras de D. Juan B. Ceballos y de D. Antonio López de Santa Anna, el triunfo de la revolución liberal de Ayutla, la promulgación de la Constitución de

¹⁸⁰ Grupo do círculo porfirista, adepto, principalmente, do positivismo e do cientificismo; já mencionado no Capítulo 1.

1857, el golpe de estado de José Comonfort; la guerra de tres años, durante la cual se promulgaron las leyes de Reforma, que tan profundamente cambiaron los principios directores de esta nación; el triunfo del Benemérito Juárez en fines de 1860; la coalición de Inglaterra, España y Francia para reclamarnos por las armas el cumplimiento de las malhadadas convenciones; la guerra de intervención y por último el imperio de Maximiliano. ¡Todo del 6 de Enero de 1853, en que el honrado Arista abandonó el poder para ir a morir en las amarguras de la proscripción, al 21 de Junio de 1867, en que un joven caudillo, el general D. Porfirio Díaz, ocupaba el palacio de los virreyes é izaba la bandera de la República triunfante en nombre del gobierno legítimo, personificado en el señor Juárez!” (MACEDO, P., Tomo II, La Hacienda Pública, La Hacienda Pública durante nuestra Anarquía política, p. 370).

Para Macedo, da presidência do liberal Mariano Arista, que sucedeu o já mencionado José J. de Herrera, até a entrada de Benito Juárez na Cidade do México, em 1867, foram quase 14 anos de conflitos intensos, sem espaço de tempo. Golpes, ditaduras e intervenções marcaram o país. Esse desajuste mudou toda a configuração da nação; havia um desequilíbrio econômico que afetara toda a população. Até o momento do capítulo, procuramos demonstrar que havia uma constância discursiva nos escritos dos autores de *México: su evolución social*. Cada um a sua maneira, e abordando temas que lhe eram próprios, qualificaram o período independente de “anárquico”. Eles seguiram uma estrutura análoga, também percebida nos próprios documentos de Díaz ao Congresso Nacional: em todas as esferas nacionais havia “caos”, “anarquia”, “desordem”. Era uma situação generalizada. Essa mobilização de conceitos e de um vocabulário político específico funcionavam também como molduras narrativas que condicionavam a história da República e, como explicaremos, também orientaram a forma de se interpretar o presente e validar as ações presidenciais de Díaz. Como afirmou Francisco Sousa em seus trabalhos sobre a história do Brasil, essas molduras criadas “não definem a ação que se desenrola na cena, mas suas margens e limites. Ao mesmo tempo, são heranças que permanecem na linguagem. (SOUSA, 2015, p. 215). Ao falarem sobre os diversos ramos do país: político, econômico, educacional, comercial industrial, cultural, etc., tocavam na desordem histórica vivida pela nação. O passado era extenso; nas fontes, o campo de experiência se sobrepunha ao horizonte de expectativa. O presente se assemelhava mais ao passado – passado longínquo, medieval – do que ao futuro, feliz, progressista, pacífico e ordenado. Para os escritores da obra, esse cenário desajustado apenas mudou durante o governo de Porfirio Díaz, a partir de 1876. A evolução foi mencionada por todos, mas os

detalhes sobre o governo do general novamente ficaram a cargo de Justo Sierra, no capítulo intitulado “La era actual”.

Ao comparar os tempos, Sierra atestou a maturidade do México após 1876 e, acima de tudo, a paz (como Porfirio Díaz fizera em seu primeiro discurso ao Congresso). Se Díaz Dufoo explicou que o país viveu um estágio infantil por anos, uma situação quase ingovernável; a maturidade, para Don Justo, viera com Díaz. O campechano interpretou o México como um organismo vivo, um ser pulsante, que poderia evoluir ou involuir, progredir ou estagnar; ideias encontradas nos trabalhos de Spencer. Como vimos, a nação adoeceu por anos, o mau fincara raízes profundas durante um longo período de tempo. Contudo, essa anomalia começou a ser revertida quando Díaz assumiu o poder e, entre 1900-1902, período de escrita da obra, a nação chegou ao seu auge, estava curada. *México: su evolución social* queria atestar a evolução total do país. Veremos que o vocabulário para qualificar o presente mudou: “paz”, “ordem”, “progresso”, “modernidade”, resumiam o novo momento histórico. O país cada vez mais se afastava do passado anêmico, anacrônico, e se aproximava do futuro: abria e se expandia o horizonte de expectativa em detrimento do campo de experiência.

Como afirmamos, Sierra interpretou o México como um organismo vivo: citou Hebert Spencer, Franklin Giddings (um dos fundadores do positivismo sociológico), Auguste Comte e Émile Littré (discípulo de Comte). O positivismo e o evolucionismo eram chaves de interpretação importantes para Don Justo. Explicou: “La sociedad es un ser vivo, por tanto, crece, se desenvuelve y se transforma; esa transformación perpetua es más intensa a compás de la energía interior con que el organismo social reacciona sobre los elementos exteriores para asimilárselos y hacerlos servir a su progresión.” (SIERRA, Tomo II, *La era actual*, p. 415). Para ele, até 1876, esse organismo esteve adoecido. O desenvolvimento e o progresso ocorriam lentamente. Nas próprias páginas do *La Libertad*, em 1879, o campechano afirmou que o México estava anêmico, fraco. Seu organismo precisava de ferro para se fortalecer – este, advindo a partir da construção das estradas – e renovar o sangue nacional – através do investimento em políticas de imigração (HALE, 1991). Díaz e seu governo foram o remédio para os males nacionais, acreditava. Além de descrever o passado (anárquico) no Tomo I, referente à História política, Sierra retomou o assunto em “La era actual”, último capítulo da obra:

Definitivamente libre de la presión exterior que, iniciada al día siguiente, de la independencia, había de concluir en una intervención resuelta en nuestra vida interior para marcarle e imponerle determinados senderos, la República en el año de 67 había adquirido el derecho indiscutible e indiscutido de llamarse nación. Fuerte en el exterior, gracias al prestigio que había logrado por su energía en la lucha contra Francia y el Imperio, prestigio que crecía en razón directa del descredito que había forjado sobre el gobierno de Napoleón III el triple inmenso error diplomático, político y militar que se llamó “la cuestión de México”, firme con el apoyo de los Estados Unidos, interesado o no, pero real y seguro, el país no tenía que pensar más que en su problema interior. ¿Cómo se organizaría la república rediviva? Las condiciones políticas parecían inmejorables: el partido reformista, heredero del liberal, era dueño incondicional del país político, tenía su programa en la ley suprema, la Constitución de 57, a la que se incorporarían pronto las leyes de Reforma, tenía por jefe al hombre que había encarnado ante el mundo la causa triunfante, y ese jefe era el presidente mismo de la república, era Juárez. (SIERRA, Tomo II, La era actual, p. 416)

Partindo do trecho supracitado, Sierra fez uma análise semelhante a que Juárez escreveu no Manifesto de 1867, quando o presidente retornou à capital após a derrota do Segundo Império. A vitória definitiva contra o governo de Maximiliano e os conservadores foram eventos que marcaram o início da mudança nacional. O campechano afirmou que, a partir desse momento, o país não estava mais subjugado a forças internacionais; cabia, ao governo liberal, voltar os olhos para o interior e criar medidas para reestruturar o México. Segundo Sierra, em 1867, a República estava “rediviva”, ou seja, havia retornado à vida, ressuscitado. Após tantos conflitos, o país poderia ser chamado de nação – o que Juárez chamou de segunda independência. Mas o governo ainda tinha muito o que fazer, afirmou, pois a tarefa era titânica: “temerosa, inmensurable era la tarea; se trataba de volver a su cauce un río desbordado y poner dique perpetuos a las inundaciones futuras.” (SIERRA, Tomo II, La era actual, p. 417).

Ademais, o autor se valeu novamente de metáforas da natureza, com um rio, a nação transbordou, perdeu seu sentido e rumo. Um *hombre fuerte* necessitava retomar o curso da História e guiar o país pelo sendeiro da paz e da ordem. Para Charles Hale, desde 1878, “Justo Sierra justificaba el gobierno fuerte (y la reforma constitucional) sobre bases positivistas y científicas, y condenaba la soberanía popular por considerarla anárquica. (HALE, 1991, p. 162). O problema entre liberais e conservadores era tão problemática que a nação renasceu com o Triunfo da República. Para o escritor, apesar de todos os problemas, a República começou a marchar com Juárez, mas logo as conturbações internas reapareceram: o heterogêneo grupo dos liberais estava rachado em diversas ramificações políticas. “Por desgracia, las nubes malas se alzaban en el horizonte; ya lo

hemos dicho, jamás había habido en la República, a pesar de haberse sucedido sin interrupción las guerras civiles y los estados anárquicos, una masa de gente armada semejante a la que estaba en pie en todos los ámbitos del país, de Yucatán a Sonora, al día siguiente del triunfo (...).” (SIERRA, Tomo II, La era actual, p. 419). O horizonte que se abría para Sierra, novamente fora coberto por nuvens carregadas. O caos mais uma vez tomou conta do solo nacional. Eram tantos problemas que se tornou impossível viver naquela atmosfera. O povo desejava paz. Para Sierra, o problema era urgente. Ou havia paz ou o país iria se perder de vez:

A raíz de la elección de Juárez [após o Triunfo da República], que fue, como hemos dicho, un gran acto de honra nacional, las manifestaciones esporádicas de la anarquía latente comenzaron; pero a todas se sobreponía un gran esfuerzo del país para vivir en paz y un gran esfuerzo del gobierno para mantenerla. Desde entonces esa idea entró en lo más hondo del cerebro nacional, fue una obsesión: la paz en nuestra condición primaria de vida; sin la paz marchamos al estancamiento definitivo de nuestro desenvolvimiento interior y a una irremediable catástrofe nacional. (SIERRA, Tomo II, La era actual, p. 420).

Sierra enxergava um paradoxo. Ao mesmo tempo que os grupos guerreavam, que as manifestações anárquicas recomeçaram, o desejo de paz nacional se tornou mais forte do que o de anarquia. Sem a paz, o México perderia de vez sua soberania e sua qualidade de nação. O organismo, fragilizado, iria morrer, seria a involução total da nação. Ao fazer um balanço da situação mexicana, o autor afirmou: “el país estaba desquiciado; la guerra civil había, entre grandes charcos de sangre, amontonado escombros y miserias por todas partes; todo había venido por tierra (...).” (SIERRA, Tomo II, La era actual, p. 426). O conflito entre liberais e conservadores deixara o México sob “escombros”. A miséria pairava sobre a população. “Tudo veio por terra”. As guerras intestinas abalaram tanto o país que geraram transtornos, “desquícios”, a ele: as circunstâncias atrapalhavam a rotina do país. O passado mexicano, para Sierra, era compreendido como o lugar dos conflitos permanentes e da paz acidental, eventual (UZUN, 2010, p. 88). Para ele, o país antes do governo de Díaz foi resumido a “escombros” e a “misérias” por toda parte, misturados a poças de sangue dos indivíduos mortos em muitos conflitos. Era um caos estrutural e não pontual, ocasional. Tais características, para o escritor, precisavam ser modificadas:

En el exterior, las peripecias y el final de la guerra civil habían causado una penosa impresión. Estaba probado; México era un país ingobernable, los Estados Unidos debían poner coto a tanto desmán, ya que Europa era impotente para renovar la tentativa. Los sociologistas

nos tomaban como ejemplo de incapacidad orgánica de los grupos nacionales que se habían formado en América con los despojos del dominio colonial de España, y el ministro de los Estados asumía una actitud de tutor altivo y descontento ante el Ejecutivo revolucionario. (SIERRA, Tomo II, La era actual, p. 427).

Além do cenário interno descrito por Sierra, devido às disputas abaixo do Rio Grande, a imagem que se formava do México no exterior, principalmente no vizinho do Norte, também era preocupante. O México era malvisto pelos grandes países, progressistas e civilizados. Mais uma vez tais conjunturas confirmavam o estágio infantil da nação. O México era o “exemplo de incapacidade orgânica” frente às outras nações que também se tornaram independentes no início do século XIX; havia falido em seu projeto de se tornar uma nação independente, forte e organizada. Para o autor, se a situação interna era de anormalidade, escombros e transtornos, no campo das Relações Exteriores havia o medo da perda da soberania nacional e de uma nova intervenção política internacional: o México tinha bons exemplos para temer uma nova intervenção estrangeira. O receio advinha da possibilidade de acusações como a falta de governabilidade e a incapacidade administrativa interna.

Referindo-se a esta situação conturbada, Sierra escreveu que a vontade do povo mexicano era de que existisse paz no país: “pocas veces se habrá visto en la historia de un pueblo una aspiración más premiosa, más unánime, más resuelta.” (SIERRA, Tomo II, La era actual, p. 427). Tendo em vista tal aspecto, o autor também tangeu a mesma questão da necessidade de pacificar o México, vista nos discursos de Díaz ao Congresso. A população almejava tranquilidade. Como afirmou acima, o México estava sob destroços. O desejo de pacificação “escapava das fendas daquele enorme amontoado de ruínas legais, políticas e sociais” (SIERRA, Tomo II, La era actual, p. 427). Tal vontade era comum aos cidadãos mexicanos. A nação não aguentava mais viver imersa em conflitos internos. Para Sierra, Díaz era a chave entre os tempos. Situava-se entre o passado anárquico, cindido por guerras e escombros, e um futuro em aberto, ainda sem face e sem delineamentos. Com o general, o México cairia em um caos absoluto ou em uma pacificação geral e consistente. A Revolução de Tuxtepec seria legítima frente aos olhos da História e do povo se dela Díaz fizesse “brotar a árvore da paz definitiva” (SIERRA, Tomo II, La era actual, p. 428). Novamente, percebemos as metáforas arborescentes: a paz deveria fincar raízes profundas, que refletiria bons frutos: a paz nacional.

Para o campechano, o povo depositou todas as suas esperanças no novo presidente. Em *México: su evolución social*, a cada reeleição Díaz ocupava a primeira magistratura devido à vontade nacional, já que havia o medo de que o país passasse novamente por conflitos civis. Essa interpretação demonstra e comprova nossa hipótese, de que a compreensão do passado, ou seja, a recorrência à anarquia, legitimava a forma de se fazer política no presente. A cada parágrafo, como vimos acima, os detalhes do que havia acontecido com o México deveria causar um efeito de verdade no leitor. O passado era a referência central para o presente. E, novamente, não um presente pontual, um instante, mas um presente que era sinônimo de porfirismo. Díaz poderia se assemelhar à figura de Augusto, o governante que assegurou a paz em Roma frente às guerras civis. Mas o fato principal para Sierra: Díaz possuía respaldo popular, não era um ditador. A justificativa de a população sempre ter o escolhido era a expectativa de que o general restabelecesse a ordem e procurasse nivelar as finanças do país, ações que, para ele, não foram efetivadas durante os governos anteriores – até mesmo o de Juárez¹⁸¹.

Esse discurso de apoio do povo à Díaz não era recente. *El Ahuizote*, por exemplo, fundado em 1874 por Vicente Riva Palacio e Juan Mirafuentes, e editado por José María Villasana, trouxe em seu exemplar de 1º de setembro de 1876 uma caricatura que representava Díaz como o libertador do povo, oprimido pelas lutas civis¹⁸². Para Fausta Gantús, “en tanto en las representaciones de 1876 se asoció al militar con el pueblo, con la defensa de la patria y de la Constitución, y se le pintó como el promotor de la paz, para 1910 se le mostraba como el artífice y constructor, y quien había logrado la consolidación de una era de progreso y orden, tal cual el lema que caracterizara su administración. También se le equiparaba con el héroe más distinguido del ideario mexicano, con el

¹⁸¹ Escreveu Sierra: “El deseo verdadero del país, el rumor que escapaba de todas las hendiduras de aquel enorme hacinamiento de ruinas legales, políticas, sociales, el anhelo infinito del pueblo mexicano que se manifestaba por todos los órganos de expresión pública y privada de un extremo a otro de la República, a pesar de su autoridad constitucional. Nadie quería la continuación de la guerra, con excepción de los que sólo podían vivir del desorden, de los incalificables en cualquier situación normal. Todo se sacrificaba a la paz; la Constitución, las ambiciones políticas, todo, la paz sobre todo. Pocas veces se habrá visto en la historia de un pueblo una aspiración más premiosa, más unánime, más resuelta.” (SIERRA, Tomo II, La era actual, p. 427). A população almejava paz. Como descreveu acima, o México estava sob escombros, das “fendas daquele enorme amontoado de ruínas legais, políticas e sociais”, o desejo unânime era o de pacificação do país. Pela paz se fazia e sacrificava tudo.

¹⁸² El Ahuizote foi um semanário político de cunho liberal que, através de caricaturas, feitas principalmente por Villasana, criticava a presidência de Sebastián Lerdo de Tejada. Sobre a análise de caricaturas que reafirmavam o respaldo de Díaz pelo povo ver: GANTÚS, Fausta. “¿Héroe o villano? Porfirio Díaz, claroscuros. Una mirada desde la caricatura política”. In: *Historia Mexicana*, DF, vol. LXVI, núm. 01, jul-set., 2016, pp. 209-256.

“Padre de la patria”: Hidalgo. (GANTÚS, 2016, p. 221). Sierra enfatizou o apoio popular de Díaz:

Algo así como una colérica unanimidad había vuelto al antiguo caudillo de la revolución al poder [após a presidencia de Manuel González]; los acontecimientos de la capital parecían indicio cierto del estado precario de la paz y de la facilidad con que podría caerse en las viejas rodadas de la guerra civil; la anarquía administrativa y la penuria financiera daban a la situación visos de semejanza con la del período final de la legalidad de 76, y a todos parecía que se habían perdido ocho años y que habría que recomenzarlo todo; la opinión imponía el poder al presidente Díaz como quien exige el cumplimiento de un deber, como una responsabilidad que se hacía efectiva. (SIERRA, Tomo II, La era actual, p. 431).

Para Sierra, o México precisava de um homem forte, que tivesse pulso firme e guiasse a nação ao caminho do progresso e da modernidade. Para que Díaz conseguisse efetivar as tarefas que o país necessitava, era imprescindível que ele concentrasse a maior soma de poderes em suas mãos. O autor destacou quatro autoridades que eram necessárias ao presidente: a “autoridade legal”, ou seja, o respaldo constitucional que ele possuía, uma vez que tinha sido eleito primeiro magistrado mexicano; a “autoridade política”, que para Sierra era o poder de dirigir as câmaras responsáveis pelas leis do país, bem como o governo dos estados mexicanos; a “autoridade social”, que o constituiria “en supremo juez de paz de la sociedad mexicana con el asentimiento general, ese que no se ordena, sino que sólo puede fluir de la fe de todos en la rectitud arbitral del ciudadano a quien se confía la facultad de dirimir los conflictos” (SIERRA, Tomo II, La era actual, p. 432). A quarta autoridade era a “moral”, que consistia em um *modus vivendi* de uma pessoa que se manifesta, externaliza-se, por um lugar, que, no caso de Díaz, era o México. É importante destacar que Sierra não interpretou o porfirismo como uma “ditadura”, mesmo com a concentração de poderes na mão do presidente. O Executivo, para ele, era revestido de moralidade e autoridade social, suas ações eram legitimadas pela população – novamente a centralidade que o “povo” adquiria nas fontes. Como afirmou acima, era uma “colérica unanimidade” do povo desejar a permanência do general no poder¹⁸³. É importante percebermos a lógica narrativa e argumentativa do autor: O Porfiriato pelo

¹⁸³ Segundo Gantús: “hacia fines del gobierno de Díaz los correligionarios del presidente aún recurrirían al uso de la gráfica para exaltar su figura, para pintarlo como el héroe de la nación, como el destacado estadista que había logrado posicionar a México en el ámbito internacional y, sobre todo y quizá en especial, para mostrarlo —gran ironía— como el amigo del pueblo y consolidar su asociación, la de la imagen presidencial, con las clases populares.” (GANTÚS, 2016, p. 221).

Porfiriato, ou seja, pensando apenas o tempo presente, era um governo extenso, de 25 anos no poder após várias reeleições. Mas, o Porfiriato em comparação com outros governos (a relação entre presente e passado), tornava-se a administração que levou a paz ao país. Novamente reiteramos, “anarquia” e “paz” eram molduras narrativas que afetavam a compreensão do presente. O passado, ruidoso, deveria ser superado. O presente, pacífico e moderno, deveria ser mantido.

Percebemos que Sierra a todo momento vinculou a imagem de Díaz à do povo. Para Sierra, com toda essa autoridade investida na figura do general, ele conseguiu estabelecer a paz no país:

(...) y era está, no huelga decirlo aquí, la última de las tres grandes desamortizaciones de nuestra historia: la de la Independencia, que dio vida a nuestra personalidad nacional; la de la Reforma, que dio vida a nuestra personalidad social, y a la de la Paz que dio vida a nuestra evolución total. Para realizar la última, que dio todo su valor a las anteriores, hubimos de necesitar, lo repetiremos siempre, como todos los pueblos en las horas de las crisis supremas, como los pueblos de Cromwell y Napoleón, es cierto, pero también como los pueblos de Washington y Lincoln y de Bismarck, de Cavour y de Juárez, un hombre, una conciencia, una voluntad que unificase las fuerzas morales y las trasmutase en impulso normal; este hombre fue el presidente Díaz. (SIERRA, Tomo II, La era actual, p. 432).

Díaz alcançara a Paz. Sua afirmação foi categórica, semelhante ao Discurso de posse do presidente em 1877, como vimos no Capítulo 1. O campechano afirmou: “Nunca la paz ha revestido con mayor claridad, que al día siguiente del triunfo de la revuelta tuxtepecana, el carácter de una primordial necesidad nacional.” (SIERRA, Tomo II, La era actual, p. 429). Com ela, o México teve condições para atingir um estágio de “evolução total”, destacou o campechano. A etapa da paz deu sentido e valor para todas as outras etapas nacionais: a Independência e a Reforma. O presidente exercia seu poder na medida esperada: conteve os conflitos intestinos e reorganizou o México, conduzindo-o ao estágio de uma evolução total. Sierra tinha seus exemplos na História: Oliver Cromwell foi militar e político. Atuou em importantes conflitos, como a Guerra civil inglesa, e liderou muitas campanhas militares. Considerado um herói por Thomas Carlyle, ele combateu o governo de Carlos I e corroborou com a instalação da República na Inglaterra, chamada de *Commonwealth*. Como Cromwell, Díaz participou de muitas batalhas, vencendo a de Puebla, e, cada vez mais, destacou-se no cenário militar e político. O oaxaqueño também harmonizava com a imagem de Napoleão, outro militar e político que

se destacou na Primeira República Francesa contra o regime monárquico e a Primeira e a Segunda Coligação. George Washington, como os anteriores, também foi líder militar e político. Comandou o Exército durante a Guerra de independência norte-americana e foi eleito, por unanimidade, segundo a história, o primeiro presidente do país. Já Abraham Lincoln, foi presidente norte-americano durante a Guerra Civil, abolindo a escravidão em 1865. Em seu famoso Discurso de Gettysburg, de 1863, afirmou que, após tantas guerras civis e desunião nacional, a nação iria “renascer na liberdade”, forte.

Os exemplos também vinham de Bismarck e do Conde de Cavour, destacados estadistas do século XIX que lutaram pela unificação da Alemanha e do Reino da Itália, respectivamente. Cada um a sua maneira, Sierra enxergava em Díaz o mesmo governo de grandes homens que, com pulsos firmes, acabaram com revoltas civis e formaram uma nação forte. França, Estados Unidos, Inglaterra e Itália eram, no século XIX, grandes potências progressistas e civilizadas. O México, com Díaz, caminhava no mesmo sentido. Com o presidente, o México evoluía, regenerava-se. No caso mexicano, a terceira etapa histórica, a Paz, teria validado os degraus anteriores na escada da formação da Nação. Díaz coroava um longo processo. Mais que coroar, dava sentido a ele. Nas passagens acima, vemos que Sierra valeu-se da metáfora de um organismo vivo para representar a história da pátria. O nascimento do México aconteceu com sua independência da Espanha, após trezentos anos sob o jugo da Coroa; a personalidade social foi adquirida durante a Reforma liberal, mas, todas estas etapas tiveram efetividade com a pacificação realizada por Díaz. Era o momento da maturidade nacional. Na comparação entre os tempos, para Don Justo, as medidas de Díaz foram necessárias para a evolução histórica da nação¹⁸⁴.

¹⁸⁴ Os exemplos da História foram amplamente utilizados para reafirmar a imagem e os valores do governo de Díaz. Em 1906, por exemplo, um dos representantes do Círculo Nacional Porfirista –do qual Sierra fazia parte – mobilizou grandes personagens em um discurso sobre a comemoração do 02 de abril, data em que o México venceu a Batalha de Puebla contra os franceses, tendo Díaz como o general a frente: “Al año siguiente de nuevo el discurso más exaltado estuvo a cargo del representante del Círculo Nacional Porfirista, que en esta ocasión exploró la vertiente de las comparaciones históricas. Así pues, el panegirista de turno no dudó en asemejar la trascendencia de los sucesos del 2 de abril de 1867 de Puebla con la Revolución Francesa o con la actuación de Simón Bolívar durante el proceso de independencia de la Gran Colombia. Es más, la estrategia y el heroísmo del General Díaz habían superado incluso los de otros destacados militares y estadistas que lo habían precedido en otras latitudes, pues careciendo «de los elementos de Nicolás I cuando asaltó la plaza de Plowna [...], ni los que tenía Ulises Grant cuando atacó la plaza de Richmond» había logrado levantar el sitio de la ciudad de Puebla y «con un movimiento como el de Mac Mahon en la batalla de Magenta» había acabado destruyendo al ejército invasor extranjero. De tal destreza había sido la estrategia militar desplegada por Díaz aquel 2 de abril que esta solo podía ser comparada — concluía el discurso— con la Morelos en Cuautla, pues ambos episodios constituían claramente «las

2. Porfirio Díaz, o arquiteto do México moderno. A construção da imagem do presidente por escritores oitocentistas

Como percebemos na última parte do tópico anterior, Díaz foi interpretado – não só por Sierra, mas também por outros autores da obra *México: su evolución social* e também pelos presidentes do Congresso Nacional mexicano– como o herói nacional, construtor desse México moderno¹⁸⁵. Reiterava-se a todo momento que sob seu governo o país experimentava uma nova etapa, inédita até então. O general foi comparado à vários estadistas que, com pulso forte e medidas centralizadoras, conseguiram organizar o Estado e formar uma nação forte. Para que Díaz conseguisse gerar estabilidade ao país, Justo Sierra explicou que o presidente fundou sua autoridade na fé e no temor dos mexicanos para com ele. Diante de uma sociedade degenerada, de um povo acostumado aos conflitos, era necessário que, ao mesmo tempo em que a população do país tivesse fé em sua imagem e em seu governo, não poderia deixar de o temer¹⁸⁶. É importante ressaltar que Sierra deixou clara a diferença entre temor e terror, sendo este “instrumento de despotismo puro”, o que não ocorria, para ele, no México (SIERRA, Tomo II, La era actual, p. 432).

Em um ensaio de 1889, por exemplo, intitulado *México social y político*, o campechano já havia defendido a necessidade de um poder executivo forte no país, que não caísse em tirania, mas que conseguisse suprimir a anarquia (UZUN, 2013). Para Sierra, o Executivo deveria ser reforçado através de reformas constitucionais, por isso o poder legal investido à Díaz¹⁸⁷. Como explicou Javier Ocampo, Sierra, em seus trabalhos,

páginas más brillantes de la historia de México», protagonizadas por dos de los más grandes patriotas que había dado el país.” (CAMPOS PÉREZ, 2016, p. 66).

¹⁸⁵ Sobre o caráter do herói, explicou Ocampo López: “El heroísmo señala un conjunto de cualidades propias de los héroes. Es esa actuación de los seres humanos ante hechos que presionan su estabilidad emocional, causando una fuerza de presión que explota con reacciones positivas para el cambio social. Los héroes son impulsados por sentimientos de lucha, que intentan contra atacar los errores concebidos por la injusticia y el maltrato social. Estos sentimientos que forjan la actuación del individuo, surgen para resaltar la importancia del ser en los acontecimientos de la vida humana. La acción heroica es dinamismo de los héroes para definir con sus actuaciones el destino de la historia. Las acciones heroicas causan huellas en los sucesos o acontecimientos históricos, gracias al dinamismo y participación de “los héroes”, con cuyo “carisma” contribuyen directamente con el bien común y con el destino de los pueblos en la Historia.” (OCAMPO LÓPEZ, 2010, p. 23).

¹⁸⁶ “La fe y el temor, dos sentimientos que, por ser profundamente humanos, han sido el fundamento de todas las religiones tenían que ser los resortes de la política nueva. Sin desperdiciar un día ni descuidar una oportunidad, hacia allá ha marchado durante veinticinco años el presidente Díaz; ha fundado la religión política de la paz.” (SIERRA, Tomo II, La era actual, p. 428).

¹⁸⁷ Para Hale, “los defensores de la política científica de 1878 y sus herederos, los Científicos de 1893, deben ser considerados como constitucionalistas y no sólo como defensores del régimen autoritario de

fez uma crítica “a la demasiada libertad de la Constitución de 1857, [que] lo llevó a defender la Libertad, pero dentro del Orden para llegar al Progreso, con las directrices filosófico-políticas del Positivismo, y en especial, el Darwinismo social de Spencer. Era necesario pasar del Liberalismo utópico y anárquico al Liberalismo realista y de orden; un conservadurismo liberal”. (OCAMPO, 2010, p. 09). O poder do presidente não poderia ser desmedido e virar uma tirania, mas o temor, enquanto sentimento intermitente, servia para manter a normalidade e a paz interna; funcionava como um termômetro social.

Deste modo, podemos inferir que Don Justo utilizava-se da velha máxima maquiavélica¹⁸⁸, já que acreditava que Díaz necessitava fundamentar sua autoridade na fé e no temor da população para com ele. Maquiavel explicou no capítulo XVII de *O Príncipe* que era desejável ao governante ser amado e temido, pois os homens não ofendem um indivíduo que se faz receado, conseguindo ele, assim, conduzir o país com sucesso. Para Maquiavel, ser temido pelo governante não era sinônimo de odiarem, uma vez que o príncipe não podia proceder contra o povo sem uma justificativa ou causa importante, mas sim quando necessário (MAQUIAVEL, 1513). Assim, Díaz não deveria utilizar este poder recorrentemente, sem fundamentação. Mas, em alguns momentos, ele era importante para que o presidente pudesse ter legitimidade e respaldo para modificar a conjuntura mexicana, mantendo a paz. Era a paz acima de tudo. Existe aqui, como explicado no tópico 2 do Capítulo 1, uma concepção específica de “povo”. Para Sierra, o povo mexicano era movido por paixões violentas, estava degenerado, desmoralizado e precisava, portanto, de um líder, um tutor, que o retirasse desse estado de anarquia. Em outras produções, o autor afirmou a urgente necessidade de educar a população, principalmente os indígenas.

É importante destacar que percebemos, por parte do autor, um receio de que estes poderes delegados ao presidente prejudicassem a efetivação de um governo democrático no futuro. Sierra também se atentou a isto, mesmo que rapidamente. Entretanto, ele não

Porfirio Díaz. Su programa de 1878 consistía en reforzar el gobierno haciendo reformas a la Constitución, no en descartar o subvertir a la Constitución en nombre de la ciencia. Un mandato presidencial más largo, derecho de veto de suspensión, sufragio restringido, conservación del Senado, vicepresidencia autónoma y tenencia de sus cargos a la perpetuidad para los jueces: estos cambios harían que la Constitución se apegase a la realidad social y evitarían tener que suspenderla en momentos de crisis.” (HALE, 1991, p. 401).

¹⁸⁸ Maquiavel explicou no capítulo XVII de *O Príncipe* que era desejável ao governante ser amado e temido, pois os homens não ofendem um indivíduo que se faz receado, conseguindo ele, assim, conduzir o país com sucesso. Para Maquiavel, ser temido pelo governante não era sinônimo de odiá-lo, uma vez que o príncipe não podia proceder contra o povo sem uma justificativa ou causa importante, mas sim quando necessário (MAQUIAVEL, 1513).

procurou desenvolver essas questões. Como na época dos ditadores clássicos, o país estava traspassado por uma atmosfera de crise que carecia da força de um indivíduo que concentrasse poderes em suas mãos para conseguir reverter a situação. Para ele, havia momentos na História que a nação necessitava de um tutor, um guia, um líder. Um Executivo forte gerava ordem e a ordem era o pressuposto para o progresso, principalmente progresso material, social e moral. Díaz necessitava de competências que o ajudassem a reorganizar o México, afirmava. Seu mandato não durava apenas seis meses, como o de um ditador da Roma Antiga, mas aquela situação governativa deveria ser passageira, pois o fim último da evolução no país era a liberdade e a existência de uma dinâmica partidária em moldes democráticos. Contudo, o momento desta etapa ainda não havia chegado¹⁸⁹. Era preciso manter a paz.

A conclusão a que chegou Sierra, após toda a explicitação do atual governo, é que o regime de Díaz não podia ser considerado, devido a suas várias reeleições, uma forma de despotismo clássico, uma administração ilegítima, permanente e sem respaldo popular. Seu governo era respaldado pelos cidadãos do país e coerente com a constituição¹⁹⁰. Segundo Sierra, “para justificar la omnimoda autoridad del jefe actual de la República, habrá que aplicarle, como metro, la diferencia entre lo que se ha exigido de ella y lo que se ha obtenido.” (SIERRA, Tomo II, La era actual, p. 433). O México estava demudado. *México: su evolución social* atestava a evolução do país em todas as esferas: um México moderno, progressista, pacífico e civilizado. Para Alvaro Matute, o caráter paternalista e personalista assumido por Díaz não era um fenômeno inédito à época. Por mais que o governo e a própria literatura porfiriana defendesse uma República nos moldes democráticos e constitucionais, o século XIX foi marcado por governos que

¹⁸⁹ “Y esa nación que en masa aclama al hombre, ha compuesto el poder de este hombre con una serie de delegaciones, de abdicaciones si se quiere, extralegales, pues pertenecen al orden social, sin que él lo solicite, pero sin que equivocase esta formidable responsabilidad ni un momento; y ¿eso es peligroso? Terriblemente peligroso para lo porvenir, porque imprime hábitos contrarios al gobierno de sí mismos, sin los cuales puede haber grandes hombres, pero no grandes pueblos. Pero México tiene confianza en ese porvenir, como en su estrella el presidente; y cree que, realizada sin temor posible de que se altere y desvanezca la condición suprema de la paz, todo vendrá luego, vendrá á su hora ¡Que no se equivoque!” (SIERRA, Tomo II, La era actual, p. 433).

¹⁹⁰ Como argumentou o autor, “es un gobierno personal que amplia, defiende y robustece al gobierno legal; no se trata de un poder que se ve alto por la creciente depresión del país, como parecen afirmar los fantaseadores de sociología hispanoamericana, sino de un poder que se ha elevado, no sólo en el orden material, sino en el moral, porque ese fenómeno es hijo de la voluntad nacional de salir definitivamente de la anarquía.” (SIERRA, Tomo II, La era actual, p. 433).

concentraram, em alguma medida, poderes políticos: os exemplos pipocavam da Europa e da América¹⁹¹.

Pensar os discursos políticos organizados durante o Porfiriato, implica pensar as esferas internacional, nacional e regional. As histórias políticas da Europa e dos Estados Unidos traziam exemplos de grandes personagens que tiveram que conduzir suas nações marcadas por guerras civis, e o porfirismo se valia delas. Como explicou Lara Campos Pérez e Charles Hale, Díaz, apoiado por muitos polígrafos, adotou um tipo de republicanismo conservador semelhante ao de Emilio Castelar, na Espanha. Os principais valores adotados pelo Estado eram a ordem e a autoridade forte, que deveriam conduzir e salvar a nação. Castelar foi presidente da Espanha durante a Primeira República. Adepto de um governo republicano e liberal, lutou na Revolução de 1868, que desconheceu o reinado de Isabel II. Durante seu governo, dissolveu as cortes espanholas com o discurso de “salvar a nação”, bem como concentrou poderes no campo do Executivo (HALE, 1991)¹⁹². Para Sierra, sem medidas rigorosas, a nação corria o risco de se perder de vez. Acreditando no governo do general, pôde constatar, aos seus olhos, finalmente a evolução do México¹⁹³. Escreveu,

Pero si comparamos la situación de México precisamente en el instante en que se abrió el paréntesis de su evolución política y el momento actual, habrá que convenir, y en estos nos anticipamos con firme seguridad al fallo de nuestros pósteros, en que la transformación ha sido sorprendente. Sólo para los que hemos sido testigos del cambio, tiene todo su valor: las páginas del gran libro que hoy cerramos lo demuestran copiosamente: era un ensueño, –al que los más optimistas asignaban un siglo para pasar a la realidad–, una paz de diez a veinte años; la nuestra lleva largo un cuarto de siglo; era un ensueño cubrir al país con un sistema ferroviario que uniera los puertos y el centro con el interior y lo ligara con el mundo, que sirviera de surco infinito de fierro en donde arrojado como semiente el capital extraño, produjese mieses opimas de

¹⁹¹ “En cuanto al carácter autocrático, paternalista, dictatorial, despótico, personalista, etcétera que se le puede achacar' al porfiriato, visto en la perspectiva internacional de la época, resulta que nuestro famoso modelo no es tan original. Lo raro, más bien, es la democracia representativa que funciona con dificultades en los Estados Unidos, que se llegan a ver en el dilema de una posible tercera elección del primer Roosevelt. Es la época de los últimos zares (que no se sabía que eran los últimos), del káiser y de una gama variada de gobernantes absolutos. Por otra parte, y con música de quenás y charangos, es una era de fomento dictatorial latinoamericano que Alejo Carpentier ha recreado magistralmente. No se trata de llegar a una moraleja que recuerde aquello de “mal de muchos...”; simplemente presentar un panorama que ayude a explicar el fenómeno con vista en otras experiencias históricas.” (MATUTE, 1979, p. 192).

¹⁹² La breve presidencia de Castelar en la primera República española de 1873 fue un valeroso esfuerzo por imponer un gobierno fuerte que contrarrestara la anarquía. De manera parecida, el régimen de Porfirio Díaz podría restablecer el orden después del caos de 1876, al que los hombres de *La Libertad* consideraban la culminación de dos décadas de “revolución”. (HALE, 1991, p. 400).

¹⁹³ Sobre isso ver: CAMPOS PEREZ, Lara. “La República personificada. La fiesta porfiriana del 2 de abril”. In: *Estudios de Historia Moderna y Contemporánea*, Cidade do México, n. 51, 2016, pp. 53-71.

riqueza propia; era un ensueño la aparición de una industria nacional en condiciones de crecimiento rápido, y todo se ha realizado, y todo se mueve, y todo está en marcha y *México: Su Evolución Social* se ha escrito para demostrar así, y queda demostrado. (SIERRA, Tomo II, La era actual, p. 433).

Para Sierra, a transformação do México foi surpreendente sob o governo de Díaz: Era preciso adotar comparações, como ele fizera em seus dois capítulos de *México: su evolución social*. Para ele, todo o povo que vivera entre os tempos era testemunha da transformação. Antes de 1876, os desastres e as cicatrizes internas eram tão profundas que os mais otimistas afirmavam que o México apenas conseguiria se reerguer em um período de um século. Contudo, sob o porfirismo, com as medidas políticas de Díaz, em vinte e cinco anos a nação estava em paz. E não apenas em paz: as estradas de ferro, os telégrafos, as indústrias, mostravam o progresso mexicano. *México: su evolución social* saía do campo abstrato, do sonho, da promessa política, e mostrava, comprovava, plasmava, a transformação que a nação sofrera. Como afirmou nas últimas linhas da citação acima, “*México: su evolución social* foi escrito para demonstrar e fica demonstrado”: o novo México construído pelo presidente, pacífico, moderno, progressista e civilizado. Como afirmou Matute: “*México, su evolución social*, una magna empresa cultural donde la meta del progreso era La era actual, momento histórico que supera a un pasado teológico, metafísico y, sobre todo, anárquico.” (MATUTE, 1979, p. 190). O medo de perda da soberania nacional, o isolamento político e a ideia de nação anacrônica, cada vez mais iam perdendo força e o país mostrava ao mundo que estava pronto para compartilhar o espaço destinado às grandes potências. “Esta es la conclusión a la que llega, finalmente, el director de México: Su evolución social la cual, al quedar así asentada en un libro que alcanzó notable difusión inmediata, así en México cuanto en los demás países de habla hispana e incluso – relativamente, claro – en algunos otros, se convierte en suprema justificación del régimen gubernamental que tal cosa había promovido. (FLORES HERNÁNDEZ, 1983, p. 50).

Como percebemos, não havia uma conotação negativa na concentração de poderes por parte do Executivo, já que tal medida era vista como necessária. Como afirmaram D. Rivero Alvisa e I. Rojas Requena (RIVERO ALVISA; ROJAS REQUENA, 1987, p. 41), os escritores que defendiam o poder do presidente argumentavam que essa era uma ação política necessária, pois o objetivo do governo era suprimir efetivamente o estágio anterior, a anarquia. O primeiro magistrado se assemelhava a figura de um pai, que não é

bom nem ruim, mas apenas quer o bem de seus filhos e, para isso, podia valer-se de medidas mais rigorosas. O outro lado da moeda também era válido: um pai pode ser ruim ou bom aos olhos de seus filhos. Para muitos dos polígrafos, considerados porfiristas, ele foi bem querido e atuou como um pai-herói; para outros, como veremos no Capítulo 3 da tese, um pai rigoroso, que perdeu a medida de seu mando e açoitou seus filhos.

2.1. Bernardo Reyes, um general porfirista

Essa centralidade de Porfirio Díaz apareceu em muitas produções de polígrafos que se relacionaram com o governo do oaxaqueño. As interpretações dos presidentes do Congresso Nacional e a de Sierra em *México: su evolución social* demonstram a construção da imagem solar e central de Díaz. Como afirmou Gantús, “El general adquiriría la dimensión del hombre dispuesto a sacrificarse por la causa común, por la República y por el pueblo”. (GANTÚS, 2016, p. 218). Também podemos perceber essa moldura narrativa em outras produções da época. Uma delas é a biografia do presidente escrita pelo porfirista Bernardo Reyes. Reyes foi um importante general mexicano que teve uma carreira militar semelhante à de Porfirio Díaz: começou aos quatorze anos de idade lutando a favor do grupo liberal. Alistou-se contra a Intervenção Francesa nos grupos de guerrilhas de seu estado natal, Jalisco, e participou contra os levantes de Manuel Lozada, militar imperialista que, em Nayarit, mantinha-se rebelde ao governo central (SOTO, 1979). Durante a presidência de Díaz, o general atuou como governador do estado de Nuevo León e encarregado da zona militar da região noroeste do país. Em 1896, foi nomeado pelo presidente à função de secretário de Guerra, importante cargo, mas renunciou. Assumiu novamente o referido Ministério em 1900, permanecendo até 1902, mesmo ano em que escreveu o capítulo “El Ejército nacional” de *México: su evolución social* e a biografia de Díaz, intitulada *El general Porfirio Díaz*. Segundo a historiografia sobre o Porfiriato, Reyes ficou conhecido como um dos pilares do presidente (GARNER, 2003; KRAUZE, 1987; SOTO, 1979; GUERRA, 1991, BENAVIDES, 1998).

O objetivo de Reyes foi criar uma síntese da vida de Díaz, apresentando sua biografia pública – tanto como general quanto presidente do México – à posteridade. O escritor visava consolidar uma memória positiva e triunfal do presidente, interpretando-o como o herói nacional que, após lutar em várias guerras civis e combater tentativas de

intervenções estrangeiras, buscou, com seu patriotismo, regenerar um país imerso em caos e anarquia. Novamente percebemos semelhanças nos conceitos mobilizados no livro e uma forma semelhante de se compreender o passado e o presente. É importante destacar que a representação de um governante como o salvador da nação não foi uma exceção da literatura mexicana no oitocentos. Muitos líderes foram representados a partir dessa moldura narrativa, fenômeno que também ocorreu no México, como vimos nos exemplos dados por Justo Sierra em “La era actual”.

A biografia foi publicada em 1903 pela mesma editora que publicou *México: su evolución social*, a J. Ballezá y Compañía, Sucesores, Editores. A capa do livro, verde, era suntuosa, trazendo a imagem e o nome do presidente em detalhes dourados. O subtítulo da produção também era sugestivo: *Estudio biográfico con fundamentos de datos auténticos y de las memorias del gran militar y estadista, de las que se reproducen los principales pasajes*. Em 1892, Díaz escreveu um livro de memórias. Narrou sua vida desde a infância até a participação nas guerras: parou em 1867, quando ocorreu a chamada República Restaurada, em que participou. Essa fonte foi utilizada por muitos escritores que produziram textos sobre o presidente, principalmente para justificar seu patriotismo. Reyes, em 1902, também se valeu desse documento para escrever a biografia, reproduzindo longas passagens das memórias do presidente para validar suas afirmações. O autor fundamentou a autoridade de seu livro no fato de utilizar dados considerados autênticos, provenientes do próprio presidente; e que, portanto, deveriam ser apreciados como verdadeiros.

Ao atentarmos-nos, inicialmente, à organização textual da biografia de Reyes, vemos que ela é constituída por duas partes dissimétricas. Na primeira e maior delas, Reyes narrou, ano a ano, os feitos militares de Díaz nas guerras sofridas pelo país. Isto demonstra a importância que aquele “passado turbulento” – em suas palavras – tinha para a geração que vivenciou essa atmosfera de anarquia e que desejava, em contrapartida, um presente e futuro pacíficos; e como a força da anarquia enquanto moldura narrativa do passado era utilizada para validar ações no presente. Um dos aspectos relevantes a ser destacado é: dar dimensão a esse passado nacional específico se configurou como um dos instrumentos de legitimação do governo, ainda mais que, como veremos no Capítulo 3 da tese, a partir de 1887, e principalmente de 1900, começou a aparecer produções e Clubes Liberais no país que censuravam o Porfiriato. Na interpretação de Reyes, o general, frente ao pretérito mexicano, era necessário no cargo de primeiro magistrado. Somente um

indivíduo com pulsos fortes seria capaz de colocar a nação no sendeiro da paz, da felicidade e do progresso. Reyes, como Sierra, defendia o discurso de alargamento do poder Executivo como medida política para se salvar a nação. “Así empezó a vivir México. En plena anarquía, entre todos estos intereses que pugnaban por su triunfo, por obtener ventajas particulares. Y anarquía es la palabra clave que tiene en sus labios Bernardo Reyes para explicar la situación mexicana hasta antes de la guerra de Reforma.” (FLORES HERNÁNDEZ, 1983, p. 89).

É importante reiterar que o ponto nevrálgico das fontes analisadas é recorrentemente o de destacar os fatos do passado nacional que geravam a sensação de que o país não conseguia se autogovernar. Em comparação com esse pretérito desajustado, as atitudes governativas de Díaz, para manter o México longe dessa anarquia e caos, foram legitimadas. Isso faz sentido quando acrescentamos a informação de que, durante o Porfiriato, o estudo sobre os povos pré-hispânicos ganhou impulso. Por exemplo, o Museu Mexicano, dirigido por Francisco del Paso y Trancoso e apoiado por Justo Sierra, ganhou novos investimentos do governo, bem como o Ministério da Educação passou a buscar especialistas sobre o assunto¹⁹⁴. O estudo e a história dos povos pré-hispânicos, em especial dos astecas, esteve, amplamente presente durante o porfirismo mas, principalmente, relacionado ao tema da mestiçagem (discutido em mais detalhes no primeiro capítulo). Esse pretérito aparecia em outras fontes. O que afirmamos, portanto, é que essas camadas remotas do passado não eram tão importantes para se usar como elementos legitimadores do porfirismo. A anarquia causava um efeito de verdade mais potente; ela era datada: as primeiras décadas do século XIX.

Ao mencionar o ano de 1821, Reyes também enfatizou a heterogeneidade nacional pós-independência. Explicou que não havia um elemento dominador que desse unidade

¹⁹⁴ Os estudos sobre o passado serviram para sustentar os argumentos da mestiçagem. “Pero sólo durante el largo gobierno de Díaz hubo la paz y la disponibilidad económica para imprimirle a la recuperación del pasado un nuevo aliento. Como se ha visto antes, desde el primer gobierno de Díaz se manifiesta un interés decidido por apoyar el estudio del pasado remoto y se asiste a una revaloración de las culturas indígenas. Entre 1890 y 1910 las imágenes que provienen de este pasado se convierten en icono nacionalista y en emblema del Estado porfiriano. Bajo la dirección de Francisco del Paso y Trancoso, y con el apoyo de Justo Sierra en el ministerio de Educación, el antiguo Museo mexicano vino a ser un edificio privilegiado en el escenario cultural de la capital y un centro de acumulación de conocimientos y formación de nuevos especialistas (historia, lingüística, etnografía, arqueología). En 1895 fue la sede del Congreso Internacional de Americanistas y en 1911 la residencia de una innovadora Escuela Internacional de Arqueología y Etnografía Americanas.”. Ver: Andrés Lira González, “Los indígenas y el nacionalismo”. El nacionalismo y el arte en México. IX Coloquio de Historia del Arte, México, Instituto de Investigaciones Estéticas-Universidad Nacional Autónoma de México, 1986, p. 26.

ao país e sim o conflito entre diversas facções que, como o mesmo escreveu, “ocasionaron una anarquía tan desoladora, que llegó a hacer perder alguna vez hasta la esperanza de la salvación nacional.” (REYES, 1960 [1903], p. 09). A primeira metade do século XIX foi marcada pela querela entre liberais e conservadores. O conflito entre estes dois grandes setores causava uma situação de “horrorosa anarquia” (REYES, 1960 [1903], p. 10). Além deste quadro interno, havia os conflitos com outros países. A perda do Texas pelo então presidente Antonio López de Santa Anna não deixou de ser mais uma vez mencionada. O tema tinha destaque em todas as obras mencionadas nesse capítulo da tese: qual seria o futuro do México? A forma do futuro era amorfa, desconhecida. Um tempo sempre protelado, distante. Para o autor, eram conjunturas que levaram o país ao caos e à perda de mais da metade do território mexicano¹⁹⁵. O desejo era por mudança, a nação necessitava se reerguer e se transformar para não perder a soberania. O México precisava de um grande homem, um herói.

Ao escrever sobre o Porfiriato e em comparação com este passado nacional decadente, o México necessitava mudar seu destino. Segundo o tapatío, a paz era base para a construção de uma nação moderna, a ser erguida por Díaz. Como mencionado, o livro era uma biografia, gênero que também possuiu campo fértil no oitocentos, juntamente com o tipo ensaístico. Como afirmou Mary Del Priore, era a época “da história dos grandes homens, motores de decisões.” Ademais, no século XIX, “a biografia assimilou-se à exaltação das glórias nacionais, no cenário de uma história que embelezava o acontecimento, o fato. Foi a época de ouro de historiadores renomados como Taine, Fustel de Coulanges e Michelet, autor de excepcionais retratos de Danton e Napoleão.” (DEL PRIORE, 2009, pp. 08-09). O livro de Reyes narrou a vida do general e presidente a partir de uma forma linear de escrita e construção biográfica, da mesma forma que a história da nação era narrada. O tapatío construiu uma sucessão cronológica de acontecimentos que formava um trajeto coerente sobre a vida do presidente. Como explicou Pierre Bourdieu, esta forma de escrita, coesa, constrói no leitor a sensação de

¹⁹⁵ Citamos outro trecho que corrobora com nosso argumento: “Tras la derrota, se firmó en la villa de Guadalupe el tratado de paz, en Febrero de 1848, que nos hizo perder en favor del vencedor, además de Texas, desde antes unido á la República del Norte, parte del territorio tamaulipeco, Nuevo México y la alta California. Más tarde el funesto Santa Anna vendía a nuestros vecinos La Mesilla, para que redondearan sus posesiones.

No bien los invasores desocupaban nuestras plazas, cuando la guerra civil, encendida en ambiciones personales, volvía entre llamas y truenos a lanzar su alarido de destrucción.” (REYES, 1960 [1903], p. 11).

que todas as etapas da vida do personagem narrado possuem sentido, harmonizando-se entre si¹⁹⁶.

No capítulo inicial do livro, Reyes se remeteu ao nascimento de Díaz. Ao mencionar este episódio, ele relacionou a vida do futuro presidente a um dos momentos históricos mexicanos mais importantes para a história nacional: a própria independência do país. Na biografia, havia um significado e direção dos acontecimentos, como se Díaz fosse predestinado a mudar os rumos da nação. Segundo Paul Garner, 15 de setembro é considerada a data de batismo de Díaz, mas foi amplamente mencionada e usada como a data de seu nascimento. Desta forma, conseguia-se intercruciar sua história de vida pessoal com a história mexicana. Para o historiador, “este enlace umbilical entre Porfirio Díaz y el destino de México sería explotado por el régimen para crear, en la conciencia popular, una relación entre Díaz, la consumación de independencia y la soberanía nacionales.” (GARNER, 2003, p. 32). Escreveu o tapatío,

Viene el general Díaz á la vida en el año de 1830; nace en Oaxaca el 15 de Septiembre de ese año, día que es aniversario de aquel en que Hidalgo profiriera, con fulminante inspirado acento, en 1810, en el pueblo de Dolores, el sublime grito de *Independencia*, que repercutiendo atronador por valles y montañas, hasta los más apartados confines del virreinato del México, levantó en armas á un pueblo siervo, que tras de once años de lucha heroica, rompió las cadenas que lo ataran por trescientos años á la metrópoli española, para así formar una nación independiente y soberana.

¡Coincidencias inexplicables, pero que por su enlace magnífico hablan de algo inescrutable y grande! Aparece el predestinado para defender y transformar brillantemente á México, en ese aniversario glorioso del grito heroico por su independencia. (REYES, 1960 [1903], p. 09 - grifo no original).

Notamos no trecho acima que o tapatío ligou, de uma forma linear e determinista, a história de vida de Díaz à própria história do México. Em 15 de setembro de 1810 o padre Miguel Hidalgo y Costilla, conhecido no país como um dos pais da pátria, iniciou, segundo o calendário nacional, o processo independentista. Após ter percorrido vários povoados e lutado contra a ordem política vigente, proferiu, no povoado de Dolores, o grito “Viva la Virgen de Guadalupe! ¡Abajo el mal Gobierno! ¡Viva Fernando VII!”¹⁹⁷.

¹⁹⁶ Como explicou Bourdieu, “produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixa de reforçar.” (BOURDIEU, 2006, p. 185).

¹⁹⁷ Cabe mencionar que existem várias versões sobre o “Grito de Dolores”. Como o foco não é o seu estudo e cotejo, optamos pela variante de maior circulação. Sobre o tema cf. VILLORO, Luis. “La revolución de

Este evento histórico ficou cristalizado no imaginário nacional como um momento de sublevação de *criollos* e de parte da população local contra as autoridades do Vice-reino da Nova Espanha. Se Hidalgo levantou um povo subjugado, condenado à servidão, Díaz nasceu para salvar um povo degenerado, desmoralizado, perdido em poças de sangue e escombros, como afirmou Sierra.

Reyes utilizou os conceitos “coincidências inexplicáveis” e “predestinado” para referir-se ao nascimento do futuro presidente. Ao final do parágrafo, o autor optou pelo caráter predestinado do nascimento de Díaz. Ou seja, o herói que, por antecipação, destinado a grandes feitos, viria não apenas “defender”, mas “transformar”, modificar com magnificência, aquele México marcado em toda sua trajetória histórica por instabilidade e desordem. Assumir a primeira magistratura naquele contexto não era tarefa fácil para Reyes. Qualquer estadista, mesmo que egrégio, ou algum afortunado vencedor, sentir-se-ia desalentado, uma vez que reerguer a nação importaria “tarefas titânicas”, gigantescas. Mas tal situação não desanimava Díaz, quem, com o gênio do adivinho, a predestinação do nascimento e o heroísmo decorrente das grandes lutas que participara, enxergou com intuição profética, ou seja, podendo predizer fatos do futuro, um porvir feliz. Como afirmou Florescano, durante o Porfiriato foi construída uma relação determinista e positiva entre Hidalgo, Juárez e Díaz – o que Jiménez Marce intitulou de genealogia liberal. Ignacio Ramírez, Ministro de Justiça e Instrução Pública no início do Porfiriato e Ignacio Altamirano, liberal e relacionado à Educação, afirmaram que a República mexicana e o projeto de estado-nação liberal foram provenientes de Hidalgo, ao proferir o grito de Dolores em 1810. Díaz era o último personagem dessa cadeia, quem conseguiu harmonizar todas as conquistas e elevar a nação ao mundo¹⁹⁸.

Citamos:

El compromiso era solemne é imponía tareas titánicas, ante cuya perspectiva se hubiera sentido anonadado cualquier estadista ilustre, cualquier afortunado vencedor, pero no quien con el genio del vidente, con la energía del gladiador, desarrollada en grandes luchas; con la fe del triunfador, con la iniciativa del gobernador providente, y con el

independencia”. In: COSÍO, Daniel Villegas et al. *Historia general de México*. Cidade do México: El Colegio de México, 2000.

¹⁹⁸ FLORESCANO afirmou: “En la nueva interpretación de la Independencia que se escribe, pinta y monumentaliza durante el Porfiriato, los orígenes de la patria se sitúan en el movimiento insurgente y en la figura de Miguel Hidalgo. Ignacio Ramírez e Ignacio Manuel Altamirano fueron los primeros en declarar que la República y el proyecto liberal provenían del grito de Dolores proclamado por Hidalgo. Los artistas y políticos del Porfiriato ratificaron esa idea en numerosas pinturas dedicadas a honrar al Padre de la Patria.” (FLORESCANO, 2005, p. 155).

amor á la patria del que hiciérase glorioso combatiendo á muerte por ella, había medido de antemano, con olímpica serenidad y con intuición profética, lo formidable de la empresa á que se arrojava, y entrevisto con los ojos de la mente la realización feliz de sus proyectos colosales... Al solitario de Oaxaca en 1870, á fuerza de encender su pensamiento en los grandes ideales patrióticos, habíase mostrado la visión de la República feliz. Y el vidente se sintió impulsado, volando á realizar los propios destinos, en busca de aquella anhelada prosperidad para México. (REYES, 1960 [1903], p. 267).

A biografia de Reyes assemelhava-se ao gênero épico, apresentando os eventos heroicos de Díaz. A construção da imagem do presidente e general equiparou-se ao herói moderno, consagrado como matriz de pensamento a partir do livro de Thomas Carlyle¹⁹⁹. O livro “On heroes, heroe-worship, and the heroic in history”, publicado pela primeira vez em 1841, ganhou uma edição em espanhol no ano de 1893. Como explicou Débora Andrade, o historiador escocês compartilhava de uma tradição oitocentista que se preocupava com as ações dos grandes homens no processo histórico. “As comunidades históricas recorrentemente apropriaram-se do passado e das narrativas ancestrais na tentativa de legitimar ou compreender ações presentes.” (ANDRADE, 2006, p. 229). No início do livro *Tratado de los héroes* (ed. 1946), o escritor explicou seu objetivo:

(...) a mi entender, la Historia Universal, la Historia de lo que los hombres han realizado en este mundo es, en lo esencial, la Historia de los Grandes Hombres que han actuado en él. Estos Grandes son los conductores de hombres; los modeladores, los ejemplares y, en lato sentido, los creadores de todo cuanto el común de las gentes se han propuesto hacer o lograr; todo lo que vemos persistir de lo realizado en el mundo, es propiamente el resultado material exterior, la realización práctica y corpórea de los Pensamientos que residieron en los grandes Hombres enviados al mundo: el alma de toda la historia del mundo, podemos decirlo con toda razón, ha sido la historia de estos hombres. (CARLYLE, 1946, p. 33).

Neste sentido, para Carlyle, a história universal foi definida como a biografia dos grandes homens, detentores da característica de conseguirem modificar a sociedade em que estavam inseridos – tanto no aspecto material quanto moral e espiritual. Esses importantes cidadãos enviados ao mundo tinham a tarefa de conduzir os outros

¹⁹⁹ Carlyle foi historiador e ensaísta durante o reinado de Vitória, no Reino Unido. O escritor foi influenciado pela filosofia alemã, possuindo fundamentação no chamado “Historicismo”. Suas obras foram amplamente lidas entre os séculos XIX e início do XX. Como explicou Andrade, “no historicismo, a vida das nações seria criada e transformada pela ação dos homens, assim como o sentido do mundo histórico seria gerado por ela. (RUEDIGER, 1991).” (2006, p. 246). Sobre esta filosofia, também ver: RUEDIGER, Francisco. *Paradigma do Estudo da História*. Porto Alegre: IEL, 1991; MATA, Sérgio. “Elogio do Historicismo”. In: VARELLA, F.; MOLLO, H.; MATA, Sérgio da; ARAUJO, Valdeir L. de. (Org.) *A dinâmica do historicismo: revisitando a historiografia moderna*. Belo Horizonte: Argumentum, 2008.

indivíduos, servindo sempre como modelo e exemplo a ser seguido e admirado²⁰⁰. A construção da imagem de Díaz reuniu todas as qualidades dos tipos heroicos preconizados por Carlyle: o presidente era o homem predestinado a transformar o México e guiá-lo à uma atmosfera de ordem e estabilidade. Com “intuição profética”, como dito acima, ele guiaria a nação a um futuro feliz, diferente do passado em que vivera o país. Novamente Díaz foi colocado como a chave entre os tempos: o passado, o presente e o futuro. Para Reyes, o caráter do general continha elementos de bravura e, por patriotismo, sacrificava-se nas batalhas e “tarefas titânicas”. Utilizando as palavras do historiador escocês, Díaz era o “Homem Capaz” que sintetizava toda uma época. Para o tapatío, o que movia Díaz a governar o México era seu patriotismo, como vimos também nas passagens de Sierra. Se o passado mexicano era caótico, o presente era caracterizado por uma atmosfera de paz, progresso material e ordem. Reyes acreditava em um bom futuro mexicano, próspero. Para Reyes: “Finalmente, pues, México conocía un período de paz duradera, augurador de una etapa de prosperidad nacional en todos los campos. Y el artífice de tamaña hazaña, bien que preparada con el triunfo de la República obra de Benito Juárez, era el gobierno de Porfirio Díaz.” (FLORES HERNÁNDEZ, 1983, p. 94).

Diante das reflexões acima, percebemos que a imagem de Díaz era central no que Reyes conceituou “evolução salvadora” do México e do povo (1960 [1903], p. 273). Enquanto a presidência de Benito Juárez foi marcada por governos paralelos, tendo sempre que migrar da Cidade do México a outros estados – como explicado acima –, o Porfiriato distinguia-se pela ordem: o México evoluía com seu governo. Havia uma associação entre ordem e Estado, também vista em *México: su evolución social*. Como escreveu o tapatío, o grito da locomotora, símbolo do progresso material porfirista, era mensageiro de dias melhores²⁰¹. Reyes destacou o amor do presidente pelo México, a

²⁰⁰ O escritor menciona seis tipos de heróis, cada um aparecendo em uma determinada época. O primeiro constituía-se como o *Herói-Divindade* e sua figura maior foi representada por Odin, considerado deus nórdico da sabedoria, guerra e morte. O segundo era o *Herói Profeta*, representado na figura de Maomé. Também se destacava o *Herói-Poeta* e *Sacerdote*, centrados na figura de Shakespeare e Martinho Lutero. Por fim, Carlyle menciona o *Herói-Literato*, cujo exemplo foi Rousseau e o *Rei*, representado nas figuras de Napoleão Bonaparte e Oliver Cromwell. O herói-rei foi considerado pelo escritor como um dos tipos mais modernos e que agregava características das classes anteriores de heróis. Por conseguinte, uma de suas qualidades era guiar a nação a um momento de ordem, estabilidade, em oposição à desordem. Como afirmou, “a pesar de todo, el héroe surge, y se afirma realmente de tal modo que todos confían en él.” (CARLYLE, 1946, p. 252).

²⁰¹ Como afirmou Enrique Florescano, “En la primera mitad del siglo XIX el súbito desplome del imperio de Iturbide y, más tarde, la cascada de luchas faccionales, guerras civiles e invasiones extranjeras, destruyeron la precaria unidad del país y dieron paso a la ingobernabilidad y la pérdida del territorio. La catástrofe política impulsó el reconocimiento de la debilidad del Estado y puso al descubierto el desgarramiento interno de la nación. Mariano Otero, en un ensayo transido por el escepticismo sobre el

transformação do país em uma nação moderna que, sob esse governo, passou a vivenciar uma situação de paz, ordem e progresso material. Reproduzindo trechos dos documentos oficiais, como também em *México: su evolución social*, Reyes destacou os grandes feitos materiais do país, a construção das estradas de ferro, dos telégrafos, a construção de hospícios, bancos, escolas, do Desagüe del Valle, que na época era símbolo de salubridade pública, entre outros²⁰². Sob o porfirismo:

La obra estaba hecha, *la nación regenerada*; el México moderno saludó gozoso á los pueblos cultos al entrar de lleno en la nueva era de su historia, que señala la época de la gestión administrativa de que nos hemos ocupado en los tres últimos capítulos de esta biografía; biografía que ha necesitado extensas páginas, ya que se ha tratado escribir la vida de un héroe y de un estadista que con sus proezas en la guerra y en la paz ha fatigado los ecos de la Fama. (REYES, 1960 [1903], p. 313 - grifo nosso).

Reyes utilizou a expressão “nação regenerada”. Díaz conseguiu, durante sua presidência, gerar novamente a nação mexicana; reconstruiu um país estável, pacífico e moderno. Como escreveram Juárez e Sierra sobre o Triunfo da República, Reyes narra o governo de Díaz como sendo uma segunda independência nacional. Enquanto a primeira metade do século XIX, foi representada como conflituosa, em que o governo de Benito Juárez, antes da República Restaurada, foi itinerante, tendo que se instalar em vários estados devido às disputas entre o grupo liberal e o setor conservador do país; a partir de 1876, já percebemos uma estrutura organizada de governo, base para o desenvolvimento nacional. O México se tornou moderno, brindava a conquista com as outras potências nacionais civilizadas: entrava, “de fato, na nova era de sua história”. A referência à fama do presidente não nos parece fortuita; novamente, há uma indicação ao modelo épico da escrita biográfica nesses contextos nacionais, caracterizada por um discurso laudatório e encomiástico. Quando Reyes escreveu a respeito da reeleição de Díaz em 1884, ficou evidente a justificativa de que aquela era uma vontade popular; em nenhum momento do livro o autor qualificou o presidente de ambicioso ou egoísta, conforme veremos, por exemplo, no periódico dos irmãos Flores Magón – e de outros

futuro, llegó a una conclusión amarga en 1847: ‘En México no hay ni ha podido haber eso que se llama espíritu nacional porque no hay nación’. Otro liberal, Miguel Lerdo de Tejada, advirtió en la diversidad de etnias y culturas la causa de la desintegración nacional.” (FLORESCANO, 2005, p. 161).

²⁰² “Los tiempos en que para tener noticia de alguna parte del país se demandaba el transcurso de medio mes, y de uno ó dos meses más para que alguna fuerza puesta en campaña llegara á ella, eran propicios, naturalmente, á las revueltas; pero el telégrafo y el ferrocarril las hicieron difíciles y contribuyeron á consolidar la paz y tranquilidad públicas, que atrajeron el capital extranjero para que viniera á derramarse en nuestro territorio, erigiendo fábricas y talleres é inúmeras industrias.” (REYES, 1960 [1903], p. 298)

escritores analisados no capítulo seguinte. Para o tapatío, Díaz foi chamado pelo voto público²⁰³ para retornar à primeira magistratura do país, posteriormente ao mandato de González²⁰⁴. As várias reeleições do presidente também foram justificadas por uma vontade popular, o que Sierra chamou de uma “colérica unanimidade” do povo. Reyes não classificou o governo porfirista de ditatorial ou despótico, devido aos seus vários anos de governo; sua administração tinha respaldo popular: a nação confiava no presidente e legitimava seus atos. Em várias passagens da biografia, percebemos que o tapatío acreditava em uma “segunda independência” mexicana sob o Porfiriato. Esse posicionamento pode ser visto no trecho abaixo,

México en paz, ofreció tales seguridades al hombre y á sus intereses que ello le dio fama, y llego á todas partes del globo la noticia de las garantías que en el país se disfrutaban.

Se extendió la buena nueva, y el país aquel, de abolengo anárquico, se presentó de forma tal ante la consideración de los otros pueblos, que sabían de improviso el estado de su florecencia, que se reputó su progreso maravilloso; y todas las miradas buscaron al promotor de sus adelantos, al autor de la transformación nacional, y vieron al héroe de una leyenda que sobre el removido, sangrientos campos de luchas, venía regando bienes, y hacía surgir del antiguo al brillante México moderno. (REYES, 1960, [1903], p. 299).

O México estava em paz. Se, para Sierra, antes de 1876 o país vivia um isolamento e tinha medo de perder sua soberania nacional, para Reyes, a nação pós-Díaz também adquiriu uma nova condição. Ele afirmava que a fama do presidente chegou a todos os cantos do mundo. A boa-nova, ou seja, a novidade feliz, positiva, afortunada, levava a

²⁰³Neste ponto achamos importante destacar que mesmo Bernardo Reyes não sendo um crítico do governo porfirista, existiu no México um movimento popular conhecido como “Reyismo”. Reyes possuía grande popularidade no país e quando da notícia, em abril de 1909, de que eram candidatos para as eleições de 1910 Porfirio Díaz e Ramón Corral, muitos indivíduos passaram a almejar Reyes para o cargo, pedindo que Don Porfirio reconsiderasse sua escolha. Segundo Artemio Benavides Hinojosa (1998), entre maio e junho do mesmo ano vários clubes foram organizados tanto na capital, quanto nos estados, com a proposta de que Reyes fosse o vice-presidente. Contudo, diante desta situação o próprio Reyes não tomou nenhuma atitude, negando-se a encabeçar o movimento e partindo para Paris (a pedido do presidente) em novembro de 1909. Como escreveu Benavides, “frente a la elección presidencial de 1910, son los reyistas los más importantes protagonistas, no el general Reyes que ‘no hizo entonces –ni nunca – acto público de candidatura. Todo el episodio reyista permanece caracterizado por esta ambigüedad permanente: la de un movimiento extremadamente popular, en que el candidato jamás quiso ponerse a la cabeza de sus tropas” (BENAVIDES, 1998, p. 292).

²⁰⁴ “Cuando tanto anhelo habíase manifestado por la prosecución del General Díaz en el poder, desde que se efectuara anteriormente el cambio de personal en el supremo gobierno, en 1880, era de esperarse que en la renovación de 1884 fuese llamado por el voto público, nuevamente, á la Presidencia de la República aquel ilustre gobernante.

Cierto malestar, que fue rápidamente tomando creces, hubo de experimentarse en la nación en los últimos tiempos del período del General González; pero la esperanza en el general Díaz tuvo en suspenso los ánimos, y su vuelta á la primera magistratura de la nación era esperada con ansiedades que parecían desbordarse.” (REYES, 1960 [1903], p. 282).

mensagem de que a anarquia fora substituída pelo progresso e pela modernidade. Diante dos sangrentos campos de batalha entre liberais e conservadores, Díaz emergia regando bens e fazendo florescer naquele solo, em que tantos indivíduos morreram, um novo país. Com sacrifício e bravura, apenas este grande homem poderia ter empreendido todos os esforços à sua pátria. Para Riguzzi, “la promoción de la imagen mexicana en el exterior fue conscientemente asumida, reconocida y teorizada como tarea política y programática de interés nacional en el porfiriato.” (RIGUZZI, 1988, p. 151). Não era apenas a menção a uma imagem de Díaz. Essa representação deveria garantir efeitos positivos ao governo. Não podemos deixar de destacar que havia uma dimensão propagandista nessas obras, que exaltavam a figura central de Díaz e a projetavam no país e no exterior. O que percebemos até o momento nas fontes discutidas, é que a anarquia foi o fio condutor que uniu todos os governos anteriores a Díaz e essa construção foi usada para se pensar a política durante a administração do general Díaz.

2.2. Ethel Brilliana Tweedie: uma viajante inglesa no México

Para corroborar com a hipótese de que as produções representavam Díaz como o herói condutor da história nacional mexicana, analisaremos rapidamente alguns trechos do livro *Mexico as I saw it*, escrito em 1901 por uma viajante inglesa chamada Ethel Brilliana Tweedie. Como afirmou Riguzzi, a partir de 1880, muitos relatos de viagem e crônicas sobre o México foram produzidos²⁰⁵. Achamos importante mencionar o livro de Tweedie por ter sido escrito em 1901, ano em que *México: su evolución social* e a biografia de Díaz, escrita por Reyes, também estavam sendo produzidas. Em passeio ao México, a autora, através do olhar europeu, descreveu sua apreciação sobre o país e sobre o presidente – que, para ela, foi o maior homem do século XIX.

Tweedie, dentre as várias viagens que fez pelo mundo e registrou em relatos, entre 1900 e 1901 visitou o México e chegou a se reunir com o presidente Díaz²⁰⁶. Seu

²⁰⁵ “En la forma tradicional de la crónica o del relato de viaje, en 1880 fueron publicados en Canadá A Trip to Mexico, en Nueva York A Birdseye View of a Trip to Mexico, en el 82 en Londres A Flight to Mexico; en México, en 1883, aparecía la Guía del viajero mexicano, mientras en París, en 85-86 aparecían Voyage au Mexique, Un parisien au Mexique y Mexique souvenirs et descriptions; otra vez en Nueva York en 1887 Face to Face with the Mexicans.” (RIGUZZI, 1988, p. 142).

²⁰⁶ Dois dos exemplos das obras da autora, quando de suas viagens, são *A Girls Ride in Iceland* (1894) e *Through Finland in Carts* (1897).

livro foi publicado pela editora de Londres Hurst and Blackett e, logo em 1902, teve uma segunda edição publicada pela The Macmillan Company, uma filial em Nova Iorque da famosa Macmillan Publishers londrina. Tweedie destinou um capítulo para falar do presidente, seu caráter e seu governo. Ao analisarmos a documentação usada pela autora, vimos que ela também utilizou fontes oficiais mexicanas, principalmente as escritas pelos Ministérios do país. É importante destacar que as fontes usadas em seu capítulo sobre Díaz foram as do governo mexicano, ou seja, fontes oficiais. Documentos que foram reproduzidos no capítulo 8 de seu livro, intitulado “General Porfirio Díaz, presidente of Mexico”. A partir das informações registradas no livro, inferimos que a autora, para construir seu conhecimento sobre o México e sobre o presidente, teve contato com essa narrativa oficial construída pelo porfirismo e explicada acima. Como afirmou Paolo Riguzzi, as Secretarias do governo, principalmente a de Fomento, tinha uma produção editorial destinada a falar sobre as riquezas mexicanas e sobre a importância do presidente. Muitas dessas literaturas laudatórias saíam em versão trilingue para aumentar a circularidade das informações entre os indivíduos²⁰⁷.

No início do livro, a autora explicou a situação conflituosa por que passou o país antes da ocupação do general à primeira magistratura. É interessante perceber que uma narrativa que destacou o desajuste e os conflitos do passado nacional também foi mobilizada de maneira semelhante pela viajante. Embora não tenha gastado grande parte do capítulo para explicar os acontecimentos anteriores a 1876, fossem as intervenções estrangeiras, as guerras civis ou o conflito entre Estado (poder temporal) e a Igreja Católica (poder religioso), a autora não deixou de enfatizar o assunto. Escreveu logo no primeiro parágrafo do capítulo que narrou a trajetória de Díaz,

I WENT to Mexico inspired with profound respect and admiration for General Porfirio Díaz, a man who ascended a throne – so to speak – when revolution was in the air, murder of daily occurrence, property unsafe, and universal riot reigned supreme. It was not, however, until I had met him and spent some time in his company, not until I had lived several months in Mexico, that I fully realized the extraordinary ability of its President. (TWEEDIE, 1902, p. 116).

²⁰⁷ Explicou Paolo Riguzzi, “La producción editorial de la Secretaría de Fomento incluía tratados técnicos, agrícolas y comerciales, también vehículos para el elogio y la celebración de las riquezas mexicanas y de la obra de Díaz que permitía su más amplio aprovechamiento. Trabajos como el ya citado “Cuadro” del geógrafo oficial del porfiriato García Cubas estaban específicamente dirigidos a esta función. Al grado que el “Cuadro” destinado a la Exposición de New Orleans y seguido después en el 87 por un Atlas Histórico Geográfico trilingüe, había sido promovido por el mismo Díaz y supervisado por expertos nombrados por él.” (RIGUZZI, 1988, p. 143).

O cenário que descreveu Tweedie ao se referir ao México antes de 1876 também é caótico: existiam “assassinatos ocorrendo diariamente por todo o país, as propriedades eram inseguras e a desordem universal reinava suprema”. Novamente, a narrativa de um país marcado pela anarquia geral. Ao longo do capítulo, a autora escreveu que o México passou por problemas com a França, os Estados Unidos e, internamente, viveu um grande conflito político. Os indivíduos lutavam uns contra os outros, não havia ordem. Em cinquenta e nove anos existiram cinquenta e dois presidentes, fato que, para Tweedie, dispensava explicações, tamanha a fragilidade política. Sua descrição foi construída de uma forma que induzia o leitor a imaginar os acontecimentos pretéritos. O artifício “dispensar explicações” fazia com que a própria conjuntura passada saltasse aos olhos e falasse por si mesma no presente, mostrando a desestrutura dos governos anteriores. O diagnóstico a que a autora chegou foi o de que o país estava ingovernável, “the country was heavily in debt, and probably no land has ever been less safe for human life, or more unsettled than Mexico about the middle of the nineteenth century.” (TWEDIE, 1902, p. 121). Para ela, na metade do século XIX, o país era o lugar mais inseguro para se viver de todos os países. Diante de tantos conflitos, o México havia se tornado um lugar exótico, pitoresco – ou seja, um país fora do centro, que vivia às margens em relação às grandes nações –, o lugar das guerras. México, aos seus olhos, necessitava de um indivíduo forte, que guiasse a nação e a conduzisse a um futuro civilizado. Em paralelo à explicação sobre o passado mexicano, cada vez mais Díaz foi emergindo na narrativa como um grande soldado que combateu no Exército nacional para salvar seu país e transformá-lo em um lugar seguro para se viver. A viajante enfatizou a popularidade que Díaz foi adquirindo após a vitória, em 1867, contra o governo de Maximiliano.

Não podemos deixar de mencionar que Tweedie interpretou a conjuntura mexicana a partir de seu olhar estrangeiro e europeu. Durante sua formação, ela estudou no *Queen's College*, fundado em 1848 por Frederick Denison Maurice, professor do tradicional *King's College*. Ao falar da eleição de Díaz para o cargo de presidente, percebemos como ela também mobilizou o arquétipo oitocentista do grande herói que liderava a nação. Tweedie, de forma poética, descreveu em seu livro a entrada do presidente na capital mexicana logo que este assumiu a presidência: diante de sua imagem imponente de governante, a população ficou hipnotizada e se tornou sua adepta,

respaldando, assim, sua administração. Novamente, percebemos a recorrência da imagem do herói agraciado e apoiado pelo povo:

The crowd cheered; the crowd hissed; the multitude fought amongst themselves, but on he rode, only pressing his lips closer together. His entry was so powerful, so masterful, that many who had previously been against him were hypnotized by the manner of the man, and from that moment became his devoted adherents. (TWEEDIE, 1902, p. 122).

Para ela, quando Díaz se tornou presidente, a multidão aplaudiu. Sua entrada foi tão poderosa e magistral, que todos ficaram hipnotizados. Percebemos nessa imagem um divisor de águas: o herói, em seu cavalo, entrou triunfante na capital e, a partir desse momento, o destino do México tomou novos rumos. Mais uma vez vemos o discurso da transformação nacional. Díaz, situado entre os tempos, acabou com o caos desmedido. Diante de um México desorganizado, o oaxaqueño precisava governar com ímpeto para gerar estabilidade a um país devastado²⁰⁸. Ou seja, como percebemos também em outros autores que escreviam à época, a rigidez de um governo era necessária para erguer uma nação dos escombros de uma guerra civil – para lembrar os dizeres de Justo Sierra. Destacamos que a forma de um governo e a medida do poder do presidente eram validadas e justificadas em comparação com o passado nacional. E, além disso, validadas a partir de exemplos da História. Citamos:

Díaz was a soldier, living an arduous military life, at a time when Mexico had sixteenth century ideas, and was ruled by a Church despotism, reminiscent of the middle ages, but Díaz was a wonderful man. He shook himself free from the trammels of the past, and carved out a development for himself, and a future for his country. It was as a general of the army he declared himself President of the Republic, although of late year it is not, perhaps, so much as a military despot, but rather as a diplomatic ruler that he has reigned. (TWEEDIE, 1902, p. 138).

Na passagem acima, novamente percebemos que o México pré-Díaz se assemelhava a outras conjunturas do passado. O exemplo era mais uma vez a Idade Média, como também escreveu Díaz Dufoo em *México: su evolución social*. No pujante século XIX, o país se via anacrônico, retrógrado. Essa configuração mudou quando Díaz

²⁰⁸ Escreveu Tweedie: “The new President soon swept out General Lerdo’s troops; He shot outlaws, deserters and rioters whole-sale, and began his military sway with an iron hand, the only possible mode of governing such a country. He knew his people. Was he not one of them? He knew the way to rule was to clear the land of bandits and revolutionist, to sweep away the ringleaders, and then control the remaining populace. The people feared him, they knew his strength, they felt his power. Only a quarter of a century later they had learnt to love him and were led by a silken cord.” (TWEEDIE, 1902, p. 123).

“se libertou desse passado e esculpiu um futuro para seu país”, construindo o México moderno. Para Tweedie, o general combateu os bandidos, gerou estabilidade e paz, além de tornar o México um país moderno, “thus he started a new rule and a new life for old Mexico, the birth – so to speak – of Modern Mexico, of which he may well be proud” (TWEEDIE, 1902, p. 122). Sob Díaz, nascia um novo México: o México moderno. O velho México, marcado por guerras e perturbações, desajustes e decadências, ficara no passado, afirmou. O país se abria para o futuro. Como escreveu,

He has slowly and steadily risen to power and respect, risen from a country lad to be one of the greatest Dictators the world has known. As a soldier he has quelled war and established peace. As a ruler he has made a country – formerly insecure even to its own inhabitants – safe for all. As a diplomat he is at peace with the world. He has paid enormous debts and created solvency – now even developing into wealth – in Mexico. (TWEEDIE, 1902, pp. 123-124).

Na passagem acima, percebemos duas questões importantes de serem analisadas. A primeira, refere-se justamente a este discurso de pacificação do México sob o governo de Díaz. O discurso da pacificação do país durante o Porfiriato se tornou, como vimos, central para a maioria dos autores – tanto estrangeiros quanto nacionais – e fez com que essa imagem turbulenta do México anterior a 1876 legitimasse o porfirismo e as ações do presidente. Além disto, segundo ponto a ser considerado, percebemos que a autora se referiu ao presidente como “ditador”. Para ela, o México necessitava de uma liderança firme; como também pontuaram Sierra e Reyes; o povo precisava ser guiado. O presidente somente conseguiria gerar estabilidade, paz e progresso com pulsos fortes. Como a própria autora argumentou, sob o governo do general, o México se viu nascer moderno. Novamente vemos o discurso da mudança, do novo, da transformação. Para a autora, a anarquia fazia parte do passado e não mais do presente mexicano. O futuro da nação deveria ser glorioso, devido à estabilidade e à paz conquistadas pelo presidente. A nação, antes o lugar da guerra e do pitoresco, entrava no cenário dos países civilizados. Em comparação com grandes estadistas, Díaz, segundo Tweedie, destacou-se como o maior homem do século XIX. Escreveu:

Has any other man in the nineteenth century done as much? We have had Napoleon, no doubt a greater despot; a Moltke, a greater soldier; a Beaconsfield, a finer politician; a Talleyrand, a greater diplomatist; but has any man of humble origin, practically self-educated, raised himself to such a position, and brought his country from battle and murder to peace and prosperity, and still ruled? (TWEEDIE, 1902, p. 124).

Novamente a História servia de comparativo: Tweedie se referiu a grandes personagens da Europa do século XIX. Os exemplos franceses foram Napoleão (como Sierra também mencionou), grande estadista francês do início do oitocentos e o diplomata Charles-Maurice de Talleyrand-Périgord, Primeiro-ministro francês após a Restauração. Também foram citados Helmuth von Moltke, que participou do Exército da Prússia à época da Unificação Alemã e Benjamin Disraeli (conde de Beaconsfield a partir de 1879), importante político britânico. É válido destacar que todos eles foram homens do império, da força bélica, personagens que conduziram sua nação e fortaleceram o Estado, transformando-as em potências. A própria viajante explicava em outras páginas,

Díaz has been the architect and builder of modern Mexico, and so well has he done his work, it is extremely unlikely that anyone will undo it. The country has been at peace for over a quarter of a century, everything has improved, and the men who have helped the President have learnt from him the art of government. (TWEEDIE, 1902, p. 137).

Na citação acima, Tweedie usou as palavras “arquiteto” e “construtor”, dando-nos a ideia de que realmente Díaz edificou um país moderno. Ao visitar o México e ver tudo o que aconteceu, ela acreditava que a paz e a modernidade eram tão sólidas que o passado caótico não se repetiria nunca mais presente. A estratégia argumentativa do “estar no país” e “ver de perto” as transformações, como uma testemunha ocular atenta, davam autoridade às suas afirmações frente ao público leitor. Para ela, o México progredia, indústrias e estradas de ferros foram criadas, os egressos e ingressos monetários estavam equilibrados e, cada vez mais, o país ganhava prestígio internacional: “Díaz has proved capable in every issue. The wheels of state are well oiled; his regime is acknowledged by the entire world to be a success.” (TWEEDIE, 1902, p. 138). A fama do general era conhecida em todo o mundo, dizia. Para Tweedie, o México estava em paz. Inicialmente, era legítimo que Díaz governasse com medidas incisivas, devido à conjuntura interna do país, mas, posteriormente, tais medidas não seriam mais necessárias. Como Sierra, Tweedie interpretou a concentração de poderes na mão do presidente como uma atitude passageira. A dureza inicial de seu governo não impediu, segundo a inglesa, que a população respaldasse seu governo. O povo validava sua presidência. Díaz era aclamado.

Nosso objetivo não foi explorar profundamente o livro de Tweedie, mas inferir que essa produção oficial, porfirista e até mesmo propagandista, além de traduzir um cenário nacional, buscava criar uma realidade que firmasse o México entre as grandes nações. Havia usos políticos e da história que geravam determinadas compreensões sobre

o presente, sobre o governo. Como vimos no Capítulo 1 da tese, o porfirismo se valeu do tempo histórico nacional como uma estratégia política. A seleção de fatos, conteúdo histórico, conceitos e molduras narrativas deveriam produzir sentidos que causassem efeitos nos consumidores desses livros, ensaios e obras. Como afirmou Paolo Riguzzi,

Por lo que se refiere a formas y contenidos, la literatura promocional abarcaba una variedad de géneros que iba desde la crónica de viaje a estudios geográficos, agrícolas y mineros, así como compendios históricos que hacían culminar en el porfiriato el ciclo evolutivo de la nación, prospectos económicos e informes comerciales y financieros. Pero la forma consistía en una síntesis que actualizaba y apuntaba la nueva situación mexicana, poniendo de relieve el “Mexico as it is” contrapuesto al “Mexico as it was”. (RIGUZZI, 1988, p. 142).

Compreender as recorrências discursivas, a circularidade das informações, os fatos escolhidos, exaltados e marginalizados, silenciados, nessas produções aqui analisadas, é muito importante para pensarmos os argumentos que legitimaram um governo que teve 31 anos de duração. No Capítulo 3, veremos que autores que censuravam a administração do general e as várias reeleições do presidente interpretaram o passado a partir de uma outra forma e resgataram a imagem de Benito Juárez como o Benemérito da Nação para enfraquecer a de Díaz, rompendo com a construção da genealogia liberal mencionadas nos Capítulos 1 e 2.

A proposta que deixamos para uma pesquisa futura, mais aprofundada, é estudar como escritores estrangeiros também mobilizaram e utilizaram as próprias Memórias e diários de Porfirio Díaz. Reyes e Tweedie leram, mencionaram e utilizaram os escritos do presidente²⁰⁹. A autora mencionou as Memórias e os diários de Díaz em uma nova edição de *Mexico as I saw it*, publicada em 1911, após a eclosão da Revolução Mexicana. A editora responsável foi a Thomas Nelson & Sons, original de Edimburgo e com filial, à época, em Londres, Dublin e Nova Iorque. Tweedie revisitou seu livro e escreveu um Apêndice, reafirmando a importância que Díaz tinha para o México. Durante o doutorado, não cotejamos as edições, pois não foi o foco da pesquisa, mas após a leitura de ambos os exemplares, vimos que Tweedie afirmou em 1911, em um acréscimo na edição de 1902: “A few minutes after our arrival the President himself walked in. *How little I then*

²⁰⁹ James Creelman também citou as Memórias de Díaz. Sobre ele falaremos no Capítulo 3. James Creelman: The author has had the advantage of many extended conversations with President Díaz and the other leading men of the Mexican republic. Much has been drawn from the President’s private memoirs. Many books and records have been searched and many parts of Mexico visited. All financial statements are to be understood as in Mexican currency. (CREELMAN, 2011 [1911], p. VI).

*dreamt I should write his life from his diaries and letters five years later*²¹⁰. (TWEEDIE, 1911, p. 141 - grifo nosso). Em 1906, a inglesa publicou pela mesma Hurst and Blackett londrina, outro livro sobre o presidente, intitulado *Porfirio Díaz, seven times President of Mexico*. Não investigamos os usos da memória de Díaz nos trabalhos da viajante; deixamos como proposta um estudo que mapeie tais leituras nas obras de autores estrangeiros, pensando a hipótese de que estes indivíduos representaram o passado mexicano a partir, também, dos relatos realizados pelo próprio Díaz, já que suas Memórias narraram a época em que ele foi militar, combatendo grupo conservadores no país em várias batalhas.

3. O discurso do triunfo mexicano e os indígenas vistos como a face do atraso

Como escrevemos na introdução desse capítulo, *México: su evolución social* buscava mostrar ao mundo a evolução nacional que o país atingira. 1902 podia ser considerado o momento do triunfo porfirista. A narrativa da obra era otimista, positiva e marcava os sucessos conquistados pelo presidente. Em cada capítulo, um autor escrevia a história do tema proposto e demonstrava como, no presente, aquele ramo atingia um desenvolvimento satisfatório, digno das grandes potências²¹¹. A obra, com muitas ilustrações, trazia imagens, fotografias e retratos das grandes construções, bem como trechos na íntegra dos documentos oficiais; a sensação causada no leitor era a de que o México experimentava seu auge. Como afirmou Riguzzi, nas décadas de 1760 e 1770, a imagem do México frente às outras potências nacionais era “desastrosa”. Era preciso mudar essa visão de país caótico, produzir conteúdo que comprovasse que o território estava pacífico, moderno, civilizado e moralizado – para tanto, também era preciso silenciar alguns fatos, como o problema entre indígenas e governo, como veremos ao final desse tópico. A moral também foi um conceito central à época, pois estava relacionado aos de civilização, progresso, cultura e modernidade. Como pontuou Reyes, na primeira

²¹⁰ O trecho que está em itálico foi a frase que a autora acrescentou ao texto original, de 1902.

²¹¹ Como afirmou Flores Hernández sobre *México: su evolución social*: “Su intención principal es la de asumir la historia mexicana como una historia nacional propia, con un sentido determinado: de una situación previa – la conformada por la vida en los tiempos prehispánicos y en la colonia-, a través del agitado siglo XIX, hasta el punto de llegada – no definitivo, claro, aunque si de logros innegables – que es el momento en el cual escribe. (FLORES HERNÁNDEZ, 1983, p. 56).

metade do XIX o povo estava “degenerado”. Para Sierra, ele estava “desmoralizado”. Para estes autores, frente a tantos problemas, o México chegou na década de 1870 com a moral fragilizada²¹². Tal diagnóstico não condizia com os preceitos modernos do oitocentos: era preciso reorganizar o país, governar buscando uma moral universal, para que a nação entrasse em sintonia com os novos tempos²¹³.

Para os porfiristas, com a presidência de Díaz e a confirmação da paz e da ordem, o país passou a ter caminhos diferentes, havia chegado o momento de restabelecer a moral, impulsionar a civilização e mostrar as transformações ao mundo. Como vimos no tópico anterior, a imagem de Díaz foi vinculada à de progresso; os escritores o desenhavam como um grande construtor. Nas palavras de Tweedie, o personagem que “arquitetou o México moderno”. Para Reyes, quem regenerou a nação. E, para Sierra, o governante que deu sentido à Independência e à Reforma nacionais. Como explicou Arnaldo Moya,

De allí la vinculación consiente en los discursos cívicos y en las odas patrias entre Hidalgo, Juárez y Díaz. Tras la revolución de Independencia, los dos Imperios, la invasión norteamericana, la intervención francesa y el difícil parto de la República liberal el Porfiriato emergió como un parteaguas que dividía las evoluciones violentas de la evolución pacífica. Es este el tenor que guarda en su esencia la versión apologética del Porfiriato, cuyo principal expositor fue Justo Sierra, pues, en la "edad de oro" del régimen, que situamos entre 1888 y 1902, se encargó de legitimarlo mediante una vasta obra. (MOYA, 2007b, p. 87).

Como mencionamos no primeiro parágrafo, cada capítulo de *México: su evolución social* falava a respeito da situação do país sob o governo de Díaz e, na comparação entre os tempos – passado e presente –, confirmava que a nação havia alcançado um progresso em cada setor. Para Moya (2007a), a partir de 1889, percebemos uma nova etapa do discurso porfirista, uma narrativa triunfalista; etapa selada pela obra organizada por Don

²¹² Lilian Briseño explicou a relevância que a moral ganhou durante o Porfiriato, pois estava relacionada com o conceito de civilização e modernidade: “Sin pretender emitir un juicio de valor que condene como negativos a dichos comportamientos, no podemos negar que dentro de los parámetros cultos de la época, en los que se confiaba en los beneficios del progreso y la civilización así como en la promesa de un mejor futuro —pensamientos propios de la modernidad por cierto—, estas costumbres arraigadas en la población resultaban aberrantes, pues impedían aspirar a aquello que todos los países cultos debían anhelar: a ser tan civilizados como los europeos o Estados Unidos.” ((BRISEÑO SENOSIAIN, 2005, p. 455).

²¹³ “Por lo que se refiere a la moral social [por exemplo], ésta debía enseñar qué es la justicia, la igualdad, “la fraternidad universal como símbolo del sistema de política positiva”, los derechos y deberes sociales, las libertades humanas —de trabajo, de creencias, de cultos, de pensamiento—, y la moral en la literatura.” (BRISEÑO SENOSIAIN, 2005, p. 441).

Justo. Como vimos, após o estabelecimento da ordem e da paz, amplamente mencionados nos discursos analisados até aqui, passava-se à etapa da modernização e do progresso. Faltava, contudo, uma obra que mostrasse toda essa evolução. Para Sierra e os demais autores, os viajantes não precisavam ir ao México e testemunhar os avanços nacionais, a própria obra trazia as imagens que deveriam informar e mostrar como o país alcançara um patamar destacado na cadeia evolutiva mundial.

Para Enrique Florescano, durante o Porfiriato, as artes plásticas, a pintura, a escultura e os monumentos públicos foram exaltados. O campo visual ganhou muito destaque, pois o governo deveria mostrar a todos, principalmente à Europa e aos Estados Unidos, os avanços nacionais. Acreditava-se que era preciso plasmar a modernidade no país. *México: su evolución social* exaltou a história nacional: da Independência ao Porfiriato, o México, sob o governo de Díaz, ultrapassara o estágio da anarquia, chegando à modernidade e à civilização. A História ganhava sentido definido rumo ao futuro e não mostrava apenas as cicatrizes da guerra. O futuro, tão longínquo e escapadiço na primeira metade do século XIX, tão anuviado e nebuloso, fechava o horizonte de expectativa daqueles intelectuais e polígrafos que clamavam por mudança. A partir de 1876, essa conjuntura ganhava nossos contornos e a transformação deveria ser contada através das obras públicas e dos progressos materiais mostrados nos três volumes. Citamos:

Así, a lo largo de un proceso complejo y mediante una imbricación entre la pintura, la litografía, el grabado, el libro de viajes, la narración histórica, el mapa, el museo y los medios de difusión modernos se creó una nueva imagen del país. En las cartas geográficas el territorio apareció claramente demarcado, con la particularidad de que sus diversas regiones tenían una identidad y un pasado propios, pues una serie de estampas mostraba su rostro cambiante a través del tiempo, sus paisajes y personajes icónicos, anudados en el hilo de la historia nacional (FLORESCANO, 2005, p. 170).

Modernizar o país implicava para esses polígrafos da época, principalmente, construir estradas de ferro, telégrafos, investir em higiene e segurança social, urbanização, ciência e eletricidade. Na cadeia evolutiva oitocentista, o México, progressista, moderno e moralizado, deveria refletir a mesma imagem dos países considerados civilizados. O governo e os escritores acreditavam que essas transformações iriam posicionar o México ao lado das grandes civilizações. A eletricidade, por exemplo, foi um dos principais ramos que teve investimento do porfirismo. Com ela, a cidade se tornaria mais iluminada, mais segura e, portanto, mais ordenada: presumia-se que os

costumes sociais iriam ser modificados e haveria um refinamento da moral pública²¹⁴. No início do século XX, a Cidade do México foi considerada uma das mais iluminadas do mundo. “En este contexto, no resulta ociosa la comparación que se encuentra en *El Imparcial* entre las torres de alta tensión y la torre Eiffel que era, sin duda, símbolo de la modernidad, de la industrialización y del progreso.” (BRISEÑO SENOSIAIN, 2006, p. 204).

Muitas instituições científicas também foram fomentadas e destacadas em *México: su evolución social*²¹⁵, pois, à época, a ciência era um dos eixos de modernização. Ao final do século XIX, a Psiquiatria ganhou força no país, campo de estudo também relacionado à moral. Em 1857, por exemplo, Bénédict-Augustin Morel desenvolveu o “Tratado da Degeneração Intelectual, Moral e Física da raça humana”²¹⁶, seus estudos afirmavam que a insalubridade, dentre outros fatores, poderia acarretar problemas patológicos que afetariam várias gerações de uma mesma família. A teoria do degeracionismo, assim chamada, também explicava sobre os criminais, considerados loucos muitas das vezes. Esses argumentos nos mostram a importância dada à época em se construir uma penitenciária na cidade do México e um hospital para loucos. As obras públicas, esses progressos materiais, tinham um caráter pedagógico e propagandista: alinhar o país com os desenvolvimentos do século XIX.

²¹⁴ Lilian Briseño explicou a importância que a iluminação ganhou durante o Porfiriato. Escreveu: “(...) cualquier persona que hubiera vivido en la Ciudad de México durante la estancia de Porfirio Díaz en el poder, habría sido testigo de cómo esta metrópoli se modernizó y logró competir con las mejores del mundo. De tal manera que, si en 1877 algún habitante de aquella ciudad (sucia, anegada, sin electricidad, sin servicios, sin postes de luz, con caballos y carretas que la transitaban de la mano de una población que en su mayoría la caminaba), hubiera logrado sobrevivir hasta 1910, se habría sorprendido de los progresos que la capital del país registró en ese lapso y de la forma en que se había civilizado para las fiestas del Centenario. La capital estaba limpia, con calles asfaltadas, con automóviles que la recorrían, con sistemas de desagüe, con postes bellamente adornados que transmitían la luz del progreso y con tiendas departamentales en las cuales se podía conseguir una amplia gama de artículos importados de los países cultos y civilizados.” (BRISEÑO SENOSIAIN, 2006 pp. 201-202).

²¹⁵ Para Daniel Vicencio Muñoz: “En un país donde la elite gobernante y científica, influida por la filosofía positivista y el ánimo de avanzar hacia el progreso, buscaba establecer cánones de conducta, reglamentaciones sanitarias y desarrollo científico, el estudio de las psicopatologías era un tema de mucho interés. Recordemos que, desde varios años antes de la construcción del Manicomio de La Castañeda (1908-1910), algunos médicos habían manifestado la necesidad de crear una institución que atendiera a los enfermos mentales de la capital del país, como una parte importante, según los científicos positivistas, de la modernización de la misma.” (MUÑOZ, 2014, p. 87).

²¹⁶ Sobre o assunto ver: DOWBIGGIN, Ian R. *Inheriting madness*. Professionalization and psychiatric knowledge in nineteenth century France. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1991.

A penitenciária nacional de Lecumberri foi inaugurada em 1900, na capital. Ela estava vinculada à modernização carcerária e à segurança social²¹⁷. Como afirmou Javier Macgregor, muitos estudiosos acreditam que ela tenha sido influenciada pelo panóptico de Bentham, mas com o olhar mais detalhado, percebe-se que se assemelhava ao sistema radial, inspirado na prisão de Gante, um dos mais modernos à época (MACGREGOR, 1992a, p. 232). Para Moya, a Cidade do México era o principal lugar para mostrar o progresso do país, já que funcionava como o centro administrativo e político. O governo deveria transformar o espaço urbano e a capital era a principal referência desses novos projetos. Citamos:

El desarrollo arquitectónico del Porfiriato es consustancial y se constituye en el remanente del desarrollo historiográfico de la segunda mitad del siglo XIX. Las obras cumbres de la historiografía mexicana de la segunda mitad del siglo xix fueron las dirigidas por Vicente Riva Palacio: el México a través de los siglos y por Justo sierra: México: su evolución política. (MOYA GUTIÉRREZ, 2008, p. 88).

Todas essas obras públicas deveriam, aos olhos do porfirismo, evidenciar a mudança do México, sua maturidade, modernidade e civilização. Eram resultados concretos. Resultados que deveriam aparecer ao mundo nas três versões de *México: su evolución social*. Na obra, o clima era otimista, de entusiasmo; a modernidade não mais era uma etapa longínqua, de um futuro distante, fugidio, algo a ser concretizado ou projetado para o futuro – como vimos no manifesto de Juárez de 1867–; pelo contrário, era tangível, um sonho realizado. Era o futuro no presente. O horizonte de expectativa se alargava e o futuro, antes amorfo, ganhava uma forma exitosa. A modernidade também tinha seus aliados na estética e na quantidade: como veremos abaixo, os avanços deveriam ser bonitos e quantificados. Para Nora Pérez-Rayón, “el mito del progreso se irá verificando con la ayuda de instrumentos capaces de cuantificar la felicidad. Los números son el parámetro de los logros de la ciencia: se viaja más rápido, se producen más cosas, nace más gente, se matan más enemigos, se curan enfermedades en menos tiempo.” (PÉREZ-RAYÓN, 1998, p. 61). Falava-se em números de quilômetros das linhas de estradas de ferro e de linhas dos telégrafos – como também fez Díaz em seus discursos ao Congresso. Era o triunfo do liberalismo porfirista. Como afirmou Moya, “el culto a la

²¹⁷ Ver: MACGREGOR CAMPUZANO, Javier. “Historiografía sobre criminalidad y sistema penitenciario. In: *Secuencia*, México DF, 22, jan.-abr. 1992a, pp. 221-238. Outro trabalho do autor, em que ele explicou a perseguição do governo às vozes dissidentes, é: MACGRÉGOR, Javier. “Dos casos de persecución periodística durante el porfiriato”. In: *Estudios de historia moderna y contemporánea de México*, Cidade do México, vol. 15, 1992b, pp. 65-84. Falaremos sobre este tema no capítulo seguinte.

versión liberal de la historia se plasmó en el Paseo de la Reforma, en el Presidio de Lecumberri, en el Manicomio Modelo de la Castañeda, en el Palacio Legislativo federal y en el Panteón nacional (...) (MOYA, 2008, p. 88)²¹⁸. Pablo Macedo, responsável em explicar a situação das “Comunicações e obras públicas”, título da parte que escreveu no livro, inserida no volume 3, mencionou sobre essas construções na capital. Após um capítulo detalhado sobre o tema, sintetizou as principais ideias:

En la Ciudad de México, el gobierno federal ha realizado en los últimos años mejoras que serían dignas de mucho más que de la rápida mención que aquí podemos consagrarlas.

Hace construido una Penitenciaría, que los peritos consideran como acabado modelo de edificios penales, y cuya iniciación corresponde al señor licenciado D. Manuel Romero Rubio, cuando tuvo a su cargo el ministerio de Gobernación. Bajo el cuidado de una comisión que preside el infatigable señor licenciado don José Yves Limantour, se han ampliado y mejorado notablemente la calzada de la reforma y nuestro histórico parque de Chapultepec, que constituyen en su género el más hermoso ornamento de la que fue en los tiempos virreinales la muy noble y muy leal ciudad de México. Están en vía de ejecución una gran casa de correos, un hospicio de pobres, un hospital general, un palacio para el poder legislativo y un gran teatro, de que carecemos (...).

(...)

He aquí, en incompletísima síntesis, lo que hemos podido hacer en la materia que nos ocupa á la sombra de una paz de sólo veinticinco años, que los mexicanos bendicimos de corazón y que anhelamos conservar a todo trance, desechando el temor de que no sea orgánica, sino puramente accidental, y de que ambiciones mal domeñadas y elementos de fuerza y de desorden, entronicen de nuevo entre nosotros el nefando espectro de la discordia y de la guerra civil. (MACEDO, Tomo II, Parte 5, Capítulo 5, Obras públicas urbanas, p. 324).

Macedo queria consagrar as obras construídas pelo governo. Elas deveriam, nas páginas de *México: su evolución social*, ganhar reconhecimento e serem lembradas pela posteridade. Para o autor, todas as conquistas apenas foram possíveis em um país pacífico. “Tudo se desenvolvia à sombra da paz”. Fato que, para ele, era surpreendente, pois essa nova condição era recente no país, tinha apenas 25 anos: os anos de governo de Díaz. Aquele passado finalmente havia sido superado, como também afirmou Tweedie. Não

²¹⁸ Moya completou: “Tan temprano como en agosto de 1877 se expidió el programa que pretendía hacer del Paseo de la Reforma un boulevard consagrado a los triunfos y a los héroes liberales. Dicho programa se completó, con algunas variantes importantes, en septiembre de 1910. Con la excepción del monumento a Juárez, que debió erigirse en la cuarta rotonda del Paseo de La Reforma, el programa de exaltación cívica liberal se cumplió a cabalidad, aunque con énfasis diversos según el período y el favor del ejecutivo. El monumental Paseo de la Reforma, el Monumento a Colón, el Monumento a Cuaúhtemoc, el Monumento a la Independencia, el Hemiciclo dedicado a Juárez, el Palacio de Correos y el de Comunicaciones, el Panteón Nacional y el Palacio Legislativo representaban, de manera hiperbólica, a las instituciones republicanas que rubricaban y legitimaban al régimen.” (MOYA, 2007a, p. 172).

era um momento passageiro: para Macedo, a paz fincara raízes sólidas no solo mexicano e a obra não tinha espaço suficiente para narrar todos os avanços materiais conquistados desde então. Além disso, reiterou o apoio popular: “paz que os mexicanos abençoavam de coração”. Por conseguinte, também falou das construções capitalinas, principalmente acerca do Desagüe del Valle, considerado o mais importante símbolo de salubridade nacional:

Uno de los tristes resultados de las perpetuas revoluciones mexicanas ha consistido en que, durante el primer medio siglo de nuestra vida independiente, no hayamos mejorado nuestras viejas ciudades coloniales ni construido los edificios públicos más indispensables, limitándonos, cuando mucho, á adaptar mal y de mala manera á cárceles, escuelas y oficinas de toda clase, alguno que otro convento, colegio o palacio clerical, que, por circunstancias casi fortuitas, escaparon de la dispersión de los bienes que fueron nacionalizados y que, persiguiendo altos fines políticos, los hombres de la Reforma tuvieron necesidad de dispersar á los cuatro vientos, sin recoger para sí, nunca y en ningún caso, ni un átomo siquiera de aquellas riquezas.

(...)

Imposible enumerar siquiera las mejoras ya realizadas en nuestras principales ciudades del interior del país, porque el espacio nos falta para ello: que el lector nos permita, pues, ocuparnos casi exclusivamente de lo hecho por el Gobierno federal, sobre todo en la ciudad de México, y hablarle con cierta extensión, como que son las principales, sólo de las importantísimas obras del desagüe del Valle y del saneamiento de la Ciudad de México. (MACEDO, Tomo II, Parte 5, Capítulo 5, Obras públicas urbanas, p. 308).

Reiteramos que a comparação entre os tempos como uma estratégia política foi recorrente. Como vimos acima, Macedo afirmou que durante a primeira metade do século XIX o México teve poucas transformações. Guerra atrás de guerra – “perpétuas revoluções” –, as cidades não tinham mudado: ainda possuíam a face colonial do passado. Um passado que insistia em não passar, que pesava sobre o presente, que maculava aquele jovem corpo, mas sempre doente. O buraco econômico era tão grande, que nem as construções básicas eram possíveis. Muitas instituições funcionavam em antigos conventos. Contudo, durante o Porfiriato, as mudanças e as construções foram tão numerosas que era impossível descrevê-las no capítulo. Entre as mais importantes, o que havia marcado a virada do século XIX para o século XX foi a finalização do Desagüe del Valle, projeto idealizado desde a Nova Espanha, período em que várias propostas foram apresentadas ao Vice-rei para conter as constantes inundações no território, mas que nunca foi terminado por nenhum governante. Devido à configuração geográfica do território, a capital sofria com muitas inundações. Esse fenômeno deveria ser revertido

no século XIX: acreditava-se que novamente o México deveria se harmonizar com os novos tempos. Quando a obra foi inaugurada, a notícia circulou por todo o país. A biografia de Reyes, por exemplo, também mencionou o acontecimento como um dos momentos mais importantes do governo. Também deve ser considerado que, no pensamento da época, incentivava-se a secagem dos lagos com o objetivo de evitar enfermidades e conseguir novos terrenos para semear.

Como sabemos, uma das preocupações centrais do governo e do círculo porfirista era tornar o país higiênico. A moral e a higiene também estavam relacionadas²¹⁹. Para Claudia Agostini, “la lucha por establecer una verdadera cultura de la higiene se manifestó con ímpetu tanto en México como em otras naciones latino-americanas y del continente europeo a fines del siglo citado y contó con el trabajo y esfuerzo de destacados médicos e higienistas, así como con el apoyo de diversos ministerios gubernamentales” (AGOSTINI, 2005, p. 564). O presidente buscava elevar a moral da sociedade. No volume 3 da obra organizada por Sierra, Pablo Macedo destinou todo o capítulo 5, intitulado “Obras públicas urbanas”, para falar sobre o Desagüe. Afirmou que uma comissão científica estudou os sistemas de desague da Europa e dos Estados Unidos, pois elas serviriam de inspiração ao da capital mexicana. Para detalhar o projeto, citou novamente os números referentes à construção dessa estrutura (novamente o progresso deveria ser comprovado através dos números): “Para formar idea de la magnitud de la obra, pondremos aquí algunas cifras, aunque sea en globo. Se han construido 19.731 metros de colectores de ladrillo de doble bóveda, de forma oval y revestidos de cemento, con diámetro variable de 1 a 2 y medio metros; 108.175 metros de atarjeas ó alcantarillas de barro salado y vidriado (...)” (MACEDO, Tomo II, Parte 5, Capítulo 5, Obras públicas urbanas, p. 324).

Além das cifras, Macedo comparou duas imagens: uma anterior ao governo do presidente, em que mostrava apenas o Lago de Texcoco e a terra que o rodeava; e a outra após a finalização da obra, durante o Porfiriato. Percebemos que na imagem 1, reproduzida abaixo, a natureza virgem, protuberante, destaca-se aos olhos do leitor. A geografia era o principal sujeito dessa primeira cena, principalmente pela sensação de infinitude causada pelas várias cadeias de declives e morros. Em contrapartida, já na

²¹⁹ Ver: BRISEÑO SENOSIAIN, Lillian. “La moral en acción. Teoría y práctica durante el porfiriato”. In: Historia Mexicana, vol. LV, núm. 2, out.-dez. 2005, pp. 419-460.

imagem 2, o Desagüe aparece cortando essa natureza antes em evidência. A construção gigantesca se destacava no retrato e, diferente da primeira imagem, o sujeito da cena havia mudado, era o canal de drenagem. Na segunda imagem, a infinidade de morros perdeu protagonismo e sofreu um corte, devido a grande construção oitocentista. Comparar o passado e o presente também através de imagens foi uma estratégia de Pablo Macedo. As transformações deveriam saltar aos olhos de quem se informava sobre o país e, principalmente, a atual conjuntura nacional.

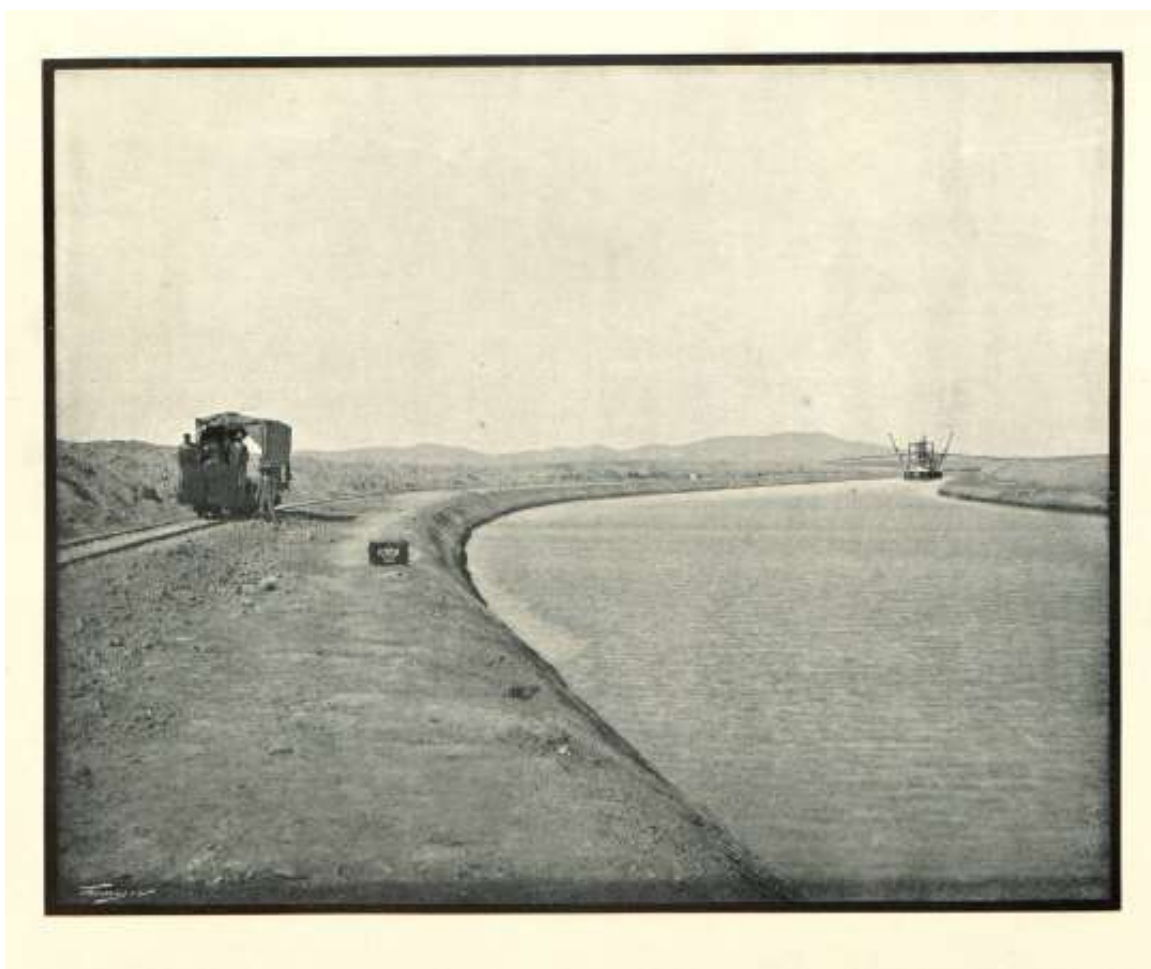


Imagem 1 – Lago de Texcoco - p. 309



Desagüe del valle de México. — Gran canal. Puente acueducto del río de Guadalupe

Imagem 2 – Desagüe del Valle - p. 321

Saúde, higiene e progresso estavam relacionados. “Para Luis E. Ruiz (1857-1914), uno de los médicos de mayor prestigio durante las décadas finales del siglo XIX, la higiene era el ‘arte científico de conservar la salud y aumentar el bienestar’, dado que ‘toda nación bien constituida tiene como principal interés la salud pública.’” (AGOSTINI, 2005, p. 564). Contudo, o assunto mais destacado pelos escritores porfiristas foram as estradas de ferro. Estas tiveram grandes somas de investimento por parte do Porfiriato e mais uma vez foram amplamente descritas em *México: su evolución social*. A sensação causada ao leitor, ao se informar sobre todos esses projetos de governo, era a de que um novo tempo se sobrepunha ao velho. Com as estradas de ferro, as distâncias ficariam mais curtas²²⁰.

²²⁰ Para Alvaro Matute, “en el ámbito regional se opera un fenómeno fundamental [durante o Porfiriato]: la primera integración del país. Un gran incremento de kilómetros de vías férreas transforma la fisonomía de muchos lugares. Torreón, por ejemplo, no era nada en 1880; después es el gran centro ferroviario y ciudad

Foi novamente Macedo quem destacou o conteúdo, mas Díaz Dufoo também destinou páginas de sua parte no livro para falar sobre o tema. Ao dissertar a respeito da evolução industrial no México, afirmou: “más ha hecho todavía el camino de hierro: ha dado acceso a la maquinaria moderna.” E continuou: “Los caminos de hierro han sido los porta estandartes de nuestra evolución económica. Lo han sido asimismo de la política. Abrieron las puertas a las mercancías y las abrieron también a las ideas. Producción, legislación, sentimientos, contaban ya con caminos por donde esparcirse; por la red arterial iba a coger la sangre caliente del pensamiento y de la vida.” (DÍAZ DUFOO, Tomo II, Parte III, Cap. 05, Pág. 148). Para o escritor, as estradas de ferro e os trens confirmavam a modernidade mexicana. Eram o “porta-estandarte” da evolução econômica e política do país. Ou seja, era o elemento que levava o símbolo da modernidade da nação ao mundo.

Novamente percebemos, acima, a metáfora do organismo vivo: se o coração do México estava no centro, com Díaz na capital, as veias e artérias que bombeavam sangue e oxigênio para todo o corpo, agora renovado, eram as estradas de ferro. Nessas veias e artérias, novas ideias, sentimentos, pulsavam rapidamente e chegavam a todas as províncias do país. Não era um sangue fraco, mumificado, como veremos a analogia abaixo, mas um sangue quente, com impulsividade, a resposta desse corpo revivido. Ao final de tudo, Dufoo explicou: “Y un gigantesco motor dando movimiento a esta maquinaria: la energía nacional, transformada y dirigida hacia los grandes destinos que, en las sociedades modernas, marca el admirable lema, amplificado por uno de los más grandes pensadores nacionales: Amor, orden y progreso.” (DÍAZ DUFOO, Tomo II, Parte III, Cap. 05, Pág. 158). Para ele, finalmente o México tinha máquinas modernas, as estradas de ferro eram símbolos das grandes potências, como as da Europa e os Estados Unidos. Na escala positivista, acreditava-se que o México havia passado por todas as etapas: não era mais o lugar da anarquia e da confusão. Havia ordem, havia paz e também havia progresso²²¹.

fundamental en La Laguna.” (MATUTE, 1979, p. 193). Sobre o assunto das estradas de ferro também consultar: GRUSTEIN, Arturo. “Estado y ferrocarriles en México y EU, 1890-1911”. In: *Secuencia*, 20, mai.-ago.1991, 20, pp. 79-106.

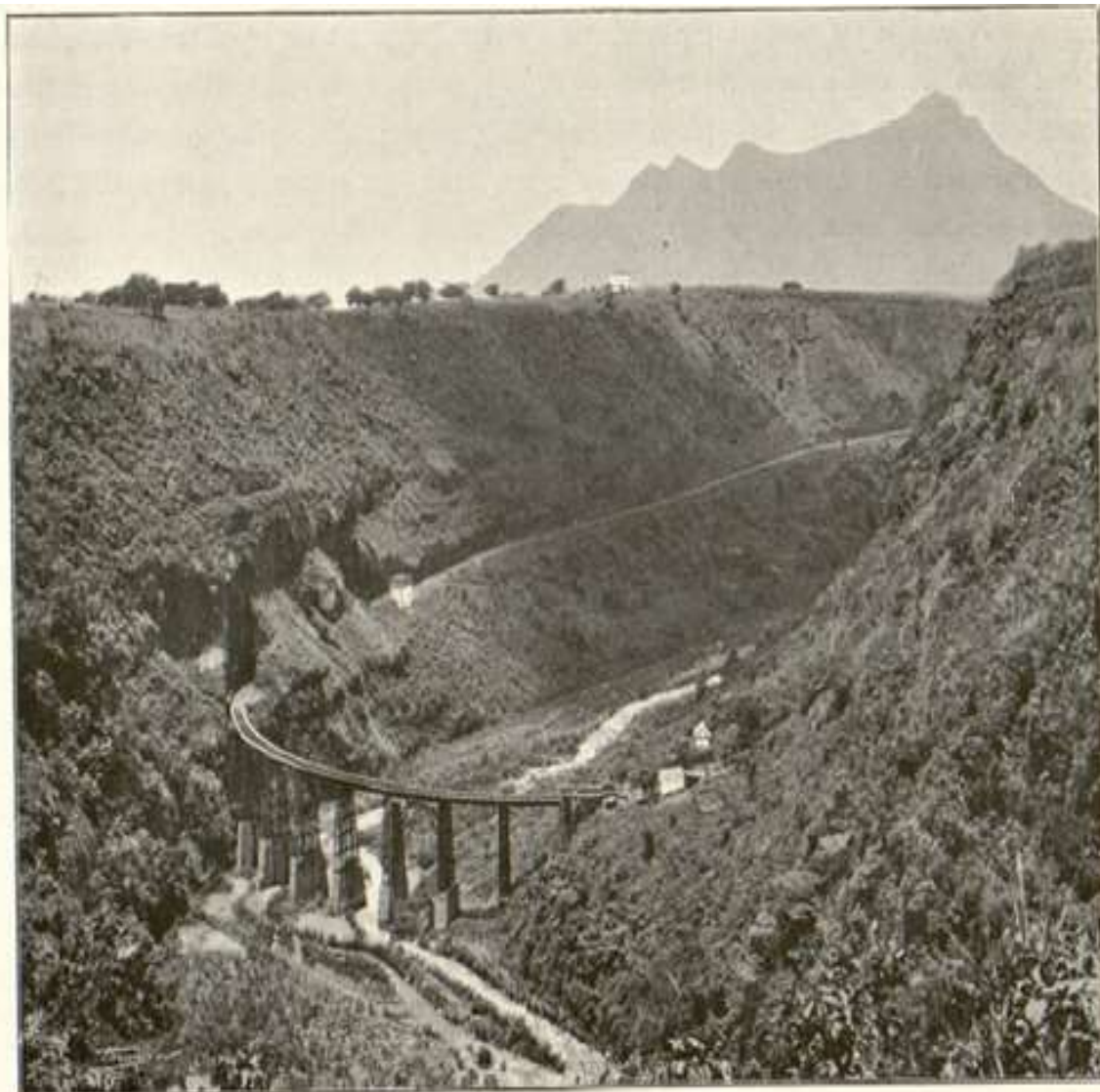
²²¹ Como explicaram Gyula Horváth e Sára Szabó, ao comparar Brasil e México no que tange à recepção do positivismo: Los positivistas mexicanos y brasileños creían, hacia la década de los setenta del siglo XIX, que las condiciones para el arribo al estadio positivo habían madurado, y por tanto, con la ayuda de las ciencias, era necesario poner fin a la anarquía y a los conflictos políticos, manteniendo al mismo tiempo el orden y el interés por el progreso. Ello sentaría las bases para el inicio gradual del desarrollo industrial. En la nueva etapa serían los científicos quienes ayudarían en la dirección del Estado, el cual debía de ser fuerte

Já Pablo Macedo, ao explicar sobre estas construções que cortavam o país, utilizou muitas imagens das estradas de ferro para comprovar suas afirmações. Dentre elas, reproduzidas na quinta parte do volume 3, separamos três fotografias que tinham destaque na obra, principalmente pelo tamanho que foram expostas no livro (reproduções grandes, que cobriam toda a página do capítulo). Como podemos perceber abaixo, as três imagens possuem uma característica semelhante: as estradas de ferro cortam a natureza inóspita, criando a sensação de chegada do progresso. Novamente, foram as máquinas modernas que ganharam destaque na cena e se tornaram o sujeito que conduziu nossa visão e impressão. Ademais, percebemos que não havia o objetivo, como na imagem 2, do Desagüe, em destacar os personagens que conduziam essa maquinaria. Os indivíduos não foram destacados nessas representações, e sim esses bens materiais, obras, que, aos olhos de Macedo, levavam ao mundo a notícia sobre os novos tempos no México. Na imagem 3, por exemplo, há um homem posicionado no primeiro plano da fotografia, mas seu tamanho e destaque se tornam irrelevantes em comparação com as várias estruturas da estrada que rasgam as montanhas. O indivíduo, mesmo estando em um plano aproximado, é quase apagado pela construção. Ele está parado e olhando em direção à câmera e o fotógrafo posiciona seu equipamento e enquadra a fim de não perder nenhum detalhe da construção. Esse efeito do humano como escala busca demonstrar como a estrada parece gigantesca, suntuosa, cortando a natureza virgem e levando o progresso ao México. Percebemos uma representação semelhante na imagem 4, as pequenas construções quase não são perceptíveis aos olhos do leitor. Além disso, a sensação é a de que a estrada rompe a natureza grandiosa, antes incontrolável, fenômeno também traduzido na imagem 5. O objetivo dessas representações, não era exaltar os especialistas que construíram ou idealizaram essas máquinas potentes, mas comprovar a marcha do progresso e da modernidade que a nação anunciava. Como afirmou Macedo, o grito da locomotora trazia a boa-nova, mensagens de novos tempos.

y, de ser necesario, hasta dictatorial a fin de mantener el orden. La armonía y el desarrollo evolutivo eliminarían las revoluciones. Ver: HORVÁTH, Gyula; SZABÓ, Sára H. “El Positivismo en Brasil y México. Un estudio comparativo”. In: *TZINTZUN*, Revista de Estudios Históricos, N° 42, jul.-dez. de 2005, p. 13.



Imagem 3 – Estrada de ferro – p. 267



Ferrocarril Mexicano. Nueva vista de la barranca de Metiac

(De fotografía de J. J. J. J.)

Imagem 4 – Estrada de ferro – p. 269



Imagem 5 – Estrada de ferro – p. 272

A construção das linhas férreas e dos portos estaduais eram muito comentadas à época, principalmente nos documentos emitidos pelo governo, na imprensa e nos ensaios. Acreditava-se que os portos ligavam o México ao mundo, tiravam o país do isolamento reclamado por Sierra. Já as estradas de ferro, davam organicidade às próprias províncias. Os avanços deveriam ser quantificados. A prosperidade e a felicidade, marcas do futuro, deveriam ser passíveis de mensuração. Como nos discursos de Díaz, era importante dizer

o número de quilômetros de estrada de ferro que estavam sendo construídas, bem como das linhas de telégrafo e de telefonia. Essa estratégia deveria mostrar que tudo caminhava sobre controle no país. Pablo Macedo mais uma vez usara a mesma estratégia narrativa que apontamos acima: o desenvolvimento das estradas de ferro era tão grande, eram avanços tão rápidos e dinâmicos, que não havia espaço e tempo suficientes para falar sobre isso no livro, afirmou. A pluma não acompanhava a rapidez do progresso; ele já se fazia presente em quase todas as províncias:

Desde el punto de vista económico, inútil parece repetir que ellos han sido factor importantísimo de progreso. Estaba nuestro organismo social, sin carreteras ni vías fluviales, comprimido tal esas momias egipcias, que la insaciable curiosidad científica de nuestros tiempos ha ido á sacar de sus tumbas multiseculares. Rotas las ligaduras, ampliáronse las arterias por donde antes circulaba apenas un poco de sangre descolorida e pobre, y con ello, la vida ha comenzado a hacerse sentir. Al grito estridente de la locomotora, que cruza por muchas partes su territorio, la nación ha despertado de su largo sueño. Se ha hecho posible la explotación de riquezas de toda especie, antes fuera del alcance del trabajo humano; éste ha fecundado verdaderos desiertos, y, en suma, se han difundido por todos los ámbitos del país el movimiento, la actividad y el calor característicos de los organismos sanos. No en balde decimos, pues, los hijos de esta tierra, que con los ferrocarriles hemos nacido a la vida de las naciones civilizadas. (MACEDO, P, Tomo II, Parte 5, Cap. 2, Los Ferrocarriles, p. 277).

As estradas de ferro eram indicativos do progresso, reiterou Macedo. Para ele, antes não existiam esses avanços no país; como um corpo mumificado – resgatando a metáfora do organismo – o México estava estagnado, sem vias e estradas que fizessem a vitalidade nacional circular. Olhando o passado, o escritor não via o sangue quente do presente, mencionado parágrafos acima. Nesse corpo frágil, doente, o sangue era bombeado com dificuldade. Disse que sob o porfirismo, as artérias e as veias se tornaram fortes, fazendo o sangue circular. O corpo, antes, era de um velho que tinha as cicatrizes de muitas guerras em seu seio. Ao mesmo tempo, seu espírito era de criança, um país que tinha dificuldades em se autogovernar. Entretanto, o som da locomotora trazia – com “grito estridente” – a boa-nova: o progresso²²². Grito tão alto que acordou a nação, por anos adormecida e mumificada. O organismo, agora, estava vivo e pulsante. Higiênico, em movimento e não prostrado, características dos corpos saudáveis (referência ao *sano*

²²² Para Pérez-Rayol, “A lo largo de la historia del pensamiento cristiano occidental se reconoce la constante por encontrar en el tiempo, ya sea pasado, presente o futuro, la felicidad. A raíz de la revolución francesa, el concepto de progreso aparece en la historia condenado a convertirse en un futuro mecánico, mágico y laico. El hombre moderno sustituye el paraíso cristiano, utopía del pasado, con la utopía del progreso, un futuro indefinido hacia la felicidad”. (PÉREZ-RAYOL, 1998, p. 61).

na citação). Para Macedo, se o governo tentava alcançar o futuro, as estradas de ferro eram o trampolim que o fizera chegar lá:

Desde el punto de vista político, la transformación no ha sido menos completa. Hasta hace unos cuantos lustros, el gobierno nacional, cualquiera que fuese su forma, casi no pasaba de ser un rey de burlas, cuya autoridad podían escarnecer impunemente los militares sin ninguna conciencia, pero con algún prestigio, y los hombres políticos á quienes placía convertirse, ya solos o en liga con otros, en caciques ó reyezuelos de alguna comarca, cubriéndose a las veces con el manto de cualquier investidura oficial, y lanzándose otras abiertamente en armas, con el apoyo de los elementos anárquicos que desgraciadamente abundan en una sociedad sin cultura, ni disciplina, ni cohesión. Y cuando el Gobierno tenía noticia de la resistencia ó de la rebelión y se apercibía a dominarla, era ya tarde; el fuego había cundido y era imposible extinguir el incendio, por falta de energía en los medios de acción, que, por lentos, resultaban completamente ineficaces. Hoy han cambiado las cosas radicalmente: para dictar una ley de interés nacional que quepa dentro de sus facultades, ya los poderes de la federación no necesitan contar previamente con la venia de los generales prestigiosos, ni con la de los gobernadores de los Estados, hállense éstos cerca ó lejos del centro, y sean ó no relativamente poblados y ricos, porque el gobierno de la República puede, merced á los ferrocarriles, hacer sentir su autoridad y su fuerza hasta los más lejanos confines del territorio mexicano, y reprimir cualquier asomo de perturbación ó de revuelta en menos días que meses eran antes necesarios para alcanzar el mismo fin. Tan claramente perceptible es ese fenómeno y tan beneficiosa ha sido la consolidación de la paz pública, su inmediato resultado, que muchos de nuestros pensadores celebran sin restricciones y proclaman como digna de convertirse en régimen permanente, cierta centralización política y administrativa que los hechos han traído consigo, la pasar la nación del estado de anarquía crónica en que había vivido por tantos años, al de una tranquilidad dentro de la que empezamos á realizar el orden. (MACEDO, Tomo II, Parte 5, Cap. 2, Los Ferrocarriles, p. 278).

Além da mudança física no país, houve uma mudança política. As estradas atestavam o progresso e também ajudavam a manter a paz no território. Novamente se comparava o pretérito e o presente. Antes, na primeira metade do século XIX, os presidentes não tinham um poder eficaz, os militares e os caudilhos burlavam a autoridade presidencial. O cenário era semelhante ao medievo, com vários *cacigazgos* poderosos e um poder central fraco. Essa condição apenas comprovava às outras nações que o México não era civilizado e não tinha a cultura que outras tinham, entendia o autor. Em um país de proporções continentais, era impossível conter os problemas. Mas, com Díaz, a situação mudou “radicalmente”, afirmou. O governo se tornou forte e fez das estradas de ferro o instrumento para manter a ordem social. Segundo o escritor, não um controle desmedido, tirânico, mas uma autoridade que iria conservar a ordem, a coesão e a paz,

quando necessário. Além das estradas de ferro, Macedo não deixou de mencionar sobre os telégrafos. Mais uma vez a comparação entre os anos confirmava os avanços:

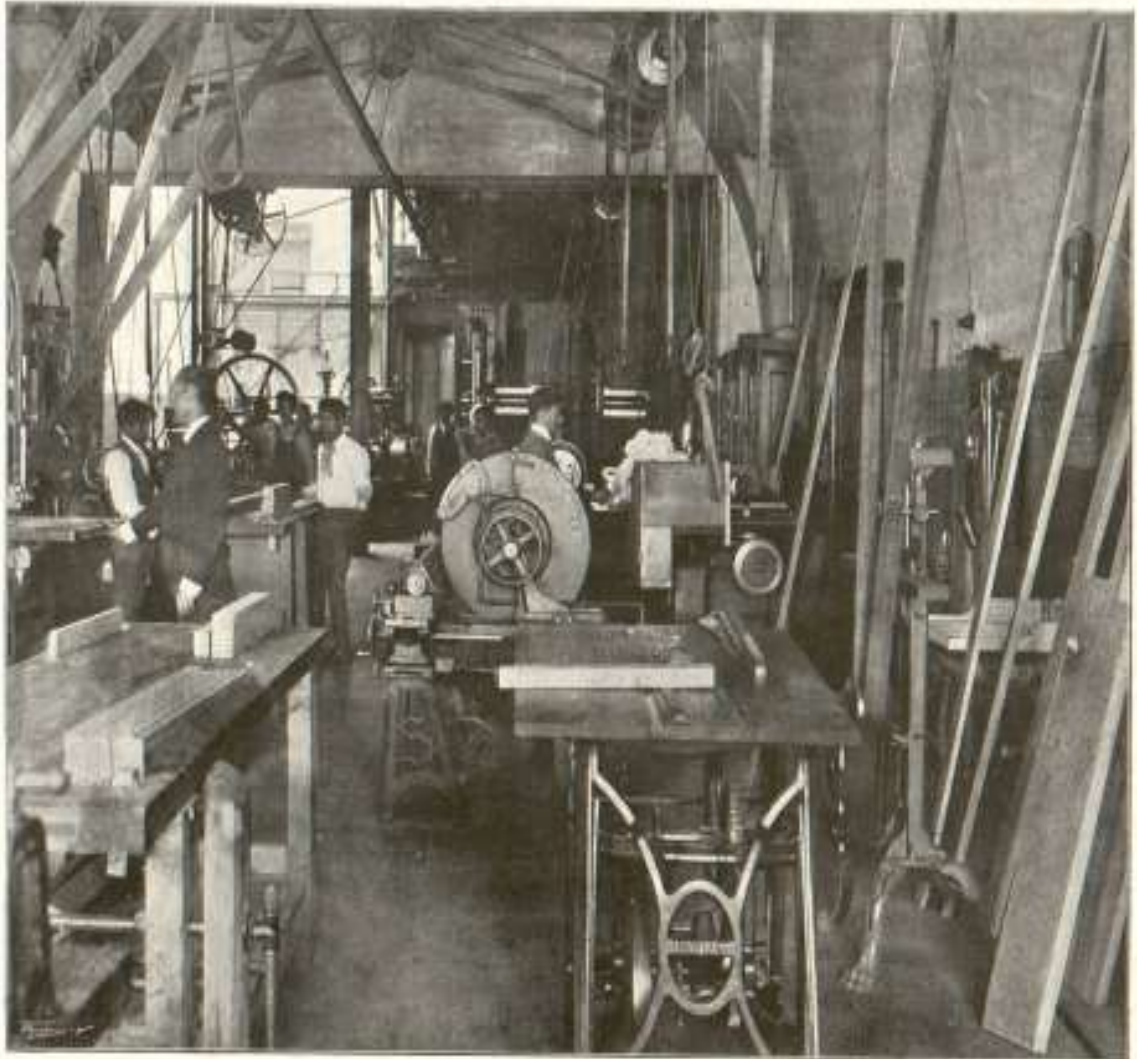
En 1873, según la Memoria presentada en 16 de Septiembre de ese año al Congreso por el señor Balcárcel, ya las líneas construidas por el gobierno se extendían á 3.802 kilómetros, las de los Estados á 870 y las de las empresas particulares á 2. 179, lo que forma un total de 6.949 kilómetros. Háblase ya en esta Memoria de haber quedado realizada en Matamoros, sobre la frontera del Norte, la conexión de nuestros telégrafos con los terrestres de los Estados Unidos, que nos pusieron en comunicación con el resto del mundo.

Al triunfo de la Revolución de Tuxtepec, éste, como los demás ramos de la administración, recibió poderoso impulso. Refiérenos, con efecto, el Ministro de Fomento, general D. Vicente Riva Palacio, en su Memoria de 1877, que las líneas telegráficas que un año antes medían 7.136 Kilómetros, tuvieron un incremento de 791. (MACEDO, Tomo II, Parte 4, Correos y Telégrafos. Teléfonos, p. 303).

O telégrafo era outro símbolo de modernidade no XIX. Para falar sobre ele, o autor fundamentou suas informações em documentos oficiais, como já mencionamos e foi explicitado no trecho acima. Muitas dessas fontes, principalmente Memórias ou relatórios produzidos pelas Secretarias do governo, foram reproduzidas em *México: su evolución social*, bem como na biografia de Reyes e no livro de Tweedie. Um dos aspectos que une a narrativa desses indivíduos foi a menção a esses dados administrativos. Na citação acima, Macedo afirmou que, em 1873, existiam mais de três mil quilômetros de linhas construídas e, no primeiro ano do Porfiriato, 1877, esse número havia duplicado. Em 1901-1901, já eram mais de vinte e três mil quilômetros. Para ele, o governo se fazia tão forte, que criou uma nova Secretaria, de Comunicações e Obras públicas, para tratar o tema. Para comprovar e dar mais autoridade a suas informações, o autor complementou mais uma vez seu texto com fotos²²³. É importante destacar que as imagens não possuíam referências detalhadas, nem traziam a informação de quem as havia feito. O objetivo de Macedo, bem como de outros autores que reproduziram fotografias ou imagens na obra,

²²³ Macedo afirmou sobre a importância do Telégrafo: “Con una administración cada día más juiciosa, á la que ha servido de base la regularización de los presupuestos y el estado próspero de la Hacienda pública mexicana ha alcanzado desde 1892 bajo la sabia administración del Ministro del ramo, señor Licenciado D. José Yves Limantour, nuestra red telegráfica federal se ha ido complementando y ensanchando, hasta que al terminar el año fiscal de 1900 á 1901 se encontró dotada de 363 oficinas, con una extensión de líneas en postes propios de 23.154 y medio kilómetros, y en postes de los ferrocarriles, de otros 8.294. Estos 31.448 y medio kilómetros de líneas representan un desarrollo de hilos conductores que alcanza á 47.829 kilómetros, porque á medida que ha ido creciendo el tráfico, se ha aumentado el número de alambres, hasta llegar en no pocas líneas á cuatro. Todavía después de ha ampliado la red telegráfica federal; y en 30 de Junio de 1902 las líneas de postes medían 31.526 kilómetros, con un desarrollo de hilos conductores de 47.934 kilómetros. El número de oficinas pasó de 363 á 379.” (MACEDO, Tomo II, Parte 4, Correos y Telégrafos. Teléfonos, p. 304).

era ilustrar os volumes e mostrar ao leitor o que o país estava construindo. Os dados detalhados sobre os telégrafos, por exemplo, traziam fotos como as selecionadas abaixo, mostrando a riqueza de detalhes dos motores e da infinidade de pilhas utilizadas nessa maquinaria moderna. Mais uma vez as imagens, em consonância com as narrativas e os números oficiais, deveriam testar os avanços e a “evolução total” do México.



México. — Telégrafos federales. Sala de motores

Imagem 6 – Sala de motores – p. 303



México — Telégrafo Federal. Sala de pilas

Imagem 7 – Sala de pilhas – p. 305

O assunto não parava por aqui, como os telégrafos e as estradas de ferro, o telefone foi outro avanço do século XIX mencionado na obra. Para explicar o assunto, novamente os números oficiais foram reproduzidos nas páginas da obra, principalmente os dados do Anuário Estatístico da Secretaria de Fomento, produzido em 1901. Mais uma vez o número de linhas telefônicas era indicado, pois, como afirmamos, o progresso deveria ser passível de mensuração. Era preciso informar os números que resumiam o otimismo do momento. Para Macedo, as mais variadas linhas de comunicação colocavam as regiões do México em contato e, principalmente, colocavam o país em contato “com o resto do mundo civilizado”. Os progressos técnicos e o desenvolvimento dos meios de comunicação encurtavam o mundo. Na comparação entre os tempos, em 36 anos o

México caminhou uma longa distância, que nunca havia caminhado, afirmou o autor. David Harvey, em seu livro *A condição pós-moderna*, ilustrou bem a importância que os meios de comunicação e transporte tinham para os indivíduos do século XIX e do XX. A sensação era a de que o tempo e o espaço haviam encurtado. O México não vivia mais isolado, deveria se comunicar e cada vez mais se relacionar com as nações cultas. Macedo, por exemplo, destacou a importância desses avanços para conectar o país às outras potências civilizadas. Como Rogelio Jiménez Marce chamou a atenção no livro *Todo lo amor por la ciencia: el viaje de la Comisión Astronómica al Japón en 1874*, o século XIX foi o século das comunicações, mas também do culto e celebração da ciência e da tecnologia.

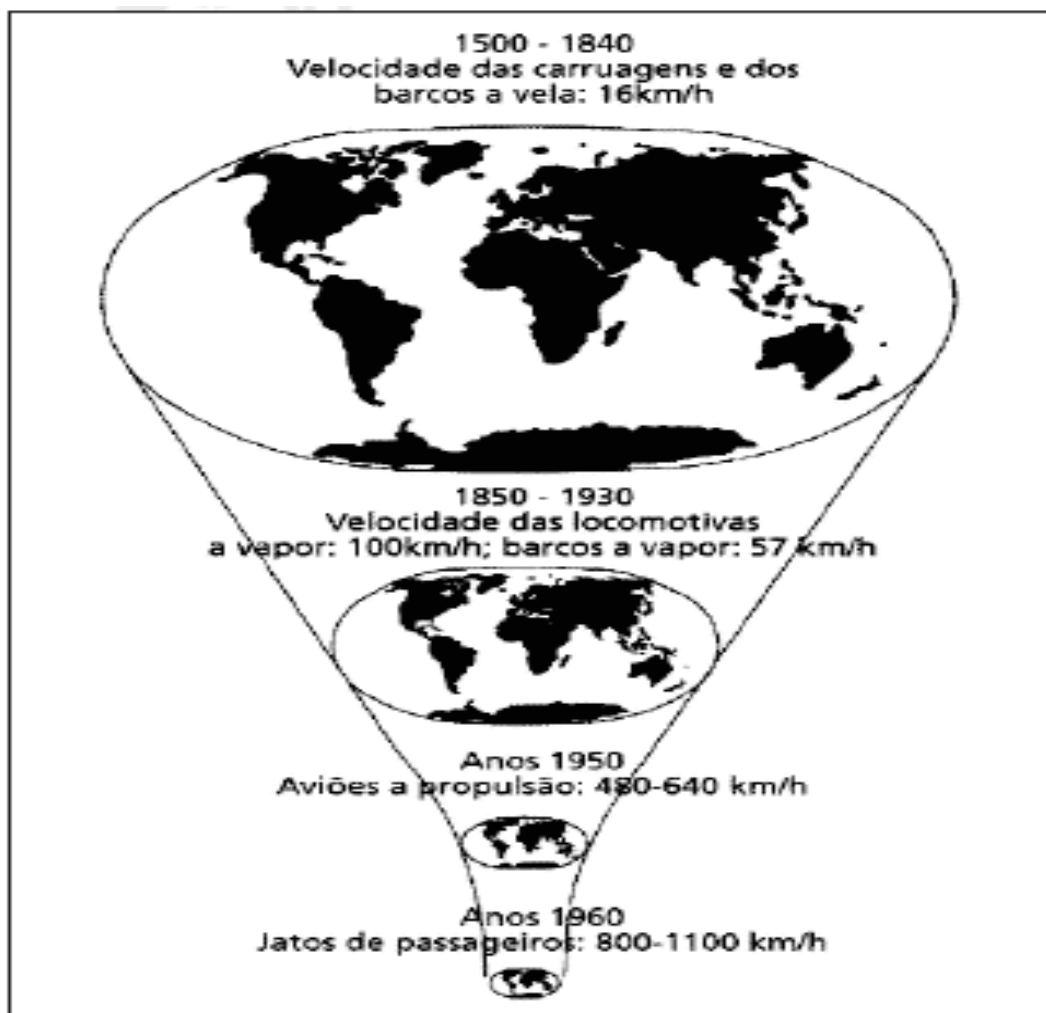


Imagem 8: Time-Space Compression²²⁴

²²⁴ David Harvey. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1993, p. 220.

Não podemos deixar de mencionar, como fizemos no Capítulo 1, que havia o outro lado dessa mesma moeda que investia no discurso do progresso. Enquanto o governo de Díaz procurou a todo momento exaltar as grandes obras, monumentos, construções, etc., existiam aspectos que deveriam ser silenciados, marginalizados. Novamente, a questão indígena fora ressaltada. O mosaico étnico e os vários grupos deveriam ser compassados aos novos tempos. A sociedade, como mostramos no capítulo anterior, deveria ser homogênea, tanto que o mestiço era considerado a face do México moderno. Esses vários grupos também deveriam ser amalgamados em um status jurídico, que foi o de cidadão mexicano. Como afirmou Federico Navarrete, uma cidadania excludente, étnica, em que, na presumida igualdade, uns eram mais iguais que outros. Sierra apontou a questão indígena em seus trabalhos. Ele acreditava que o país experimentava uma paz permanente e a evolução nacional, mas faltava enquadrar os indígenas nesse novo tempo. No capítulo “La Era actual”, afirmou:

Nos falta devolver la vida a la tierra, la madre de las razas fuertes que han sabido fecundarla, por medio de la irrigación; nos falta por este medio con más seguridad que por otro alguno, atraer al inmigrante de sangre europea, que es el único con quien debemos procurar el cruzamiento de nuestros grupos indígenas, si no queremos pasar del medio de civilización, en que nuestra nacionalidad ha crecido, a otro medio inferior, lo que no sería una evolución, sino una regresión. Nos falta producir un cambio completo en la mentalidad del indígena por medio de la escuela educativa. Esta, desde el punto de vista mexicano, es la obra suprema que se presenta a un tiempo con caracteres de urgente e ingente. Obra magna y rápida, porque o ella o la muerte. Convertir al terrígena en un valor social (y solo por nuestra apatía no lo es), convertirlo en lo principal colono de una tierra intensivamente cultivada; identificar su espíritu y el nuestro por medio de la unidad de idioma, de aspiraciones, de amores y de odios, de criterio mental y de criterio moral; encender ante él el ideal divino de una patria para todos, de una patria grande y feliz; crear, en suma, el alma nacional, ésta es la meta asignada al esfuerzo del porvenir, ése es el programa de la educación nacional. Todo cuanto conspire a realizarlo, y sólo eso, es lo patriótico; todo obstáculo que tenga a retardarlo o desvirtuarlo, es casi una infidencia, es una obra mala, es el enemigo. (SIERRA, Tomo II, La era actual, p. 434).

Sierra, ao final do livro, após fazer um balanço de tudo que o México conquistara, mencionou a importância do Estado investir na imigração²²⁵. Como explicou, não em

²²⁵ “Las políticas de colonización partieron del supuesto de la inferioridad racial de los nativos y de la necesidad de equilibrar su presencia fomentando la inmigración extranjera. Asumiendo algunas de estas premisas la Sociedad Indianista Mexicana buscó regenerar al indígena y, de ser posible, ponerlo en sintonía con los tiempos que corrían, nos dice Beatriz Urías. Alejarlo del alcohol, al igual que a otros segmentos populares, fue propósito de algunas disposiciones legales, como asienta otro de los artículos.”. Sobre o assunto ver: Claudia Agostoni y Elisa Speckman (editoras), *Modernidad, tradición y alteridad*. La ciudad

qualquer imigração, mas a do branco europeu, “única raça” que deveria se misturar com os indígenas. Segundo O. P. Topete Pozas, “de este modo podemos decir que durante el Porfiriato la tendencia fue favorecer la inmigración europea. Además, también encontramos ciertos escritos donde se proponía restringir y limitar la inmigración ‘inconveniente’, en especial la inmigración asiática y la de origen africano.” (TOPETE POZAS, 2010, p. 64). Já que o país evoluía, a mestiçagem tornou-se discussão central para que a nação não sofresse um processo de involução e retrocesso. Para Sierra, somente o sangue europeu manteria o futuro da nação a salvo; era fundamental que o México não saísse de um estágio civilizado a um estágio inferior. “Ou isso ou a morte”, como afirmou na passagem acima. Como afirmaram Claudia Agostini e Elisa Speckman, acreditava-se que era preciso colocar os indígenas em “sintonia com os novos tempos” (AGOSTINI; SPECKMAN, 2001, p. 04). Se a face do México continuasse indígena, era sintoma de que o país não tinha alcançado o estágio evolutivo desejado. Juntamente com a mistura das raças, era preciso educar o indígena, ensinar, principalmente, o espanhol, a moralidade, etc.²²⁶. Era uma tarefa “magna”, pois a mudança tinha que ser completa. O índio deveria mudar a mentalidade e se enquadrar nos novos moldes da nação: uma nação civilizada, progressista, moderna e culta, com características brancas e costumes europeus. Qualquer medida era urgente e enorme, afirmou; sem isso, toda a evolução seria em vão. Antes de organizar *México: su evolución social*, Sierra comentou o assunto em seu livro de 1899, *México social y político*:

La clase indígena será un obstáculo perpetuo a la normalización de la democracia, porque sus tendencias hereditarias y sus tradiciones la condenan a vivir bajo un régimen oligárquico y patriarcal a un tiempo, único medio político que les permite vivir en paz, único que existe bajo el disfraz de los principios constitucionales y liberales. (SIERRA, *apud* MOYA, 2008, p. 88).

Novamente percebemos que os indígenas eram interpretados como face do atraso. Passado que parecia irreversível, que insistia em permanecer no presente. Para Sierra, os

de México en el cambio de siglo (XIX-XX). México, Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Históricas, 2001 (Serie Historia Moderna y Contemporánea 37), p. 04.

²²⁶ Para Mílada Bazant, “México formaba un territorio de contrastes. La unidad política que logro Porfirio Díaz se traducía en una unidad educativa en el sentido de que una instrucción básica uniforme uniría a todos los mexicanos y desaparecería ‘la anarquía mental’ prevaleciente en épocas anteriores. Si todos los mexicanos aprenden lo mismo, afirmaba Porfirio Díaz, tenderán a actuar de la misma manera.” (BAZANT, 1993, p. 16). Dentre os vários trabalhos que discutem a educação durante o Porfiriato, ver o panorama traçado por: ALARCÓN OLGUÍN, Víctor. “Política, educación y cultura porfirianas: un falso intento de modernidad”. In: *Polis: Investigación y Análisis Sociopolítico y Psicosocial*, vol. 2, núm. 2, 2002, pp. 257-278.

vários grupos e a forma como se organizavam eram um obstáculo à democracia, ao liberalismo, conceitos basilares no oitocentos. Acreditava que os indígenas exaltavam as tradições, eram dados à idolatria e, dessa forma, o porfirismo deveria tomar medidas públicas. Para Topete Pozas, “Sierra planteaba que era posible la transformación social y moral del indio y no a la indianización de los blancos.” (TOPETE POZAS, 2010, p. 57). Como detalhamos, o discurso da paz, da ordem e do progresso faziam parte dessa esfera oficial, pois existiam tensões entre o governo e grupos étnicos, a partir de 1900, entre o porfirismo e grupos que censuravam a administração de Díaz e suas várias reeleições. O discurso da paz silenciosa tentava abafar esses ruídos dissonantes e, como veremos, ao mesmo tempo que a partir de 1900 essa literatura encomiástica festejava a evolução nacional, ela teve que lidar com os dissensos que surgiam no território. Para Laura Suárez de la Torre, a passagem do século XIX ao XX:

Es también la transición de un siglo al otro, que, si entre los siglos XVIII y XIX estuvo marcada por la agitación política que llevó a la independencia nacional, entre el siglo XIX y el XX estuvo señalada por el progreso reflejado en las grandes obras materiales, que contrastó con la pobreza de una mayoría que se lanzó tan sólo unos años más tarde a la Revolución. (SUÁREZ DE LA TORRE, 2008, pp. 151-152).

Nesse segundo capítulo, objetivamos mostrar detalhadamente as recorrências discursivas, narrativas e argumentativas presentes nas obras acima analisadas, principalmente em *México: su evolución social*. Havia formas e estratégias que estruturavam esses documentos. O tempo histórico nacional funcionava como uma estratégia política, essa organização específica fundamentava as várias reeleições do general, que, por sua vez, era representado como o guia, o tutor e herói da nação. “Anarquia” e “paz” eram molduras narrativas ativas e potentes que sintetizavam a história e orientavam a maneira de se entender o governo e as atitudes políticas de Díaz. Além disso, *México: su evolución social* podia ser entendido como a obra que selou o progresso porfiriano, mostrando todos os avanços que, na ótica dos escritores, em pouco tempo foram edificados no país. Além disso, o México deveria ser identificado com a República, o liberalismo, o constitucionalismo, conceitos fundamentais à época e que foram mobilizados por Díaz, bem como por vários autores. Se a linha que costurava todos os governos até a década de 1870 era a da anarquia, em 1876 ela havia sido cortada e uma nova história, etapa, começara a ser contada: diferente, otimista e triunfal. Para Sousa, a “densidade ou não das heranças é irrelevante, pois que sua força não depende de sua vida interna, mas de sua capacidade de orientar a compreensão.” (SOUSA, 2015, p. 220). Por

fim, ao mesmo tempo em que se exaltava os grandes feitos, outros aspectos eram silenciados, como o multiculturalismo e a diversidade que marcava todo o país. Estes aspectos não eram considerados, pois a ideia em voga era a homogeneização e não o reconhecimento da pluralidade e diversidade. Como vimos no Capítulo 1, os indígenas eram uma questão pensada pelo Ministério da Guerra. Todas as esferas deveriam entrar em consonância com a concepção de presente e de futuro que se tinha à época.

Capítulo 3

A literatura de protesto: conceitos e organização do tempo em escritores oitocentistas (1887-1910)

Señores Diputados: Señores Senadores: Concluida mi reseña de cuanto ofrece algún interés en la tarea administrativa que al Ejecutivo corresponde, sólo tengo que congratularme con vosotros por los progresos alcanzados en lo que atañe á la riqueza del país y á su crédito en el exterior; ventajas que se han obtenido á pesar de dificultades inherentes á la marcha de todo pueblo que, abandonando el tentador camino de la revolución, rara vez fecundo en útiles conquistas, se empeña en la hermosa vía de la paz y del trabajo. La patriótica y eficaz ayuda que continuáis prestando en esta obra de transformación nacional, por fortuna ya muy adelantada, acabará de elevar á México al envidiable puesto que el destino le reserva entre las naciones.

Porfirio Díaz ao Congresso Nacional, abril de 1904.

Es inaudito descaro llamar al Gral. Díaz pacificador de un pueblo que estaba voluntariamente pacificado. El famoso Héroe de la Paz, no fué sino un trastornador vulgar bajo los dos Gobiernos más honrados que ha tenido México; y no es sino es sino [sic] un déspota absoluto desde que la pasividad de los mexicanos le permitió colocarse en la Presidencia. Sus intentos revolucionarios fracasaron ante la energía de Juárez que lo perdonó después de derrotarlo; pero fructificaron bajo el Gobierno de Lerdo que, por patriotismo y por no fomentar luchas que ya no quería el país, se retiró, casi sin resistencia, ante el cabecilla tuxtepecano. El pueblo no tomó parte en la revolución de Tuxtepec: la presencié, y al ver que el Presidente Lerdo se retiraba, aplaudí el fácil triunfo del afortunado Caudillo oaxaqueño.

Regeneración, dezembro de 1904.

Introdução

Como vimos nos capítulos anteriores, o porfirismo sintetizou a história nacional até 1876 nos conceitos “anarquia” e “caos”. No discurso oficial, ambos deram unicidade e homogeneidade ao passado, funcionando como ativas molduras narrativas que orientavam a compreensão sobre o presente. A partir dessa estratégia, utilizada para fins políticos, afirmava-se que o México necessitava de um homem forte que, com pulsos

firmes, mudasse o caminho da nação e a conduzisse ao estágio da modernidade. Na comparação entre os tempos – passado e presente –, o México, sob o governo de Porfirio Díaz, emergia pacífico e organizado. Diante disso, o futuro já era dado como certo: a felicidade e a prosperidade estavam próximas e seriam permanentes. Díaz foi representado como o grande herói que se revolucionou contra Sebastián Lerdo de Tejada – na Revolução de Tuxtepec – para salvar a nação.

O objetivo aqui é explicar e demonstrar como o grande e heterogêneo grupo qualificado de “antiporfirista” também mobilizou eventos e conjunturas passadas do país para deslegitimar, enfraquecer, invalidar e afrontar o governo do presidente Díaz. Se o passado foi utilizado como estratégia política pelo porfirismo, explicitaremos como grupos contrários ao governo tentaram deslegitimar e desconstruir essa trama, destacando e enfatizando outros eventos históricos. Ademais, a esfera oficial e a não oficial estavam em contato a todo momento: percebemos que a elite porfiriana tentou responder às várias críticas que aumentavam cada vez mais a partir do último quartel do século XIX. É importante deixar claro logo neste segundo parágrafo que em nenhum momento afirmamos que os autores analisados nesta última parte da tese possuíram obras e projetos políticos semelhantes. O escopo é mostrar, através da análise de fontes, como a mobilização e a apropriação do passado e de conceitos semelhantes para se posicionar no presente – mas de forma ressignificada, reelabora e através de novos contornos –, ganhou dimensão e lugar de destaque também nos escritos de indivíduos contrários à presidência do oaxaqueño.

Para fazermos um rápido panorama da emergência da crítica ao porfirismo, percebemos que as censuras ao governo começaram, principalmente, a partir do último quartel do século XIX. Filomeno Mata, por exemplo, considerado um importante crítico do presidente, iniciou sua oposição no periódico *Diario del Hogar* ainda em 1887 – principalmente ao reprovar as constantes reeleições de Díaz. De diário voltado aos assuntos cotidianos do país, em 1888, transformou-se em um lugar de crítica perene à administração do general (KRAUZE, 1987; GUERRA, 1991; SERRANO ÁLVAREZ, 2011; TENORIO TRILLO, 2006). Além deste periódico, Daniel Cabrera, Manuel Pérez e Juan Sarabia criaram, em 1885, o *El Hijo del Ahuizote*, jornal satírico com foco nas críticas através de caricaturas, que funcionou até 1903. Como vimos no Capítulo 2, *El Ahuizote* foi adepto do porfirismo, fazendo circular muitas imagens que falavam sobre a importância de Díaz para a nação. Já *El Hijo*, dava a conotação de filho rebelde, que não

seguiu os passos de seu pai. Em 1887, os editores de *El Hijo* foram encarcerados por autoridades do governo e, em 1902, a edição ficou a cargo dos irmãos Flores Magón²²⁷.

Como afirmou, de forma geral, Fausta Gantús:

La acusación de dictador recayó sobre Díaz desde muy temprano en las páginas de los periódicos de humor. En 1877 estuvo motivada por un rumor, del que se habló en varios periódicos de la época, sobre la pretensión de Díaz y sus allegados de promulgar un régimen de ese tipo. Hay algunas imágenes en las que la palabra dictadura aparece directamente sobre la espada que porta Díaz entre las manos. (GANTÚS, 2016, p. 228).

Por conseguinte, em 1900, noticiava-se na Cidade do México o primeiro número de *Regeneración*, também um dos maiores expoentes de condenação ao Porfiriato antes da eclosão da Revolução Mexicana (KRAUZE, 1987; VELÁZQUEZ, 2000; SANTOS, 2012, 2013). Ao analisarmos a produção do periódico, frisamos que os irmãos Flores Magón começaram as publicações com o objetivo de fazer uma crítica jurídica, destinada a denunciar juízes da capital e dos estados que não cumpriam as leis nacionais e a Constituição de 1857. Ao serem perseguidos em 1901 e terem o periódico fechado, passaram a fazer nos próximos anos uma crítica profunda, constante e direcionada ao presidente. Como escreveu Enrique Krauze, “en noviembre de 1904, con la ayuda de un hacendado simpatizante – *Francisco I. Madero* – aparece de nuevo *Regeneración*, que en un momento llega a tener 30 mil lectores.” (KRAUZE, 1987, p. 96 - grifo nosso). No dia 17 de janeiro de 1905, Madero escreveu uma carta à Ricardo Flores Magón, após lhe enviar dinheiro para apoiar o semanário: “Espero que esto le sea de alguna ayuda y cuando se vea muy apurado, avíseme para ver en que le podemos ayudar, pues simpatizamos en todo con sus ideas”. Essas mensagens dão indícios de que muitos dos indivíduos que censuravam o porfirismo se relacionaram entre si e conheciam as produções uns dos outros. Sob o silêncio da tão enfatizada paz porfirista, havia o barulho das vozes dissonantes ao governo.

A partir de 1906, as críticas ao governo começaram a se intensificar (SERRANO ÁLVAREZ, 2011). Neste ano foi criado o Partido Liberal Mexicano, encabeçado pelos também Ricardo e Jesús Flores Magón (diretores do *Regeneración*). Em 1892, Ricardo já havia criticado o governo, censurando a reeleição do oaxaqueño. Em 1893, ele compôs a

²²⁷ “Para los nahuas el ahuzote era un animal, especie de perro anfibio, muy feroz; el término se usaba para designar a «una persona molesta, hostil y acosadora [...] que se ha propuesto molestar a otra.” (GANTÚS, 2004, s/p). O periódico configurou-se como um dos maiores críticos do Porfiriato e as reeleições de Díaz, juntamente com os já mencionados *Diario del Hogar* e *Regeneración*.

equipe de *El Demócrata*, periódico do ativista Joaquín Clausell, um advogado, periodista e pintor que, nesta época, opunha-se à força do Estado em Tomochic, no estado de Chihuahua, e se dizia defensor da liberdade no país²²⁸. Também, como mencionamos, em 1902, Ricardo Flores Magón fez parte do *El Hijo del Ahuizote*, publicando críticas ao governo quando *Regeneración* estava fechado pela administração do general. O principal grupo no interior do PLM foi a chamada Junta Organizadora que, ao longo dos anos, adquiriu tintes anarquistas – principalmente após Ricardo Flores Magón estabelecer contato em St. Louis Missouri com Emma Goldman, Job Harriman e os chamados *reds* do oeste norte-americano. Foi a partir desse contato que John Kenneth Turner passou a se relacionar com os dirigentes do PLM, o que resultou em uma série de artigos em 1909 que denunciaram o porfirismo no *The American Magazine*²²⁹. “Entre 1906 y 1912, los miembros del partido hicieron posible la distribución de varias ediciones [do *Regeneración*] que excedieron tiradas de 20 mil copias.” (GÓMEZ QUIÑONEZ, 2008, p. 174).

Segundo Stanley Ross, os periódicos pré-revolucionários foram elementos fundamentais na formação de uma opinião pública receptiva à ideia de que a mudança política era necessária e importante para o país. Muitas vezes os artigos em semanários possuíam uma circularidade maior do que os livros, pois a produção era mais compacta e barata. Ao analisar a conjuntura mexicana, Ross também afirmou que os periódicos eram mais populares. Para Elias Paltí, “más decisivo aún era su capacidad material [do periódico] para generar *hechos* políticos (sea orquestando campañas, haciendo circular rumores, etcétera), en fin, *operar* políticamente, *intervenir* sobre la escena partidaria sirviendo de base para los diversos intentos de articulación (o desarticulación) de redes políticas.” (PALTÍ, 2004, p. 177 - grifo no original). Ao mesmo tempo em que os discursos de Díaz, as ideias contidas em *México: su evolución social* e a biografia de Bernardo Reyes, mais do que traduzir uma realidade, também buscavam operar, criar uma atmosfera de paz, progresso e modernidade, plasmando a sensação de que o presidente

²²⁸ A chamada guerra de Tomochic foi um conflito que ocorreu em 1892 entre grupos indígenas e o exército nacional durante a presidência de Díaz. Sobre o assunto ver: “A Trajetória Intelectual de Heriberto Frías e a ‘Guerra de Tomóchic’ no México”, de Ival de Assis Cripa. In: *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*, ANPUH, São Paulo, julho 2011, pp 01-16; Hilário Topete Lara, “Los Flores Magón y Su Circunstancia”. IN: *Contribuciones desde Coatepec*, Número 8, Jan-Jun 2005 e Javier MacGrégor: “Dos casos de persecución periodista durante el Porfiriato”. In: <http://www.historicas.unam.mx/publicaciones/revistas/moderna/vols/ehmc15/196.pdf> Acesso em 30 de maio de 2017.

²²⁹ Sobre Turner falaremos no último tópico deste capítulo.

vivia sua apoteose, os periódicos antiporfiristas buscavam intervir na esfera social e política contra o general. Sendo assim, para delimitarmos o escopo do capítulo, diante de tantas produções e periódicos, analisaremos os números de *Regeneración*, explicando a partir de quais estratégias os escritores tentaram desarticular as políticas porfirianas. Contudo, também analisaremos ensaios políticos que caminhavam no mesmo sentido de crítica ao governo e se constituíram obras fundamentais ainda sob o mandato de Díaz, bem como após a eclosão da Revolução Mexicana. São elas: *La sucesión presidencial*, de Francisco Madero e *Barbarous México*, de John Kenneth Turner.

Mesmo que de forma esquemática, o objetivo de pontuar rapidamente estes acontecimentos no início do capítulo é mostrar ao leitor como já existia, de forma dinâmica e perene, uma crítica à administração do general a partir de finais da década de 1880, principalmente relacionadas, neste momento, às suas reeleições. O porfirismo não caiu de forma surpreendente, súbita ou ocasional e nem a revolução foi um estalo repentino. Havia o fato de que toda uma literatura antiporfirista já estava sendo mobilizada desde bem antes de 1910 e os escritores sofriam constantes perseguições por parte do Estado, principalmente os periodistas. Tais acontecimentos podem nos possibilitar inferir o porquê de, por exemplo, a partir de 1900, percebermos a pulverização no país de uma literatura laudatória sobre Díaz, tentando silenciar o discurso de que o presidente era um ditador ou tirano – como vimos a biografia de Reyes e os escritos de Sierra em *México: su evolución social*²³⁰. Cada vez mais, diante dessas vozes dissonantes que começávamos a escutar, o presidente precisava fortalecer o discurso de que a nação caminhava bem, em paz, e de que o povo apoiava seu governo. Como afirmou Charles Hale,

El año 1900 vio también los comienzos de un movimiento “liberal” disidente que atacó de manera frontal al régimen de Díaz. Tuvo su

²³⁰ Se pensarmos as biografias e os ensaios políticos. Tais perspectivas encontramos em trabalhos de vários escritores mexicanos, como foi o caso de Bernardo Reyes (1903) e de Justo Sierra (1900-1902), analisados no capítulo anterior. Embora possuíssem ideias e argumentos divergentes sobre o governo, um ponto de aproximação que percebemos central em suas produções foi a afirmação de que Porfirio Díaz estabeleceu a paz no país. Além disto, havia um grande temor dos mexicanos, explicitado em seus escritos, de que, frente à potência vizinha do norte e sob tais situações internas conturbadas, achando-se o México em uma conjuntura de quase ingovernabilidade devido a todas as agitações, os norte-americanos acabassem ultrapassando a fronteira do Rio Grande e destituindo a soberania nacional.

Como sintetizou Paul Garner, “El porfirismo pone de relieve, sobre todo, la longevidad del régimen, particularmente en contraste con sus predecesores en el México del siglo XIX, y su éxito al lograr una estabilidad y una paz políticas por un periodo de casi 35 años. El Porfirismo también enfatiza las cualidades personales que justifican que Díaz haya monopolizado el oficio de gobernar durante más de 30 años: *inter alia*, su patriotismo, su heroísmo, su dedicación, su sacrificio personal, su tenacidad y su valentía.” (GARNER, 2003, p. 14).

origen en dos fuentes provinciales que pronto se fundieron. Una fue el diario clandestino *Regeneración*, publicado por Jesús y Ricardo Flores Magón, llegados a Oaxaca a la ciudad de México para estudiar leyes. La segunda fue el llamamiento de Camilo Arriaga, un ingeniero de Minas de San Luis Potosí, para que se constituyeran clubes liberales por todo el país y se celebrara una convención del Partido Liberal nacional en su ciudad de origen. (HALE, 1991, p. 220).

Como vimos no Capítulo 1, mesmo e em contrapartida a essa emergente literatura de protesto, o presidente – bem como os membros do Congresso – reafirmou em todos os documentos oficiais que a situação do México era pacífica, ordenada e estável (seja do ponto de vista financeiro, econômico, social, político, etc.). Para ele, tudo caminhava de forma satisfatória no país. A partir do discurso, que possui materialidade e gera consequências práticas na sociedade, intervindo na realidade, o oaxaqueño buscava o apoio nacional e do Congresso, destacando uma retórica Republicana e liberal. Como destacou Paul Garner: “el régimen [porfirista] siguió adoptando el vocabulario del liberalismo constitucional, con constantes referencias a la necesidad de conservar y respetar ‘la voluntad popular’ y ‘la soberanía del estado’, pero, progresivamente, estos términos quedaron vacíos de significados. Mucho más importante como indicador del verdadero carácter del régimen fue el frecuente uso de ‘El Supremo Magistrado’ para describir el poder del presidente.” (GARNER, 2003, p. 207). Frente a essa produção “antiporfirista” – fosse por meio de periódicos ou de ensaios –, o primeiro magistrado reiterava que o país estava pacífico. Para ele, o passado caótico cada vez mais se afastava do presente. Portanto, inferimos que Díaz também procurou, a cada pronunciamento, operar na cena partidária; mais do que transmitir uma informação, buscava apoio aos seus projetos, uma vez que as críticas se intensificavam a cada ano de sua permanência na primeira magistratura. Antes de adentrarmos na análise das páginas de *Regeneración*, citamos um trecho do discurso de Díaz ao Congresso Nacional, datado de 1904; momento político em que vários periódicos já faziam uma censura constante ao Porfiriato,

Señores Diputados: Señores Senadores: Concluida mi reseña de cuanto ofrece algún interés en la tarea administrativa que al Ejecutivo corresponde, sólo tengo que congratularme con vosotros por los progresos alcanzados en lo que atañe á la riqueza del país y á su crédito en el exterior; ventajas que se han obtenido á pesar de dificultades inherentes á la marcha de todo pueblo que, abandonando el tentador camino de la revolución, rara vez fecundo en útiles conquistas, se empeña en la hermosa vía de la paz y del trabajo. La patriótica y eficaz ayuda que continuáis prestando en esta obra de transformación

nacional, por fortuna ya muy adelantada, acabará de elevar á México al envidiable puesto que el destino le reserva entre las naciones.²³¹

Como vimos, após fazer o balanço semestral, o presidente felicitava a si e aos deputados e senadores pelos progressos alcançados. Para ele, o povo mexicano abandonara o caminho da revolução, ou seja, do constante conflito sócio-político, e preferiu o da paz e o do trabalho – estes, condição para a moralidade individual. Com o apoio deste mesmo povo, todo o esforço de elevar o México ao palco das nações civilizadas e projetá-lo ao futuro logo estaria concretizado. Contudo, ao cruzarmos os documentos, percebemos que a partir de 1900, ao mesmo tempo que Díaz continuou afirmando a paz no país, mencionava medidas tomadas para aumentar a polícia na capital, dadas como urgentes; atitude que se tornou comum até sua renúncia ao cargo, em 1911. O presidente a todo momento tentou fortalecer a ideia de que, no presente, existia um clima de paz e o sucesso da mudança em relação ao passado tinha causa clara: seu próprio governo. Em documentos oficiais, Díaz citou a repercussão na imprensa de alguns assuntos discursados no Congresso, o que demonstra uma circularidade das informações nas esferas oficial e não-oficial²³². Contudo, deixava claro a necessidade de aumentar o número de policiais na capital, o que afirmamos ser uma rachadura nesse tão aclamado discurso da paz contínua. Em 1905, ele informou sobre um aumento do corpo da polícia na capital:

Para mejorar el servicio de policía e impedir que su eficacia se debilite por el incesante crecimiento de la capital y de las principales

²³¹ El General Díaz, el 1º de Abril de 1904, al abrir el 21º Congreso Constitucional, el segundo período del segundo año de sus sesiones, p. 695.

²³² Dois exemplos de citações em que Díaz mencionou alguma informação lida através da imprensa, embora não tenha citado nenhum periódico específico.

1) “Vuestra reunión, ciudadanos Diputados, es un hecho fausto: ella pone el cimientó de la obra nueva que la revolución [de Tuxtepec] quiso levantar; cimientó sin el cual nada sólido y duradero puede hacerse; ella aligera la carga de múltiples deberes que pesen sobre el Ejecutivo; ella acalla los rumores maliciosos que, escudados por nuestra liberales leyes se propalan por la prensa, queriendo infundir al país los temores de una dictadura; y ella, en fin, fortifica la confianza en los ánimos, demostrando con el incontestable argumento de los hechos, que comienza ya el imperio de la Constitución y de las leyes.” Discurso Porfirio Díaz, pronunciado con motivo de la apertura de sesiones del Congreso, informando el estado en que se encuentran los diferentes ramos de la administración pública. Abril, 1877, s/p.

2) “La opinión pública estaba en contra de las tendencias del Gobierno, y veía en ellas un serio peligro para la riqueza nacional. Aún entre los gremios mercantiles no se concebía o no se admitía la idea, la posibilidad de cambiar nuestra base monetaria, así es que, ante todo y sobre todo, había que preparar en la opinión las vías de la reforma, que sin esa preparación hubiera fracasado con seguridad. La preparación se hizo por medio de la discusión amplia del asunto, en periódicos nacionales y extranjeros; por medio de consultas y estudios encomendados a especialistas; por medio de la Comisión Internacional de Cambios, cuyo principal objeto fue explorar la opinión de los Gobiernos europeos compradores de plata, sobre la posibilidad de normalizar las compras del metal blanco, con objeto de sostener su valor con alguna firmeza; y por último, por medio de la Comisión Monetaria á cuyo estudio se sometió el temeroso problema.” Em: Contestación del Dip. Rosendo Pineda Presidente del Congreso, abril de 1906, p. 745.

poblaciones del Distrito Federal, la gendarmería de á pie ha sido aumentada con ciento noventa plazas, quedando desde el 1º de Julio con un total de dos mil trescientos treinta y dos gendarmes, sin contar los montados que son cuatrocientos.²³³

Após a notícia do aumento do policiamento na Cidade do México, reafirmou, no mesmo documento, que toda paz e ordem reinavam na capital. Nada deveria ser motivo de preocupação. A estrutura dos discursos, que já explicamos, mantinha-se: mesmo apontando a necessidade de se aumentar a segurança na capital, dizia que a paz já era um fato assegurado. Para ele, a nação estava em ordem, mas o Ministério de Guerra deveria combater os indígenas que se sublevavam e atrasavam a marcha rumo ao futuro. Percebemos nessa estrutura argumentativa que o presidente, recorrentemente, procurou abafar os problemas nacionais a partir da exaltação dos grandes feitos durante sua política. Essa organização narrativa deveria criar a sensação de que o México havia se estabilizado, silenciando as dissonâncias que insistiam em aparecer²³⁴.

O presidente reafirmou em setembro de 1905: “a paz e a ordem legal que felizmente reinam em *toda* a República”. Ou seja, mais uma vez vemos que o discurso da paz era central no porfirismo. Tudo se fazia pela paz, a paz acima de tudo. Ao relacionarmos as fontes e reorganizarmos os discursos presidenciais, percebemos que sob essa lógica da pacificação havia problemas que deveriam ser abafados, já que não se enquadravam no projeto de modernização, civilização, moralidade e cultura oitocentistas. A partir destas reflexões, podemos propor uma nova chave de discussão acerca do tema: Se, de um ponto de vista histórico e moral, não houve povos sem guerra e conflitos nas construções das Repúblicas latino-americanas no século XIX, dizer que Díaz trouxe a paz ao país, sendo necessário agir com pulsos fortes frente a um passado anárquico/caótico – como percebemos em vários discursos tanto de Díaz como dos membros do Congresso (chave de discussão do Capítulo 1) e nas produções analisadas no Capítulo 2 –, não foi um uso político do passado? Questionamos: todos os grupos mexicanos interpretavam a história nacional a partir dessa organização do tempo e da história oficial? Havia paz para quem no México, já que vimos que a questão indígena era latente no país, por exemplo? Quem

²³³ El Gral. Porfirio Díaz, al abrir las sesiones ordinarias del Congreso, el 16 de septiembre de 1905, p. 723.

²³⁴ Para confirmar essa estratégia narrativa, citamos mais um trecho de setembro de 1905:

“Patentes, como lo están hoy, los progresos alcanzados en los diferentes ramos de la riqueza nacional, no es de extrañarse que á ellos correspondan un adelanto semejante en la administración pública, sobre todo si se atiende á los esfuerzos del Ejecutivo para mejorarla, teniendo por base la paz y el orden legal que felizmente reinan en toda la República.” El Gral. Porfirio Díaz, al abrir las sesiones ordinarias del Congreso, el 16 de septiembre de 1905, p. 731.

ou quais segmentos sociais produziam e alimentavam este argumento? Como outros setores políticos mobilizaram o passado e interpretaram o Porfiriato?

Deste modo, focando a pesquisa na análise de diferentes grupos, podemos entender os argumentos de Porfirio Díaz e dos membros do Congresso como usos do passado para legitimar a presidência do oaxaqueño. E não somente, por exemplo, como uma geração de indivíduos que passou pela experiência marcante das guerras civis e das intervenções estrangeiras que aconteceram no país, tendo suas vidas marcadas por esses episódios – caso analisássemos apenas fontes oficiais, como mencionamos no Capítulo 1 e no 2. Como nos explicaram François Hartog e Jacques Revel (HARTOG; REVEL, 2001, p. 22), alguns usos do passado possuem mais atenção e destaque do que outros. A própria história nacional e sua experiência tendem a ser encaradas como um processo natural, homogêneo e coerente, mas é sempre construída, arquitetada, para fins também políticos²³⁵. Veremos nesse Capítulo 3 uma outra forma de experiência e arquitetura do tempo e da história nacional, embora conceitos semelhantes tenham sido mobilizados (caos, anarquia, paz, modernidade, regeneração, revolução, etc.). Como afirmou Valdeci Araujo, historiador que pesquisou a história do Brasil e fez análises que também iluminam nossos problemas de pesquisas sobre o México: “o fundamental é perceber como conceitos centrais adquirem uma nova qualidade.” (ARAUJO, 2008, p. 104). Os conceitos passaram por novas orientações.

Se as instâncias governativas afirmavam que, frente a um passado caótico, cindindo por conflitos intestinos e intervenções externas, a população necessitava da emergência de um homem forte, um herói, que conduzisse o México nos trilhos do progresso, modernização e paz; como a crítica ao governo dialogava com estas ideias? A

²³⁵ No ano de 1909, já em um momento de grande conturbação política, o presidente do Congresso afirmou: “Cada uno de vuestros informes sintetiza una era de la evolución nacional, como su conjunto es síntesis elocuente de vuestra gran obra de regeneración; que á tanto equivale saturar el ambiente de gérmenes puros, orientar indirectamente é insensiblemente los espíritus hacia nuevos y nobles ideales, depurar y encausar por vías sanas y con prospectos más sanos todavía, las múltiples y diversas voliciones del gran todo orgánico que se llama patria. En esa magna obra de concordia, de civilización y de progreso ha colaborado y seguirá colaborando el Congreso de la Unión; y a ella, lo sabéis bien, ha coadyuvado y seguirá coadyuvando, estad de ello seguro, con su recto sentido y buena voluntad, el pueblo mexicano, el pueblo que os es tan querido y en cuyo corazón habéis grabado para siempre vuestro nombre.” O discurso de Saavedra confirmou a regeneração do país por parte do presidente. Desde a independência, os vários conflitos entre liberais e conservadores, bem como as intervenções estrangeiras, degeneraram a política mexicana e o povo. Diante da conquista do novo, Díaz sintetizou com sua fala toda uma era de evolução nacional. Além disto, nesse grande empreendimento porfiriano o Congresso e o povo seguiriam o apoiando; povo que era tão querido, que gravara em seu coração “Porfirio Díaz”. É importante salientarmos como a retórica do povo funcionava como legitimidade para os projetos políticos porfiristas. A mobilização deste discurso foi recorrente.

partir desse momento analisaremos um periódico e dois ensaios políticos (ou literatura de protesto, como muitos denominam) que criticaram, de forma velada ou explícita, o governo do general. O objetivo é entender como foi feita a crítica ao Porfiriato e perceber como passado, presente e futuro também foram mobilizados para deslegitimar o governo. Ou seja, se o porfirismo arquitetou, narrativamente, o tempo histórico nacional a partir de uma lógica dissimétrica, processual e progressiva como instrumento para criar a sensação, no presente, de uma estabilidade e paz geral no país – e, deste modo, legitimar o governo e suas ações políticas; demonstraremos que grupos que divergiam de sua administração reorganizaram o tempo e o passado nacional de uma outra maneira, a partir de uma nova orientação. Os conceitos também ganharam novos significados nessas produções. Se o Porfiriato negava o passado caótico para autorizar as atitudes políticas no presente, seus críticos também fizeram o mesmo: negaram o porfirismo e elegeram outros eventos passados que fundamentassem suas posições políticas, bem como fizeram projeções sobre o futuro. Como afirmou Paul Garner,

Sin embargo, aunque el régimen se volvió cada vez más centralizado y autoritario, había algunas limitaciones importantes de la autoridad presidencial. En otras palabras, el control político del que gozaba Díaz nunca fue tan absoluto como lo aseguran sus críticos, pues el proceso de centralización y de consolidación siempre enfrentó cuestionamientos, desafíos y resistencias en todos los niveles. (GARNER, 2003, p. 104).

Começaremos analisando o periódico *Regeneración* e mostraremos como outros dois escritores: Francisco Madero e John Kenneth Turner de alguma forma se alinharam ou se afastaram das propostas deste jornal. Afirmamos que cada tipo documental requer um tipo de análise (seja periódico, seja ensaio político; uma vez que ambos possuem suportes materiais e públicos-alvo diferentes). Entretanto, a análise dessas produções é importante para fundamentarmos nossas hipóteses e argumentos, pois I) houve a mobilização de conceitos semelhantes aos utilizados pelo governo, mas manejados de forma diferente e ressignificados para confrontar o Porfiriato; II) percebemos uma relação próxima ou tensa que esses autores estabeleceram entre si; III) o sucesso dessas produções à época é comprovado, tendo vários exemplares.

1. Regeneración, um periódico antiporfirista

Durante o Porfiriato houve a pulverização de vários periódicos no México. Dentre as várias temáticas que estes abarcavam, estavam os de cunho político; produções que emitiam uma opinião a favor ou contra o governo do general. Analisar esse tipo documental também é uma estratégia-chave para se pensar o período em destaque, uma vez que os jornais produziram representações sobre a vida política daquela época²³⁶. Como afirmou Ángel Manuel Ortiz Marín: na passagem do século XIX para o século XX havia 2,579 periódicos no país, sendo que 576 eram impressos na Cidade do México²³⁷. Para ele,

Los periódicos eran editados en las grandes ciudades del país como la ciudad de México, Puebla, Guadalajara, Monterrey o Mérida. La capital tenía 326 mil habitantes y el total de la población del país en 1885 era de 12 millones; en 1900 de 13.5 y en 1910 era de poco más de 15 millones (Landa, 2000²³⁸). La prensa política era la más numerosa y residía principalmente en la ciudad de México, *ya que el periodismo, sobre todo el independiente, fue instrumento de política y lucha de poder. El periodismo de este tipo tuvo por objeto, la crítica al poder público.* (ORTÍZ MARÍN, 2013, p. 08 - grifo nosso).

Ao mesmo tempo que percebemos este número de periódicos no país, a partir do último quartel do século XIX houve uma tentativa, por parte do porfirismo, de controlar a opinião pública através do fechamento de jornais e semanários, bem como da perseguição e do encarceramento aos seus editores²³⁹. Diante, principalmente, da terceira reeleição de Díaz, começaram a eclodir no México críticas à sua permanência no poder através de produções independentes de combate e também da criação de Clubes liberais em vários estados²⁴⁰. Não podemos deixar de mencionar que foi em 1892 que o governo

²³⁶ “Por tal razón, adquiere relevancia para el análisis sociohistórico, el papel que adquirió el periodismo, como fue el practicado por los grandes diarios de la Ciudad de México en los casos de El Universal, El Monitor o El Imparcial, los cuales se constituyeron en los espacios públicos en los cuales se expresó el mundo de vida de la sociedad porfiriana (Ferry, 1998).” (ORTÍZ MARÍN, 2013, p. 03).

²³⁷ Entretanto, segundo o autor, é importante mencionar que “la periodicidad de los mismos era diversa, los más eran semanarios, algunos eran diarios; pero es difícil de precisar la condición de la mayoría, pues además se padecían los problemas de la circulación de los ejemplares en un México todavía de carruaje y caballos.” (ORTÍZ MARÍN, 2013, p. 07).

²³⁸ LANDA, María Guadalupe. “Características temáticas de las publicaciones periódicas en el siglo XIX”. In: Gaceta Bibliográfica, Cidade do México: Instituto Nacional de Investigaciones Bibliográficas/UNAM, n. 8, jan-mar/2000.

²³⁹ Como ocorreu, por exemplo, com os editores de *El Hijo del Ahuizote*, *Regeneración*, entre outros.

²⁴⁰ Como explicou Dirk Raat sobre a importância dos Clubes Liberais: “Los miembros ordinarios del PLM se encontraban en muchos clubes liberales, que comenzaron a formarse en México después de 1900, especialmente después de que Camilo Arriaga proclamó un manifiesto desde San Luis Potosí. Ese año se formaron por lo menos 50 clubes como resultado del manifiesto. Después de 1905, se formaron nuevos

estabeleceu o 02 de abril como festa oficial do país. O objetivo foi cristalizar a relação entre sua vida e a vida da nação para fundamentar sua nova eleição: era preciso celebrar esse episódio e plasmá-lo na memória coletiva. Em maio deste mesmo ano, o presidente recebeu oposição à eleição e a essa sua atitude em relação à data – vista como personalista – em uma manifestação ocorrida na capital (CAMPOS PÉREZ, 2016, p. 59). Do ponto de vista de Garner, “las raíces de la oposición política que, después de 1909, se unirían al Movimiento antirreeleccionista dirigido por Francisco Madero pueden rastrearse hasta 1892. Éste fue un año particularmente turbulento para el régimen, cuando la combinación de una recesión económica y una rebelión regional generalizada amenazó con descubrir la ficción de la pax porfiriana. El asunto político central era la enmienda constitucional de 1890 que había permitido la reelección no sólo sucesiva sino permanente de todos los puestos de elección popular, incluyendo, por supuesto, el de presidente.” (GARNER, 2003, p. 205)

Foi neste dinâmico contexto de publicações que emergiu, em 07 de agosto de 1900, *Regeneración*, periódico publicado inicialmente pelos irmãos Ricardo e Jesus Flores Magón, e Antonio Horcasitas. A produção começou como uma crítica jurídica, denunciando a ilegalidade de muitos agentes públicos que burlavam as leis, para logo, em 15 de dezembro do mesmo ano, transformar-se em uma produção de combate direto ao presidente Díaz e à elite política porfirista. *Regeneración* conseguiu atingir uma tiragem de 30 mil exemplares, tornando-se elemento importante de censura ao Porfiriato. Seu público leitor inicial foi composto por pessoas ligadas à jurisdição, mas, ao longo dos anos e com sua mudança ideológica para o socialismo, passou a ser destinado aos mexicanos em geral e, principalmente, aos obreiros²⁴¹. O jornal era um instrumento dinâmico, enérgico e rápido de informação:

Los hermanos Flores Magón, tuvieron una presencia significativa en la historia del periodismo mexicano de principios del siglo pasado, pues su periplo opositor al gobierno de Porfirio Díaz, los condujo a la configuración del Partido Liberal Mexicano, cuyo principal vocero fue el diario *Regeneración*, el cual en sucesivas ocasiones fue clausurado y

grupos afiliados a la Junta de St. Louis Missouri. Muchos de ellos comenzaron en las comunidades mineras de Sonora y Arizona, como el que formó Gutiérrez de Lara en Cananea o el grupo “Obreros Libres” que fundó Guerrero en Morenci.” (RAAT, 1988, p. 36).

²⁴¹ Cf. dois importantes livros que detalham a trajetória política do periódico: BARTRA, Armando. *Regeneración 1900-1918*. La corriente más radical de la revolución mexicana de 1900 a través de su periódico de combate. Cidade do México: Era, 1977 e BARTRA, Armando. “La revolución mexicana en la perspectiva del magonismo”. In: GILLY, Adolfo (Org.). *Interpretaciones de la Revolución Mexicana*. Cidade do México: UNAM, Editorial Nueva Imagen, 1980.

apresados sus editores, los Flores Magón, junto con otros correligionarios. (ORTÍZ MARÍN, 2013, p. 02).

Sobre o suporte material, inicialmente o jornal continha 16 páginas divididas em duas colunas e sem imagens. A maioria das matérias era redigida pelos editores, mas o semanário também possuía contribuintes externos que falavam sobre casos específicos da jurisdição mexicana. Como mencionado, os diretores iniciais foram Jesús e Ricardo Flores Magón, e Antonio Horcasitas; Ricardo também possuía a função de administrador do periódico. Em 15 de dezembro de 1900, Horcasitas desligou-se da direção e, duas semanas depois, as produções começaram a conter o selo de “periódico independente de combate”. A partir de 1904, *Regeneración* mudou a disposição textual para 04 páginas, divididas em 6 colunas, que foram carregadas por uma escrita apaixonada. Sobre esta nova configuração, falaremos em um segundo momento. Como veremos a partir da análise dos números, o jornalismo tinha estreita relação com a política. Cada vez mais se formavam espaços de debates e disputadas travadas a partir dos tinteiros de letrados.

Como estamos analisando produções que demandavam leitura por parte dos indivíduos, não podemos deixar de mencionar a questão da educação durante o Porfiriato. Existiam, à época, poucos leitores por causa da alta taxa de analfabetismo; como afirmou Ortíz Marín: “apenas casi un 30% de la población mayor de 10 años sabía leer en 1910” (Bohman, 1989: 68²⁴²) Los lectores habituales eran las clases medias y altas y los propios periodistas, políticos, comerciantes, maestros, intelectuales y estudiantes adinerados.” (ORTÍZ MARÍN, 2013, p. 07). Para Mílada Bazant, a instrução no país era direcionada para setores mais endinheirados e, principalmente, urbanos²⁴³. Entretanto, embora existisse essa conjuntura específica no México, durante o século XIX houve uma expansão do jornalismo, com um desenvolvimento de novas técnicas, processo de barateamento dos jornais e uma maior inserção e pulverização social do produto, mesmo em países com baixo índice de alfabetismo²⁴⁴. O preço acessível e o jornalismo de tipo

²⁴² BOHMANN, Karim. *Medios de comunicación y sistemas informativos en México*. México: Alianza Editorial Mexicana/Consejo Nacional para la Cultura. 1986.

²⁴³ “En el ámbito educativo hubo importantes acciones en torno a la preparación del sistema de educación que debía regir a las escuelas. En 1889 y 1890, se reunió en la ciudad de México el Primer Congreso Nacional de Educación para unificar los métodos de enseñanza en la República. En este evento se recomendó reemplazar los viejos sistemas educativos por otros más modernos, provenientes del modelo europeo. En 1891, se hizo obligatoria la enseñanza gratuita y laica de los 6 a los 12 años y para la preparación de los maestros, se construyeron varias escuelas normales que en 1901 sumaban cuarenta y cinco (Solana, Cardiel y Bolaños, 1982).” (ORTÍZ MARÍN, 2013, p. 06).

²⁴⁴ Sobre o assunto Cf. SODRÉ, Nelson W. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966 e DIAS, Natally Vieira. *O México como “lição”: a Revolução Mexicana nos grandes jornais brasileiros e argentinos (1910-1915)*. Belo Horizonte. Dissertação de Mestrado, UFMG, 2009.

informativo chamavam a atenção dos letrados. Jornalismo que se pretendia moderno, comercial e massivo, que se impelia a guiar a opinião pública. Ou seja, o objetivo era não apenas informar, mas produzir uma realidade através de seus escritos; além de angariar indivíduos a favor de suas causas e ideias. Segundo Bazant: “en esa época [porfirismo] el mundo de la cultura era limitado de tal manera que aun la lectura de un periódico era un quehacer importante. Se puede decir que el periodismo fue el único tipo de publicación que llegó a todas las clases sociales y estimuló el desarrollo de la lectura. No en balde Pani afirma que no era raro ver a un arriero leer El Imparcial.” (BAZANT, 1993, p. 17).

É importante mencionar que *Regeneración* não nasceu com uma proposta anarquista²⁴⁵. Tal ideia foi afirmada muitas vezes por historiadores que realizaram uma leitura teleológica do jornal e da vida dos irmãos Flores Magón. O próprio periódico afirmou, em seu primeiro número, que sua crítica se referia a uma oposição legalista ao judiciário. Como veremos ao longo deste tópico, podemos perceber três momentos do semanário. Esta divisão foi proposta pelo *Archivo Flores Magón* e, após a leitura de todos os documentos, concordamos com ela: I) o primeiro, entre 1900 e 1901, refere-se a uma crítica direcionada ao judiciário, em que os diretores cobravam o cumprimento correto das leis e, principalmente, da Constituição liberal de 1857. II) Após o jornal ser fechado e reaberto em 1904, já no Texas, a produção se voltou a combater todas as instâncias governamentais e a sugerir uma crítica aberta e direcionada ao Porfiriato. Neste período, também foi proposta a criação do Partido Liberal Mexicano – PLM – como via de salvação da política mexicana e sua renovação. III) Por fim, em sua última fase, a partir de 1906, percebemos nas páginas do semanário a utilização de um vocabulário socialista e, posteriormente, anarquista²⁴⁶. A amizade de Ricardo Flores Magón com Camilo

²⁴⁵ “*Regeneración* fue el resultado de un enorme esfuerzo colectivo intelectual y político en el que además de los hermanos Flores Magón, en el cual participaron los hermanos Juan y Manuel Sarabia, Antonio I. Villarreal, Librado Rivera, Anselmo L. Figueroa y Práxedes G. Guerrero, y también colaboradores de los estados de California y Texas, de los Estados Unidos de América.” (DUARTE RAMÍREZ; ORTÍZ MARÍN, 2010, p. 11).

²⁴⁶ “Os Magón não tinham algo apenas anarquista, mas democrático libertário. A reivindicação posterior de Ricardo Flores Magón (1874-1922) pelo movimento anarquista convidou a leituras simplistas da sua trajetória, ignorando sua fidelidade absoluta ao programa do Partido Liberal, de 1906 até sofrer derrotas decisivas nos campos da batalha revolucionária.” (SANTOS, 2012, p. 287). Santos também citou os autores que alimentaram essa visão de que os Flores Magón sempre foram rebeldes: WARD, Albro S. *Always a rebel. Ricardo Flores Magón and the Mexican Revolution*. Fort Worth: Texas Christian University Press, 1992. MACLACHLAN, Colin. *Anarchism and the Mexican Revolution – the political trials of Ricardo Flores Magón in the United States*. Berkeley: University of California Press, 1991. RAAT, Dirk W. *Los revoltosos. Rebeldes mexicanos en los Estados Unidos (1903-1923)*. México: FCE, 1993. BLAISDELL, Lowell L. *La revolución del desierto. Baja California, 1911*. México: SEP, 1993. Entre outros. (SANTOS, 2012, p. 288).

Arriaga e com socialistas norte-americanos também o incentivou a ler autores considerados dessas vertentes. Quando Ricardo Flores Magón se instalou em St. Louis Missouri, teve contato com o espanhol anarquista Florencio Bazora e com Emma Goldman, imigrante russa no país (RAAT, 1988, p. 49). Desta forma, *Regeneración* nasceu como uma crítica específica e, posteriormente, tornou-se uma produção destinada a criticar Díaz e todos que gravitavam ao redor do presidente.

1.1. Os primeiros números de *Regeneración*

Os jornais produzidos nessa época se colocavam perante a sociedade como materiais necessários para fazer a população enxergar o que acontecia politicamente no país. *Regeneración*, por exemplo, dizia que o povo estava adormecido e que necessitava despertar da condição de atonia que o acossava, cobrando maior participação deste na cena política – como veremos, Madero também utilizou a metáfora da nação adormecida em seu livro de 1909²⁴⁷. Os periodistas se preocupavam em formar opinião, que, de certa forma, também funcionava como uma forma de adesão e controle social. Com o selo inicial de “periódico jurídico independente” os editores afirmavam que a democracia estava enfraquecida pela falta de justiça no país. Para eles, era necessário saltar os olhos à gloriosa época da Reforma, em que a Constituição foi respeitada pelos reformadores. *Regenerar* significava renascer, fazer germinar um momento que havia se perdido no México, então degenerado no presente. O conteúdo do passado ensinava: era necessário mudar o presente, trazendo o que era bom no passado: o respeito à legalidade. Não qualquer passado: o passado da Reforma, de Benito Juárez. No periódico, a refutação do presente era proposta em favor da justiça e da liberdade; pedia-se uma mudança legal. Citamos,

Regeneración en su primera etapa, 1900, estuvo regido por la idea de que la “democracia ha muerto” y comulgaba con la ideología del liberalismo clásico, como ya se indicó anteriormente que provenía de los ideales de la época de la Reforma de 1857. Su interés era desarrollar el ‘espíritu cívico’ del pueblo para restablecer un régimen de libertad. Pero rechaza definitivamente los enfrentamientos violentos. Incluso el lema del primer número de *Regeneración* fue ‘Contra la mala administración de justicia’, pues el primer número refería la corrupción

²⁴⁷ Discutimos mais detidamente sobre o conceito de povo no primeiro capítulo. Também traremos mais elementos para discussão nas páginas seguintes.

imperante de jueces y tribunales (Hernández,1999²⁴⁸). (ORTÍZ MARÍN, 2013, p. 11).

O primeiro número buscou explicar o objetivo da criação do jornal. Diante da convicção de que a justiça estava corrompida, de que muitos fatos estavam sendo resolvidos fora da lei, o periódico se propôs a combater os funcionários que não trabalhavam corretamente. Existia o diagnóstico: os escritores tinham a convicção de que a justiça fora corrompida. Algo atrapalhava o funcionamento natural do corpo jurídico. A solução era buscar os remédios para esses problemas: denunciar os funcionários abertamente e propor a regeneração da legalidade. O escopo era ajudar os que foram injustiçados pelas autoridades judiciais, promovendo, assim, a regeneração do poder judiciário. Citamos um trecho inicial do periódico:

“Regeneración”.

Este periódico es el producto de una convicción dolorosa.

En el discurso pronunciado en la sesión solemne del 9 del pasado Marzo, al reanudarse las sesiones de la Academia Central Mexicana de Jurisprudencia y Legislación, decía sabiamente el Sr. Lic. D. Luis Méndez: «Cuando la justicia se corrompe, cuando alguna vez las causas se deciden más por consideraciones estrañas [*sic*] á la ley que por la ley misma, ¿que corresponderá hacer á los que ejercen la noble profesión del postulante ó a los que velan por intereses que no tienen más garantía para su vida y desarrollo, que una honrada administración de justicia? ¿No deberíamos todos, llegado el caso, constituir en el acto un grupo firme como una muralla para resistir injustos ataques, ó vigoroso como una falange griega, para atacar injustas resistencias?».

Tal como se encuentra, con muy honrosas excepciones, la Administración de Justicia en la República, esa falange griega de que habla el ilustre abogado, se estrellaría, como se han estrellado otras muchas energías al protestar contra la venalidad de algunos funcionarios, consiguiendo tan solo persecuciones injustas ó las injustas resistencias do que habla el Sr. Méndez.

Nosotros no tenemos la pretensión de constituir una falange; pero nuestro vigor juvenil y nuestro patriotismo, nos inducen á buscar un remedio, y al efecto, señalar, denunciar todos aquellos actos de los funcionarios judiciales que no se acomoden á los preceptos de la ley escrita, para que la vergüenza pública haga con ellos la justicia que se merecen. (Regeneración, Año 1, 1ª época, México, 7 de agosto de 1900, p. 01).²⁴⁹

²⁴⁸ HERNÁNDEZ PADILLA, Salvador. *El magonismo: historia de una pasión libertaria 1900/1922*. México: Era, 3a. Ed, 1999.

²⁴⁹ “Quizás más de una vez nuestros ímpetus juveniles herirán con demasiada dureza; pero sírvanos de atenuante nuestro profundo amor á la justicia y el odio que provocan los atentados groseros al derecho. Procuraremos despertar las energías que hay ocultas y que no se manifiestan por injustificado temor. El espíritu público, tan decaído en las actuales circunstancias, dado el momento histórico porque atravesamos, necesita estimulantes enérgicos á fin de que despierte de su marasmo y haga saber sus aspiraciones y sus ideales. Al efecto, ponemos á disposición de todas las personas de la República, las columnas de nuestro periódico, invitándolas á que calcen con sus firmas sus artículos, para que resalte la lealtad en la discusión y no porque queramos rehuir responsabilidades, que desde luego asumimos; pero en todo caso recibiremos con gusto cualquiera observación que se haga á los actos judiciales, y la haremos

O periódico falava da desobediência dos artigos do código civil. A “regeneração” proposta vinha no sentido de um resgate do bom funcionamento da instância jurídica, que se degenerou em corruptelas que escapavam à lei. Para os escritores, a regeneração resgataria a antiga força que o México tinha. Nesse número não apareceu o nome do presidente Díaz. Conceitos como paz, anarquia, caos, ditadura, também não foram mencionados. Apenas é citada a referência “Ciudadano Presidente da República”, mas como um chamamento para que ele tomasse uma atitude contra juízes que atuavam fora da lei. Logo em seguida, ainda no primeiro número do periódico, os escritores reiteraram:

No constituimos una falange, repetimos, pero sí ayudaremos con todas nuestras fuerzas, y pese á quien le pesare, á todos aquellos, que en lugar de recibir justicia de las autoridades judiciales, hayan recibido, con mengua del derecho y de la moral, la vergüenza de una derrota injusta. Por estos motivos vamos á hacer públicos los actos de las autoridades judiciales. Los actos buenos, aquellos que estén arreglados á los preceptos de la justicia, los aplaudiremos; pero aquellos que haciendo á un lado la verdad, y que desquiciando las fórmulas severas de la justicia, solo sean el producto malsano del voluntarioso capricho de los miembros del Poder Judicial, serán objeto de nuestros ataques. (Regeneración, Año 1, 1ª época, México, 7 de agosto de 1900, p. 02)

Indagavam: qual deveria ser a atitude dos indivíduos que velavam pela justiça? E respondiam: tornar pública qualquer tipo de desvio moral dos juízes. Valendo-se de Spencer, autor muito citado no século XIX e início do XX mexicano – como, por exemplo, por Sierra em *México: su evolución social* –, os editores afirmaram que “la mejor protección que deben impartir los gobiernos Republicanos, es la de la justicia.” (Regeneración, Año 1, 1ª época, México, 15 de agosto de 1900, p. 02). Se se partia do pressuposto que o México era uma República, então a justiça, para esses periodistas, deveria, obrigatoriamente, prevalecer no país.

Foi a partir de 15 de novembro de 1900, que o periódico começou a criticar as festas da paz, procissões que ocorriam na capital para celebrar a chamada paz porfirista, principal símbolo de poder e autoridade do governo de Díaz, como vimos no Capítulo 1 e no 2. Além disto, elas serviam para comemorar as vitórias do presidente a cada nova eleição. Em 15 de dezembro do mesmo ano, por exemplo, o periódico expôs que essas

nuestra, si encaja en nuestras convicciones. (Regeneración, Año 1, 1ª época, México 7 ago 1900, p. 02). E no número de 31 de agosto de 1900 reiterou o objetivo do periódico: “«Con ese nombre ha empezado á publicarse en México un periódico que se propone señalar los abusos de la judicatura, enderezar la jurisprudencia, moralizar la gente de curia, etc, etc.» (Regeneración, Año 1, 1ª época, México, 31 de agosto de 1900, p. 03).

parades in commemoration of Díaz's victory in the polls, as well as the subsidy given by the Secretary of Justice for schools to participate in this event, was not a democratic and republican attitude, since it recalled characteristics of a monarchy. The criticism was severe for a government that at all times placed itself as republican, democratic, liberal and modern. The censorship was also not isolated: in this same edition were cited *El Tiempo* and *Diario del Hogar* as newspapers contrary to the official events related to the commemoration of peace. The latter newspaper was created by Filomeno Mata in 1881 with the objective of addressing everyday issues of the capital. In 1888 it changed its focus, also passing to criticize the various reelections of the president. Mata was persecuted and imprisoned. Together with *Regeneración* and *El Hijo del Ahuizote*, he stood out as a critic of the administration of Díaz. We would like to show an illustrative example of the criticism of porfirism carried out by *El Hijo*. In 1890, the following caricature was published:

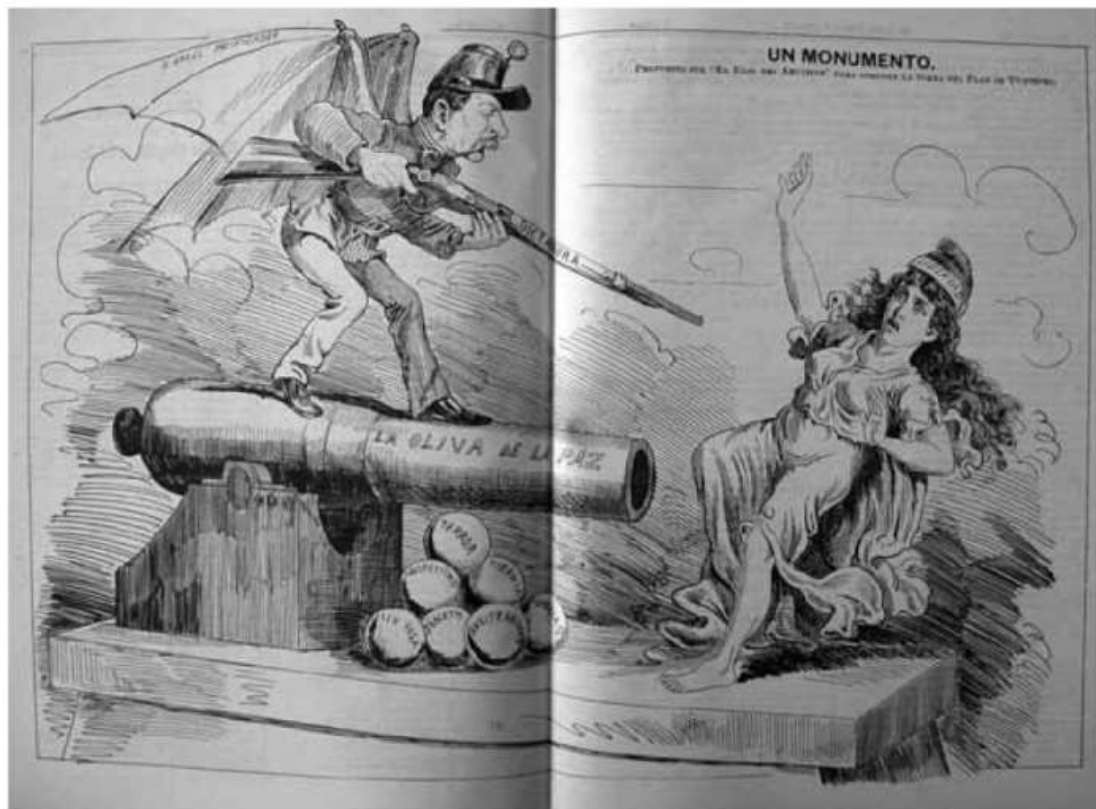


Imagem 9: El Hijo del Ahuizote – 21 de dezembro de 1890²⁵⁰

²⁵⁰ Imagem retirada do artigo de Fausta Gantús. Ver: GANTÚS, Fausta. “¿Héroe o villano? Porfirio Díaz, claroscuros. Una mirada desde la caricatura política”. In: *Historia Mexicana*, DF, vol. LXVI, núm. 1, jul-set., 2016, pp. 209-256. A autora é especialista em analisar periódicos e caricaturas durante o Porfiriato.

Como nos explicou Gantús, a partir da análise da caricatura desenhada em 1890, percebemos que Díaz se transfigurou em um anjo do mal. Sua asa direita trazia o escrito “el ángel pacificador”. Na imagem, o presidente aponta uma baioneta, que representa a ditadura, na direção da mulher. Ela, a personificação da República, sente-se indefesa e assustada perante a atitude do general. Ademais, o primeiro magistrado realiza uma ação amparado na paz, representada por um canhão que, ao invés de garantir o bem, é maléfico e causa grandes estragos. Sobre ele, que o protege, Díaz ganha força, dominando a cena. As balas que esse canhão dispara simbolizam o terror, a tirania, o despotismo, etc., palavras escritas em cada uma delas. Para Gantús, “esto es, con esa y otras imágenes producidas por el semanario se persigue consolidar la idea de que los 14 años de administraciones encabezadas por Díaz y sus correligionarios, tras el triunfo de la causa tuxtepecana, se han caracterizado por el uso de la violencia como estrategia de gobierno.” (GANTÚS, 2016, pp. 230-232)²⁵¹.

É importante apontar que esse poder sublimado de Díaz, ou seja, a concentração de faculdades políticas no campo do Executivo, foi amplamente criticado pelos escritores de *Regeneración*, bem como por muitos outros indivíduos – como Madero e Turner. Se, como vimos nos capítulos anteriores, a emergência de um personagem forte na história mexicana, que conduzisse a nação à prosperidade, à felicidade, à união, fortalecimento, etc., era afirmado como algo benéfico, a crítica dos antiporfiristas frisava outro lado desse complexo poliedro: a supressão de direitos sociais, a concentração de poderes sem limites, a tirania, entre outros aspectos. Como vimos anteriormente, o discurso da ditadura atingiu, muitas das vezes, – através de escritores que validavam o porfirismo – o argumento da necessidade; relacionado a isso estava a questão do povo como o elemento que parecia corroborar com todas as atitudes da vida política. Deste modo, queremos afirmar que, em relação aos conceitos, não podemos os entender como universais e estáveis de sentido, como se eles possuíssem uma base transcendental de significação (HUNT; CHARTIER,

²⁵¹ Explicou Gantús: “La caricatura es por demás elocuente. Díaz aparece transformado en una especie de ángel del mal que domina el escenario nacional con su política de terror. la ironía se acentúa con la leyenda de “el ángel pacificador” inscrita en las alas con las que se le dibuja y con el hecho de que está parado encima de la “oliva de la paz” transformada en un cañón que dispara balas de “terror, tiranía, gabelas, despotismo, ley fuga, asesinato y arbitrariedades”. ése es el monumento “para coronar la tumba del Plan de Tuxtepec” que proponen los redactores de El Hijo del Ahuizote. Esto es, con esa y otras imágenes producidas por el semanario se persigue consolidar la idea de que los 14 años de administraciones encabezadas por Díaz y sus correligionarios, tras el triunfo de la causa tuxtepecana, se han caracterizado por el uso de la violencia como estrategia de gobierno. (GANTÚS, 2016, pp. 230-32).

2001). Não se pode partir da premissa que estes conceitos possuíam o mesmo significado ou uma correlação estreita de sentido.

As críticas apareciam de várias maneiras, seja por meio de notícias, caricaturas, ensaios políticos, manifestações, clubes liberais, etc. Como vimos acima, os símbolos do porfirismo foram muitas das vezes afrontados, como a paz, o poder centralizador do presidente, a República, entre outros. Esses autores também queriam intervir e criar na vida política, mais do que fazer uma tradução da realidade. Se o discurso oficial afirmava a paz no presente em comparação com o passado, muitos indivíduos reprovavam essas afirmações a partir de críticas que utilizavam os mesmos conceitos, mas a partir de uma outra interpretação. Em um mesmo espaço conviviam as censuras e os discursos laudatórios em relação à vida política, e muitos deles mobilizavam o mesmo vocabulário político²⁵².

Voltando ao *Regeneración*, em 23 de novembro de 1900 – dez anos após a crítica dos editores de *El Hijo del Ahuizote*, por exemplo – percebemos censuras que se referiam à forma do governo mexicano. O jornal daquela semana fez um ataque à política que ia se desenhando no país. A matéria foi intitulada “Democracia e autocracia”, uma crítica que extrapolava os limites do jurídico e resvalava em uma censura mais geral. Para os escritores, os valores governamentais estavam invertidos: se recorrentemente o porfirismo afirmava que o México era democrático, por que então o poder e as autoridades não emanavam do povo? Analisando cada detalhe do que ocorria no país, como as Procissões da Paz, a submissão do povo aos governantes e a falta de participação da população na esfera política, parecia que a nação vivia sob um governo autocrático.

Democracia y autocracia.

El pueblo, que es el soberano, ó que más bien dicho, entre nosotros debiera ser el soberano, puesto que las autoridades, en toda democracia, emanan del pueblo, que es el único que puede nombrarlas, eso mismo pueblo, ayer fuerte y viril, ahora se ve sometido por sus mismos servidores.

²⁵² Garner também destacou as várias perspectivas sobre o porfirismo: “Sin embargo, desde la perspectiva del régimen de Díaz, el nacimiento del siglo XX representaba, en muchos aspectos, su apoteosis. Se construían ferrocarriles en cada estado de la república, y la inversión extranjera y las exportaciones fluían dentro y fuera del país. En 1900, las finanzas públicas eran prósperas y Díaz había sido reelecto por quinta vez sin una oposición significativa o una protesta política importante. El régimen tenía la confianza suficiente como para permitir la publicación de 39 ediciones de *Regeneración* durante un período de nueve meses antes de iniciar la persecución o la amenaza oficial. Al mismo tiempo, la proyección de una imagen de paz, orden y estabilidad inalterables era, por supuesto, igual de engañosa. Hubo indicadores importantes de fisuras políticas dentro del sistema político porfirista que se agravarían con la crisis económica de 1907. (GARNER, 2003, p. 205).

Del papel de amo, que desempeñaba el pueblo, ha pasado al de subalterno de sus autoridades. Este hecho que parecería inicuo aun en los pueblos sobre los que pesan los gobiernos más autoritarios, es entre nosotros cosa fácil y hacedera, en virtud del mal tino que siempre ha habido para imponer autoridades, ya que éstas no son elegidas por el pueblo. (Regeneración, Año 1, 1ª época, México, 23 de noviembre de 1900, p. 02).

A autocracia e a subordinação do povo não eram características dos povos republicanos, mas sim autoritários, afirmaram. *Regeneración* denunciava um descompasso entre o que se dizia e o que “de fato” era a forma de governo que havia se configurado no México. Poucas semanas depois, em 15 de dezembro de 1900, foi publicado um artigo chamado “Lo que somos.”, em que se afirmou: “nosotros no somos enemigos del orden, de la paz y del progreso. Por el contrario, somos amigos del orden, partidarios de la paz y luchamos por el progreso. Si algo nos indujo á fundar nuestra publicación, fue precisamente el desbarajuste, y, por consiguiente, el *desorden*, que se nota en la administración.” (Regeneración, Año 1, 1ª época, México, 15 de dezembro de 1900, pp. 01-02 - grifo no original). Devido às críticas que ganhavam recorrência no jornal, os escritores lançaram uma nota em que se reiterava que, por criticarem a administração, não se tornavam inimigos dos principais pilares da época: paz, progresso e ordem. Para eles, havia uma “degeneração” desses aspectos no México e, portanto, era preciso denunciar essa atmosfera de declínio. Comparando passado recente – a época da Reforma – e presente, os autores acreditavam que o México estava degenerando em uma forma de governo que não era a idealizada e defendida pela nação. No presente e no futuro, o povo deveria prezar o retorno àquela época idílica da Reforma, onde a legalidade era seguida. Se o porfirismo destacou o passado das guerras civis e intervenções estrangeiras, *Regeneración* evocou o passado recente legal. As guerras civis e intervenções estrangeiras não ganharam dimensão e destaque nesses trechos. Eram citados apenas os momentos de glória e como eles estavam ameaçados diante da vida política no presente:

No somos, pues, enemigos del *orden*; somos enemigos del *desorden*. El orden consiste en el acuerdo, en la armonía entre los ciudadanos y los mandatarios; de ese acuerdo y de esa armonía somos amigos. Pero cuando el mandatario (la autoridad) desobedeciendo las órdenes terminantes que tiene de su mandante (el pueblo) hace burla del mandato y quiere imponerse como amo, á despecho de los asociados que reclaman la integridad do sus vejados derechos; cuando la autoridad, abusando de la fuerza que le delegó el pueblo, pisotea los derechos y hace pedazos las garantías individuales; destruyendo lo que debe guardar; disolviendo, lo que debe procurar que esté unido; haciendo colmar de amargura el vaso bien lleno de decepciones,

entonces, se produce el *desorden*, al evaporarse las simpatías que debe haber entre las autoridades y los asociados, y entonces, también, protestamos contra ese desorden, contra esa situación anárquica producida por una autoridad descomedida y arbitraria. Somos, pues, amigos del orden, y por lo mismo, de la paz.

Nuestra labor, ruda y peligrosa como toda labor encaminada á desenmascarar el abuso, á exhibir la podredumbre de la arbitrariedad y á hacer que se disipe la pestilencia de ciertas autoridades corrompidas y de los gobernantes que no tengan pudor; nuestra labor, encaminada á disipar las sombras que produce el absolutismo, para que despejada la atmósfera política, puedan las conciencias tender la vista hacia los ideales santos y puros de la democracia; nuestra labor, que procura despertar el espíritu público, para que sea un hecho, y deje de ser una utopía, el mejoramiento moral de nuestros conciudadanos, para lo que signifique actividad pública, que no es otra cosa que el ejercicio de nuestros derechos y el goce de nuestras prerrogativas, es una labor que tiende al progreso, y por lo tanto, también somos amigos del progreso. (*Regeneración*, Año 1, 1ª época, México, 15 de dezembro de 1900, p. 02).

Afirmava-se, portanto, que, se existiam as críticas e as denúncias no periódico, era porque, ao contrário do que o discurso oficial assegurava, o país estava em “desordem” e “anarquia” (novamente atentamos para os conceitos mobilizados). A ordem deveria pressupor a organicidade entre o povo e os governantes. Além disso, ocorria abuso do poder, as autoridades não respeitavam os direitos dos mexicanos e a liberdade individual. Essa conjuntura, sim, configurava-se em desordem e anarquia nacional. O despotismo governamental mascarava a democracia. Para os editores do periódico, a ordem e a paz estavam para a democracia e a República, da mesma forma que a desordem e anarquia estavam para o despotismo governamental²⁵³. O povo, deslumbrado com o progresso, não enxergava o que, de fato, acontecia. As páginas de *Regeneración* não davam mais conta da realidade social: em 31 de dezembro do mesmo ano o semanário trocou o selo de “periódico jurídico independente” para o de “periódico independente de combate”²⁵⁴. Se,

²⁵³ Como afirmou Javier Garcíadiego, *Regeneración* “era un periódico [inicialmente] destinado a los abogados, el tema fundamental era la mala impartición de justicia durante el Porfiriato, pero el periodismo lo llevó [a Ricardo Flores Magón], repito, a la vida política, ya lo había hecho desde 1892 al oponerse a la reelección de Díaz, pero “*Regeneración*” digamos que lo lanzó a una vida de oposición.” (GARCÍADIEGO, 2010, p. 02).

Segundo Rojano García: “Jesús inició a sus hermanos en el periodismo de oposición y fundó *Regeneración*, periódico jurídico independiente, que salió a la luz por vez primera el 7 de agosto de 1900. El título no era gratuito, Jesús era abogado y Ricardo había estudiado jurisprudencia. De esta manera, su formación y experiencia les daba la certeza de que era el poder judicial el que más agravios causaba al pueblo.” (ROJANO GARCÍA, 2014, p. 02). “La Nacional Preparatoria era, por aquellos años, no solamente una de las instituciones más prestigiadas del sistema educativo porfirista, sino uno de los espacios en donde se empezaban a formar los cuadros dirigentes para el régimen. Sin embargo, paradojas de la historia, aquellos jóvenes que gozaban de los beneficios del sistema fueron los primeros en cuestionarlo.” (ROJANO GARCÍA, 2014, p. 01).

²⁵⁴ Citamos: “[Em finais de 1900,] ante la represión que empezaba a crecer en su contra, los Flores Magón ampliaron sus críticas a prácticamente todos los ámbitos de la administración pública. La radicalización en

primeiro, a justiça os fizera fundar o periódico, o novo objetivo era criticar diretamente o governo geral: “nuestros principios han vencido, han sobrepujado al campo notamente jurídico, y han entrado *de lleno* al de la administración general.” (Regeneración, Año 1, 1ª época, México, 31 de dezembro de 1900, p. 02 - grifo nosso)²⁵⁵. Em janeiro de 1901, os escritores afirmaram que existia uma condição de anarquia no país, afrontando um dos principais argumentos que fundamentava o Porfiriato: o discurso da paz porfiriana. Citamos:

La misión de la prensa.

Es un error creer, que el periódico es el reflejo de la opinión pública; si así fuera, no tendría misión alguna que desempeñar, porque no educaría, ni instruiría, reduciéndose al papel do cronista más ó menos fiel y más ó menos ameno, de los hechos vulgares de la vida social.

Las ideas reinantes harían entonces al periodista, siendo que el periodista tiene que hacer reinar á las ideas. Lo primero sería monstruoso, porque sería inmoral. Con efecto, las preocupaciones arraigadas, los vicios sociales, el estado anárquico, los atropellos brutales del poder, consentidos por el público por la fuerza de la costumbre, harían que el periodista hiciera propaganda de esas preocupaciones, la apología de esos vicios y aplaudiera el estado anárquico y los brutales atropellos del poder. (Regeneración, Año 2, 1ª época, México 23 de janeiro de 1901, p. 01).

Como afirmado, o semanário não se constituía o reflexo do que acontecia no país. Era preciso intervir, operar, na vida política e social. A produção das matérias não era simplesmente informativa. Buscava-se transformar a realidade a partir da denúncia das mazelas. O discurso deveria gerar ações concretas. Mudanças. Para Valdeci Lopes de Araujo, valendo-se das ideias de Reinhart Koselleck, “(...) os conceitos são, simultaneamente, produtores e produtos de transformação histórica.” (ARAUJO, 2008, p. 19). *Regeneración* não era o reflexo do que acontecia no México, pelo contrário, era a

su postura quedó plasmada en el propio título de su periódico, que para el último día de 1900 pasó a ser *Regeneración*, periódico independiente de combate.” (ROJANO GARCÍA, 2014, p. 02).

²⁵⁵ “El 5 de febrero del año siguiente RFM [Ricardo Flores Magón] participa en el primer Congreso Liberal convocado por los liberales potosinos, vinculándose así a con la organización política en ciernes de la que llegará a ser el dirigente indiscutible: el Partido Liberal Mexicano. En ese congreso expresa su mítica frase: “la administración de Porfirio Díaz es una madriguera de bandidos.” De regreso a la ciudad de México, funda junto con su hermano Jesús, Diódoro Batalla, algunos miembros del Grupo Constitucional Reformista; del desastrado Congreso Estudiantil, y un pequeño grupo de simpatizantes del general Bernardo Reyes la efímera Asociación Liberal Reformista. La represión al movimiento liberal lo alcanza: el 21 de mayo se le encarcela de nueva cuenta con su hermano Jesús. El 7 de octubre *Regeneración* publica el que será su último número en México. Tras su salida de la cárcel, el 30 de abril de 1902, se incorpora a la redacción de *El hijo del Ahuizote* y busca reorganizar junto con el grupo de San Luis Potosí (Juan Sarabia, Librado Rivera y Camilo Arriaga) la Confederación de Clubes Liberales de la República. El 5 de febrero de 1903 de las oficinas del periódico se descuelga una manta con la leyenda “La constitución ha muerto”. En la fotografía del momento aparece RFM. El 16 de abril, las oficinas del semanario son intervenidas y sus redactores, entre ellos Ricardo, vuelven a prisión.” (BARRERA BASSOLS, 2007, s/p). Explicação retirada do *Archivo Ricardo Flores Magón*. In: <http://archivomagon.net/inicio/biografia/> Acesso em 10 de maio de 2017.

refração. O escopo, de um ponto de vista moral, era analisar e instruir o povo sobre o que ocorria no país: fazer saltar aos olhos o que a população não enxergava. O poder e o abuso das autoridades mexicanas criavam um estado de anarquia, afirmavam. Para eles, isto sim se configurava anarquia. Se o governo afirmava a paz e o progresso, o periódico se perguntava: paz para quem? Quem o progresso beneficia? O povo, que era central nos discursos de *Regeneración*, não tinham acesso a esses benefícios:

(...) No obstante los largos años que llevamos de ser gobernados por la administración del General Díaz que se han empeñado en llamarla del progreso y de la paz, nuestro pueblo no se ha sentido beneficiado por eso progreso, ni ha experimentado los efectos de esa paz.

Veintitantos años hemos tenido de paz, y sin embargo, el bajo pueblo continúa tan ignorante y rudo, como en los lamentables años do la época colonial. (*Regeneración*, Ano 2, 1ª época, México 31 de janeiro de 1901, p. 06).

Afirmavam: Porfirio Díaz já está no poder há 23 anos e o povo não disfruta dessa boa condição. A política porfirista se tornara seletiva, tanto se falava em progresso, mas a condição da maioria da população se assemelhava ao do período colonial, em que o povo era subjugado aos espanhóis. Se os heróis da pátria conquistaram a independência, lutaram pela liberdade, por que não se via esse avanço no século XIX? Acreditava-se que o México vivia sob uma autocracia. No início de 1901, os assuntos que se relacionavam a Díaz começaram a aparecer como primeira notícia do periódico. Sendo assim, vimos a mobilização de duas camadas do passado: primeiro destacaram a Reforma e todas as glórias que os pais da nação conquistaram, assim mencionado pelos periodistas. Em comparação, o presente não mantinha muitas destas conquistas: era preciso “regenerar” o país. Em um segundo momento, comparava-se o presente com o passado colonial. O Porfiriato tinha tantos problemas que se assemelhava a um passado mais longínquo, o colonial. Eles presumiam que os paralelos tornariam inteligível o que acontecia no país e, para mudar a condição nacional, o povo deveria se unir.

Unámonos.

El Gral. Díaz, que cuanto ha querido ha hecho, y que, no conformándose con hacer sentir su personalismo durante su vida de gobernante, por un orgullo incalificable ha deseado que su influencia se perpetúe; el Gral. Díaz, que haciendo á un lado los principios de democracia, mató el civismo al arrebatarse las libertades públicas, amordazando á la prensa, porque decía verdades y encarcelando ciudadanos honrados cuyas ideas republicanas no podían consentir el cesarismo; el Gral. Díaz, que para hacer su voluntad se rodeó de hombres sin vigor, liberales unos y conservadores otros, pero profesando todos el mismo principio: el de la conveniencia; el Gral. Díaz, que después de haber alucinado á nuestros padres, predicándoles una regeneración política ilusoria, los sacó de sus hogares para sostener

el Plan de Tuxtepec, soñando en un gobierno netamente liberal, y por lo tanto, democrático; el General Díaz, que haciendo aprecio de malsanos consejos y torpes insinuaciones, se entregó en brazos del partido conservador y con su decisión hizo huir á los liberales, que no simpatizan con las políticas conciliadoras; el Gral. Díaz, que ha reducido á Estado Central al que tanta sangre y tantos sacrificios costó hacerlo Federal; el Gral. Díaz, que dio muerte al sufragio, para poder elegirse él mismo y poder elegir también á cuanto funcionario pesa sobre la Republica, y que hacen de nuestra querida Patria un vasto circo do autómatas, que no tienen más voluntad que la voluntad del Jefe, del Jefe que en nuestro tenebroso génesis político los sacó de la nada, para investirlos de facultades que les vienen demasiado grandes y darles puestos que resultan demasiado pesados para los enanos del intelecto; el Gral. Díaz, que es el todo en este remedo de democracia, nos entrega atados, en caso de muerte, á la voluntad del Congreso do la Unión. (Regeneración, Año 2, 1ª época, México, 07 de março de 1901, p. 01).

Díaz não foi interpretado como o herói que mudou o país, afastando aquela atmosfera de “caos” e “anarquia” passadas. O poder Executivo era centralista. Díaz, personalista. No trecho acima percebemos que o jornal não criticou a elite política, mas o próprio presidente. A repetição constante de seu nome sintetizava os problemas sócio-políticos em uma pessoa: o primeiro magistrado. Ele tirou as liberdades públicas e individuais, silenciou as ideias republicanas que não condiziam com seu cesarismo e, acima de tudo, seduziu os pais da pátria – Juárez e Lerdo – prometendo uma regeneração política ilusória. Juárez sintetizava os bons valores do oitocentos. Díaz, os maus. Criava-se uma bipolarização no México: para os autores, de um lado estavam os cidadãos honrados e, do outro, os homens sem vigor, que praticavam a política da conveniência e estavam ao lado do general. Díaz, como César, cada vez mais concentrava poderes em suas mãos; o presidente era um “ditador” que governava com qualidades de um “tirano”:

La constitución violada.

Vamos á ver hasta que grado de indiferencia política hemos llegado, dejando pensar y obrar únicamente al Presidente Díaz, que se ha aprovechado de nuestro marasmo para hacer sentir más y más la Dictadura que pesa sobre la República. Sin embargo, no está por demás indicar, que si las instituciones se desquician, si los preceptos Constitucionales se hacen á un lado y de la espada de la ley se hace una arma de dos filos, no somos del todo culpables. Los gobiernos tiránicos acostumbran dar á sus actos un barniz de legalidad, que para los ciudadanos poco ó nada observadores pasan como acciones meritorias cuando, en justicia, merecen la censura enérgica, si no es que un proceso por la responsabilidad oficial que resulta. (Regeneración, Año 2, 1ª época, México, 15 de março de 1901, p. 02).

Na citação acima, os editores utilizam os qualificativos “ditadura” e “tirania”. A concentração de poderes na mão do oaxaqueño era tão grande que o periódico

personificou a culpa²⁵⁶. Não se mencionava seus partidários, o foco era Porfirio Díaz. Com um discurso constitucional e legalista, Díaz conseguia dar uma roupagem legítima ao seu governo. O presidente não era liberal, afirmavam. Diante de sua figura solar e das atitudes sem limites, ele próprio escolhia seus funcionários, implodindo o sistema de voto. Afirmava-se de forma incisiva: “Hemos estado en lo justo al declarar que el Presidente Díaz es conservador y que lo que llamamos República, no es más que una monarquía absoluta. Nuestro sistema de gobierno es una Dictadura militar de las más opresoras, y los ciudadanos son esclavos, son siervos.” (Regeneración, Año 2, 1ª época, México, 07 de junho de 1901, p. 02). “Monarquia”, “ditadura”, “tirania” sintetizavam a atual política. “Servidão” e “escravidão”, o povo. Nessa conjuntura, o futuro tornava-se preocupante. Valendo-nos das reflexões de Araujo sobre o Brasil, “não existe aqui nenhuma tentativa de relativizar os excessos do passado como algo que devesse ser entendido a partir de si mesmo. Estes pecados velhos não estão no passado, são parte do presente. Tal fenômeno se deve não apenas ao fato de a escravidão continuar a existir, mas fundamentalmente porque passado e presente ainda estão incomodamente próximos.” (ARAUJO, 2008, p. 74). Se o discurso oficial era marcado por euforia e otimismo, mostrando as mudanças entre passado e presente, se 1902 sintetizou o triunfo porfiriano com a publicação de *México: su evolución social, Regeneración* alimentava o clima de incerteza e de insegurança: o presente não era pacífico, moderno e ordenado. O tom era pessimista.

Para demonstrar nossas afirmações, citamos um trecho de 15 de abril de 1901:

Nada más absurdo que se nos considere como revolucionarios, pero si lo fuésemos, estén seguros los espíritus apocados y la tiranía misma, que así lo declararíamos, lo confesaríamos con la misma entereza con que hoy rechazamos tan grosera e infundada calumnia, porque no estamos acostumbrados á mentir, nos repugna la hipocresía política y gustamos de las situaciones claras y francas.

Nosotros no queremos revolución, y por esta razón deseamos que haya moralidad administrativa. Por esa misma razón queremos que se eduque al pueblo y se le devuelvan sus libertades, para que en lugar de sostenerlas con ayuda de las armas y derroque á los déspotas á fuerza de disparos, ahogando á los ambiciosos con su propia sangre, ese mismo pueblo se arme de la ley, para que sepa exigir al mismo tiempo que cumplir, y en vez de hacer tangible su soberanía decapitando Césares y ensangrentando el territorio nacional, pueda hacer pesar su voluntad por los medios que la humanidad y la civilización reclaman.

No somos revolucionarios, y por esa razón queremos que haya libertad y que termine la Dictadura, dejando obrar al pueblo según su voluntad. Nosotros queremos que ya no se persiga á los ciudadanos que con

²⁵⁶ Como veremos ao longo do capítulo, estes conceitos, somados ao de “escravidão” e “servidão”, tornam-se centrais na literatura antiporfirista.

honradez manifiestan sus ideas; que terminen por completo las vejaciones y las arbitrariedades repugnantes, porque lo hemos dicho y lo repetimos, la presión es un peligro para la tranquilidad del país. (Regeneración, Año 2, 1ª época, México, 15 de abril de 1901, p. 02)

Ricardo e Jesús Flores Magón não se colocavam como revolucionários e nem propuseram a revolução neste momento. Os historiadores que afirmam o radicalismo dos autores fazem muitas vezes uma leitura enviesada e teleológica. Ao analisar todos os números de *Regeneración* até 1911, percebemos as várias fases dos escritores e como os conceitos foram mobilizados em cada época de escrita apaixonada. Em finais de 1900 e em 1901, já percebemos uma crítica aberta e direta ao porfirismo, mas a solução para esse problema não estava na revolução, mas na participação do povo no cenário político, recuperando os aspectos republicanos e democráticos que propôs Juárez durante seu governo. Diante da ditadura, da roupagem e do discurso legalista oficial, o México precisava ser “regenerado”. Ou seja, tornar a gerar uma moralidade administrativa que se perdera com Díaz. Se, nos primeiros números, pedia-se regeneração jurídica, o conceito, a partir de finais de 1900, foi expandido para todas as áreas. O povo deveria ser educado para se tornar o motor da mudança; para que eles aprendessem a usar da lei e não das armas para transformar a conjuntura sob a qual viviam. As afirmações iam no sentido de que existia anarquia no país e ela era fomentada pelo presidente e pelas demais autoridades. A ditadura estabelecia-se em ondas. Do Executivo à localidade. A política de Díaz configurava-se como “anárquica” e “despótica”²⁵⁷:

16 de Septiembre de 1810.

Los pueblos dignos, no pueden soportar cadenas. Cuando los déspotas oprimen, los pueblos parecen como que se conforman con la opresión, pero en realidad, en los cerebros germina, inconscientemente, la noción de algo que se opone a la opresión, de algo que está en abierta pugna con la tiranía, y ese algo imposible de definir cuando está en embrión, se encandeece en todos los cerebros cuando una voluntad superior lanza potente y viril la idea redentora.

Hidalgo fue la voluntad viril que difundió la idea de nuestra independencia, que alumbró todas las inteligencias y tuvo eco simpático en los pechos de los buenos mexicanos. La idea prosperó, porque los pueblos dignos no pueden soportar cadenas, no pueden ser esclavos y estallan, y en su explosión arrastran los viejos solios de los déspotas.

²⁵⁷ “Si desea el Presidente Díaz evitar la anárquica situación que originaría la impunidad del delito de ultrajes a la autoridad, debe también evitar la anárquica situación que origina la complacencia hacia el delito de abuso de autoridad. Entre estas dos anarquías, la segunda es la más peligrosa, porque el pueblo oprimido estalla y se rebela y la autoridad no tiene el poder popular. Por otra parte, la práctica del Gral. Díaz viene a ratificar lo que tantas veces hemos dicho: que es un opresor, y como tal, gusta de que se le respete, sin preocuparse del respeto que debe al pueblo. Sus subordinados, siguen su misma política personalista y de allí toda esa serie de vejaciones que se ramifican en toda la República. El egoísmo oficial, más repugnante que el egoísmo individual, produce esa desigualdad tremenda que se alza como una pavorosa interrogación en el futuro.” (Regeneración, Año 2, 1ª época, México, 07 de setembro de 1901, p. 04).

El poder del pueblo no puede ser avasallado por nadie. La tiranía más ruda y feroz tiene que someterse á la voluntad del pueblo porque el pueblo es el soberano. Y cuando los tiranos se oponen á que el pueblo haga su voluntad; cuando poseídos los cesares de un delirio enorme de poderío y grandeza, se atreven, en su locura, á contrariar las aspiraciones populares, los cetros son destrozados y hechos astillas los tronos, irguiéndose sobre las regias ruinas y las quebrantadas cadenas, la libertad, que es la aspiración suprema de las democracias. (*Regeneración*, Año 2, 1ª época, México, 15 de setembro de 1901, p. 01).

O periódico alertava sobre o futuro do México. Não era mais aquele futuro certo, próspero e feliz do discurso oficial. Os periodistas diziam que a atitude diante da opressão não era a submissão, como a tirania cogitava. Diante da condição da servidão – e muitas vezes escravidão – o povo, unido, guiado por um indivíduo iluminado, mostrava-se forte, desejando a salvação. O passado novamente ensinava: mencionava-se o processo de independência. Hidalgo, o pai da pátria, que lutou no processo de independência contra a Coroa espanhola, rebelou-se diante da atmosfera que o acoitava. Não lutou sozinho. O domínio espanhol criava um laço de identidade entre os indivíduos e logo o padre ganhara adeptos. O presente não seria diferente: o povo poderia se revoltar contra Díaz. A imagem de Hidalgo foi resgatada e utilizada tanto para legitimar o governo do general quanto para afrontá-lo. Era uma forte imagem simbólica nessa disputa política. Ademais, o conceito “redenção” foi usado na citação acima. Como sabemos, o termo possui uma conotação religiosa e, segundo a definição teológica, significa a salvação, a libertação, em que o indivíduo passa a crer em Deus, libertando-se da escravidão do pecado. No Novo Testamento, o redentor do povo é Cristo, quem liberta o fiel da escravidão dos pecados. Valendo-se de um vocabulário de tradição bíblica, mas com uma roupagem secularizada, *Regeneración* frisou a salvação do povo através da independência. Esses paralelos tinham o objetivo de focar o governo de Díaz: sob sua administração situação semelhante poderia ocorrer, ou seja, uma forte insubmissão de todos perante o governo. Mais do que salvação, o povo seria libertado. Esse vocabulário não foi utilizado de forma pontual, como analisaremos mais abaixo, Juárez foi qualificado pelo periódico de o “Redentor” do México.

Em 7 de outubro de 1901, saiu o último número de *Regeneración* e o periódico foi fechado pela polícia porfirista, sendo retomado apenas em 1904, com publicação em Laredo, Texas, e com novo formato. Como explicou Fabio Santos, “depois de sofrer seguidas prisões por sua atividade a frente do jornal *Regeneración*, em junho de 1904 a

Suprema Corte ratificou a proibição de circular qualquer periódico contendo escritos de Ricardo, sob pena de 2 anos de prisão, multa de 5000 pesos além de confiscação dos equipamentos de impressão.” (SANTOS, 2010, p. 118). Com a opção do exílio nos Estados Unidos, Ricardo Flores Magón continuou sendo o diretor. Enrique, seu outro irmão, era o administrador e Juan Sarabia o chefe de redação. A escrita, como veremos, mudou. As críticas se tornaram mais enfáticas²⁵⁸. Após Laredo, Ricardo Flores Magón e outros liberais passaram a San Antonio, também no Texas e, posteriormente, ainda sob perseguição governamental, foram para St. Louis, no Missouri (a partir de 25 de fevereiro de 1905). O Missouri foi importante lugar de refúgio para definir algumas ideias de Ricardo Flores Magón a favor do anarquismo. Muito por isso, Madero rompeu anos depois com o magonismo²⁵⁹.

1.2. *Regeneración* desde os Estados Unidos: a crítica entre fronteiras nacionais

Em 05 de novembro de 1904, o periódico, publicado em San Antonio, ainda possuía o selo de periódico independente de combate. Os autores afirmaram que a tirania os levou ao exílio no vizinho do norte. Logo na primeira página do jornal escreveram: “un vendaval de salvajismo desató en todo el país; el exterminio fue una bandera; el atentado fue una ley.” (*Regeneración*, Ano 1, 2ª época, San Antonio, Texas, 05 de novembro de 1904, p. 01). Novos conceitos foram mencionados para se interpretar o que ocorria no México: a repressão era tanta que a sensação era de “selvageria”. Também se usava “extermínio”. Cada ano que se passava tornava a situação do país insustentável. Ademais, a imagem de Díaz como a encarnação da pátria traria problemas para o futuro da nação. Novamente o horizonte de expectativa se anuviava. Citamos:

La lucha desde el extranjero.

²⁵⁸ Para Trujillo Muñoz, “La reacción de la dictadura los lleva a la cárcel. En 1904, acosados por todas partes, huyen a Estados Unidos. Escapan de México para seguir combatiendo la tiranía, pensando que allá estarán a salvo de los ataques de la dictadura. Pero esa es una ilusión. Mientras fundan el Partido Liberal Mexicano en 1905 y vuelven a publicar *Regeneración*, Ricardo Flores Magón y los integrantes del PLM son sujetos, por elementos pagados por la dictadura, a espionaje, allanamiento de sus casas y oficinas, destrucción de su imprentas y publicaciones, secuestros e intentos de asesinato, calumnias y campañas de desprestigio (llamarlos filibusteros o vende patrias es una de las tantas mentiras que se les imputan), compra de testigos para que declaren en su contra en las cortes estadounidenses y así poder extraditarlos a México, etcétera.” (TRUJILLO MUÑOZ, 2012, p. 18).

²⁵⁹ “En St. Louis se convirtió en socio del anarquista español Florencio Bazora y de la inmigrante rusa Emma Goldman, quienes dirigían allí reuniones anarquistas. Y serían los residentes alemanes y rusos de St. Louis (liberales, socialistas y anarquistas) quienes primero llegarían en su ayuda en octubre de 1905, cuando fue arrestado por una acusación de difamación iniciada desde México. Fueron ellos los que obtuvieron el apoyo público que llevó a la liberación oficial de Ricardo y Enrique Flores Magón y de Juan Sarabia en enero de 1906”. (RAAT, 1988, p. 49).

Los opresores de los pueblos siempre han ambicionado rodearse de un prestigio divino, para ofrecerse á la vista de la multitud como seres formados de una substancia distinta al grosero barro de que está formado el resto de los mortales. Esa tendencia á divinizarse no es un fenómeno sin explicación: es completamente natural, es una consecuencia de la característica soberbia de los déspotas, á la vez que un medio que les sirve para ocultar sus deformidades, poniendo entre la multitud y ellos el misterio que envuelve á las ficciones místicas.

Los déspotas de todas las épocas han sido á la vez que jefes del Estado, jefes de la Iglesia, y se han hecho y se hacen pasar como los representantes de un ser sobrenatural.

En virtud de su naturaleza divina, los déspotas nunca han permitido, ni permiten, que se les discuta. Sus actos, buenos o malos, son actos que ningún mortal puede discutir, pues que esto equivaldría á tanto como discutir los misterios divinos, cosa que solo los herejes ó los impíos pueden hacer.

En la presente época los déspotas divinizados son escasos. Pocos son los que á pesar de la civilización recurren al expediente celestial para ponerse fuera del alcance de la crítica, del examen ó de la discusión. Sólo en las naciones bárbaras ó semibárbaras imperan déspotas de carácter divino. Pero una nueva mistificación ha sucedido á la primera. Los déspotas, ya que por el avance y la cultura de las sociedades modernas no pueden hacerse pasar como representantes de la divinidad, pretenden hacerse considerar como la personificación de la patria.

El Gral. Díaz, opresor de nuestra patria, debe haber experimentado deseos vehementes de divinizarse. Su naturaleza inclinada á la opresión, le inducía á ello, pero los habitantes de México han alcanzado una cultura nada propicia á los despotismos en nombre de las divinidades. No quedaba al Gral. Díaz otro recurso que modernizar su despotismo haciéndose pasar como la personificación de la Patria.

A eso han tendido todos sus esfuerzos. Ha comprendido que lo más caro, que lo más sagrado para todo mexicano honrado es la Patria, y que, haciendo creer que él personifica á la Patria, todo el cariño y el amor de los mexicanos convergiría en él en un solo himno, en un solo aplauso, en una sola glorificación. (Regeneración, Año 1, 2ª época, San Antonio, Texas, 19 de novembro de 1904, p. 01).

No trecho, explicaram que, nos despotismos antigos, o governante vestia a roupagem do prestígio divino para legitimar seu poder. No XIX, essa forma de ganhar autoridade podia ser percebida através da encarnação da pátria: o governante, personificando a Pátria, destacava e distanciava-se do povo, tornando-se respeitado pela grande maioria que enxergava legalidade em suas ações. Para os autores do periódico, em suas estratégias políticas, Díaz não podia se colocar como Deus para ganhar autoridade, mas se colocava como a figura e a síntese da nação. A forma como era representado pelo Congresso e por si mesmo convergia com a própria história nacional: um general que combateu o passado caótico e se revolucionou em 1876 para levar o México ao futuro. O presidente era representado como o próprio divisor de águas entre os tempos. Para os irmãos Flores Magón, essa estratégia de mobilização do tempo nacional tinha como

objetivo ganhar adeptos e respaldo social. Criticava-se a paz e a figura de Díaz como herói. *Regeneración* censurava tudo que o discurso oficial afirmava. Em 31 de dezembro de 1904 os escritores afirmaram: a Pátria e o povo precisam de salvação.

Es inaudito descaro llamar al Gral. Díaz pacificador de un pueblo que estaba voluntariamente pacificado. El famoso Héroe de la Paz, no fué sino un trastornador vulgar bajo los dos Gobiernos más honrados que ha tenido México; y no es sino es sino [*sic*] un déspota absoluto desde que la pasividad de los mexicanos le permitió colocarse en la Presidencia.

Sus intentos revolucionarios fracasaron ante la energía de Juárez que lo perdonó después de derrotarlo; pero fructificaron bajo el Gobierno de Lerdo que, por patriotismo y por no fomentar luchas que ya no quería el país, se retiró, casi sin resistencia, ante el cabecilla tuxtepecano. El pueblo no tomó parte en la revolución de Tuxtepec: la presencié, y al ver que el Presidente Lerdo se retiraba, aplaudí el fácil triunfo del afortunado Caudillo oaxaqueño. (*Regeneración*, Año 1, 2ª época, San Antonio, Texas, 17 de dezembro de 1904, p. 01).

Esse trecho é central para fundamentar a hipótese do nosso último capítulo, pois percebemos uma outra forma de organização do tempo e da história nacional, arquitetado para enfraquecer o porfirismo. Houve uma mudança de interpretação. Afirmou-se na primeira frase: “o povo já estava, voluntariamente, pacificado”. Segundo o periódico, existia paz no país durante os governos de Juárez e de Lerdo – destacados como os presidentes mais honrados que o México já teve²⁶⁰. Sendo assim, a Revolução de Tuxtepec se tornava ilegítima. Para eles, Díaz havia perturbado, transtornado, o que os presidentes anteriores conquistaram. O general já havia tentado revolucionar na batalha de Tecuac contra Juárez. Lerdo, na batalha de Tuxtepec, retirou-se da presidência pelo México; para não fomentar conflitos no país. Todos agiram por patriotismo, menos Díaz. Resgatava-se um passado recente para rebater a situação política no presente. Não se mencionava o passado nacional mais remoto, como a independência ou as guerras civis.

²⁶⁰ “Si la libertad es el don más precioso de los pueblos, el hombre que puede conquistarla y difundirla, tiene que ser grande entre los grandes. Así fué Juárez, que, desdeñando apariencias y oropeles, quiso dar á su Patria la mayor de las glorias y el más incomparable de los bienes: la libertad. Vista la gigantesca figura de Juárez, desde las sombras que envuelven á nuestra generación oprimida y esclava, más luminosa y radiante la contemplamos, como contemplaríamos, desde las entrañas de la obscuridad, á un sol deslumbrador, pero lejano.

Por el contraste entre nuestra propia pequeñez, y la grandeza insigne del indio de Gueletao [*sic*], más lo admiramos y con más humilde veneración rendimos culto á su nombre y su memoria.

¡Año por año, en el aniversario de la muerte material del gran Patricio, nos consagramos á glorificarlo, ¡pero que glorificación tan miserable resulta la nuestra, contenida en sus pompas y sus entusiasmos, por las mil trabas que nos oponen nuestros señores y nos oponemos nosotros mismos! En la tumba del Libertador no podemos hablar de libertad, porque ese vocablo es considerado por nuestros amos como una ofensa á su dominación, y nuestra cobardía nos impide pronunciarlo; no podemos maldecir las tiranías, porque nos amenazará la mirada torva de un esbirro, y el espanto nos hará enmudecer.” (*Regeneración*, Año 1, 2ª época, St. Louis, Missouri, 15 de julho de 1905, p. 01).

Assim, o Porfiriato emergia, agora, como o caos, a anarquia; aos olhos dos periodistas, a qualificação “herói da paz” não era legítima. Se Díaz permanecesse no poder, o futuro do México seria triste. Havia a sensação de que o futuro escapava. Desta forma, qual seria a saída para salvar a nação?

La herencia de la Dictadura: inevitable caos.

Es triste nuestro porvenir, pero ya que es inevitable, veámoslo de frente, no nos engañemos solos con esperanzas vanas que provocarán tristezas más acerbadas cuando sean desvanecidas. Solo sí, es bueno que no olvidemos la dura lección que hemos recibido, para que en el futuro no entreguemos nuestro poder al primer ambicioso que nos salga al paso prometiéndonos los esplendores de un porvenir glorioso, para que confiados é inermes nos entreguemos á la abyección y á la deshonra. Porfirio Díaz nos ha engañado. Hace veintiocho años que nos prometió la felicidad de la Patria. Ensangrentó el país para llegar al Poder, y cuando se derrumbe la existencia de ese hombre funesto nos dejará un legado de incendio y de matanza.

Pero de ese caos saldrá nuestra libertad si para entonces estamos preparados los liberales, los que tenemos fe en los principios redentores que guardamos con cariño. Pensemos, pues, seriamente en el porvenir, y reorganicémonos con la tranquilidad que la gravedad del caso requiere. De ese modo, cuando nuestros enemigos jurados inicien la disolución, los liberales formaremos un cuerpo compacto que la evitará por la sola virtud de una cohesión hecha efectiva por el sentimiento patriótico de nuestros correligionarios y por el solo prestigio de nuestra solidaridad. (Regeneración, Año 1, 2ª época, San Antonio, Texas, 07 de janeiro de 1905, p. 01).

Pensava-se no passado, no presente e no futuro. Como vimos, o passado estava pacífico, o presente degenerado e marcado por cesarismo, tirania, ditadura, selvageria e extermínios. O futuro, diante dessa lógica, mostrava-se preocupante e triste; tornava-se cada vez mais inacessível e fugidio. O elemento da tristeza é importante, pois refutava o discurso porfiriano de que Díaz orientava o México a um futuro próspero e feliz. O próprio presente tornava-se pedagógico: tal conjuntura nunca mais deveria ocorrer no país. Os mexicanos, unidos, não podiam permitir forma de governo similar. A Revolução tuxtepecana, interpretada nos discursos ao Congresso Nacional como “necessária” para promover a mudança nacional, ganhou um novo significado: ela ensanguentou o solo pátrio. Mais uma vez os escritores se valeram da ideia da “redenção”: conquistando a liberdade, o povo não seria mais subjugado por nenhum governante, atingindo sua salvação e libertação. Como escreveu Enrique Krauze sobre o mito da redenção: “enquanto houver povos imersos em pobreza e desigualdades, os redentores aparecerão e procurarão conduzir e libertar aquelas pessoas.” (KRAUZE, 2011, p. 572). Cada vez mais se fazia necessária a união dos cidadãos para modificar o presente e o futuro da nação, afirmavam: “el Gral. Díaz, no satisfeito de oprimirnos durante su vida, quiere que,

después de su muerte, siga pesando sobre nosotros su fatídica tiranía, y ha nombrado por bando solemne y previa farsa electoral, al que debe ser nuestro opresor en el futuro.” (Regeneración, Año 1, 2ª época, San Antonio, Texas, 14 de janeiro de 1905, p. 01). Era um fato: se tudo continuasse como estava o futuro do povo seria infeliz. As esperanças da nação, sem atitudes concretas, não mudariam os rumos do México. Díaz, para os periodistas de *Regeneración*, prometeu a felicidade, mas não a conquistou; o discurso da Revolução de Tuxtepec não era para salvar o país, mas para o ajudar a chegar no poder. Era preciso fazer algo. Os preceitos liberais do passado deveriam estar no horizonte do futuro. O presente tornou-se o interregno ruim entre os tempos.

É interessante observar como as interpretações sobre a Revolução de Tuxtepec mudaram conforme os interesses políticos de cada produção. Para estes periodistas, ela era o marco de uma época de governo ilegítimo e não mais o evento que possibilitou o desenvolvimento nacional. Os liberais deveriam se unir para salvar a nação. Não se podia esquecer a Reforma, época em que o liberalismo não havia se degenerado em uma ditadura; a proposta era que se resgatasse um compromisso com o liberalismo clássico, sintetizado na imagem de Benito Juárez²⁶¹. Para o *Regeneración*, o porfirismo emergiu como a distopia da tradição liberal mexicana construída por Juárez. A salvação do México, para os autores, era, em 1905, o PLM. A administração do general passou a ser o evento errante entre dois tempos: o juarismo e o futuro ainda indefinido; ela tornava-se o não-lugar na história do México e deveria ser superada. Para Dirk Raat, “de todos los grupos revoltosos de la era anterior a 1911, el PLM (Partido Liberal Mexicano) o movimiento magonista fue el mejor organizado y el más extenso.” (RAAT, 1988, p. 27). Afirmaram os envolvidos:

La única organización posible por ahora, ya que la tiranía no permite ninguna labor política franca, creemos que sería el establecimiento de un centro Director, reconocido por todos los liberales, que fuera el punto de unión entre ellos, que, con la autorización debida, hiciera trabajos en pro de la Causa Liberal, y que mantuviera siempre sólida la cohesión del Partido, para cuando fuera posible que éste surgiera abiertamente á la luz pública.

Repetimos que esta idea de reorganización del Partido Liberal, no es más que un esbozo. Próximamente trataremos este importante asunto con más amplitud y en términos más concretos, y entre tanto, confiamos en que nuestros correligionarios, los que, como nosotros, anhelan para la Patria en el futuro las felicidades [que en el presente no disfruta, secundarán las ideas que dejamos expuestas, no desconociendo la

²⁶¹ Lembrando que, em 1901, Camilo Arriaga organizou em San Luis Potosí o Congresso Liberal, justamente no dia de aniversário da Constituição de 57, uma data simbólica para o liberalismo mexicano.

necesidad de que el pueblo se prepare, por medios prácticos, á recobrar sus libertades.

Ya es tiempo de que el Partido Liberal tenga conciencia de que una vez más debe salvar á la Patria, que lo reclama en su desventura, y es tiempo ya de que los que nos honramos en militar bajo las banderas de ese Partido glorioso nos aprestemos á cumplir virilmente con nuestro deber de liberales y de patriotas. (Regeneración, Año 1, 2ª época, San Antonio, Texas, 18 de febreiro de 1905, p. 01).

Diante do diagnóstico tantas vezes mencionado, a solução para a enfermidade nacional seria a criação do PLM; uma tentativa de união dos adeptos para, em um momento possível, concorrer às eleições e renovar a política. A chave de mudança legítima do país seria plausível através do Partido. Era preciso salvar a pátria, que não desfrutava da felicidade tantas vezes afirmada pelo governo. No livro *Salvar la nación: intelectuales, cultura y política en los años veinte*, Patricia Funes, ao analisar escritores do século XX, afirmou que, no começo desta época, intelectuais e polígrafos atentaram-se em analisar o “povo”, as características da alma nacional, etc. – a autora estudou casos latino-americanos. A questão social ganhou uma dimensão importante nas obras e, segundo ela, havia uma preocupação sociológica que buscava entender as patologias da sociedade (FUNES, 2006, pp. 73-75). Constatada essa necessidade, um mês depois, em 18 de março de 1905, o jornal chamava o povo para aderir à ideia do periódico²⁶². Nesta data, os editores escreveram que, no México, florescia o desejo de liberdade. O povo estava acordando daquela condição de atonia descrita nos primeiros números de 1900. Ele não era um entrave à modernização e ao progresso do país, pelo contrário, era o motor da mudança nacional. Era preciso que todos se organizassem para novamente erguer a República²⁶³.

²⁶² “Los militantes y simpatizantes mexicanos del PLM provenían mayormente de dos sectores: uno representado por una amplia base de seguidores, que en una etapa inicial estaba constituida por personas de la clase media baja y por artesanos, y otro compuesto por trabajadores industriales y obreros de diversas ramas; tanto el uno como el otro con presencia en México y Estados Unidos. Estos grupos se multiplicaron vertiginosamente entre 1906 y 1908, gracias a la difusión e impacto que causaron Regeneración y otros proyectos periodísticos, pero la actividad organizativa declinó después de 1912.” (GÓMEZ QUIÑONEZ, 2008, p. 177).

²⁶³ Ainda se fala em regeneração. O PLM, para eles, será a aurora da redenção:

“A la invitación hecha por la Junta Organizadora del Partido Liberal Mexicano, cuya matriz reside en St. Louis Missouri, E. U. A., debemos responder con ánimo viril y abierto el pecho, todos los verdaderos liberales que aún no hemos sacrificado nuestra dignidad y nuestra conciencia, ante las sangrientas aras de la más aborrecible de las autocracias. El espíritu público, como un muerto que resucita y que sacude el polvo de su fúnebre sudario, empieza á agitarse anunciando los días de una anhelada regeneración. ¡Regeneración! Tal es el grito que lanzan en el fondo de su pecho todas las conciencias, de Yucatán al Bravo y de las costas del Atlántico á las del Pacífico. Una nobilísima vergüenza enrojece los rostros que la autocracia ha cruzado con su látigo y esta vergüenza cundiendo en las masas, determinará en un porvenir no muy lejano, una de esas reacciones que á la autocracia parecen imposibles en medio de los festines de su gloria y en las grandes paradas donde el sol hace resplandecer los metales de los cañones y las hojas cortantes de retemplados aceros. Cuando los autócratas montados en soberbios frisonos y seguidos de

Em 1906, o PLM foi criado por Juan Sarabia, Antonio I. Villarreal, Librado Rivera, Manuel Sarabia, Rosalío Bustamante, Enrique e Ricardo Flores Magón²⁶⁴. Como afirmou Raat, “el manifiesto de julio de 1906 aceleró la creación de nuevos clubes [liberáis] a lo largo de la frontera y en México. Con más de 750 000 ejemplares del manifiesto en circulación, el apartado postal de St. Louis Missouri, comenzó a recibir una corriente continua de regalos, préstamos y suscripciones. Para fines de agosto de 1906, Regeneración tenía una circulación de 15000 a 20000 mil ejemplares. A medida que se formaban clubes en todo México y en el suroeste de los Estados Unidos, se fundaban nuevos periódicos revoltosos.” (RAAT, 1988, p. 36). Citamos mais uma passagem do periódico:

La reorganización del Partido Liberal.

Vemos florecer por todas partes, cada vez más robusto y vigoroso, el anhelo de libertad; vemos renacer el civismo con poderoso empuje: vemos romperse el hielo de la indiferencia política y alentamos la seguridad de que nuestro llamamiento á la unión será atendido por los buenos patriotas.

¡Adelante, pues! A unirnos, á organizarnos, á fortalecernos para la irremisible lucha que se avecina... y mañana, cuando el despotismo haya caído, cuando sobre los escombros de la tiranía se yerga la República triunfante, recogeremos, con satisfacción y legítimo orgullo, los frutos preciados de la fraternidad liberal. (Regeneración, Año 1, 2ª época, St. Louis, Missouri, 18 de março de 1905, p. 01).

No trecho, vemos que o povo foi classificado: os “bons patriotas” iriam aderir ao chamamento do jornal, afirmavam. Em contrapartida, os “maus” continuariam desorganizados e coniventes com aquela forma de governo. Este era uma estratégia para chamar adeptos à causa. Bradava-se: “Adiante, pois!”. União e organização dariam força à luta que se aproximava. Luta que, neste momento, não era uma proposta de revolução e sim a tentativa de renovação política. Mais do que uma tentativa de traduzir o que estava acontecendo ao leitor, ou informá-lo, buscava-se criar uma identidade que fizesse as pessoas agirem. O discurso deveria gerar mudanças reais. Em 15 de abril de 1905, os

sumisos adécanes que no son otra cosa que lacayos que deshonran el uniforme militar; cuando los autócratas, decimos, pasean ante las filas de los soldados que les presentan las armas; cuando el ruido marcial de los clarines y de los tambores ensordece los aires y las muchedumbres sugestionadas se agolpan en las azoteas y en las Plazas públicas, el autócrata cree que su reinado es sempiterno y que el fruncimiento de su ceño hará trepidar siempre a los pueblos envilecidos.” (Regeneración, Año 1, 3ª época, St. Louis, Missouri, 15 abril de 1906, p. 03).

²⁶⁴ “En la dirección que firmó el programa de 1906 del Partido Liberal Mexicano figuraba Ricardo Flores Magón, como vicepresidente, Juan Sarabia; secretario, Antonio I. Villarreal; tesorero, Enrique Flores Magón; primer vocal, Prof. Librado Rivera; segundo vocal, Manuel Sarabia; más adelante la dirigencia se amplió con alrededor de 24 miembros entre mujeres y hombres, tanto de Estados Unidos como de México.” (GÓMEZ QUIÑONEZ, 2008, p. 172).

escritores novamente mencionaram a figura de Juárez. Afirmavam que ele, sim, era liberal, patriota, honrado, ao contrário do general Díaz. O primeiro foi traído pela ambição do segundo. Como veremos na citação abaixo, Don Benito era o Benemérito não só do México, mas de toda a América; o herói que lutou pela Reforma liberal. O passado era glorioso e o presente decaía durante o porfirismo. Citamos:

¿Cómo van á glorificar á Juárez liberal, Juárez patriota, á Juárez Gobernante immaculado y demócrata, estos individuos que no son liberales, ni patriotas ni honrados? ¿Cómo los cobardes, los eunucos humillados, los que se arrastran á las plantas de un tirano, van á comprender siquiera las glorias inmensas del Benemérito de América? ¿Cómo ensalzan al indomable paladín de nuestras libertades, al Gran Reformador, al ejemplar Ciudadano, ellos que no saben de libertad, ni de principios, ni de civismo; ellos que viven arrodillados, que venden la dignidad por un mendrugo, que aplauden al despotismo dominante y colaboran con él para desgarrar las instituciones y comprometer el porvenir de la Patria? (Regeneración, Año 1, 2ª época, St. Louis, Missouri, 10 de junho de 1905, p. 01)

Díaz era a antítese do que foi Juárez, este visto como o grande personagem que o México tivera. Além disso, o periódico afirmou que o México vivia no passado: em pleno feudalismo. Se o porfirismo afirmava o progresso, colocava Díaz como o herói que guiava o país pelo sendeiro rumo à felicidade e à civilização, *Regeneración* afirmava o contrário²⁶⁵. O passado invadia o presente. O passado insistia em permanecer. Os escritores não acreditavam na modernidade: o país encontrava-se em processo de degeneração política. De liberal, democrático e republicano, como na época de Juárez, o país tornou-se uma administração que suprimia as liberdades individuais e o direito de expressão: “Vivimos en pleno feudalismo. Los mexicanos estamos condenados á hacer lo que nuestros amos quieran, y á perecer si ellos así lo desean.” (Regeneración, Año 1, 2ª época, St. Louis, Missouri, 09 de setembro de 1905, p. 02). E denunciou: “Si Porfirio Díaz injuria á Juárez fingiendo glorificarlo, nada habrá que decir para comprobar que el Autócrata es un enemigo de la Patria: el traidor estará en su papel lanzando insultos contra el Redentor de los mexicanos.” (Regeneración, Año 1, 3ª época, St. Louis, Missouri, 15 de março de 1906, p. 01).

²⁶⁵É relevante mencionar que a ideia de “civilização” e “progresso das civilizações” se tornaram conceito e expressão, respectivamente, de ordem no século XIX (DEN BOER, 2007, p. 105). O termo era objeto de avaliação, mensuração, entre os intelectuais, existindo diferentes graus entre as nações do mundo. Sobre a história do conceito ver: DEN BOER, PIN. *Civilização: comparando conceitos e identidades*. In: FERES JUNIOR, João; JASMIN, Marcelo. *História dos Conceitos: diálogos transatlânticos*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio/Ed. Loyola: IUPERJ, 2007.

Juárez era o “Redentor” do México, afirmou. Como percebemos, houve uma mistura de vocabulário liberal com a utilização de conceitos religiosos utilizados de forma secularizada²⁶⁶. Separamos a passagem acima para reafirmar nossa hipótese de que Juárez foi o grande personagem histórico e simbólico utilizado e resgatado para afrontar e combater a presidência de Díaz. No vocabulário teológico (presente, principalmente, em Romanos, sexto livro do Novo testamento), Cristo foi o grande redentor dos fiéis, possibilitando que estes tivessem a redenção de seus pecados, libertando-se dessa escravidão. Em *Regeneración*, Juárez apareceu como o Redentor secularizado da nação, quem possibilitou a salvação do povo. Díaz, em contrapartida, tornava-se o traidor, quem escravizou o povo sob sua política presidencial. A biografia de Don Benito se misturava com a história nacional, o ex-presidente morreu por seus concidadãos, como Cristo morreu pelos fiéis. Juárez iria realizar as transformações políticas e sociais no país, mas acabou traído pelo general.

Em 07 de outubro de 1905, saiu a última edição do periódico, pois mais uma vez *Regeneración* foi fechado pelo governo. Foi retomado apenas em 1º de fevereiro de 1906, agora com Antonio Vilarreal ocupando o cargo de secretário de redação. Neste ano, o periódico teve apenas 13 números: em 1º de agosto de 1906 foi lançado seu último exemplar. Novamente os editores foram perseguidos, nos Estados Unidos, e o jornal fechado. Meses antes, em junho de 1906, adeptos do PLM estavam envolvidos na greve de Cananea. Eles participaram das principais agitações obreiras, como a de Cananea e Rio Blanco²⁶⁷. Segundo Raat, “en 1906 y 1907 el PLM estuvo involucrado indirectamente

²⁶⁶ Lembremos a ideia de predestinação utilizada por Bernardo Reyes em sua biografia de Díaz. Entre o século XIX e o século XX, conceitos religiosos, de tradição cristã, foram utilizados na vida política para falar sobre personagens e eventos nacionais. Sobre o assunto ver: KRAUZE, Enrique. *Os Redentores: Ideias e poder na América Latina*. Trad. Magda Lopes; Cecília Gouvêa Dourado e Gabriel Federicci. São Paulo: Benvirá, 2011. Krauze fez um jogo com esses vocabulários religiosos e políticos.

²⁶⁷ “Los miembros del PLM, que compartían esa particular parcialidad analítica para la comprensión del mundo, también se apoyaron en otras influencias provenientes de corrientes literarias, políticas y sociales, las cuales complementaron sus inclinaciones de científicidad. Muchos eran hispanohablantes, algunos más podían hablar inglés y otros conocían algo de francés e italiano. Valoraban el lenguaje como un arte práctico y de comunicación política. La palabra hablada y escrita tenía para ellos gran importancia. Muchos leían literatura dramática: las obras de Shakespeare; a los escritores naturalistas como Emile Zola o Henrick Ibsen; los textos políticos de varios países, incluyendo aquellos de Pierre-Joseph Prudhom, Michael Bakunin, Charles Malato, Enrico Malatesta y Peter Kropotkin; y a los promotores del socialismo científico.” (GÓMEZ QUIÑONEZ, 2008, p. 165). “La dirección del PLM dedicaba considerable tiempo y reflexión al contenido de la publicación y también se esmeraba en el diseño del formato y el aspecto gráfico del periódico. Estaban conscientes de la importancia que los elementos gráficos significaban en el proceso de la comunicación. Para la divulgación efectiva del periódico fue necesaria la creación de una red clandestina de individuos y grupos reducidos, encargados de distribuir *Regeneración*, así como panfletos y otros materiales de propaganda entre la población mexicana en Estados Unidos y México.” (GÓMEZ QUIÑONEZ, 2008, p. 173).

en una serie de huelgas que afectaron las industrias textiles de Puebla, Veracruz, Tlaxcala, Querétaro, Jalisco y el Distrito Federal.” (RAAT, 1988, p. 27). Sobre o episódio de Cananea, no norte do estado de Sonora existia uma fábrica voltada para a agroindústria e a exploração mineral chamada *Cananea Consolidated Copper Co.* Nela, trabalhavam seis mil mexicanos e seiscentos norte-americanos sob a gerencia de William Greene. Devido às disparidades salariais e à alta jornada de trabalho, os trabalhadores mexicanos iniciaram uma greve sob o lema “Cinco pesos y ocho horas”. Indivíduos ligados ao PLM, como Esteban Baca Calderón, Manuel Diéguez e Lázaro Gutiérrez de Lara, atuaram no movimento contra a companhia (KRAUZE, 1987, p. 97). O episódio repercutiu em vários jornais e, em seu discurso do mesmo ano, Díaz afirmou:

Al principiar el mes de junio se produjo en el mineral de Cananea, Sonora, un movimiento obrero encaminado á obtener un aumento de salarios, que degeneró bien pronto en grave perturbación del orden público. A no haber sido reprimido con prontitud y energía, si bien con prudencia, habría podido alcanzar más serias proporciones y aun tener consecuencias transcendentales. La pronta y enérgica acción del Gobernador del Estado y del Jefe de la primera Zona Militar puso fin al trastorno sin retardo. Algunos agitadores intentaran dar al movimiento un carácter político; pero la clase obrera, con buen sentido, se abstuvo de secundar esas ideas y la negociación que opera en el referido mineral reanudó inmediatamente sus labores sin que hasta ahora haya vuelto á presentarse indicio de nuevas perturbaciones. Las autoridades judiciales instruyeron el proceso respectivo para averiguar los hechos y castigar á los culpables de los homicidios, incendios y demás delitos perpetrados.²⁶⁸

Na descrição, o presidente proferiu que a greve começara como um movimento obreiro, “mas rápido se degenerou em uma grave perturbação da ordem pública”. Além disto, utilizou as expressões “repressão com rapidez e energia” e “prudência”, mas ao final optou pela “enérgica” ação do governador Rafael Izábal para conter a tensão, demonstrando um aspecto violento do movimento. Este, aprovou a entrada no país de 260 *rangers* norte-americanos provenientes do Arizona (KRAUZE, 1987, p. 98). Em seguida,

²⁶⁸ El Gral. Porfirio Díaz, al abrir las sesiones ordinarias del Congreso, el 16 de septiembre de 1906.

No mesmo discurso falou sobre o aumento da criminalidade na Capital:

“Se nota, por los informes que los tribunales rinden mensualmente, que hay un pequeño aumento de criminalidad en el Distrito Federal, pues mientras se registraron cinco mil trescientos setenta y siete casos en el primer semestre del año de 1905, en el primero del presente año se han registrado cinco mil novecientos cinco. Parece á primera vista anómalo este fenómeno, supuesto que se ha procurado un servicio más eficaz de policía preventiva, pero el Ejecutivo cree que ese aumento no es real en cuanto á la criminalidad, y que obedece á la vigilancia que se ejerce para que las consignaciones que la policía hace al Ministerio Público, abarquen todos los casos que caen bajo el dominio de las leyes penales, aunque ellos sean de poco momento.” Em: El Gral. Porfirio Díaz, al abrir las sesiones ordinarias del Congreso, el 16 de septiembre de 1906, p. 749.

mencionou o caráter político do evento. Sobre esta parte podemos inferir que a crítica se destinou, possivelmente, ao magonismo e integrantes do PLM, que também participaram ativamente na greve. Como vimos, o assunto não foi estendido, sendo apenas pontualmente mencionado; Díaz afirmou que tudo havia sido negociado e que não ocorreram mais perturbações, mesmo indicando ao final do trecho que a greve resultou em “homicídios, incêndios e delitos”.

Após descrever toda essa conjuntura supracitada, Díaz afirmou em seu discurso: “La fiel reseña con que he ocupado vuestra atención demuestra una vez más, de manera incuestionable, que la paz y el orden legal establecidos están produciendo en abundancia los frutos que eran de esperarse.”²⁶⁹. Novamente é perceptível a estrutura narrativa em que Díaz mencionava um problema, mas logo tentava suavizar o conflito com o elogio de que o país vivenciava um bom período, ainda mais se comparado com a situação da nação antes de 1876. Novamente os problemas abalavam o discurso da paz. Cada vez mais se tornava difícil manter a ideia do triunfo da ordem. Como vimos, em 1900 o governo já sofria ataques devido às suas várias reeleições. Novas interpretações foram surgindo e o discurso de pacificação passou a sofrer abalos e refutações. Por mais que o general tenha afirmado que a conturbação em Cananea tivesse sido resolvida, no semestre seguinte precisou mais uma vez abordar o assunto. O dissenso insistia em permanecer e não havia maneira de negligenciar as tensões²⁷⁰. Discursou:

La armonía entre los intereses de la clase obrera y los de los industriales constituye actualmente un problema delicado *que por desgracia explotan algunas personas mal intencionadas*; pero el Gobierno está pendiente de esta situación, y si contra todas las previsiones y contra los antecedentes de la clase obrera mexicana, llegaren á producir nuevos disturbios, el Ejecutivo continúa dispuesto á hacer respetar los derechos de todos y á mantener el orden público.

Exigidos con mayor apremio cada día, por las crecientes necesidades del país, los servicios de la policía rural, y ampliada ya por la Cámara de Diputados la asignación relativa del presupuesto de Egresos, desde el 1º de enero comenzó á organizarse el Duodécimo Cuerpo, que por ahora está acantonado en Silao (Guanajuato). También se ha organizado ya el servicio auxiliar autorizado mediante la correspondiente adición, al Presupuesto, y del cual se espera que cooperará eficazmente á la conservación de la seguridad pública.²⁷¹

²⁶⁹ El Gral. Porfirio Díaz, al abrir las sesiones ordinarias del Congreso, el 16 de septiembre de 1906, p. 756.

²⁷⁰ Para Dirk Raat: Entre 1905 y 1911, la Junta Central del PLM se estableció intermitentemente en San Antonio, St. Louis y Los Ángeles. Desde estos centros, la Junta dirigió las operaciones a lo largo de la frontera y en México. Los partidarios del PLM participaron en la huelga de junio de 1906 en las minas de cobre de Cananea, Sonora, suceso que fue una especie de catalizador de la revolución y de la represión gubernamental en la historia de la Revolución Mexicana. (RAAT, 1988, p. 27).

²⁷¹ El Gral. Porfirio Díaz, al abrir las sesiones ordinarias del Congreso, el 1º de Abril de 1907, p. 760. Frente a estas críticas, o presidente do Congresso Porfirio Parra reiterou a importância de Díaz:

Logo, o problema não fora resolvido e “algumas pessoas mal-intencionadas” aproveitavam-se da situação. Embora, novamente, o presidente não tenha explorado o assunto, podemos inferir que se tratava de alguma questão política, já que o conteúdo repercutiu em vários semanários do período. O próprio *Regeneración* cobriu o tema em várias de suas edições com ênfase e destaque. Como afirmou Enrique Krauze, “en México, *El Imparcial* [periódico porfirista] atribuye el movimiento a los ‘nihilistas’ que utilizan a la clase obrera como ‘carne de cañón’”. Por sua parte, “*Regeneración* en cambio, ve en la huelga de Cananea una rebelión bendita’.” (KRAUZE, 1987, p. 98). Caso o ruído persistisse, o Executivo seria obrigado a intervir mais enfaticamente para manter a ordem pública, afirmou Díaz. No parágrafo seguinte, o primeiro magistrado informou, pela segunda vez, o aumento do policiamento em menos de um ano, argumentando sobre a importância da conservação da segurança e de sua necessidade para a manutenção da ordem vigente. No ano seguinte, os conflitos começaram a ganhar mais destaque e os irmãos Flores Magón, depois de tantas perseguições, migraram para Los Angeles:

En 1907, Ricardo y Enrique Flores Magón, Librado Rivera, Anselmo Figueroa y muchos otros floresmagonistas se instalan en la ciudad de Los Ángeles y allí establecen su centro de mando para el futuro derrocamiento de la dictadura porfirista. A ellos se unen los sindicalistas de la IWW, cuyo ideario coincide con el del Partido Liberal Mexicano: la liberación de la humanidad de sus cadenas de esclavitud económica, política y social, la reivindicación de las organizaciones obreras y campesinas para el respeto de sus derechos y la lucha contra el colonialismo y el imperialismo en todas sus formas. (TRUJILLO MUÑOZ, 2012, p. 20).

IWW é a sigla do *Industrial Workers of the World*, sindicato internacional com origem nos Estados Unidos que teve seu auge em 1905. Possuía tendência sindical. “El PLM contó con el apoyo del Partido Socialista (fundado en 1901) de amplia convocatoria y de posiciones reformistas, y por el partido radical Trabajadores del Mundo (IWW,

“Si el bien decir engrandece al hombre de letras, si formular principios abstractos es la tarea del pensador, la acción, la ruda brega con los hombres y las cosas glorifica al hombre de Estado á los gobernantes á la cima del poder y del prestigio. Esto último, Señor Presidente, habéis sabido hacerlo con acierto maravilloso; vuestra sólida y duradera administración no ha hablado, ha obrado; no ha emitido vanas palabras, ha determinado grandes hechos. Habéis sido centro de voluntades y de afectos; habéis llamado en torno vuestro á los mexicanos, como llamarais antes á vuestros soldados en torno de vuestra bandera de libertad para conducirlos á la gloria, y los mexicanos acudieron como antaño habían acudido vuestros guerreros, y seguido por la nación entera, que cordialmente os secunda, habéis conquistado la prosperidad y el engrandecimiento de nuestra patria. Habéis sabido sugestionar el alma nacional y órgano vigoroso de ella, habéis hecho grandes cosas.” Em: Contestación del Dip. Porfirio Parra, Presidente del Congreso, abril de 1907, p. 770.

fundado em 1905). Entre 1901 y 1920, estos tres partidos aglutinaron a varios cientos de miles de simpatizantes.” (GÓMEZ QUIÑONEZ, 2008, pp.177-178). Sobre essa relação, falaremos no tópico que trabalha as ideias do periodista norte-americano John Kenneth Turner. “Los miembros del PLM disfrutaron de lazos estrechos con muchos inmigrantes residentes en Estados Unidos, los que a su vez eran destacados dirigentes anarquistas como, Voltairine de Cleyre, William Owen, Emma Goidman, y Alexander Berkman. También se relacionaron con grupos judíos radicales; con grupos de defensores de las libertades civiles y de los inmigrantes.” (GÓMEZ QUIÑONEZ, 2008, p. 178).

1.3. Da “Regeneração” à “Revolução”: a emergência de um novo modelo de combate

Nesse mesmo ano de 1907, no dia 1º de julho, surgiu o *Revolución*, semanário que trazia poucas informações sobre os indivíduos que estavam envolvidos nesse projeto, mas que é fundamental para pensarmos a organização do tempo por parte de grupos antiporfiristas. Segundo Áxel Ramírez Morales, *Revolución* foi fundado por Lázaro Gutiérrez. Quem o editava era Modesto Díaz, mas recebia colaboração dos membros da Junta Organizadora do PLM: os irmãos Flores Magón, Librado Rivera, Antonio Villarreal, Manuel Sarabia, Lázaro Gutierrez de Lara e Práxedes Guerrero, entre outros. Contudo, o nome destes indivíduos não apareceu descrito no jornal (BARTRA, 1977)²⁷². O periódico citava as produções e as ações políticas de Justo Sierra, Bernardo Reyes, Francisco Bulnes – todos membros da elite porfirista: Sierra e Bulnes foram presidentes do Congresso em 1891 e 1910, respectivamente, e discursaram a favor de Díaz. Pensando o suporte material, o periódico também possuía quatro páginas divididas em quatro colunas e, logo no primeiro número, explicitaram o objetivo do jornal: colocarem-se contra a “ditadura” e a opressão exercida por esta. O escopo era continuar propagando as ideias veiculadas no *Regeneración*, fechado em 1906, quando funcionava no Missouri. Além disso,

²⁷² Citamos: “Antonio I. Villarreal (que habría logrado escapar de manos de la policía luego de las aprehensiones en El Paso, Texas), Librado Rivera, Lázaro Gutiérrez de Lara y Modesto Díaz eran los responsables del periódico e inmediatamente empezaron a recibir la colaboración de Práxedes Guerrero y de Ricardo Flores Magón, quien abandonó su escondite en Sacramento para ponerse al frente de la Junta en Los Angeles, a fines de junio.

En junio de 1907, Ricardo Flores Magón y Villarreal, como dirigentes de la Junta, nombraron a Práxedes G. Guerrero delegado especial, con el objeto de “[activar] los trabajos del próximo levantamiento en México contra la dictadura de Porfirio Díaz.” Guerrero se hacía así responsable de reunir armas y dinero en nombre de la Junta.” (TORRES PARÉS, 1990, p. 57).

defendiam a liberdade, mas, para alcançá-la, não era mais possível propor uma regeneração política, mas sim a revolução.

Este novo modelo, a “revolução”, emergiu como solução à falência do antigo modelo, a “regeneração” política. Ao fazermos uma análise da disposição formal e do conteúdo, percebemos que o periódico procurou produzir uma narrativa que buscasse a descontinuidade entre os períodos, mas a partir de uma nova orientação: o Porfiriato aparecia como a distorção e a distopia da tradição liberal mexicana construída por Juárez. “Magonistas”, “maderistas”, entre outros grupos, mobilizaram diferentes eventos passados para sustentar posicionamentos políticos no presente: partia-se da “República Restaurada” para se pensar o governo de Díaz; as guerras civis e as intervenções estrangeiras não tinham tanto destaque e recorrência como vimos nas fontes oficiais. A salvação continuava nas mãos do povo e este deveria revolucionar para salvar o México. Apenas “regenerar” não salvaria mais a nação:

Con la mano puesta en el corazón hacemos oír por primera vez nuestra palabra, ardiente por los entusiasmos que alientan en nuestros pechos, vibrante por las ideas redentoras que pueblan nuestra mente, briosa y rebelde como los sentimientos que nos animan contra todo lo que significa dominación y yugo, prostitución y vileza. ¿Quiénes somos? Unos enamorados de la libertad en cuyas almas alientan las soberbias rebeldías de Espartaco, y que sienten, á través de los tiempos, el soplo fecundo del espíritu libertario de los Gracos. No tenemos otro título que nuestra honradez; no ofrecemos otra garantía que nuestra buena intención. (Revolución, Los Angeles, Califórnia, 1º junho de 1907, p. 01).

Eles afirmaram na primeira página que o nome dos envolvidos seria suprimido. A linguagem do periódico se assemelhava a uma forma de catecismo revolucionário, era preciso aceitar, exercer e, acima de tudo, propagar o princípio da revolução. Não se buscava destacar a identidade de cada escritor, suas motivações e interesses pessoais, mas construir um sentimento de solidariedade entre os leitores. *Revolución* afirmava estar ali pelo povo e pelo desejo de justiça da nação; como se os envolvidos se movimentassem a partir de uma paixão que estava acima de qualquer interesse particular: a revolução. Afirmavam apenas ser parte do PLM: “Somos parte del Partido Liberal Mexicano; nuestra bandera es el Programa promulgado por la Junta Organizadora de St. Louis Missouri el 1º de Julio del año anterior.” (Revolución, Los Angeles, Califórnia, 1º de junho de 1907, p. 01). E repetiam logo abaixo: “¿Qué queremos? Ya lo dijimos: prender una esperanza en los corazones de los que sufren; señalar una senda á los que han hambre y sed de

justicia.” (Revolución, Los Angeles, Califórnia, 1º de junho de 1907, p. 01). Era preciso, para eles, lutar pela igualdade social e pela liberdade. Colocavam-se como os sujeitos que levariam esperança e justiça ao povo, mais do que isso: “que prenderiam uma esperança no coração dos que sofrem”. Ou seja, para o *Revolución*, era preciso sensibilizar e atrair o povo para que ele saísse da inércia e agisse, convertendo-se em aliado da mudança. Era preciso revolucionar. Chamavam o povo a se revolucionar e ter fé, pois, para eles, a revolução havia se tornado o meio de transformação mais eficaz²⁷³.

O modelo de transformação proposto anteriormente – a regeneração – tinha se esgotado para esses escritores. A esperança conectava-se, agora, com a revolução. Passava-se da proposta de uma regeneração do liberalismo clássico que, para eles, havia declinado com Díaz, ao engajamento com a revolução²⁷⁴. “A revolução (...) transformou-se para todos em um *conceito perspectivista dentro da história da filosofia*, que apontava para uma direção irreversível.” (KOSELLECK, 1979, p. 71 - grifo no original). O evento ganhava um sentido linear, processual e progressivo, direcionado para o futuro. Se, no discurso porfirista, a paz traria estabilidade e progresso para o México; os antiporfiristas acreditavam que a revolução salvaria o futuro da nação. A própria utilização do conceito tinha o objetivo de gravar na mentalidade mexicana a legitimidade do movimento, imprimindo a revolução no próprio corpo da nação. (KOSELLECK, 1979, p. 61). Essas produções, mais do que traduzir uma realidade e deixar o leitor informado, buscavam criar uma identidade no público-alvo, procurando ganhar adesão às propostas divulgadas: deveria ser o momento de comunhão, fusão, entre autor e leitor. O discurso deveria gerar materialidade. As pessoas deveriam se identificar com a revolução:

La revolución es el remedio enérgico que necesita el pueblo mexicano para volver á la vida y debemos esperarla más bien con placer que con tristeza, mejor con entusiasmo viril que con desaliento cobarde, sin

²⁷³ Citamos, como exemplo, outras duas produções que também trazem uma linguagem que se assemelha ao catecismo revolucionário. A primeira é a do Abade Sieyès, na França. Em janeiro de 1879, seu panfleto “Qu’est-ce que le Tiers État” (“O que é o Terceiro Estado”), defendendo a importância desse setor nos Estados Gerais, vendeu 30 mil exemplares. Outro exemplo é o livro “Catecismo revolucionário” de Mikhail Bakunin, escrito em 1866. Ver: PÉRONNET, Michel. *Revolução Francesa em 50 palavras-chaves*. Tradução de Rita Braga. São Paulo: Brasiliense, 1989; GARCIA, Marcos L. “As Origens Da Teoria Do Poder Constituinte: O Abade Sieyès e A Revolução Francesa”. In: *Revista Brasileira de História do Direito*, Curitiba, vol. 2, n. 02, 2016, pp. 01-18. BAKUNIN, M. “Catecismo Revolucionário”. In: *Catecismo Revolucionário / Programa da Sociedade da Revolução Internacional*. São Paulo: Imaginário/Faísca, 2009.

²⁷⁴ Como afirmou Krauze, “os liberais do século XIX, em oposição aos conservadores, favoreceram as liberdades individuais e a democracia, a separação entre Igreja e Estado, a liberdade de comércio e reformas sociais graduais. A trajetória liberal resultou na fundação – pelo menos em teoria e valores – dos Estados originais da América Latina.” (KRAUZE, 2011, p. 10).

fijarnos en los sacrificios, sin medir los obstáculos, sabiendo que la muerte gloriosa del héroe es preferible en todo caso á la existencia vil y deshonrada de los esclavos. (Revolución, Los Angeles, Califórnia, 1º de junho de 1907, p. 01).

Era preciso ter entusiasmo e não medo da revolução. Para os colaboradores do *Revolución*, o problema do México era profundo e necessitava de uma solução urgente. Pela nação, a morte ou os sacrifícios se tornariam gloriosos. O povo estava sob condição de escravidão e, como um novo nascimento, precisava voltar à vida. A luta iria levar libertação ao país. A revolução era o remédio para o corpo social doente, como vimos acima. Afirmaram na página 02 deste mesmo número: “Luchar por una idea redentora, es practicar la más bella de las virtudes: la virtud del sacrificio fecundo y desinteresado. Pero luchar, no es entregarse al martirio ó buscar la muerte. Luchar es esforzarse por vencer. La lucha es la vida, la vida encrespada y rugiente que abomina el suicidio y sabe herir y triunfar.” (Revolución, Los Angeles, Califórnia, 1º de junho de 1907, p. 02). A revolução, para o jornal, não estava vinculada à ideia de morte, mas sim de vida. Era preciso ser virtuoso e lutar pela salvação do México, pela libertação do que se considerava o mau. Afirmavam mais abaixo: “a Junta Organizadora do PLM não almeja Cargo político, mas sim justiça”²⁷⁵. Os mexicanos deviam pegar em armas. Díaz não dava indícios de que sairia da primeira magistratura. Tudo deveria acontecer rápido. Era preciso acelerar a transformação para mudar o futuro. Para eles, o horizonte de expectativa estava aberto, era preciso mudar todas as bases nacionais. Escreveram: “Debe-se pegar em armas rápido: Los mexicanos queremos vivir, queremos luz, y no vamos á esperar á que el tirano muera para conseguir lo que necesitamos ni esperamos de nadie que nos dé lo que nos hace falta: la libertad. Nosotros la tomaremos por la fuerza de las armas y muy pronto, ya muy pronto...” (Revolución, Los Angeles, Califórnia, 1º de junho de 1907, p. 03). Percebemos no trecho final da citação a ansiedade que tocava os escritores. Eles ansiavam por mudança, mas não a médio prazo – como antigamente se propunha a concorrência do PLM às urnas. Repetia-se o “muito rápido”. Era necessário tomar as atitudes de forma imediata:

Para Ricardo Flores Magón, los mexicanos que no querían la revolución, por la violencia que ésta implicaba, eran unos hipócritas contumaces. Pues estos mexicanos aceptaban sin chistar la paz de los

²⁷⁵ “Repitiremos una declaración de muchos conocida: la Junta no lucha por personalidades ni se mueve por ambiciones. Es fiel á los principios consignados en su Programa y por ellos se sacrificará hasta verlos implantados. No tiene candidatos para los puestos públicos ni los necesita: al triunfo de la revolución, el pueblo se encargará de nombrar, libre y espontáneamente, á los mandatarios de la República venidera.” (Revolución, Los Angeles, Califórnia, 1º de junho de 1907, p. 02)

sepulcros de la dictadura porfirista, tan opresiva y violenta para las clases populares, y se escandalizaban ante la aparición de la revolución a las puertas de sus casas. (TRUJILLO MUÑOZ, 2012, p. 22).

Existia o elemento, que sempre esteve presente nos escritos do *Regeneración* e do *Revolución*, que era o “povo”. A revolução deveria ser popular, realizada pelos nacionais e motivada por uma necessidade geral: a queda do tirano²⁷⁶. O inimigo, a alteridade, o Outro, estimulava uma identidade entre os antiporfiristas: Díaz deveria sair do governo, pois ele era um governo ilegítimo. Diferente de muitos polígrafos que analisaremos abaixo, esses dois periódicos não enxergavam a necessidade de um grande homem que deveria guiar a população. Acreditava-se que, cada vez com maior consciência sobre o que estava ocorrendo no México, o povo, de uma forma geral, conduziria o levantamento: “Los hechos han venido á demostrar que las verdaderas revoluciones, esto es, los movimientos populares que son el producto de una necesidad colectiva, no necesitan la injerencia de personajes de oropel para manifestarse y triunfar.” (*Revolución*, Los Angeles, Califórnia, 08 de junho de 1907, p. 01)²⁷⁷. Nos trechos analisados, percebemos que o povo não necessitava de um guia na revolução, mas o periódico se colocava como o elemento que organizava e dava sentido a essa massa.

La revolución que se inició a fines de Septiembre del año pasado y que está próxima a continuar, es una revolución popular, de motivos muy hondos, de causas muy profundas y de tendencias bastante amplias. No es la revolución actual del género de la de Tuxtepec, de la de la Noria,

²⁷⁶ Pensando rapidamente a querela entre autores antigos e modernos, Arnaldo Momigliano em *As raízes clássicas da historiografia moderna* discutiu as (re)leituras da obra de Tácito desde a antiguidade até o século XIX, mostrando como uma tradição sobre suas ideias formou-se ao longo dos períodos – principalmente sobre a qualidade do tirano. Tácito explicou, em algumas de suas obras, sobre a dinâmica de um governo imperial e as características da tirania. Discutiu o assunto em seus Anais e Histórias. No primeiro, focou-se nos governos de Tibério e Nero, imperadores romanos posteriores a Augusto. Já nas *Historiae*, escritas por volta dos anos 100 a 110 d. C., atentou-se desde a queda de Nero à morte de Domiciano. Em seus textos, Tácito analisou as características indesejáveis do tirano, bem como as consequências acarretadas pela destruição da liberdade por parte do governante (MOMIGLIANO, 2004, p. 166). Analisando a figura do tirano por um viés psicológico, ele era caracterizado como um governante ganancioso e sua administração era acompanhada pela desmoralização.

Como sabemos, as leituras e os usos das obras de Tácito sofreram apropriações durante os períodos pesquisados por Momigliano, além de cada país ter construído interpretações específicas sobre elas. Entretanto, “Tácito transmitiu a antiga experiência de tirania a leitores modernos.” (MOMIGLIANO, 2004, p. 182). Ou seja, o tirano ainda adquiria a condição de corrupto, hipócrita e cruel (2004, p. 167). Novamente não queremos afirmar que esses periodistas foram leitores da obra taciteana e que utilizaram uma linguagem política desenvolvida pelo historiador romano. Contudo, pensando a questão da tradição construída ao longo dos anos, o arquétipo do tirano antigo, especificamente o desenvolvido por Tácito, pode iluminar nosso problema de pesquisa.

²⁷⁷ “Los pueblos ya no se rebelan porque prefieran adorar un dios, en vez de otro. Las grandes conmociones sociales que tuvieron sus génesis en las religiones han quedado petrificadas en la historia. La Revolución Francesa conquistó el derecho de pensar; pero no conquistó el derecho de vivir, y á tomar este derecho se disponen los hombres conscientes de todos los países y de todas las razas.” (*Revolución*, Los Angeles, 08 de agosto de 1907, p. 01).

verdaderos cuartelazos fraguados por empleados mismos del Gobierno, por ambiciosos vulgares que no aspiraban otra cosa que apoderarse de los puestos públicos para continuar la tiranía que trataban de derribar, ó para substituir en el poder á gobernantes honrados y progresistas como Juárez y como Lerdo de Tejada á cuya sombra los bandidos no podían medrar. (Revolución, Los Angeles, Califórnia, 08 de junho de 1907, p. 01).

Como vemos, o periódico dizia que a revolução começara em setembro de 1906, pouco tempo depois do *Regeneración* ser fechado. Essa revolução era legítima, diferente da de La Noria e Tuxtepec, que, segundo eles, foram quartelaços realizados por um indivíduo ambicioso e seu grupo, os tuxtepecanos. Se em *México: su evolución social, El general Porfirio Díaz, Mexico as I saw it* a Revolução de Tuxtepec foi defendida como um motor necessário de mudança, no *Revolución* e no *Regeneración* foi visto como o momento da derrocada mexicana. Díaz, para estes periodistas, não era o herói da paz e o México não era moderno, liberal ou republicano. Na linha do tempo, o país regredia ao período colonial. Para evoluir, o México não precisava de regeneração, ou seja, olhar a República Restaurada como solução, mas de revolução. Não era mais o retorno à época consagrada por Juárez, mas a ruptura com todos os tempos realizada através de uma revolução geral. Era preciso colocar em prática um novo projeto. O modelo anterior – a proposta de regeneração – estava esgotado. O horizonte de expectativa se sobrepunha ao campo de experiência. O modelo do passado não se enquadrava mais na conjuntura que os mexicanos viviam. A evolução precisava de revolução. A página presente da história nacional mostrava escravidão e morte. Era preciso mudar a folha e construir algo novo, limpo das mazelas do passado. Os simpatizantes acreditavam nessa causa e por isso o povo deveria se armar, elemento cada vez mais incentivado nas páginas do semanário. Como em *Regeneración*, a paz porfirista também foi criticada nesse periódico:

Los llamados evolucionistas no son tales evolucionistas: son cobardes que en presencia de los graves problemas sociales, se sienten impotentes para destruir los obstáculos que retardan la evolución de los pueblos.

Si fueran realmente evolucionistas, serían revolucionarlos, porque la evolución no excluye la revolución, por el contrario, se vale de ella para efectuarse cuando en su desenvolvimiento progresivo tropieza con fuerzas que es necesario que destruya, so pena de detenerse y de morir. La historia toda de la humanidad es la historia de la evolución y de su inseparable compañera la revolución que juntas, hasta confundirse, han operado hasta alcanzar el grado de civilización que ostentan las modernas sociedades. (Revolución, Los Angeles, 15 junho de 1907, p. 01).

Para os envolvidos, Díaz estava retardando a evolução do país. Era preciso revolucionar, afastar o presidente do poder, para evoluir e retirar os grilhões do passado que pesavam sobre o México. Ambos os conceitos não eram excludentes; a dialética entre eles fazia os países progredir. Como explicaram, a evolução se vale da revolução para seguir seu caminho natural. Ademais, com o passar do tempo, ela iria ganhando identidade, unicidade²⁷⁸. Se em *México: su evolución social* a revolução deveria ficar no passado. Para os periodistas, ela deveria fazer parte do presente. Além do chamamento ao povo, que deveria se organizar e se armar, o movimento deveria ser integralista, ganhando cada vez mais dimensão internacional²⁷⁹. No trecho abaixo são citados o Partido Socialista dos Estados Unidos e o de Bruxelas, como instituições que apoiavam a causa magonista, isso em 1907, quando Ricardo Flores Magón já possuía próxima relação com o socialismo²⁸⁰. A partir de *Revolución* e da retomada do *Regeneración* em 1910, veremos que o vocabulário político se modificou, destacando elementos socialistas e, posteriormente, anarquistas na luta política²⁸¹. Citamos:

²⁷⁸ A ideia de que a revolução foi ganhando consciência: “Mientras pasa el tiempo, la idea revolucionaria se robustece. Sólo los ciegos del entendimiento no pueden comprenderla, ó, mejor, no quieren aceptarlo, porque para ellos el tirano y el amo son seres superiores contra quienes los simples mortales no pueden rebelarse; pero los que somos irrespetuosos, los que sabemos que el tirano y el amo son nuestros iguales, los que no acatemos una orden por el solo hecho de venir de arriba, los indisciplinables, los rebeldes, en suma, cada día templamos nuestros propósitos, y vemos que, á nuestro ejemplo, nuevos revolucionarios se aprestan á la lucha, esa lucha que tanto asusta á los cobardes y por eso la condenan, que tanto temen los déspotas y por eso ofrecen dinero por la cabeza de los leaders.” (Revolución, Los Angeles, 31 de agosto de 1907, p. 01).

²⁷⁹ Afirmou Fábio da Silva Souza que, desde o exterior, muitas revistas publicaram *Regeneración*: “Em Portugal, o periódico A Sementeira publicou diversos artigos originários do *Regeneración* (Cf. RODRIGUES, 2007). Na Espanha, o contato foi estabelecido entre os informativos *Tierra y Libertad*, *Solidaridad Obrera* e *Reivindicación*. Em terras francesas, o periódico do PLM foi lido pelos editores de *Libertarie* e *Temps Nouveaux*, que traduziram para o francês, os artigos que julgaram ser mais interessante, com destaque a cobertura realizada da Revolução Mexicana. Esses são alguns exemplos do impacto da leitura do *Regeneración* no velho mundo. No novo mundo, o primeiro exemplo que temos é de Cuba. Nos estudos de Alejandro De La Torre (Cf. 2010), a ilha caribenha foi um importante irradiador de intercâmbio de publicações libertárias, a saber: *El Despertar*, *La Question Sociale* y *Germinal*, de Paterson, *Revolución*, de Los Angeles, Estados Unidos; *Tierra y Libertad*, de Madrid, Espanha; *La Revista Blanca* e *El Corsario*, de Barcelona, Espanha; *La Protesta*, de Buenos Aires, Argentina; e *Tiempos Nuevos*, de Montevideú, Uruguai; *¡Tierra!*, de Havana, Cuba, e, *Regeneración*, que no período revolucionário mexicano, foi publicado em Los Angeles, Estados Unidos.” (SOUSA, 2016, p. 05). Também indicamos a leitura de: BELTRÁN DENGRA, Joaquín. “La opinión sobre la Revolución mexicana (1911-1917) en la prensa anarquista española”. In: *Espiral*, vol. XIV, núm. 41, jan.-abr. 2008, pp. 169-205.

²⁸⁰ Ramírez Morales chama a atenção para mostrar que esse fenômeno não foi específico do México: “Tal vez pueda parecer extraño que el tema de Latinoamérica interesara tanto a los socialistas de aquella época, pero no hay que olvidar que durante el período 1880- 1900 se presentó una enorme influencia del anarquismo entre los movimientos obreros y artesanales en América Latina con lo que se pretendía lograr establecer una unión con éstos.” (RAMÍREZ MORALES, 2011, p. 08).

²⁸¹ Contudo, não podemos generalizar essas mudanças dentro do PLM e do magonismo. Afirmou Gómez Quiñonez: “A partir de 1911, un sector del PLM, encabezado por Ricardo Flores Magón, experimentó un proceso de transformación que lo llevó del liberalismo radical, al anarcocomunismo y a apreciar el anarcosindicalismo. No obstante, a lo largo de ese año muchos militantes del partido siguieron siendo

Llamamos á la Secretaría Nacional del Partido Internacional Socialista en este país y á la Oficina Internacional Socialista en Bruselas, Bélgica, para que den su ayuda en la lucha para libertar á los prisioneros, sometiendo y aprobando resoluciones ó protestas y todo lo que sea adecuado para el éxito de todo lo que sea relativo á cualquiera organización de trabajo en el campo de la política ó en el económico. Los Angeles, Cal., Septiembre 1º de 1907. (Revolución, Los Angeles, Califórnia, 14 de setembro de 1907, p. 04).

Na semana seguinte, o semanário citou alguns dos envolvidos do Partido Socialista norte-americano que estavam dispostos a ajudar os magonistas e os adeptos do PLM. Um nome recorrente foi o de Job Harriman, que lutou para tirar os editores do *Regeneración* da prisão²⁸². O número 16 também citou Gutierrez de Lara. Essa união tanto nacional – dos mexicanos – quanto internacional – de instituições e indivíduos ligados ao socialismo e a favor da revolução –, seria, para os escritores, a salvação do México²⁸³. Em 1º de março de 1908, saiu o último número de *Revolución*. Neste mesmo ano, os irmãos Magón se encontraram com o periodista norte-americano John Kenneth Turner, no Arizona, que, como veremos abaixo, foi um importante adepto do magonismo:

El PLM fue un partido exitoso debido a su estratégico posicionamiento ideológico y político en un momento determinado. Ciertamente, el partido contó con una base de operaciones transfronteriza y recibió apoyo en el suroeste de Estados Unidos. Miles de personas de la comunidad mexicana en Estados Unidos participaron y respaldaron al PLM en muchas de sus actividades. (GÓMEZ QUIÑONEZ, 2008, p. 170).

E, em 03 de setembro de 1910, *Regeneración* voltou a ser publicado, desde Los Angeles. Agora o editor era Anselmo Figueroa. “Reemprende la publicación de *Regeneración*, esta vez en su cuarta y última época (3 de septiembre de 1910-16 de marzo de 1918), en el que de inmediato sintetiza los objetivos estratégicos de la revolución que se avecina en la consigna ‘Tierra y Libertad’ (1 de octubre) y brinda apoyo estratégico y logístico a los grupos de liberales dispuestos a levantarse en armas, a quienes sugiere una

liberales radicales, firmes demócratas e igualitarios, inclinados hacia un socialismo moderado.” (GÓMEZ QUIÑONEZ, 2008, p. 169).

²⁸² “El Sr. Lic. Job Harriman, abogado socialista, ha emprendido con noble empeño la defensa de nuestros amigos. Al Sr. Harriman ayuda también el Sr. Holstón, también abogado socialista, nombrado por el Club Socialista de Los Angeles, tanto para la defensa como para la acusación de los polizontes que violando las leyes procedieron contra los presos sin orden ninguna.” (Revolución, Los Angeles, Califórnia, 21 de setembro de 1907, p. 01).

²⁸³ “A través de Harriman, otros socialistas locales fueron presentados a Flores Magón y al PLM. John Murray, amigo de Harriman y miembro del ala sindicalista del Socialist Party, se entrevistó con los liberales en la cárcel. Harriman también arregló que John Kenneth Turner, corresponsal del Express de los Angeles en esa época, entrevistara a los prisioneros. Murray y Turner se convirtieron en el núcleo de la recién creada Mexican Revolutionists Defense League, que pronto incluiría como participantes a otros socialistas de Los Angeles como James (“Jimmy”) S. Roche, Ethel Duffy Turner, Primrose D. Noel, Lázaro Gutiérrez de Lara y Elizabeth Trowbridge.” (RAAT, 1988, p. 55).

alianza táctica militar con el maderismo.” (BARRERA BISSOLS, 2007, s/p.). Como afirmou Fabio Luis Barbosa dos Santos, a própria noção de liberdade mudou no interior do periódico ao longo dos anos. No início, o periódico era entendido como a necessidade de liberdade política, em que as leis estavam sendo descumpridas principalmente pelos juízes. Pregava-se o respeito à Constituição de 1957²⁸⁴.

A partir de 1906, o periódico passou a fomentar, em suas páginas, a revolução. “Convencido de que estavam fechadas as vias para a mudança social dentro da ordem, o Partido conspirou incansavelmente para derrubar a ditadura pela via revolucionária, envolvendo-se com as principais agitações operárias da época e iniciando, por duas vezes, um levante armado no norte do país.” (SANTOS, 2013, p. 36)²⁸⁵. Em 1910, Ricardo Flores Magón decidiu abertamente revolucionar-se contra o Porfiriato em Tijuana, norte do país. Citando um trecho do semanário, Trujillo Muñoz escreveu: “a la vez admite [Regeneración] que, ante el estado de cosas del México de 1910, ‘la guerra es necesaria’. ¿Por qué? Porque la paz porfiriana es ‘barbarie gubernamental, es explotación despiadada, es injusta represión’.” (TRUJILLO MUÑOZ, 2012, p. 22). Como percebemos, a crítica recorrente era à paz porfirista. Nesta parte supracitada, ela se tornou sinônimo de barbárie e não de civilização ou de progresso. Mas não uma ideia de barbárie semelhante à utilizada pelo governo para qualificar grupos indígenas, como vimos anteriormente, e sim um conceito que era utilizado para mostrar como o porfirismo apossava a população mexicana, situação insustentável à época. No México, buscava-se convergir para o movimento todas as esperanças de transformação. Com a Revolução, afirmavam, o país chegaria a uma condição democrática, pautada na liberdade política e no progresso social. Segundo Claudia Galindo Lara, as revoluções são vistas “como el evento que encarna todas las características intrínsecas a la acción: inicio, construcción de algo nuevo y encuentro con los demás. Las revoluciones son aquí recuperadas a partir de su veta histórica, con toda su dimensión de grandeza y fragilidad.” (GALINDO LARA, 2005, p. 32). A elite porfiriana desenhava um herói nacional que, com seu pulso firme,

²⁸⁴ “O eixo principal da sua radicalização será a evolução da própria noção de liberdade: entendida como mera liberdade política nos anos iniciais do periódico *Regeneración*, a incorporação da temática social dilata progressivamente o seu conteúdo, desaguando na noção de liberdade.” (SANTOS, 2012, p. 291).

²⁸⁵ “Los organizadores del PLM percibían su propio activismo como parte del escenario mundial compartido con otros radicales. Desde el inicio fueron parte de un círculo transfronterizo de liberales radicales, a grado tal que consideraron Nueva York y Montreal como posibles plataformas para sus actividades. Algunos cruzaron las fronteras desde México hacia Estados Unidos en enero de 1904 para encontrarse y permanecer con otros correligionarios que ya residían en este país. Ellos se movían frecuentemente entre ambos países, inaugurando los experimentos transfronterizos del siglo XX.” (GÓMEZ QUIÑONEZ, 2008, p. 168).

iria mudar o sendeiro da nação. Autores como os escritores do *Regeneración*, do *Revolución* e Turner passaram a enxergar o movimento da história através do levante revolucionário.

1.4. O acirramento das críticas: *Regeneración* em 1910

Em 03 de setembro de 1910, quando foi lançado o primeiro número de *Regeneración* nesta última etapa de sua trajetória, os editores propuseram abertamente, como já o fizera *Revolución*, a revolução. O selo do periódico mudou para: “Regeneración: semanal revolucionário”. Os autores eram homens de ação, que batalhavam através das armas de papel, bem como chamavam todos ao combate. O jornal foi escrito desde Los Angeles, Califórnia, e o editor passou a ser, como mencionado, Figueroa. O periódico começou a escrever sua última página em inglês, com o objetivo de adquirir mais leitores e internacionalizar a causa revolucionária. A revolução deveria ser apoiada por todos e não apenas pelos mexicanos²⁸⁶. Na primeira página anunciavam a necessidade da guerra. A paz, para eles, era infame. O periódico era um chamado aos mexicanos, aos proletários, ao levantamento. Afirmaram: “Aquí estamos. Tres años de trabajo forzado en la prisión han templado mejor nuestro carácter. El dolor es un acicate para los espíritus fuertes: el flagelo no nos somete: nos rebela. Apenas desatados, empuñamos de nuevo la antorcha revolucionaria y hacemos vibrar el clarín del combate: Regeneración.” (Regeneración, Los Angeles, Califórnia, 4ª época, 03 de setembro de 1910, p. 01).

Novamente *Regeneración* voltava à cena como instrumento de combate, mas agora revolucionário. A guerra não deveria ser apenas de papel e pluma, há todo o momento pediam para os mexicanos se armarem e não terem medo da luta. O conceito sintetizava objetivos e buscava causar comoção social, além de conferir legitimidade ao evento (ARENDR, 1988). Intitular a conjuntura de “revolução”, para além de interpretá-la, buscava produzir comoção e arquitetar uma validade ao fato. Era preciso operar na cena política, criar uma materialidade a partir da narrativa contida no periódico. Bradavam na primeira página: “Mexicanos: ¡Á la guerra!”. A partir dessa etapa, Piotr

²⁸⁶ Como veremos abaixo, Ethel Duffy, a esposa de John Kenneth Turner, escrevia a parte em inglês do periódico.

Kropotkin foi recorrentemente citado nas páginas do jornal para se pensar o anarquismo e a revolução²⁸⁷. “Varias influencias internacionales anarquistas estaban aquí presentes. La de Kropotkin era innegable en lo que concierne a la propiedad común y a la producción para el bienestar de todos. El PLM continuó refiriéndose a este pronunciamiento como su guía general durante los 10 años siguientes.” (GÓMEZ QUIÑONEZ, 2008, p. 182).

Frente a essa conjuntura, era preciso olhar para o passado. No dia 08 de outubro de 1910, fizeram menção ao lema da Revolução Francesa: igualdade, liberdade e fraternidade. Sem liberdade não haveria progresso ou civilização. O exemplo francês ensinava:

Ninguna revolución se ha preocupado seriamente por la igualdad; la igualdad es la base de la Libertad y de la Fraternidad. La igualdad ante la ley que fue la conquista de la Revolución Francesa, es una mentira que rechaza indignada la conciencia moderna. Las revoluciones han sido incendios superficiales. Pueden arder los árboles de un bosque; pero las raíces quedarán intactas. Igualmente, las revoluciones han sido superficiales, no han ido hasta la raíz de los males sociales, no han escarbado la carne enferma hasta llegar al origen de la llaga, y de eso, los llamados jefes han sido los culpables.

Los jefes han sido siempre menos radicales que el grupo de hombres á quienes pretenden dirigir y esto tiene su razón de ser: el poder vuelve al hombre conservador, y no solo eso, sino que lo encariña con el mando. Es necesario ahondar, es preciso profundizar. Los Jefes son cobardes; los Jefes no ahondan ni profundizan. El impulso revolucionario tropieza siempre con el moderantismo de los llamados Directores, hábiles políticos si se quiere, pero sin nervio revolucionario. Sobre lo que es necesario poner valerosamente las manos si se quiere hacer obra revolucionaria y no obra de políticos vulgares (...).

Libertad, Igualdad, Fraternidad; tres bellas palabras que se hace necesario convertir en tres bellos hechos. Pongamos los revolucionarlos la mano sobre ese dios que se llama derecho de propiedad territorial, y hagamos que la tierra sea para todos.

Si se va á derramar sangre que sea en provecho del pueblo. «Derramar sangre por elevar un candidato á la Presidencia de la República es un crimen; porque el mal que aflige al pueblo mexicano no se cura con quitar á Díaz y poner en su lugar á otro hombre.» (...).

Es preciso, sin embargo, hablar con honradez. La toma de posesión de la tierra por el pueblo será un gran paso hacia el ideal de Libertad, Igualdad y Fraternidad. Un gran paso solamente; pero gracias á él tendrá el pueblo oportunidad para adquirir la educación que le hace falta para llegar á constituir en un porvenir, más ó menos cercano la sociedad justa y sabia que hoy es sólo una hermosa Ilusión. (Regeneración, 4ª época, Los Angeles, Califórnia, 08 de outubro de 1910, p. 01).

²⁸⁷ Piotr Kropotkin (1842-1921) foi um escritor russo, considerado um dos principais nomes e pensadores do Anarquismo do século XIX. Dentre suas várias obras, podemos destacar *Lei e Autoridade*, de 1886, *A Conquista do pão*, de 1892 e *Mutualismo: um fator de evolução*, de 1902.

Como mencionado, era importante um país ter liberdade. Nem a Revolução Francesa, com os lemas Liberdade, Igualdade e Fraternidade, conquistou esse direito. Olhando novamente para o passado, as revoluções haviam sido apenas levantamentos superficiais que, no fundo, não modificaram as estruturas e as raízes da nação. As mazelas permaneciam inalteradas. Para se ter mudanças, de fato, era preciso focar nas estruturas: alterar o que se consolidou como um mau para a nação. Olhando o clássico exemplo do passado – o caso francês –, acreditavam que era preciso revolucionar sem moderações²⁸⁸. Como sabemos, a Revolução de 1879 tornou-se paradigmática para se pensar outros eventos semelhantes. Muitos escritores interpretavam suas experiências históricas a partir do modelo francês: *Regeneración* e Turner, cada um a sua maneira, citaram o exemplo da Revolução Francesa para refletir sobre o futuro do México. Não se citava a Revolução Gloriosa ou as chamadas revoluções antigas: a França tornou-se o exemplo norteador. No entanto, eles acreditavam que a Revolução Mexicana traria uma transformação inédita no mundo²⁸⁹. “Un cambio radical ocurrió a partir del 23 de septiembre de 1911, cuando se publica el Manifiesto del Partido Liberal Mexicano, mismo que fue publicado para corregir, mejorar y aumentar el programa de 1906. Se distribuyeron miles de copias, en él la ideología anarquista ya era explícita.” (GÓMEZ QUIÑONEZ, 2008, p. 182)²⁹⁰.

Para os escritores, a revolução deveria acontecer imediatamente, para mudar as bases políticas. Era preciso antecipar o tão sonhado futuro através de uma medida drástica no presente. Construir o futuro no presente; não se podia mais esperar. Posteriormente, em um futuro mediano, mais ou menos próximo, o povo deveria investir em educação para, aí sim, fixar uma sociedade sábia e justa. Como percebemos, existiam camadas de

²⁸⁸ “Não é possível falar de conceitos nacionais enquanto algo isolado das teias formadas na circulação entre o local, o regional e o global.” (ARAUJO, 2010, p. 347).

²⁸⁹ As propostas ainda iam de encontro às ideias do PLM, que propunha, em seu plano, a distribuição de terras. Os objetivos do PLM eram: “El Partido Liberal lucha por obtener la libertad política y la libertad económica para todos los mexicanos, esto es, que todos sean libres como ciudadanos y todos tengan pan. Para que el pueblo esté en camino de conseguir esos bienes, el Partido Liberal quiere el debilitamiento de la fuerza absorbente que caracteriza al Poder Ejecutivo; el debilitamiento igualmente de la influencia que ejerce el clero en la vida política y en el hogar de los ciudadanos; la dignificación y educación del proletariado teniendo como base el Bienestar material que produce el aumento de los salarios y la disminución de las horas de trabajo; abolición de la miseria y engrandecimiento de la raza por medio de la entrega al pueblo de la tierra y de los útiles para trabajarla. Esta es la esencia del Programa del Partido Liberal Mexicano, promulgado por la Junta Organizadora del mismo el primero de Julio de 1906 en la ciudad de St. Louis, Missouri.” (Regeneración, Los Angeles, Califórnia, 4ª época, 29 de outubro de 1910, p. 01).

²⁹⁰ Dirk Raat também falou sobre a mudança de caráter desse documento: “La ideología del magonismo había experimentado cambios radicales entre “Programa del Partido Liberal y Manifiesto de la Nación” del primero de julio de 1906, y el “Manifiesto Pragmático” de septiembre de 1911, que delineaba la posición anarcocomunista del Partido Liberal.” (RAAT, 1988, p. 31).

passado e camadas de presente. O passado recente – especialmente o juarismo – ensinava: mostrava como o México era glorioso e se desvirtuou sob o manto de uma tirania. O passado remoto – colonial – servia para mostrar como o Porfiriato se assemelhava a ele: havia grilhões que impediam a modernidade real da nação. Esta tinha a alma velha, era retrógrada. Já sobre o futuro, algo era urgente e imediato: a transformação política. Em seguida, viria a educação do povo. A longo prazo tudo estaria concretizado: o México, finalmente, seria moderno, democrático, pacífico, republicano e feliz.

Outro ponto a ser destacado na citação acima refere-se à crítica aos chefes, às chamadas lideranças dos grupos revolucionários. Essa questão vai de encontro ao rompimento de relações entre as propostas do Magonismo e do Maderismo. Como vimos no início do texto, quando o *Regeneración* abriu sua oficina pela segunda vez, em 1904, teve ajuda financeira de Francisco Madero, que apoiava as ideias antiporfiristas no que tange à política, pois o presidente havia sido reeleito várias vezes²⁹¹. Madero simpatizava com as ideias dos irmãos Flores Magón e com a produção do periódico. Como afirmou Raat, “inicialmente Madero había apoyado al PLM. A principios de 1905 envié dinero a Flores Magón a San Antonio, y ayudé en la circulación de Regeneración.” (RAAT, 1988, p. 199). Entretanto, com a publicação do livro *La sucesión presidencial em 1910*, escrita em 1908 e publicada em 1909, bem como suas propostas anti-reelecionistas de 1910, que, aos olhos de Ricardo, eram moderadas demais, a relação entre eles foi se enfraquecendo. Para Ricardo Flores Magón, Madero e os maderistas passaram a agir com medo do radicalismo e propuseram o pacifismo como via de salvação do México. Isto, na visão do *Regeneración*, não era suficiente para fazer o México mudar. Em 03 de dezembro de 1910, afirmaram em suas colunas:

(...) los maderistas, en vez de cultivar el espíritu de rebeldía, propagaron, tanto como el miedo se los aconsejó, el pacifismo. Todos sus periódicos aconsejaban al pueblo la sumisión y el respeto á la autoridad; pregonaban con irritante insistencia el deber de conservar el orden; decían que era antipatriótico instigar al pueblo a la revuelta; al primer síntoma de materialización del descontento popular, el maderismo dirigía la temblorosa mano hacia el Norte: nos invadirán, nos conquistarán, gemían, sí nos rebelamos; no hay que emplear la fuerza, decía el maderismo, todo se obtendrá por medio de la boleta electoral.

²⁹¹ “En carta de Madero a su padre, enviada el 10 de noviembre de 1904, aquél le dice:

(...) creemos que ya es tiempo que empecemos a hacer uso de nuestros derechos de ciudadanos, pues es verdaderamente vergonzoso lo que pasa aquí en México, que el miedo, la más vil de las pasiones, nos haya degradado al nivel de los parias. Considero que nuestros derechos de ciudadanos son tan sagrados como los derechos de propiedad, y que así como ésta la defenderemos con tanta tenacidad, así como debemos defender aquéllos.” (MADERO *apud* ROSAS SANCHEZ, 2012, p. 96).

(...)

Madero no debe su derrota a la fuerza del despotismo sino al miedo de las masas esclavas. La revuelta de Madero no fue vencida hace unos cuantos días, sino desde el primer día que sus periódicos predicaron el pacifismo. La fosa del maderismo fue abierta por el primer maderista que condenó la rebelión y predicó las excelencias del voto. (*Regeneración*, 4ª época, Los Angeles, California, 03 de dezembro de 1910, pp. 01 e 02).

Os Flores Magón e *Regeneración* também apoiaram Madero. Em alguns dos números, colocaram-no como importante crítico do governo. Não se pode apenas afirmar que, a partir de 1909/1910, cada um propôs uma alternativa de mudança para a política mexicana, eles estavam em contato desde anos antes. Além de ajudar financeiramente o semanário mencionado, o coahuilense mantinha contato com Camilo Arriaga, quem afirmava ser muito seu amigo, e participava dos grupos liberais²⁹². Em 1904, Madero fundou o “Clube Democrático Benito Juárez”, em Coahuila. Não chegaremos a afirmar que existia uma rede de sociabilidade entre todos eles, mas, devido a identificação de muitos por uma bandeira geral “antiporfirista”, acabaram conhecendo a produção uns dos outros e construindo críticas muitas das vezes semelhantes: como também veremos com as análises das obras de Turner. A partir, principalmente, de 1910, entretanto, *Regeneración* adotou uma postura cada vez mais radical e revolucionária e se afastou do coahuilense, condenando o reformismo e a moderação política deste²⁹³. “Como resposta, em 25 de fevereiro de 1911, o *Regeneración* denunciou Madero como traidor, fechando as possibilidades de colaboração na luta.” (SANTOS, 2012)²⁹⁴.

²⁹² Escreveu no livro *La sucesión presidencial en 1910*: “No hablaré del movimiento político por medio de clubs liberales, iniciado por el ardiente demócrata y estimado amigo mío, Ing. Camilo Arriaga, porque ese movimiento fué sofocado en su cuna con el escandaloso atentado que se verificó en San Luis Potosí, y no tuvo tiempo de conmover profundamente á la República.” (MADERO, 1909, 2ª ed, p. 03).

²⁹³ “El cuestionamiento a las autoridades fue una constante en sus posiciones y acciones. A partir de 1911, un sector del PLM, encabezado por Ricardo Flores Magón, experimentó un proceso de transformación que lo llevó del liberalismo radical, al anarcocomunismo y a apreciar el anarcosindicalismo. No obstante, a lo largo de ese año muchos militantes del partido siguieron siendo liberales radicales, firmes demócratas e igualitarios, inclinados hacia un socialismo moderado.” (GÓMEZ QUIÑONEZ, 2008, p. 169).

²⁹⁴ Segundo Trujillo Muñoz: “Aquí vemos ya que, aun antes de que estallara la Revolución Mexicana, don Ricardo no aceptaba el reformismo maderista, que sólo quería una democracia electoral que no iba a cambiar la maquinaria opresora y represora del sistema porfirista: “Debemos tener presente”, afirmaba Ricardo Flores Magón, “que ningún gobierno puede decretar la abolición de la miseria. Es el pueblo mismo, son los hambrientos, son los desheredados, los que tienen que abolir la miseria, tomando, en primer lugar, posesión de la tierra que, por derecho natural, no puede ser acaparada por unos cuantos, sino que es la propiedad de todo ser humano”. Y concluía: “No es posible predecir hasta dónde podrá llegar la obra reivindicadora de la próxima revolución”, pero él estaba seguro de que pronto se escucharían “los primeros disparos, pronto lanzarán el grito de rebeldía los oprimidos”. Y ese grito no era otro que el del Partido Liberal Mexicano: ¡Tierra y Libertad!” (TRUJILLO MUÑOZ, 2012, p. 22).

2. Madero em 1908/1909: o rompimento com o magonismo e a crítica moderada ao porfirismo

Francisco Ignacio Madero, foi um indivíduo proveniente de uma importante família de Coahuila, que por muito tempo participou do governo local. Durante o governo de Manuel González, entre 1880 e 1884, seu pai, Evaristo Madero, foi governador do estado. Em 1883, este se opôs à eleição de Díaz e renunciou ao cargo. Madero, desde 1904/1905, buscou envolvimento com questões políticas de sua cidade e estado natal. Para Javier Rosas Sánchez, ao analisar sua trajetória de vida e a documentação epistolar contida no *Archivo Don Francisco I. Madero*,

El pensamiento democrático de Madero empezó a madurar desde su juventud, producto de diversas influencias ideológicas, muchas de ellas en el extranjero, y se consolidó a lo largo de sus actividades políticas que inician formalmente en 1905 al postularse a la alcaldía de San Pedro de las Colonias, en Coahuila, su estado natal. En su correspondencia privada, entre 1906-1909, con numerosas personalidades políticas del país, Madero insiste en señalar que la mayoría de los opositores al régimen habían caído presas de la fascinación por el viejo orden, al cual terminaban justificando con el argumento de la necesidad de un gobierno fuerte frente al peligro de la anarquía política, planteando una serie de reformas de todo tipo, pero dejando intocada la actitud política del autócrata, como si éste fuese un personaje ajeno al régimen o una víctima de sus malos manejos. (ROSAS SÁNCHEZ, 2012, p. 93).

Embora as atividades políticas de Madero tenham começado antes, focaremos a análise, para defender nossa tese, em sua principal obra, *La sucesión presidencial en 1910: el Partido Nacional Democrático*, escrita em 1908 e publicada em janeiro de 1909 – devido a atrasos na impressão – pelo impressor Serafín Alvarado, em San Pedro de las Colonias²⁹⁵. Foi um trabalho de crítica ao governo porfirista, contribuindo para a criação de uma matriz avaliativa sobre este período histórico, uma vez que também se referiu ao governo do general como uma “ditadura”. Segundo Cláudia Wassermann, o livro ganhou grande repercussão no cenário político. A primeira edição se esgotou rapidamente, possuindo uma tiragem de três mil exemplares; muitos foram distribuídos pelo próprio Madero (DEL RÍO, 2003; WASSERMANN, 2007). Para Del Río,

²⁹⁵ “El 25 de diciembre de 1908, Madero le notificaba a Francisco de Paula Senties: “mi libro... saldrá en la primera quincena de enero, pues ya está para terminarse y sólo espero que me lo encuadernen y tener todo listo para repartirlo”. Carta de Francisco I. Madero a Francisco de P. Senties: San Pedro, Coahuila, 25 diciembre 1908, publicada en *Archivo de don Francisco I. Madero*, 3 v., ed. de Catalina Sierra, introd. de Agustín Yáñez, México, Secretaría de Hacienda, 1960, v. II, p. 273. (DEL RÍO, 2003, p. 82).

Sabemos que, además de enviar su obra a editores y periodistas, Madero la hizo llegar a varios significados personajes de la política, entre ellos a los que hacían cabeza del grupo de los “científicos”. Al mismo presidente Díaz le remitió un ejemplar acompañado de una comunicación personal “larga y emotiva”, en la que le pedía definir su posición respecto de los problemas a los que el texto se refería. Que la segunda edición del libro haya aparecido hacia mediados del año de 1909 es un dato que hace suponer que la edición príncipe tuvo desde luego un buen número de demandantes o de simples receptores. Como quiera que haya sido, podemos estar seguros de que antes de un año ya había varios miles de ejemplares en circulación. (DEL RÍO, 2003, p. 97).

Além de letrados, outros grupos sociais também leram o livro. Para Héctor Aguilar Camín, duzentos exemplares foram solicitados por um grupo de agricultores sonorenses. Ou seja, fora da vida política essas produções também tinham circularidade. Ainda no primeiro semestre de 1909, Madero escreveu um prefácio para a segunda edição, devido ao sucesso de sua obra. Acontecimento que tornou o jovem autor conhecido nacional e internacionalmente (CÓRDOVA, 1973). Como em *Regeneración*, no livro do coahuilense, Díaz passou a ser interpretado não mais como um pai da pátria, um herói, mas como o homem ambicioso que tomava suas atitudes devido ao seu grande objetivo de alcançar a presidência²⁹⁶. “Uno de los aciertos que [F. Xavier] Guerra atribuye al discurso de Madero es el de la apelación a un conjunto de ideas socialmente consagradas y que, por ende, no eran en modo alguno extrañas a la mentalidad colectiva: libertad, heroicidad, magnanimidad, amor a la patria y otras muchas afines a éstas.” (DEL RÍO, 2003, p. 101). Durante essa atmosfera política, em 1908/1909, Madero já havia começado a se afastar do magonismo, devido à tendência cada vez mais radical de alguns membros do grupo. Em um primeiro momento apoiou o Partido Democrático, que via na figura de Reyes um personagem possível para a presidente. Quando Reyes foi para o exílio, muitos

²⁹⁶ Não trabalharemos neste capítulo a recepção do livro de Madero. Partimos da premissa de que ele circulou de forma rápida no país, tendo duas edições no próprio ano de 1909. Nosso foco é analisar como os escritores, a partir de suas obras, reorganizaram o tempo nacional, cristalizaram essa nova arquitetura através da escrita de ensaios políticos, com o objetivo de desqualificar o governo de Díaz. Sobre a recepção do livro de Madero ver: Arnaldo Córdova. *La ideología de la Revolución Mexicana*. Formación del nuevo régimen, México, Era, 1973; François-Xavier Guerra, *México: del Antiguo Régimen a la Revolución*. 2 v., trad. de Sergio Fernández Bravo, México, Fondo de Cultura Económica, 1988, v. II; Héctor Aguilar Camín, *La frontera nómada: Sonora y la Revolución Mexicana*, México, Siglo XXI, 1977. Entre outros. Aguilar Camín afirmou que muitos grupos que estavam alijados da política leram o livro, como agricultores de Sonora, por exemplo. Guerra, no mesmo sendeiro, explicou que é preciso entender os leitores de Madero para além dos homens que não estavam envolvidos diretamente com as disputas políticas, bem como com o mundo letrado.

grupos políticos passaram a enxergar no próprio coahuilense uma esperança para o futuro (DEL RÍO, 2003, p. 100)²⁹⁷.

Madero escrevia em um momento de grande agitação política: era o ano da sétima reeleição de Díaz. Por um lado, a União Liberal buscava reafirmar a importância do presidente para o governo nacional. José Ives Limantour, Justo Sierra, os irmãos Pablo e Miguel Macedo se encontravam na casa de Pedro Rincón Gallardo para falar e elaborar a reeleição de Díaz. Em 22 de fevereiro, o Círculo Nacional Porfirista lançou uma nota dizendo que, se o país quisesse conservar a paz conquistada durante o Porfiriato, seria preciso reeleger o presidente. (SERRANO ÁLVAREZ, 2011). Por outro lado, as críticas às posturas do primeiro magistrado eram recorrentes em todo o país. As greves de Cananea e Rio Blanco, com a efetiva participação dos irmãos Flores Magón e do PLM, não podiam ser ignoradas pelo Estado. O discurso oficial da paz estava amplamente fragilizado. Como afirmou Basave Benítez, “todo había puesto en tela de duda la invulnerabilidad de la tan inveterada como mítica paz porfiriana.” (BASAVE BENÍTEZ, 1992, p. 59). Ao iniciar o livro, ainda nas páginas em que discorreu sobre o objetivo de o ter escrito, Madero explicou que o México vivia sob uma “ditadura sutil e silenciosa”, descrita da seguinte maneira:

(...) Cuando la dictadura se establece en el *fondo* y *no en la forma*, cuando hipócritamente aparenta respetar todas las leyes y apoyar todos sus actos en la Constitución, entonces va minando en su base la causa de la libertad, los espíritus se vén [*sic*] oprimidos suavemente por una mano que los acaricia, por una mano siempre pródiga en bienes materiales, y con facilidad se doblegan y ese ejemplo, dado por las clases directoras, cunde rápidamente, al grado de que pronto llega á considerarse el servilismo, como una de las formas de la cortesía, como el único medio de satisfacer todas las ambiciones.....las ambiciones que quedan cuando se ha matado en los ciudadanos la noble ambición de trabajar por el progreso y el engrandecimiento de su patria, y solo se les ha dejado y se les ha fomentado la de enriquecerse, la de disfrutar de todos los placeres materiales. (MADERO, 1908 [1909, 1ª ed.], pp. 16-17 - grifo nosso).

²⁹⁷ “A fines de febrero [de 1911], Flores Magón declaró abiertamente que había retirado su ayuda a la revolución de Madero. Para ese tiempo, la cabecilla del PLM Prisciliano Silva había sido arrestado por Madero, y tanto Gutiérrez de Lara como Villarreal se habían pasado del lado de Madero, llevando sus fuerzas con ellos. Con el arresto de Flores Magón en junio se formó otra división dentro de las filas del PLM, cuando se declaró que el recién librado Juan Sarabia quedaba expulsado del partido. Antes de que Madero ocupara la presidencia a fines de 1911, había heredado el apoyo de los antiguos moderados del PLM, de algunos zapatistas y villistas, de la comunidad radical y laboral de Estados Unidos (especialmente Mother Jones y Samuel Gompers), y de diversos hacendados, industriales y banquero de las clases media superior y alta.” (RAAT, 1988, p. 201).

Madero criticou em seu livro uma retórica de acatamento aos aspectos constitucionais desenvolvida pelo governo. Para ele, a Constituição apenas funcionava no âmbito das aparências, camada mais superior aos olhos. No México profundo, a nação vivia sob uma ditadura que ia cada vez mais minando a liberdade dos mexicanos, sem que estes tivessem consciência dessa situação. Este modelo de ditadura era o mais perigoso, pois penetrava na sociedade de forma soturna. O autor defendeu, como os escritores de *Regeneración*, que o povo adormecera. Este aparentava estar satisfeito com as obras públicas construídas pelo governo. Para Madero, Díaz não construía suas políticas públicas pelo bem da nação; sua mão de pai da pátria queria manter o povo calmo, acarinhado, em uma condição de atonia. Com isso, os cidadãos cada vez mais se alijavam das questões políticas e adormeciam frente às conquistas materiais, não tomando atitudes que pressionassem o presidente a propor eleições dinâmicas. O povo precisava ser livre, afirmavam. “En otras palabras: ser libre se postula como una condición moral superior, en tanto que no serlo se supone un estado de verdadera degradación de la naturaleza humana.” (DEL RÍO, 2003, p. 84). Como destacou:

La nación adormecida con el ruido de los silbatos del vapor, fuerza propulsora de la industria; deslumbrada con las múltiples y admirables aplicaciones de la electricidad; ocupada por completo en su desarrollo económico, fiada en la palabra de su Caudillo, no volvió á ocuparse de la cosa pública.

Las débiles voces de la prensa independiente no lograban hacerse oír en medio de aquel ruido atronador. Todos pensaron en enriquecerse; poquísimos se preocupaban de sus derechos políticos.

El General Díaz, en quien tanto confiaba la Nación, aprovechó esa confianza para afianzarse en el poder, pues las riquezas que desparramaba á manos llenas aumentaban los intereses creados á su sombra. La indefinida reelección de los gobernadores hacía que su administración echara hondas raíces, y todas esas raíces iban a alimentar y a sostener el poder absoluto del General Díaz. (MADERO, 1908 [1909, 1ª ed.], p. 144).

Para Madero, o livro funcionava como um alerta. Era preciso perceber essa realidade governamental silenciada pelo discurso da legalidade. A ditadura alargara o presente nacional e tornava o futuro incerto²⁹⁸. Como escreveu, o ruído do progresso era tão ensurdecedor que a imprensa de combate ao governo, independente, não tinha voz, era emudecida. Se, para os autores de *México: su evolución social*, o grito da locomotora

²⁹⁸É importante explicar que, ao final do governo de Díaz, os escritores começaram a discutir o fator biológico, que era a idade do presidente – tendo 78 anos em 1908. Como veremos, Madero tinha o receio de que Ramón Corral, candidato a assumir a vice-presidência da República em 1910, ascendesse à primeira magistratura caso Díaz morresse e, assim, perdurasse o princípio de poder absoluto no México. O temor do coahuilense era justamente a continuação dessa situação no país por parte do sucessor de Don Porfirio.

trazia a boa nova de um futuro promissor, um futuro próximo que adentrava o presente, o triunfo do país; para Madero, esse barulho ensurdecia e desorientava. Nem com periódicos como *Regeneración*, *El Hijo del Ahuizote* e *Diario del Hogar*, considerados produções independentes de combate, o povo se dava conta da atmosfera de pseudoliberalidade que pairava no país. Logo no início do texto, dedicou o trabalho também a estes periodistas de combate, que denunciavam o governo e por muitos anos foram perseguidos pelo poder cada vez mais centralizado do presidente:

En segundo lugar, dedico este libro á la Prensa Independiente de la República, que con rara abnegación ha sostenido una lucha desigual por más de 30 años contra el poder omnímodo que ha centralizado en sus manos un solo hombre; á esa prensa que, tremolando la bandera constitucional, ha protestado contra todos los abusos del poder y defendido nuestros derechos ultrajados, nuestra Constitución escarnecida, nuestras leyes burladas. (MADERO, 1908 [1909, 1ª ed.], p. 02).

O autor mencionou que “por mais de 30 anos” a imprensa independente afrontava a presidência centralizada “nas mãos de um só homem”. Essa afirmação tentou demonstrar que a crítica ao porfirismo começara há décadas, mas sempre foi silenciada por perseguições, pelo discurso da legalidade e da constitucionalidade mantidos pelo governo. Madero defendia dois pilares da democracia e da República que deveriam ser resgatados no México: a legalidade – exercida através do respeito à Constituição de 57 – e a liberdade²⁹⁹. Novamente vemos o discurso da liberdade ganhar dimensão, como acontecia nas páginas do *Regeneración* e do *Revolución*. Para eles, a liberdade não estava atrelada à paz e à ordem – como vimos no discurso oficial analisado nos Capítulos 1 e 2 –, mas a possibilidade de participação na esfera política e maiores garantias ao setor social. Esses aspectos da liberdade deveriam ser condição central no México. Cada ano que se passava, a ditadura conseguia fincar raízes mais profundas no México, sob os olhos admirados do povo pelos progressos materiais, afirmava Madero. Para ele, o governo levou a população a essa condição de congelamento. O “povo” também se tornou uma

²⁹⁹ Se Madero dedicou o livro aos periodistas de combate, em primeiro lugar mencionou os indivíduos patriotas que defenderam a independência do México. No trecho, ficam claros os conceitos que julgava centrais para manter a república e a democracia no país: “Dedico este libro á los héroes que con su sangre conquistaron la independencia de nuestra patria; que con su heroísmo y su magnanimidad, escribieron las hojas más brillantes de nuestra historia; que con su abnegación, constancia y luces nos legaron un código de leyes tan sabias, que constituyen uno de nuestros más legítimos timbres de gloria, y que nos han de servir para trabajar, todos unidos, siguiendo el grandioso principio de fraternidad, para obtener, por medio de la libertad, la realización del magnífico ideal democrático de la igualdad ante la ley.” (MADERO, 1908 [1909 1ª ed.], p. 01). O coahuilense mencionou a Constituição, a liberdade, as leis e a igualdade.

importante fonte de respaldo para as afirmações do coahuilense. A legitimidade construída por Madero em seu livro adveio tanto da utilização de fontes oficiais, quanto do que afirmava dizer o povo mexicano, já que: “en estos casos [quando faltasse dados oficiais para comprovar algo] tendré que atenerme á lo que dice la voz pública y en vez de hacer afirmaciones rotundas, sentaré los hechos como muy probables.” (MADERO, 1908 [1909, 1ª ed.], p. 27).

Como em *Regeneración*, a crítica apareceu nos escritos de Madero: a Revolução de La Noria e a de Tuxtepec também foram reinterpretadas. Elas não foram descritas como o evento inicial que possibilitou um novo México, mas sim como a estratégia pessoal do general para se arraigar na primeira magistratura. Madero refutava a ideia de que a Revolução de Tuxtepec foi a etapa que deu início à salvação do país, como vimos nos discursos do presidente ao Congresso, mas como o começo da ditadura mexicana. O general “había dejado de subsistir el Gobierno Constitucional que existía desde el año de 1857 y se había establecido en su lugar, una dictadura militar, un gobierno de hecho, á la cabeza del cual se encontraba el General Porfirio Díaz.” (1908 [1909, 1ª ed.], pp. 109-110). Novamente o passado recente se tornava central. 1857 foi o ano de promulgação da Constituição liberal. É interessante perceber que a Guerra dos Três anos, ocorrida entre dezembro de 1857 e janeiro de 1861, não foi mencionada neste momento; apenas o fato glorioso da Constituição e o não cumprimento das leis por parte de Díaz. Após analisar os números de *Regeneración* e o livro de Madero, percebemos que esses autores também defendiam as mudanças a partir do liberalismo, mas não de qualquer tipo de liberalismo e sim um liberalismo clássico, que exaltava a Reforma e os acontecimentos de 1857. Para eles, Díaz não fazia parte dessa tradição liberal. Segundo Charles Hale: “Madero ha sido representado tradicionalmente como ‘el apóstol de la democracia’ pues su popular programa de sufragio efectivo y no reelección resucitó el liberalismo de la Reforma y de la República Restaurada tras la larga dictadura de Díaz.” (HALE, 1991, p. 417)³⁰⁰.

En su proclama de la Noria decía [Porfirio Díaz] que no tenía ninguna ambición para ocupar puestos públicos y después de Tecuac ocupa la Presidencia á pesar de los convenios de la Capilla.

Esto nos demuestra que no eran sinceros sus ofrecimientos de la Noria y lo que quería era el apoyo de la Nación para llegar á la Presidencia.

Si proclamaba en sus planos revolucionarios el principio de no-reelección, era porque comprendía que la Nación juzgaba como él, que era peligrosa para los principios democráticos la reelección indefinida

³⁰⁰ “Expulsado de la legalidad, el liberalismo doctrinario halló refugio, después de 1900, en los clubes clandestinos, en el rebelde Partido Liberal Mexicano de 1905 y, por último, en el movimiento antirreeleccionista de Francisco I. Madero.” (HALE, 1991, p. 417).

de los gobernantes, y que proclamando este principio, lo ayudaría en su lucha contra el gobierno, y eso era lo que él buscaba por lo pronto, pues una vez en la silla presidencial, él sabría bien conservarla, aun contra la voluntad nacional. (MADERO, 1908 [1909, 1ª ed.], pp. 117-118).

Em Madero também averiguamos uma outra forma de narrar e experimentar os eventos pretéritos do México, paralelamente ao discurso oficial. Se o país decaíra com Díaz, esta premissa pressupunha que existia algo glorioso anterior a ele. Da mesma forma que para os envolvidos no *Regeneración*, o juarismo e o lerdismo foram, para Don Francisco, as épocas triunfantes da nação mexicana. Começou afirmando: “Juárez, investido de la legalidad de que se había despojado Comonfort [quem promulgara a Constituição de 57], recogió el prestigio que aquél tenía, prestigio que supo acrecentar con la rectitud de sus actos, su admirable serenidad en los más grandes peligros, su indomable constancia, su honradez acrisolada, su patriotismo á toda prueba.” (MADERO, 1908 [1909 1ª ed.], p. 66). Don Benito, o Benemérito da nação para esses autores, era honrado e patriota, possuía retidão, ou seja, caráter íntegro, lisura governamental. Na comparação entre os dois personagens políticos, o general tornava-se o contra modelo, o anti-herói:

Juárez era la encarnación de la ley, el representante genuino de la legalidad y respondía á las aspiraciones de la parte sana de la Nación, tanto del elemento civil, como del militar que se preocupaba por la prosperidad y la tranquilidad de su patria. La prueba de esto fué que los jefes que permanecieron fieles á la causa de la Reforma, jamás se rebelaron contra él ni desconocieron sus órdenes (...). (MADERO, 1908 [1909 1ª ed.], p. 66).

Enquanto Díaz foi representado como a personificação da pátria que fortaleceu o Executivo e transformou o México em uma ditadura, Juárez foi exaltado como a encarnação da lei. Para comprovarmos nossas hipóteses, afirmamos que Madero mencionou o chamado passado caótico mexicano, as guerras civis e intervenções norte-americana e francesa, mas para mostrar como esses conflitos geraram uma cultura do militarismo no país, que empoderou cada vez mais este setor social. A lógica cambiava: o escritor não legitimava as ações do presidente no presente como a necessidade de afastar cada vez mais o país do caos vivido por tantos anos. O militarismo sempre foi um grande problema nacional e Díaz se valeu desse discurso para ascender à primeira magistratura³⁰¹. Com Juárez, o México já estava tranquilo e pacífico. Ele era o presidente

³⁰¹ “Sin embargo, no paso así; la dolorosa experiencia de las guerras civiles que habían sucedido á la de nuestra primera independencia, no fué suficiente para poner un freno á las ambiciones de los caudillos.” (MADERO, 1908 [1909 1ª ed.], p. 86).

que a nação desejava, mas a ambição de Díaz o fez se revolucionar em La Noria³⁰²: “Una vez establecido en el poder el gobierno de la legalidad [juarismo], sostenido por el inmenso prestigio de ésta [toda a nação] y conquistado por el grande hombre que estaba á su cabeza, rápidamente se estableció el orden en toda la República, pues el gobierno era sostenido por la Nación entera y tenía á su servicio las espadas que tan brillantes triunfos le dieron en Silao y Calpulálpam.” (MADERO, 1908 [1909, 1ª ed.], p.72).

O coahuilense afirmou que Díaz possuía o objetivo fixo de assumir a presidência da República e, posteriormente, permanecer na cadeira presidencial. Ele interpretou os progressos materiais realizados no México e o momento de paz que desfrutava o país como resultados dessa vontade de Díaz em continuar na presidência da República. As melhoras conquistadas pelo general não eram movidas pelo seu patriotismo e pela vontade de ver um México moderno, amplamente mencionados em seus discursos ao Congresso, mas tudo, segundo o escritor, girava em torno de sua ambição. A paz verdadeira apenas existiria se houvesse harmonia social e liberdade. Para despersonalizar essa ideia de modernidade conquistada pelo soberano, Madero afirmou que os muitos progressos econômicos conquistados no México não foram ganhos singulares do presidente, mas um fenômeno conjuntural que estava ocorrendo no mundo inteiro, resultado do desenvolvimento da própria ciência³⁰³. Sobre os progressos materiais, pontos-chave dos discursos do general ao Congresso, escreveu o coahuilense

Todo es muy cierto, nuestro progreso económico, industrial, mercantil, agrícola y minero, es innegable.

Ya lo hemos dicho, el General Díaz hará al país todo el bien que le sea posible, siempre que sea compatible con su reelección indefinida.

Pues bien, si es cierto que en el orden de libertades, todas eran un estorbo para lograr su fin, por cuyo motivo ha logrado acabar con ellas, no pasa el mismo con las cuestiones económicas, pues entre más desarrollada esté la riqueza pública y mientras mayores sean los intereses creados á su sombra, será mayor la estabilidad de su gobierno. Para llevar á cima esta obra, los dos factores más importantes han sido: la paz y a oleada de progreso material que ha traído al mundo el vapor

³⁰² Durante o governo de Juárez, afirmou Madero: “la Nación había comprendido cuales eran sus verdaderos intereses; tantos años de guerras intestinas, tan numerosos ensayos de régimen político, habían constituido una verdadera escuela, y el pueblo había manifestado de un modo claro y terminante cuando había podido nombrar con libertad á sus representantes, que estaba cansado del centralismo, porque sólo servía para sostener dictaduras militares, las cuales siempre habían oprimido al pueblo, privándolo de todas sus libertades y que optaba resueltamente por el sistema federal representativo.” (MADERO, 1908 [1909 1ª ed.], p. 67).

³⁰³ “Aun cuando sea generalizado, el enriquecimiento individual no es, en opinión de Madero, equivalente al progreso y engrandecimiento de la patria, pues, según él, para que exista un auténtico progreso nacional es preciso que la prosperidad material se produzca en el ámbito de la libertad política, ya que ésta es el resorte de la equidade.” (DEL RÍO, 2003, p. 86).

con sus múltiples aplicaciones á la transportación y á la industria. (MADERO, 1908 [1909, 1ª ed.], p. 221).

Para Madero, portanto, devido ao fato de o presidente ter passado tantos anos ocupando a primeira magistratura mexicana, Díaz tornou-se a encarnação do poder absoluto, suprimindo os partidos políticos e a dinâmica governamental fomentada pelos mesmos. Quanto mais progresso e paz o Porfiriato afirmava conquistar, mais enraizamento no governo ele tinha. É importante ressaltar que a metáfora arbórea das raízes não foi utilizada apenas por Madero. Como veremos no próximo tópico, Turner afirmou que a ditadura cada vez mais se solidificava no país. Essa ideia de raiz que entranhava no solo mexicano tentava explicar o poder da ditadura, enquanto na superfície do solo o Porfiriato procurava mostrar uma nação moderna, estável, civilizada. Segundo Del Río,

Para Madero lo que en el campo de la economía es espectacular desarrollo, en el de la vida cívica es rotundo retroceso. Esto lo explica como resultado de una amañada política que consistió en apartar a la ciudadanía de las cuestiones de interés público mediante el señuelo de la prosperidad económica, pues, dice, lo que Díaz procuró hacer desde que se consolidó en el poder fue impulsar “el desarrollo material para aturdir los espíritus” y hacer con ello más factible la subsistencia de su dictadura. (DEL RÍO, 2003, p. 89).

A paz se tornou perigosa. Para ele, o discurso da pacificação nacional funcionava como uma estratégia política para abafar os dissensos e evitar a oposição. Explicada a forma de governo que tinha o México no presente – uma ditadura personalista –, Madero também se remeteu outra vez ao passado para iluminar, a partir da comparação, os problemas nacionais. Primeiro, como o porfirismo também fizera, resgatou a imagem do segundo herói da independência, o padre José María Morelos. Mas, agora, Morelos foi relembrado justamente para deslegitimar o governo³⁰⁴. Segundo a história oficial, Morelos, durante o processo de independência do México iniciado em 1810, propôs várias reformas sociais e se colocou contra a Coroa espanhola, o que o fez ganhar a adesão, principalmente, do setor camponês. Morreu em 1815, mas foi eleito, junto a Hidalgo, um dos pais da pátria. Como escreveu Madero,

Pues bien, el poder absoluto del General Díaz, ha creado en México una situación muy distinta á la soñada por Morelos.

³⁰⁴ O padre José María Morelos é considerado o segundo herói da independência, lutando por ela entre 1811 e 1815. O próprio Madero escreveu no livro o que padre havia falado ao remeter-se ao Congresso de Chilpancingo: “Soy el sirvo de la Nación porque esta asume la más grande, legítima é inviolable de las soberanías, quiero que tengan un gobierno dimanado del pueblo y sostenido por el pueblo.” (MORELOS *apud* MADERO, 1908 [1909, 1ª ed.], p. 231).

El Jefe de la Nación en vez de ser siervo y de acatar los decretos del pueblo, se ha declarado superior a él y ha desconocido su soberanía, así es que el gobierno que tenemos actualmente, ni está nombrado por el pueblo, ni sostenido por él. Su fuerza dinama de las bayonetas que después de Tecuac lo llevaron al Palacio Nacional, y que aún lo sostienen allí. (MADERO, 1908 [1909, 1ª ed.], p. 232).

O passado era pedagógico. Um mesmo herói nacional foi resgatado por vários grupos e interpretado a partir do posicionamento político de cada um. O Porfiriato se colocava como continuador do processo de independência iniciado com Hidalgo e Morelos, já que conseguira firmar a paz nunca conquistada pela jovem nação e governava a partir de princípios liberais e republicanos. Já antiporfiristas, como os escritores do *Regeneración* e Madero, mostravam como a política de Díaz havia degenerado e se tornado o avesso do que pregou os pais da pátria e o Benemérito da nação, Juárez. Como afirmou, as conquistas de Morelos eram ignoradas no presente e o povo se tornara servo do ditador. “Hasta ahora hemos conocido al señor General Porfirio Díaz como valeroso caudillo en la guerra de la segunda Independencia, y más tarde como incansable revolucionario, y constante perturbador de la paz.” (MADERO, 1908 [1909 1ª ed.], p. 111 - grifo nosso).

Durante o mestrado, defendemos a hipótese de que, mesmo qualificando o governo de Porfirio Díaz de “ditadura”, Madero ainda fazia parte de uma geração de autores que estava marcada pela experiência de um passado mexicano pós-independência turbulento, caótico, que havia passado por guerras intestinas e intervenções estrangeiras. Afirmamos que tal experiência traumática pautou a escrita laudatória sobre o Porfiriato e acabamos reiterando, desse modo, os mesmos argumentos que a história oficial utilizava na época. Sendo assim, na pesquisa de doutorado, modificamos nossa interpretação sobre o livro, entendendo a produção do escritor como uma crítica velada à elite porfirista e ao presidente, uma vez que o autor vivia sob um governo que cada vez mais perseguia e prendia os escritores contrários à presidência. Lembremos que, neste momento, vários indivíduos estavam refugiados no vizinho do norte, como os Flores Magón.

Portanto, não entendemos mais a produção do coahuilense como defensora do discurso da pacificação. Madero, em determinado momento de seu livro, admitiu que, feita a análise do governo do ponto de vista racional, e, portanto, sendo necessário tecer severas críticas ao regime porfirista de poder despótico, utilizaria, em um segundo momento, o critério sentimental. Afirmou que, de vilão, Díaz poderia ser redimido e se

tornar um dos maiores indivíduos lembrados pela humanidade se lançasse mão da presidência. Ao analisarmos a obra como um todo, percebemos que a estrutura formal/argumentativa do “elogio seguido de crítica” funcionou como um artifício recorrente de censura velada ao invés de um elogio ao primeiro magistrado³⁰⁵.

O coahuilense mobilizou o mesmo vocabulário que já vinha sendo utilizado por porfirianos e por Díaz em seus discursos. *Regeneración* fez o mesmo. Falava-se da paz, do caos, da anarquia, da felicidade da nação. As disputas políticas giravam em torno dos mesmos conceitos. Cada grupo interpretava-os a sua maneira para legitimar e afrontar ou não o porfirismo. A pacificação veio à tona nos escritos dos polígrafos analisados nesse capítulo, bem como a exaltação ou o silenciamento de terminados eventos do passado mexicano. Sobre a paz conquistada no México, escreveu Madero:

La obra del General Díaz ha consistido en borrar los odios profundos que antes dividían á los mexicanos y en asegurar la paz por más de 30 años, aunque todavía mecánica al principio, ha llegado á echar profundas raíces en el suelo nacional, al grado de que su florecimiento en nuestro país parece asegurado.

El General Díaz, con su mano de hierro ha acabado con nuestro espíritu turbulento é inquieto y ahora que tenemos la calma necesaria y comprendemos cuan deseable es el reino de la ley, ahora si estamos aptos para concurrir pacíficamente á las urnas electorales para depositar nuestro voto. (MADERO, 1908 [1909, 1ª ed.], pp. 287-288).

A partir do trecho acima, se, no início do Porfiriato, a paz mexicana era mecânica, sendo imposta pelo presidente através de seu punho firme para conter o espírito turbulento do povo; a cada ano ela se tornava orgânica, deitando “profundas raíces em solo nacional”. Entretanto, o que percebemos é que a paz foi conectada à ditadura. Se ela deitava raíces em solo nacional, ia de encontro com outro ramo também arraigado: a ditadura. Por mais que Madero afirmasse que a paz se tornava orgânica, essa transformação se deu a partir do desenvolvimento de uma forma de governo que suprimia as liberdades sociais. Diante da *maestra* História, o general não instaurou uma democracia

³⁰⁵ “Con todos sus defectos formales, La sucesión presidencial... es el vehículo de un discurso de radical descalificación del régimen imperante en el México de la época. El corolario de dicho discurso bien podría quedar resumido en estas palabras: nada de lo que hace o pueda hacer la dictadura puede tenerse como positivo; la obra del régimen no se salva en modo alguno porque está originaria e irremediavelmente pervertida.⁶⁹ Hemos dicho que, para Madero, el único acto positivo que puede hacer el dictador es el de dejar el poder o, por lo menos, no impedir la competencia democrática, para que sea por esa vía, y no por la pura muerte física del caudillo, como se resuelva el problema del futuro político del país.” (DEL RÍO, 2003, p. 102).

amparada na liberdade³⁰⁶. Sua ambição o manteve na governança a ponto de atrofiar a atuação política dos cidadãos na esfera pública.

Para findar a ditadura, Madero propôs a criação do Partido Nacional Democrático³⁰⁷ – como os irmãos Flores Magón fizeram anos antes com o PLM – que pudesse concorrer nas eleições de 1910 e fomentar um ambiente de disputa contra os governantes nomeados pelo presidente. A obra não propôs uma revolução: a transformação se daria através de eleições sérias. Como vimos no tópico acima, um dos motivos dos escritores de *Regeneración* terem cortado vínculo com o coahuilense em 1910 foi por enxergarem neste uma moderação que já não mais condizia com o magonismo naquela época³⁰⁸.

Percebemos em Madero uma alusão à ideia de História Universal como tribunal do mundo. Frente à História, Díaz poderia ser redimido por todos seus atos se respeitasse a Constituição³⁰⁹. Se não houvesse mudanças, a memória a ser lembrada do presidente seria a de um indivíduo ambicioso, que perdera seu prestígio e guiara a República ao abismo e à decadência. A estrutura do tempo histórico no livro não era progressiva, como

³⁰⁶ “Cuando Madero habla de democracia, se refiere a la renovación permanente en los cargos de gobierno, como forma de construir la esfera de lo público. Igual se refiere a la obligación que tienen los partidos políticos de educar a las masas en los valores civiles que les permitan romper con su dominación corporativa y patrimonial, de movilizar a la opinión pública y participar directamente en la formulación de sus demandas y su solución conjunta con el gobierno. Todo ello obviando a los intermediarios o “notables” locales, y desechando la actitud de pasividad civil que espera que el gobierno actúe sobre la sociedad, en forma paternal, para resolver sus necesidades.” (ROSAS SÁNCHEZ, 2011, p. 102).

³⁰⁷ Cujos princípios eram o de não reeleição e liberdade de sufrágio.

³⁰⁸ No prólogo da segunda edição do livro, que saiu igualmente em 1909, o autor comentou a crítica realizada a ele sobre o abrandamento, ao final do livro, de suas ideias com relação à Díaz. Escreveu: “Otra objeción: que nos han hecho algunos amigos, es la siguiente: en el curso de nuestra obra parece que logramos infundir en el ánimo del lector la idea de los males sin cuento que al país ha acarreado la Dictadura, y al terminar proponemos que siga el General Díaz en el poder, lo cual causa gran decepción en el ánimo de algunos lectores.

Esta decepción proviene de no haber comprendido el espíritu de nuestro trabajo, que es el de buscar un remedio práctico á nuestros males.” O escritor afirmou que a mudança era urgente e necessária. Não deixou de qualificar o Porfiriato como ditadura, que muitas vezes escravizou o povo, mas, neste momento, a revolução não era, para ele, o meio mais eficaz de mudança em 1908/1909. Um dos periódicos que direcionou a censura ao seu livro foi *Regeneración*, acusando-o, como vimos, de optar pela moderação.” (MADERO, 1909, 2ª ed., p. 283).

³⁰⁹ Conhecemos a ideia de História como tribunal do mundo principalmente pela sua difusão a partir das obras de Georg W. F. Hegel em *Linhas fundamentais da filosofia do Direito*. Não podemos reduzir e simplificar a discussão afirmando, por exemplo, que Hegel escreveu sobre determinado assunto e Madero empregou suas reflexões. Nem que este utilizou um autor específico para refletir sobre seus posicionamentos políticos. As apropriações precisam sempre ser matizadas. Achamos importante mencionar a ideia de História como tribunal do mundo a partir, principalmente, das explicações de Hegel, mas sendo necessário ressaltar que este foi leitor de muitos outros autores como, por exemplo, gregos e romanos, possuindo influência destes pensadores. Não temos o intuito de afirmar que a ideia se originou com o filósofo alemão, bem como que os mexicanos aqui analisados utilizavam, de forma simplista, estas ideias e conceitos. Achamos importante fazer esta ressalva nesta parte do trabalho.

percebemos nos capítulos anteriores da tese. Em *La sucesión presidencial*, o presente estava estagnado sob as raízes da ditadura. Um presente alargado, ainda com excesso de passado herdado do militarismo. Caso não houvesse eleições presidenciais e uma renovação política, o México decairia. O presente não era glorioso. Novamente Don Francisco saltava os olhos à História. Dentre os exemplos utilizados para aclarar qual seria o futuro do país se nada fosse feito, Madero apontou como foi e qual o desfecho dos governos que se valeram do poder despótico. A analogia inicial foi feita com o governo de Augusto, primeiro imperador de Roma. Fazendo uma citação direta de Cornélio Tácito, escreveu o autor:

Tácito describe del siguiente modo, los medio de que se valió Augusto para absorber todo el poder en sus manos: <<Desde que hubo seducido al soldado con sus dádivas; al pueblo con sus distribuciones de trigo, á todos por el encanto del reposo, principió a elevarse poco á poco, á atraer hacia él todas las fuerzas del Senado, de los Magistrados, de las leyes. Nadie se oponía: los republicanos más dignos habían sucumbido en las batallas y en las proscipciones; los nobles que quedaban, se elevaban en riquezas y en honores á medida que aumentaba su servilismo; aquellos que habían sido elevados por los nuevos acontecimientos, amaban más al presente y su seguridad, que el pasado con sus peligros. (TÁCITO *apud* MADERO, 1908 [1909 1ª ed.], p. 122).

Valendo-se de Tácito, Madero explicou que Augusto, durante seu governo, “seduziu os soldados com dádivas”, o povo romano com “distribuições de trigo”, e a todos com a estabilidade perigosa gerada em Roma³¹⁰. Diante destes aspectos, pouco a pouco o príncipe foi concentrando poderes em suas mãos. Madero enxergava as mesmas atitudes em Díaz. O presente romano, sob o governo do imperador, estava seguro, pacífico, frente ao passado de guerras civis e conturbações. Segundo o filósofo e historiador Will Durant, “todo o mundo mediterrâneo estava aos pés de Otávio em busca de liberdade e paz”. (DURANT, 1971, p. 178). O discurso da paz sempre foi sedutor e um forte instrumento político até os dias de hoje. Como percebemos, a analogia entre Díaz e o imperador Augusto não era fortuita. A História ensinava. Em Roma, a etapa posterior ao despotismo foi a decadência do Império. No México, se havia paz, era marcada justamente pela

³¹⁰Como explicou Semíramis Corsi Silva: “nos últimos anos da República Romana, aconteceu um longo período de guerra civil. A situação do grande território conquistado pelos romanos e, principalmente, da sua política administrativa, era de um verdadeiro caos. O Senado Romano, órgão político máximo no período republicano, se mostrava incapaz de governar um império mundial. A situação econômica também não era boa, o comércio se encontrava estagnado, a terra desvalorizada, muitos homens haviam perdido seus bens com as guerras de conquistas e as províncias fomentavam um grande rancor pelos romanos, que lhes tiraram a liberdade, sem oferecer, ao menos, segurança e estabilidade.” (SILVA, 2010, p. 01).

submissão do povo. Era a política do “pão e pau”, mas, na leitura do coahuilense, mais pão do que pau, já que esta medida tinha o intuito de deixar o povo subordinado. A expressão mencionada é uma versão espanhola do “pão e circo” romano. Foi formulada pelo liberal Arroyal Lion no século XVIII como crítica ao governo.

“Paz” e “submissão” eram sinônimos no interior dessa forma de governo. O Egito também fora marcado por governos gloriosos, mas onde o povo viveu sob servidão e miséria. Com estes exemplos, Madero alertava a população sobre o futuro do México, o futuro era incerto e perigoso: “¿Dónde están ahora esos hombres que salven á la patria en caso de peligro?”. Madero via na História os maiores exemplos. A situação presente ameaçava o futuro e, como escreveu o coahuilense: “México pasa[va] por uno de los períodos de su historia más peligroso y sólo el patriotismo de todos los mexicanos podrá salvarlo de las tempestades que lo amenazan.” (MADERO 1908 [1909, 1ª ed.], p. 278). Don Francisco mesclou duas concepções de história, portanto. A história exemplar exaltava Juárez. Ele era o modelo de governante a ser seguido. Ao invés de se destacar o passado nacional mais remoto, 1857 era um importante marco cronológico que mostrava a glória mexicana. Ademais, os exemplos não eram apenas nacionais. Buscava-se na história universal o fim que levaram os governos absolutos. Nenhum deles prosperou, todos entraram em decadência. O outro modelo, que complementa o primeiro, é o da história projetiva: alertava-se o presidente e o povo das futuras consequências para o país dessa longa duração do Porfiriato.

Se a condição do presente não fosse mudada pelo povo, poderia ser fatal para a nação. A criação de partidos políticos era necessária ao país. A população precisava acordar daquela atmosfera que a cristalizou e a fez adormecer. Diferentemente de Roma, o México, sob o porfirismo, iria se esfacelar e decair mais rápido. O presidente estava longe de assemelhar-se ao *dictador* romano que, em um estado de necessidade, emergia para gerar ordem e, em seis meses, deixava o poder. O despotismo de Díaz, sua permanência duradoura na primeira magistratura, dava indícios preocupantes de se transformar em uma tirania. O livro do coahuilense consistiu em um texto político que continha um programa de oposição ao governo, valendo-se de episódios históricos como forma de justificar a necessidade de mudanças no presente. Não era um texto revolucionário como vimos em muitas páginas do *Regeneración* e do *Revolución*, mas oposicionista. Continuar com um sistema ditatorial no México faria com que o país acabasse em decadência, como aconteceu com Roma frente à Augusto. Madero valeu-se

de Tácito e outros escritores para embasar seus argumentos. No juízo final que Madero fez em *La sucesión presidencial en 1910*, Díaz poderia ser redimido pela História caso se colocasse abaixo da Constituição. O país precisava se tornar livre, não livre do caos passado – como afirmou Díaz –, mas livre do próprio presidente. O horizonte de expectativa se abria para o incerto. Algo deveria ser feito diante desse declínio. Em 06 de junho de 1910, Madero foi preso por tropas porfiristas, conseguindo escapar em outubro do mesmo ano, quando lançou o Plano de San Luis Potosí, neste momento com um discurso diferente, revolucionário. O presente estava carregado de tensão: era preciso tomar atitudes para dar uma direção diferente ao devir.

3. Turner, um escritor entre fronteiras nacionais

Outro escritor que também se relacionou com os irmãos Flores Magón, com a Junta Organizadora do PLM e que acompanhou as publicações do *Regeneración* foi o jornalista norte-americano John Kenneth Turner. A relação entre ele e os revolucionários se deu quando muitos destes fugiram aos Estados Unidos, cruzando a fronteira devido à perseguição do governo mexicano. Como os escritores do periódico supracitado e Francisco Madero, Turner também produziu escritos que buscavam entender a conjuntura político-social de seu vizinho do sul. Para Aurora Gómez Galvarriato e Mauricio Tenorio Trillo, o livro *Barbarous Mexico* é considerado um dos marcos da bibliografia ortodoxa conhecida como antiporfirista. Segundo Rosalía Velázquez Estrada e Antonio Campos Arias, Turner possuiu, durante sua vida profissional, uma tendência socialista, participando do Partido Socialista de seu país.

No início do século XX, o jornalista mantinha contato com um grupo de amigos, também socialistas e a favor do magonismo. Eram eles: P. D. Noel, indivíduo que cedeu sua casa para as reuniões a favor da libertação dos irmãos Flores Magón, presos nos EUA; John Murray, proveniente de uma rica família norte-americana, que passou a lutar pela causa social; Job Harriman, indivíduo vinculado ao já mencionado Partido Socialista³¹¹. E Elizabeth Trowbridge, esposa de Lázaro Gutiérrez de Lara, citado no *Regeneración*

³¹¹ Em 1910, Harriman foi candidato à vice-presidência dos EUA pelo *Social Democratic Party*.

como amigo da causa revolucionária na última fase do periódico³¹². Harriman e Trowbridge participavam da “Liga Defensora de los Revolucionarios Mexicanos”, criada por Eugene Debs em 1907, importante líder socialista também da esquerda norte-americana a favor dos críticos ao porfirismo e um dos fundadores do IWW, mencionado acima. Turner e sua esposa Ethel Duffy faziam parte desta Liga. Era neste ambiente efervescente que Turner se encontrava e produzia seus trabalhos (VELÁZQUEZ ESTRADA, 2000)³¹³. Como mencionou esta historiadora,

El ambiente que los socialistas vivían en ese momento era de entusiasmo y hasta podríamos decir que festivo ya que en sus mítines (*sic*) no faltaban las flores, la música y los coros de los militantes, eran sus mejores años, vencían obstáculos en su campaña para politizar la sociedad norteamericana hacia un cambio que beneficiara las mayorías, tenían influencia política, periódicos bien organizados y con grandes tirajes, mantuvieron buenas relaciones con las organizaciones sindicales sobre todo con la IWW, y su lucha a favor de la libertad de expresión fue una consigna cotidiana. (VELÁZQUEZ ESTRADA, 2000, p. 80).

Turner fez várias viagens ao México, tanto durante a administração porfirista, quanto na época dos governos revolucionários, e escreveu sobre ambos os períodos seguindo o estilo da crônica periodista³¹⁴. Além disto, suas obras se encaixavam em uma literatura de testemunho (até mesmo por causa de seu estilo jornalístico). O valor testemunhal dos seus escritos formava uma opinião no leitor, produzindo um efeito de crença naquela situação descrita³¹⁵. Nos Estados Unidos, era considerado um *muckraker*,

³¹²Jornalista mexicano que residiu nos Estados Unidos e manteve contato com Turner. Também direcionou fortes críticas ao porfirismo e foi citado em *Barbarous Mexico* como o indivíduo que ajudou o escritor a ingressar no país e denunciar aquela realidade.

³¹³ “John Kenneth Turner formaba parte del oeste rojo estadounidense constituido por socialistas, anarquistas y wooblies, nombre con el que se conocía a los miembros de la International Workers of the World (IWW), quienes dieron la bienvenida y apoyo a los magonistas que vivieron un activo exilio en Los Angeles. A raíz de su contacto con los Flores Magón, se despertaron en él simpatías profundas hacia el pueblo mexicano que no quedaron sólo en la escritura de su reportaje México bárbaro (convertido en libro en 1910), sino que lo llevaron a comprometerse con la causa encabezada por la Junta del PLM y a vivir íntimamente el ambiente de conspiración revolucionaria que se respiraba en torno al magonismo.” (VELÁZQUEZ ESTRADA, 2002, p. 202).

³¹⁴Segundo Campos Arias, a crônica periodista consiste em um estilo de escrita que mistura a notícia de um determinado acontecimento com uma apreciação pessoal do jornalista, enriquecendo assim o evento abordado. Esse tipo de abordagem também apareceu, como vimos, no *Regeneración*. Ao mesmo tempo que a crônica informa, ela também narra algo, tendo que ter o escritor um conhecimento profundo sobre o tema. Esse estilo jornalístico tem o objetivo de formar uma opinião em seus leitores. (CAMPOS ARIAS, 2011, pp. 36-37).

³¹⁵ Embora François Hartog atente-se em sua obra “O Espelho de Heródoto: ensaio sobre a interpretação do outro” sobre a obra de Heródoto, no século V a.C., refletindo, principalmente, sobre o mundo grego, suas considerações teóricas sobre o valor testemunhal são importantes para nós. Sobre isto ver: HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a interpretação do outro*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999. Sobre o assunto falaremos mais abaixo.

periodista cujo objetivo era denunciar políticos e empresários corruptos, além da tentativa de mobilizar a sociedade civil frente aos problemas que estavam acontecendo em seu e em outros países (VELÁZQUEZ ESTRADA, 2000, p. 79). A primeira viagem do jornalista ao México foi financiada pela própria Trowbridge, quem também custeou, meses antes, uma viagem de Murray. Muitas das produções de Turner foram publicadas no *The American Magazine*, periódico de cunho investigativo e que tinha uma tiragem de 300 mil exemplares mensais (BARTRA, 1977), *Pacific Monthly* e *Appeal to Reason*, principal órgão difusor do Partido Socialista³¹⁶. Ademais, entrou em contato direto com Ricardo Flores Magón, Antonio Villarreal, Librado Rivera e Manuel Sarabia, líderes do PLM, quando os entrevistou em 1908 para o jornal *Los Angeles Express*. Em agosto de 1907 eles foram encarcerados em Los Angeles e Turner os encontrou na prisão. A fronteira era fluida, como vimos, havia uma base transfronteiriça nessas produções, leituras e trocas de experiência³¹⁷. Em setembro de 1908, Turner decidiu viajar ao México para entender e escrever sobre a conjuntura nacional, onde teve contato próximo com Lázaro Gutierrez de Lara durante sua estadia no país, amigo dos irmãos Flores Magón e que participou dos movimentos obreiros como a Guerra de Cananea. As relações de Turner e os irmãos Magón foram próximas. Turner e Ethell Duffy coordenaram a sessão em inglês do *Regeneración* em sua última fase. O jornalista também esteve presente no levante na Baja California. Para Javier Garciadiego,

Entonces, al quedar libre hacia 1903 [Ricardo Flores Magón] editó "El Hijo del Ahuizote", en ese periódico hay una foto famosísima que todos los mexicanos hemos visto, o casi todos, en donde en el balcón de la editorial del periódico se pusieron unos moños negros y se puso la leyenda "La constitución ha muerto", estamos hablando, obviamente, de la Constitución de 1857, esto le generó una nueva clausura, persecución y huyó a Estados Unidos. En Estados Unidos reapareció "Regeneración", pero Ricardo Flores Magón se fue vinculando a grupos de socialistas y anarquistas norteamericanos, muchos de ellos de ascendencia europea, y además encontró otra realidad: ya su periódico

³¹⁶O *Appeal to Reason* foi um importante periódico de tendência socialista. Nele, publicavam importantes escritores da esquerda norte-americana, como o próprio Debs, mencionado acima. Este periódico também chegou a apoiar os críticos que denunciavam o porfirismo. Como explicou Dirk Raat, "El Appeal to Reason, al que sus enemigos algunas veces llamaban Squeal of Treason, era la publicación socialista más influyente de su época. Hacia 1911, su circulación sobrepasaba la de todas las demás, con excepción de algunas revistas regulares, y hubo veces en que se imprimieron hasta un millón de copias. Publicada en Girard, Kansas, con Fred Warren como editor y director, el Appeal presentó varios artículos sobre el terrorismo de don Porfirio en México y los apuros de los rebeldes mexicanos en Estados Unidos." (RAAT, 1988, p. 56).

³¹⁷Sobre o assunto ver: DUARTE ESPINOZA, M de Jesús. "Las relaciones fronterizas entre México y Estados Unidos 1900-1910". In: *Tzintzun*. Revista de Estudios Históricos, n. 28, jul.-dez. 1998; RIGUZZI, Paolo. "Interrogando la vecindad: las relaciones México-Estados Unidos, 1880-1948, en el espejo de la bibliografía de las últimas décadas". In: *Estudios de historia moderna y contemporánea de México*, n. 34, jul.-dez. 2007.

no podía dirigirse a los abogados mexicanos, sino que tendría que ser dirigido a los trabajadores mexicanos, a los residentes mexicanos del sur de Estados Unidos. El tema de la justicia decayó y empezaron a predominar temas sociales, temas políticos, temas internacionales. (GARCADIAGO, 2010, p. 02).

Para David Brading, Turner pode ser inserido na vertente crítica que se atentou para a exploração dos mexicanos nas grandes fazendas do país. Seus trabalhos se referiam aos trabalhadores do campo que estavam submetidos a uma situação de escravidão, segundo ele. *Barbarous Mexico* possuía abertamente uma crítica política – como no livro de Madero e em *Regeneración* –, mas com grande apelo social. Nesta mesma linha de tradição, que deu importância à questão agrária, estaria John Reed, jornalista norte-americano que, em 1914, escreveu *Insurgent México*, livro que abordou o movimento revolucionário do país vizinho. Ademais, o grande nome desta tradição foi Frank Tannembaum, autor que muito se valeu das obras de Luis Wistano Orozco (*Legislación y jurisprudencia sobre terrenos baldíos*, 1895) acerca do monopólio das grandes fazendas e da relação entre proprietários e peões, bem como da obra de Andrés Molina Enríquez (*Los grandes problemas nacionales*, 1909), quem se atentou para a questão agrária e latifundiária de seu país. Tannembaum preocupou-se com a questão agrária e viu na figura de Emiliano Zapata um ícone revolucionário³¹⁸. Segundo Brading, este autor foi importante na criação da ideia de uma revolução popular de massa anônima, ou seja, que não possuía uma liderança intelectual. Vimos que, anteriormente, *Regeneración* também apostava nessas ideias. O motor de mudança nacional deveria estar no povo enquanto coletivo, sem o destaque de uma autoridade ou grande homem. Como escreveu: “La Revolución Mexicana fue anónima. Esencialmente fue obra de la gente común. Ningún partido organizado presidió su nacimiento. No hubo grandes intelectuales que redactaran su programa, que formularan su doctrina, que trazaran sus objetivos. (TANNEMBAUM apud BRADING, 1985, p. 23 - trecho retirado de *Peace by Revolution*). Para Luis Barrón, Turner está inserido em um grupo de escritores que entendia a revolução a partir de uma interpretação monolítica e unitária.

Em 1911, *Barbarous Mexico* foi publicado na forma de livro em Chicago e Londres. Na década de 1960, tornou-se leitura obrigatória nos cursos de História do

³¹⁸ “La generación de Turner, Reed y Steffens legó sus simpatías por México y su revolución a algunos jóvenes intelectuales de izquierda que vendrían a México en la década de 1930: Frank Tannenbaum, Joseph Freeman y Ernest Gruening, quienes redescubrieron a México y su cultura.” (VELÁZQUEZ ESTRADA, 2002, p. 206).

México. (VELÁZQUEZ ESTRADA, 2000, p. 78). Entretanto, o livro já fazia sucesso no próprio Estados Unidos, pois, segundo Claudio Lomnitz (2009), chegou a vender um milhão de exemplares, sendo comparado com o sucesso de vendas de *Uncle Tom's Cabin*, da escritora estadunidense Harriet Beecher Stowe³¹⁹. Embora o livro fosse de 1911, Turner já havia publicado as principais ideias no jornal *The American Magazine* que chegou a possuir uma tiragem de 300 mil exemplares mensais, tendo um grande público leitor. À época, publicavam neste periódico Ray Stannard Baker, que investigou a questão racial nos EUA, Ida Tarbell, famosa jornalista que, em 1904, escreveu *The History of the Standard Oil Company* (empresa do famoso John Rockefeller)³²⁰ e Lincoln Steffens, que escrevia sobre corrupções do governo em cidades norte-americanas. Estes três escritores faziam parte da *McClure*, revista de cunho investigativo e, em 1906, ajudaram a criar a *The American Magazine*. Entre outubro e dezembro de 1909, Turner, em apoio ao PLM, publicou uma série de artigos, cujo assunto foi a existência de escravidão em alguns estados do México porfirista³²¹. *Regeneración* chegou a citar a produção de Turner em suas páginas para incentivar a leitura. Em 1911, o escritor uniu estes artigos que se tornaram os cinco primeiros capítulos de seu livro, publicado em abril sob o título *Barbarous Mexico*.

3.1. Uma análise de *Barbarous Mexico*: a questão social como forte elemento de crítica

Turner iniciou o livro explicando qual era seu objetivo. O autor deixou claro que, abaixo do Rio Grande, havia um movimento contra o presidente da República e seu receio era de que o governo estadunidense pudesse intervir na situação, corroborando com o porfirismo. O público-alvo de seu trabalho, ao contrário das produções analisadas acima, não era a sociedade civil mexicana, mas sim a norte-americana que, informada sobre as

³¹⁹ Não possuímos o artigo, mas Eugenia Meyer desenvolveu o assunto em seu trabalho. Ver: MEYER, Eugenia. *John Kenneth Turner, periodista de México*. Cidade do México: Era, 2005.

³²⁰ Em 1999, a New York University concede o prêmio de um dos cem melhores trabalhos jornalísticos a esse livro de Tarbell.

³²¹ “Los tres artículos primeros se publicaron en el último trimestre del año, no sólo en *The American Magazine*, sino también en *The New York Sun*, *The Rochester Times*, *The Milwaukee Journal*, y en algunos periódicos londinenses. En enero de 1910, por intimidación de sus editores, *The American Magazine* cambió la política editorial, y no aceptó más entregas sobre el tema de la explotación de los obreros mexicanos, pero siete capítulos adicionales sí fueron publicados en *Appeal to Reason*, uno en la *International Socialist Review*, y uno más en el periódico mensual *Pacific Monthly*.” (MOELLER, 2012, p. 03).

reais condições por que passava o México, deveria pressionar os Estados Unidos para que uma medida a favor de Díaz não fosse adotada. Os próprios integrantes do PLM possuíam o receio de que o governo norte-americano prestasse auxílio ao porfirismo contra os movimentos que afrontavam o presidente. “En este sentido, la tarea de John Kenneth Turner en el magonismo fue preparar a la opinión pública estadounidense para que entendiera el significado de la lucha de liberación, justificar el movimiento revolucionario y, a su vez, ejercer una presión social que impidiera la intervención.” (VELÁZQUEZ ESTRADA, 2002, p. 201). Turner enfatizava a ideia, como vimos nas páginas do *Regeneración*, de que existia um México que se queria mostrar ao mundo: que era moderno, liberal, republicano, civilizado e pacífico; e um México profundo, real, onde vigorava a forma de governo ditatorial, o povo era escravizado e não existia o cumprimento da legalidade. O escopo foi retratar qual era o verdadeiro México existente durante os anos de 1876 a 1911, argumentava. Para Gómez Galvarriato e Tenorio Trillo, Luis Wistano Orozco, Andrés Molina Enríquez e John Turner “marcan y deciden el inicio y futuro de la historiografía del autoritarismo porfiriano (...)” (GÓMEZ GALVARRIATO; TENORIO TRILLO, 2006, p. 49). Tais autores foram retomados e discutidos por escritores de gerações revolucionárias posteriores. O governo das leis sob o Porfiriato era, para Turner, uma mentira, além da Constituição liberal não ser cumprida pelo presidente. Como indagou logo no início da obra:

What is Mexico?

Americans commonly characterize Mexico as “Our Sister Republic”. Most of us picture her vaguely as a republic in reality much like our own, inhabited by people a little different in temperament, a little poorer and a little less advanced, but still enjoying the protection of republican laws—a free people in the sense that we are free.

Others of us, who have seen the country through a car window, or speculated a little in Mexican mines or Mexican plantations, paint that country beyond the Rio Grande as a benevolent paternalism in which a great and good man orders all things well for his foolish but adoring people.

I found Mexico to be neither of these things. The real Mexico I found to be a country with a written constitution and written laws in general almost as fair and democratic as our own, but with neither constitution nor laws in operation. Mexico is a country without political freedom, without freedom of speech, without a free press, without a free ballot, without a jury system, without political parties, without any of our cherished guarantees of life, liberty and the pursuit of happiness. (TURNER, 1910, p. 09).

Como percebemos a partir do exemplo desta citação, em todo o livro Turner tensionou a noção de um México real e um México aparente, este sendo o que Díaz e a

elite porfiriana desejavam mostrar ao mundo. Para o escritor, qual era o verdadeiro país sob o governo do general? Uma administração que possuía uma retórica legalista, que seguia uma constituição liberal, mas, que de fato, não se cumpria. A querela entre o México real e o imaginário moveu a narrativa de Turner. Aos viajantes que passeavam nos pomposos trens construídos durante o governo do general e voltavam aos Estados Unidos encantados com o que apreciaram, acreditando existir naquele país um bom governante, um *pater patriae*, que queria proteger e cuidar de sua nação, colocando-se à frente dela para abrigá-la em qualquer momento, Turner afirmou que o que existia no país era uma alta supressão de direitos individuais, a falta de partidos políticos atuantes no cenário público, alto controle da imprensa e, o que foi um dos argumentos principais da obra: de que no México existia escravidão. Novamente vemos o discurso oficial do Porfiriato sendo desmontado. À primeira vista, representada pela metáfora da paisagem vista pelos turistas através das janelas do trem, o país parecia uma grande nação, mas, com um olhar aproximado, atento, enxergava-se os atrasos e a barbaridade que existia por detrás da face moderna e pacífica.

Até o capítulo cinco do livro, o argumento central de Turner foi que, durante o Porfiriato, existiu escravidão no México. O enfoque do autor, ao falar dos estados que possuíam alta porcentagem de escravos no país, foi Yucatán e o Valle Nacional³²². Ele defendia tal afirmação com autoridade justamente por ter viajado ao país e, lá, visto e ouvido acerca deste modo de trabalho. Ou seja, o ver e ouvir sobre algo produzem no livro de Turner, como em qualquer relato de viagem, um efeito de crença (HARTOG, 1999, p. 274). Entendidos como marcas de enunciação, embora não sejam as únicas do texto de Turner, o ver, ouvir, dizer sobre o que se via e ouvia, produzem um impacto no destinatário da obra, fazendo-o crer no que se conta. (HARTOG, 1999, p. 297). Para o periodista, “every essential fact which I put down here in regard to the slavery of Mexico I saw with my own eyes or heard with my own ears and heard usually from those individuals who would be most likely to minimize their cruelties - the slave-drivers themselves” (TURNER, 1910, p. 12)³²³.

³²² Escravidão para Turner seria a propriedade que um indivíduo teria sobre outro, sendo até possível ele ser transferido a terceiros. Além disto, acrescentou, “Slavery is the ownership of the body of a man, an ownership so absolute that the body can be transferred to another, an ownership that gives to the owner a right to take the products of that body, to starve it, to chastise it at will, to kill it with impunity. Such is slavery in the extreme sense. Such is slavery as I found it in Yucatan.” (TURNER, 1910, p. 16).

³²³Novamente reiteramos: não podemos deixar de destacar que o livro de François Hartog se refere aos trabalhos de Heródoto e não sobre o século XIX. Entretanto, algumas discussões feitas no livro nos ajudam a pensar a obra de Turner, principalmente quando este funda sua autoridade em um “eu vi” como funcionava

É importante salientar que, além de Turner ter se colocado como testemunha da escravidão mexicana, os seis primeiros capítulos, nos quais ele discorreu sobre como funcionava este sistema e como era a situação dos peões das cidades, foram todos compostos por diálogos. Isto gerou cada vez mais um efeito de verdade e crença sobre o que o autor quis defender – outra forma de marca de enunciação. Os demais capítulos não tiveram a mesma estrutura e as fontes utilizadas pelo periodista foram as notícias de jornais tanto do México quanto do próprio Estados Unidos. O interessante é que a todo momento ele foi pedindo para que as pessoas, ao lerem sua obra, refletissem, imaginassem o que era descrito, e tomassem uma atitude perante a situação pela qual passava o país. Acreditamos ser também devido a estes fatores de disposição e argumentação textual que *Barbarous Mexico* possuiu, à época, grande repercussão nos Estados Unidos. A interpretação que Turner construiu do México porfirista foi estabelecida em comparação com os Estados Unidos. Para ele, o México não era moderno: parte da população estava sob a condição de escravidão. Havia escravos anacrônicos no país, afirmava, semelhantes aos que existiam na parte sul do vizinho do norte, antes da Guerra Civil norte-americana (1861-1865). Argumentou,

The Yucatan slave gets no hour for lunch, as does the American ranch hand. He goes to the field in the morning twilight, eating his lump of sour dough on the way. He picks up his machete and attacks the first thorny leaf as soon as it is light enough to see the thorns and he never lays down that machete until the twilight of the evening.

(...)

Over and over again I have compared in my mind the condition of the slaves of Yucatan with what I have read of the slaves of our southern states before the Civil War. And always the result has been in favor of the black man. Our slaves of the South were almost always well fed, as a rule they were not overworked, on many plantations they were rarely beaten, it was usual to give them a little spending money now and then and to allow them to leave the plantation at least once a week. (TURNER, 1910, p. 35).

As analogias entre os dois países tornavam-se um elemento heurístico para se entender a situação mexicana no presente, além de tornar os fatos inteligíveis aos próprios norte-americanos. O livro não possuía o objetivo de ter um rigor acadêmico, o contraste entre EUA *versus* México e a simplificação do governo porfirista possuíam o intuito de comover o público leitor. Da mesma forma como vimos em *Regeneración* e no livro de Madero, os exemplos históricos grifados, exaltados, não eram os conflitos civis e

o sistema de escravidão no México de Porfirio Díaz. As discussões colocadas por Hartog nos ajudaram a refletir sobre muitos aspectos da construção narrativa da obra do periodista norte-americano, mas é importante, como foi explicado, destacar que não é um livro que analise propriamente o oitocentos.

intervenções estrangeiras ocorridas no México entre 1824 e 1876, mas fatos históricos de outros países e períodos temporais que iluminavam o que iria ocorrer com o futuro do México caso Díaz permanecesse no poder. Olhando a história do México, ela não era, para Turner, linear e progressiva, nem marcada pela pacificação. Se o México se apresentava como moderno, por detrás desse discurso o excesso de passado aparecia. O país era escravista, retrógrado, anacrônico. Em pleno início do século XX carregava uma condição que era pior do que a do escravo norte-americano antes da Guerra Civil.

Turner não se referiu, ao escrever sobre o Porfiriato, aos conflitos civis por que atravessou o país até 1876, como falamos acima. Tal assunto não possui relevância na obra do periodista. Ele interpretou o porfirismo a partir do próprio governo do presidente, ou seja, sem comparações com outros períodos históricos mexicanos: o governo do general já tinha a extensão de 30 anos. Novamente o presente nacional se alargava e, sobre ele, pesava as barbaridades cometidas pela ditadura. O país não era pacífico, estável e moderno. A base para finalizar suas conclusões foram justamente analogias com os Estados Unidos. O México estava estagnado pelo peso da escravidão existente.

Madero, em 1908, também discorreu em seu livro sobre a guerra contra os indígenas promovida pelo Porfiriato e a situação em que eles se encontravam. Criticava, principalmente, as políticas porfirista contra os Yaquis de Sonora e os Mayos de Yucatan. Questionou: “¡Cuántas veces nos horrorizamos al leer en la prensa las lacónicas noticias del teatro de la guerra!” (MADERO, 1909, 2ª ed., p. 61). Para ele, existia uma política de guerra contra as várias etnias. O que implode o argumento da paz porfiriana. O discurso de que eles eram rebeldes e, desta forma, era preciso pacificá-los não se sustentava. O coahuilense enxergava nesse argumento uma justificativa para se purificar o passado, uma vez que o índio não era reconhecido como um elemento de modernidade. Afirmou:

¡Cuántas veces nos hemos visto impulsados á tomar la pluma para lanzar á la República nuestras protestas indignadas, nuestras vehementes imprecaciones para conmooverla, pintándole con toda su horrible desnudez los crímenes sin cuento que se están cometiendo en las fértiles regiones, bañadas por el Yaqui y el Mayo!
Viendo el Gobierno que no podía terminar con los valerosos indios, quienes se defendían en las inaccesibles montañas que les sirven de fortalezas naturales, ha recurrido al inicuo expediente de deportar á toda la raza, empezando por los más inofensivos, los que estaban más á la mano. (MADERO, 1909, 2ª ed., p. 61).

Se o indígena mexicano do presente não se enquadrava nos padrões de modernidade e civilização que Díaz divulgava, era preciso silenciá-lo ou fazer com que

desaparecessem pela via da mestiçagem biológica. Madero denunciava essa ideia de submissão. Afirmava que os índios eram “valerosos” e estavam sofrendo deportação, submetidos a uma condição de servidão, uma vez que eram retirados de suas regiões para que trabalhassem de forma forçada em outros locais. Citamos:

En México, la Capital de la República, que blasona de civilizada, que ha querido imitar todas las magnificencias de Europa y tan sólo ha sabido imitar sus vicios; por esa flamante y bellísima ciudad, han desfilado los lúgubres convoyes de carne humana.

Hemos sabido por algunos yucatecos, que los indios estaban en paz cuando fueron sorprendidos por las fuerzas federales, y según parece, no estaba justificada esa guerra, porque ya lo hemos dicho, la civilización no se lleva en la punta de las bayonetas, sino en los libros de enseñanza; no es el militar quien ha de ser su heraldo, sino el maestro de escuela. (MADERO, 1909, 2ª ed., p. 62).

Como vimos nos Capítulos 1 e 2, as políticas públicas porfirianas eram voltadas para modernizar e civilizar o país. Para Díaz e polígrafos que harmonizavam com seu governo, o México deveria alcançar a condição dos países europeus. Para Madero, as atitudes oficiais não eram civilizadas, principalmente do ponto de vista social. Sobre os indígenas, afirmou que era preciso investir na educação desses povos e não promover uma política de combate étnico. A questão indígena não deveria competir à Secretaria de Guerra e sim de Instrução pública. Os irmãos Flores Magón também chegaram a mencionar o assunto no Programa liberal de 1906 do PLM. Neste documento, defenderam a proteção à raça indígena e afirmaram que os indígenas eram educados e dignos, podendo fortalecer a nacionalidade mexicana³²⁴. Como explicou Campos Arias sobre a produção de Turner,

En profundo contraste, Turner encuentra en México aún la presencia de la barbarie, representada para él tanto por el sistema político autoritario de Díaz, como por el sistema de explotación del trabajo esclavo en las haciendas, que fueron la base de la crítica de su *Barbarous Mexico*. En el primero, el sistema político, están por completo ausentes la democracia y el conjunto de libertades correspondientes a un sistema moderno y avanzado. En el relativo al segundo, el sistema de explotación del trabajo, el avance de la industrialización es muy incipiente, no se ha podido desarrollar a plenitud, y se mantiene una forma de producción que en realidad corresponde a una época anterior, la de un pasado que al periodista le sorprende que aún subsista al otro lado de la frontera sur de los Estados Unidos. Ese *México bárbaro* es el que hay que desaparecer para volver posible una transformación que ponga a este país en una ruta de evolución más acorde con los tiempos

³²⁴ Defenderam: “La protección á la raza indígena que, educada y dignificada, podrá contribuir poderosamente al fortalecimiento de nuestra nacionalidad, es un punto de necesidad indiscutible.” (Programa do Partido Liberal Mexicano, 1º de julho de 1906, s/p.)

que corren en el mundo más desarrollado, tanto en Europa como en Estados Unidos. (CAMPOS ARIAS, 2011, p. 91 - grifo no original).

O passado sobrevivia, insistia em permanecer no presente. O progresso material não era o trampolim para o futuro. Turner não acreditava ser o México democrático, moderno e civilizado, havia resquícios de passado no país. Como nos escritos de Madero, a modernidade e o progresso só eram possíveis a partir da existência de práticas democráticas e do exercício de liberdades individuais e não das grandes construções erguidas pelo governo. Os bens materiais, monumentos, obras públicas, que saltavam à vista do povo, não eram suficientes para alçar o México ao patamar das grandes nações civilizadas. O México estava preso no passado. Para o autor, a culpa dessa situação era do presidente Díaz e seus partidários. Sob tal governo, o país via a prostração da população. Novamente as comparações foram feiras: o porfirismo foi comparado à Conquista espanhola, nesta época, os peões e os escravos foram subjugados e situação semelhante ocorria sob o porfirismo. Escreveu: “I do not wish to be unfair to General Diaz in the least degree. The Spanish Dons made slaves and peons of the Mexican people. Yet never did they grind the people as they are ground today. In Spanish times the peon at least had his own little patch of ground, his own humble shelter; today he has nothing.” (TURNER, 1910, p. 120). O México do século XIX e do século XX era pior que o período Novo-hispano. O tom da narrativa era de pessimismo. Apenas uma revolução poderia salvar o a nação. Se o país se assemelhava a uma colônia, o presidente lembrava Luis XVI: a imagem do poder absoluto. Citamos:

It was at this juncture [o da consolidação do setor liberal na época da República Restaurada] that General Porfirio Diaz, without any valid excuse and apparently for no other reason than personal ambition, stirred up a series of revolutions which finally ended in his capture of the governmental powers of the land. While professing to respect the progressive institutions which Juarez and Lerdo had established before him, he built up a system all his own, a system in which he personally was the central and all-controlling figure, in which his individual caprice was the constitution and the law, in which all circumstances and all men, big and little, were bent or broken at his will. Like Louis XIV, The State - Porfirio Diaz was The State! (TURNER, 1910, p. 121).

Para Turner, em 1876 emergiu um governo pautado pela ambição pessoal de um indivíduo que, segundo o escritor, tornou-se a personificação do México, concentrando todos os poderes governamentais em suas mãos. Novamente a revolução de Tuxtepec simbolizava o começo do declínio mexicano, como vimos em Madero e nas páginas de *Regeneración*. Enquanto Benito Juárez e Sebastián Lerdo de Tejada foram vistos como

grandes governantes que respeitaram, de fato, a Constituição liberal, o governo de Díaz foi visto como uma dissimulação, sendo apenas democrático e liberal na esfera do discurso. Se no Capítulo 1 da tese, vimos que o discurso oficial iluminava a longa trajetória independente do México, colocando o porfirismo como o momento de mudança nacional centrada nas mãos do herói oaxaqueño; os antiporfiristas reorganizaram o tempo histórico, mostrando um declínio do país a partir da Revolução de Tuxtepec. A decadência era passageira, mas, se Díaz permanecesse na primeira magistratura, ela poderia se cristalizar de vez no país. Em 1902, Sierra afirmou que sem Díaz na primeira magistratura o México estaria perdido enquanto nação. Para Turner, foi o presidente que desorganizou o país.

Deste modo, Turner, para afrontar e enfraquecer o Porfiriato, também resgatou específicas analogias históricas. O autor se amparava em experiências e tornava vivo elementos e conjunturas que o ajudavam a explicar aquela situação mexicana no presente. Conseguia enxergar a Nova Espanha em pleno século XX. A remissão era à época da colonização espanhola que, durante trezentos anos, assolara o vice-reinado da Nova Espanha, constituindo-se em um governo opressor. Além disto, o periodista também mencionou a França, mas não para atestar a semelhança de condição moderna que ambos os países tinham, mas para citar Luis XIV. O México era administrado por um ditador que, como este, concentrou todos os poderes em suas mãos, tornando-se a personificação do país, o Estado. Para completar sua interpretação, a população era sintetizada na figura do escravo, uma condição de vida anacrônica nos oitocentos. O México era extemporâneo em muitos aspectos. Vinculando todos estes elementos, as circunstâncias beiravam o insuportável. Um clima de pessimismo tocava o leitor. O passado vinha à tona, estava vivo na forma de resquícios e preocupava o futuro do país. Onde o México chegaria?

Uma das chaves mais importantes do livro para nossa análise, que nos ajuda a sustentar a tese, foi quando Turner também defendeu que havia, anteriormente ao governo de Díaz, paz no México. Segundo o autor, não foi o presidente quem a consolidou, mas sim a desestabilizou, fazendo-a alterar durante seus mandatos. Escreveu: “the *apparent* quiescence of Mexico is entirely forced by means of club, pistol and knife.” (TURNER, 1910, p. 162- grifo nosso). Benito Juárez foi novamente destacado. O periodista explicou que durante o governo do Benemérito, a partir de 1867, este havia conquistado a paz.

Such was Mexico forty years ago [republicano e constitucional]. Forty years ago Mexico was at peace with the world. She had just overthrown,

after a heroic war, the foreign prince, Maximilian, who had been seated as emperor by the armies of Napoleon Third of France. Her president, Benito Juarez, is today recognized in Mexico and out of Mexico as one of the most able as well as unselfish patriots of Mexican history. Never since Cortez fired his ships there on the gulf coast had Mexico enjoyed such prospects of political freedom, industrial prosperity and general advancement.

But in spite of these facts and the additional fact that he was deeply indebted to Juarez, all his military promotions having been received at the hands of the latter. General Porfirio Diaz stirred up a series of rebellions for the purpose of securing for himself the supreme power of the land. Diaz not only led one armed rebellion against a peaceable, constitutional and popularly approved government, but he led three of them. For nine years he plotted as a common rebel. The support that he received came chiefly from bandits, criminals and professional soldiers who were disgruntled at the anti-militarist policy which Juarez had inaugurated and which, if he could have carried it out a little farther, would have been effective in preventing military revolutions in the future - and from the Catholic church. (TURNER, 1910, p. 123).

As guerras civis, tanto anteriores ao governo do zapoteca quanto a partir da República Restaurada, não foram mencionadas no livro. O passado exposto pelo periodista referiu-se à época da intervenção francesa em solo mexicano, o Segundo Império, derrotado por Don Benito e aliados em 1867. O problema esboçado pelos mexicanos, de um passado pós-independente caótico, cindido por guerras intestinas, em que o povo possuía um espírito turbulento, não ganharam dimensão em seu livro.

O conceito “povo” também foi importante elemento de autoridade no livro do periodista, bem como para todos os outros autores discutidos. O conceito significou a vontade geral da população, que possuía a legitimidade para se expressar ou decidir as questões de seu país. Ademais, essa ideia tinha uma conotação liberal, remetendo-se a uma noção incluínte, ou seja, significando o conjunto das aspirações de uma coletividade³²⁵. Para Turner, quem sofreu as consequências de uma ambição pessoal por poder foi o povo mexicano, sujeito à condição de escravidão. A situação dos peões das cidades e localidades rurais assemelhava-se “the serfdom of Europe in the Middle Ages.”

³²⁵ “Cabe hacer notar el sustrato romántico en la noción de pueblo de Turner. Remite a una percepción de algo originario y absolutamente vital, un sustrato espiritual e íntimo que anidaría inherentemente en él. En torno suyo se evoca una relación profunda, orgánica, que une y da sentido a la relación de los individuos y de los grupos (con la prevalencia siempre de los intereses colectivos, de los valores comunitarios). Esta perspectiva romántica o romantizada proyecta una aspiración y una fe que se mezcla frecuentemente o con el credo democrático, o con una versión peculiar del socialismo, o con la advocación nacionalista que sugiere el periodista. Se expresa así un punto de vista en que concurren doctrinas y tradiciones distintas, lo que pone en tela de juicio la versión dominante, que reducía y encasillaba permanentemente a nuestro autor.” Cfr. Norberto Bobbio y Nicola Matteucci, *op cit*, pp. 1423-1434. (CAMPOS ARIAS, 2011, p. 161). É importante mencionar que Campos Arias valeu-se das discussões sobre o conceito “povo” feitas por Bobbio e Matteucci no *Diccionario de Política*. Cidade do México: Siglo XXI, 1991.

(TURNER, 1910, p. 110). México era retrógrado, atrasado e feudal. Politicamente, o país vivia sob uma ditadura opressora. Sob o porfirismo, os mexicanos haviam perdido seu valor moral. Escreveu o periodista,

In other words, General Diaz, with a skill that none can deny, annexed to himself all the elements of power in the country except the nation at large. On the one hand, he had a military dictatorship. On the other, he had a financial camarilla. Himself was the center of the arch and he was compelled to pay the price. The price was the nation at large. He created a machine and oiled the machine with the flesh and blood of a people. He rewarded all except the people; the people were the sacrifice. Inevitable as the blackness of night, in contrast to the sun-glory of the dictator, came the degradation of the people—the slavery, the peonage and every misery that walks with poverty, the abolition of democracy and the personal security that breeds providence, self-respect and worthy ambition; in a word, general demoralization, depravity. (TURNER, 1910, pp. 124-125).

Díaz não estabeleceu a paz no país, mas sim a abalou, afirmou. Existia um governo ditatorial, alimentado pelo sangue do povo – oprimido e escravizado. As consequências eram funestas: a inexistência de uma democracia e a desmoralização de um país empurravam o México para a decadência. Somente a revolução poderia salvar o país. Temia-se pelo o que poderia acontecer no futuro. No livro, o periodista criticou quem afirmava ser o presidente o pacificador do México, que sob seu governo não existiam levantamentos revoltosos. Era um sacrilégio afirmar que Díaz foi o promotor da paz no país:

“Diaz, the peace-maker, the greatest peace-maker alive, greater than Roosevelt!” chanted an American politician in a banquet at the Mexican capital recently. And the chant was only an echo of louder voices. I remember seeing, not long ago, a news item stating that the *American Peace Society* had made Porfirio Diaz an honorary vice-president, in consideration of his having brought peace to Mexico. The theory seems to be that since the history of Mexico before Diaz was full of wars and violent changes in the government and the history of Mexico under Diaz has been without violent upheavals of far-reaching effect, Diaz must necessarily be a humane, Christ-like creature who shrinks at the mention of bloodshed and whose example of loving kindness is so compelling that none of his subjects have the heart to do anything but emulate him. (TURNER, 1910, p. 304).

Retomando a citação, Turner criticou, como explicado em parágrafo anterior, quem afirmava ser o presidente o grande pacificador, o homem que gerou a harmonia, a tranquilidade e o equilíbrio que o México sempre necessitou para sair da atmosfera anárquica de tempos anteriores. Novamente o escritor se valia de paralelos históricos.

Para ele, os argumentos e discursos laudatórios possuíam tantos ecos e força, que o presidente se assemelhava a Cristo, ou seja, um indivíduo sempre justo, com um caráter de retidão, compaixão e zelo para com seus irmãos, um Deus encarnado. Ademais, era visto como um presidente bondoso e, acima de tudo, que possuía a sinceridade e o caráter humanitário. Por detrás destes discursos estratégicos para a vida política, Turner enxergava um país marcado pela prostração social e ambição política do primeiro magistrado. Também citou o presidente Roosevelt, vinculado ao Partido Republicano e considerado um dos políticos progressistas dos Estados Unidos. Roosevelt, em 1906, ganhou o prêmio Nobel da Paz, uma vez que mediou o conflito entre Rússia e Japão.

A democracia só poderia ser instaurada via revolução. Ela levaria progresso ao México e abriria o futuro rumo à felicidade da nação. O periodista defendia uma república democrática, na qual o povo tivesse liberdade política – valores norte-americanos que Turner possuía e defendia em seu horizonte³²⁶. Para ele, o levantamento era necessário e legítimo; o evento acabaria com o *Antigo Regime* e, assim, instauraria uma nova sociedade, baseada na liberdade política e na democracia. (CAMPOS ARIAS, 2011). A revolução era vista como a solução imediata para mudar as bases do país em um futuro próximo: “under the present barbarous government there is no hope for reform in Mexico except through armed revolution. Armed revolution on the part of the decent and most progressive element is strong probability of the early future.” (TURNER, 1910, p. 340). Utilizando os conceitos “reform” e “revolution”, as mudanças só viriam através desta segunda. A primeira era possível, somente, através última. Era preciso acelerar o tempo e antecipar o futuro diante desse tão alargado presente porfirista. O futuro estava na mão do povo. Se, como vimos nos Capítulos 1 e 2, as afirmações de que o povo estava ao lado de Díaz e validava seu governo retirava o argumento de que o México passava por uma

³²⁶ Como sabemos, a ideia de democracia possuiu variações ao longo dos anos e países. Contudo, não podemos deixar de mencionar uma discussão específica sobre a Democracia nos EUA que estava ocorrendo à época. A partir de 1890 começou a se desenvolver uma forte industrialização, crescimento econômico acelerado e marcante divisão de classes nos EUA, que se tornava cada vez mais profunda: as diferenças entre as classes média e baixa ganhavam força (WIEBE, ed. 1996). A prosperidade financeira dos grandes empresários não foi dividida com os trabalhadores, e as divisões ideológicas (brancos x negros; nativos x imigrantes; homens x mulheres) eram candentes, desencadeando movimentos sociais no país (FERNANDES; MORAIS, 2010). Entre 1900 e 1920, período conhecido por “era Progressista norte-americana”, várias críticas foram direcionadas às desigualdades e pobreza advindas do crescimento econômico, principalmente aos empresários e capitalistas monopolistas. O setor socialista defendia a democracia social (PURDY, 2010). Foi em meio a esta efervescência política, marcada pela defesa de liberdade e exercício dos direitos dos cidadãos, que Turner refletia sobre a questão mexicana, propondo o desenvolvimento democrático naquele país.

ditadura, vemos nas produções de antiporfiristas uma inversão de discurso: o povo estava subjugado, era preciso se voltar contra o presidente.

Turner fez alusão ao presidente Abraham Lincoln, que governou os Estados Unidos à época da Guerra Civil e ficou conhecido pela historiografia oficial como o Grande Emancipador. Além da referência ao presidente da época da Guerra Civil e da libertação dos escravos, o periodista também mencionou o problema dos branceiros do Congo, região que, no século XIX, ficou sob domínio do rei Leopoldo II, da Bélgica; a colonização russa na Sibéria que, nos oitocentos, tornou-se um lugar de deportação de exilados políticos; e escreveu também sobre o governo do imperador russo Nicolau II. Estes exemplos demonstravam a crítica feita pelo escritor às formas de imperialismo e modelos governamentais que não prezavam pela liberdade de sua população. A crítica, portanto, que Turner fazia não só ao México, mas também ao próprio Estados Unidos, era justamente à atitude do governo, dos periodistas que elogiavam o porfirismo e dos grandes fazendeiros que possuíam negócios abaixo do Rio Grande, de aceitarem a situação por que passava o México. O objetivo do escritor era fazer com que a população civil estadunidense percebesse este apoio e também criticasse, impedisse, que o governo americano intervisse contra a Revolução Mexicana. Como explicou Campos Arias, as ideias de Turner perpassavam um progressismo radical, uma oposição de esquerda e uma crítica anti-imperialista e intervencionista de um país sobre outro (CAMPOS ARIAS, 2011, p. 12). “Também podemos lembrar o caso paradigmático de 1898, em que muitos intelectuais norte-americanos e latino-americanos se posicionaram frente ao acontecimento em Cuba.” (BARBOSA; VASCONCELOS, 2012, s/p).

Pelo que percebemos, muitas das vezes os autores utilizaram um vocabulário político semelhante para censurar o governo, dando novos significados a ele. Falava-se em caos, anarquia, pacificação, modernidade, heroicidade, ressaltando e silenciando eventos nacionais, personagens históricos e exemplos universais. É interessante perceber que “paz” e “anarquia” continuaram sendo conceitos basilares e referenciais para se pensar e orientar a política, mas os escritores reformularam sua aplicação. No último quartel do século XIX já se percebia no México uma crítica ao porfirismo, seja na imprensa independente, na eclosão e pulverização de Clubes liberais, organizações, livros, entre outros suportes materiais. Embora cada grupo e cada escritor possuísse suas especificidades, posicionamentos políticos específicos e soluções para o futuro do país, a história do México, para eles, não foi marcada por uma linearidade etapista e progressiva,

que tinha seu auge e triunfo com Díaz. O Porfiriato foi interpretado em muitas destas produções como um período de declínio, decadência e degeneração. No último quartel do século XIX, trabalhos antiporfiristas ganharam fôlego e foram recorrentes no cenário do país. Pensava-se o presente, o passado e o futuro a partir de lógicas diferentes das oficiais.

Díaz foi qualificado de ditador, déspota e tirano. Embora cada adjetivo possua suas especificidades, todos afirmam a ideia de um poder absoluto, centrado no governante e que governava de forma arbitrária. Para muitos, o México não era mais democrático e republicano. No início das críticas, a solução para a nação era a regeneração política, ou seja, a volta de um modelo de legalidade e constitucionalidade amparado na democracia e na República. Vimos essa proposta em *Regeneración* (apoiada inicialmente por Madero). Com a perseguição feita pelo governo a estas vozes dissonantes, cada vez mais este modelo foi perdendo sentido e a proposta de revolução ganhando força.

Mobilizando exemplos do passado universal, estes autores teceram suas expectativas sobre o futuro do México: se a condição do país não mudasse, a nação cairia em um abismo sem volta sob o Porfiriato. Entretanto, não adiantava mais reformar politicamente e retornar ao constitucionalismo proposto por Benito Juárez, por exemplo. Valendo-nos dos trabalhos de Koselleck sobre o conceito “revolução”, “ao passo que a legitimidade da Restauração permanecia atada à noção de tradição, a legitimidade revolucionária tornava-se um coeficiente dinâmico, que direcionava a história a partir de determinadas perspectivas do futuro.” (KOSELLECK, 1979, p. 75). Para os antiporfiristas, a salvação estava no futuro, que deveria ser antecipado. Um sentimento de ansiedade dominava esses autores. O presente era decadente, então, através de uma revolução, era necessário dar um salto aos tempos vindouros. Apenas a revolução era a via de progresso e transformação. Para esses autores analisados no capítulo, agir no presente proporcionaria um futuro marcado pela democracia e liberdade política.

Conclusão

El pueblo mexicano, ese pueblo que tan generosamente me ha colmado de honores, que me proclamó su caudillo durante la guerra de Intervención, que me secundó patrióticamente en todas las obras emprendidas para impulsar la industria y el comercio de la República, ese pueblo, señores diputados, se ha insurreccionado en bandadas milenarias armadas, manifestando que mi presencia en el ejercicio del Supremo Poder Ejecutivo, es causa de su insurrección.

Porfirio Díaz, 1911.

Estudar a história de um outro país, tão distante do Brasil em quilômetros, não é tarefa fácil. É um trabalho árduo, mas que contribui amplamente ao debate, pois é o olhar de fora, do “Outro”, da alteridade, que busca compreender fenômenos que muitas das vezes não são perceptíveis para os de dentro, emaranhados nas teias da tradição e da cultura. A primeira vez que me deparei com o Porfiriato foi em um momento de leitura de “A cidade das letras”, de Ángel Rama. A forma como ele escreveu sobre o México do século XIX e os projetos de modernização do governo de Porfirio Díaz, em especial a construção das obras públicas, chamaram-me a atenção. Muitos me perguntaram: “mas por que o México?” “Por que você não pesquisa o Brasil?” e eu sempre respondia que esse determinismo identitário era algo falacioso; muitas das questões históricas e políticas do Brasil ficaram latentes para mim quando comparadas com outros processos nacionais. Ainda hoje no Brasil, diante das crises políticas e econômicas que nos encontramos, escutamos o discurso “salvar a nação”, não é mesmo? Ao focar minhas pesquisas sobre o oitocentos e o início do século XX, recorrentemente percebi que os temas escapuliam as fronteiras geográficas, tornando-se processos semelhantes ou, no mínimo, que problemas comuns geraram respostas distintas (mas análogas), em vários lugares do mundo. Entretanto, mesmo ciente deste fenômeno descrito nas linhas acima, achei importante fazer um recorte temporal e geográfico pontual na tese; mas sabendo que muitos dos assuntos abordados são percebidos numa esfera internacional.

Sintetizando o que foi discutido na tese, no Capítulo 1, fugimos da história tradicional, teleológica, que olha o Porfiriato pelas lentes da Revolução Mexicana e não pelas do século XIX. Nesse sentido, procuramos entender como o porfirismo criou

estratégias e mecanismos políticos para fundamentar, legitimar, validar e sustentar seu governo por 31 anos quase ininterruptos no poder a partir da lógica da paz. Um governo que arquitetou teias de relações desde o poder central até os poderes locais, mas que recorrentemente sofreu desaprovação por suas ações públicas. Para pensar o campo político, foi importante analisar todos os discursos de Díaz ao Congresso Nacional. Mostramos que uma história linear, etapista, progressiva e positivista moldou grande parte do discurso oficial existente na época. Ao mobilizar e destacar eventos do passado nacional, a administração do general afirmou que a etapa da anarquia e da ingovernabilidade, que assolou a maioria dos governos oitocentistas no país, havia acabado a partir de 1876. A nova atmosfera do presente, de paz e de ordem, seria o fundamento para promover o progresso e a modernização, tão desejados pela nação. Ao invés de estudarmos a presidência do oaxaqueño a partir de uma visão antiporfirista pré-determinada, buscamos analisar e explicar como ela organizou uma estrutura discursiva que iluminou as guerras civis e as intervenções estrangeiras para afirmar um novo tempo, inédito da história nacional. Jogar luz a esse passado significou não o deixar cair no esquecimento, pois ele era um importante instrumento a ser utilizado no presente.

Outras estratégias foram ao encontro a essa estrutura mencionada acima para fortalecer o governo: a construção e a manutenção da imagem do próprio presidente funcionaram como um artifício fundamental. Ainda no Capítulo 1, mostramos que Díaz foi interpretado pelos presidentes do Congresso como o bom governante, o modernizador, que instaurou as bases para um novo país, diferente do desajustado pretérito. Ele foi representado como o herói da paz, o governante que possuía o apoio e a confiança do povo – elemento fundamental nas fontes estudadas –, bem como respeitava a Carta Magna e os preceitos liberais e republicanos. Recorrentemente, essa fórmula era reiterada através de atos públicos: havia desfiles/paradas pelas ruas das cidades, principalmente da capital, com o objetivo de celebrar a paz; o 2 de abril foi instaurado oficialmente como comemoração pátria em 1892 – esta medida procurou cristalizar na memória social a importância do presidente para o México nos momentos de guerra; e, neste mesmo ano, as festas nacionais e o aniversário de Díaz também passaram a ser eventos entrelaçados³²⁷.

³²⁷ Como explicou Arnaldo Moya sobre esse acontecimento: “En 14 de septiembre será, en adelante, la fecha oficial de la celebración del natalicio de Díaz y si en 1893 se celebraba con un simulacro de guerra en el perímetro oriental del Zócalo, y un saludo en levita y chistera en la casa del general, con desfiles de faroles, etcétera, para las celebraciones finiseculares el simulacro será sustituido por un combate de flores. (...). Así, las fiestas en honor al primer magistrado y las fiestas de la patria son en su estructura simbólica una misma celebración. La nación era conducida por una figura mítica, héroe y semideos; encarnación de

O não esquecimento do passado era importante para cada vez mais se afirmar que o presente era diferente e distante da longa e ruidosa etapa anterior. Era a celebração da paz. As guerras do XIX, os conceitos “anarquia” e “paz”, tornaram-se molduras narrativas que deveriam orientar a vida política no porfirismo³²⁸.

Além disso, diante da afirmação da modernidade nacional, o governo buscou mostrar as mudanças e os progressos ao mundo, que deveriam ser semelhantes aos da Europa e dos Estados Unidos. Falar em modernidade política se alinhava em mencionar e mostrar a modernidade visual: era preciso construir ferrovias, telégrafos, estruturas de iluminação, diversas e suntuosas obras públicas. Quando morei 5 meses no país durante o doutorado sanduíche, pude sentir na Cidade do México a tentativa de modernização iniciada no século XIX. O Palácio Bellas Artes, edificado ao estilo Belas Artes de Paris; o Palacio Postal, edifício dos Correios, o Palacio de Lecumberri, entre muitos outros, foram construídos para projetar uma nação que, segundo o próprio porfirismo, vivia em um novo tempo, uma nova etapa. Entretanto, falar em modernidade também implicava silenciar o que não estava em sintonia com os novos tempos. Demonstramos esse ponto ao explicarmos sobre a questão indígena. Embora seja um tema extremamente amplo e complexo, que pode ser acessado a partir de muitas interpretações, linhas de pesquisa, etc., percebemos que os indígenas, as várias etnias, eram vistos como excesso de passado no presente. As políticas públicas, como a mestiçagem biológica e a educação indígena,

la patria y hermanado en la tribuna cívica con Hidalgo y los Héroes de la primera insurgencia; con Juárez, el héroe de la Reforma, y con las figuras heroicas más sobresalientes del panteón nacional.” (MOYA, 2001, pp. 63-64).

³²⁸ Mesmo com todas as críticas ao porfirismo, que não podiam mais ser ignoradas pelo governo, em 1909, Fernando Duret afirmou: “Nada hay, pues, que deba infundir temores en nuestro ánimo sobre el porvenir de la República, que seguirá imperturbable en su marcha de bienestar y de adelanto sin criminales impacencias, si locas ambiciones no vienen á poner en peligro la obra de paz y de progreso que habéis llevado á cabo, con el aplauso y con la colaboración entusiasta de la Nación, y cuyos principales cimientos y más esenciales condiciones de vida, son la rigurosa conservación del orden público, la sujeción de todos á la ley, la seguridad de todos los derechos, de todos los intereses, de todas las personas, de todas las conciencias. (...) Sobrada razón tenéis, señor Presidente, al asegurar que contáis con la opinión del pueblo, que por una larga y feliz experiencia sabe que el móvil de todos vuestros actos son su bienestar y engrandecimiento. Firme con su apoyo, continuad vuestra noble tarea de organización social, de paz y de progreso, que en esa pugna por el bien público, tan llena de sinsabores, estarán siempre de vuestro lado, no sólo los representantes de la Nación, sino todos los hombres de buena voluntad, todas las almas honradas, todos los que sobre sus propios intereses aun sobre sus más profundas convicciones, colocan sin vacilar el interés supremo de la patria.” Neste trecho, Duret afirmou que Díaz não precisava se preocupar com o porvir. Este seguiria sua marcha imperturbável. “Criminais impacências” e “loucas ambições” não colocariam em perigo a obra de paz e progresso erguida pelo presidente com o apoio dos compatriotas. Don Porfirio podia contar com o povo: todos os homens de boa vontade, almas honradas e patrióticos não vacilariam em o apoiar. O que percebemos em seu discurso de 1909 é que, os que criticavam o Porfiriato tornavam-se a antítese dessa descrição, constituindo-se indivíduos ou grupos que agiam a partir de interesses particulares, sendo, portanto, nada patrióticos, honrados e sujeitos de boa vontade.

propunham compassar essa diacronia. Era precisa ajustar tempo, passado e presente não podiam mais conviver. O elemento indígena abalou constantemente o discurso da paz. Como vimos, houve várias tensões entre Estado – principalmente através do Ministério da Guerra – e etnias, e que mostra como o discurso da paz, pensado por essa lente, era falacioso.

Foi para comprovar a existência dessa fórmula política reiterada nos parágrafos acima que perseguimos as recorrências narrativas também encontradas em outras fontes documentais. Passando ao Capítulo 2, portanto, analisamos, principalmente, *México: su evolución social*. Escrita entre 1900 e 1902, a obra apontou as transformações pelas quais o México passou até estes anos. Fotos, trechos de documentos governamentais e descrições dos progressos materiais permearam a produção, bem como uma interpretação positiva e triunfal do porfiriismo. Dentre outros assuntos, os 2 tomos mostravam o sucesso do governo, seu auge, as benéficas consequências da paz e da ordem. A obra deveria selar o apogeu do Porfiriato. Mais do que a celebração, a obra funcionava como a comprovação desse novo período. O futuro, para os autores, estava próximo, era palpável. Como afirmou Justo Sierra, organizador da obra, Díaz era o herói da paz, o personagem que deu sentido a todas as outras etapas históricas da nação: a Independência e a Reforma.

É importante explicar que, para esses autores que harmonizavam com o governo, o poder sublimado do Executivo não era entendido como um problema, e sim como um instrumento de transformação do país. Nas passagens que analisamos no Capítulo 2, não vimos indícios diretos da ideia de “ditadura virtuosa” proposta por Auguste Comte; contudo, essa concentração de poderes nas mãos do presidente não foi vista como algo ruim ou desmoralizado, mas como a oportunidade efetiva de mudança nacional³²⁹. A concentração de poderes nas mãos de Díaz tinha uma conotação positiva, já que, como recorrentemente afirmado, o povo apoiava o general e este se colocava abaixo da Carta Magna. Uma espécie de cesarismo democrático amparado pelo povo. Semelhança argumentativa aconteceu durante a ditadura de Juan Vicente Gómez, na Venezuela, que governou o país desde 1908 até 1935. No livro “Cesarismo Democrático”, Laureans

³²⁹ Mas não podemos perder de vista que, por exemplo, no periódico *La Libertad*, Francisco Cosmes manifestou que era necessária a “ditadura honrada”.

Vallenilla Lanz explicou que o ditador foi representado como o personagem necessário para gerar ordem à nação³³⁰.

Também no Capítulo 2, Díaz foi representado como o personagem predestinado a salvar o México. O primeiro magistrado era visto como a encarnação da pátria, da República, o indivíduo que abdicou de sua vida privada – simbolizada pela saída de seu sítio em La Noria – para concorrer à presidência do país e guiar a nação. Percebemos esse discurso na biografia de Bernardo Reyes e na interpretação de Alec-Tweedie, que se valeu de documentos governamentais – inseridos no livro – para fundamentar seu capítulo sobre o oaxaqueño. Díaz foi desenhado como o personagem necessário para manter a nova conjuntura nacional, como se apenas ele estivesse destinado a fazer tais feitos, impossíveis para qualquer outro presidente. Toda essa representação de poder pode ser comprovada por uma análise das festividades referentes ao Centenário da proclamação da Independência, ocorridas em setembro de 1910; semanas antes da eclosão da revolução encabeçada por Francisco Madero.

As festividades foram uma encenação do poder do Estado, bem como uma propaganda política do porfirismo – já muito fragilizado diante de tantas críticas que cindiam a nação. Nesta festa, que durou todo o mês de setembro, buscou-se reiterar os artifícios pontuados acima: celebrou-se a paz, a modernidade, e o próprio presidente foi projetado como a encarnação da pátria, ao mostrarem que sua vida estava entrelaçada à da nação até mesmo pela data de nascimento³³¹. Mas as comemorações não conseguiam mais abafar as insatisfações sociais. O discurso da tão silenciosa paz porfiriana sofria abalos incontornáveis. Diante de tantas conturbações, teatralizava-se um governo que já não caminhava bem há anos. Embora não tenha sido o foco da pesquisa, nessas festas Díaz almejou mostrar os progressos materiais que o país alcançara; a Cidade do México deveria estar iluminada, saneada e embelezada³³². Sob o pano de fundo dessas

³³⁰ Sobre os argumentos do autor e a análise do governo de Gómez ver: VALLENILLA LANZ, Laureano. *Cesarismo Democrático*. Caracas: Universidad Santa María, tomo I, 1983.

³³¹ Como explicou Florescano sobre o centenário: “La difusión de la imagen de Porfirio Díaz en los festejos del Centenario es una obra maestra de propaganda política, que merece un estudio específico como representación teatralizada del poder presidencial. Aquí sólo me referiré a las imágenes donde Díaz aparece como encarnación de la Patria, la República o la Nación. La Crónica oficial del Centenario y el Álbum gráfico de la República Mexicana de Eugenio Espino Barros (1910) contienen la mejor colección de fotografías en las que el presidente encabeza las ceremonias, inauguraciones, desfiles, discursos y homenajes a los héroes de la patria, a los fundadores de la república y a los defensores de la nación.4.” (FLORESCANO, 2005, p. 174).

³³² Citamos a explicação de Arnaldo Moya sobre as festas do Centenário: “El estado porfiriano celebraría el centenario de la proclamación de la independencia de México con la mayor solemnidad. Dicha

celebrações, escutavam-se as insatisfações de grupos político-sociais. Em abril de 1910, sob uma conjuntura tensa, Francisco Bulnes, famoso científico do círculo porfirista, afirmou perante o Congresso:

Imperturbable en vuestra [Porfirio Díaz] pasión cívica de sostener la paz nacional, vuestra última obra es admirada en el interior y en el exterior. Nadie puede dudar que ha habido un meditado complot para resucitar del seno de nuestro adelanto, los amargos y siniestros tiempos revolucionarios. Con tanto tacto como serenidad y firmeza, con la misma audacia patriótica y fría con que triunfasteis en Puebla la trágica noche del 2 de Abril de 1867, habéis sabido reprimir hasta su compleja extinción, el sacudimiento demagógico que con el nombre de aurora democrática amenazaba comprometer en una vida pública de improvisados motines, los más grandes intereses mexicanos en el extranjero, y todas las preciosas conquistas pacíficas obtenidas en el interior. El gran servicio que acabáis de hacer á vuestra patria, mide la necesidad que tiene vuestra conservación en un puesto que vuestro inteligente patriotismo sabe tan bien desempeñar.

El Congreso hace fervientes votos porque el pueblo mexicano, bastante adelantado en la educación del deber, en la idea de sus grandes conveniencias, en el sentimiento íntimo de sus verdaderas necesidades actuales, en la visión noble de su porvenir, sepa, inspirado por el respeto y la gratitud que os debe, depositar vuestro nombre tomado de la historia de nuestra prosperidad, en las urnas electorales abiertas para las aspiraciones de la opinión pública, el próximo mes de julio.³³³

Na citação, Bulnes cumpriu o ritual esperado. Reiterou os avanços conquistados por Díaz no ano anterior e elogiou sua paixão cívica em “sustentar a paz nacional”. Entretanto, não pôde deixar de ressaltar os primeiros levantes revolucionários, conflitos que, para ele, eram sem fundamento, pois nasciam do seio dos progressos materiais e da tranquilidade, conquistados pelo presidente. É importante destacar que o escritor utilizou o verbo “ressuscitar”. Ou seja, caso permanecessem, as várias insatisfações iriam novamente trazer à vida os conflitos do passado. Seria a mostra de que o tempo poderia ser irrevogável. Desejava que Díaz soubesse reprimir esses focos de tensão da mesma forma que saiu vitorioso na Batalha de Puebla, contra a França. Se os levantamentos

solemnidad se materializó en cierta manía por los monumentos conmemorativos y por la arquitectura cívica perenne y efímera. La colocación de las primeras piedras de los edificios y monumentos que mostrarían al mundo la imagen de un México civilizado se realizó en los primeros años del siglo XX. Para los contemporáneos, la paz trajo el progreso, y este la civilización material. Había que emular a Europa y erigir monumentos a los “héroes que les dieron patria a los mexicanos”. La nación se edificaba sobre las lecciones de civismo que se desprendían de la “Historia Nacional” tejida, a través de las obras cumbres de la historiografía porfirista: la primera dirigida por Vicente Riva Palacio y la segunda, responsabilidad de Justo Sierra. La historia aquí vertida pasó del linotipo a la fundición de bronce.” (MOYA, 2001, p. 70). Para um maior aprofundamento sobre o assunto consultar: LEMPERIERE, Annick. “Los dos centenarios de la independencia mexicana (1910-1921): de la historia patria a la historia cultural”. In: *HMex*, XLV, 2, 1995. ³³³ Contestación del Dip. Francisco Bulnes, Presidente del Congreso, abril de 1910, pp. 851-852; NAVA HERNÁNDEZ, Eduardo. “1810 y 1910”. In: *Economía y Sociedad*, vol. XIV, núm. 26, jul-dez. 2010, pp. 15-20.

continuassem, ameaçava comprometer tudo que fora construído pelo primeiro magistrado. Bulnes mobilizou o mesmo discurso do “presidente necessário”, afirmando que ele era fundamental à frente do país por tudo que fez e continuava fazendo pela nação. Pedia que o povo fizesse justiça e agisse com ponderação e bom senso, votando em Díaz nas próximas eleições, que ocorreriam dali 3 meses. O discurso de Bulnes foi lido em abril de 1910. As festividades do Centenário ocorreram em setembro e, oficialmente, a Revolução Mexicana estourou enquanto evento organizado em 20 de novembro do mesmo ano, às 18:00h, segundo o *Plan de San Luis Potosi*, de Madero. Muitos historiadores afirmam que a Revolução aconteceu como um estalo, um episódio inesperado. Mas, como vimos no Capítulo 3, as críticas à trajetória política do porfirismo começaram a aparecer anos antes, ganhando força e intensidade ao longo dos anos.

Como vimos no Capítulo 3, quando as discordâncias surgiram no país, antes de 1910, a solução para o México, segundo o reconhecido periódico *Regeneración*, foi a regeneração política: ou seja, a reimplantação de um modelo de legalidade, amparado na República e no liberalismo clássico de meados do oitocentos. Com a perene perseguição feita pelo governo às vozes dissonantes, cada vez mais este modelo de salvação da pátria foi perdendo sentido e a proposta da revolução adquirindo corpo, mas é importante afirmar, como reiteramos acima, que esta não foi uma ideia proposta desde o início dos ataques ao presidente. Houve uma trajetória de insatisfações que, posteriormente, ganhou um formato revolucionário. Mobilizando alguns exemplos do passado, os escritores do mencionado semanário projetaram o futuro do México sob o porfirismo: se a condição do país não mudasse, a nação cairia em um abismo sem volta. Diferentemente dos porfiristas, o conceito “ditadura”, aplicado como algo amplamente negativo, foi utilizado nas páginas do *Regeneración*, no livro de Madero e no de Turner. Diante do aumento do poder Executivo, da restrição do campo político aos demais indivíduos do país e das perseguições, o modelo de regeneração política foi perdendo significado; não adiantava mais reformar o México e retornar ao constitucionalismo exercido por Benito Juárez.

Valendo-nos dos trabalhos de Reinhart Koselleck, este afirmou, ao pensar o uso de conceitos, que, “ao passo que a legitimidade da Restauração permanecia atada à noção de tradição, a legitimidade revolucionária tornava-se um coeficiente dinâmico, que direcionava a história a partir de determinadas perspectivas do futuro.” (KOSELLECK, 1979, p. 75). Nas páginas do *Regeneración*, a salvação estava no futuro e este deveria ser

antecipado via revolução. A partir de 1907, acreditava-se que apenas a revolução seria a via de transformação e progresso. Agir no presente proporcionaria um futuro marcado pela liberdade política e pela democracia, amparada em preceitos liberais. É importante também destacar que estes escritores mobilizaram um vocabulário de tradição liberal, bem como fizeram os porfiristas. Segundo Claudia Agostini e Elisa Speckman, ser moderno no século XIX condizia com ser liberal: a defesa do constitucionalismo, da divisão dos poderes e a proteção dos direitos individuais eram pilares políticos centrais à época (AGOSTINI; SPECKMAN, 2001, p. 05). Sabemos que não se pode restringir o conceito “revolução” a um significado geral. Existem variações em sua definição de acordo com o recorte temporal e espacial analisados (fazendo com que ele se torne polissêmico)³³⁴. Entretanto, alguns eixos recorrentes nortearam seu uso nas fontes analisadas.

Primeiramente, em linhas gerais, a utilização do conceito “revolução”, encontrado em *Regeneración*, buscou instaurar um novo período, procurando criar a sensação de ruptura com a etapa anterior, o porfirismo. Nas narrativas que analisamos no último capítulo da tese, quando a ideia de revolução começou a aparecer em partes do país, ela passou a ser vista como a redenção do México. O levantamento mudaria, de forma radical e efetiva, o futuro da nação. Essa concepção de mudança também foi percebida na interpretação dada à Revolução de Tuxtepec pelos porfiristas. Como vimos nas respostas dos presidentes do Congresso e na biografia de Reyes, esse levantamento foi explicitado como o divisor de águas dos períodos mexicanos: a etapa caótica e a etapa pacífica. Segundo Hannah Arendt, a revolução na modernidade é definida como uma “ruptura inaugural” (ARENDR, 1988, p.173). Ademais, ao mesmo tempo que a utilização de um conceito procurava traduzir esperanças e projetos políticos, também buscava validar o

³³⁴ O conteúdo semântico do conceito “revolução” não é unívoco e faz alusão tanto a súbitos movimentos político-sociais de deposição de um governante quanto a intensas inovações tecnológicas, que possuem a capacidade de modificar largas estruturas no interior de uma sociedade (KOSELLECK, 1979, p. 62). Também não é universal e homogêneo, ou seja, não possui uma base transcendental. “Nosso conceito de revolução pode ser assim definido, de forma adequada e legítima, como um *conceito geral*, que encontra pelo mundo todo as condições prévias para seu entendimento, mas cujo significado preciso sofre variações dramáticas de um país a outro, de uma situação política a outra.” (KOSELLECK, 1979, p. 62). Não é tarefa fácil dissertar sobre o conceito “revolução”, principalmente no cenário político e historiográfico atual. Segundo Luis Villoro, quem estuda movimentos revolucionários percebe um momento de crise atual no conceito, motivado, principalmente, pela desilusão para com os resultados dos levantamentos passados. O fim de muitas esperanças utópicas, idealizadas e construídas a partir desses eventos, fez com que escritores refutassem por muitas vezes seu emprego como chave de interpretação e entendimento (VILLORO, 1992, p. 01). Contudo, discutir determinados movimentos a partir do referido conceito ainda é relevante. Como explicou Koselleck (1979), é evidente seu pertencimento ao vocabulário político moderno, não podendo, deste modo, ser ignorado ou abandonado.

movimento e ganhar apoio público. Em *Regeneración*, havia uma tentativa de causar comoção social, produzindo, assim, legitimidade e concretude ao fato. A linguagem possui materialidade; mobilizar conceitos significa, mais do que explicar fatos, intervir nos próprios acontecimentos, autenticando o evento. Esse mesmo fenômeno foi percebido na utilização de conceitos como “anarquia”, “caos”, “paz”, utilizados pelos porfiristas. Neste caso, era preciso operar na vida política, criar estratégias, sentimentos e sensações que projetassem um governo ordenado e moderno.

Por conseguinte, revoluções também podem ser caracterizadas por eventos coletivos amplos. A Revolução Mexicana deveria emanar do povo, este possuía a autoridade para pegar em armas e mudar os destinos do país, seja em um âmbito político e/ou social. Como vimos na análise do periódico e no livro de Turner, o povo deveria ser guiado ou ter, na coletividade, força autônoma. Diferente da Revolução de Tuxtepec, onde a participação popular não foi mencionada; na de 1910, o indivíduo a modificar as estruturas nacionais não era mais o herói romântico, o homem-capaz, predestinado e necessário, mas sim a coletividade que, unida, iria proporcionar transformações significativas ao país. O povo se tornou o sujeito da história. O motor da mudança não estava mais em um único personagem, Porfirio Díaz. Diante dessa atmosfera incerta e imprevisível, em 21 de maio de 1911 Díaz assinou os tratados de Ciudad Juárez, consolidando sua renúncia. Antes de sair do país, a bordo do navio Ipiranga, afirmou:

El pueblo mexicano, ese pueblo que tan generosamente me ha colmado de honores, que me proclamó su caudillo durante la guerra de Intervención, que me secundó patrióticamente en todas las obras emprendidas para impulsar la industria y el comercio de la República, ese pueblo, señores diputados, se ha insurreccionado en bandas milenarias armadas, manifestando que mi presencia en el ejercicio del Supremo Poder Ejecutivo, es causa de su insurrección.

No conozco hecho alguno imputable a mí que motivara ese fenómeno social: pero permitiendo o admitiendo, sin conceder hace de mi persona la menos a propósito para raciocinar y decir sobre mi propia culpabilidad.

En tal concepto, respetando, como siempre he respetado, y de conformidad con el artículo 82 de la Constitución Federal vengo ante la Suprema Representación de la Nación a dimitir sin reservas el encargo de Presidente Constitucional de la República, con que me honró el pueblo nacional; y lo hago con tanta más razón, cuanto que para retenerlo sería necesario seguir derramando sangre mexicana, abatiendo el crédito de la Nación, derrochando sus riquezas, segando sus fuentes y exponiendo su política a conflictos internacionales.

Espero, señores diputados, que calmada las pasiones que acompañan a toda la revolución, un estudio más concienzudo y comprobado haga surgir en la conciencia nacional, un juicio correcto que me permita

morir llevando en el fondo de mi alma una justa correspondencia de la estimación que en toda mi vida he consagrado y consagraré a mis compatriotas. (DÍAZ, 1911, *apud* KRAUZE, 1987, p. 135).

No informe, o general explicou que o povo – que tanto o apoiou ao longo de 31 anos de governo e o encheu de glórias – rebelou-se em “armadas bandas milenárias”. O evento, para o presidente, pegou-lhe de surpresa, já que, como afirmou, acreditava não existir motivos para esse levante. Mencionou mais uma vez seu respeito à Constituição de 1857. Esperava que, passada essa conturbação e o espírito apaixonado que arrebatara os indivíduos que davam coro à revolução, seus compatriotas reconhecessem tudo que ele fizera. Acreditamos que essa citação sintetiza os argumentos que o Porfiriato sistematicamente manteve: a recorrência ao respeito à Carta Magna, o apoio do povo às realizações do governo, a afirmação da pacificação nacional e a busca pelo progresso e modernização do país. Esse vocabulário perpassou as políticas públicas do regime de Díaz, fossem as ligadas à cidadania, a questão dos indígenas, homogeneidade nacional, entre outras. Em 31 de maio, o presidente partiu com sua família à Europa, sem retornar ao solo mexicano.

A imagem do Porfiriato como um período ilegítimo dentro da história mexicana cada vez foi sendo cristalizada em produções do último quartel do século XIX. Analisar o período pelo eixo “geração” e “experiência” não era mais, para nós, suficiente. Como vimos ao longo da tese, precisávamos compreender as interlocuções e os embates políticos travados em um plano mais amplo, para além do Congresso Nacional ou do Estado, cruzando fontes oficiais e não-oficiais e compreendendo os argumentos formados. Não pretendemos em nenhum momento afirmar que este eixo de análise não possa ser utilizado juntamente com a perspectiva dos usos políticos do passado. Um não invalida ou anula o outro. Para que eventos sejam resgatados e legitimados no presente, é preciso que os indivíduos tenham identificações com eles, ou seja, esses usos têm que ter sentido para o povo, caso contrário, não surtiria efeito. Como afirmamos na Introdução, ao falarmos em construções discursivas, não queríamos afirmar que tais episódios pretéritos não ocorreram ou não foram relevantes e traumáticos para muitos indivíduos, mas mostrar que eles também foram iluminados de uma forma específica pelo porfirismo para validar as ações e políticas do presidente e de seus aliados. A memória que se consolidou a partir do século XX, pós-Revolução, foi a de um governo ditatorial, tirânico, que privilegiou alguns setores nacionais em detrimento de outros.

A partir do noventa e poucos, o Porfiriato passou a ser iluminado – lembrando a “teoría de los focos” de Tenorio Trillo – por esse grande evento: a revolução (em suas várias faces). A época porfiriana se tornou a distorção da doutrina liberal³³⁵. Como escreveu Luiz Estevam de Oliveira Fernandes, “ao caminharmos pelas ruas centrais da capital mexicana podemos notar algo semelhante. Em monumentos e prédios públicos, governos considerados ‘traidores da nação’, como o de Porfirio Díaz, foram eclipsados pela memória vitoriosa da Revolução Mexicana.” (FERNANDES, 2010b, s/p). James Creelman, por exemplo, afirmou em 1911 que muitos indivíduos reprimiam o governo de Díaz estando um ambiente pacífico, estável e próspero³³⁶. Antes de criticar, disse que era necessário comparar a situação mexicana anterior e posterior ao regime do presidente, para, assim, perceber todos os avanços que este grande herói – nas palavras dele – conquistara durante os anos de mandato. Para ele, os críticos pró-revolucionários não haviam vivenciado os conflitos nacionais e, portanto, não foram testemunhas do que ocorreu no país. Creelman argumentou que os antiporfiristas tinham nascido em uma geração que desfrutou de grande tranquilidade nacional e, deste modo, não podiam criar uma censura legítima e respeitada contra o primeiro magistrado. Novamente, o passado, os desajustes nacionais e a paz, foram iluminados, até o último momento, para defender o governo. Até 1911, esta fórmula – chamada aqui de oficial – foi recorrente³³⁷. Como afirmaram Gómez Galvarriato e Tenorio Trillo, “la paz es el centro de la política y sociedad del Porfiriato (...). La paz se convirtió en la mercancía que el régimen marcaba

³³⁵ Também é importante consultar os trabalhos: MATUTE, Álvaro. *La Revolución mexicana: actores, escenarios y acciones (vida cultural y política, 1901-1929)*. México, Instituto Nacional de Estudios Históricos de la Revolución Mexicana, 1993, 268p.; HURTADO, Guilherme. “Historia y ontología en México: 50 años de revolución”. In: *Estudios de historia moderna y contemporánea de México/ISSN 0185-2620*, n. 39, jan.-jun. 2010.

³³⁶ Creelman foi o entrevistador do presidente quando este, em 1908, concedeu a famosa entrevista para a *Parson's Magazine*, dizendo que não iria se candidatar para as próximas eleições no país e que apoiaria a organização de partidos políticos na esfera pública. Entretanto, no ano de 1909 o presidente novamente saíra candidato ao mandato, ganhando as eleições.

³³⁷ Em 1911, Creelman publicou um livro intitulado *Díaz: master of Mexico*. A obra dialogou explicitamente com a de Turner, resultando em uma disputa política acirrada. O primeiro periodista adotou uma postura de defesa e legitimação do governo de Porfirio Díaz. Ao referir-se ao escritor de *Barbarous Mexico* como um sensacionalista que inventou fatos acerca do país e do governo (principalmente no que tangeu ao argumento de Turner sobre existir escravidão no México), Creelman defendeu o Porfiriato. Também argumentando sobre a existência de um passado caótico pós-independência no México, uma vez que este passou por várias intervenções estrangeiras e guerras internas, o porfirismo foi visto como um momento de pacificação do país, bem como de prosperidade e progresso. Para ele, sob o governo de Díaz, “a nacionalidade mexicana emergiu das cinzas do passado” (CREELMAN, 1911). Sobre as divergências entre Turner e Creelman ver: LOMNITZ, Claudio. “Cronótopos de uma nação distópica: o nascimento da dependência no México porfiriano tardio”. In: *MANA*, vol. 15, n.1, 2009, pp. 91-125; BARBOSA, Fernanda Bastos; Vasconcelos, E. H. B. de. “Porfirio Díaz Under the Foreign Eye: The Representation of the President and his Government Years by American and British Writers (1901-1911)”. In: *Delaware Review of Latin American Studies*, v. 13, pp. 01-32, 2012.

con propios y extraños.” (GÓMEZ GALVARRIATO; TENORIO TRILLO, 2006, p. 47). Em 1911, disputava-se uma memória do grande general a ser deixada à posteridade. Ele havia sido herói ou vilão? Como o presidente passaria à História nacional?

E novamente voltamos à Introdução e também ao título da tese, quando afirmei que o discurso da paz era algo complexo e ao mesmo tempo fascinante, um elemento valioso para o Porfiriato. A paz sempre esteve presente nas fontes analisadas, compondo argumentos de apoio ou de crítica ao governo. Mais do que tentar descortinar a natureza do regime, procurar distorções históricas, definir se Díaz foi herói ou tirano, modernizador ou arcaizante; pretendemos mostrar e explicar que o regime do general construiu complexas estratégias que foram defendidas, celebradas, refutadas e afrontadas no campo político. Como um poliedro, durante 31 anos o governo teve várias fases, faces, momentos e posicionamentos, mas alguns pilares discursivos tornaram-se estruturantes e fundamentais desse período. Tornaram-se tão centrais que foram os focos de ataque dos grupos que condenaram e desaprovaram a administração do oaxaqueño. Era uma guerra de papel que utilizou muitos usos políticos do passado como arma. Iluminar os eventos pretéritos, e quais eventos, dava vantagem para um ou outro grupo, de acordo com seu posicionamento político. Fosse para criticar, fosse para apoiar o porfirismo, a paz e tudo que envolvia o discurso de pacificação era um eixo central. Eixo que fez parte de uma construção narrativa que envolveu mais elementos, construída no século XIX, alimentada por décadas e abalada recorrentemente por muitos meios e suportes de censura.

Portanto, a paz teve valor central e alto no governo de Porfirio Díaz. Foi moeda cara, utilizada amplamente pelos porfiristas para sustentar e justificar o discurso da transformação a partir de 1876. Para eles, Díaz era o personagem que fez emergir um novo México: o México pacífico. Ou seja, uma nova etapa nacional que deixava para trás o caos da ingovernabilidade pretérita. Além disso, a paz também se tornou a base para o advento da modernidade e do progresso, o trampolim para o futuro próspero e feliz: o México, pacífico, caminhava a passos largos pelo mesmo caminho que as grandes potências europeias passaram. Mas a paz também foi usada moeda de troca: por ela, o povo e o Congresso deveriam sempre apoiar e acreditar no presidente. Nenhuma contradição deveria abalar a tão desejada, silenciosa e perene paz nacional. Ela era um trunfo.

E a paz teve seus dois lados da moeda, pois o discurso de pacificação silenciou, nas narrativas que estudamos, muitas das tensões que recorrentemente estalaram no país, como, por exemplo, a discordância entre Estado e grupos indígenas e os dissensos políticos que surgiram contra o governo de Díaz. Muitos focos de críticas e de combate foram silenciados a partir da afirmação de que o país estava em paz e em ordem. Como vimos nos documentos de Díaz, em 1877, o presidente afirmou que o México estava em paz e até 1910 ele manteve a afirmação, mesmo com a latente pulverização dos Clubes Liberais e dos periódicos antiporfiristas. Não descartamos a hipótese de que muitos indivíduos acreditavam e tinham fé na paz, mas procuramos mostrar que esse discurso fez parte de uma complexa estratégia política que procurou fundamentar, validar e legitimar a administração do general, suas ações públicas e as várias reeleições. E que, por ter sido um elemento tão caro e valioso, também foi utilizado por grupos que eram contrários o governo. Como vimos nas páginas do *Regeneración* e no livro de Turner, para estes, Díaz havia abalado a paz conquistada por Juárez, era um tirano e traidor da nação. De herói da paz, como afirmou Sierra, ele se tornou o vilão que a roubou do povo quando foi desleal com Juárez. Deste modo, os argumentos, o vocabulário e os posicionamentos políticos perpassavam essa estratégia discursiva explicada nos capítulos, fosse para criticar ou apoiar o governo.

Fontes e Documentos

- *Constitución de Apatzingán* - 1814.
Disponível: Portal do governo mexicano Gob.mx
Consulta: http://www.diputados.gob.mx/biblioteca/bibdig/const_mex/const-apat.pdf
- *Constitución Política de la República Mexicana de 1857*
Disponível: Portal do governo mexicano Gob.mx
Consulta: <http://www.ordenjuridico.gob.mx/Constitucion/1857.pdf>
- *Discursos de Porfirio Díaz ao Congresso Nacional Mexicano* – todos os números
Disponível: Biblioteca Garay
Consulta: <http://www.biblioteca.tv/artman2/publish/index.shtml>
- *Discursos dos presidentes do Congresso Nacional Mexicano* – todos os números
Disponível: Biblioteca Garay
Consulta: <http://www.biblioteca.tv/artman2/publish/index.shtml>
- MADERO, Francisco I. *La sucesión presidencial en 1910: el partido nacional democrático*. Coahuila, 1908. 1ª ed. [publicada em 1909]
Disponível: Universidad Autónoma de Nuevo León – Dirección general de bibliotecas
Consulta: <http://cdigital.dgb.uanl.mx/la/1080010550/1080010550.PDF>
- MADERO, Francisco I. *La sucesión presidencial en 1910: el partido nacional democrático*. Segunda edición corregida y aumentada. México 1909. 2ª ed.
Disponível: Archive.org
Consulta: <https://archive.org/stream/lasucesionpresid00made#page/n5/mode/2up>
- *Periódico Regeneración* (1900-1918) – todos os números até 1911
Disponível: Archivo Ricardo Flores Magón
Consulta: <http://archivomagon.net/periodicos/regeneracion-1900-1918/>
- *Periódico Revolución* (1907-1908) – todos os números
Disponível: Archivo Ricardo Flores Magón
Consulta: <http://archivomagon.net/periodicos/revolucion-1907-1908/>
- REYES, Bernardo. *El General Porfirio Díaz*. Cidade do México: Editora Nacional, ed. 1960 [1903].
- TURNER, John Kenneth. *Barbarous Mexico*. Chicago: Charles H. Kerr & Company, 1910.
Disponível: Archive.org

Consulta:<https://archive.org/stream/barbarousmexico00turn#page/124/mode/2up/search/In+other+words>

- TWEEDIE, Alec Brilliana. *México as I saw it*. Nova Iorque: The Macmillan Company, 1902.

Disponível: Archive.org

Consulta:<https://archive.org/stream/mexicoasisawit00twee#page/n9/mode/2up/search/I+went+to+Mexico+inspired>

- TWEEDIE, Alec Brilliana. *México as I saw it*. Londres: Thomas Nelson & Sons, 1911.

Disponível: Archive.org

Consulta:<https://archive.org/stream/in.ernet.dli.2015.272334/2015.272334.Mexico-As#page/n9/mode/2up/search/dreamt>

Referências Bibliográficas

ABREU, Marcelo Santos de. *Os mártires da causa paulista: culto aos mortos e usos políticos da Revolução Constitucionalista de 1932 (1932-1957)*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ/ IFCS, 2010.

ADAM, Jean-Michel. “Imagens de si e esquematização do orador”. In: AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo, Contexto, 2011.

AGOSTONI, Claudia; SPECKMAN, Elisa (editoras). *Modernidad, tradición y alteridad. La ciudad de México en el cambio de siglo (XIX-XX)*. Cidade do México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Históricas, 2001 (Serie Historia Moderna y Contemporánea 37).

AGOSTONI, Claudia. “Médicos científicos y médicos ilícitos en la ciudad de México durante el Porfiriato”. In *Estudios De Historia Moderna Y Contemporánea De México*, revistas UNAM, Cidade do México, vol. 18, n. 19, 2000, pp. 13-31. <http://www.revistas.unam.mx/index.php/ehm/article/view/3019>

_____: “Las delicias de la limpieza: la higiene en la Ciudad de México”. In: STAPLES, Anne (Coord.). *Historia de la vida cotidiana en México*, tomo IV. Bienes y vivencias. El siglo XIX. Cidade do México: El Colegio de México / FCE, 2005.

_____. “Las mensajeras de la salud. Enfermeras visitadoras en la ciudad de México durante la década de los 1920. *Estudios de Historia Moderna y Contemporánea de México*, México, n. 33, jan.-jun. 2007, 32p.

_____. *Curar, sanar y educar: Enfermedad y sociedad en México, siglos xix y xx*. Cidade do México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Históricas/Benemérita universidad autónoma de puebla, 2008.

AGUILAR Camín, Héctor. *La frontera nómada: Sonora y la Revolución Mexicana*. Cidade do México: Siglo XXI, 1977.

ALARCÓN OLGUÍN, Víctor. “Política, educación y cultura porfirianas: un falso intento de modernidad”. In: *Polis: Investigación y Análisis Sociopolítico y Psicosocial*, vol. 2, núm. 2, 2002, pp. 257-278.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. “Discursos e Pronunciamento: a dimensão retórica da historiografia”. In: De LUCA, T. Regina; PINSKY, C. Bessanezi (Orgs). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. “Populações indígenas e Estados Nacionais latino-americanos”. In: AZEVEDO, Cecília; RAMINELLI, Ronald. *História das Américas: novas perspectivas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

- AMOSSY, Ruth. “Da noção retórica de ethos à análise do discurso.” In: AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2011.
- ANDRADE, D. E. J. “Escrita da História e política no século XIX: Thomas Carlyle e o culto aos heróis”. In: *História & Perspectivas*, Uberlândia, v. 35, 2006, pp. 211-246.
- ARAÚJO, V. L. *A experiência do tempo: conceitos e narrativas na formação nacional brasileira (1813-1845)*. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 2008, v. 1, 180p.
- ARAÚJO, V. L. “A época das revoluções no contexto do tacitismo: notas sobre a primeira tradução portuguesa dos Anais”. In: *Estudos Ibero-Americanos*, v. 36, 2010, pp. 343-364.
- ARENDT, Hannah. *As origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- _____. *Da revolução*. Brasília: Editora Ática/Editora da Unb, 1988.
- ARGUDÍN, María Luna. *El Congreso y la política mexicana*. Cidade do México: FCE, 2006.
- ARMITAGE, David. *Declaração de Independência: uma história global*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- BAKUNIN, M. “Catecismo Revolucionário”. In: *Catecismo Revolucionário / Programa da Sociedade da Revolução Internacional*. São Paulo: Imaginário/Faísca, 2009.
- BARANDA, Joaquín. Discurso “Unidad nacional: objetivo primordial de la educación.” In: BAZANT, Mílada (Org.). *Debate pedagógico durante el Porfiriato*. Cidade do México: SEP, 1985.
- BARBOSA, Fernanda Bastos; FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira. “Pacificar a história: passado, presente e futuro nas formas de pensar a política mexicana na transição do século XIX ao XX”. In: *Revista História da Historiografia*, Ouro Preto, número 7, nov./dez. 2011, pp. 90-112.
- BARBOSA, Fernanda Bastos; Vasconcelos, E. H. B. de. “Porfirio Díaz Under the Foreign Eye: The Representation of the President and his Government Years by American and British Writers (1901-1911)”. In: *Delaware Review of Latin American Studies*, v. 13, 2012, pp. 01-32.
- BARBOSA, Fernanda Bastos. *De herói a tirano: as interpretações do Porfiriato entre os anos de 1902 e 1920*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de História. Programa de Pós-graduação em História, 2014.
- BARCELÓ, Raquel. “La Búsqueda del confort y la higiene en Mérida, 1860-1911”. In: STAPLES, Anne (Coord.). *Historia de la vida cotidiana en México: bienes y vivencias. El siglo XIX*. Cidade do México: FCE, 2005.

BARRERA BASSOLS, J. “Ricardo Flores Magón”. In: *Archivo Ricardo Flores Magón*, 2007.

BARRÓN, Luis. *Historias de la Revolución Mexicana*. Cidade do México: FCE, CIDE, 2004.

BARTRA, Armando. (Prólogo, selección y notas). *Regeneración (1900-1918)*. La corriente más radical de la revolución mexicana de 1910 a través de su periódico de combate. Cidade do México: Era, 1977.

BARTRA, Armando. “La revolución mexicana en la perspectiva del magonismo”. In: GILLY, Adolfo (Org.). *Interpretaciones de la Revolución Mexicana*. Cidade do México: UNAM, Editorial Nueva Imagen, 1980.

BAZANT, Mílada. *Historia de la educación durante el porfiriato*. Cidade do México: El Colegio de México, 1993, 298 p.

BELTRÁN DENGRA, Joaquín. “La opinión sobre la Revolución mexicana (1911-1917) en la prensa anarquista española”. In: *Espiral*, vol. XIV, núm. 41, jan.-abr. 2008, pp. 169-205.

BENAVIDES Hinojosa, Artemio. *El General Bernardo Reyes: vida de un liberal porfirista*. Monterrey: Ediciones Castillo, 1998.

BASAVE Benítez, Agustín. *México mestizo: Análisis del nacionalismo mexicano en torno a la mestizofilia de Andrés Molina Enríquez*. Cidade do México: FCE, 1992.

BOBBIO, N.; MATEUCCI, N. *Diccionario de Política*. Cidade do México: Siglo XXI, 1991.

BOBBIO, N. *A teoria das formas de governo na história do pensamento político*. Brasília: Editora UnB, 1980.

BOURDIEU, P. “A ilusão biográfica.” In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BRADING, David A. *Caudillos y campesinos en la Revolución mexicana*. Cidade do México: FCE, 1985, 336p.

BRANDÃO, Helena H. N. *Introdução à Análise do discurso*. Campinas: Ed. Unicamp, 2004.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. Petrópolis: Vozes, 1997.

BRAVO OLMEDO, Valentina. “La re-significación del honor durante la primera mitad del siglo XIX en Latinoamérica”. In: *Cuadernos de Historia Cultural, Crítica y Reflexión*, vol. 2, Viña del Mar, 2012.

BRISEÑO SENOSIAIN, Lillian. “La solidaridad del progreso. Un paseo por la Ciudad de México en el Porfiriato”. In: *Signos Históricos*, núm. 16, jul.-dez. 2006, pp. 186-207.

BRISEÑO SENOSIAIN, Lillian. “La moral en acción”. Teoría y práctica durante el porfiriato *Historia Mexicana*, vol. LV, núm. 2, out.-dez. 2005, pp. 419-460.

CACHO Vázquez, Xavier. *México a través de los siglos a cien años de su publicación, 1884-1889*. Monterrey: Archivo General del Estado de Nuevo León, 1988.

CAMPOS ARIAS, Antonio. *John K. Turner, ¿‘Precursor radical’ de la revolución?* Dissertação de Mestrado. Cidade do México: Universidad Autónoma Metropolitana, fevereiro 2011.

CAMPOS PEREZ, Lara. “La República personificada. La fiesta porfiriana del 2 de abril”. In: *Estudios de Historia Moderna y Contemporánea*, Cidade do México, n. 51, 2016, pp. 53-71.

CANTO VALDES, Luis Roberto. “La muerte voluntaria en Yucatán durante el porfiriato”. In: *Secuencia* Revista de historia y ciencias sociales, núm. 82, jan.-abr. 2012, pp. 73-100.

CÁRDENAS AYALA, Elisa. “El porfiriato: una etiqueta historiográfica”. In: *Historia Mexicana*, vol. LXV, núm. 3, jan.-mar. 2016, pp. 1405-1433.

CARLYLE, Thomas. *Os heróis e o culto dos heróis*. São Paulo: Cultura Moderna, s/d.

_____. *Tratado de los héroes: de su culto y de lo heroico en la historia*. Barcelona: Iberia-J. Gil, 1946, 295p.

CARMAGNANI, Marcello; HERNÁNDEZ CHAVEZ, Alicia. “La ciudadanía orgánica mexicana, 1850-1910”. In: SABATO, Hilda (Coord.). *Ciudadanía política y formación de las naciones*. Perspectivas históricas de América Latina. Cidade do México: FCE/El Colegio de México, 1999, 372p.

CERTEAU, Michel de. “A operação histórica”. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

CÓRDOVA, Arnaldo. *La ideología de la Revolución Mexicana: la formación del nuevo régimen*. Cidade do México: Ediciones Era, 1973.

CRIPA, I. de Assis. “A Trajetória Intelectual de Heriberto Frías e a ‘Guerra de Tomóchic’ no México”. In: *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*, ANPUH, São Paulo, julho 2011, pp 01-16.

BUFFON, G. L. *Oeuvres complètes de Buffon*. Paris: Bazouge-Pigoreau Éditeur, 1839.

COSÍO Villegas, Daniel. *Historia Moderna de México: El Porfiriato, Vida Económica*. Cidade do México: Editorial Hermes, 1965.

COSÍO Villegas, Daniel *et al.* *Historia general de México*. Cidade do México: El Colegio de México, 2000.

CREELMAN, James. *Díaz, master of Mexico*. Lexington: Cornell University Library, 2011.

DAHER, Andréa; MARQUES, Arnaldo. “Entrevista com Jacques Revel”. In: *Topoi*, v. 10, n. 18, jan.-jun. 2009, pp. 67-76.

DEN BOER, PIN. “Civilização: comparando conceitos e identidades”. In: FERES JUNIOR, João; JASMIN, Marcelo. *História dos Conceitos: diálogos transatlânticos*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio/Ed. Loyola: IUPERJ, 2007.

DE LA TORRE, Suárez, Laura. *Candil de la calle oscuridad de su casa. La iluminación en la ciudad de México durante el porfiriato*. Cidade do México: ITESM/Instituto Mora/Miguel Ángel Porrúa, 2008, 220 pp.

DEL PRIORE, Mary. “Biografia: quando o indivíduo encontra a História”. In: *Topoi*, v.10, n.19, jun/dez 2009, pp. 7-16.

DEL RÍO, Ignacio. “Las razones de la democracia: el discurso liberal de Francisco I. Madero y la dictadura de Porfirio Díaz”. In: *Estudios de historia moderna y contemporánea de México/ISSN 0185-2620*, n. 26, jul.-dez. 2003.

DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

DIAS, Natally Vieira. “O México como ‘lição’: a Revolução Mexicana nos grandes jornais brasileiros e argentinos (1910-1915)”. Belo Horizonte. Dissertação de Mestrado, UFMG, 2009.

DÍAZ, Lilia. “El liberalismo militante”. In: COSÍO VILLEGAS *et al.* *Historia general de México*. Cidade do México: El Colegio de México, ed. 2000.

DOWBIGGIN, Ian R. *Inheriting madness. Professionalization and psychiatric knowledge in nineteenth century France*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1991.

DUARTE ESPINOZA, M de Jesús. “Las relaciones fronterizas entre México y Estados Unidos 1900-1910”. In: *Tzintzun*. Revista de Estudios Históricos, n. 28, jul.-dez. 1998.

DURANT, Will. *História da Civilização*. Vol. II. “César e Cristo”. Do original Caesar and Christ. Trad. Mamede de Souza Freitas. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 1971.

ESCALANTE GONZALBO, Fernando. *Ciudadanos imaginarios*. México: El Colegio de México, 1992.

ESPAR ARGERICH, Miguel. “Dialogismo em discursos do Partido dos Trabalhadores (PT)”. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Pernambuco, 2007.

ESTRADA, Rosalía. “John Kenneth Turner autor de México bárbaro”. In: *Fuentes Humanísticas*, Cidade do México, v. 10, n. 20, 2000.

ESTRADA URROZ, Rosalinda. “¿Público o privado? El control de las enfermedades venéreas del Porfiriato a la Revolución”. In: *Estudios de historia moderna y contemporánea de México*, n. 33, jan.-jun. 2007.

FALCÓN, Romana. “Logros y límites de la centralización porfirista”. In: BLÁZQUEZ DOMÍNGUEZ, Carmen *et al.* *El dominio de las minorías: República Restaurada y Porfiriato*. Cidade do México: El Colegio de México, 1989.

FERNANDES, Luiz Estevam; MORAIS, Marcus Vinícius de. “Os EUA no século XIX”. In: KARNAL, Leandro. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2010.

FERNANDES, L. E. O. “Algumas considerações sobre o conceito de mestiçagem e sua constituição no México”. In: *História e-História*, v. 2010, 2010.

_____. “A comemoração do centenário da independência no México: o Paseo de la Reforma como palco para a pacificação do passado em 1910.” In: *Revista Unisinos*, 2010b.

_____. *Patria mestiza: a invenção do passado nacional mexicano (séculos XVIII e XIX)*. Jundiaí: Editorial Paco, 2012.

FERNANDEZ RUIZ, Jorge. *Juarez y sus contemporáneos*. Cidade do México: UNAM, 1986.

FLORES HERNÁNDEZ, Benjamín. “Las letras y las armas en la obra México: su evolución social”. In: *Estudios de Historia Moderna y Contemporánea de México*, Cidade do México, vol. 9, 1983, pp. 35-95.

FLORESCANO, Enrique. *Memoria mexicana*. Cidade do México: Taurus, 2001.

_____. “México a través de los siglos: Un nuevo modelo para relatar el pasado”. In: *La Jornada Virtual*, 2002.

_____. “Patria y nación en la época de Porfirio Díaz”. In: *Signos Históricos*, núm. 13, jan.-jun. 2005, pp. 152-157.

- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- FREITAS NETO, José Alves de. “A formação da nação e o vazio na narrativa argentina: ficção e civilização no século XIX”. In: *Esboços*, v. 15, n. 20, 2008, pp. 189-204.
- FUENTES, Juan Francisco. “Mito y concepto de pueblo en el siglo XIX: una comparación entre España y Francia”. In: *historia contemporánea*, 28, 2004, pp. 95-110.
- FUNES, Patricia. *Salvar la nación: intelectuales, cultura y política en los años veinte latinoamericanos*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006.
- GALINDO LARA, Claudia. “El concepto de revolución en el pensamiento político de Hannah Arendt”. In: *Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales*, vol. XLVII, núm. 195, set.-dez. 2005, pp. 31-62.
- GALL, Olivia. “Identidad, exclusión y racismo: reflexiones teóricas y sobre México”. In: *Revista Mexicana de Sociología*, México, Universidad Nacional Autónoma de México, Vol. 66, No. 2, Abr-Jun, 2004.
- GALTON, F. “Hereditary talent and character”. In: *Macmillan's Magazine*, 12, 1865.
- GANTÚS, Fausta. “Prensa satírica y poder político”. In: *Amnis*, 4, 2004.
- GANTÚS, Fausta. “¿Héroe o villano? Porfirio Díaz, claroscuros. Una mirada desde la caricatura política”. In: *Historia Mexicana*, DF, vol. LXVI, núm. 1, jul-set., 2016, pp. 209-256.
- GARCIA, Marcos L. “As Origens Da Teoria Do Poder Constituinte: O Abade Sieyès e A Revolução Francesa”. In: *Revista Brasileira de História do Direito*, Curitiba, vol. 2, n. 02, 2016, pp. 01-18.
- GARCIADIEGO, Javier. “Los intelectuales y la Revolución Mexicana”. In: ALTAMIRANO, Carlos (Dir.); *Historia de los intelectuales en América Latina* (vol. II). Buenos Aires: Katz Ediciones, 2010.
- GARNER, Paul. *Porfirio Díaz: del héroe al dictador, una biografía política*. Cidade do México: Planeta, 2003.
- GELLNER, Ernest. *Nação e Nacionalismo*. Lisboa: Gradiva, 1983.
- GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GOBINEAU, Arthur de. *Essai sur l'inégalité des raaces humaines*. Paris: Librairie de Firmin Didit Frères, 1853.

- GÓMEZ QUIÑONEZ, Juan. “Sin frontera, sin cuartel. Los anarcocomunistas del PLM, 1900-1930”. In: *Tzintzun*. Revista de Estudios Históricos, núm. 47, jan.-jun. 2008, pp. 161-196.
- GONZÁLEZ, Luis. “El período formativo”. In: COSÍO VILLEGAS *et al.* *Historia mínima de México*. Cidade do México: FCE, ed. 1994.
- GONZÁLEZ Y GONZÁLEZ, Luiz. “El liberalismo triunfante”. In: VILLEGAS, Daniel Cosío. *Historia general de México*. México: El Colegio de México, 2000
- GÓMEZ SERRANO, Jesús. “Una ciudad pujante. Aguascalientes durante el porfiriato”. In: STAPLES, Anne (Coord.). *Historia de la vida cotidiana en México: bienes y vivencias. El siglo XIX*. Cidade do México: FCE, 2005.
- GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. “Análise do Discurso: conceitos e aplicações”. In: *Alfa*, São Paulo, 39, 1995, pp. 13-21.
- GRUSTEIN, Arturo. “Estado y ferrocarriles en México y EU, 1890-1911”. In: *Secuencia*, 20, mai.-ago.1991, 20, pp. 79-106.
- GUERRA, François-Xavier. *México: del Antiguo Régimen a la Revolución, I*. Cidade do México: FCE, 1991.
- _____. *Modernidad e independencias: ensayos sobre las revoluciones hispánicas*. Madrid: Ediciones Encuentro, 2009.
- HALE, Charles. *La transformación del liberalismo en México a fines del siglo XIX*. Cidade do México: Vuelta, 1991.
- HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- HARTOG, François; REVEL, Jacques. “Nocte de conjuncture historiographique”. In: _____ (eds.). *Les usages politiques du passé*. Paris: Éditions de l’École des Hautes Études en Sciences Sociales, 2001.
- HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- HEGEL, G. W. F. *Linhas fundamentais da filosofia do direito ou direito natural e ciência do Estado em compêndio*. O Estado. Trad. Marcos Lutz Müller. Textos Didáticos. Campinas: n. 32, 1998.
- HERNÁNDEZ, Benjamín. “Las letras y las armas en la obra México: su evolución social”. In: *Estudios de Historia Moderna y Contemporánea de México*, Cidade do México, vol. 9, 1983, pp. 35-95.

HERNÁNDEZ PADILLA, Salvador. *El magonismo: historia de una pasión libertaria 1900-1922*. Cidade do México: Era, 3a. Ed, 1999.

HORVÁTH, Gyula; SZABÓ, Sára H. “El positivismo en Brasil y México. Un estudio comparativo”. In: *Tzintzun*, Revista de Estudios Históricos, N° 42, jul.-dez. 2005.

HU-DEHART, Evelyn. “Rebelión campesina en el noroeste: los indios yaquis de Sonora”. In: KATZ, Friedrich. *La servidumbre agraria en México en la época porfiriana*. Cidade do México: Ediciones Era, 1990.

HUNT, Lynn. História, cultura e texto. In: _____ (Org.). “A Nova História Cultural”. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

HURTADO, Guilherme. “Historia y ontología en México: 50 años de revolución”. In: *Estudios de historia moderna y contemporánea de México/ISSN 0185-2620*, n. 39, jan.-jun. 2010.

IÑIGUEZ, Lupicio. *Manual de análise do discurso em ciências sociais*. Petrópolis: Vozes, 2004.

IRUROZQUI, Marta. “Sobre indios, tópicos victimistas y maneras de ser ciudadano. Bolivia en el siglo XIX.” In: CAMPAÑA, Mario (Dir.). *Guaragua*, Cecal, Barcelona, ano 11, No. 24, 2007, pp. 50-73.

JIMÉNEZ MARCE, Rogelio. *Todo por amor a la ciencia*. El viaje de la Comisión Astronómica Mexicana al Japón en 1874. Observaciones científicas y percepciones de viaje. Puebla: BUAP, 2016.

_____. “La construcción de las ideas sobre la raza en algunos pensadores mexicanos de la segunda mitad del siglo XIX”. In: *Secuencia*, núm. 59, México, Instituto Mora, mai.-ago 2004, pp. 73-100.

_____. “La creación de una genealogía liberal.” In: *Historias*, 51, 2002, pp. 27-49.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006.

KRAMER, Lloyd. “Literatura, Crítica e Imaginação Histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick LaCapra”. In: HUNT, Lynn. (Org.). *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KRAUZE, Enrique. *Porfirio Díaz: Místico de la autoridad*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica S. A., 1987.

_____. *Os redentores: ideias e poder na América Latina*. São Paulo: Benvirá, 2011.

LANDA, María Guadalupe. “Características temáticas de las publicaciones periódicas en el siglo XIX”. In: *Gaceta Bibliográfica*, Cidade do México: Instituto Nacional de Investigaciones Bibliográficas/UNAM, n. 8, jan-mar. 2000.

LARA ZAVALA, Hernán. “Justo Sierra Méndez. Identidad mexicana”. In: *Revista de la Universidad de México*, Cidade do México, no. 104, 2012, pp. 37-47.

LEMPERIERE, Annick. “Los dos centenarios de la independencia mexicana (1910-1921): de la historia patria a la historia cultural”. In: *HMex*, XLV, 2, 1995.

LIRA GONZÁLEZ, Andrés. “Los indígenas y el nacionalismo. El nacionalismo y el arte en México”. In: *IX Coloquio de Historia del Arte*, México, Instituto de Investigaciones Estéticas-Universidad Nacional Autónoma de México, 1986.

LOMNITZ, Claudio. “Cronótopos de uma nação distópica: o nascimento da dependência no México porfiriano tardio”. In: *MANA*, vol. 15, n.1, 2009, pp. 91-125.

_____. Los intelectuales y el poder político: la representación de los científicos en México del porfiriato a la revolución. In: ALTAMIRANO, Carlos; MYERS, Jorge (Dir.). *Historia de los intelectuales en América Latina*. v. I, Buenos Aires: Katz Ediciones, 2008.

_____. “Los orígenes de nuestra supuesta homogeneidad. Breve arqueología de la unidad nacional en México”. In: *Prismas Revista de Historia Intelectual*, vol. 14, núm. 1, jun. 2010, pp. 17-36.

LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiz Martins. *Imprensa e cidade*. São Paulo: Ed. UNESP, 2006.

MACGREGOR CAMPUZANO, Javier. “Historiografía sobre criminalidad y sistema penitenciario”. In: *Secuencia*, 22, jan.-abr. 1992a, pp. 221-238.

MACGRÉGOR, Javier. “Dos casos de persecución periodística durante el porfiriato”. In: *Estudios de historia moderna y contemporánea de México*, Cidade do México, vol. 15, 1992b, pp. 65-84.

MALATIAN, Tereza Maria. “A biografia e a história”. In: *Cadernos CEDEM*, Franca, vol. 01, n. 01, 2008.

MANNHEIM, Karl. “El problema de las generaciones”, In: *REIS – Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, n. 62, abr-jun 1993, pp. 193-242.

MATA, Sérgio. “Elogio do Historicismo”. In: VARELLA, F.; MOLLO, H.; MATA, Sérgio da; ARAUJO, Valdei L. de. (Org.) *A dinâmica do historicismo: revisitando a historiografia moderna*. Belo Horizonte: Argumentum, 2008.

MATUTE, Álvaro. “A cien años, Porfirio Díaz”. In: *Revista: Estudios de Historia Moderna y Contemporánea de México*, vol. 07, 1979, pp. 189-193.

_____. “Notas sobre la historiografía positivista mexicana”. In: *Secuencia*, 21, set.-dez. 1991, 49-64pp.

MATUTE, Álvaro. *La Revolución mexicana: actores, escenarios y acciones (vida cultural y política, 1901-1929)*. México, Instituto Nacional de Estudios Históricos de la Revolución Mexicana, 1993, 268 p.

MATUTE, Álvaro; TREJO, E. “La Historia Antigua en México: Su evolución social”. In: *Estudios de Historia Moderna y Contemporánea de México*, México, UNAM: Instituto de Investigaciones Históricas, v. 14, 1991, pp. 89-106.

MAY, H; McMILLEN, N.; SELERS, C. *Uma reavaliação da história dos Estados Unidos: de colônia à potência imperial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 1990.

MEYER, Eugenia. *John Kenneth Turner, periodista de México*. Cidade do México: Era, 2005.

MINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: ed. Cortez, 2001.

MITRE, Antonio. *O dilema do centauro: ensaios de teoria da história e pensamento latino-americano*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

MOELLER, Paul Karl. *Biografía de John Kenneth Turner: Cambio de régimen político a través de la pluma* [Internet]. Version 14. paulkarlmoeller. 2014 Sep 22. Available from: <https://paulkarlmoeller.wordpress.com/article/biografia-de-john-kenneth-turner-3pj5r6n3uurvd-7/>.

MOMIGLIANO, Arnaldo. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Bauru: Edusc, 2004.

MOTTA, Alda Britto da; WELLER, Wivian. “A atualidade do conceito de geração na pesquisa sociológica”. In: *Revista Sociedade e Estado*, Vol.25, n. 02, Mai-Ago 2010, pp. 175-184.

MOYA GUTIÉRREZ, Arnaldo. “Los festejos cívicos septembrinos durante el Porfiriato, 1877-1910”. In: AGOSTONI, Claudia; SPECKMAN, Elisa (editoras). *Modernidad, tradición y alteridad. La ciudad de México en el cambio de siglo (XIX-XX)*. México, Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Históricas, 2001 (Serie Historia Moderna y Contemporánea 37).

_____. “Historia, arquitectura y nación bajo el régimen de Porfirio Díaz”. Ciudad de México 1876-1910. *Revista de Ciencias Sociales* (Cr), vol. III-IV, núm. 117-118, 2007a, pp. 159-182.

_____. “Historia y olvido: la historiografía sobre el porfiriato”. *Revista Estudios*, Universidad de Costa Rica, n. 20, 2007b, pp. 83-101.

_____. Rehabilitando históricamente al porfiriato: una digresión necesaria acerca del régimen de Porfirio Díaz, México 1876-1910. *Revista de Ciencias Sociales* (Cr), vol. I, núm. 119, 2008, pp. 83-105.

MUÑOZ, Daniel Vicencio. “Locos criminales en los años del Porfiriato. Los discursos científicos frente a la realidad clínica, 1895-1910”. In: *Estudios de Historia Moderna y Contemporánea de México*, núm. 47, jan.-jun. 2014, pp. 79-119.

NAVA HERNÁNDEZ, Eduardo. “1810 y 1910”. In: *Economía y Sociedad*, vol. XIV, núm. 26, jul.-dez. 2010, pp. 15-20.

NAVARRETE Liñares, Federico. *Las relaciones interétnicas en México*. México: UNAM, 2004.

NORA, Pierre. *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

NÚÑEZ, Fernanda. *La prostitución y su represión en la ciudad de México (siglo XIX), prácticas y representaciones*. Cidade do México: Gedisa, 2002, 219p.

OCAMPO LÓPEZ, Javier. “Justo Sierra ‘el maestro de América’. Fundador de la Universidad Nacional de México”. In: *Revista Historia de la Educación Latinoamericana*, Tunja, no. 15, 2010, Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia, pp. 13-38.

O’GORMAN, Edmundo. *La supervivencia política Novo-Hispánica*. Cidade do México: Centro de Estudios de Historia de México; Fundación Cultural de Condumex, 1969, pp. 77-93.

ORTIZ MARÍN, Ángel Manuel; DUARTE RAMÍREZ, María del Rocío. “El periodismo a principios del siglo XX (1900-1910)”. In: *Revista Pilquen - Sección Ciencias Sociales*, núm. 12, jul 2010, pp. 01-09.

ORTIZ MARÍN, Ángel Manuel. “El periódico Regeneración como expresión del Partido Liberal Mexicano a principios del siglo XX”. In: *XIV Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia*. Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza, 2013, pp. 01-16.

ORTÍZ Monastério, J. “Vicente Riva Palácio”. In: Clark de Lara, Belem et al. *La República de las letras: asomos a la cultura escrita del México decimonónico*, Vol. III. Cidade do México: UNAM, 2005.

PADILLA ARROYO, Antonio. “Control, Disidencia y Cárcel Política en el Porfiriato Convergencia”. In: *Revista de Ciencias Sociales*, vol. 11, núm. 36, set.-dez. 2004, pp. 247-276.

PALTÍ, Elias. “Los diarios y el sistema político mexicano en tiempos de la República Restaurada (1867-1876). In: ALONSO, Paula (Comp.). *Construcciones impresas: panfletos, diarios y revistas en la formación de los estados nacionales en América Latina, 1820-1920*. Buenos Aires: FCE Argentina, 2004.

PEREIRA, Luisa Rauter; SENA, Hebert F. de. “A historicidade do político: o debate sobre representação e cidadania no Império Brasileiro (1823-1840)”. In: *Revista História da historiografia*, Ouro Preto, n. 12, dez. 2016, pp. 258-274.

PEREIRA, Luisa Rauter. “Temporalidade no debate político luso-brasileiro: os usos do conceito político de povo (1750-1840)”. In: *XIV Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia*. Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza, 2013a. Disponível em: <http://www.aacademica.org/000-010/516>

_____. “O conceito político de povo no período da Independência: história e tempo no debate político (1820-1823)”. In: *Revista Brasileira de História*, vol. 33, núm. 66, dez. 2013b, pp. 31-47.

_____. “Uma história do conceito político de povo no Brasil: Revolução e historicização da linguagem política”. In: *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo, julho 2011.

PÉREZ DOMÍNGUEZ, Marisa. Reseña de “Las fiestas del Centenario de la Independencia a través de la correspondencia del General Porfirio Díaz” de María Eugenia Ponce Alcocer (Texto) e Teresa Matabuena Pelaéz (Investigação Gráfica). In: *Tzintzun*, Revista de Estudios Históricos, núm. 54, jul.-dez. 2011, pp. 210-216.

PÉREZ-RAYÓN ELIZUNDIA, Nora. “México 1900: la modernidad en el cambio de siglo. La mitificación de la ciencia”. In *Estudios de Historia Moderna y Contemporánea de México*, Martha Beatriz Loyo (editora), Cidade do México, Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Históricas, v. 18, 1998, pp. 41-62.

_____. “La crítica política liberal a fines del siglo XIX: El diario del Hogar.” In: AGOSTONI, Claudia; SPECKMAN, Elisa (editoras). *Modernidad, tradición y alteridad. La ciudad de México en el cambio de siglo (XIX-XX)*. Cidade do México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Históricas, 2001 (Serie Historia Moderna y Contemporánea 37).

PÉRONNET, Michel. *Revolução Francesa em 50 palavras-chaves*. Tradução de Rita Braga. São Paulo: Brasiliense, 1989.

PINTO, Céli R. J. “Elementos para uma análise de discurso político”. In: *Barbarói*, Santa Cruz do Sul, v. 24, 2006, pp. 87-118.

PONCE ALCOCER, María Eugénia. *Las fiestas del Centenario de la Independencia a través de la correspondencia de Porfirio Díaz*. Cidade do México, Iberoamericana, 2009.

PRADO, Maria Ligia Coelho. *América Latina no século XIX: tramas, telas e textos*. São Paulo: Editora da USP, 2004.

PRIEGO, Natalia. "Symbolism, solitude and modernity: science and scientists in porfirian Mexico". In: *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 473-485, Abr.-Jun. 2008.

QUIJADA, Mónica; BERNAND, Carmen; SCHNEIDER, Arnol. *Homogeneidad y Nación con un estudio de caso: Argentina siglos XIX y XX, Capítulo I*, CSIC, Madrid, 2000, pp. 15-55.

QUIJADA, Mónica. "Ancestros, ciudadanos, piezas de museo: Francisco P. Moreno y la articulación del indígena en la construcción nacional argentina (siglo XIX). In: *Estudios Interdisciplinarios de América Latina y el Caribe*, Tel-Aviv Vol. 9, No. 2, jul.-dez. 1998, pp. 21-46.

_____. "¿'Hijos de los barcos' o diversidad invisibilizada? La articulación de la población indígena en la construcción nacional argentina (siglo XIX)". In: *Historia Mexicana*, México, (LIII) 2, 2003a, pp. 469-510.

_____. "¿Qué nación? Dinámicas y dicotomías de la nación en el imaginario hispanoamericano". In: ANNINO, Antonio; GUERRA, François-Xavier (Coords.). *Inventando la nación*. Cidade do México: FCE, 2003b.

_____. "Sobre 'nación', 'pueblo', 'soberanía' y otros ejes de la modernidad en el mundo hispánico". In: RODRÍGUEZ, J. (Coord.). *Las nuevas naciones: España y México, 1800-1850*. Madrid: Fundación Mapfre, 2008.

RAAT, Dirk W. *Los revoltosos: rebeldes mexicanos en los Estados Unidos 1903-1923*. Cidade do México: FCE, 1988.

RABOTNIKOF, Nora. "Vicio y virtud del orden político mexicano: Ciudadanos imaginarios, de Fernando Escalante. In: *Política y Gobierno*, vol. 1, No. 1, jan.-jun., 1994.

RAMÍREZ MORALES, Áxel. "Chicanos, frontera y revolución". In: *Nóesis Revista de Ciencias Sociales y Humanidades*, vol. 20, núm. 39, 2011, pp. 86-101.

RATZEL, Friedrich. "As raças humanas". In: MORAES, A. C. R (Org.); FERNANDES, F. (Coord.). *Ratzel*. São Paulo: Ática, 1990.

REINA, Leticia, “Raíces y fuerza de la autonomía indígena”. In: REINA, Leticia (coord.), *Los retos de la etnicidad en los estados – nación del siglo XXI*. Cidade do México: CIESAS – INI-Miguel Ángel Porrúa, 2000, pp. 245-277.

REINA, Leticia, “Elecciones locales y crisis en los cambios de siglo XIX y XX. Cultura política de los pueblos indios”. In: REINA, Leticia; SERVÍN, Elisa (coords.). *Crisis, Reforma y Revolución. México: historias de fin de siglo*. Cidade do México: Taurus/Conaculta/Inah, 2002, pp. 253-292.

RENAN, Ernest. “Que é uma nação”. In: *Plural*, Sociologia USP, São Paulo, 4, 1997, pp. 154-175. Tradução de Samuel Titan Jr.

REYES, Bernardo. *El General Porfirio Díaz*. Cidade do México: Editora Nacional, 1960.

RICUPERO, Bernardo. “As nações do romantismo argentino”. In: MÄDER, Maria Elisa; PAMPLONA, Marco A.. *Revoluções de independências e nacionalismos nas Américas: região do Prata e do Chile*. Vol. 1. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

RIGUZZI, Paolo. “Interrogando la vecindad: las relaciones México-Estados Unidos, 1880-1948, en el espejo de la bibliografía de las últimas décadas”. In: *Estudios de historia moderna y contemporánea de México*, n. 34, jul.-dez. 2007.

RIGUZZI, Paolo. *México próspero: las dimensiones de la imagen nacional en el porfiriato*. In: *Historias*, Cidade do México, 20, 1988, pp. 137-157.

ROJANO GARCÍA, E. D. “Contra todo y contra todos. Los hermanos Flores Magón”. In: *INEHRM Artículos*, 2014.

ROLDÁN VERA, Eugenia. “‘Pueblo’ y ‘Pueblos’ en México, 1750-1850: un ensayo de historia conceptual”. In: *Historia Contemporánea*, 28, 2004, pp. 95-110.

ROSANVALLON, Pierre. *Por una historia conceptual de lo político*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 2003.

ROSAS SANCHEZ, Javier. “Francisco I. Madero en la transición democrática de México, 1905-1910”. In: *Estudios Políticos*, Cidade do México, num. 25, jan.-abr. 2012.

ROSS, Stanley R. *Francisco I. Madero. Apóstol de la democracia*. Cidade do México: Ed. Grijalbo, S.A., 1959.

ROZAT DUPEYRON, Guy. *Los orígenes de la nación: pasado indígena e historia nacional*. Cidade do México: Universidad Iberoamericana, 2001.

RUEDIGER, Francisco. *Paradigma do Estudo da História*. Porto Alegre: IEL, 1991

SANCHEZ, Evelyne. “Nacionalismo y racismo en el México decimonónico”. In: *Nuevos enfoques, nuevos resultados*. Nuevo Mundo Mundos nuevos, 2007, <http://nuevomundo.revues.org/document3528.html>. <hal-00947405>

SANTOS, F. L. B. “O Magonismo e a Revolução Mexicana: um balanço político e ideológico”. In: *Revista de História* (USP), v. 166, 2012, pp. 285-309.

_____. “Fontes políticas e ideológicas do magonismo”. In: *Lutas Sociais* (PUCSP), v. 17, 2013, pp. 33-44.

_____. “Programa e estratégia da revolução mexicana em Ricardo Flores Magón”. In: *Revista Espaço Acadêmico* (UEM), v. 10, 2010, pp. 117-124.

SERRANO ÁLVAREZ, Pablo. *Cronología de la Revolución* (1906-1917). Cidade do México: INEHRM, 2011.

SIERRA, Justo. *Evolución Política del Pueblo Mexicano*. México: La Casa de España en México, 1940.

SILVA, Corsi Semíramis. “O principado romano sob o governo de Otávio Augusto e a política de Conservação dos costumes”. In: *Crítica & Debates*, v. 1, n. 1, jul./dez. 2010, pp. 1-17.

SIRINELLI, Jean-François. “A geração”. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Morais (Coord.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

SODRÉ, Nelson W. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SOTO, Miguel E. “Precisiones sobre el reyismo. La oportunidad de Porfirio Díaz para dejar el poder”. In: *Estudios de Historia Moderna y Contemporánea de México*, Álvaro Matute (editor), México, Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Históricas, v. 7, 1979, pp. 105-133.

SOUSA, Francisco. “Revolta e proclamação como molduras da história: escrita da história e olhares para a República entre os sócios do IHGB.”. In: *História da Historiografia*, Ouro Preto, n. 18, ago. 2015, pp. 213-230.

SOUSA, Fábio da Silva. “Regeneración: interconexões, propaganda libertária e discurso impresso (México, séculos XIX e XX)”. In: *XIII Encontro Regional de História*, História e democracia: possibilidades do saber histórico, Coxim MS, nov. 2016.

SPECKMAN GUERRA, Elisa. “De barrios y arrabaldes: entorno, cultura material y quehacer cotidiano (Ciudad de México, 1890-1910). In: GONZALBO AIZPURU, Pilar (dir.). *Historia de la vida cotidiana en México*. REYES, Aurelio de los (Coord.). *Siglo XIX: Campo y Ciudad*. Vol. 01. Cidade do México: El Colegio de México; FCE, 2006.

TENA RAMÍREZ, Felipe. *Leyes fundamentales de México, 1808-1979*. Cidade do México: Porrúa, 1980.

TENORIO Trillo, Mauricio. *Artilugio de la nación moderna. México en las exposiciones universales, 1880-1930*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1998.

TENORIO Trillo, Mauricio; GÓMEZ GALVARRIATO, Aurora. *El Porfiriato: herramientas para la historia*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 2006.

TOBLER, Hans Werner. *La Revolución mexicana. Transformación social y cambio político, 1876-1940*. Cidade do México: Alianza, 1994, 729 p.

TOPETE LARA, Hilário. “Los Flores Magón y Su Circunstancia”. In: *Contribuciones desde Coatepec*, Número 8, Jan-Jun 2005.

TOPETE POZAS, P. O.. *Debates sobre la raza y colonización en México durante el Porfiriato*. Tesis de Maestría en Historia Moderna y Contemporánea. Instituto de Investigaciones Dr. José María Luis Mora. México, DF, Dez 2010. Diretor: Gerardo Gurza Lavalle. 126p.

TORRES PARÉS, Javier. *La Revolución sin frontera El Partido Liberal Mexicano y las relaciones entre el movimiento obrero de México y el de Estados Unidos. 1900-1923*. Cidade do México: UNAM; Ediciones y Distribuciones Hispánicas S.A de C.V, 1990.

TOVAR GONZÁLEZ, Elena. “Corrientes migratorias en el soconusco a fines del siglo XIX”. In: *Tzintzun*, Revista de estudios Históricos, 26, jul.-dez. 1997.

TRAVERSO, Enzo. “Memoria, olvido, reconciliación: el uso público del pasado. In: CERNADAS, Jorge; LVOVICH, Daniel (eds.). *¿Historia, para qué?: revisitas a una vieja pregunta*. Buenos Aires: Prometeu Libros, 2010.

TRUJILLO MUÑOZ, Gabriel. *La utopía del norte fronterizo: La revolución anarcosindicalista de 1911*. Cidade do México: Instituto Nacional de Estudios Históricos de las Revoluciones de México, 2012.

TURNER, John Kenneth. *México Bárbaro*. Cidade do México: Grupo Editorial Tomo, 2010.

TWEEDIE, Alec. *Mexico as I saw it*. Michigan: Michigan University Library, 2011.

UZUN, Julia R. C. “Quando Mnemósine encontra Montezuma: a construção do passado mesoamericano através das gravuras da Biblioteca del niño mexicano”. In: *IX Encontro Internacional da ANPHLAC*, 2010, Goiânia. Anais do IX Encontro Internacional da ANPHLAC, 2010.

_____. *¿A mis lectorcitos, la nación! A construção das memórias mexicanas através dos manuais escolares durante o governo de Porfirio Díaz (1876-1911)*. Dissertação de mestrado. Campinas, São Paulo, 2013.

VALLENILLA LANZ, Laureano. *Cesarismo Democrático*. Caracas: Universidad Santa María, tomo I, 1983.

VÁZQUEZ, María del Carmen. “Las reliquias y sus héroes”. In: *Mantecón*. Estudios de historia moderna y contemporánea de México/ISSN 0185-2620, n. 30, jul.-dez. 2005.

VELÁZQUEZ DELGADO, Graciela. “La Ciudadanía en las Constituciones Mexicanas del Siglo XIX: Inclusión y Exclusión Político-Social en la Democracia Mexicana”. In: *Acta Universitaria*: Dirección de investigación y postgrado, Guanajuato, Vol. 18 No. 1, Set. 2008, pp. 41-49.

VELÁZQUEZ ESTRADA, Rosalía. “John Kenneth Turner autor de México bárbaro”. In: *Fuentes Humanísticas*, México, v. 10, n. 20, 2000.

VELÁZQUEZ ESTRADA, Rosalía. “John Kenneth Turner y Venustiano Carranza: una alianza en contra del intervencionismo estadounidense”. In: *Signos Históricos*, núm. 7, jan.-jun. 2002, pp. 201-228.

VILLORO, Luis. “La revolución de independencia”. In: COSÍO Villegas, Daniel. *et al. Historia general de México*. Cidade do México: El Colegio de México, 2000.

VILLORO, Luis. “Sobre el concepto de Revolución”. In: *Revista del Centro de Estudios constitucionales*, n.º. 11, jan.-abr. 1992, pp. 277-290.

WASSERMAN, Claudia. “Os programas políticos e trajetória pública dos candidatos à sucessão das oligarquias no México, Brasil e Argentina no começo do século XX”. In: *Revista de história comparada*, volume 1, número 1, jun./2007, pp. 01-32.

WOODWARD, Kathryn. “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual” IN: Silva, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

ZORAIDA VÁZQUEZ, Josefina. “Los primeros tropiezos”. In: COSÍO VILLEGAS *et al. Historia general de México*. Cidade do México: El Colegio de México, ed. 2000.

YANKELEVICH, Pablo. “Los magonistas en la protesta lecturas rioplatenses del anarquismo en México, 1906-1929”. In: *Estudios de historia moderna y contemporánea de México*, N.º 19, 1999, pp. 53-83.

YEAGER, Gene. “Porfirian Commercial Propaganda: Mexico in the World Industrial Expositions”. In: *The Americas*, vol. 34, N. 2, out. 1977, pp. 230-243.

WASSERMAN, Claudia. “Os programas políticos e trajetória pública dos candidatos à sucessão das oligarquias no México, Brasil e Argentina no começo do século XX”. In: *Revista de história comparada*, volume 1, número 1, jun./2007, pp. 01-32.

WUES, Jeanine. “La nación como organismo. México: su evolución social 1900-1902, de Laura Angélica Moya López”. In: *Sociológica*, año 19, n. 55, Mai-ago de 2004, pp. 317-328.

